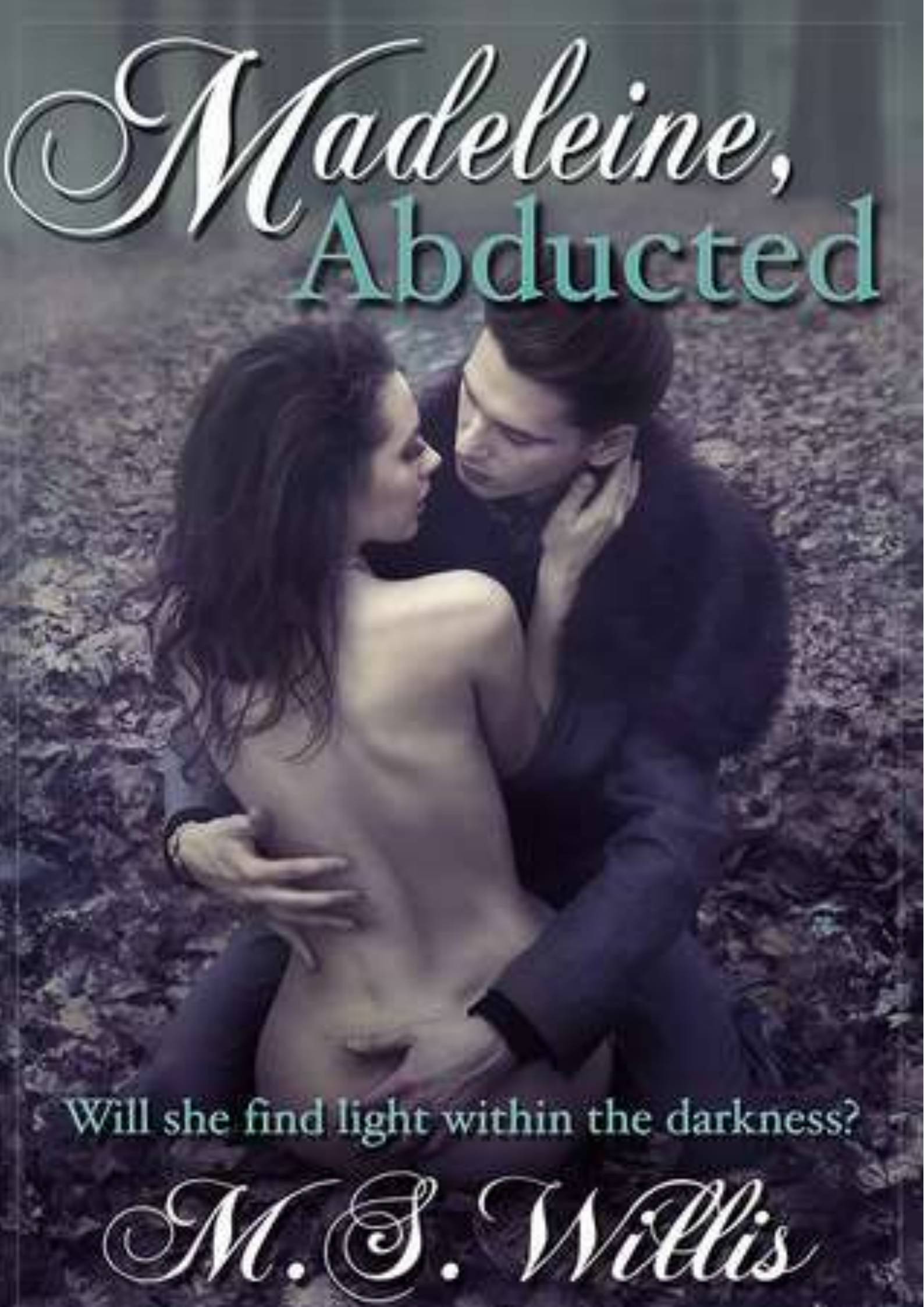
Madeleine, Abducted



Will she find light within the darkness?

M. S. Willis

Madeleine,

Abducted

The Estate Series#1



M.S. Willis



Pegasus Lançamentos

Tradução: Cartaxo

Revisão Inicial: Elidiane M, Rosa Herlain, Mariana Flov, Samy mendonça, Laila, Renata, Raquel Pimenta, Marlucy, Jessica Pereira

Revisão Final: Lyli Cunha

Leitura Final: Sonia M

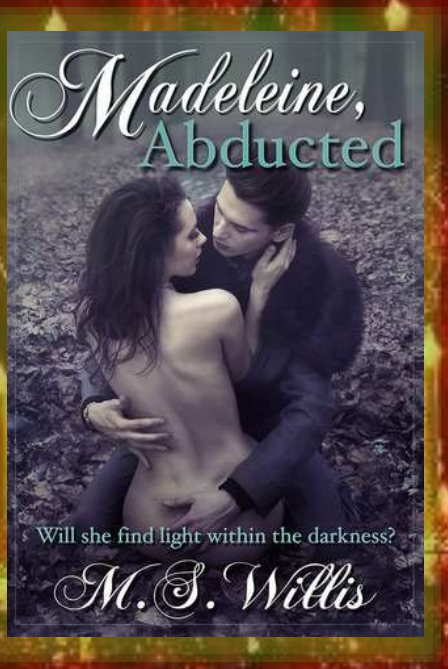
Verificação: Shya

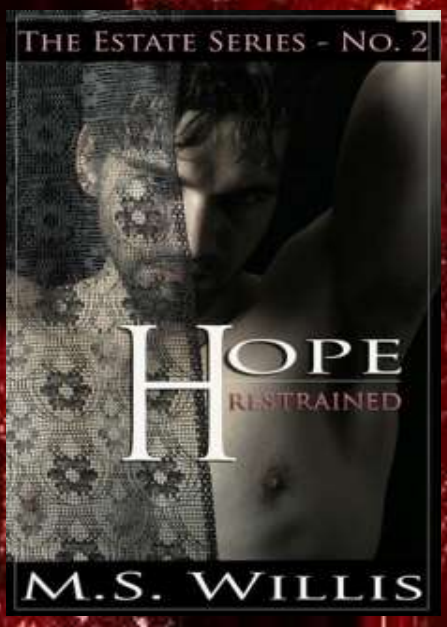
Formatação Final: Shya

8 Anos de Tradução

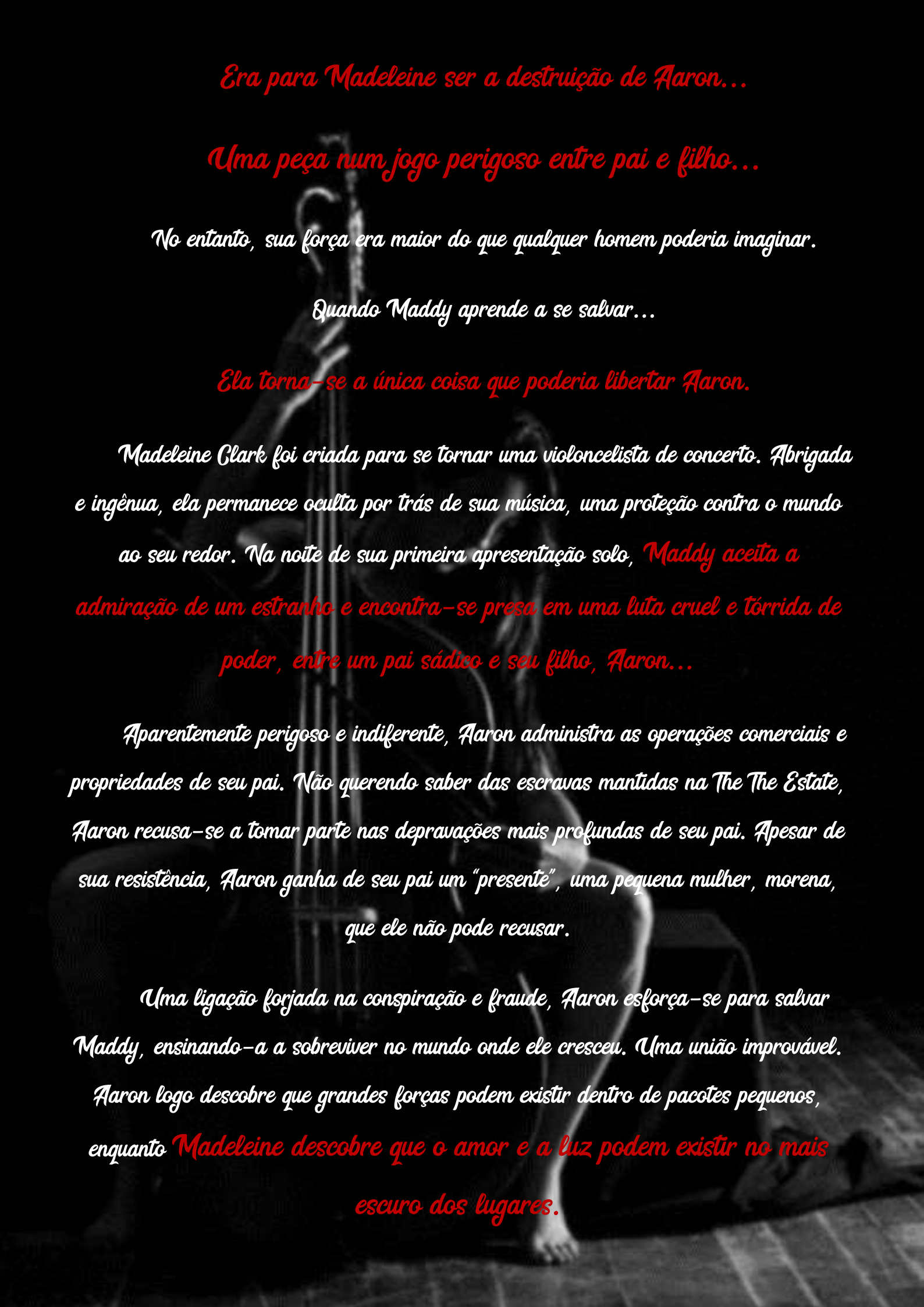
The Estate

Trilogia









Era para Madeleine ser a destruição de Aaron...

Uma peça num jogo perigoso entre pai e filho...

No entanto, sua força era maior do que qualquer homem poderia imaginar.

Quando Maddy aprende a se salvar...

Ela torna-se a única coisa que poderia libertar Aaron.

Madeleine Clark foi criada para se tornar uma violoncelista de concerto. Abrigada e ingênua, ela permanece oculta por trás de sua música, uma proteção contra o mundo ao seu redor. Na noite de sua primeira apresentação solo, *Maddy aceita a admiração de um estranho e encontra-se presa em uma luta cruel e tórrida de poder, entre um pai sádico e seu filho, Aaron...*

Aparentemente perigoso e indiferente, Aaron administra as operações comerciais e propriedades de seu pai. Não querendo saber das escravas mantidas na The The Estate, Aaron recusa-se a tomar parte nas depravações mais profundas de seu pai. Apesar de sua resistência, Aaron ganha de seu pai um "presente", uma pequena mulher, morena, que ele não pode recusar.

Uma ligação forjada na conspiração e fraude, Aaron esforça-se para salvar Maddy, ensinando-a a sobreviver no mundo onde ele cresceu. Uma união improvável. Aaron logo descobre que grandes forças podem existir dentro de pacotes pequenos, enquanto *Madeleine descobre que o amor e a luz podem existir no mais escuro dos lugares.*

Prólogo

Esta é uma história que não é para pessoas de coração fraco. Se você estiver procurando por inspiração, ou está à procura de luz, ou mesmo se você estiver procurando por algo que vai ajudá-la a dormir e sonhar, você veio ao lugar errado.

Nestas páginas você vai encontrar um conto nada típico dentro de uma sociedade educada e comandanda pelo medo formidável e pela tristeza impressionante que seus eventos evocam. É uma história sobre sequestro, escravidão e sobre o momento em que a vida está entregue a escuridão.

Não há nenhum final limpo e arrumado, nenhum cavaleiro em seu cavalo branco que venha oferecendo liberdade, nem salvação – não há como escapar. Como a vida, histórias nem sempre acabam bem.

Uma mulher fraca que caiu nas mãos de pessoas ruins, desaparecendo em uma noite, predestinada a nunca mais voltar novamente para o mundo... . Mas não pelas razões que você imagina.

Seu nome é Madeleine Clark, e quando ela foi sequestrada, ela não só foi arrastada para o inferno...



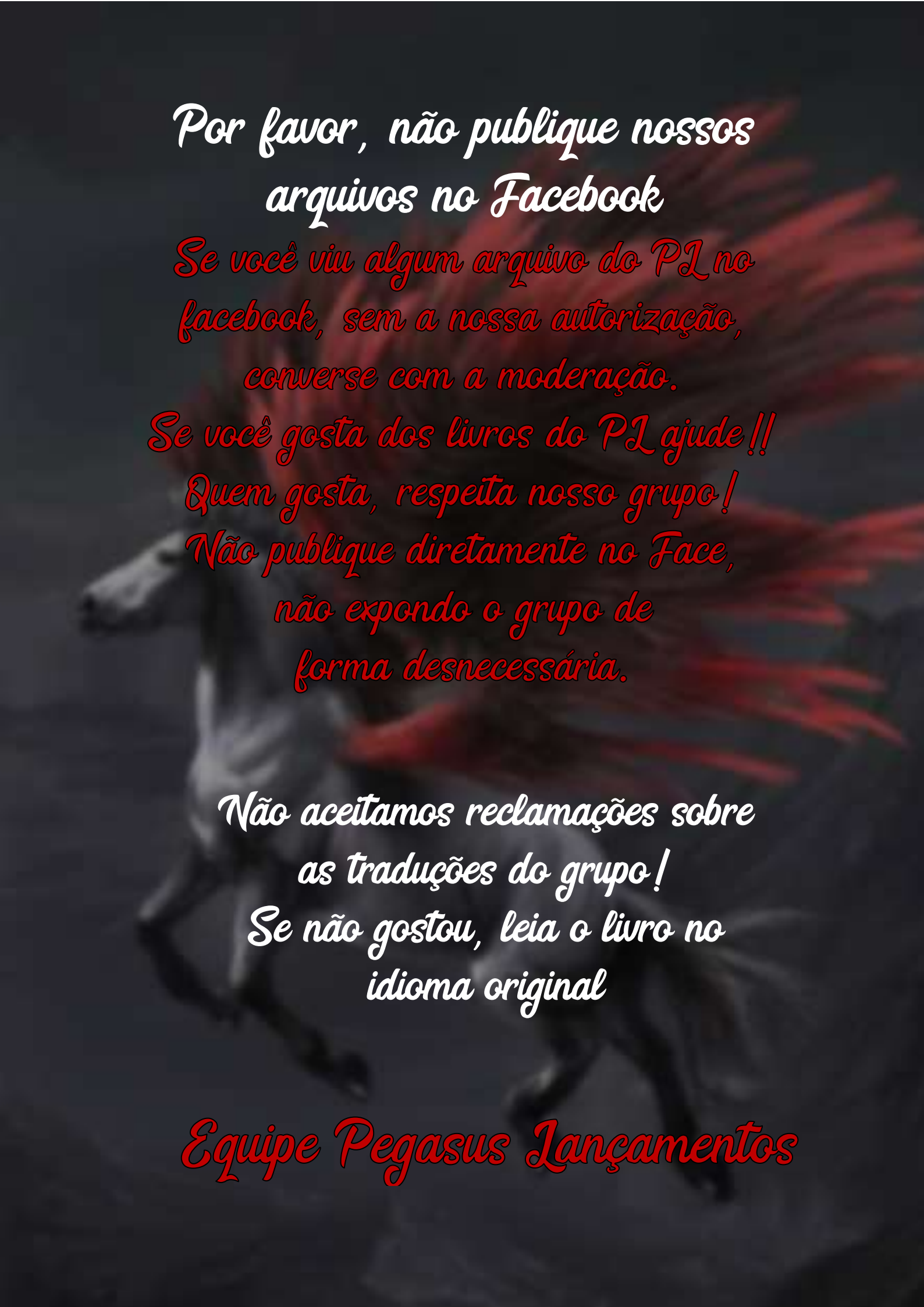
A tradução em tela foi efetivada pelo grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar o leitor o acesso à obra, incentivando-o a aquisição integral da obra literária física ou em formato E-book.

O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes de qualquer forma de obtenção de lucro, direta ou indiretamente.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for vinculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que devera abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, e bem como abster-se de tornar publico ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderam individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria e coparticipação em eventual delito cometido por aquele, que por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro, direto ou indiretamente, responderão nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



Por favor, não publique nossos arquivos no Facebook

Se você viu algum arquivo do PL no facebook, sem a nossa autorização, converse com a moderação.

Se você gosta dos livros do PL ajude!!

Quem gosta, respeita nosso grupo!

Não publique diretamente no Face, não expondo o grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!

Se não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pegasus Lançamentos

Capítulo Um

Madeleine olhou para fora, sobre um mar de rostos sombrios. De onde estava, as conversas entre os membros da plateia eram nada mais do que murmúrios suaves, acrescentando ruído suave à sala de concertos mal iluminada. Seu estômago dava nós, enquanto ela andava pelo longo corredor branco, entre o palco e a sala de prática na parte de trás, seus olhos brilharam através das pequenas janelas quadradas para o público. Outros músicos passaram por ela, enquanto se moviam, esperando para tomar seus lugares no palco. Sons discordantes e breves vislumbres de partituras barulhentas escapavam da porta da sala de prática, cada vez que um músico passava. Sua cabeça latejava e seu peito se contraia, enquanto sentia o tempo passar, chegando cada vez mais próximo de sua entrada no palco.

Respire fundo, Maddy... Você pode fazer isso...



Seu vestido longo e preto, corria ao redor de seus pés como ônix líquido, brilhando em cadência com seus passos, engolindo sua pequena estatura. Ela puxou o decote alto e desejou estar com as confortáveis camisetas que normalmente usava. O clique rítmico de seus saltos lembrou-lhe de um metrônomo, mantendo o tempo de acordo com a

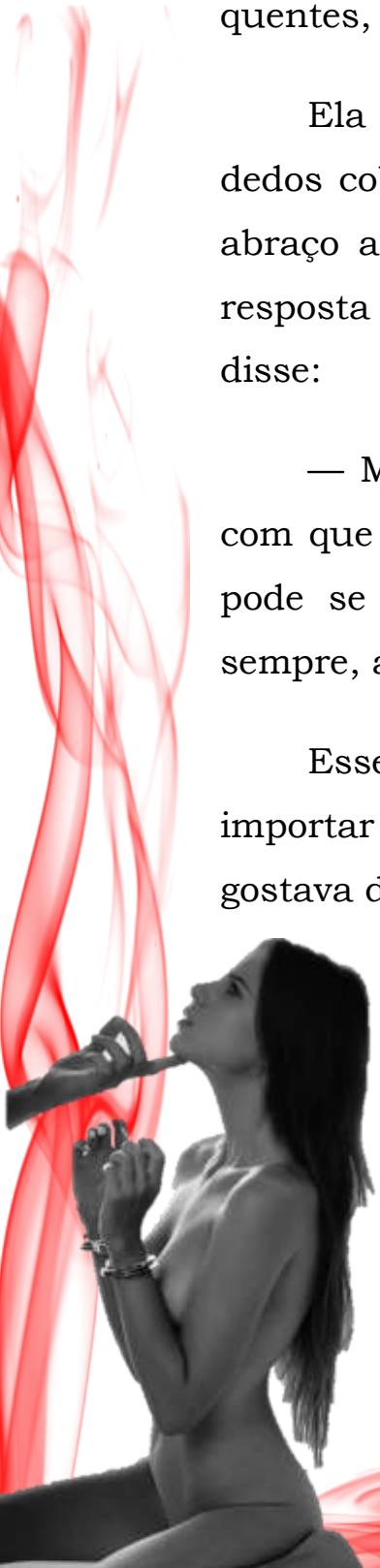
batida de seu coração. Sua respiração era irregular, sua pele estava pegajosa de suor nervoso. Surpresa a ultrapassou quando, de repente uma voz amiga invadiu seu pânico.

— Eu provavelmente deveria remover o arco de suas mãos antes que o transforme em dois. — A boca de Jeremy curvando-se em um sorriso genial, seus olhos castanhos, quentes, olharam para ela com um brilho de humor.

Ela torceu as mãos em toda a madeira lisa do arco; os dedos cobertos por resina da crina de cavalo. Liberando seu abraço apertado na proa fina, ela educadamente sorriu em resposta à brincadeira. Jeremy estendeu a mão para pegá-lo e disse:

— Maddy, você será extraordinária. Você não tem nada com que se preocupar. — Continuando, ele riu. — Você não pode se esconder atrás das paredes de um estúdio para sempre, as pessoas querem te ver tocar.

Esse era o problema. Apesar de Madeleine não se importar que outras pessoas ouvissem sua música, ela não gostava de ser vista, preferia a proteção de seu estúdio ou sua casa, onde ela poderia ficar invisível aos olhos do mundo. Sua voz saiu num sussurro tímido, o medo evidente em seu tom de voz:



— Mas eu me sinto tão nua... Tão exposta...

Suas mãos moviam-se sobre si mesma, o sangue preso vicava evidenciado quando a pele era esticada. Jeremy colocou a mão sobre a dela e disse:

— Se eu pudesse dar as minhas mãos para protegê-la, bem, eu faria.

Madeleine olhou para o rosto de Jeremy. Ele era um amigo próximo, um de seus únicos amigos. Ele entendeu sua introversão e não jogou sua falta de habilidades sociais contra ela. Se não fosse por sua necessidade de permanecer emocionalmente distante, ela poderia ter considerado Jeremy e teria mais que uma simples amizade com ele. Ele era bonito, no sentido mais clássico do termo: cabelo castanho escuro; olhos em um tom de mogno quente, e ela sabia que ele era alto, mas nos seus 1,57, a maioria das pessoas era alta em relação ao seu corpo. Jeremy era alto e magro; a parte superior de seu corpo e braços eram tonificados pelas décadas que passara dominando o violino. Diante dela, ele estava em um smoking, e exalava elegância masculina e requinte. Ele era um amigo sem falhas, uma pessoa que ela podia confiar, para entendê-la e guardar seus segredos.



— Além disso — disse ele, com um grande sorriso no rosto, — Você já tocou publicamente antes. Esta vez não será diferente.

Mas era diferente. Hoje era sua primeira performance solo, usando sua própria música, não algo de um compositor popular. Essa música veio de

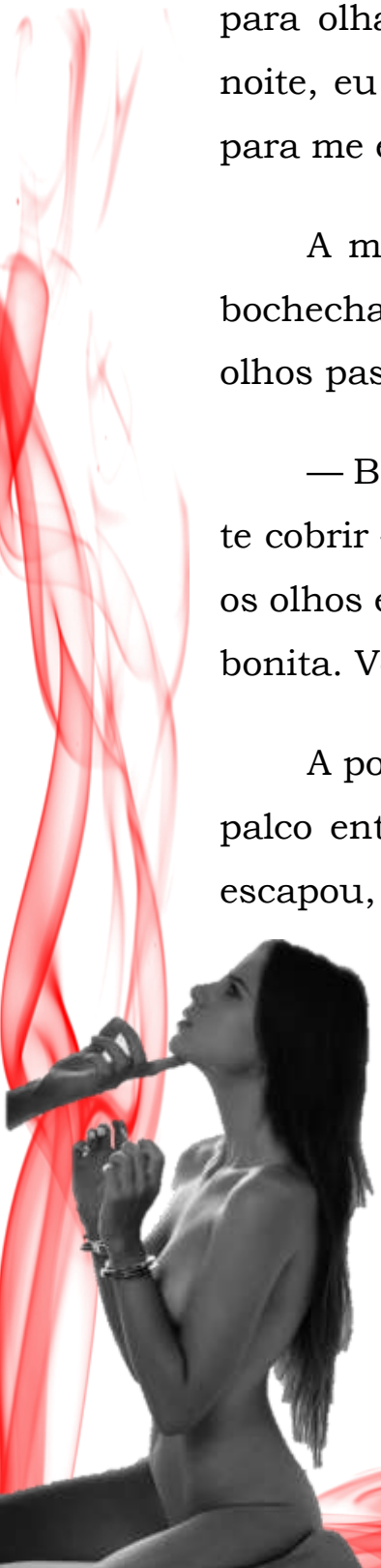
dentro dela, revelando seus pensamentos mais íntimos e desejos, em forma de melodias e sons. Se o público pudesse decifrar o significado oculto dessas notas, eles iriam descobrir a verdadeira pessoa dentro dela.

— Sim — ela disse — Mas quando eu tocava antes, eu estava invisível, enterrada dentro da orquestra. — Ela virou-se para olhar para fora, sobre o público e, continuou: — Esta noite, eu vou ser o foco. Hoje à noite, não há nenhum lugar para me esconder.

A mão dele subiu, acariciando suavemente ao longo da bochecha dela. Ele se moveu para ficar ao seu lado, com os olhos passando, também, pelo mar de pessoas.

— Bobagem, Maddy. Com o seu tamanho, o violoncelo vai te cobrir — ele brincou. — Ou você pode simplesmente fechar os olhos e se esconder dentro da música. É linda. Isso faz você bonita. Você deve estar orgulhosa, não tímida.

A porta da sala de prática se abriu, enquanto o diretor de palco entrava pelo corredor, o trinado de luz de uma flauta escapou, quando ele passou pela porta.



— Quinze minutos mais antes do show — disse ele. — Vou precisar que vocês dois voltem para os bastidores. Você estará indo ao palco pela última vez.

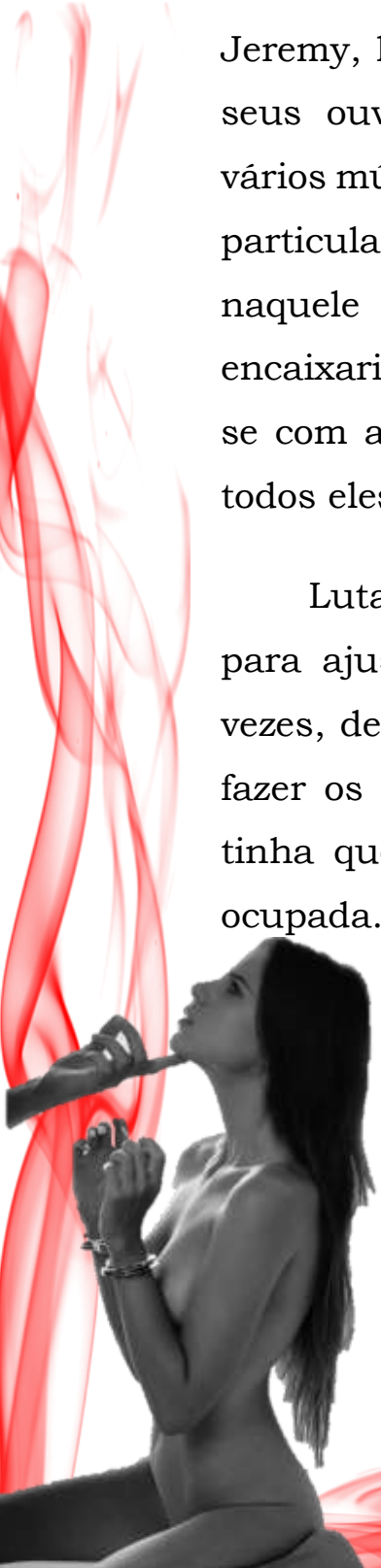
Jeremy assentiu para o diretor, antes que abaixasse delicadamente a mão, tirando-a do rosto de

Maddy. Ela podia sentir a respiração dele em sua bochecha quando ele se inclinou para sussurrar.

— Quando você subir no palco, Maddy, pense que eu estou lá com você. Você não terá que temer nada.

Uma onda nervosa passou por seu corpo e escapou por seus lábios, como um suspiro ansioso. Ela apertou a mão de Jeremy, libertou-o e voltou para os bastidores. Caminhando, seus ouvidos foram agredidos pelos sons discordantes de vários músicos preparando seus instrumentos para suas peças particulares. Maddy sabia, o quanto era irritante o barulho, naquele instante, mas uma vez no palco, cada peça se encaixaria perfeitamente, em conjunto. Seu coração apertou-se com a percepção de que sua parte seria ouvida acima de todos eles.

Lutando contra a bile subindo na garganta, ela se sentou para ajustar o violoncelo. Ela já o tinha sintonizado cinco vezes, desde que chegou à sala de concertos, e ela ainda iria fazer os ajustes finais, uma vez que estivesse no palco, ela tinha que fazer algo com as mãos para manter sua mente ocupada. Um par de sapatos de couro preto brilhou onde ela pôde ver um reflexo distorcido, e então apareceu em seu ponto de vista. Olhando para cima, ela encontrou mais uma vez com olhos amigáveis de Jeremy. Ele estendeu a mão para entregar-lhe o arco que tinha tirado dela no corredor.



— Você vai precisar disto. — disse ele.

Sua mão levemente bateu-lhe no ombro, na tentativa de consolá-la.

— Lembre-se de respirar, Madeleine — ele disse — O resto virá facilmente. Você foi feita para tocar... Lembre-se disso.

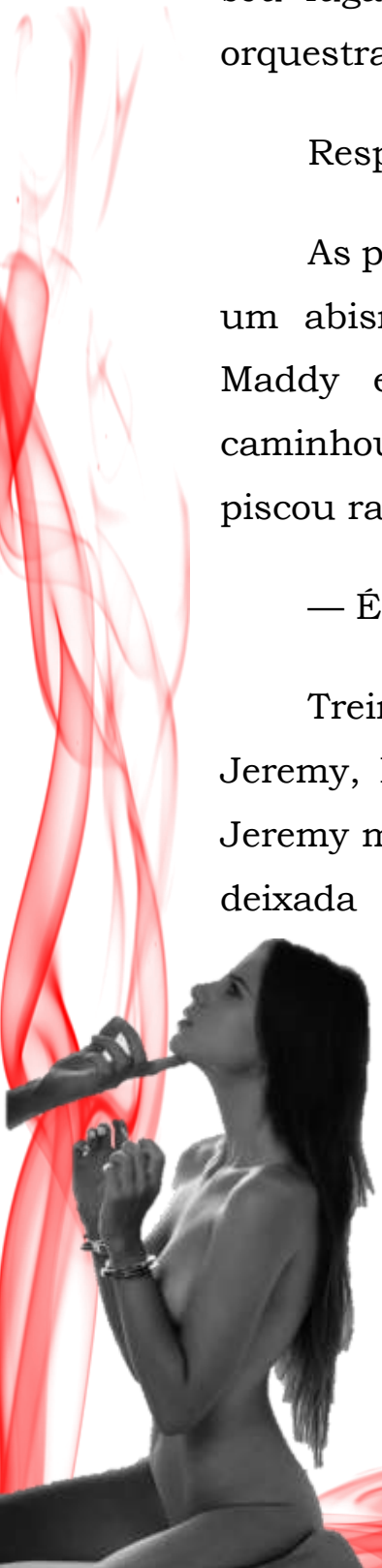
Maddy observou, enquanto Jeremy se virava para tomar seu lugar, no final da linha, com os outros membros da orquestra.

Respire...

As portas foram abertas e a linha de músicos avançou em um abismo negro. Empurrando-se para cima da cadeira, Maddy endireitou o vestido, pegou seu instrumento e caminhou, para ficar atrás de Jeremy. Ele virou-se para ela e piscou rapidamente, antes de dizer.

— É hora do show.

Treinando seus olhos na parte de trás da jaqueta de Jeremy, Maddy tentou se esconder quando subiu ao palco. Jeremy mudou de direção, para ficar em seu assento e ela foi deixada sozinha, exposta a fileiras de pessoas atentas. Enquanto os holofotes brilhavam sobre ela, ela sentia como se sua garganta estivesse fechando, bloqueando o ar que ela tanto precisava. Quando uma única nota solitária foi solta no auditório, o ruído suave murmurado da plateia cessou, todos os olhos se voltaram para o palco.

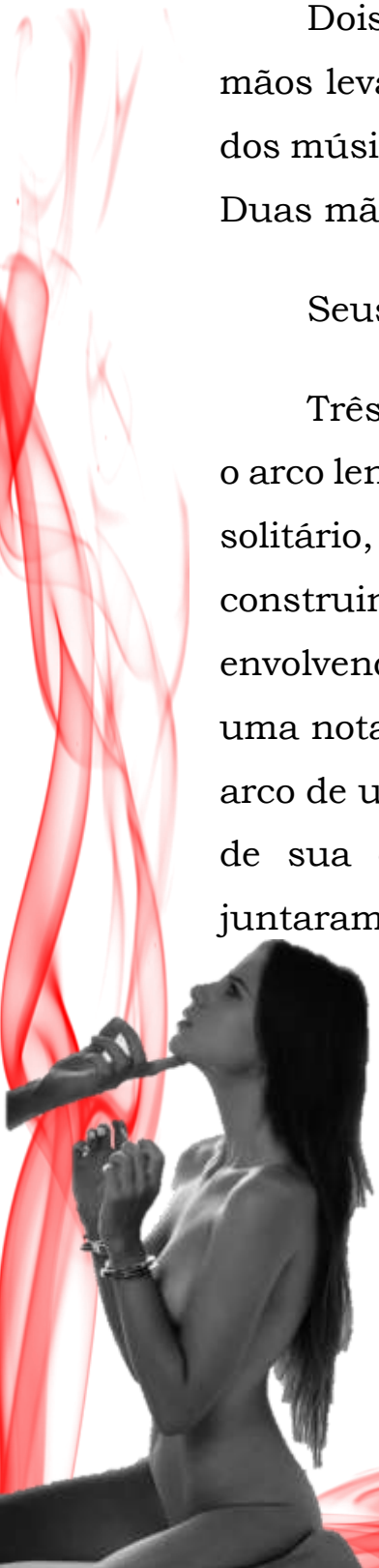


Maddy sentou-se, com os olhos treinados para as cordas esticadas através de seu instrumento. Puxando o cabelo fino do arco sobre as cordas acalmou-se, de repente, o som se tornando uma lembrança reconfortante de que em breve, quando ela se perdesse dentro da música, o público deixaria de existir.

Dois toques de varinha de madeira do maestro, duas mãos levantadas, antecipação, o silêncio tomou conta, não só dos músicos, mas também do público. Uma respiração presa... Duas mãos começam a se mover.

Seus olhos fecharam-se.

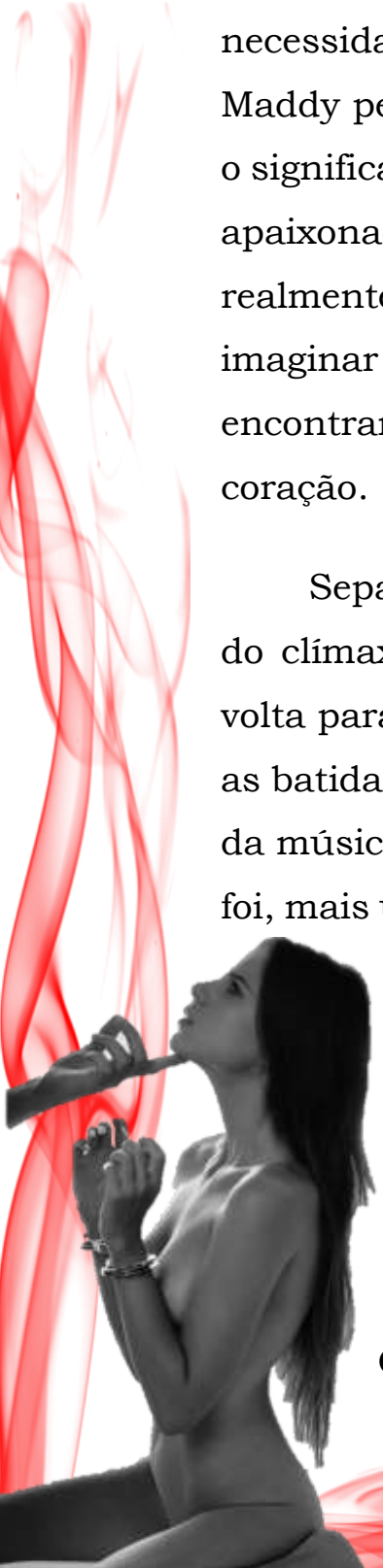
Três dedos pressionados sobre as cordas, o braço puxou o arco lentamente, mas poderosamente, produzindo o som. Um solitário, uma nota baixa na madeira, que começou baixinha, construindo a intensidade como uma onda de melancolia, envolvendo em torno do grande teatro. Delicadamente, armou uma nota superior acompanhando a dela. A atração da luz do arco de um violinista adicionou um sorriso tranquilo à tristeza de sua canção. Um por um, os outros instrumentos se juntaram a ela, oferecendo um fundo para a melodia assombrada que ela manipulou a partir de nada mais que o metal bem apertado, ao longo de uma moldura de madeira.



Construindo e crescendo de súbito, o som do violoncelo rapidamente encheu o grande espaço, provocando um suspiro coletivo da platéia. Inspirada,

ela se perdeu dentro da harmonia retumbante produzida pelos outros artistas, Madeleine deixou-se ir, finalmente, seu espírito foi revelado e começou a dançar dentro da música tocada. Seu coração começou a cantar, seus olhos se abriram e depois fecharam de novo quando ela foi ultrapassada pela beleza nua da peça. A sensação de liberdade a levou, mais e mais rápido, a melancolia agora, transformada em uma necessidade desesperada, um desejo sincero para a solução. Maddy perguntou se aqueles que a escutavam reconheceriam o significado oculto da melodia. Dois amantes, colados no mais apaixonado dos encontros, se tornam um. Ela nunca tinha realmente conhecido aquele tipo de momento, mas ela podia imaginar o que era a sensação de se entregar a outra pessoa, encontrar abrigo em outra coisa que não fosse seu próprio coração.

Separada do conceito de tempo, ela alimentou-se através do clímax da peça, eventualmente, tecendo seu caminho de volta para a melancolia de onde começou. O ritmo mais lento, as batidas do coração de cada pessoa na sala batiam no tempo da música. O silêncio reentrou no espaço quando a música se foi, mais uma vez e trouxe para baixo uma única nota solitária, bem apertada contra as cordas de seu instrumento.



Seus olhos se abriram.

O público pareceu inchar enquanto corpos se levantavam, um *boom* ensurdecedor de aplausos invadiu o espaço, trazendo-a de volta ao presente. Com as pernas trêmulas, ela se obrigou a ficar de pé.

Ela assentiu com a cabeça, em reconhecimento, com o alívio alargando cada nervo.

Após o final da performance, Maddy sentou no quarto dos fundos, embalando seu violoncelo em sua grande caixa preta.

Jeremy caminhou até ela e disse:

— Você foi incrível, Maddy. Fiquei impressionado com o seu desempenho.

Jeremy estava ao lado dela, seu orgulho era evidente à medida que seus olhos brilharam de alegria. Maddy levantou-se, suas mãos se movendo para baixo, instantaneamente, para arrumar o vestido. Um sorriso escapou de seus lábios, as bochechas ficaram aquecidas em resposta ao seu louvor. Com nada mais do que um sussurro rouco, ela respondeu:

— Obrigada. Segui o seu conselho e me perdi na música.



Jeremy passou o braço em torno do seu ombro, superando-a pelo seu grande tamanho. Seus olhos castanhos quentes sorriram para ela quando ele disse:

— Estou indo com um grupo de pessoas para comemorar o sucesso de hoje. Quer se juntar a nós dessa vez?

Ela olhou imediatamente para longe, antes de voltar seus olhos tímidos para o amigo e balançar a cabeça.

— Não. — Disse em resposta ao convite, imediatamente sentiu a decepção em sua recusa.

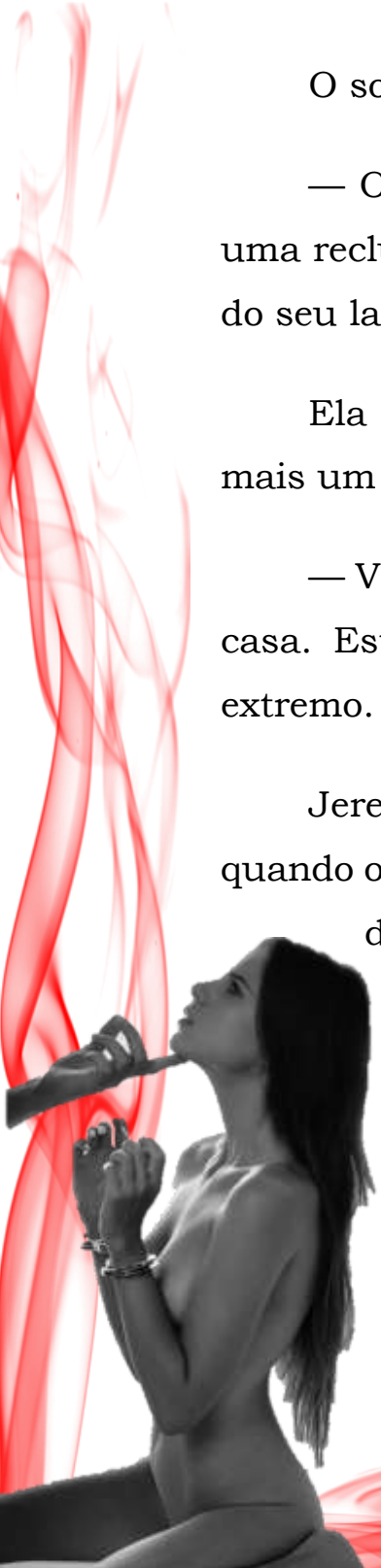
O sorriso dele se transformou em uma carranca fingida.

— Oh, vamos lá, Maddy! Você não pode continuar a ser uma reclusa por toda a vida. Eu prometo a você, não vou sair do seu lado.

Ela limpou a garganta, antes de continuar adiante com mais um pedido de desculpas fraco.

— Você sabe que eu não posso Jeremy. Eu preciso ir para casa. Estou cansada. Demorou muito... Ele me drenou ao extremo. Por favor, entenda.

Jeremy olhou a encarou, estava prestes a responder quando ouviu outro pigarro atrás deles. Virando-se de repente, descobriram um homem estranho, parado lá, segurando uma única rosa vermelha. Maddy olhou para cima da rosa e congelou quando seu olhar deparou com um par de olhos verdes, dos mais brilhantes, que já tinha visto. O cabelo do homem era negro como um corvo, brilhante como a seda lisa, curto, jogado para trás, em um estilo confuso. As



luzes e sombras da sala enfatizaram o formato de sua forte mandíbula. Ela olhou para baixo, vendo que ele estava vestido elegantemente, em um smoking, seus fortes e largos ombros, eram evidentes por baixo das linhas limpas do material. Quando seus olhos se voltaram para os dele, ele estava olhando fixamente para ela. Outro rubor avermelhou suas bochechas quando ela foi pega de boca aberta. Sua respiração engatou e sua pele se arrepiou. Ele era o homem mais bonito que ela já vira. Ele exalava uma masculinidade graciosa; poderoso e forte, mas com uma pitada subjacente, uma borda afiada e letal.

Jeremy deu um passo protetor na frente dela, desafiando o desconhecido que tinha misteriosamente aparecido na sala.

— Sinto muito, senhor, mas você não deveria estar aqui — disse. — Esse local é apenas para membros da orquestra. Você precisa sair. — A voz de Jeremy estava calma, mas firme.

Os olhos do homem nunca deixaram os de Madeleine, enquanto ele levianamente respondia ao pedido de Jeremy. Sua voz passou através dela, num tom que lembrava o instrumento tocando.



— Vou sair em um momento — disse o homem. — Eu queria entregar esta rosa para a Sra. Clark. — Chegou e entregou-lhe a flor, seus olhos se intensificaram quando ele olhou para ela. — Seu desempenho foi uma alegria absoluta de se experimentar. Nunca fiquei tão comovido como

quando a ouvi tocar. É verdadeiramente uma honra, Sra. Clark.

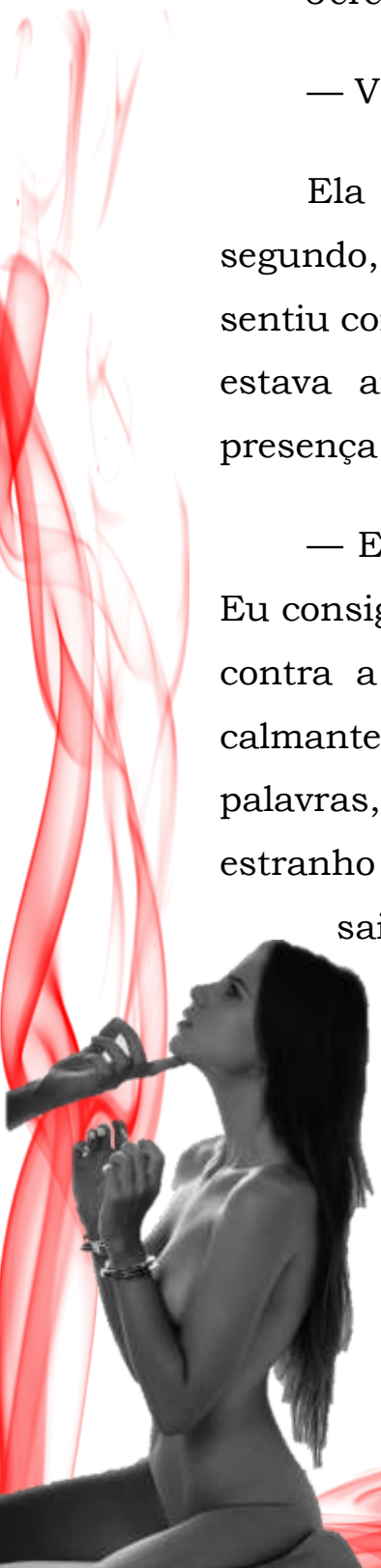
Maddy estendeu a mão hesitante para aceitar a rosa, sua voz saiu nada mais do que um sussurro quando ela agradeceu, antes de abaixar os olhos para longe do olhar ardente.

Jeremy repetiu sua demanda:

— Você precisa ir embora, senhor.

Ela podia sentir o homem olhar para ela por mais um segundo, antes de voltar sua atenção para Jeremy. Maddy sentiu como se estivesse na companhia da escuridão. Sua pele estava arrepiada, ela se sentiu tímida e nervosa com a presença dele na sala.

— Eu vou sair agora. Não há necessidade de me seguir. Eu consigo chegar à saída. — Como uma suave carícia de pele contra a pele, o tom de voz do estranho era agradável e calmante. Mas havia uma vantagem perigosa em suas palavras, que agiu como se estivesse dando um aviso tácito. O estranho a olhou mais uma vez antes de se virar e lentamente, sair pelas portas. Maddy espiou através de seus cílios e viu quando ele se afastou, gracioso e cheio de certeza em seus passos. Foi só quando ele se foi, que ela soltou a respiração.



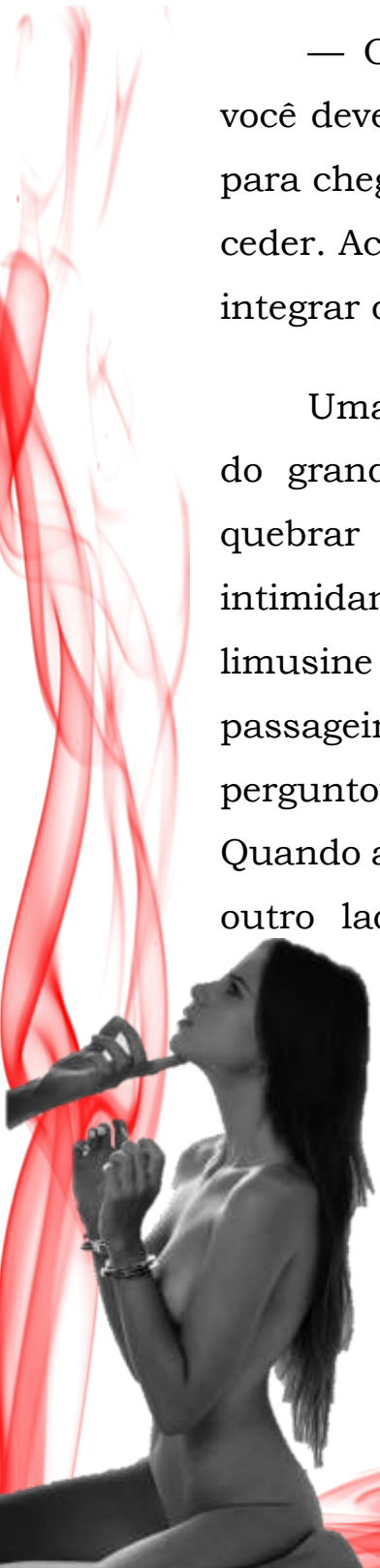
Jeremy olhou de volta para Maddy e disse:

— Você tem certeza que não quer vir? — Antes que ela pudesse responder de novo, Jeremy afastou a pergunta. — Não há necessidade de uma resposta. Eu posso pelo menos ficar e ir com você até seu carro.

Os olhos dela foram para o grupo, o esperando, na porta. Ela sorriu para ele.

— Obrigada, mas não. Eles estão esperando por você, você deve se juntar a eles. Eu não vou ter nenhum problema para chegar ao meu carro. — Ele hesitou, antes de finalmente ceder. Acenando para ela uma última vez, virou-se e passou a integrar o grupo de partida.

Uma hora depois, Madeleine levou o instrumento através do grande estacionamento quase vazio, lutando para não quebrar a rosa dada a ela pelo belo estranho, ainda que intimidante. Quando ela se aproximou de seu carro, uma limusine parou ao lado dela. Ela olhou para ver a janela do passageiro traseiro rolando. Prendendo a respiração, ela se perguntou se este era o mesmo homem dos bastidores. Quando a janela terminou de abaixar e revelou o passageiro do outro lado, ela se sentiu estranhamente desapontada ao descobrir que era alguém completamente diferente. O homem por trás da janela era mais velho, seu belo rosto era ainda mais distinto, pelas manchas de prata nas têmporas. Ele era obviamente rico, exalava um ar de autoridade e prestígio. Madeleine não estava chocada quando ele gritou para ganhar a



atenção dela: ela simplesmente acreditou que ele era outro admirador querendo felicitá-la pelo seu desempenho.

Ele abriu a porta do carro e saiu, ela ficou imediatamente impressionada com a escolha dele de smoking. Ele parecia jovial, caminhava com um ar de superioridade que lhe deu uma amostra de sua refinada educação. Ele era definitivamente seguro de si mesmo e o sorriso leve na boca deu-lhe um encanto de menino. Dois homens grandes sairam do carro, atrás do primeiro. Depois de sair do veículo, eles tomaram seu lugar, atrás do homem mais velho. Os batimentos cardíacos de Maddy pulavam, de energia nervosa, quando eles se aproximaram, mas ela engoliu sua preocupação, assumindo que o homem era algum político ou outra figura pública bem conhecida.

Os homens aproximaram-se e uma vez que eles estavam nas proximidades, o homem mais velho estendeu a mão como se quisesse apertar a dela. Maddy passou a mão para o lado de seu vestido para remover a umidade em suas palmas antes de aceitar o cumprimento. Assim que o tocou, ele apertou em torno de sua mão e deu-lhe um sorriso com malícia.



— Boa noite, Sra. Clark — disse ele. — Eu queria me apresentar a você e quero que saiba que estou impressionado pelo seu desempenho. — As palavras foram educadas, mas havia um tom de crueldade. O coração de Madeleine batia contra seu peito enquanto ela forçava um sorriso.

A voz dela estava cheia de trepidação quando ela respondeu:

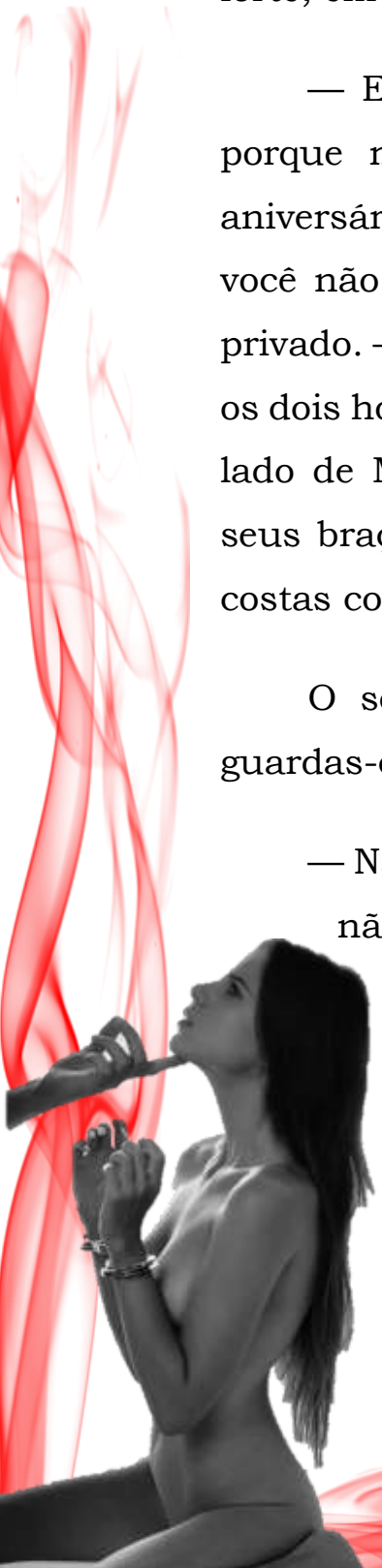
— Obrigada. Creio que foi um dos melhores que dei, até hoje. Você é um fã?

Ela tentou puxar a mão da dele, mas o aperto ficou mais forte, em resposta. Ele a puxou para mais perto e disse:

— Eu nem sempre fui um fã, mas vim aqui esta noite porque meu filho tem um enorme apreço por você. Seu aniversário está chegando, você vê, e eu estava esperando que você não se importasse de mostrar-lhe seu desempenho em privado. — Seus olhos pareciam escurecer enquanto ele falava, os dois homens atrás dele moveram-se, eles foram um em cada lado de Maddy. De repente, suas mãos subiram, agarrando seus braços. Antes que ela pudesse reagir, um dos guardas-costas cobriu sua boca para que ela não pudesse gritar.

O sorriso do homem desapareceu uma vez que seus guardas-costas tinham-na presa e imóvel.

— Não há nenhuma necessidade de lutar, Sra. Clark. Isso não vai fazer nenhum bem.



Com isso, o homem se virou e caminhou de volta para o carro. Um guarda levantou Maddy, enquanto o outro pegou seu instrumento. Ela gritou na mão do guarda, mas sabia que não havia ninguém por perto para ouvir seus apelos por ajuda. Ela foi arrastada para o carro e empurrada para o

fundo, enquanto o outro guarda levou seu instrumento para outro lugar.

Desesperadamente, chutando e batendo os braços, tentou se libertar, mas uma vez que ela foi colocada no carro, mais mãos a agarraram e um saco de pano foi empurrado por cima de sua cabeça. Ela sentiu uma corda ser amarrada em torno de seus braços e pernas. Finalmente, algo duro a atingiu na parte de trás da cabeça e seu corpo instantaneamente ficou mole. Madeleine caiu, quando escuridão chegou e foi despojada de sua consciência, e hoje à noite, o palco não era o que ela precisava temer.



Capítulo Dois

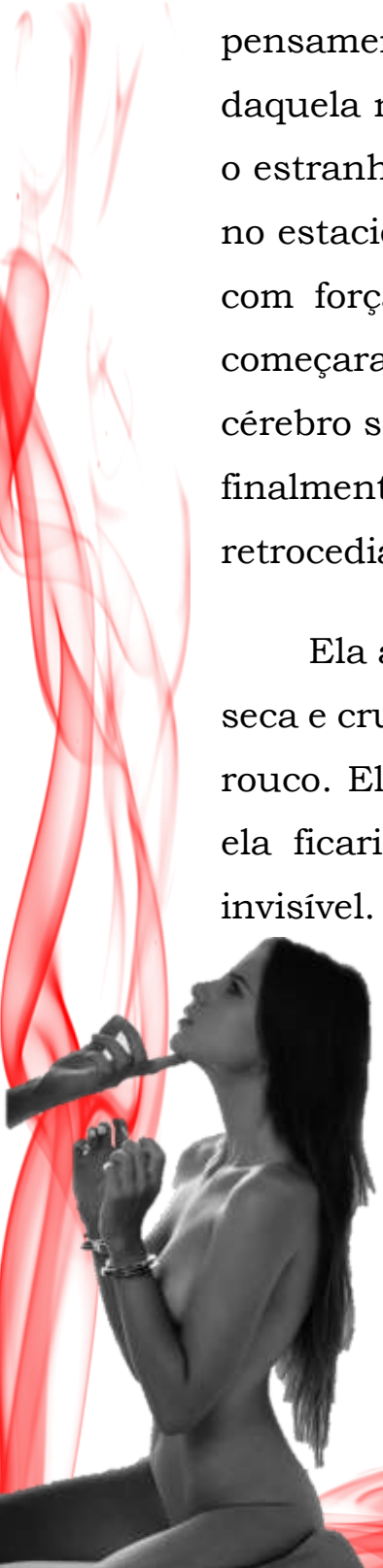
Madeleine acordou para descobrir-se trancada, dentro de um quarto escuro. Grogue e lenta, a cabeça latejava e ela estava desorientada com a falta de luz. Os sintomas normais de pânico estavam estranhamente ausentes, sua mente lutava com a falta de adrenalina através de seu corpo. Lentamente, ela levou a mão à cabeça e ponderou: Como seu corpo podia se sentir tão leve e excepcionalmente pesado ao mesmo tempo? Quando ela testou sua capacidade de se mover, som de metais foi ouvido. Ela estendeu a mão para encontrar e sentir algo liso, esticado embaixo dela. Sua mão deslizou sobre o local, o som a lembrou uma harmônica serrilhada. Ela conseguiu levemente deslizar o dedo ao longo da corda de um instrumento. O som era estranhamente reconfortante, em sua familiaridade. De repente, sua mão caiu sobre uma barra de metal frio, e Maddy deduziu que ela estava deitada em uma cama simples.



Rolando de costas, ela sentiu algo frio contra sua perna. Lentamente, ela puxou a perna para investigar e descobriu uma algema de metal trancada em seu tornozelo. Ela estendeu a mão, deu um puxão forte e rapidamente descobriu que a algema era segura.

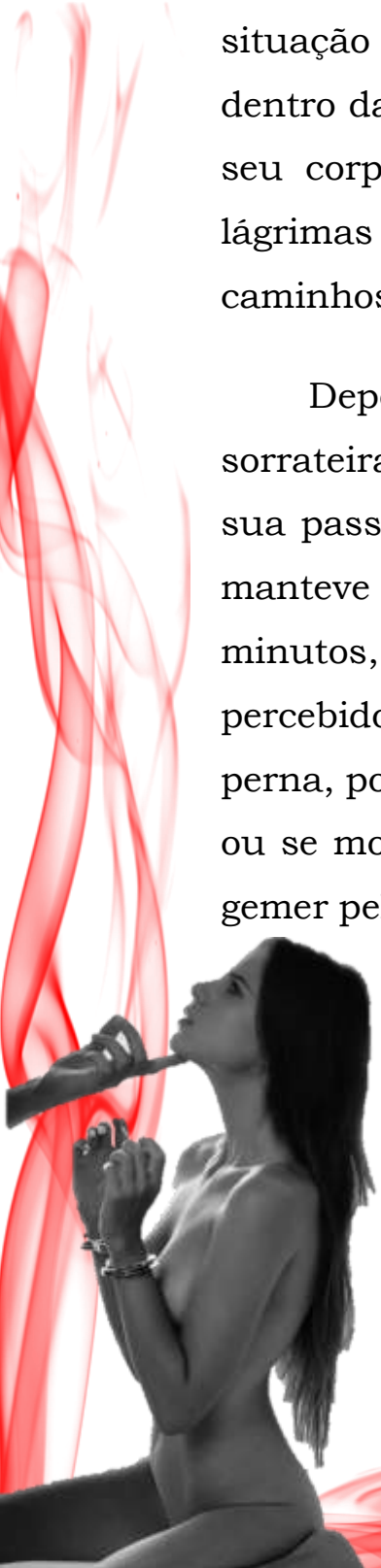
Ela colocou o pé de volta para baixo, o latejar em sua cabeça era cada vez maior com o movimento. Seus pensamentos estavam lentos e desordenados e ela sentiu-se paralisada em algumas áreas, enquanto formigava em outras. Era difícil se mover e estranhamente, sentia como se fosse rir. Como ela entrou nessa confusão? Sua mente caminhou de volta ao seu desempenho na sala de concertos. Seus pensamentos passaram brevemente sobre os acontecimentos daquela noite: a performance solo, Jeremy sorrindo, os olhos, o estranho de olhos verdes, e finalmente, o senhor mais velho no estacionamento. Lembrou-se de ser agarrada e empurrada com força na parte de trás de uma limusine. Seus nervos começaram a recuperar o sentimento, a sinapse em seu cérebro se comunicando mais uma vez. A adrenalina começou finalmente a correr através de suas veias, enquanto sua mente retrocedia profundamente, com o medo.

Ela abriu a boca para gritar, mas sua garganta estava tão seca e crua que não podia sair muito mais do que um sussurro rouco. Ela se perguntou se este era o tipo de pesadelo, onde ela ficaria paralisada, incapaz de libertar-se de uma força invisível. Sentia o corpo lânguido e se perguntou se tinha sido drogada ou se isso era um efeito colateral do golpe na cabeça. Uma brisa fria acariciou e arrepiou sua pele. Sua mão se estendeu para investigar, proporcionando a compreensão de que ela havia sido despojada de suas roupas.



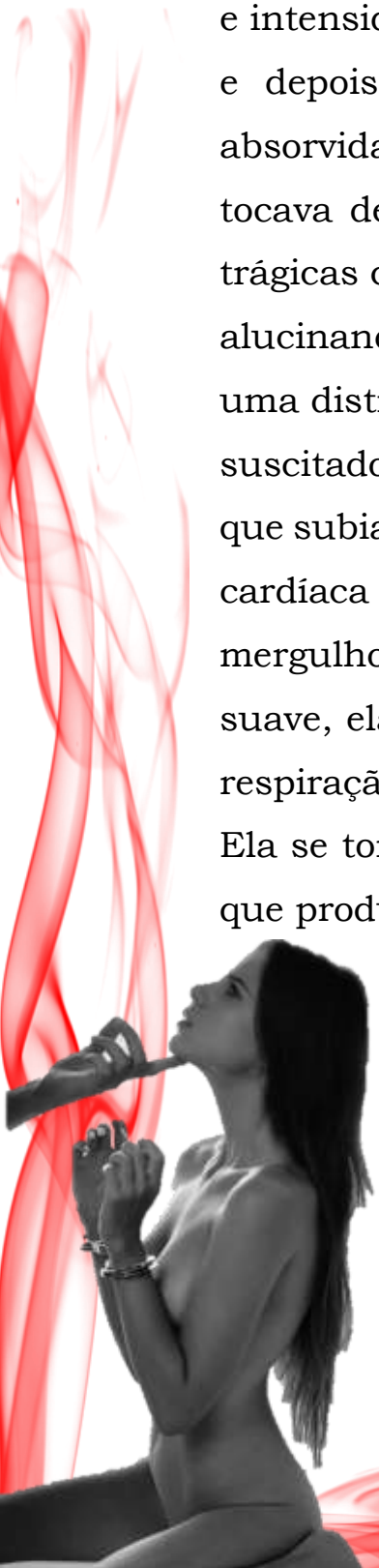
Ela queria ser forte. Ela queria pensar que estava bem o suficiente para ser capaz de enfrentar essa situação com determinação e coragem. Mas quando a compreensão infiltrou em sua mente, o medo a consumiu, deixando-a com um sentimento de indefesa, levando-a às lágrimas. Embora fosse fácil gritar, como uma vítima, correr ou lutar como quando você vê nos filme ou lê sobre isso em um livro, a futilidade da situação é muito mais evidente quando você se encontra dentro da situação. Maddy enrolou-se em uma bola apertada, seu corpo tremia enquanto ela soluçava. O calor de suas lágrimas lentamente esfriou, deixando rastros de gelo nos caminhos que elas viajaram por suas bochechas.

Depois de recobrar a consciência, o tempo passou sorrateiramente, enquanto Madeleine estava inconsciente de sua passagem. A falta de estimulação luminosa ou sensorial manteve sua mente estagnada e confusa. Em segundo lugar, minutos, horas ou dias poderiam ter passado e ela não teria percebido. Desesperada por um som, ela chutou para fora sua perna, por diversas vezes, só para ouvir o barulho da corrente, ou se movia na cama para ouvir as barras de alumínio finas gemer pelo seu peso. Qualquer ruído era bem-vindo, dentro do silêncio sufocante de seu espaço escuro. Em algum momento, seus olhos estavam secos e ela chegou a um estado de dormência. Ela não tinha medo, ela não estava feliz, não estava triste, não sentia mais nada. Sua mente vagou se perguntando o porquê dela ter sido capturada, ou sobre a identidade de seus sequestradores, e sobre quais eram as suas



intenções. Mas mesmo esses pensamentos foram sufocados sob o peso do desespero que sentia.

Como sua mente sem rumo, à deriva, uma nota solitária foi levemente jogada dentro dos recessos de sua mente. Como uma pequena réstia de luz e calor, Maddy perseguiu a nota dentro de seus pensamentos à medida que crescia em volume e intensidade. Essa nota lentamente transformou-se em outra e depois, felizmente, em outra. Ela tentou deixar-se ser absorvida na melodia assombrosa da canção do violoncelo que tocava dentro dos limites da sua imaginação; uma fuga das trágicas circunstâncias do presente. Ela provavelmente estava alucinando, mas isso não importava. A canção foi um presente, uma distração, e ela foi arrastada para os sentimentos por ela suscitados. Seu corpo flutuava com as ondas do som, uma vez que subia e descia. Às vezes era tão alto, que fez sua frequência cardíaca aumentar com a intensidade, mas quando ela mergulhou de volta, para apenas uma ligeira reverberação suave, ela sentiu como se estivesse afundando em nada. Sua respiração começou a manter o tempo com o ritmo da melodia. Ela se tornou na música, perdendo-se dentro do plano etéreo que produziu.



A música graciosamente terminou, permitindo que outra começasse. Cada peça, envolta de melancolia e desânimo, mas a perfeição absoluta da harmonia dentro das notas, os farelos e os compartimentos, combinando com todo o resto, acrescentou beleza para as profundezas evocativas e

emocionais da tristeza. Seria a sua alma falando com ela de dentro? Ou será que ela simplesmente perdeu a cabeça com o ambiente que a rodeava? Na verdade, a causa da música realmente não importava, a liberdade que ela encontrou dentro de si era a única coisa para a qual se importava.

Quando ela continuou a se realizar dentro de um transe induzido, musicalmente, uma lasca de luz apareceu diante dela. Era distante e fraca, ela piscou várias vezes, pensando estar tendo ilusões visuais que se juntou às suas manifestações auditivas. Ela estendeu a mão, acima de seu corpo, fazendo gestos, enquanto criava uma música no ar. Sua outra mão se movia como se tocasse um instrumento que não existia verdadeiramente. Ela não prestou muita atenção quando a lasca de luz tornou-se mais ampla e ela praticamente ignorou o ranger das dobradiças quando a porta foi sendo aberta. Ainda perdida em sua fantasia, ela não percebeu quando um homem grande entrou pela porta e caminhou até ela. Um feixe de luz atingiu seu rosto, pouco antes da força da mão do homem balançar sua cabeça para os lados.

— Pare com isso, sua puta! — Ele gritou.



Ela foi imediatamente removida do seu devaneio e sua mandíbula picou com o impacto do tapa em seu rosto. Lágrimas brotaram de seus olhos e sua mente foi subitamente despojada de qualquer felicidade que ela ganhou em seu estado delirante. Antes que ela pudesse reagir, uma grande mão dolorosamente agarrou seu braço e puxou-a para

cima da cama. A corrente em torno de seu tornozelo sacudiu quando ela foi forçada a ficar de pé; suas pernas ameaçaram ceder, pela falta de uso.

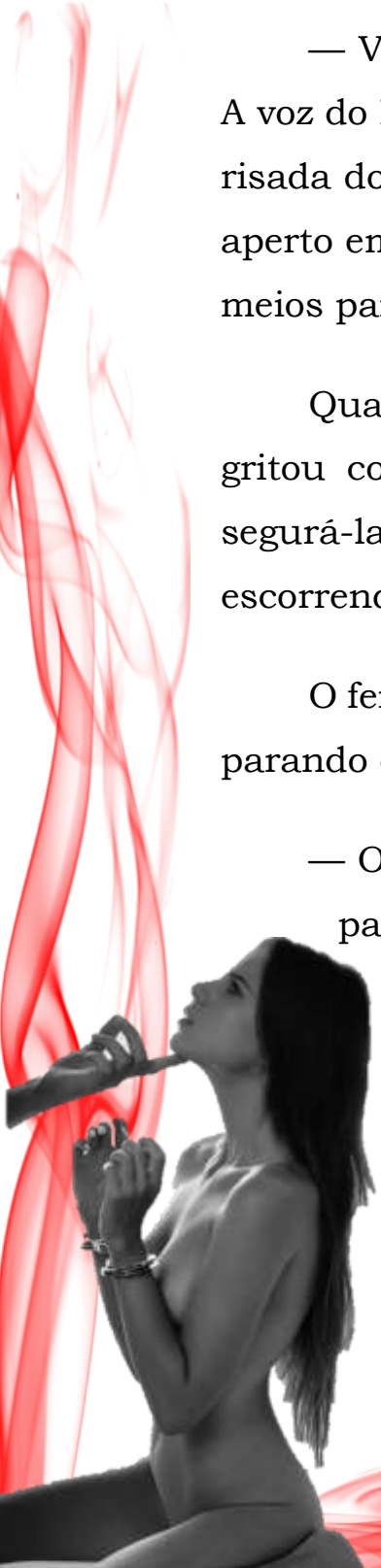
Outro tapa atingiu seu rosto e a força dele a deixou dormente. Seu pescoço esticou e a cabeça girou na direção do golpe.

— Você precisa acordar. Está quase na hora da festa. — A voz do homem era rude e ameaçadora e foi seguida por uma risada doentia. Maddy recuou de imediato, com o som, mas o aperto em torno de seu braço era tão apertado, que não havia meios para ela escapar.

Quando seu corpo despertou, sua bexiga de repente gritou com a necessidade de liberar. Ela não foi capaz de segurá-la, agora de pé, ela se viu tendo um rastro quente, escorrendo pela sua perna.

O feixe de luz da lanterna do homem viajou por seu corpo, parando de repente na poça formada abaixo dela.

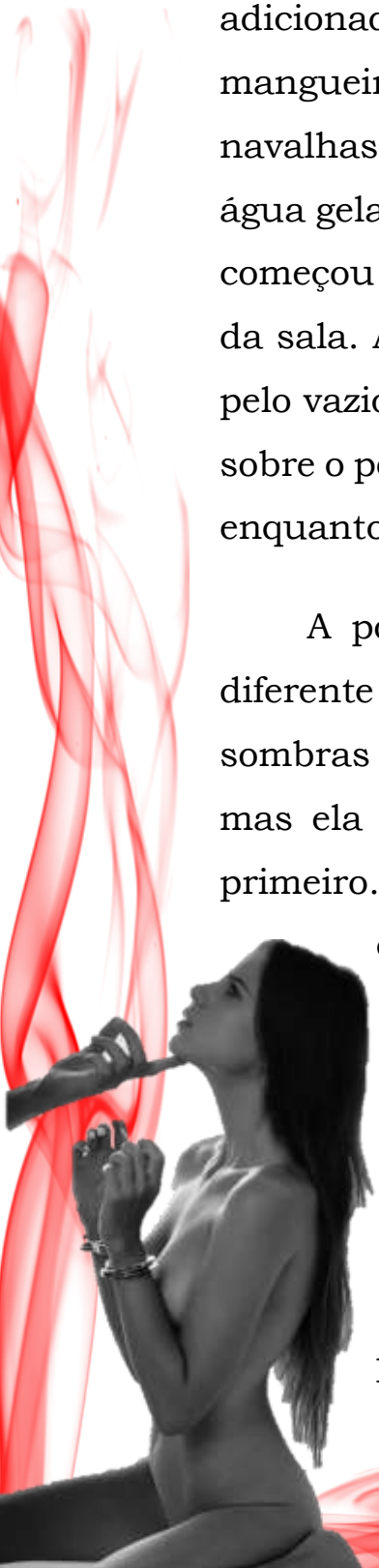
— O que?! Sua filha da puta doente! — Maddy foi jogada para trás, de repente caindo na urina que se espalhou ao longo do chão. Ela observou a luz da lanterna, enquanto o homem virou-se e saiu da sala, fechando a porta, voltando à escuridão de breu. Vários nervos chamaram por sua atenção: a cabeça e o pescoço doíam por ter sido atingida no rosto, seu corpo estava detestável e sobre o seu próprio xixi, uma dor aguda



atravessou seus quadris e costas por ser jogada ao chão. Antes que ela pudesse processar qualquer coisa a mais, a porta mais uma vez foi aberta e Madeleine foi atingida com um jato de água gelada de uma mangueira de incêndio.

Um grito rasgou de sua garganta quando o dilúvio de água se abateu sobre o seu corpo. A temperatura gelada da água adicionada à dor causada pela força do pulverizador da mangueira; a fez sentir como se alguém estivesse passando navalhas através de sua pele. Em poucos minutos, o ataque de água gelada parou, mas sua pele continuou a arder. Seu corpo começou a tremer, agora completamente encharcada, no frio da sala. A porta se fechou e ela foi consumida, mais uma vez pelo vazio e escuridão implacável. Colocou os braços cruzados sobre o peito, em uma patética tentativa de aquecer a si mesma enquanto caia no chão.

A porta se abriu de novo, mas desta vez, um homem diferente entrou. Ele estava iluminado em sua maior parte, as sombras escondiam as características visíveis de seu rosto, mas ela podia ver que este homem era mais fino do que o primeiro. Seus sapatos clicavam lentamente, enquanto ele caminhava, parando apenas brevemente, para evitar a poça de água que a rodeava.



— Você vai continuar sentada ai chorando? — ele perguntou. — Ou vai ser uma boa menina, se levantar e me seguir? Vou estar extremamente desapontado se eu tiver que molhar meus sapatos para agarrar e segurar você, forçando-a a se levantar.

Sua voz era mais suave do que o primeiro homem, quase consoladora na profundidade de seu tom. A única resposta que conseguiu com suas palavras foi à vibração de seus dentes.

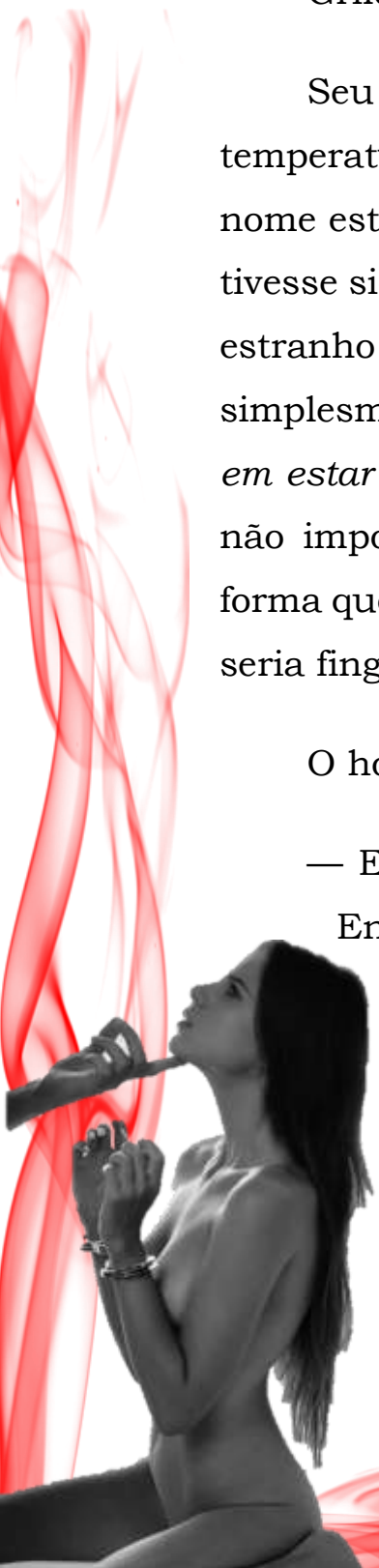
— Eu vou perguntar mais uma vez, Grilo, você vai se levantar por conta própria, ou eu preciso forçá-la?

Grilo?

Seu corpo estava congelado... Em movimento e temperatura... E ela não foi capaz de responder a ele ou ao nome estranho com o qual ele se referiu a ela. Mesmo que ela tivesse sido capaz de responder: O que você diria a um homem estranho que está te mantendo em um cativeiro? Não dá para simplesmente deixar escapar *"Não, obrigado, mas estou feliz em estar aqui congelando no chão de concreto molhado."* Isso não importa. O medo estava comprimindo seu corpo de tal forma que até mesmo uma tentativa de movimento ou resposta seria fingimento, na melhor das hipóteses.

O homem soltou um suspiro exasperado.

— Eu acho que nós vamos fazer isso à sua maneira. — Então chamou por alguém de fora da sala — Marcus!



Seu corpo estremeceu, quando ele levantou a voz, quase como se, inconscientemente, ela soubesse o que estava para acontecer. Como temia, o primeiro homem veio de volta, através da porta. Um gemido escapou de seus lábios trêmulos, ela

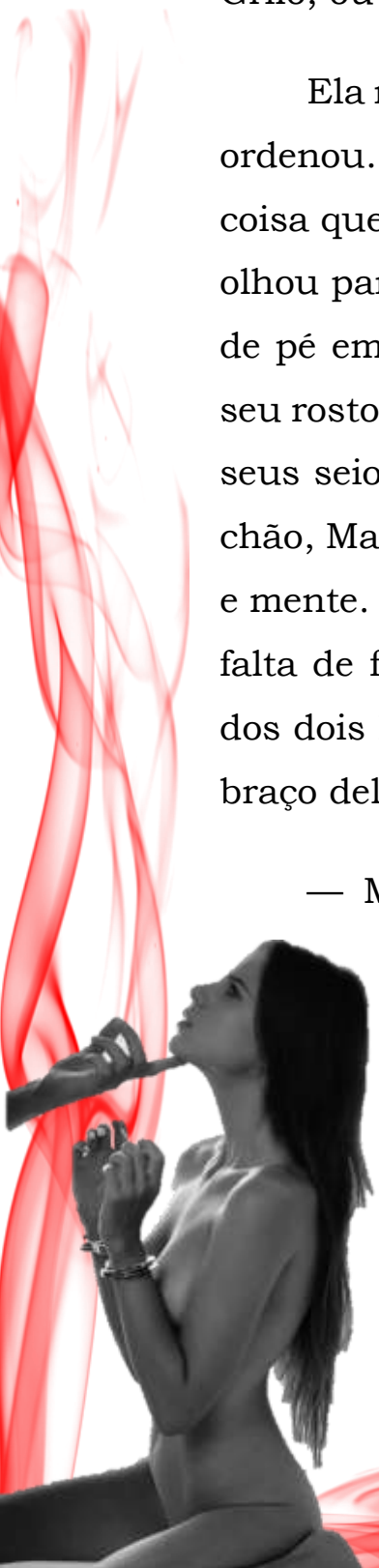
balançou a cabeça e se encolheu, para trás de sua abordagem.

— Não. — Sua voz foi um sussurrar suave e quase imperceptível, mesmo para ela.

— Ah, ela fala. É um milagre. — Suas palavras foram ditas de forma divertida, com condescendência óbvia. — De pé, Grilo, ou então Marcus aqui, vai ter que ajudá-la.

Ela não tinha outra escolha a não ser fazer o que o homem ordenou. Sim, tecnicamente, ela poderia resistir, mas a última coisa que ela queria era ter Marcus tocando-a novamente. Ela olhou para cima para as silhuetas, em contraluz, dos homens de pé em cima dela. Seu cabelo caía em pedaços úmidos em seu rosto, o que felizmente era longo o suficiente para esconder seus seios. Desenrolando-se da bola que tinha se formado no chão, Maddy levantou-se, apesar das disputas entre seu corpo e mente. Ela ficou com as pernas trêmulas e quase caiu com a falta de força muscular. Uma vez que estava de pé, o menor dos dois homens deu a volta na poça e gentilmente segurou o braço dela em sua mão.

— Marcus, deixe-nos. — disse ele. O grande homem bufou por ter sido mandado embora, mas virou e fez o que lhe foi dito.

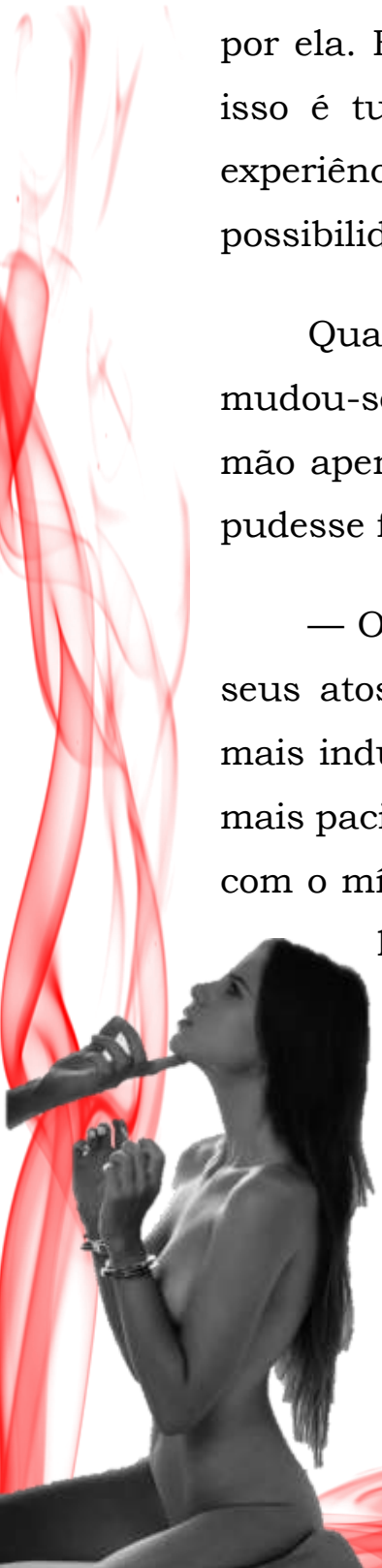


Ela foi puxada para mais perto da porta, com as pernas resistindo ao movimento. Puxando uma chave do bolso, o homem se abaixou para remover o elo da corrente de sua perna. Uma vez que ela estava

livre, ele a empurrou com força em direção à porta. Maddy tropeçou em seus próprios pés e as garras do homem apertaram em torno do seu braço para evitar que ela caísse. As lágrimas começaram a picar em seus olhos e ela continuou lutando para não deixá-las cair. Percebendo que toda a luta que ela poderia tentar seria uma tentativa fraca em sua condição, a inutilidade de tal esforço não passou despercebida por ela. Ela era uma pessoa gentil. Interpretava as músicas, isso é tudo o que ela tinha feito, começou a lamentar as experiências de sua vida, começou a perceber que qualquer possibilidade de vivê-las novamente foi tirada dela.

Quando se aproximaram da porta, o homem parou e mudou-se para mais perto dela. Maddy recuou, sentindo sua mão apertar ainda mais, mas ele a puxou de volta, para que pudesse falar baixinho em seu ouvido. Com um tom baixo:

— Ouça, Grilo, uma vez que entrar por aquela porta , os seus atos de resistência precisam parar. Eu sou um pouco mais indulgente do que seu mestre será e eu certamente sou mais paciente do que o pai dele. Se você quiser passar por isso com o mínimo de dor possível, eu sugiro que você faça o que lhe é dito, sem lutar. Você não vai ganhar contra eles, de modo que você precisa aceitar suas circunstâncias e fazer o melhor possível.



O tom de sua voz soou muito doloroso, quando ela perguntou:

— P-por que... Por que você está fazendo isso comigo?

Ele levou um momento para considerar suas palavras, antes de responder:

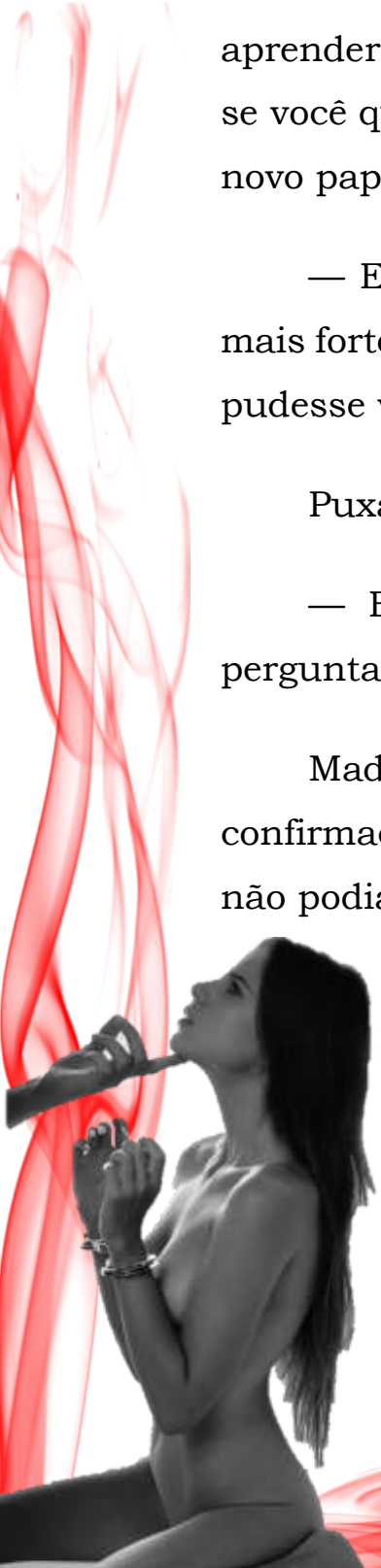
— Este é o seu destino, Grilo. Perguntando o porquê disso não vai fazer nada melhorar para você, exceto fazer com que o destino lhe dê uma viagem muito mais dolorosa. Você precisa aprender as regras da sua posição e aprendê-las rapidamente, se você quiser fazer uma transição menos dolorosa para o seu novo papel.

— E qual é o meu papel? — ela perguntou. Sua voz era mais forte desta vez e ela teria olhado para ele, se ela realmente pudesse vê-lo.

Puxando-a para mais perto, ele advertiu mais uma vez.

— Eu vou dizer isso apenas mais uma vez: Se fizer perguntas isso ficará muito mais difícil para você sobreviver...

Maddy encolheu-se com a palavra “sobreviver”, era uma confirmação aberta que sua vida estava em perigo. Sua mente não podia mais se esconder atrás da máscara da negação que ela usou para defender sua sanidade mental.



— ... Mas talvez, ele vai te ajudar a saber sobre isso mais cedo, ou mais tarde. Você é uma escrava agora. Você chamou a atenção do homem a quem pertence agora. Você fará o que lhe é dito, sem fazer perguntas e você deve seguir as instruções

exatamente como elas são dadas. A obediência é fundamental a partir deste ponto e mais adiante. Qualquer infração de sua parte provocará terríveis circunstâncias. Você entendeu?

Ela foi capaz de acenar com a cabeça em resposta, mesmo que o resto dela estivesse paralisado pela percepção de que ela era, agora, uma pessoa desaparecida. Ela tinha visto avisos sobre eles o tempo todo: As notícias no jornal, na internet e em folhetos que recebeu em seu e-mail. Nunca tinha imaginado que se tornaria aquela cara aleatória, colocada através dos meios de comunicação. Essas coisas sempre acontecem com outra pessoa, alguém menos cuidadoso do que ela, alguém com menos medo da vida lá fora.

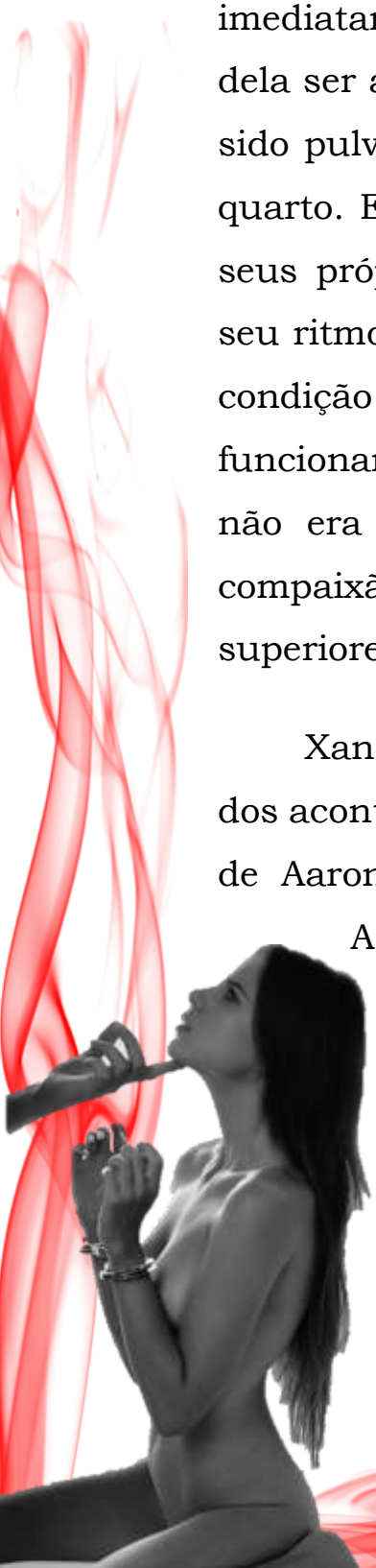
O homem deve ter ficado satisfeito com seu silêncio, porque ele se virou e moveu-se rapidamente para a porta, arrastando-a junto, enquanto ele andava. A porta abriu-se e ela estava momentaneamente cega, enquanto ele a arrastava para fora da escuridão, direto para a luz.



Capítulo Três

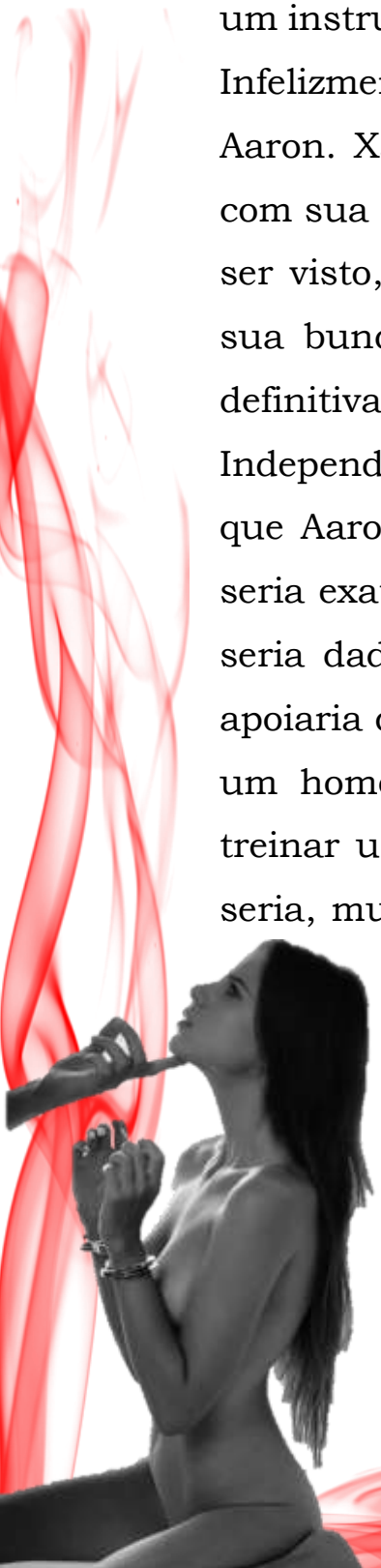
A garota estava uma porcaria e Xander estava imediatamente chateado por que ela precisaria ser limpa antes dela ser apresentada. Sua pele estava literalmente azul de ter sido pulverizada no armário de carne que eles chamavam de quarto. Ele sentiu pena dela, enquanto a observava ficar em seus próprios pés, desesperadamente tentando acompanhar seu ritmo. Ele queria ser gentil e acalmá-la por causa da sua condição enfraquecida, mas no final, sua bondade só funcionaria contra ela. Ela precisava aprender agora que já não era uma pessoa livre, e que não deve mais esperar compaixão ou compreensão de qualquer um dos seus superiores.

Xander sabia que Aaron não ia ficar satisfeito com o rumo dos acontecimentos e ele não queria estar lá, para ver a reação de Aaron quando descobrisse sobre sua nova escrava. Se Aaron tivesse seguido seu caminho, seu aniversário teria sido esquecido. Ele teria sido deixado sozinho para cuidar de seus próprios interesses. Mas infelizmente, seu pai, Joseph Carmichael – também conhecido como o chefe da The The Estate – era um bastardo cruel e tinha aprendido a tirar toda a diversão e prazer de Aaron, para transformá-lo em



algo escuro e perturbador. Era uma tática de manipulação sutil de sua parte e Aaron era impotente para lutar contra ele, enquanto seu pai ainda segurava as rédeas.

Os olhos de Xander não podiam deixar de ver a ironia, na pequena garota andando a sua frente. Ele interiormente riu da ironia de uma pessoa tão pequena ter o domínio absoluto sobre um instrumento que estava quase do mesmo tamanho que ela. Infelizmente, foi esse mesmo talento que chamou a atenção de Aaron. Xander tinha que admitir, o Grilo, era linda. Mesmo com sua pequena estatura, seu corpo era um espetáculo para ser visto, com as curvas em proporções perfeitas, seu peito, sua bunda. Se um homem tinha que ter uma escrava, ela definitivamente não podia ser deixada de lado. Independentemente disso, ele se preocupava com ela. Mesmo que Aaron nunca tivesse a intenção de escravizá-la, ele não seria exatamente o tipo que a libertaria. Nenhuma concessão seria dada a esta pequena beleza, ele sabia que Aaron não apoiaria qualquer dúvida ou rebelião da parte dela. Aaron era um homem bom, mas faltava a paciência necessária para treinar uma escrava, decentemente. Acreditando que o Grilo seria, muito provavelmente, ser passada para ele para que a formasse, ele decidiu ter pena dela neste momento e prepará-la para o que estava por vir.



Ele puxou seu corpo pequeno para perto dele e se inclinou para que pudesse sussurrar para ela, enquanto caminhavam. Sua movimentação foi feita de forma embaraçosa, pela posição que ele foi forçado

a ficar, por que ele praticamente teve de dobrar ao meio para colocar a boca na orelha dela.

— Você vai ser limpa muito em breve. Não tente lutar contra ele ou exibir qualquer pudor, tentando cobrir-se. Haverá diversos homens grandes na sala, que estarão perfeitamente dispostos a corrigi-la, por quaisquer atos de desobediência.

Seu corpo minúsculo tremia violentamente e ela lembrou-lhe a um Chihuahua excitável. Exceto pelo tremor, ela ainda permanecia quieta, enquanto ele falava com ela. Xander ficou impressionado que ela ainda não havia se quebrado em histeria absoluta. Normalmente pelo tempo que uma mulher tinha sido informada de seu destino neste lugar, era apenas uma questão de segundos antes da histeria tomar conta. O fato de que ela não estava se jogando no chão em um ataque de auto-piedade o fez pensar que poderia haver mais força nesse duende pequeno do que ele acreditava.

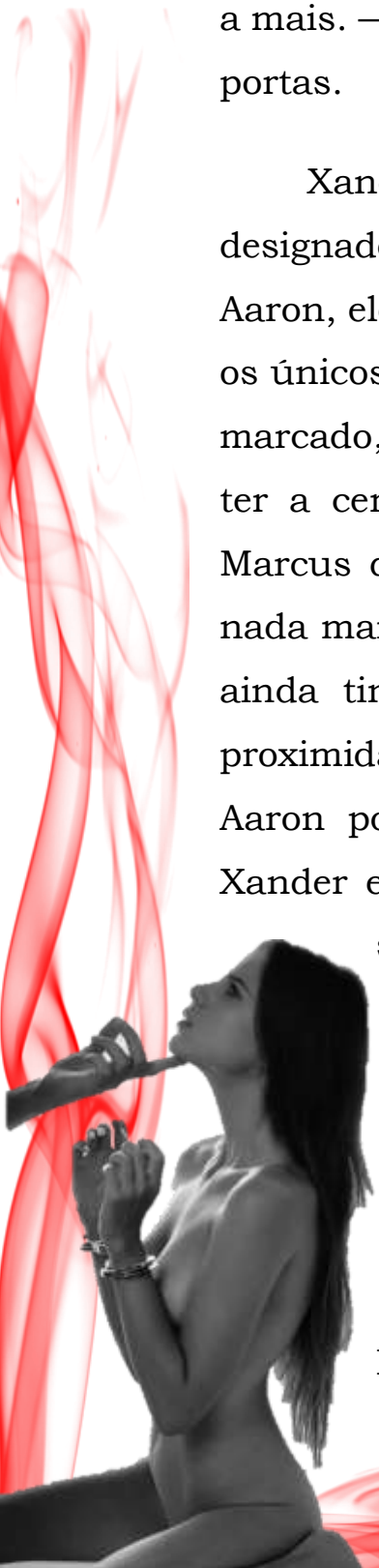
Inclinando-se para falar com ela novamente, ela virou-se de repente, olhando-o bem nos olhos. Xander ficou imediatamente impressionado com o tom azul escuro de seu olhar. Quase como o céu escuro, mas havia pequenas manchas de uma cor mais clara que se assemelhava às explosões de estrelas. A luz atingiu seus olhos de tal forma, que ele se lembrou da maneira como o sol reflete nas águas turbulentas; ofuscante e belo em um segundo, passando para a próxima. Seu olhar era muito desconcertante, em sua



profundidade, parecia que ela estava olhando além de seus olhos físicos, para algo muito mais pessoal e privado. Ele sacudiu-se do pensamento e manteve seu olhar, enquanto dava sua instrução final:

— Não lute contra eles, Grilo. Eles não vão falar com palavras. Eles preferem uma forma... Física... Uma abordagem a mais. — Outro tremor, e era hora de empurrá-la por aquelas portas.

Xander levou Maddy ao camarim que tinha sido designado para ela. A fim de mantê-la apresentável para Aaron, ele solicitou que apenas outras escravas ou ele, seriam os únicos a lidar com ela. Ele notou que o rosto dela já estava marcado, devido ao seu encontro com Marcus e ele estava indo ter a certeza de falar com Aaron sobre a incapacidade de Marcus de seguir ordens estritas. Mesmo que ele não fosse nada mais do que um guarda-costas e capanga de Aaron, ele ainda tinha certo peso na The The Estate, devido à sua proximidade com o segundo no comando. Mr. Carmichael e Aaron podiam cuidar do imobiliário e das empresas, mas Xander era um dos melhores, quando veio para cuidar dos subordinados, e ele não estava disposto a se colocar em transgressão por Marcus.



Assim que Maddy passou pelas portas duplas, ela congelou ao ver as outras escravas e seus guardas. Sua parada súbita foi inesperada e Xander quase a derrubou quando colidiu com as costas dela. Ele sabia que ela estava com medo e não gostava de

falar muito, mas será que com o aviso ele pediu muito? Pisando em torno dela, ele continuou arrastando-a para o chuveiro aberto, na sala. Ele olhou para uma das escravas sem nome e ordenou:

— Ela deve ser limpa com água morna. Nós não podemos exatamente embrulhar um smurf e esperar que Aaron fique feliz.

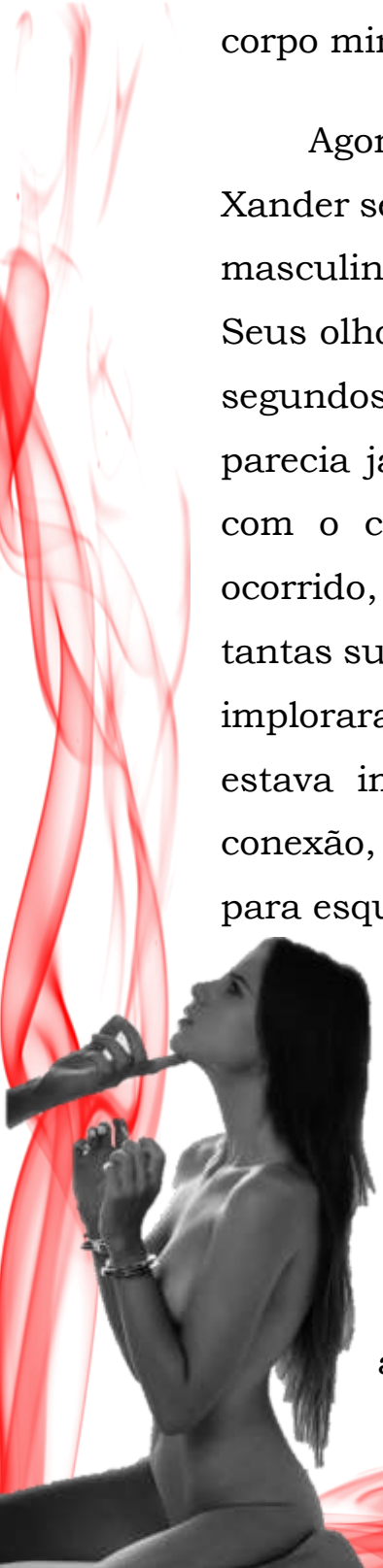
A pequena escrava loira seguiu sua instrução, sem dúvida, pegando Maddy pelo braço. Quando Maddy resistiu, Xander aproximou-se dela para redirecionar seu comportamento, mas parou quando viu os ombros dela cairem em derrota, enquanto ela segurava o queixo em um desafio silencioso. Ele estava imediatamente intrigado com suas ações e havia considerado seu destino um desperdício, pela perda de uma pessoa tão interessante. Talentosa, linda e com a força interior de um campeão, era uma pena ter que quebrá-la em pedaços. Era mais que óbvio que ela não era do tipo de ficar nua na frente de um grupo de homens e mulheres, mas ela fez isso sem sequer pestanejar. Ela tinha os instintos de um sobrevivente.



Uma vez que ela foi limpa e sua pele tinha tomado uma cor rosada, ela foi retirada da água e colocada para ser seca e preparada. Os olhos de Xander vagueavam pelos seios fartos e estômago perfeitamente plano. Sua cintura parecia apertada em comparação com as curvas bem-arredondadas de seus quadris, seu pau estremeceu ao vê-la. Quando

já estava seca, começaram então a aplicar óleos perfumados sobre sua pele, ele teve que desviar o olhar, de modo a evitar qualquer constrangimento, pela reação do seu corpo. Ele não podia ajudá-la. Ele era um homem e diante dele estava uma das mulheres mais bonitas que ele já tinha visto. O único problema é que ela era de Aaron e ele não poderia agir no impulso irresistível que teve, de jogá-la para baixo e ter seu corpo minúsculo para si mesmo.

Agora que Maddy estava perfumada com os óleos e Xander sentiu como se tivesse recuperado o controle sobre sua masculinidade, ele se voltou para monitorar seu progresso. Seus olhos estavam voltados para o chão, mas em questão de segundos subiram para ele. Não houve luta em seu olhar, ela parecia já ter aceitado seu destino e ele não sabia se estava com o coração partido sobre a facilidade com que havia ocorrido, ou aliviado, pois ele sabia que ela não iria suportar tantas surras em seu treinamento. Seus olhos silenciosamente imploraram, mas não para libertação ou misericórdia; Não, ela estava implorando a ele, apenas que mantivessem aquela conexão, quase como se ela estivesse buscando uma distração, para esquecer as outras pessoas na sala.



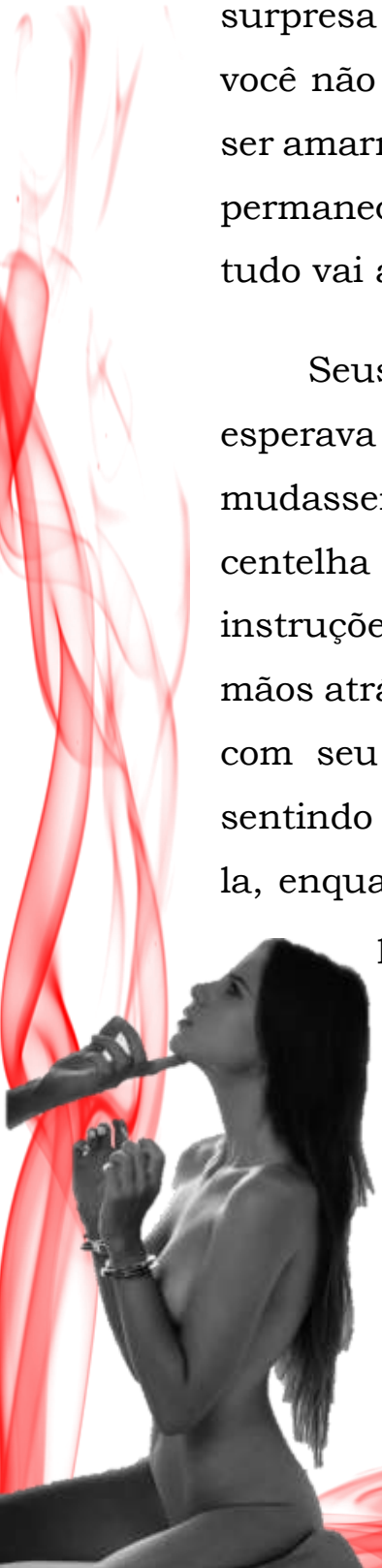
Muito Interessante.

Era como se ele tivesse de alguma forma ganhado um pequeno sinal de confiança dela. Xander decidiu conceder-lhe o conforto a que estava buscando, mas eventualmente ela precisava aprender que o contato visual é apenas permitido

quando for solicitado. No entanto, se mantivesse a calma, por enquanto, ele estava disposto a não condená-la. A pobrezinha estava prestes a ser empurrada para uma caixa; e era melhor mantê-la flexível até a hora de ela ser colocada lá.

— Agora, Grilo, você precisa se lembrar de que você é um presente para alguém muito especial e se você estragar a surpresa movendo-se ou fazendo barulho, tenho certeza que você não irá gostar dos resultados. Seus braços e pernas vão ser amarrados e você estará em um espaço apertado. Você deve permanecer absolutamente imóvel e perfeitamente tranquila e tudo vai acabar antes que perceba. Entendeu?

Seus olhos continuaram nos dele, enquanto ele falava. Ele esperava que os olhos dela se estreitassem, as sobrancelhas mudassem, ou demonstrassem até mesmo uma pequena centelha de raiva – algum tipo de resposta para as suas instruções – mas não havia nada. Ela simplesmente colocou as mãos atrás das costas, à espera de ser amarrada. A posição fez com seu seus seios nus saltassem maiores, e ele gemeu, sentindo suas calças apertarem ainda mais. Ele não podia vê-la, enquanto eles a amarravam e a colocava no recipiente de papelão, então ele simplesmente se virou e caminhou para a porta. Uma vez que lhe foi dito que ela estava pronta para ser movida, o braço subiu contra a porta e ele a abriu, caminhando para o corredor.



Capítulo Quatro

Foi uma simples sequência de eventos que levou ao momento em que Madeleine acabou nua, amarrada e amordaçada em uma caixa. Foi um pouco decepcionante. Não houve nenhuma luta: não lutou para manter-se vestida ou livre, ou até mesmo manter-se em posição ereta. Não houve apelo dramático por sua liberdade. Ela simplesmente os deixou fazer isso com ela. Ela poderia ter lutado ou gritado, mas na verdade, isso teria feito alguma coisa? Homens maus nunca deixam alguém ir quando a pessoa implorava! Não é?

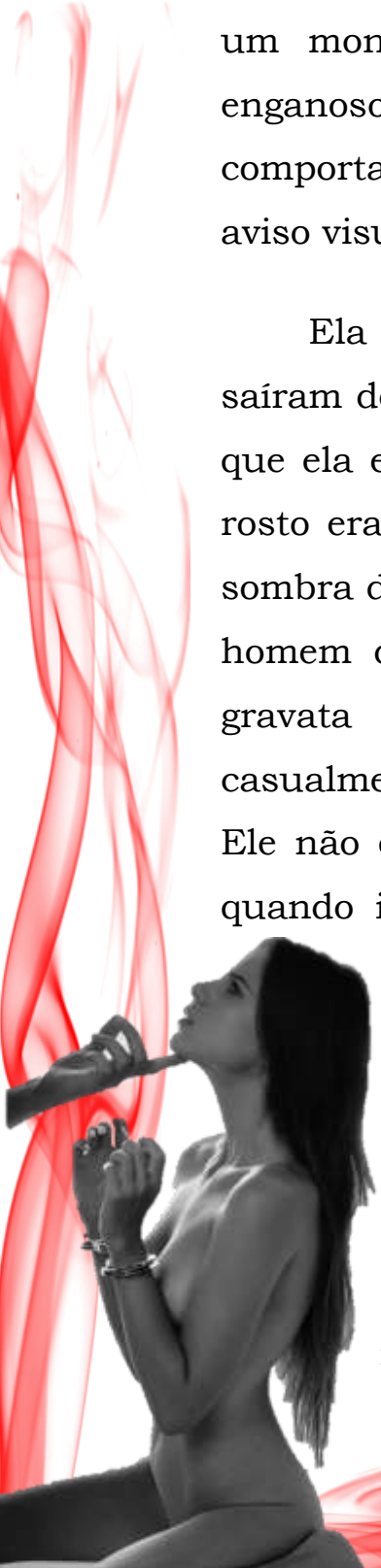
Maddy ainda não tinha idéia de quem eram essas pessoas ou por que eles a escolheram, mas sabia que era o alvo, que foi observada, talvez até mesmo seguida, em algum ponto ou outro. Talvez se ela tivesse sido mais diligente, prestado melhor atenção ao seu redor, isso não teria acontecido. Na verdade, ela poderia chegar a mil decisões diferentes que poderia ter feito, que talvez tivessem mudado as circunstâncias que levaram à sua captura. Mas, em uma última análise, será que essas decisões teriam mesmo mudado seu destino? Ou será que elas simplesmente adiariam o inevitável?



Enquanto Maddy permaneceu agachada e silenciosamente chorando dentro de sua pequena

prisão de papelão, os foliões estavam cada vez mais bêbados e desagradáveis. O riso das mulheres viraram pequenos gritos e gemidos. Ela não queria nem saber o que estava acontecendo fora das quatro paredes de papelão e começou a apreciar o seu esconderijo, apesar da dor e do desconforto. Sua mente vagou sobre os eventos que ocorreram desde que ela tinha despertado neste pesadelo. Os dois homens: Marcus e outro. Marcus era um monstro, óbvio, mas o outro homem, ele era mais enganoso. Ele era o tipo de monstro que você não espera; seu comportamento refinado e calmo mostra que não há nenhum aviso visual do mal que espreita por dentro e por aí.

Ela se lembrou de quando se virou para ele, depois que saíram do quarto escuro. A beleza do homem que a informou que ela era uma escrava, a golpeou, instantaneamente. Seu rosto era esculpido e sua linha da mandíbula estava com a sombra de uma barba. Ele estava bem vestido, bem como um homem de negócios, mas mais casual, ele não tinha uma gravata e os botões de cima da camisa tinham sido casualmente deixados de lado. Suas roupas gritavam riqueza; Ele não era a imagem que normalmente lhe vinha à mente quando imaginava como um sequestrador poderia parecer.



Foram os olhos, no entanto, que a atingiu em seu núcleo. Mesmo que ele tentasse manter uma questão de fato, quase pragmática, compostura, seus olhos lhe disseram uma história completamente diferente. Quando ela olhou pela primeira vez para aqueles olhos azuis escuros, ela notou manchas de verde, que adicionava vida e

vitalidade ao seu olhar. Dentro da profundidade daquele olhar, um lado mais sinistro foi revelado a ela, um lado que permanecia escondido, esperando a chance de atacar. Mesmo enquanto ela tremia, congelada no lugar pelo seu olhar, ela foi cativada pela sua beleza.

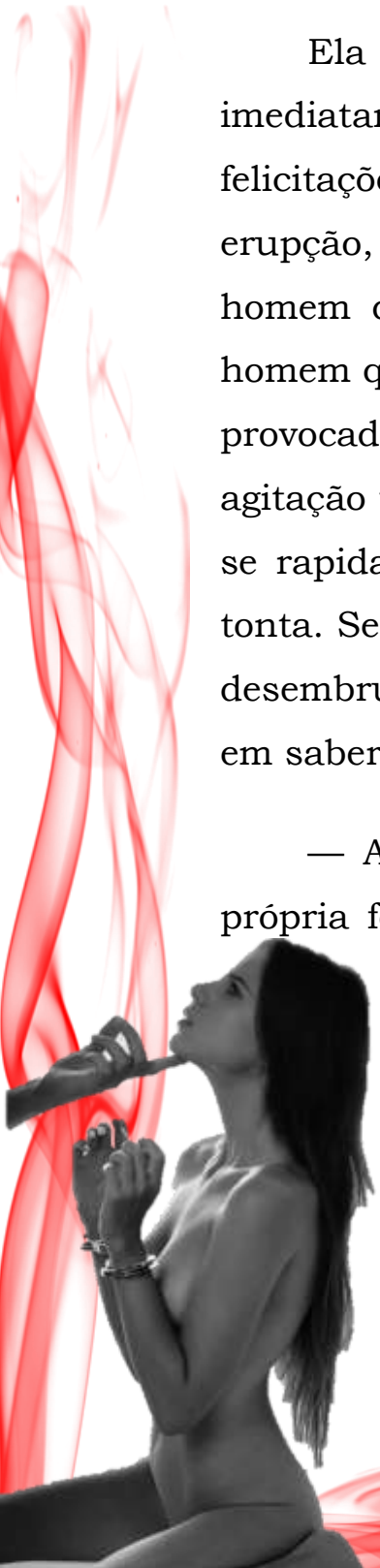
— FELIZ ANIVERSARIO!

Ela aproveitou a saudação em expansão e foi imediatamente arrastada de seus pensamentos pelos gritos e felicitações, ressoando por toda a sala. Risos entraram em erupção, seguido de comentários grosseiros e golpes para o homem que tinha entrado. Pelo que Maddy podia ouvir, o homem que tinha entrado não estava feliz em estar lá e ele foi provocado por não soltar um sorriso. Seu coração falhou e a agitação violenta de seu corpo voltou. Sua respiração tornou-se rapidamente ofegante e o ar na caixa a estava deixando tonta. Se ele tinha chegado, isso significava que ela seria logo desembrulhada e ela não estava particularmente interessada em saber o que aconteceria depois.

— Aaron. Estou tão feliz que se juntou a nós em sua própria festa. — A voz de um homem se levantou sobre os outros.

Aaron?

— Sorria filho. Todo mundo está aqui reunido para celebrar sua vida... O mínimo que poderia fazer é parecer que você gosta de estar aqui. — A ameaça

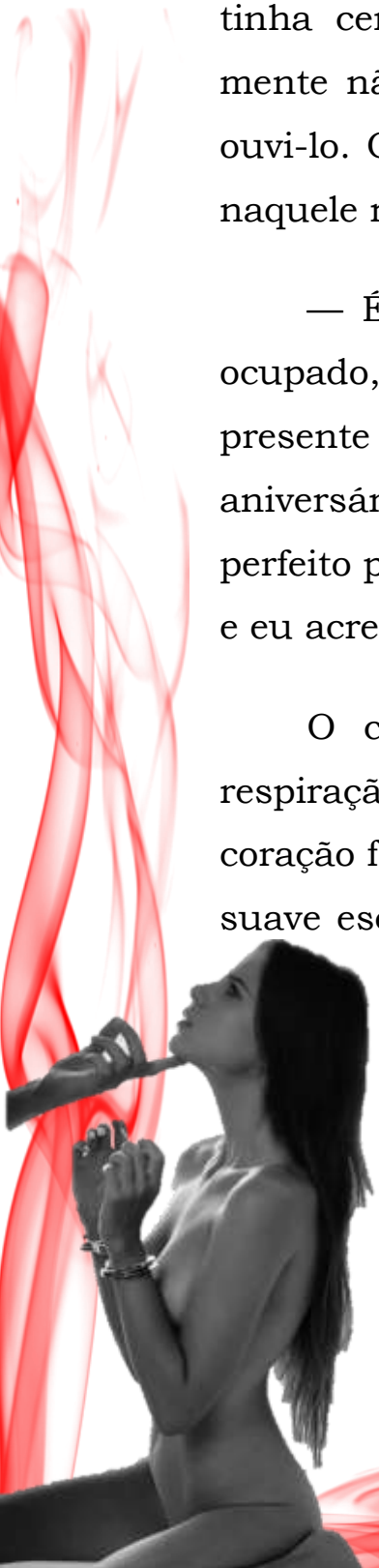


velada era evidente nas palavras do homem. A sala ficou estranhamente silenciosa, tão silenciosa, que Maddy jurou que os outros poderiam ouvir as batidas do seu coração.

— Peço desculpas pai, mas eu tinha negócios a tratar. — O desprezo audivel saiu por essas palavras. A voz do homem era tão familiar; Ela não saberia dizer onde a tinha ouvido, mas tinha certeza que reconhecia aquela voz. Mesmo que sua mente não pudesse entender o som, seu corpo congelou ao ouvi-lo. O instinto estava mais consciente do que o intelecto naquele momento.

— É claro, Aaron. Eu entendo que você é um homem ocupado, então vamos direto ao assunto. Eu tenho um presente muito especial para o seu vigésimo quinto aniversário. Eu pensei muito, tentando decidir o presente perfeito para um homem que está no seu 1/4 século de idade, e eu acredito que encontrei exatamente o que você queria.

O corpo dela se apertou a um ponto de dor. Sua respiração saia em lufadas curtas, sentindo como se seu coração fosse rasgar através das paredes do peito. Um gemido suave escapou dela, então ultrapassada pelo medo ela sabia que estava perdendo o controle. Pânico constante. Este era o momento em que ela iria finalmente enfrentar o homem a quem agora pertencia. Ela nunca teria usado essas palavras; escravo, mestre, pertencer, ela era agora propriedade e nada mais.



A sala ficou em silêncio e Maddy podia ouvir passos lentos e firmes se aproximando dela. Curvando-se ainda mais apertado, ela estava desesperada para esconder-se do que sabia que estava por vir. Dois toques rápidos soaram contra as paredes da caixa.

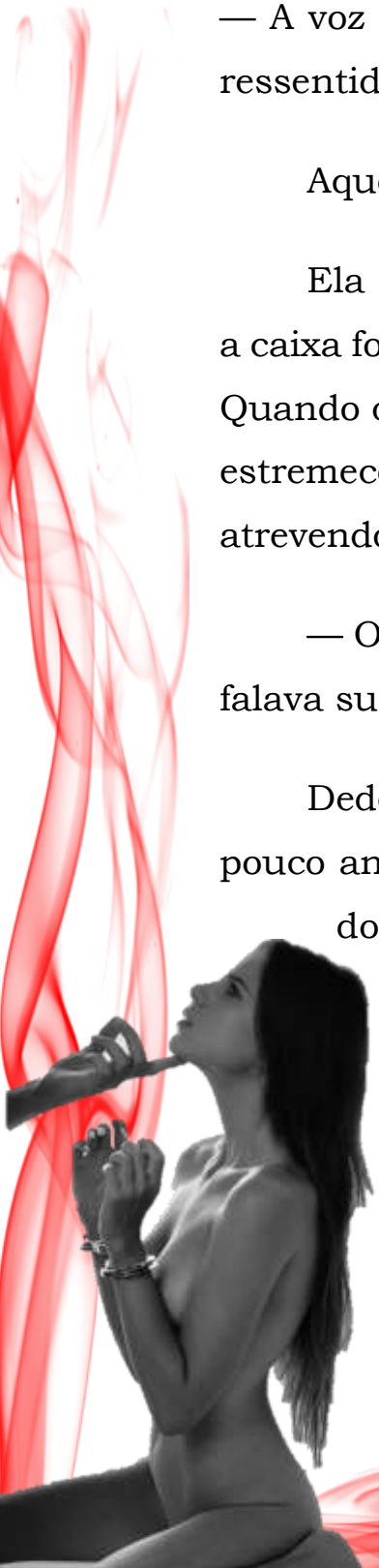
— Deixe-me adivinhar, pai, você me comprou um pônei. — A voz era um barítono profundo, em um tom zombeteiro e ressentido.

Aquela voz... Tão familiar...

Ela podia ouvir o farfalhar suave do material, assim que a caixa foi arrastada para o lado, as paredes começaram a cair. Quando o suor de sua pele se reuniu com o ar frio da sala, ela estremeceu com a mudança brusca de temperatura, não se atrevendo a se desenrolar da posição apertada que estava.

— O que é isso? — Raiva fria saiu com essas palavras; ele falava suavemente, o que o tornava ainda mais aterrorizante.

Dedos entrelaçaram na parte traseira de seu cabelo, pouco antes de sua cabeça ser puxada para cima, sentindo a dor ao longo de seu couro cabeludo. Ela tomou uma ingestão de ar, os dedos afrouxaram no cabelo dela e ela abriu os olhos lentamente para se deparar com os verdes olhos de esmeralda do homem que lhe dera a rosa na noite de sua apresentação.



— Madeleine Clark? — Sua voz era um sussurro afogado em descrença e choque. Seus olhos

mudaram de confusão para raiva, quase que instantaneamente, mas tornou-se branco quando uma máscara caiu sobre seu rosto, escondendo de forma eficaz os seus pensamentos. Virando na direção do homem mais velho do estacionamento, ele soltou seu cabelo, só para substituir o aperto de sua mão, grande, em torno de seu braço. Maddy estremeceu sem saber o que ele pretendia fazer.

Uma tosse soou de dentro da sala e Madeleine tirou os olhos do homem que a segurava e virou-se, para olhar em seu entorno. A grande opulência da sala foi inesperada. Madeleine engasgou quando seus olhos foram inundados com os móveis de madeira escura e a coleção de tecidos luxuosos usados para preencher o grande espaço. O teto era arredondado em uma cúpula, com vigas de madeira escura correndo uniformemente espaçadas, reunindo todos no centro. Abaixo do ponto onde os feixes se encontravam estava pendurado um lustre grande, incrivelmente elegante feito inteiramente de cristal fino. Ele enchia o espaço superior completamente, as luzes dançavam fora do cristal multifacetado; pequenos arco-íris de cor lançavam sobre a pintura creme do teto.



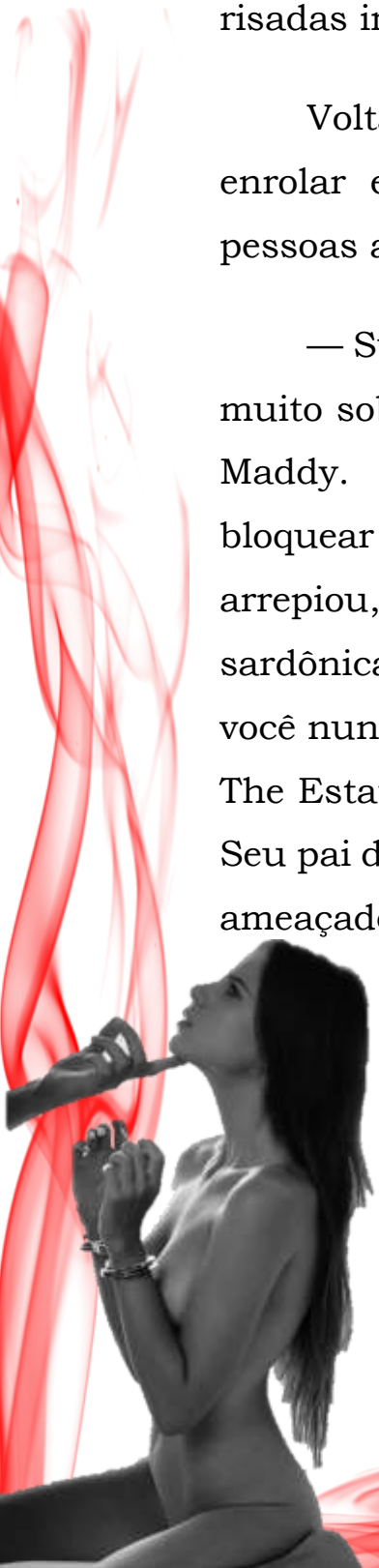
Os olhos de Maddy viajaram para baixo, vendo o vermelho bordô das paredes. A riqueza da cor escura foi quebrada por tapeçarias requintadamente detalhadas e grandes pinturas a óleo em molduras douradas. A beleza austera do quarto foi inspirada, cada detalhe evidente no toque de amor de seu criador. Maddy não conseguia entender como tanta

beleza existia dentro do mesmo lugar que o quarto escuro e úmido em que ela despertou.

Por um breve momento, ela ficou aliviada por seu medo, sua vergonha e seu tormento, enquanto seus olhos dançaram junto, olhando a maravilha ao seu arredor. No entanto, ela foi rapidamente puxada de volta para seu pesadelo quando ouviu risadas irrompem no espaço.

Voltando-se, ela se lembrou de sua nudez e tentou se enrolar em volta de si mesma, tentando esconder-se das pessoas ao redor.

— Surpresa, Aaron! Eu espero que você goste dela. Pensei muito sobre o seu dom. — A voz do pai sacudiu os nervos de Maddy. Forçando um gemido, ela fechou os olhos para bloquear os olhares do público ao seu redor. Sua pele se arrepiou, enquanto o pai de Aaron continuava a explicação sardônica do seu presente para o filho. — Tenho notado que você nunca tomou interesse pelas escravas mantidas pela The The Estate. Isso tem me preocupado, para dizer o mínimo. — Seu pai deu uma risada sem graça, antes de continuar em tom ameaçador: — Eu mesmo me perguntava a possibilidade de você imaginar-se com Xander.



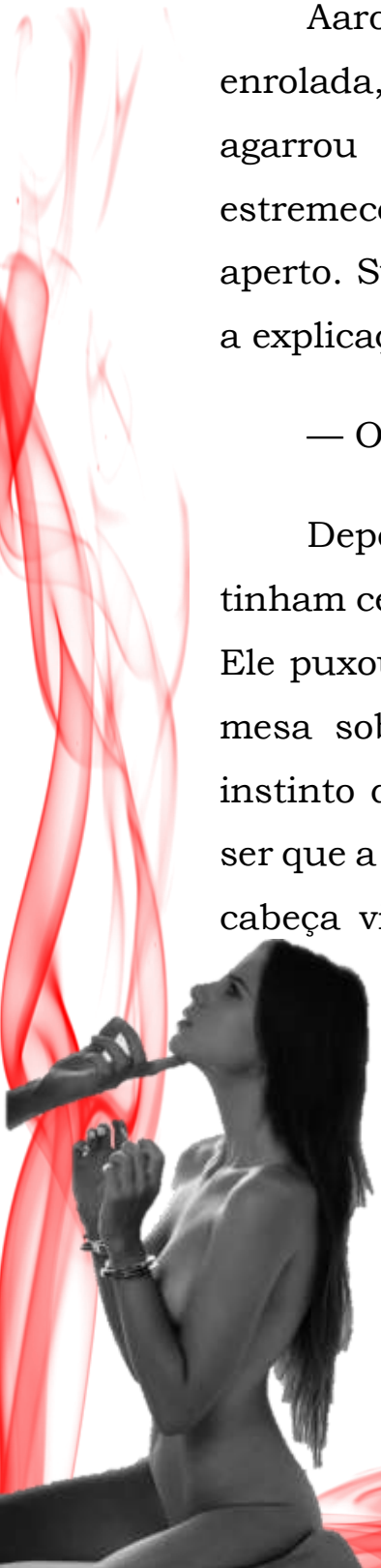
Os foliões silenciosamente riram com a provocação e observação do pai. Ele esperou que o silêncio reassentasse, antes de continuar novamente, sua voz crescendo por toda a grande sala.

— Lutei com o que eu queria para você, Aaron, mas então, foi trazido a minha atenção que você teve um apreço por essa mulher em particular... Que você mesmo se aproximou dela na noite de sua apresentação. Depois que eu soube de seu interesse por ela, fiquei muito feliz de finalmente encontrar o presente perfeito.

Aaron ficou perfeitamente imóvel, como uma serpente enrolada, os músculos tensos e prontos para atacar. Sua mão agarrou o braço de Maddy com mais força, fazendo-a estremecer de dor. Quase instantaneamente, ele afrouxou aperto. Sua voz era suave e controlada, quando ele respondia a explicação de seu pai:

— Obrigado! Vou ver agora mesmo se ela me agrada.

Depois de mais uma onda suave de riso, os foliões não tinham certeza se eles deviam acreditar nas palavras de Aaron. Ele puxou o braço de Madeleine, tentando tirá-la de cima da mesa sobre a qual ela foi apresentada. Ela resistiu, cada instinto dentro dela pedindo-lhe para gritar... Lutar contra o ser que a puxava para o próximo ataque que iria enfrentar. Sua cabeça virou para olhá-la, antes que ele se inclinasse para sussurrar em seu ouvido. Sua voz era áspera e com raiva, uma ameaça sutil embrulhada dentro de seu tom.

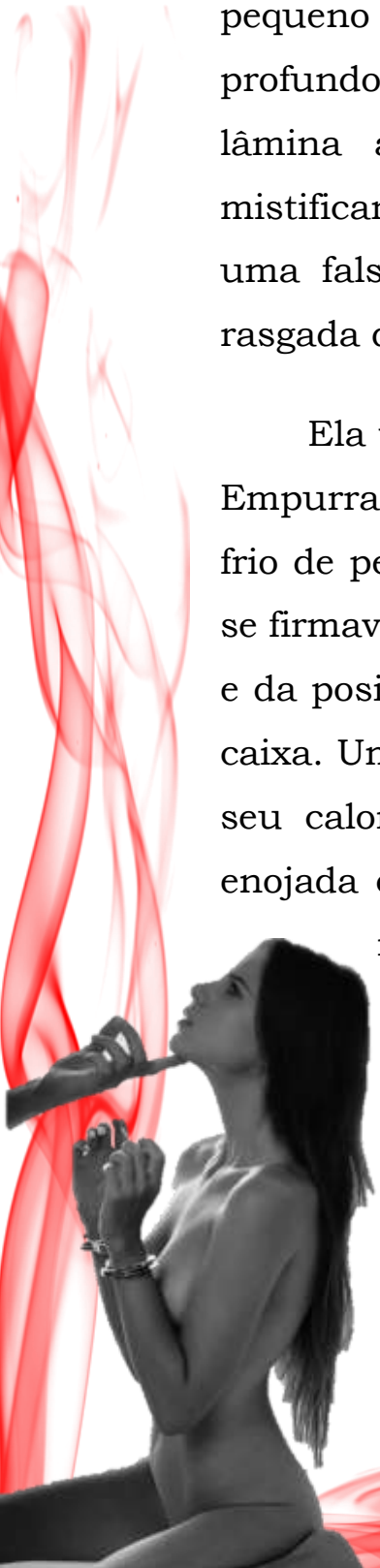


— Você vai descer dessa mesa e me seguir, se você sabe o que é bom para você. NÃO lute contra

mim, Madeleine. Isso vai lhe trazer mais mal do que bem.

Seu corpo estremeceu de terror, seus músculos de repente tornaram-se fracos. Temendo a picada de outra surra, ela lentamente desenrolou-se, lágrimas escorriam de seus olhos, da vergonha de seu estado sem roupa. Quando seus olhos encontraram os de Aaron, Maddy pensou ter visto um pequeno vislumbre de compaixão, mas quando ela olhou mais profundo, não viu nada mais do que a borda letal de uma lâmina afiada. A beleza de Aaron era um véu ímpio, mistificando e embalando aqueles que olhavam para ele em uma falsa sensação de pavor, só para ter essa segurança rasgada deles quando viram a ameaça à espreita.

Ela virou-se e colocou as pernas sobre a borda da mesa. Empurrando para baixo, seus pés se encontraram com o chão frio de pedra. Violentamente, seu corpo tremeu enquanto ela se firmava, com as pernas queimando das condições precárias e da posição desconfortável que tinha sido forçada a ficar na caixa. Uma vez que ela estava de pé, Aaron a puxou para ele, seu calor envolveu sua pele onde ele a tocou. Ela estava enojada com sua apreciação por esse calor, querendo sentir nada mais do que repulsa, ao homem que a mantinha cativa. Ela manteve os olhos direcionados ao chão, enquanto eles se moviam através do espaço. Caminhando ao longo de um corredor central, ela sabia que estava em plena vista de cada alma dentro desse ambiente. O pai de Aaron sentou-se em uma

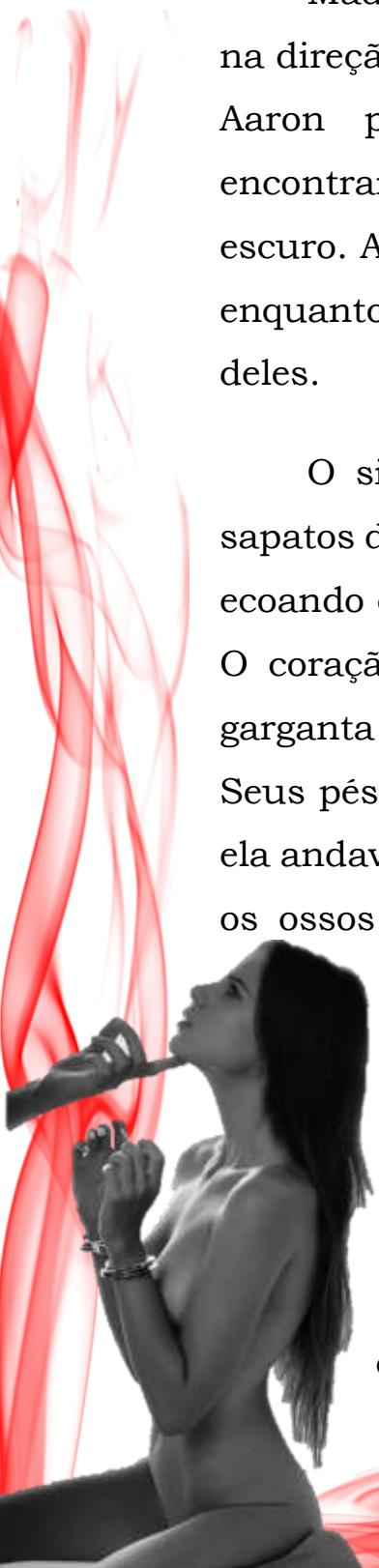


mesa de centro no lado esquerdo, sua voz crescia enquanto eles passavam.

— Ela é uma escrava, Aaron. Eu quero ter certeza de que você entende esse fato. — Foi um aviso que Maddy não podia compreender plenamente. — Eu espero que ela seja treinada.

Maddy olhou para Aaron, notou o breve aceno de cabeça na direção de seu pai, antes dele a puxar para junto da porta. Aaron parou, voltando-se de repente, seus olhos se encontraram com os do homem que a havia tirado do quarto escuro. A troca silenciosa entre os dois homens foi entendida, enquanto o homem mudou-se para tomar sua posição atrás deles.

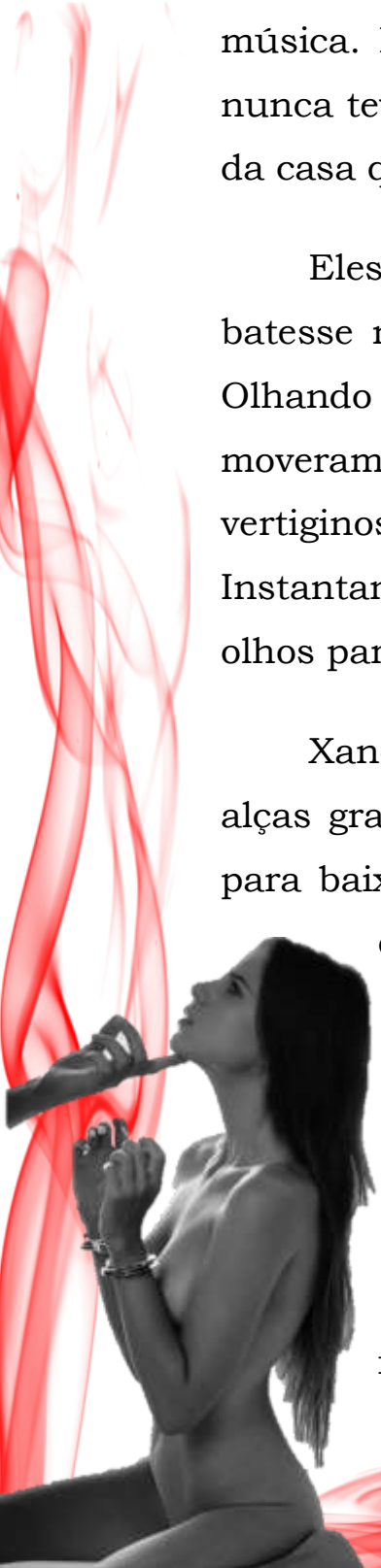
O silêncio entre os três só foi quebrado pelo som dos sapatos dos homens ao longo dos andares do salão, cada passo ecoando de forma constante e em tempo perfeito com a outra. O coração de Maddy parecia que iria rasgar sua pele, sua garganta estava fechada, o que tornava difícil para ela respirar. Seus pés descalços doíam com o frio das pedras sobre o qual ela andava, enquanto se infiltrava, passando por sua pele para os ossos delicados. Seu pescoço doía e sentia como se ele estivesse bloqueado, seu corpo continuava a tremer de medo sem saber para onde estava sendo levada. Desesperada, sua mente procurou em volta qualquer memória que pudesse ajudá-la a escapar do presente. Ela pensou sobre o medo que sentiu antes da sua apresentação, naquela noite, sobre como bobo o medo parecia, em comparação com suas



circunstâncias atuais. Ela forçou seus pensamentos para um lugar longe de onde estava para um momento em que estava segura dentro dos limites de uma vida protegida. Seu tio a tinha criado em uma casa escassa, depois que seus pais morreram, quando ela era jovem. Sua casa poderia caber facilmente dentro do salão de baile que ela acabara de sair, mas era quente, cheia de amor um do outro e o amor pela música. Ela nunca tinha entendido como a riqueza crescia, nunca teve a necessidade de ter qualquer coisa além do calor da casa que seu tio tinha fornecido a ela.

Eles pararam de repente, fazendo com que Madeleine batesse nas costas de Aaron, antes que pudesse se conter. Olhando através de seus cílios, ela viu como seus olhos se moveram para os dela, seu medo voltou em uma onda vertiginosa quando seus olhares se encontraram. Instantaneamente ela se sentiu violada por seu olhar, seus olhos pareciam penetrar nas profundezas ocultas dentro dela.

Xander pisou em torno deles, com a mão segurando as alças grandes da porta arredondada. Ele empurrou as alças para baixo e a porta abriu, revelando outra sala grande, do outro lado. Aaron voltou sua atenção para longe dela, puxando-a com ele enquanto entrava na sala.

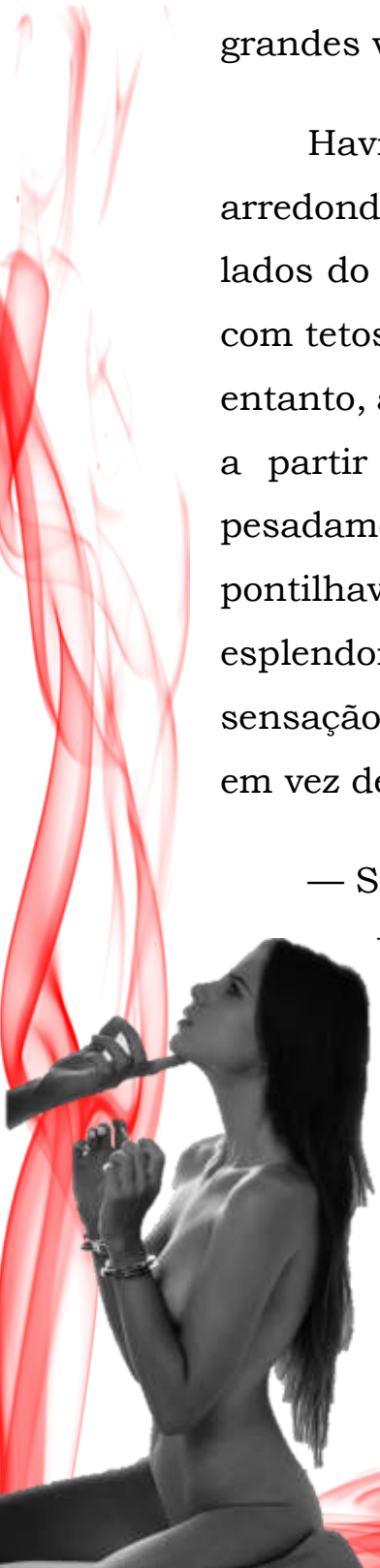


Seus olhos foram tomados pelo luxo que permeava em todos os cantos do espaço. A sala teria uma aparencia nostalgica pela escolha do escuro, cores ricas e mobiliário de madeira escura, se não fosse o toque de cor mais clara nas almofadas de seda

e o pano espalhado ao longo de uma grande mesa de jantar. Eles entraram em uma sala de estar que foi compensada pela área de jantar elegante, a sua direita. O espaço estava cheio de sofás de couro e pelúcia, o couro manchado em um marrom vermelho escuro. Poltronas foram colocadas entre os sofás. As paredes da sala estavam cobertas de estantes do chão ao teto com caras decorações, perfeitamente colocadas entre os grandes volumes encadernados em couro.

Havia também dois conjuntos de portas em madeira arredondadas, situada em frente uma da outra, em ambos os lados do espaço. Esta sala, assim como a última, era grande, com tetos altos, que também se curvaram em uma cúpula. No entanto, ao contrário da outra sala, o lustre nesta, era formado a partir de ferro escuro, um círculo grande que pendia pesadamente sobre quatro cadeias, luzes imitando velas que pontilhavam ao longo do quadro circular. Ao contrário do esplendor do cristal da outra sala, este lustre dava uma sensação muito mais mística, masculina, lançando sombras em vez de luz.

— Sente-se aqui. — Maddy foi empurrada para baixo, em um dos grandes sofás. Instintivamente, ela dobrou-se sobre si mesma, a sensação de couro contra sua pele lembrou-a de sua nudez. Ela estremeceu quando a mão de Aaron desceu para tirar seu cabelo longe do rosto. Seu toque suave foi marcante, em contraste com a expressão fria e insensível pintada em seu rosto, seus olhos, apenas momentaneamente,



ampliaram-se vendo a marca deixada em sua bochecha. Seu tom de voz era anormalmente suave, enquanto ele instruia: — Mantenha-se neste sofá, Madeleine. As portas estão trancadas, impedindo sua fuga. Você só vai me irritar se tentar se afastar de onde eu coloquei você. — Enquanto ele a tocava, sua voz a acalmou. Seu cérebro se enfureceu contra o conforto, achando desconcertante, dado ao monstro que deve residir dentro de sua rara beleza.

Ele tirou a mão dela, para virar na direção do outro homem.

— Xander, siga-me. — Caminhando através de um conjunto de portas, os dois homens a deixaram sozinha. Ela se encolheu de medo, tentando enterrar-se dentro das dobras do sofá de couro.



Capítulo Cinco

Aaron observou Xander fechar as portas atrás deles. Uma vez que as grandes portas de madeira foram seladas, os olhos de Aaron se estreitaram para seu melhor amigo e guarda.

— Você tomou parte nisto? — a raiva acumulada, saia junto com as palavras, ditas calmamente, a desconfiança fazendo Aaron questionar a lealdade de Xander.

— Não.

Aaron olhou para o amigo e não viu nada, exceto honestidade, na postura casual de Xander e na forma calma de sua resposta.

— Eu não fui informado da presença dela até que você chegou ao complexo. Não houve tempo entre estar inteirado do evento e lhe dizer o que seu pai tinha feito.



Todos os músculos do corpo de Aaron se apertaram com o pensamento do presente de seu pai. Ele havia reconhecido há anos que a mente do homem velho tinha escorregando para uma caverna de depravação, muito profunda, mas ele nunca imaginou que ele poderia estar nesta profundidade. A captura e escravização de uma mulher inocente, ela

não tinha nada a ver com sua família, ela não devia nada ao governo. O cobertor pesado de culpa caiu sobre seus pensamentos; Aaron sabia que esta mulher tinha sido despojada de sua vida devido a seu interesse por ela.

Sua mente derivou para a mulher pequena, atualmente encolhida, como um rato encurralado, em sua sala de estar.

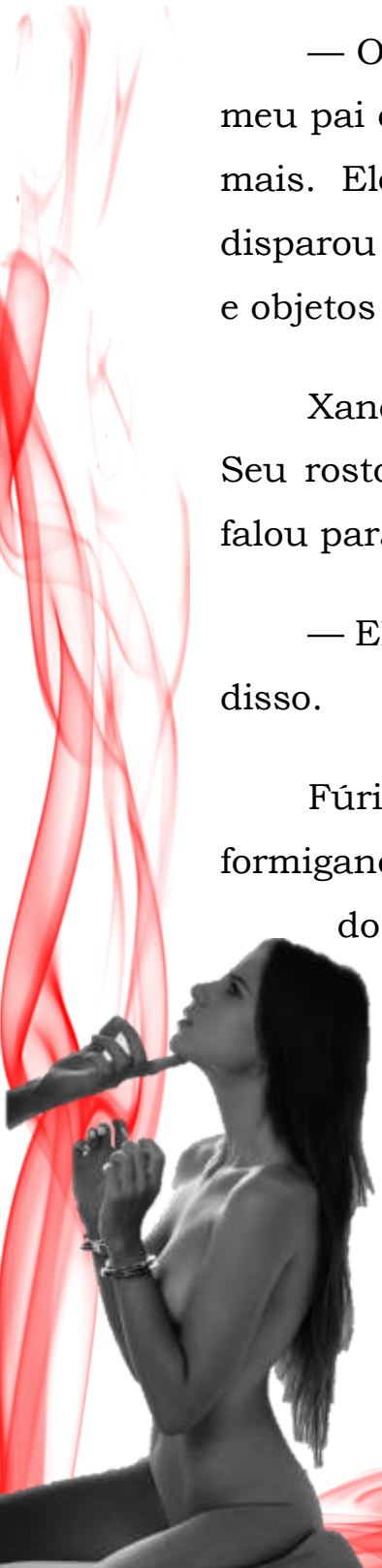
— O que vamos fazer com ela, Xander? Você ouviu o que meu pai disse, ela deve ser tratada como uma escrava e nada mais. Ele perdeu sua mente fodida! — A mão de Aaron disparou ao lado dele, batendo violentamente contra os papéis e objetos espalhados ao longo de sua mesa.

Xander fez uma careta ao ouvir o som do vidro quebrando. Seu rosto focado em Aaron, e com uma determinação feroz, falou para acalmar o touro furioso.

— Ele perdeu a cabeça, há muitos anos, Aaron, você sabe disso.

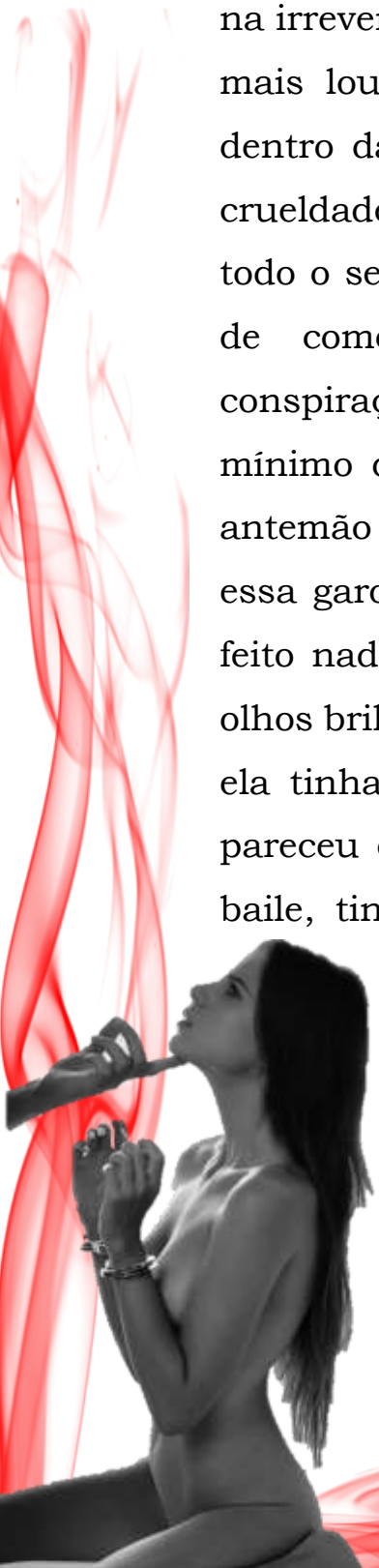
Fúria percorria as veias de Aaron, como um rio venenoso, formigando por sob a pele dele. Com punhos cerrados ao lado do corpo, ele podia sentir os alfinetes e agulhas em seu sangue, caminhando para suas mãos. Com passos rapidos e pesados, ele passeou ao longo dos pisos de madeira escura de seu escritório.

A voz de Xander rompeu as batidas do sangue dentro de sua cabeça.



— Ele procura controlá-lo, Aaron, domar você, forçar você à corrupção. É o mesmo jogo que você já jogou com ele desde o início. — A postura de Xander relaxou quando ele ergueu a mão como que para inspecionar as unhas. — Eu não entendo como você pode ficar tão chocado.

Aaron olhou para o seu guarda de confiança, pensando na irreverência de sua declaração. Sim, o pai dele tinha ficado mais louco com a idade, ele sempre manteve seus crimes dentro das relações de negócio, mas acabou mudando para crueldades que só é possível para aqueles que tinham perdido todo o senso de moralidade. Mergulhando nas relações rasas de comércio de prostitutas e drogas, assassinato e conspiração, seu pai tinha mantido seus crimes reduzidos ao mínimo da sociedade, mas os outros criminosos sabiam de antemão o que eles estavam recebendo por si mesmos. Mas essa garota? Ela não pertencia a este mundo. Ela não tinha feito nada para merecer esse destino. A luz cobalto de seus olhos brilhou dentro de sua mente, o brilho que ele viu quando ela tinha falado com ele nos bastidores. Mesmo assim, ela pareceu com medo, o brilho que ele tinha visto no salão de baile, tinha sido removido pela tonalidade escura de medo dentro de seus olhos arregalados.



— Eu não estou chocado que meu pai tenha agido contra mim, mais uma vez. Sua necessidade obsessiva de me arrastar ao seu nível já é velha. Ele sabe que não vai me reduzir a lixo. Eu não vou mexer com vidas inocentes! — As paredes balançaram com

a força da voz de Aaron, ele fez uma careta ao pensar que, talvez, o rato podia ouvi-lo através das paredes.

Xander riu, enfurecendo ainda mais Aaron. Nenhum outro homem poderia ter as mesmas ações de Xander, mas os dois homens haviam crescido juntos. Xander era amigo de Aaron antes de se tornar seu guarda.

— Bem, o que você sugere que façamos com este novo desenrolar? Se você libertá-la, nós morremos. É a única razão pela qual nós permanecemos trancados neste buraco do inferno... Nossas vidas estão em jogo. — A voz de Xander baixou sobre as últimas palavras, não querendo vocalizar a futilidade de sua situação.

Houve uma longa pausa antes das palavras de Aaron rolar de seus lábios.

— Eu vou morrer. O uso da palavra "nós" é errônea.

Seus olhos se encontraram e a postura de cada homem mudou a partir da troca de olhares. O silêncio entre eles era tão palpável quanto era a lealdade de Xander ao amigo.



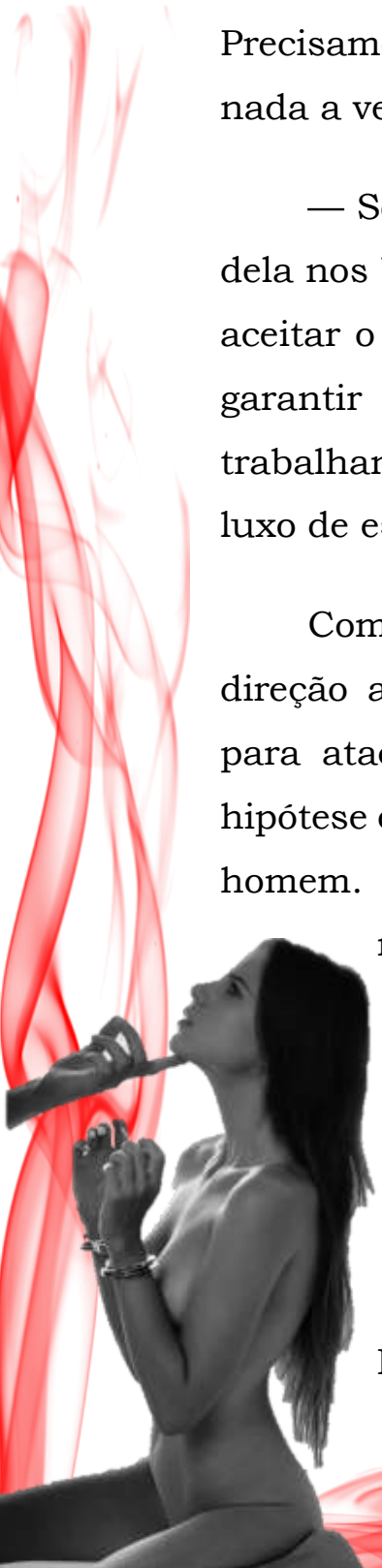
— Você está enganado, Aaron... — Suas palavras foram ditas sem problemas, incisivamente —. .. Se não neste inferno, então vou existir naquele após a morte.

Aaron se virou, levantando a mão para deixar de lado as palavras de Xander.

— Não há necessidade de apressar o inevitável. Por enquanto, nós vamos lidar com isso. — Pegando um abridor de cartas de estanho de sua mesa, ele pressionou o dedo na ponta aguda, calculando seu próximo passo. O silêncio caiu pesado sobre os dois homens antes de Aaron finalmente voltar a falar. — Eu não vou treiná-la. Aquele desgraçado me parece corrupto, mas eu não vou ter nada a ver com este jogo. Precisamos decidir sobre outra abordagem. Eu não quero ter nada a ver com aquela mulher, não neste lugar.

— Se você não sente nada por ela, por que se aproximou dela nos bastidores da sala de concertos? Por que não apenas aceitar o que seu pai lhe deu, jogar junto, até que possamos garantir mais homens leais ao seu lado? Nós estamos trabalhando para acabar com esse idiota! Não podemos dar ao luxo de estragar tudo por causa dessa mulher.

Com a ameaça tácita, Aaron deu um passo adiante, em direção a Xander. Suas mãos estavam novamente ansiosas para atacar, para mostrar para Xander que sob nenhuma hipótese ele iria contaminar Madeleine. Aaron não era um bom homem. Ele tinha entrado no negócio, matou, quando foi necessário, mas nunca teve que agir contra uma pessoa inocente, e nunca tinha tomado uma mulher contra a vontade dela.



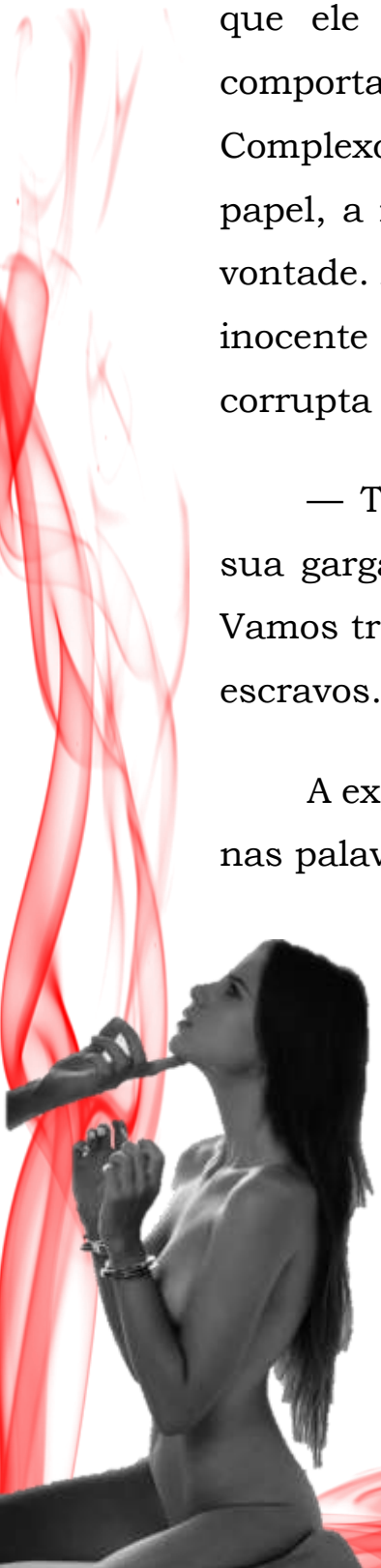
— Você não pode ignorá-la. Ela foi oferecida a você como sua escrava. Tenho certeza que você entende exatamente o que está implicado no papel de Mestre. Se o seu pai desconfiar que você desobedeceu

a sua ordem, eu odeio pensar quais as conseqüências que se seguirão, não só para você, mas para a menina.

Como a mais afiada das lâminas, as palavras de Xander cortaram instantaneamente através da determinação de Aaron, lembrando-lhe que a sua decisão não só traria tormento para sua vida, mas à dela também. Aaron detestava a escolha que ele teria que fazer. Madeleine teria de aprender os comportamentos esperados de um escravo e a hierarquia do Complexo. Ela iria suportar o ridículo e a humilhação de seu papel, a injustiça de ser forçada a agir contra a sua própria vontade. Aaron não tinha certeza, se uma coisa tão pequena e inocente poderia sobreviver ao papel que até mesmo a mais corrupta e pecaminosa das mulheres, mal conseguiria tolerar.

— Tudo bem. — As palavras pularam corajosas contra sua garganta, que se inchou e fechou, por raiva contida. — Vamos treiná-la, mas ela não vai suportar o abuso dos outros escravos.

A expressão de Xander revelava sua confusão e descrença nas palavras de Aaron.



— E como é que você espera fazer isso? Você sabe que nós somos constantemente vigiados. Os homens de seu pai nunca vão deixar, nem a menor infração escorregar...

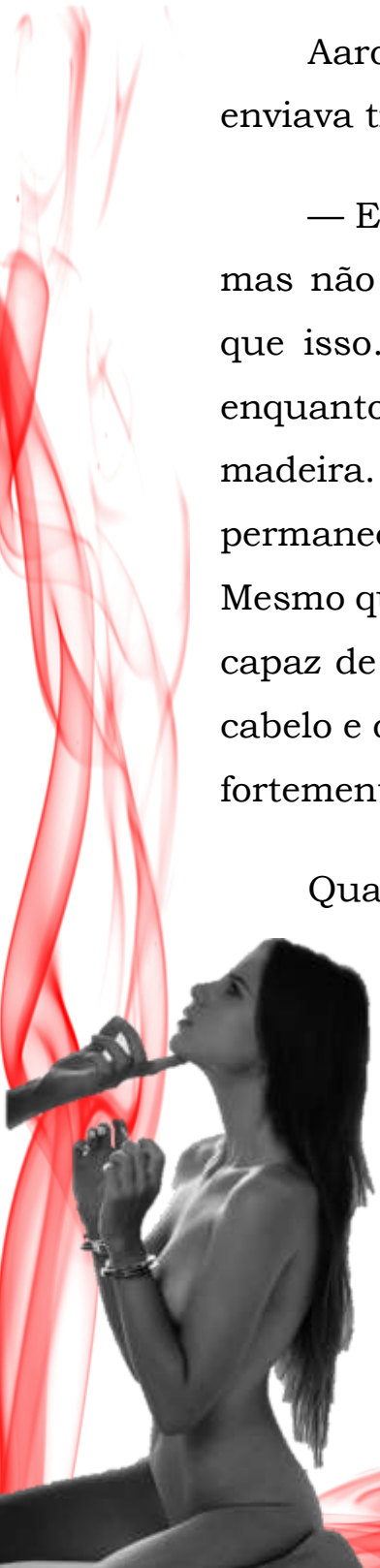
— Nós não somos vigiados aqui. — A raiva de Aaron finalmente o dominou, seu tom foi levantado,

ainda frio, cada palavra era falada lentamente, de forma eficaz:
— Ela está segura dentro dos limites do meu apartamento. Há uma abundância de espaço.

— Mas, ele vai querer que ela seja apresentada, Aaron. Você não pode escondê-la aqui para sempre. Ele vai querer ver que seu presente foi aceito... E usado... Corretamente.

Aaron andou em direção às portas, o peso de seus pés enviava tremores através do piso de madeira.

— Essa discussão acabou por agora. Ela vai ser treinada, mas não vão violá-la, Xander. Você é um homem melhor do que isso. — Uma rajada de vento soprou contra seu rosto, enquanto o ar se opos ao movimento das grandes portas de madeira. Seus olhos a procuraram, instantaneamente. Ela permanecia onde ele a tinha deixado, no meio do grande sofá. Mesmo que você não estivesse olhando para ela, você não seria capaz de deixar de sentir falta dela, o marrom escuro de seu cabelo e o tom de alabastro de sua pele ajudava-a a contrastar fortemente contra o couro rico, marrom.



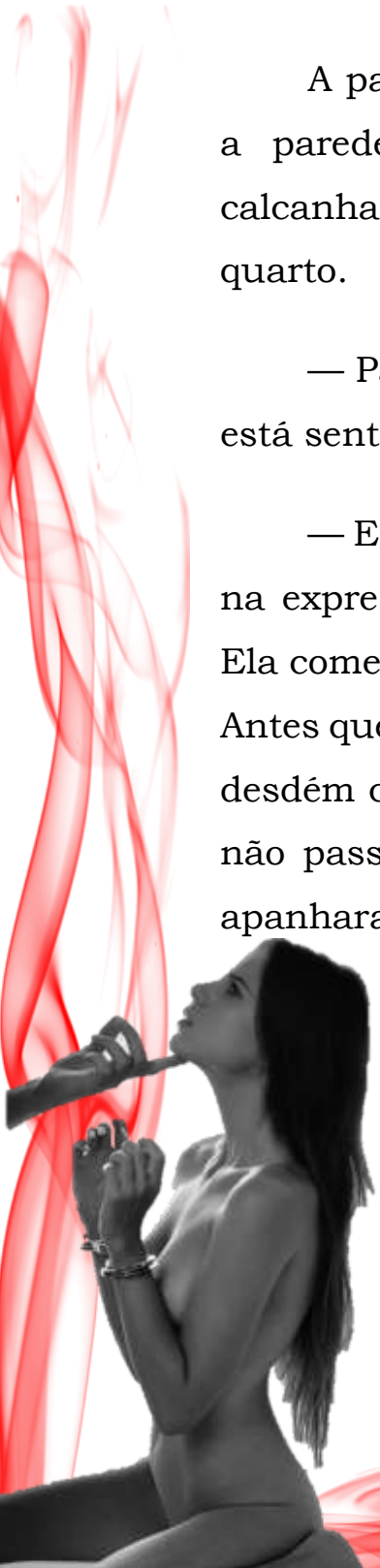
Quando Aaron passou, ele percebeu como o corpo dela se mexia com cada passo que ele dava, como ela estava arrepiada com o frio da sala. Xingando a situação, ele se virou para entrar no seu quarto, através do conjunto oposto de portas. Ele caminhou pelo longo corredor, finalmente rompendo a porta no final. O quarto dele era outro grande espaço, ricamente decorado, tecidos luxuosos e madeiras escuras

suavizadas pelo toque elegante de metais finos e tapetes de pelúcia. Ele só usava o espaço para dormir, gastava muito de seu tempo fora do complexo, ou enterrado em negocios em seu escritório. Marchando em direção ao guarda roupa, ele abriu uma gaveta para pegar uma calça de moletom e uma camiseta preta. As roupas iriam engoli-la, mas ele não podia deixá-la ficar só de calcinha e sutiã, com ar gelado nos quartos.

A parte traseira do guarda roupa colidiu fortemente com a parede quando Aaron fechou a gaveta. Girando nos calcanhares, ele notou Xander em pé, parado na porta de seu quarto.

— Para quem são as roupas? Por favor, me diga que você está sentindo a necessidade de se vestir mais casualmente.

— Elas são para a menina. — Observando a desaprovação na expressão de Xander, Aaron rapidamente acrescentou — Ela comeu, ou foi ao banheiro? Inferno... Ou tomou banho? — Antes que Xander pudesse responder, Aaron moveu a mão com desdém com a sua pergunta. — O concerto foi ontem à noite, não passou nem 24 horas desde o momento em que eles a apanharam. — Suas palavras saíram em um murmúrio cansado, como se pensasse em voz alta ao invés de tentar se comunicar.



— Ela tomou banho antes da festa. Ela... Chateou-se quando Marcus tentou puxá-la do quarto.

A voz de Aaron trovejou ao que Xander tinha acabado de explicar.

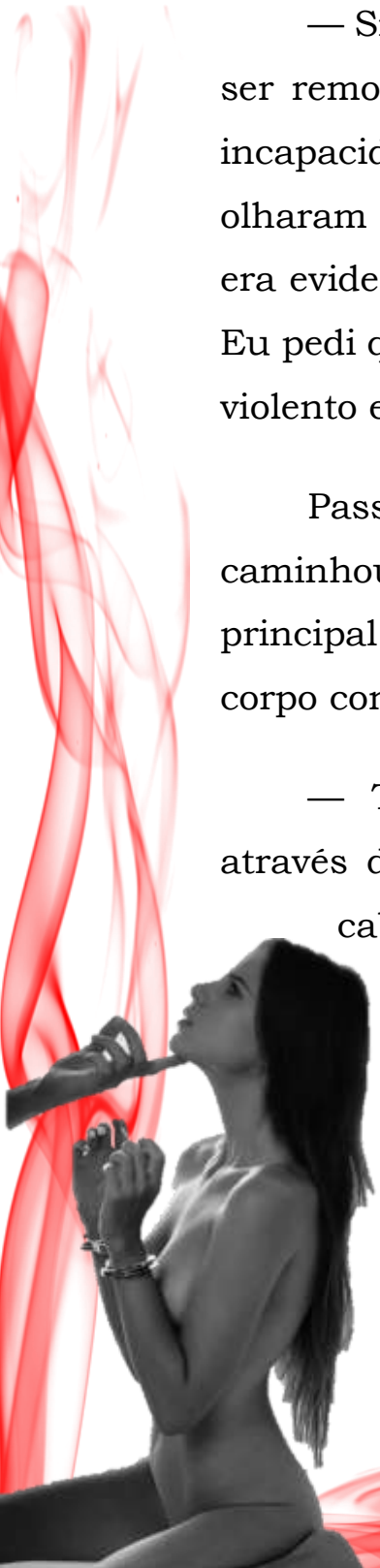
— Marcus? Que porra Marcus estava fazendo perto dela? Ele é a razão para a marca em seu rosto?

Xander soltou um suspiro calmante.

— Sim. Marcus foi colocado em nossa equipe hoje. Ele vai ser removido e nunca ficara perto dela novamente, por sua incapacidade de seguir as instruções. — Os olhos de Xander olharam diretamente para Aaron, sua honestidade e intenção era evidente, mas um toque de culpa escureceu seu olhar. — Eu pedi que Marcus a vigiasse, eu não considerei que ele seria violento em sua tarefa.

Passando direto por Xander, Aaron saiu do quarto e caminhou rapidamente pelo corredor, de volta para a sala principal. Ele se aproximou de Maddy, mas parou quando seu corpo começou a tremer visivelmente em sua proximidade.

— Trouxe-lhe algumas roupas. — Sua voz trovejou através da sala, fazendo Maddy choramingar com o som. A cabeça de Aaron se inclinou quando ele esticou o pescoço, relaxando os músculos tensos. Baixando a voz, de modo que ficasse mais suave, ele disse: — Elas são, provavelmente, muito grandes para você, mas elas vão aquecê-la.



Madeleine continuou a tremer em silêncio, a paciência de Aaron diminuía a cada segundo que ela

não respondia. Ele abriu a boca ser mais austero, assustá-la em sua apresentação, mas sua compaixão levou a melhor sobre ele naquele momento. Ela era tão pequena, estava tão absolutamente aterrorizada que estava quase catatônica.

Xander entrou na sala de estar e Aaron passou por ele, com força empurrou as roupas nas mãos dele.

— Certifique-se que ela os coloque. Veja suas necessidades básicas, mas a deixe dormir depois disso. Eu não estou com humor para o desafio desta noite. Vamos começar o treinamento de manhã. — Ele começou a se afastar, mas parou abruptamente, se virando para perguntar baixinho: — Será que ela falou desde que chegou aqui?

Balançando a cabeça, em resposta, os olhos de Xander se voltaram para a mulher encolhida.

— Ela falou muito pouco, mas falou.

Um breve aceno de cabeça e Aaron se aproximou de seu escritório, desaparecendo por trás das grandes portas de madeira, antes de bater-las, fechando.



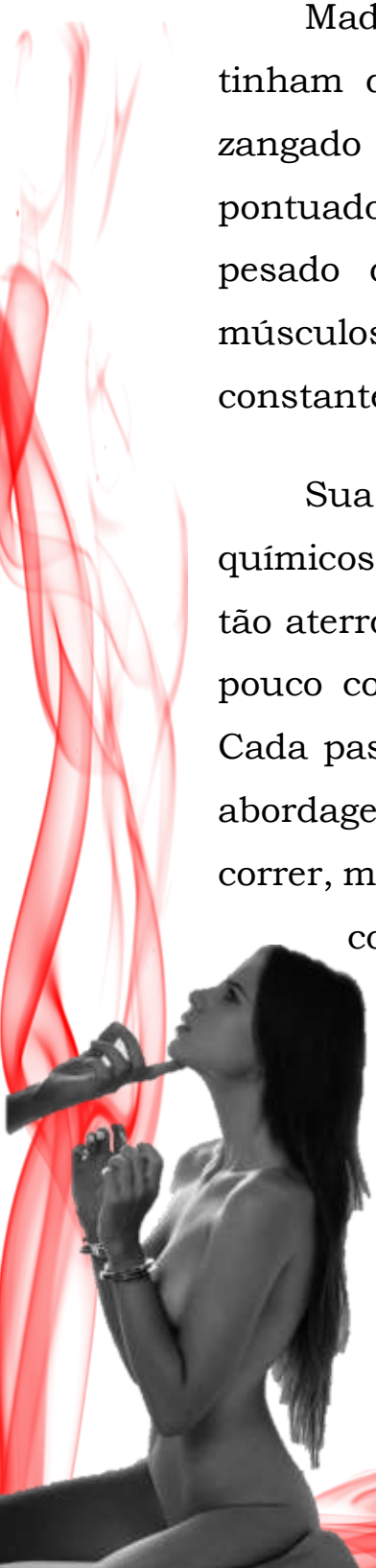
Xander se moveu lentamente em direção a Maddy. Seus passos eram suaves contra o chão, não querendo assustá-la, enquanto se aproximava. Com uma voz suave, ele murmurou.

— Tsk, Tsk, Grilo. Essa não é a forma como tratamos o nosso Mestre.

Capítulo Seis

Madeleine tinha ouvido pedaços do que os homens tinham discutindo por trás dessas grandes portas. O tom zangado das palavras de Aaron foi aterrorizante, apenas pontuado pelo lasca aguda de vidro se quebrando e o som pesado dos objetos maiores que batiam no chão. Seus músculos tremiam e ondulavam, em revolta, por seu aperto constante de medo.

Sua mente estava cansada, inundada de produtos químicos, se afogando em pânico e pavor. No entanto, mesmo tão aterrorizante quanto a discussão acalorada tinha sido, foi pouco comparado ao momento em que ele passou por ela. Cada passo ecoava, roçava seus sentidos, avisando-a de sua abordagem. Adrenalina corria em suas veias, gritando para ela correr, mesmo sabendo que não havia lugar para ir. Sua mente corria com idéias e imagens do que ele iria fazer em seguida. Ela se apertou dentro de si mesma, após a exaustão de seu corpo, mas ele continuou andando... Sem um toque ou um som. Quando ele atravessou o conjunto oposto de portas, ela forçou um soluço, sem saber o que a esperava, o não saber, foi à parte mais assustadora de todas.

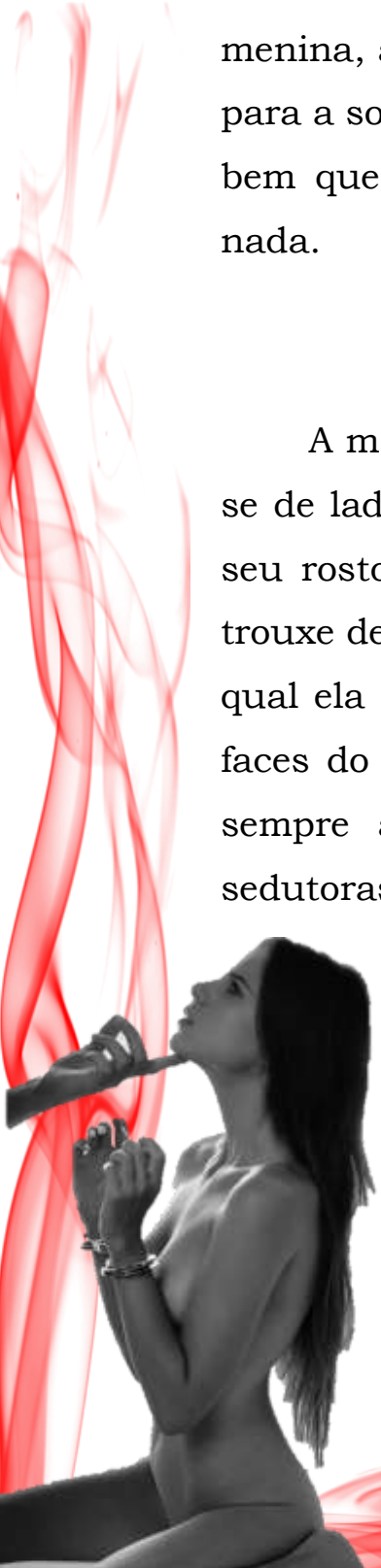


— Você precisa se levantar e se vestir, Grilo. Não há tolerância para a desobediência.

Grilo...

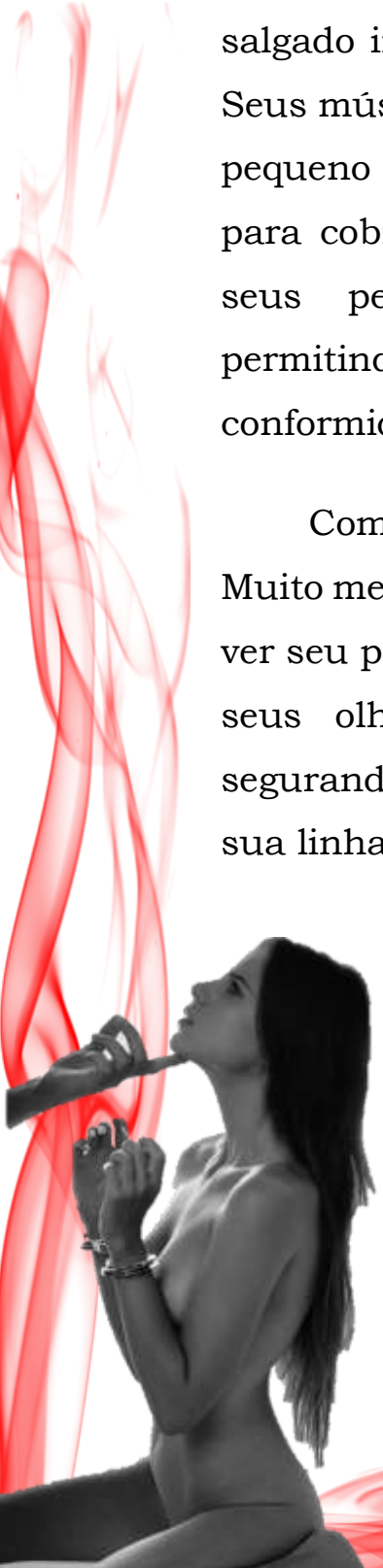
Ele continuava a chamá-la por esse nome, uma falsa aparência de afeto. Era o tipo de nome que lhe foi dado como se ela fosse uma criança: a partir de um homem para uma menina, a partir de um pai para uma filha, a partir de um tio para a sobrinha. Ela adoeceu ao ouvir o nome, sabendo muito bem que este homem não tinha nenhum afeto por ela, em nada.

A mão de Xander desceu para roçar seu rosto. Movendo-se de lado ele retirou os fios que se amontoaram e escodiam seu rosto, tirou-a do único esconderijo que ela tinha. Ele a trouxe de volta ao presente, a verdade inegável do pesadelo do qual ela não podia acordar: olhou para frente, para as belas faces do monstro que a segurava. Enquanto crescia, seu tio sempre avisou que o mal se escondia dentro das mais sedutoras formas, dava as suas vítimas uma falsa sensação de maravilha... De esperança. Madeleine agora entendia suas advertências, desejando que ela nunca se aventurasse fora do seu mundo pequeno, da sua casa acolhedora, na noite em que eles a agarraram para nunca deixá-la ir.



— De pé, Grilo. AGORA — O tom da voz dele fez tremer seu pequeno corpo. Se não fosse o medo de ser atingida, ela teria permanecido envolta dentro do casulo de seu corpo. Obrigando-se a ficar em uma posição ereta, as lágrimas escorreriam de seus olhos, pequenos pedaços de calor deslizando ao longo de suas bochechas, transformando-se em frio, antes de acabar ao longo do vinco dos lábios. O sabor salgado infiltrou-se em sua boca, outro lembrete de sua dor. Seus músculos gritaram em objeção, quando ela estendeu seu pequeno corpo. Seus braços instantaneamente mudaram-se para cobrir os seios, a vergonha, mais uma vez envolvendo seus pensamentos. Xander permaneceu em silêncio, permitindo-lhe o tempo para se adaptar, para entrar em conformidade com seu pedido.

Com as pernas trêmulas, ela estava na altura máxima. Muito menor que o homem que estava à sua frente, ela só podia ver seu peito, as calças, os sapatos, sem se atrever a olhar em seus olhos atentos. Ele estendeu as roupas para ela, segurando-as para baixo, para que pudessem estar dentro da sua linha de visão.



— Coloque isso e então eu vou acompanhá-la até o banheiro. Você está com fome?

Maddy sacudiu a cabeça, o movimento quase imperceptível, mas Xander ainda observou sua recusa em comer.

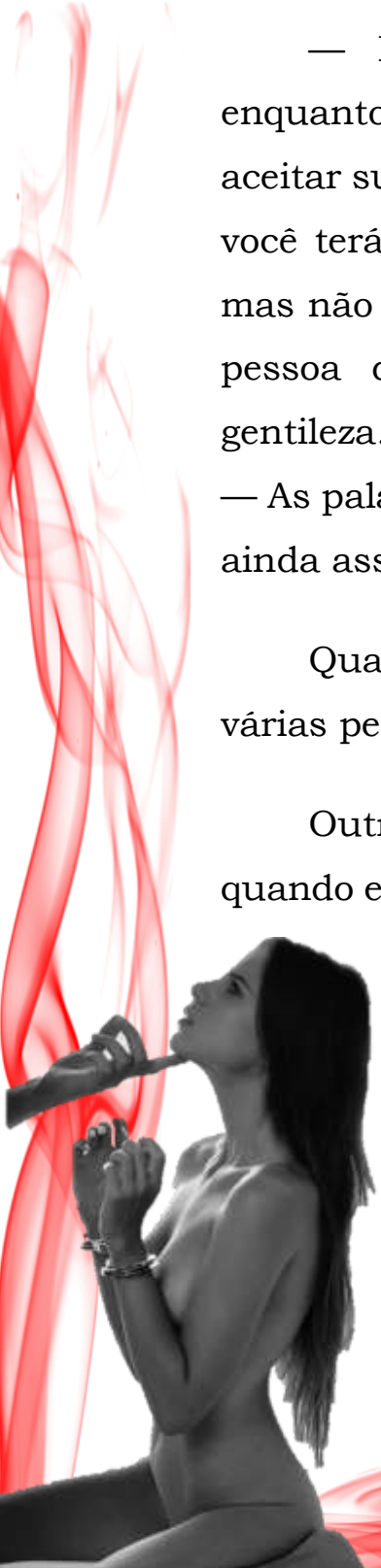
— Muito bem. Pegue as roupas. — Ele as empurrou para frente, fazendo com que suas mãos entrassem em contato com a pele dela.

Ela forçou um suspiro antes de estender a mão para aceitar a oferta. Sua modéstia levou a melhor sobre ela, quando ela virou para se vestir.

— Não. — Ele agarrou suavemente seus ombros, enquanto ela dava as costas para ele. — Você deve aprender a aceitar sua nudez. Fora destas paredes, será a única coisa que você terá. Seu mestre é gentil, fornecendo-lhe essas roupas, mas não espere o mesmo nível de bondade de qualquer outra pessoa dentro da propriedade. Você deve apreciar essa gentileza. Ele se arrisca, permitindo-lhe este pequeno conforto. — As palavras de Xander foram ditas com uma voz suave, mas ainda assim cortaram como uma navalha.

Qualquer outra pessoa... Então ela seria repassada para várias pessoas, um brinquedo e nada mais.

Outra corrente de ar, a respiração rapidamente a deixou quando ela aceitou seu destino. Colocou as roupas em cima da mesa, ao lado dela, escolhendo vestir a t-shirt, grande, primeiro, efetivamente se cobrindo o mais rápido possível. A t-shirt poderia ter sido um vestido. Ia até os joelhos, engolia a maior parte de seu pequeno corpo. Xander riu suavemente.

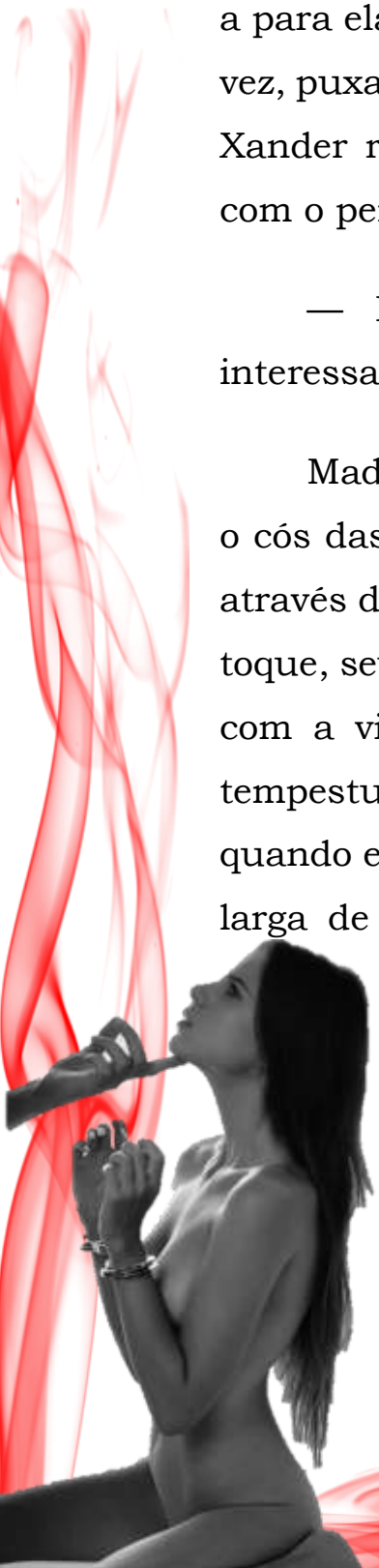


— Como você é tão pequena, eu não vejo necessidade para as calças, mas tenho certeza que você gostaria de estar coberta, tanto quanto possível.

Sua mão parou sobre as calças, enquanto ela esperava que ele terminasse sua observação. Assim que a última sílaba tinha deixado a boca dele, sua mão agarrou o tecido, puxando-a para ela. Colocou as calças, em uma perna trêmula, de uma vez, puxando o comprimento total do material sobre seu corpo. Xander riu de novo quando percebeu como o cós reuniu-se com o peito.

— Parece que eu preciso ir às compras. Vai ser interessante tentar contrabandear roupas sem ser percebido.

Maddy pulou novamente quando as mãos dele agarraram o cós das calças, os dedos roçando as pontas dos seus seios, através do tecido fino da camisa. Arqueando para longe de seu toque, seus olhos espiaram os dele. Sua respiração ficou presa com a visão de seus olhos azuis, a cor lembrara um mar tempestuoso. Dentes perfeitamente brancos apareceram, quando ele sorriu. Ele moveu cós das calças para a parte mais larga de seus quadris, puxou o cordão apertado, antes de amarrá-lo no lugar.



— Por hora isso basta. Agora me siga. — O corpo magro de Xander se virou com uma graça felina, quando ele a levou pelo longo corredor. A flexão e contração de sua forma muscular era claramente visível sob a camisa preta que ele usava.

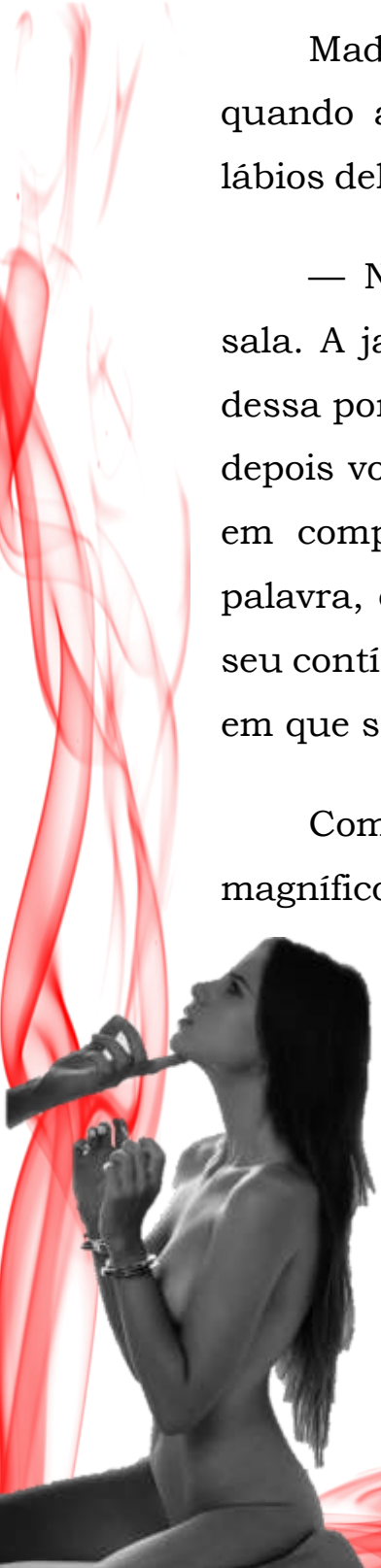
Como Aaron, Xander exalava um perigo silencioso, o mesmo que de um tigre adormecido. Ela quebrou o olhar dele, seus olhos se foram para os quadros nas paredes e cadeiras que se alinhavam nos salões. Parando de repente, Xander se virou, estendendo a mão para dirigi-la a uma sala à direita.

— O banheiro é lá dentro.

Maddy estava passando por ele para entrar no banheiro quando a mão dele se aproximou e apertou seu braço. Os lábios dele fizeram cócegas em seu ouvido, enquanto ele falava.

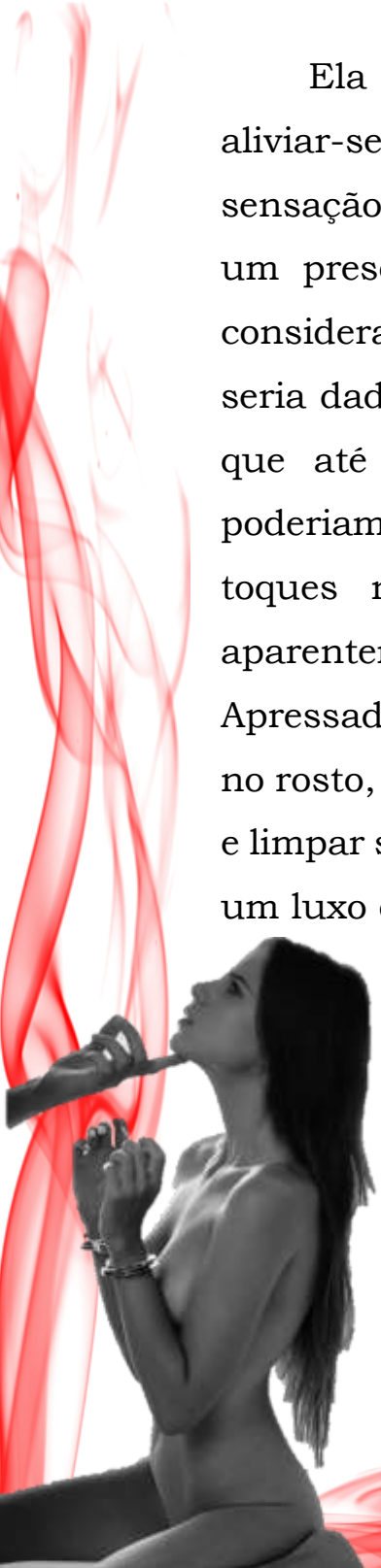
— Não há nenhuma maneira de você escapar daquela sala. A janela está fechada e eu vou esperar do lado de fora dessa porta. Use o banheiro, lave o rosto e escove os dentes, e depois volte para o corredor. — Maddy acenou com a cabeça, em compreensão, antes de Xander a deixar ir. Sem uma palavra, ela entrou no banheiro e fechou a porta atrás de si, seu contínuo silêncio era a única saída que ela tinha do inferno em que se encontrava.

Como os outros quartos, o banheiro era grande e magnífico. Maddy se perguntou brevemente qual era a quantidade de dinheiro que se gastava para manter uma casa como esta. Os pisos do banheiro eram as mesmas escuras pedras de ardósia cinza, como a do corredor que levava para o apartamento de Aaron. Granito preto foi usado para o balcão, banheira e chuveiro. Paredes de tijolos de vidro foram usadas para separar os diferentes espaços. Espalhado por



todo grande cômodo, tinha tapetes de pelúcia, que Maddy sentia com os seus pés descalços. As paredes eram de um cinza escuro, mas a escuridão da sala foi quebrada pela luz refletida pelas luminárias de prata polida e saboneteiras de cristal. Mesmo este banheiro não tinha sido poupado de belas obras de arte, que estavam adornando as paredes de cada quarto que tinha visto dentro da propriedade.

Ela se moveu rapidamente, tendo necessidade para aliviar-se, por ter ficado várias horas sem ir ao banheiro. A sensação de uma coisa tão simples como esvaziar a bexiga foi um presente de boas-vindas, uma coisa que nunca tinha considerado que um dia, seria uma espécie de cortesia que lhe seria dada por outra pessoa. Ela fez uma careta por perceber que até mesmo as necessidades humanas mais básicas poderiam ser negadas pelo capricho de seus captores. Dois toques na porta a alertaram para o fato de que ela aparentemente tinha ficado ali por muito tempo. Apressadamente, ela mudou-se para a pia e jogou água quente no rosto, antes de abrir uma das escovas de dente de hóspedes e limpar sua boca. A sensação de dentes limpos, de repente era um luxo que tinha, desde sua captura.



Depois de colocar a escova de dente em cima do balcão, Maddy voltou para o corredor como instruído. Em silêncio, Xander a levou mais fundo no corredor, para outra sala. Ele abriu a porta e fez sinal para que ela entrasse. Os passos de Maddy falhavam com ela, fazendo-a tropeçar na visão da

grande cama no centro do quarto. Sua cabeça girou para olhar Xander, em uma pergunta silenciosa. Os olhos dele pareciam profundamente dentro dela e entao uma linha de sorriso beliscou em seus lábios.

— Hoje à noite, ele é apenas para dormir. Por instruções do seu Mestre.

Um suspiro de alívio se acumulou em seu corpo, um arrepio serpenteou ao longo de sua coluna vertebral. No entanto, ainda não confiando completamente nas palavras de Xander, Maddy mudou-se para o canto oposto do quarto, tão longe da cama quanto possível. Ela observou como seus ombros sacudiram com o riso silencioso.

— Se eu quisesse levá-la, Grilo, essa distância que você coloca entre a cama e você não me impediria de fazê-lo. — Piscando-lhe um rápido sorriso, se virou e caminhou para fora do quarto, fechando e trancando a porta atrás dele quando saiu.

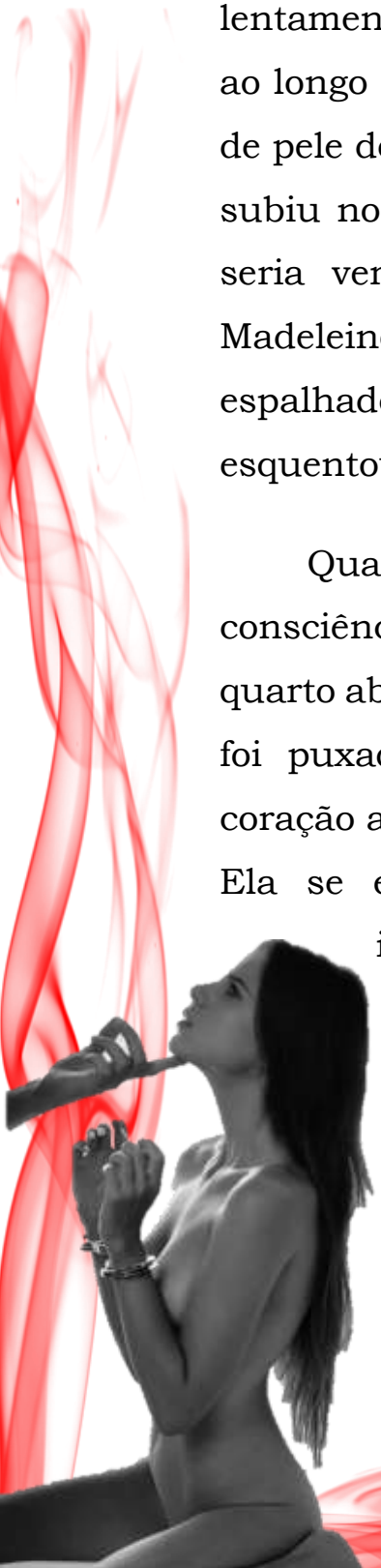
Sua postura relaxou com a ausência dele e, de repente, sentiu as pálpebras pesadas. Com a exaustão consumindo todos os músculos do seu corpo, os olhos de Maddy cairam sobre os cobertores macios da cama. Dormir. Ela precisava dormir, mas sabia que o medo que ela iria encontrar ao acordar pela manhã iria impedi-la de nunca cruzar essa ponte bendita, entre a vigília e o sono. Ainda assim, deitar lhe traria um pouco de paz, outra pequena cortesia proporcionada por



Aaron. Ela se perguntou sobre suas intenções. Será que ele estava sendo gentil agora, só para ganhar a confiança dela de um modo que sua eventual violação seria mais fácil de realizar?

O carpete de pelúcia esfregou contra seus pés, forçando-se para cima, entre seus dedos dos pés, enquanto ela lentamente se arrastou para a cama. Estendendo a mão, tocou ao longo dos tecidos macios, o silêncio só amplificando o som de pele deslizando contra a seda. Ela estava hesitante quando subiu no colchão, não tendo certeza se a bondade de Aaron seria verdadeira. Com a exaustão finalmente assumindo, Madeleine enrolou-se com o cobertor aveludado que tinha sido espalhado ao longo da base da cama. O material grosso a esquentou instantaneamente.

Quando seus olhos se fecharam e ela pairou entre consciência e o sono sem sonhos, ela ouviu a porta de seu quarto abrir, e um barulho conhecido veio logo em seguida. Ela foi puxada violentamente de seu estado letárgico, com o coração acelerado, devido ao seu súbito retorno à consciencia. Ela se empurrou sobre o colchão com os dois braços, instintivamente forçando seu corpo para trás, para fora da cama, e correu para agachar-se em um canto, na parede mais distante.



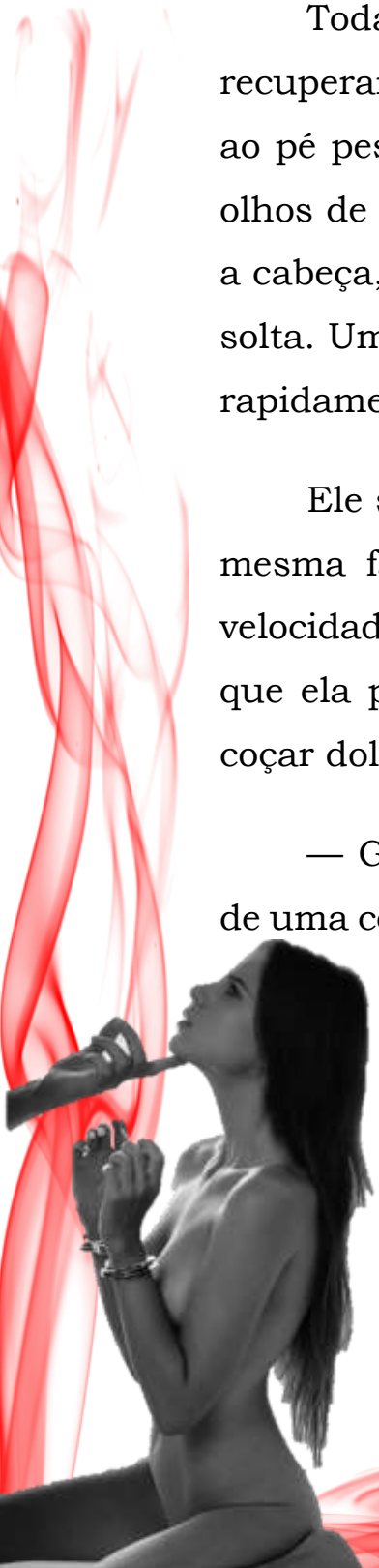
Com um riso escuro, Xander se divertiu com seu comportamento.

— Ahhh, meu pequeno Grilo, o que eu vou fazer com você? — O barulho alto das correntes batendo no chão, atingiu seu ouvido. — Eu pensei em lhe trazer alguma coisa para vestir. Você se lembra das algemas, não é? Infelizmente, esta noite você vai estar com elas também. Não podemos correr o risco de sua fuga.

Toda pitada de carinho se foi, quando Xander se abaixou, recuperando uma extremidade da corrente antes de prendê-la ao pé pesado da cama. A ameaça de lágrimas queimavam os olhos de Maddy, mas ela colocou as mãos para fora e abanou a cabeça, silenciosamente implorando para que ele a deixasse solta. Uma máscara de simpátia caiu sobre seu rosto, mas foi rapidamente substituída por uma expressão de desinteresse.

Ele se moveu rapidamente pelo quarto, pegando-a com a mesma facilidade, como se ela não tivesse se movido. Sua velocidade foi desorientadora, pegando-a de surpresa antes que ela pudesse reagir. Ela gritou, o volume da voz fazendo coçar dolorosamente sua garganta já crua.

— Grilo, acalme-se! — Com uma rapidez semelhante ao de uma cobra, Xander empurrou Maddy com o rosto para baixo sobre a cama. Pressionando uma grande mão contra o centro de suas costas, ele usou a outra para conter as pernas. Seu peito arfava em seu ombro quando ele se inclinou sobre ela. Maddy gritou de novo, incapaz de simplesmente aceitar o que estava sendo feito.



A porta do quarto se abriu novamente.

— O que diabos está acontecendo aqui? — Aaron veio marchando através da porta aberta, parando de repente quando viu Xander pressionado contra as costas de Maddy. — Xander. Explique, AGORA!

Um pequeno, clique metálico avisou que Xander terminara de trancar a algema em torno do tornozelo de Madeleine. Levantando-se, ele alisou a frente de sua camisa e calças, seu cabelo já bagunçado tinha ficado mais bagunçado ainda, pela luta.

— Eu estava anexando uma corrente na mulher, garantindo que você e eu possamos dormir bem esta noite e não nos preocuparmos se ela vai tentar fugir. — Vendo a raiva por trás dos olhos de Aaron, Xander percebeu rapidamente o que deve ter parecido quando ele entrou. — Eu juro a você, Aaron, isso é tudo que estava acontecendo aqui. Você pode perguntar ao pequeno Grilo e... E ela vai falar, o que é...

Os olhos de Aaron se estreitaram; raiva, uma enorme brasa queimava dentro dele.



— E quem lhe disse para prender a menina? — O tom de suas palavras causou calafrios sobre a pele de Maddy, escuro e letal, a voz de Aaron trazia a ameaça que estava dentro de seus pensamentos.

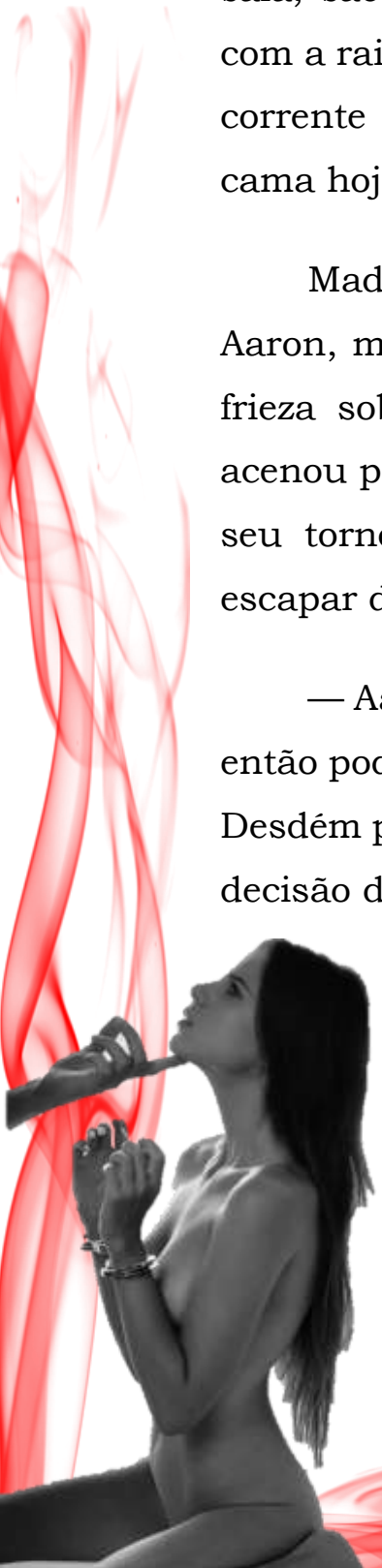
Xander ficou mudo por alguns segundos, finalmente entendendo a questão levantada por Aaron e a ameaça implícita.

— Ninguém, Aaron. Assumi...

— Você assumiu ERRADO! — Sua voz ressoou por toda a sala, sacudindo as janelas fazendo com que Maddy saltasse com a raiva súbita que rolou de sua voz. — Agora remova essa corrente da porra, antes que eu algeme o seu traseiro nesta cama hoje à noite!

Maddy tinha certeza Xander iria recuar com a ameaça de Aaron, mas quando ela ousou olhar para ele, ela notou uma frieza sobre ele, que era inesperada. Xander simplesmente acenou para Aaron e estendeu a mão para retirar a algema de seu tornozelo. Depois que ele retirou a corrente, a deixou escapar de sua mão para o chão.

— Aaron, eu não quero te questionar na frente da mulher, então podemos falar em particular, no corredor... Por favor? — Desdém pingava na última palavra, a sua falta de confiança na decisão de Aaron era evidente em seu tom.

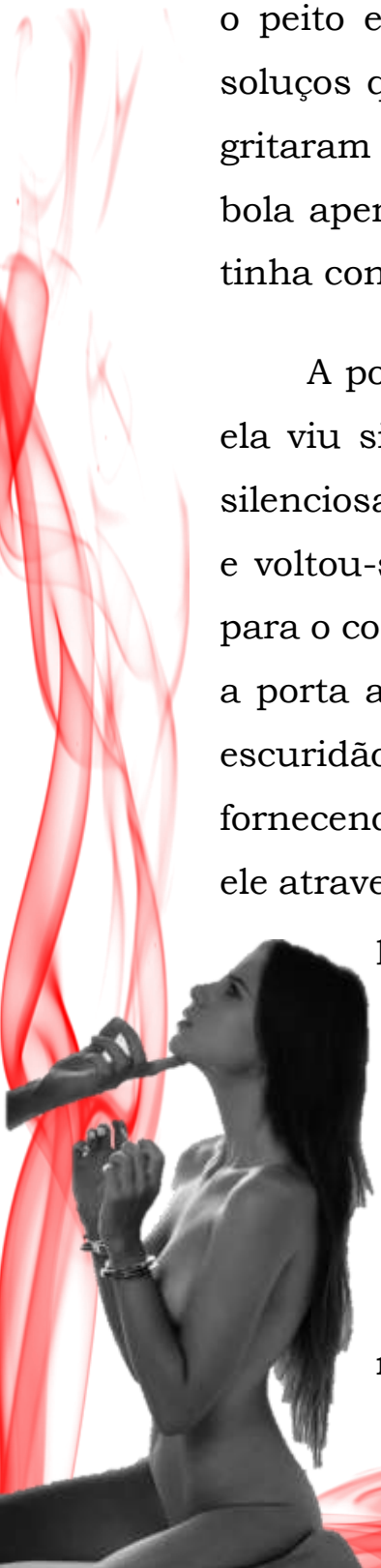


A mão de Aaron chegou por trás dele, encontrando a maçaneta da porta e com força a empurrando aberta, antes de pisar para trás para o corredor. Seus olhos nunca deixaram Xander, quando ele saiu. Uma vez que Aaron havia se virado para aceitar o pedido de Xander, ele caminhou

rapidamente pelo quarto, saindo pela porta, antes de fechá-la silenciosamente atrás dele.

Maddy não podia ouvir a discussão entre os dois homens, em vez disso, ela aproveitou a oportunidade para se levantar da cama, foi para um canto, onde se afundou no chão, curvando-se em uma bola protetora. Seu coração batia contra o peito e seu peito arfava com sua respiração pesada e os soluços que tentou suprimir. Seus músculos, mais uma vez, gritaram com a constrição de ser curvada em si mesma, numa bola apertada, uma posição implacável que seu corpo nunca tinha conhecido até chegar a este lugar.

A porta se abriu de novo, e ambos os homens entraram, ela viu silhuetas contra a luz brilhante do corredor. Xander silenciosamente andou ao redor da cama para pegar a corrente e voltou-se para a porta. Ele passou por Aaron quando saiu para o corredor. Aaron entrou no quarto, lentamente fechando a porta atrás dele. Uma vez fechada, o quarto foi reduzido à escuridão, apenas a luz da lua entrava a partir das janelas, fornecendo luz suficiente para que Maddy pudesse ver quando ele atravessou a sala. Ele parou bem perto dela, seu corpo alto pairando sobre ela, como se fosse uma criança.



Seus soluços finalmente se libertaram de sua garganta e as lágrimas que ela não tinha certeza se poderia produzir, se arrastaram por suas bochechas. O medo tomando seu corpo, enquanto Aaron estava em cima dela. Depois de alguns momentos, ele se abaixou, parando de repente,

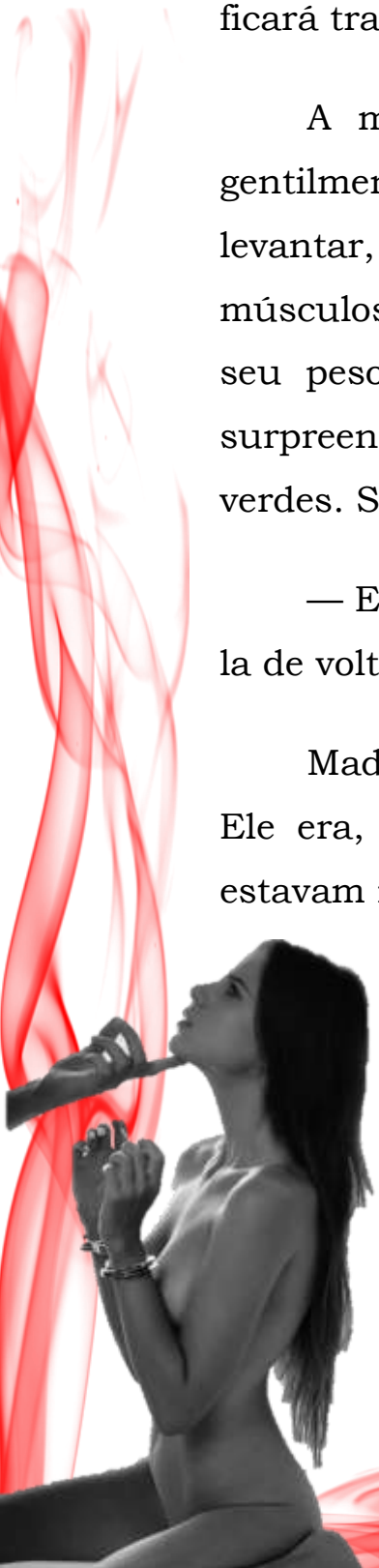
quando seu corpo tremeu violentamente, em resposta ao movimento.

— Eu vou levar você de volta para a cama, Madeleine. Você precisa dormir. Ordenei a Xander que te deixe solta. Solta ouviu? No entanto vou lhe dizer que a sua fuga daqui, é impossível. As janelas não podem ser quebradas e a porta ficará trancada por fora.

A mão dele enrolou-se em seu braço, enquanto ele gentilmente a puxou para cima, a partir do chão. Ela tentou se levantar, não tendo outra escolha a não ser obedecer, mas seus músculos não a obedeciam e não foram capazes de sustentar seu peso. Ela ousou olhar para os olhos de Aaron e foi surpreendida ao ver compaixão por trás daqueles lindos olhos verdes. Sua voz suave chegou até ela quando ele disse.

— Eu vou pega-la. Não farei nada a você, além de coloca-la de volta na cama. Então não grite.

Madeleine olhou para ele, confusa por que ele a protegeu. Ele era, afinal, um dos monstros, um dos homens que a estavam mantendo contra sua vontade, com força, privando-a de sua liberdade. Curvando-se sobre si mesma, ela não se atreveu a mover-se, com muito medo de que ele mudasse de idéia, com medo de que ela não iria escapar de ser espancada ou estuprada por um dos homens que tinham sequestrado.



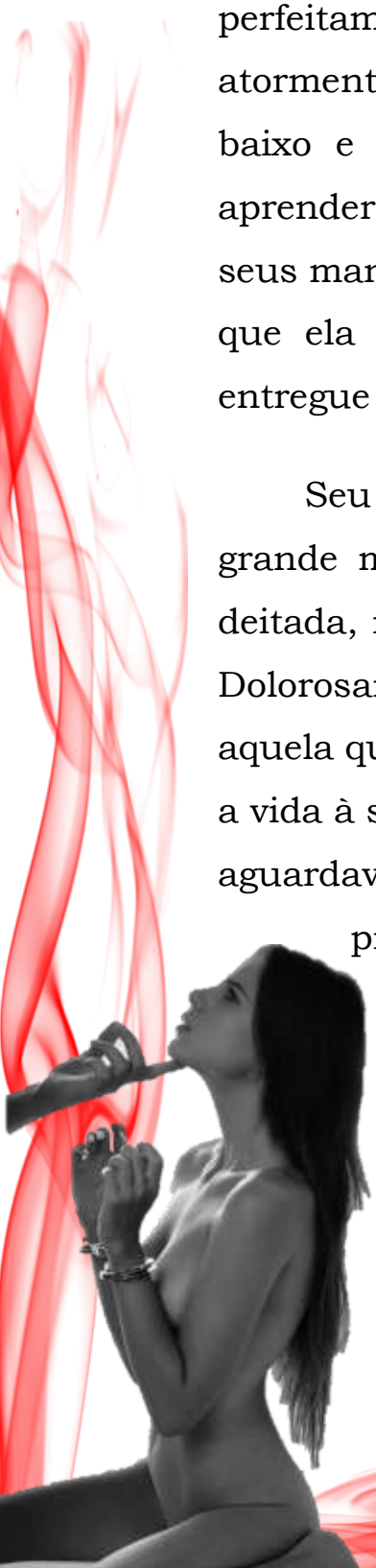
Depois de colocá-la na cama, ele imediatamente a soltou, se afastando de modo que a distância entre eles a deixasse segura, mas ele nunca saiu do quarto. Ele olhou para ela, seus ombros largos, cintura fina e quadris estreitos, recortadas pela luz atrás dele. Queria pedir-lhe para deixá-la ir, convencê-lo de alguma forma que ela merecia a liberdade, mas sua voz falhou. Congelada no lugar, ela permaneceu encolhida, sabendo muito bem que estava à mercê do homem que estava à sua frente.



Capítulo Sete

Aaron ficou observando-a, enquanto ela estava perfeitamente imóvel na grande cama. Não querendo atormentá-la ainda mais com seu toque, ele a colocou para baixo e imediatamente se afastou. Embora ela precisasse aprender a aceitar o toque de um estranho, para obedecer aos seus mandamentos; hoje à noite, ele iria deixá-la dormir, para que ela pudesse aceitar melhor o destino que havia sido entregue a ela.

Seu corpo inteiro estava banhado em sombra, só uma grande massa negra existia, onde ele sabia que ela estava deitada, mas ainda assim, ele não conseguia desviar o olhar. Dolorosamente, seu coração caiu por esta musicista gentil, aquela que não tinha feito nada de errado, que tinha dedicado a vida à sua música. Ela não sabia nada sobre os males que a aguardavam, a futilidade de existir como nada mais que uma propriedade... Um objeto, para ser usado e jogado de lado. Aaron sabia que tinha que fazer alguma coisa por ela, qualquer coisa que a mantivesse segura e ao mesmo tempo não parecesse que estava desafiando seu pai. Mesmo estando protegida do frio, ou com a escuridão da sala, ele podia ver seu corpo tremer em sua presença.



— Eu realmente sinto muito por isso, Madeleine. — Sua voz foi nada mais do que um sussurro, quando ele saiu para o corredor, fechando e trancando, suavemente, a porta atrás de si.

Os passos de Aaron eram firmes e fortes, enquanto caminhava pelo corredor até a sala de estar. Xander silenciosamente foi atrás dele, combinando cada um dos passos de Aaron com os seus. Fechando as portas para o corredor, Aaron continuou em frente, diretamente através da sala de estar e pelas portas do seu escritório. Ele sentou-se atrás de sua grande mesa, inclinando-se para trás em sua cadeira, enquanto aterrava seus dedos por seus cabelos e em seguida levou a ponta dos dedos a boca. Xander sentou-se em uma das grandes poltronas, opostas a Aaron, a superfície lisa da mesa criava uma barreira entre os dois homens.

Um silêncio pesado paiarava sobre suas cabeças, quando Xander finalmente falou.

— Eu sinto muito por minhas ações anteriores. Achei que você gostaria que a mulher fosse presa. Ela poderia facilmente quebrar as janelas para tentar escapar.



Os olhos de Aaron varerram as tapeçarias e pinturas que adornavam as paredes do seu escritório. Sua mente era uma máquina correndo, enquanto ponderava como iria lidar com o presente de seu pai. Finalmente chegou a uma decisão, ele se

virou de repente para a grande extensão de madeira da mesa para enfrentar Xander.

— Mesmo que ela fosse capaz de quebrar uma dessas janelas, ambos sabemos que ela não iria muito longe. Logo seria encontrada... E voltaria.

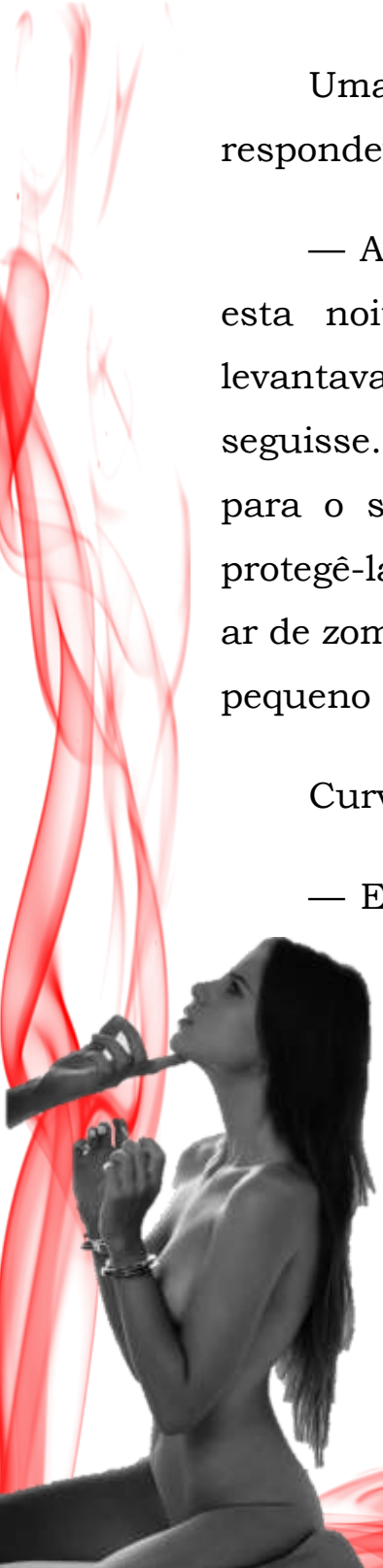
— Mas em que condições?

Uma risada sem humor escapou de Aaron quando ele respondeu:

— Agora, Xander, tenho algo que pretendo cuidar ainda esta noite. — Seu movimento era fluido, enquanto se levantava, atravessando a sala, esperando que Xander o seguisse. Ele parou de repente, olhando por cima do ombro, para o seu melhor amigo. — Não me diga que você quis protegê-la com aquelas correntes... — Sua voz carregava um ar de zombaria. — Você estava então preocupado com o nosso pequeno rato?

Curvando um pouco a cabeça, Xander respondeu:

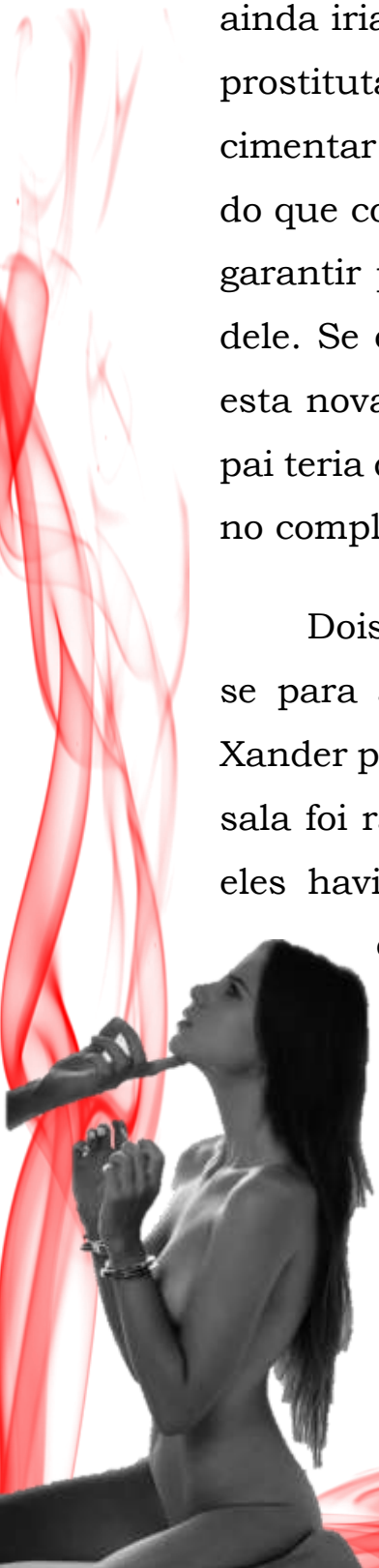
— Ela é tão fraca, Aaron. Eu me pergunto como ela vai sobreviver. — Aaron ficou chocado com a confissão de Xander. Embora ele soubesse que seu melhor amigo e guarda de confiança era, no fundo, um homem de moral, ele nunca o tinha visto demostrar preocupação com a segurança de ninguém, além de Aaron.



— Ela vai sobreviver. Mas eu vou ter de falar com meu pai para me certificar disso — os olhos de Xander ampliaram-se em resposta à declaração de Aaron, mas ele continuou fielmente um passo atrás dele.

Os dois homens caminharam do apartamento de Aaron para o salão de baile, um distante do outro, onde ele sabia que ainda iria encontrar seu pai, miando de bêbado e cercado por prostitutas. Agora era uma oportunidade perfeita para cimentar outra regra neste jogo. Seu pai não queria nada mais do que corromper seu filho com o seu dom, mas Aaron queria garantir publicamente que ninguém tocasse Madeleine, além dele. Se ele pudesse fazer com que seu pai concordasse com esta nova condição na frente dos membros do complexo, seu pai teria que honrar essa condição, proibindo todos os homens no complexo de tocar no que era de Aaron.

Dois homens, ambos vestidos em ternos pretos, viraram-se para abrir as grandes portas duplas, para que Aaron e Xander pudessem passar. Após sua entrada triunfal, o caos da sala foi rapidamente abafado, quando os foliões notaram que eles haviam retornado para a festa. Como esperado, o pai estava sentado no pretenso trono, uma mulher massageava seus ombros, enquanto outra tinha a cabeça enterrada em seu colo. Seu rosto não mostrou reação, apenas um leve balançar de cabeça, sua vergonha com demonstrações públicas como esta, fora perdida anos antes. Os olhos da cor

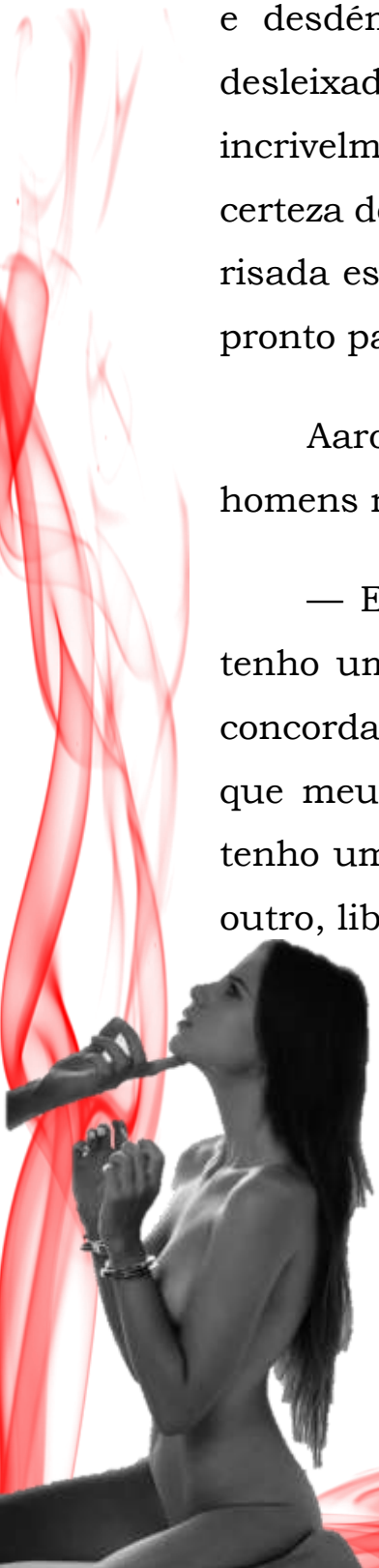


do aço mudaram-se para olhar para Aaron, o pai finalmente reconheceu a presença do filho.

— Aaron... — Suas palavras arrastada reverberou por todo o silêncio abafado da sala, —... É tão bom que você voltou para a celebração de seu nascimento... Espero que você tenha... Gozado de seu presente. — Riso, afogado em zombaria e desdém rolou dos lábios de seu pai, seus movimentos desleixados e palavras arrastadas faziam sua embriaguez incrivelmente aparente. — O que o traz de volta? Eu tinha certeza de que você estaria muito ocupado esta noite. — Outra risada escura. — Ou, se passou tanto tempo que você já está pronto para mais?

Aaron esperou que os gritos de resposta e zombarias dos homens na sala se acalmassem antes de responder.

— Eu agradeço pelo presente, meu pai, no entanto, eu tenho uma condição que eu gostaria de colocar antes de eu concordar em usá-la como você deseja. Veja você, eu prefiro que meu pau não murche ou caia do meu corpo, então eu tenho uma coisa sobre putas não serem passada de um para outro, liberalmente.



A sobrancelha perfeita de seu pai arqueou interrogativamente.

— E o que, exatamente, é isso que você está pedindo, Aaron? — A voz de seu pai se aprofundou enquanto falava. Aaron esperava que seu pai

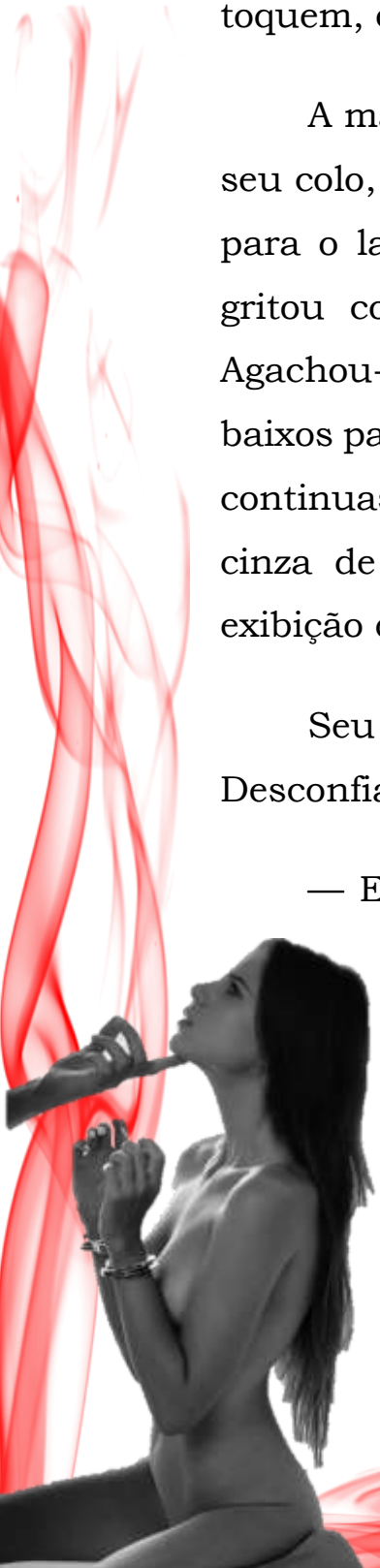
acreditasse que tinha conseguido, finalmente, corrompe-lo, no entanto, ele sabia que o homem era muito perspicaz para acreditar que ele havia cedido tão facilmente. Eles estavam jogando este jogo maldito por muito tempo.

— Estou pedindo que a escrava seja minha, somente minha, que você rencomende aos seus homens que não a toquem, enquanto ela permanecer ao meu serviço.

A mão de seu pai agarrou a cabeça ainda balançando em seu colo, puxando a mulher para trás pelos cabelos e jogando para o lado, como se não fosse nada mais do que lixo. Ela gritou com a ação, mas sabia que não devia se afastar. Agachou-se aos seus pés, permanecendo imóvel, os olhos baixos para o chão, enquanto esperava que seu pai pedisse que continuasse. Aaron manteve os olhos treinados, nos olhos cinza de seu pai, não querendo olhar para baixo e ver a exibição descarada de seu pai.

Seu pai levou um momento antes de responder. Desconfiado, olhando seu filho, ele finalmente falou.

— Eu tenho que admitir, estou um pouco chocado com seu pedido. Eu tinha certeza que a teria jogado para o lado, recusando a minha oferta.

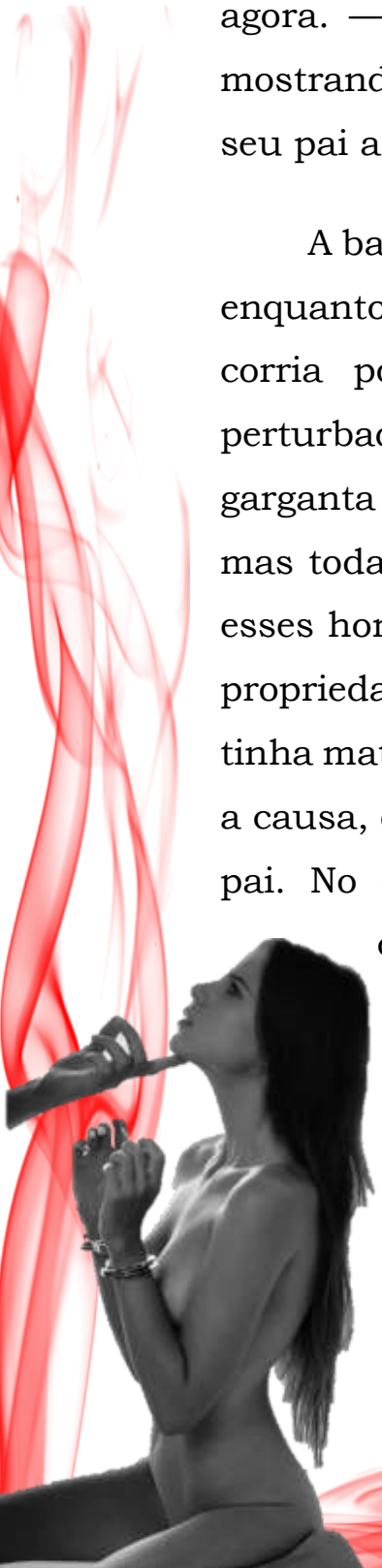


Empurrando os ombros para trás, Aaron escolheu cuidadosamente suas palavras. A segurança de Madeleine estava em risco, ele

precisava garantir que ela seria vista como propriedade dele.

— Eu assumo pai, que você achou a mulher, e eu tenho interesse por ela. Talvez, você tenha me seguido na noite de sua apresentação. Supondo que este seja o caso, você sabe então que eu estava interessado nela, antes mesmo de receber seu presente. Não faria nenhum sentido para eu dividi-la, agora. — Ele fez com que sua voz fosse firme e forte, não mostrando sinais de sua necessidade desesperada, para que seu pai aceitasse publicamente seu pedido.

A batida frenética de seu coração ecoava em seus ouvidos, enquanto esperava pela resposta de seu pai. Um som pulsante corria por sua cabeça. O silêncio do salão foi apenas perturbado pelo arrastar de pés, tosse ou o som de uma garganta sendo limpa. Não era apenas Aaron que esperava, mas todas as pessoas no salão também. Aaron ja tinha visto esses homens participarem das depravações que ocorriam na propriedade, nas ações cruéis e sádicas de seu pai. Sim, ele tinha matado, tinha tomado as vidas daqueles que ameaçavam a causa, que ao longo dos anos, tinha sido construída por seu pai. No entanto, Aaron tinha agido apenas contra outros criminosos, outras pessoas que ja tinham cometido mal o suficiente, que o mundo nunca iria lamentar sua ausência.



Se não tivesse sido pela embriaguez de seu pai, Aaron sabia que seus motivos teriam sido mais explorados. Ele estava de pé e seu pai mal conseguia

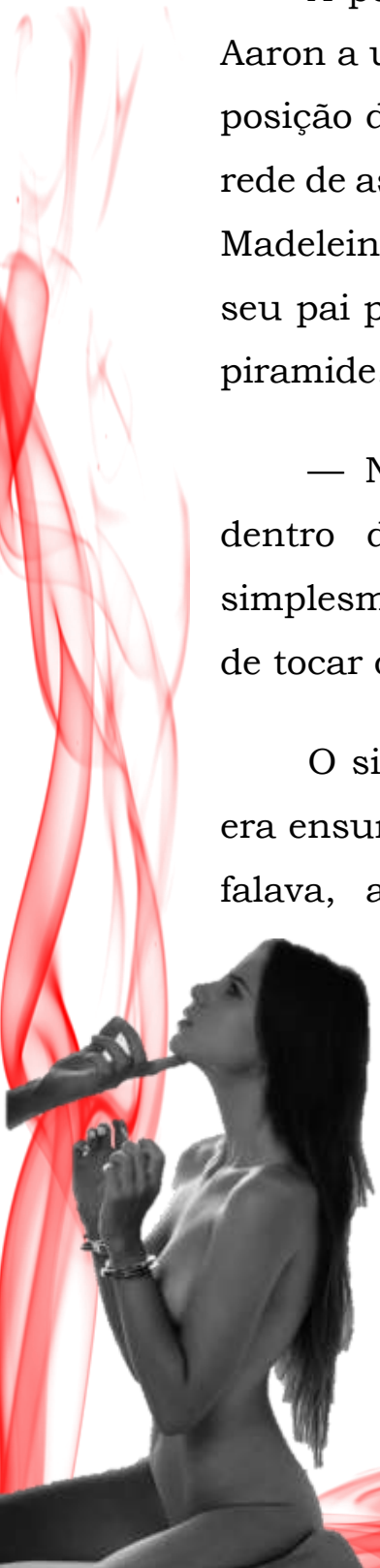
permanecer sentado, muito menos ter a função mental suficiente para ver além da intenção de Aaron.

— E o seu pedido é que ela permaneça intocável para todos os homens nesta sala? Ela é um brinquedo guardado para o seu prazer, sozinho?

A pergunta ponderada de seu pai se destinava a incitar Aaron a um erro. Ele sabia que seu pai estava colocando-o em posição de, mais uma vez, ser lembrado quem governava esta rede de assassinos e ladrões. Se Aaron desse a resposta errada, Madeleine seria arrastada para fora, agora mesmo, para que seu pai pudesse mostrar a ele que estava sentado no topo da piramide.

— Não, pai. Eu ainda estou bem ciente de que nada dentro deste complexo pode ser negado a você. Estou simplesmente solicitando que todos os outros sejam impedidos de tocar o que é meu.

O silêncio, enquanto aguardava a aprovação de seu pai, era ensurdecedor, contra os pensamentos de Aaron. Ninguém falava, até as tosses curtas e secas estavam ausentes, enquanto se aguardava a resposta de seu pai. De pé firme, os olhos verdes nunca se desviaram do olhar do escrutínio, aço cinza.



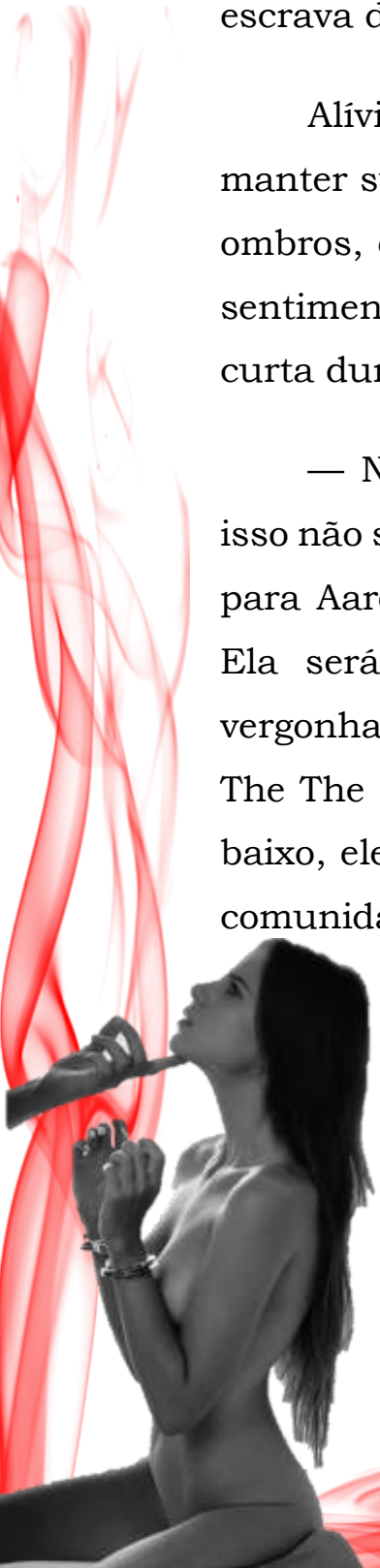
— Muito bem, Aaron, é bom vê-lo entender quem ainda está no topo da cadeia alimentar.

Mudando em seu assento, enquanto dobrava-se para trás em suas calças, seu pai levantou a mão e estalou, convocando Emory, seu homem de confiança.

— Haverá um novo decreto que precisa ser entregue o mais rápido possível... — Emory abaixou a cabeça, indicando que o decreto seria redigido. — ... Ninguém deve tocar a escrava de Aaron.

Alívio inundou o corpo de Aaron, enquanto ele lutava para manter sua posição firme, não querendo que a queda de seus ombros, ou o relaxamento dos seus músculos, traissem seus sentimentos perante o grupo. Esse alívio, no entanto, foi de curta duração.

— No entanto, embora ninguém possa tocar a escrava, isso não significa que ela poderá ficar escondida. — Ele se virou para Aaron, a diversão era evidente em seu olhar escuro. — Ela será exibida quando solicitado por mim. Seria uma vergonha o seu brinquedo ser mantido, trancado sem gozar da The The Estate. — Baixando a voz a um nível perigosamente baixo, ele acrescentou. — Não se esqueça de que somos uma comunidade, meu filho. Onde não é permitido a nenhum homem o egoísmo.



Não foi uma vitória completa, mas foi um vitória. Aaron baixou a cabeça em reconhecimento silencioso à permissão de seu pai. A tensão entre pai e filho era palpável, fazendo Emory parar e limpar a garganta, a fim de interromper a troca não dita.

— E se um homem quebrar o decreto e tocar a mulher sem a permissão de Aaron?

Os olhos cinzentos de aço, finalmente sairam de Aaron, redirecionando seu foco em Emory.

— Então este homem deverá perder qualquer parte de seu corpo que entrou em contato com ela.

Silêncio novamente, onde o grupo de homens percebeu a seriedade de suas palavras.

Tendo recebido o que seria sua resposta, Aaron inclinou a cabeça antes de se virar para ir embora.

— Só mais uma coisa, filho...

Aaron se virou seus olhos encontrando o mais frio do aço.

— Você tem cinco dias. Espero que dentro desse tempo, ela seja mantida sob controle, ensine os caminhos de sua nova vida. E no fim da semana, eu estarei convidando você para mostrar o seu animal de estimação para mim, aonde vai me mostrar o quão bem você pode treinar uma escrava.



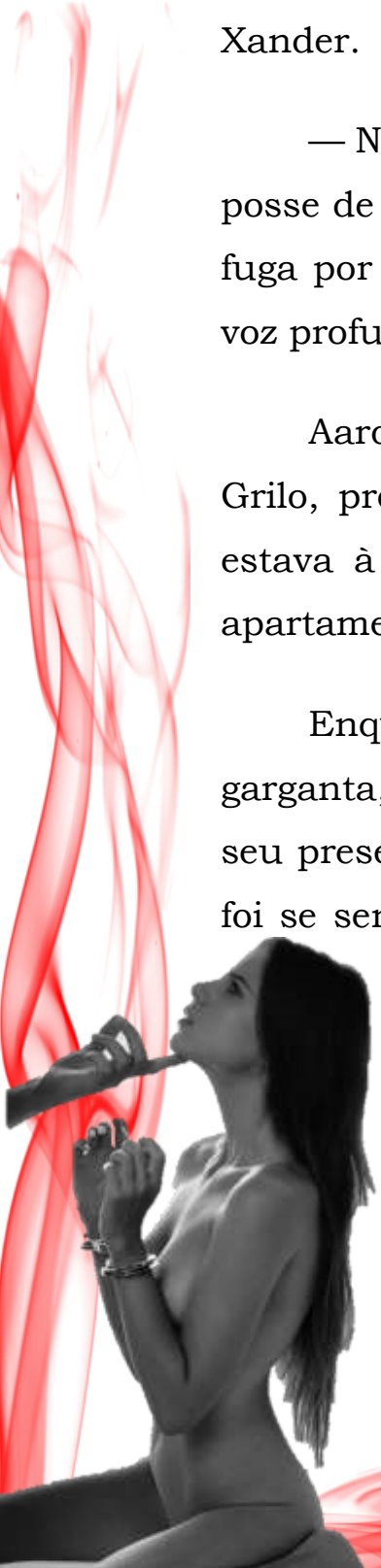
Consciente de que a declaração de seu pai era mais uma ordem do que um pedido, Aaron simplesmente virou-se para continuar seu caminho para fora do salão, uma resposta não sendo necessária.

As grandes portas se fecharam atrás deles enquanto, Aaron e Xander sem trocar uma palavra andavam pelo longo corredor de volta ao apartamento. Uma vez que estavam de volta dentro das paredes de seu espaço privado, Aaron virou-se para a barra lateral, puxando uma garrafa de cristal, contendo o melhor scotch que o dinheiro podia comprar. Enchendo o copo, se virou para oferecer uma bebida para Xander.

— Não, obrigado. Acredito que um de nós precisa estar de posse de todo o juízo hoje à noite, caso haja uma tentativa de fuga por parte de nossa hóspede. — Disse Xander com uma voz profunda, com um ar de sarcasmo.

Aaron não rebateu a observação. Ele sabia que o pequeno Grilo, provavelmente, estava nos braços fortes do sono, ela estava à beira do colapso, mesmo antes de chegar ao seu apartamento.

Enquanto a bebida descia pela parte de trás de sua garganta, Aaron distraia-se momentaneamente pensando em seu presente. Um suspiro escapou de seus lábios quando ele foi se sentar no sofá de couro, grande, o mesmo sofá que já havia guardado o tremor, da mulher apavorada.



— Eu não estou preocupado que ela escape... Não mais, pelo menos. — Com palavras cheias de arrogância, Aaron trouxe a bebida ao nível dos olhos, agitando o líquido dentro do vidro. — Não foi uma vitória completa, mas já está valendo. Eu estava

esperando que o velho estivesse muito bêbado ou drogado para se lembrar de me corrigir em seu direito a ela. Mesmo com uma prostituta em seu colo, algumas garrafas para baixo de sua garganta e as drogas que ele está sempre ingerindo, sua mente ainda é tão astuta como uma víbora. — O álcool lentamente infiltrou em sua corrente sanguínea e os músculos relaxaram, quando ele se afundou nas almofadas grossas do sofá. Ele virou a cabeça para olhar Xander. — Em que idade a demência começa a aparecer? Será que ele é velho o bastante? — Ele riu. — Certamente isso faria do inferno muito mais fácil.

Xander lutou para manter sua expressão impassível, mas a curva ligeira no canto de sua boca mostrou que ele não era assim, tão impassivel.

— Eu acredito que nós temos alguns anos antes de podermos contar com a velhice como nossa aliada. — Ele fez uma pausa, escolhendo as palavras seguintes. — Quais são as minhas instruções para a garota? Devo começar a treiná-la pela manhã?

A testa de Aaron franziu, em consideração a questão de Xander.



— Não. — Ele sentou-se para colocar o copo sobre a mesa, à sua frente. — Eu acho que vou lidar com ela de manhã. Ela parecia mais receptiva à minha pessoa do que a sua, durante nosso último encontro.

— E quais são seus planos para ela? Ela encontrou a voz, aparentemente. Devo comprar alguns tampões para nós? — Xander sorriu.

Esfregando os músculos tensos do pescoço, Aaron riu da piada de Xander. Na realidade, não foi engraçado, eles estavam discutindo como ensinar coisas desprezíveis para uma mulher inocente, que não merecia os horrores que iria, em breve, enfrentar.

— Não. Eu não acho que isso será necessário. Tenho uma semana para deixá-la pronta para a apresentação. Acredito que isso pode ser feito com o mínimo de luta possível. Felizmente, nós podemos convencê-la a participar de sua apresentação, ao invés de forçar a questão. No entanto, a minha instrução continua de pé, que ela não seja violada, de qualquer maneira.

Balançando a cabeça em reconhecimento, Xander respondeu:

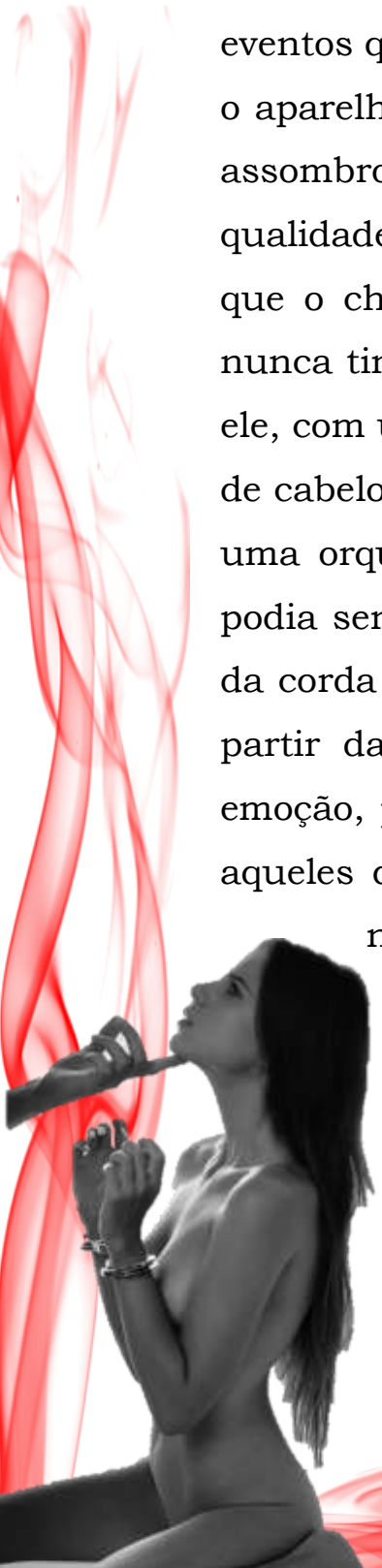
— Claro.



A exaustão cobriu seu corpo, enquanto Aaron caminhava em direção ao seu quarto.

— Vamos nos reunir na parte da manhã, mas, por enquanto, eu preciso do meu sono. Eu vou ter o dia cheio amanhã.

Lentamente, Aaron percorreu o longo corredor, até que finalmente alcançou seu quarto. Tirando a roupa, seus pensamentos continuavam indo para a pequena mulher, atualmente dormindo no quarto no final do corredor. Ele pensou sobre o quão bonita ela estava, quando ele a presenteou com a rosa, na noite de sua apresentação. Interiormente, se amaldiçoou por essa oferta, se culpou pelos eventos que ocorreriam em breve. Andando pela sala, ele ligou o aparelho de som de seu quarto e então os sons solitários e assombrossos de um violoncelo brotou dos alto-falantes. A qualidade da música era requintada, mas foi a alma do músico, que o chamou para dentro das notas. Melancolia como ele nunca tinha experimentado, uma alma gêmea cantando para ele, com um som sem palavras. Imagens de uma bela mulher, de cabelo castanho, dominando um instrumento, apoiada por uma orquestra completa veio em sua mente. Ele jurou que podia sentir cada toque de seu dedo nas cordas, cada puxar da corda esticada do arco. Não era só a música, que vinha a partir da combinação de madeira, metal e Madeleine, era emoção, pensamentos, uma mensagem só compreendida por aqueles que podiam apreciar a bela combinação do mar de notas, misturados em uma música inebriante.



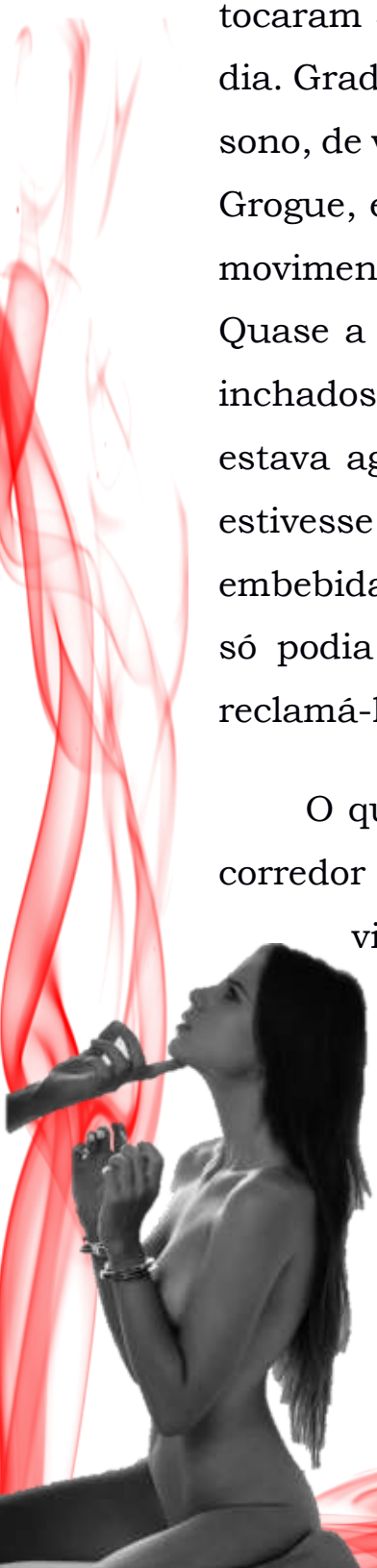
Rastejando na suavidade quente de sua cama, sua mente viajou com cada nota do instrumento, até que ele foi embalado pelo sono. Seu coração apertou ao pensar que ele iria acabar quebrando-a, possivelmente arruinando a mesma coisa que tinha

lhe trazido conforto no pesadelo interminável que ele chamava vida.



Capítulo Oito

Luz tremulou pela janela, raios finos laranja e vermelho tocaram seu rosto, delicadamente acordando-a para um novo dia. Gradualmente, Maddy foi trazida do vazio reconfortante do sono, de volta a um pesadelo, que existia em sua vida de vigília. Grogue, ela se levantou, seus músculos protestavam contra o movimento, pedindo mais tempo para ficar de folga e imóvel. Quase a um ponto de estarem fechados, seus olhos estavam inchados de lágrimas derramadas no dia anterior. O cabelo estava agarrado a sua pele, pegajoso, de suor, medo. Se ela estivesse em casa, teria se arrastado para um banho, embebida no luxo de águas mornas. Mas como não estava, ela só podia esperar que os belos monstros retornassem, para reclamá-la, mais uma vez, como deles.



O quarto estava tranquilo e o som não invadiu vindo do corredor que ela sabia existir fora da porta. Seus olhos viajaram ao redor do quarto, que atuava como sua prisão. Este espaço não era tão elaborado como os outros que tinha visto, as paredes estavam nuas, nem mesmo adornadas com as cores ricas dos outros quartos do apartamento. As paredes, carpetes e tecidos do espaço eram creme, sem graça, em comparação com o que tinha visto antes.

O medo continuou a segurá-la refém do corpo, mas a curiosidade esfregou ao longo das costas de seus pensamentos, levando-a a rastejar para fora da cama, na ponta dos pés, até a janela expansiva. Puxando as cortinas grossas de lado, seus olhos se depararam com nada mais do que árvores, suas folhas, uma sinfonia de cores: vermelho, laranja e ouro, quando a natureza acordava do sono do inverno.

Apesar dos grandes terrenos, nem um único sinal de vida aparecia diante de seus olhos, a cena, nada mais do que uma pintura, um momento solitário congelado no tempo. Seus dedos longos e finos, os de um músico, tocaram a geada beijada no vidro, quando ela lamentou seu cativeiro. Quando estava perdida em pensamentos, percebeu como rápidas rajadas de vento quebraram a cena, criando pequenos ciclones de folhas caídas, dançando em seu caminho. Apenas uma semana antes, era uma apreciadora de memórias de uma infância passada, desfrutando a serenidade da terra, com promessas de vida começando novamente com a chegada da Primavera.

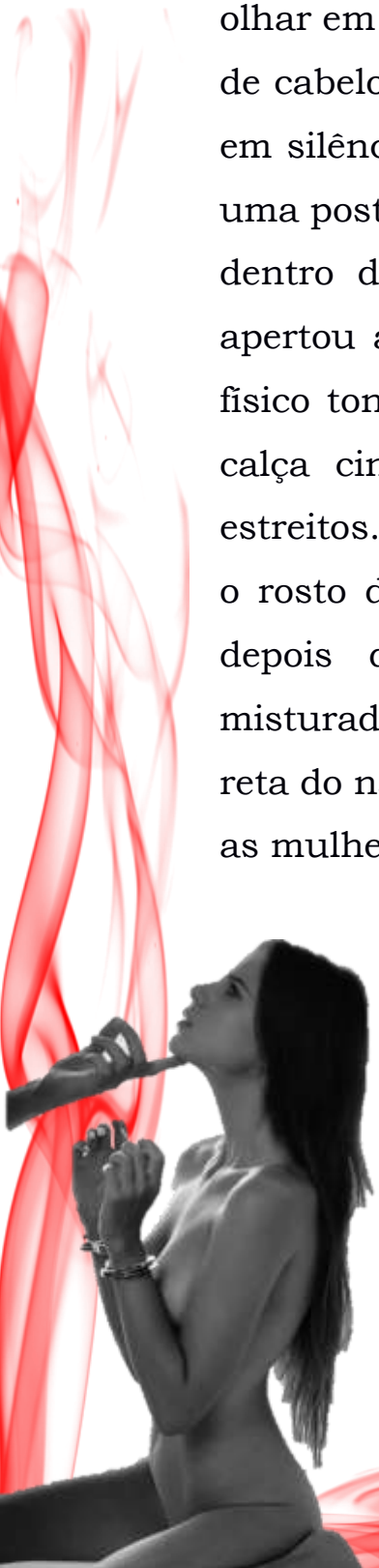


Calor arrastou por suas bochechas, suas lágrimas eram uma manifestação física de sua dor. Nunca mais ela voltaria a esse tempo, um tempo em que ela tinha a liberdade para ser o que quisesse.

Um som suave contra metal, alertou Maddy que seu tempo de solidão tinha expirado. Ela continuou a olhar pela janela, não se importando em ver quem entraria por aquela porta. Outro clique e um

farfalhar na porta do outro lado do tapete e Maddy sabia que ela não estava mais sozinha. Ela esperou por um comando, se preparou para a dor da mão de alguém em sua bochecha, mas na maior parte, pensou como tinha sido quebrada.

Um minuto se passou, e mais outro. Nenhum comando veio. Seu corpo foi deixado intocado. Curiosa, ela se virou para olhar em direção à porta, através de uma cortina emaranhada de cabelo castanho. Sua respiração ficou presa: Aaron estava em silêncio, na frente da porta. Ele mantinha seu corpo com uma postura perfeita, porém suas mãos estavam casualmente dentro de seus bolsos. O material de sua camisa branca apertou a vasta extensão de seu peito, escondendo nada do físico tonificado por baixo. A barra da camisa foi enfiada na calça cinza, que pendiam perfeitamente em seus quadris estreitos. Os olhos dela se moveram lentamente de volta para o rosto dele, onde ela foi recebida por olhos cor de floresta depois de uma tempestade, diferentes tons de verde, misturados perfeitamente a partir da luz. A linha perfeitamente reta do nariz terminou nos lábios carnudos, do tipo que fazem as mulheres terem pensamentos pecaminosos.



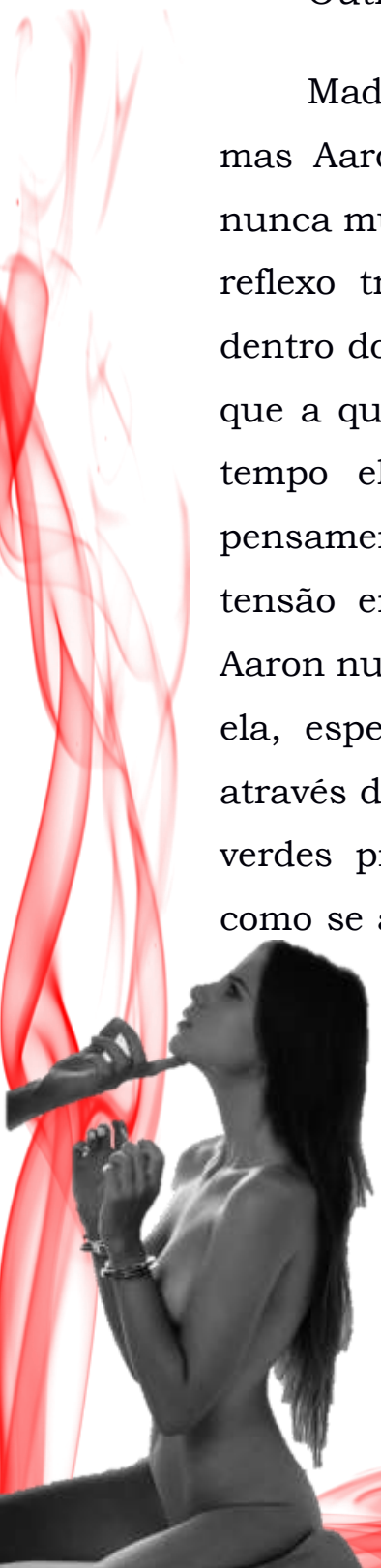
Ela esperava que ele falasse, exigisse alguma coisa dela, mas apenas o silêncio se seguiu. Voltando os olhos para a janela, ela o viu através do reflexo no vidro. Minutos se passaram, estava tensa, ao vê-lo ficar imóvel. Seu medo foi logo contaminado por tufos de confusão e antecipação, uma corrente de curiosidade a chamava para virar e perguntar-lhe por

que ele não fez nenhum movimento para se aproximar dela. O silêncio era pesado, apenas os sons de sua respiração e as batidas do coração interromperam a expectativa tranquila de violência.

Mais um minuto...

Outro...

Madeleine perdeu a noção do tempo, enquanto esperava, mas Aaron simplesmente ficou parado na porta, a posição nunca mudando, nunca proferindo um único som. Através do reflexo transparente no vidro, ela viu as folhas dançarem dentro dos ventos - um caleidoscópio de cores - dizendo a ela que a queda foi se transformando em inverno. Quanto mais tempo ela esperava, mais rápido seu coração batia, os pensamentos e as perguntas inundavam sua a cabeça. A tensão entre eles construiu um desconforto palpável, mas Aaron nunca se mexeu, nunca falou, só ficou lá, olhando para ela, esperando por ela. Virando a cabeça, olhou para ele através da cortina espessa de cabelos emaranhados. Os olhos verdes prendiam o olhar dela, penetrando profundamente, como se a conhecesse em um nível mais profundo do que ela entendesse.



Sua voz, de forma tranquila, quase num sussurro, finalmente quebrou o câmbio tenso.

— Por que você não se move?

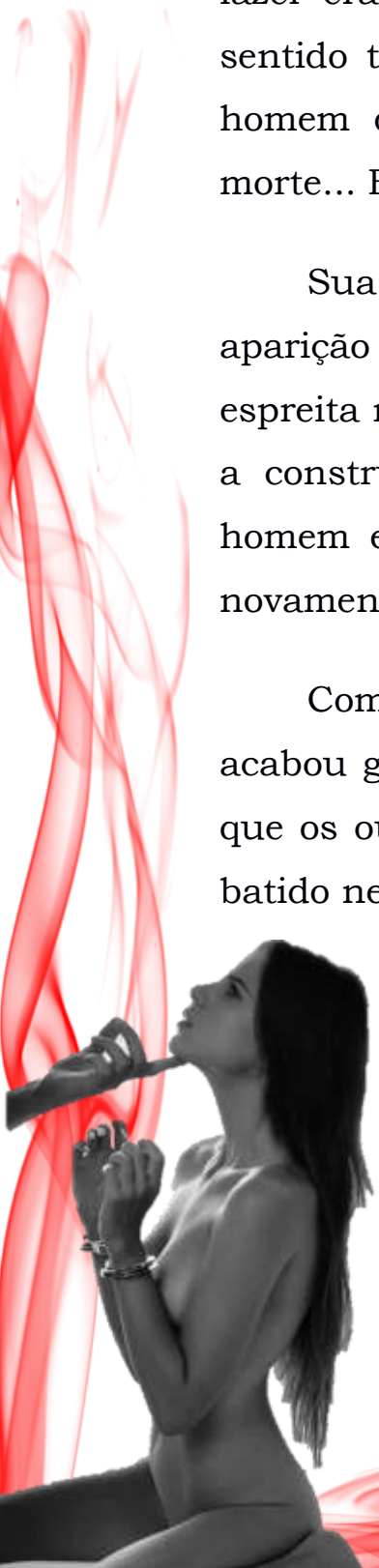
Um sorriso torto finalmente se libertou de sua boca esculpida.

— Então, Xander estava correto. Você fala.

A raiva rasgou através do corpo dela com a leviandade dele. Ele tinha tirado sua vida, a liberdade, e tudo o que podia fazer era zombar dela, por seu silêncio. Nunca antes havia sentido tal insolência de outra pessoa. Ele era doente, este homem que retratava beleza e requinte, escondia veneno, morte... Escuridão... Dentro dele.

Sua cabeça girou de volta para a janela favorecendo a aparição transparente do monstro para a ameaça física à espreita na porta. O sangue correu em sua cabeça, ela sentiu a construção de sua raiva, seu desgosto absoluto com o homem em pé atrás dela. Nunca se movendo, não falando novamente, Aaron ficou... Esperando.

Como uma corda puxada com muita força, a paciência acabou golpeando-a com indignação e insulto. Considerando que os outros tinham feito suas intenções conhecidas, tinha batido nela, a insultou e exigiu sua obediência, este homem a deixou em um vazio estagnado, privando-a do menor indício de seu destino. Foi a pior ofensa, não permitindo a ela o conhecimento do que estava por vir. Sua única defesa era forçar o assunto, tirar-lhe o controle, e não dar-lhe outra escolha, senão agir.

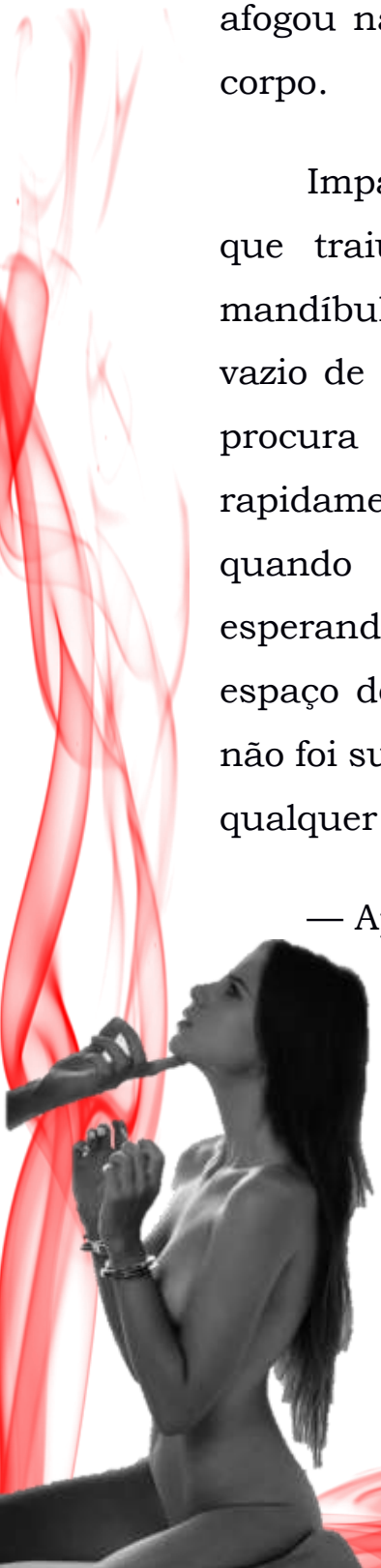


Virando-se para ele, seus olhos arderam nos olhos verdes cheios de malícia e alegria.

— Diga-me o que você quer, ou vá embora! Basta fazer o que quer que a sua mente doente esteja pensando. — Seu pequeno corpo tremia com a força de sua raiva. A sensação era estranha, ela nunca tinha sido conduzida a um ponto onde se afogou na raiva, com cada nervo, cada célula dentro de seu corpo.

Impassível e neutro, com os olhos nos dela, a única coisa que traiu seus pensamentos foi o ligeiro tique de sua mandíbula. Presa por sua inação, sufocando dentro de si o vazio de não saber, Maddy se perdeu, se aproximou dele na procura de sua intenção. Uma explosão de surpresa foi rapidamente vista no ligeiro alargamento dos seus olhos quando ela se aproximou, mas ele ainda permaneceu esperando, para ver o que ela faria. Quando ela estava no espaço dele, suas mãos agarraram a camisa dele. Sua força não foi suficiente para movê-lo, mas ela o puxou, empurrou de qualquer maneira, tentando provocá-lo, fazê-lo ter uma ação.

— Apenas me diga o que você quer seu bastardo!



Fogo brilhou através de seus olhos, ardente e brilhante, queimando nela quando ela se esgotou em futilidade e fúria. Finalmente suas mãos vieram até a dela, envolvendo-a rapidamente, removendo o aperto de suas roupas. Com os dedos dele enrolados

em torno de seu pulso, ela podia sentir as contusões se formarem a partir de seu aperto.

Nítido, controlado e com uma determinação letal, suas palavras foram ditas como um aviso.

— Eu recomendo que você nunca tente tocar em mim novamente sem permissão, Madeleine. Atos como esses provavelmente vão fazer com que você seja espancada ou morta.

Rebelião e desprezo escureceram seu olhar.

— Então, por que não simplesmente acaba com isso?

Como um raio em um dia claro, ele a agarrou de forma rápida e sem aviso prévio. Curvando seus dedos profundamente dentro de seu cabelo emaranhado, ele a puxou em direção a ele, curvando-se para que seus lábios estivessem pressionados contra seu ouvido. Ameaçador e cruel, a voz dele a fazia tremer, acendendo dentro dela o terror que deveria ter-lhe atingido muito antes.

— Eu te avisei. — Disse ele.



Três palavras foram tudo o que ele falou antes de puxá-la para trás, enquanto caminhava para fora do quarto, pelo corredor e outra porta. Sua mão livre alcançou a maçaneta, abriu a porta e revelou o banheiro em que ela tinha sido levada por Xander, na noite anterior. Chorando de dor, suas mãos foram

para as dele, tentando desesperadamente libertar os cabelos daquelas garras. Lágrimas em cascata escorriam de seus olhos. Ela não era nada mais do que uma boneca, que estava sendo arrastada pelo chão do banheiro, seus esforços de fuga eram inúteis contra a força dele. Enquanto ela lutava e gritava, tornou-se ciente do som da água, apenas momentos antes de ser empurrada para debaixo do chuveiro.

Muito fria, a água saturou as roupas dela, envolvendo-a em um cobertor de gelo, fazendo-a gritar ainda mais alto, pelo sentimento de facas sendo enfiadas através de sua pele. Seus espasmos musculares se apertavam e ela convulsionava até que mal conseguia se mover, já nem lutava contra o que ele estava fazendo. Finalmente cedendo, ela caiu de joelhos enquanto os soluços escapavam dela, fazendo com que seu corpo se debatesse violentamente contra o piso liso do chuveiro. Sentiu quando suas mãos dele desceram até o cós da calça, puxando-a facilmente para fora dela, antes de jogá-la para o lado oposto do banheiro.

— Não!... Por favor!... — Ela implorou, quando ele soltou seu cabelo para usar as duas mãos e puxar sua camisa. Uma vez removida, ele a jogou de lado e voltou seus olhos à sua forma encolhida.



— Se você prometer se comportar vou acrescentar um pouco de água quente ao seu banho. — Suas palavras eram verdadeiras, levemente escovadas com humor quando ele lhe ofereceu alívio da água gelada.

Passos apressados podiam ser ouvidos quando outra pessoa se aproximou do banheiro. Aaron tirou os olhos dela para olhar para trás, por uma fração de segundo, antes de voltar para ela.

— Aaron? — Uma pergunta hesitante.

Xander estava na porta, obviamente confuso com a cena se desenrolando diante de seus olhos.

Ignorando o homem preocupado atrás dele, Aaron estendeu a mão para, mais uma vez, segurar o cabelo de Maddy em sua posse. Virando a cabeça dela em sua direção, seus olhos queimaram com ela, exigindo o cumprimento.

— Peça desculpas a mim e eu vou dar-lhe o calor que você precisa. Sua pele já está se tornando azul, Madeleine. Peça desculpas e deixe-me corrigir isso.

Seus dentes batiam violentamente em resposta à avalanche de água. Ela podia sentir sua pele ficando insensível, se contraindo a um ponto de desconforto contra seus músculos e ossos.



— Por favor... — Ela mal conseguia falar. — Por favor...

Aaron soltou seu cabelo, permitindo que ela caisse contra o chão, novamente.

— 'Por favor ' não é um pedido de desculpas, Sra. Clark.

Em suas mãos e joelhos, ela tentou rastejar pelo chão, apenas para ser puxada, para baixo do pulverizador do chuveiro, por Aaron. Espasmos balançaram seus músculos e ela convulcionou novamente, quando a água encontrou sua pele. Ela gritou de dor.

— Aaron...

Aaron se virou para Xander e gritou:

— Saia agora! — Raiva ferveu e explodiu a partir de cada palavra que ele disse ao amigo. Xander respondeu rapidamente se virando e, saiu da sala, seu olhar momentaneamente encontrou Maddy, quando ele a deixou.

— Desculpas, Madeleine. — As poucas palavras de Aaron eram um comando que teria de ser seguido, se ela quisesse encontrar alívio para a agonia da água gelada.

Levou três tentativas para ela finalmente ser capaz de sussurrar as palavras:

— Desculpe-me, por favor, eu sinto muito.



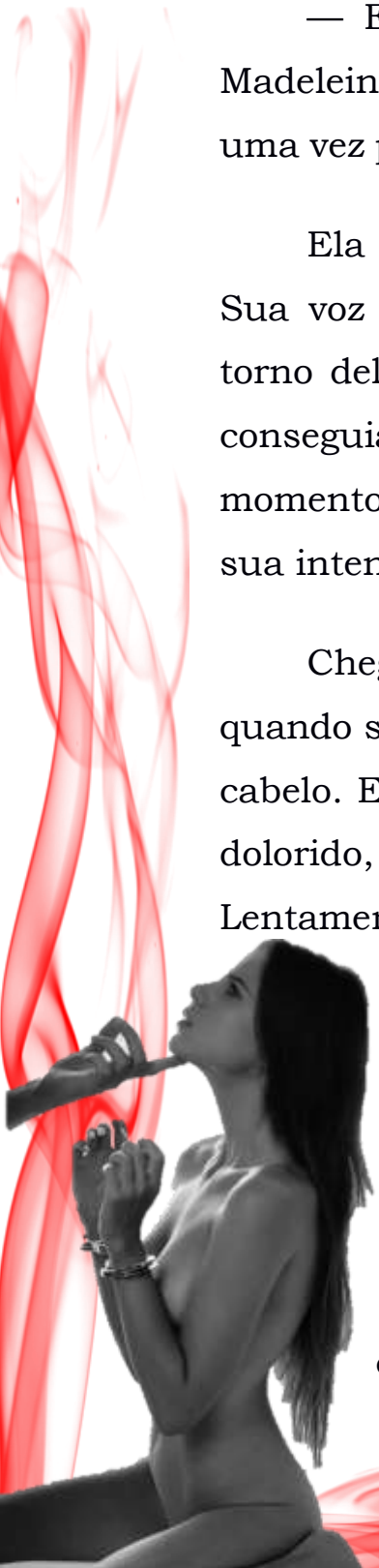
O jato de água quente encontrou sua pele, acariciando-a, induzindo o sangue a começar a circular por suas veias restritas. Ela sentou-se sob a água, esperando que Aaron viesse para cima dela. Em segundos vagarosos, minutos se passaram quando ela permitiu que a água quente apagasse a mordida do frio. Vapor rapidamente encheu o ar.

Suavemente, ela sentiu as mãos dele deslizar ao longo de sua pele, começando na parte inferior de suas costas, movendo ao longo de sua coluna vertebral, eventualmente, tocando-a, segurando-a na base de sua cabeça. Seu corpo estremeceu com o toque dele, se apertou, enquanto ele se movia ao longo de sua pele molhada.

— Está na hora de começarmos a discutir as regras, Madeleine... A primeira é que você irá tomar banho, pelo menos uma vez por dia. Eu não tolero falta de higiene na minha casa.

Ela poderia apenas acenar com a cabeça em resposta. Sua voz era inquietante, suave e profunda, se envolvia em torno dela, proporcionando conforto, por razões que ela não conseguia entender. No entanto, aquela voz... Não... Naquele momento ela não encontrou a crueldade em suas palavras, na sua intenção, e completa falta de compaixão para com ela.

Chegando em cima dela, ele pegou um frasco de xampu, quando sua outra mão se moveu mais profundamente em seu cabelo. Ela estremeceu, seu couro cabeludo ainda sensível e dolorido, por ter sido arrastada pelo corredor, pelos cabelos. Lentamente, ele derramou o produto e massageou o conteúdo do frasco em seu cabelo. Musk sensual, o cheiro de um produto destinado a ser masculino, um cheiro que a maioria das mulheres acharia convidativo, gostariam de ter perto delas. Ela não o queria perto dela, muito menos esfregado sua cabeça e pele. Pequenas esferas deslizaram sobre ela, a espuma caia em seus olhos em todas as cores; beleza, mais



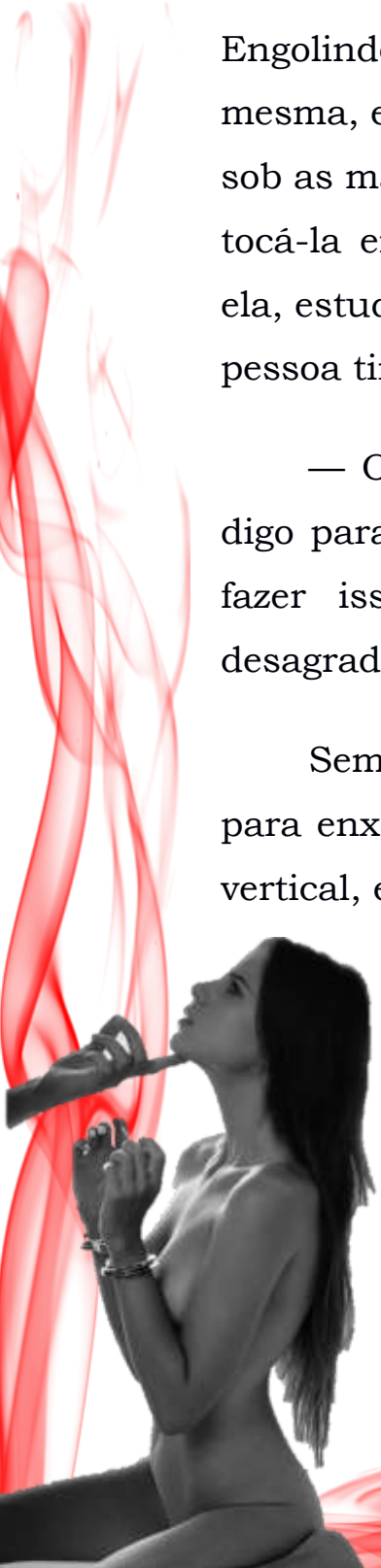
uma vez mascava sua aversão ao ato, abuso envolto em cuidados fingidos.

— Encoste-se.

Quando ela não se moveu rápido o suficiente, com as mãos segurando em seu cabelo, ele a puxou, levemente, incentivando-a a se encostar. Resistir só a deixaria com dor. Engolindo seu orgulho, sua modéstia, ela se desenrolou de si mesma, exibindo seu corpo para ele enquanto, ele a mantinha sob as mãos. Ele segurou-a nessa posição, sem se mexer, sem tocá-la em qualquer outro lugar, simplesmente olhava para ela, estudando sua pele, seios e as partes que nenhuma outra pessoa tinha visto, até que tinha sido trazida a este lugar.

— Outra regra que deve obedecer é que quando eu lhe digo para fazer algo, você faz, sem hesitação. Se você puder fazer isso, vai salvar a si mesma dos acontecimentos desagradáveis, como os de hoje de manhã.

Sem outra palavra, ele a colocou para baixo do chuveiro para enxaguar o xampu de seu cabelo. Deixou-a em posição vertical, e rapidamente foi pegar uma esponja e sabonete. Seu corpo estremeceu involuntariamente, antes que ela pudesse, conscientemente, esconder a reação que teve. Aaron estendeu a mão, contendo a esponja e o sabonete, diante dela.



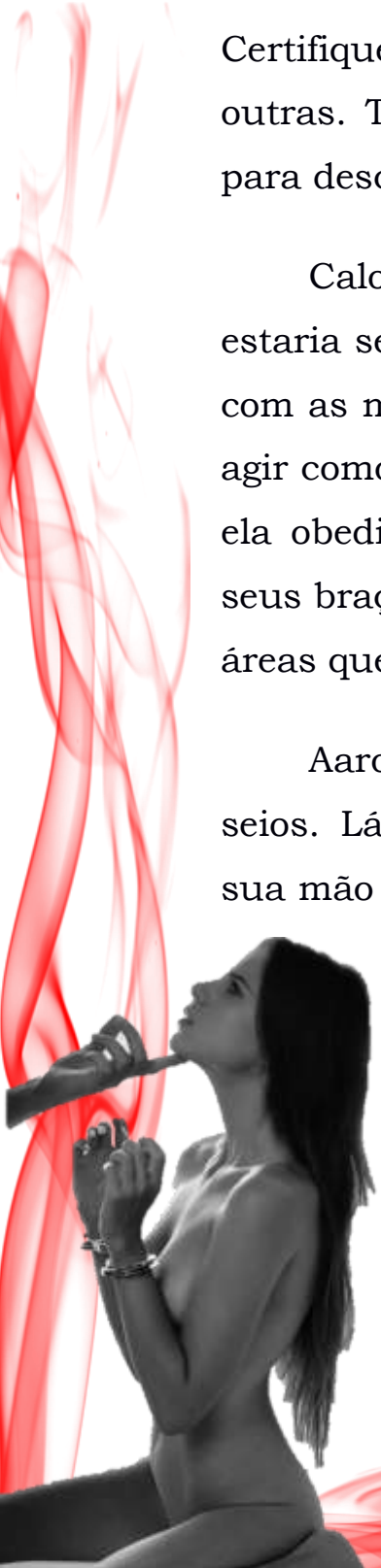
— Eu certamente espero que você não vacile à ameaça do meu toque. Se isso vier a acontecer novamente, poderia me ofender...

A pausa grave de Aaron fez Maddy se sentir muito mais impotente.

— Pegue o sabonete e se lave, enquanto eu assisto você. Certifique-se de certas partes recebem mais atenção do que outras. Tenho certeza de que você é inteligente o suficiente para descobrir quais partes são.

Calor de constrangimento encheu suas bochechas, ela estaria se exibindo abertamente para seu captor. Tremendo e com as mãos hesitantes, a estendeu para pegar o sabonete e agir como ele exigiu. Um gemido escapou de seus lábios, mas ela obedientemente se ensaboou, esfregou contra a pele de seus braços, pernas, barriga... Em qualquer lugar, menos nas áreas que ela tinha sabido que ele se referiu anteriormente.

Aaron se moveu, segurou a mão dela e a levou até os seios. Lágrimas escorriam pelo rosto dela, quando ele segurou sua mão sobre a dela, obrigando-a a se tocar – espremer-se – sob seu domínio. Ela temia que isso fosse o início da pior violência que teria, a violação de seu corpo, de maneiras que nunca antes permitiu. Seu rosto se contorceu ao toque, à espera da invasão que sabia que estava por vir.



Capítulo Nove

A dor era tanto física quanto psicológica, Aaron podia dizer isso, enquanto a via se lavar no chuveiro. Para ele, a dor estava o sufocando, fazendo-o querer gritar pela injustiça dos acontecimentos na vida desta jovem. No entanto, ele não poderia se compadecer, se esperava que ela fosse sobreviver a este destino. Vergonha o envolveu. Seu corpo tinha respondido ao tocá-la, correndo os dedos ao longo da seda de sua pele impecável. Excitação, uma sensação incômoda, atingiu seus pensamentos, enquanto ele a banhava, exigindo que ela se exibisse. O medo lhe bateu, duro e sólido; temeu que começasse a perder sua resolução; que seu pai tivesse sucesso em sua tentativa de corrompê-lo.

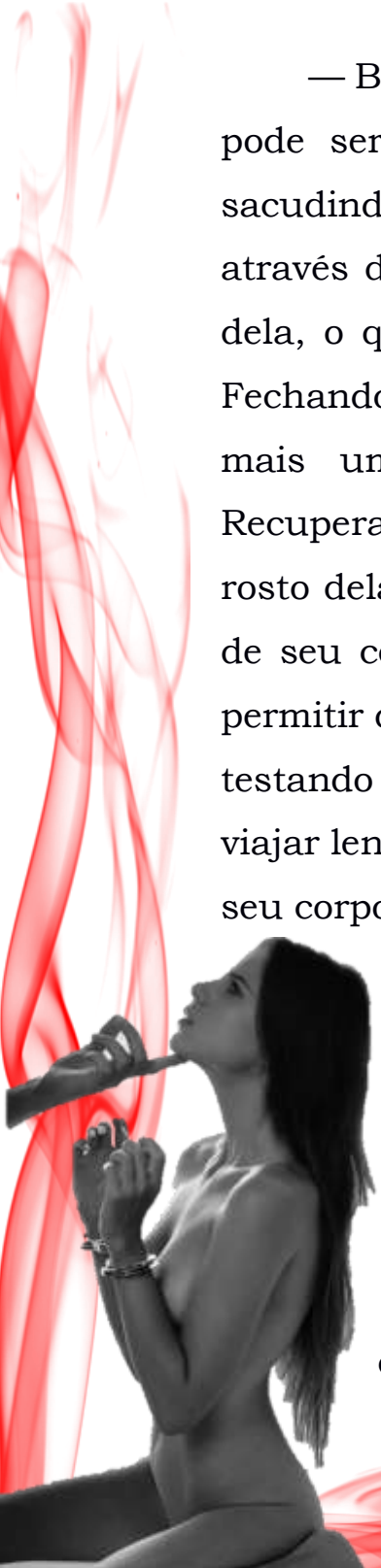
— Agora, a outra área, Madeleine. Lave-se lá.

Ela hesitou, suas lágrimas nublavam seus olhos, mal escondendo o medo que estava sendo exibido de forma tão aberta a um homem, que ele tinha certeza, que ela desprezava. Descendo lentamente, ela pareceu se lembrar que se não fizesse de boa vontade, ele iria forçá-la a agir. Renúncia fluiu na liberação de ar, que saiu entre seus lábios. Com a mão tremendo, tocou o ápice de suas coxas, apertando os olhos, enquanto esfregava a si mesma com a esponja. O



aperto nas calças dele o enfureceu, mas essa mulher era um espetáculo para ser visto. Pequena, tão pequena, mas o exitava mais que qualquer uma das mulheres que tinha tido o prazer de tocar. O peso saudável de seus seios, perfeitamente acentuado, a cintura fina, a curva sensual de seu quadril... Era muito para ele, ele precisava de ajuda e não iria encontrá-la em sua companhia, pelo menos, não desse jeito.

— Basta... — Ele disse. — Chega. Fique de modo que você pode ser seca. — Ele se virou para pegar uma toalha, sacudindo-se do calor erótico, que percorria lentamente através de seu sangue. Quando seus olhos voltaram para os dela, o que viu naquelas piscinas azuis o feriu fisicamente. Fechando os olhos rapidamente, ele recuperou a compostura, mais uma vez, vestindo uma máscara de indiferença. Recuperando o controle, ele passou as costas da mão pelo rosto dela, observando a tentativa dela em esconder a reação de seu corpo. Surpreendido pela capacidade dela, em ainda permitir que ele a tocasse, levou a mão ainda mais para baixo, testando sua contenção, durante o teste. Ele deixou a mão viajar lentamente por seu pescoço. Podia sentir a contração de seu corpo, seu nojo e medo dominando-a. Seus lábios abriram ligeiramente, olhou a mão dele, uma vez que chegou a seu pescoço, ombro, eventualmente, descendo ao longo de seu corpo, antes que ele se afastasse.



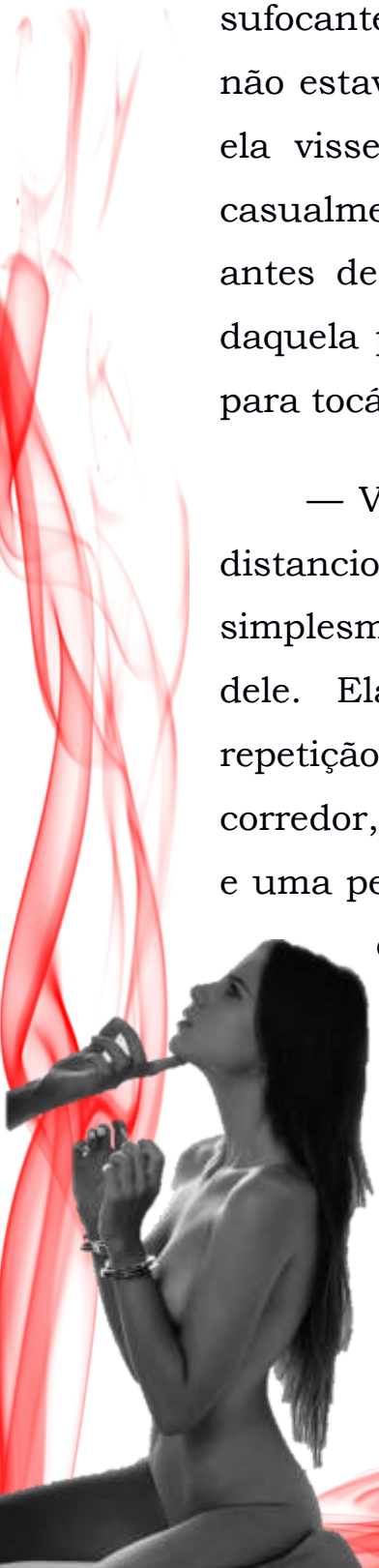
Ele teve que parar.

Empurrando a toalha em direção a ela, ele ordenou:

— SSequ-se e encontre-me no corredor quando você terminar.

Sem esperar por uma resposta, ele se virou, saiu do quarto e bateu as mãos contra as paredes do corredor. Descansando a testa contra a parede, ele se ressentia de seu pai... Dele mesmo. Sua fraqueza pela presença dela era sufocante, ao mesmo tempo parecia uma coisa tão natural, ele não estava certo de que poderia suportar. Não querendo que ela visse sua luta, forçou-se a ficar de pé e se inclinou casualmente contra a parede. As pisadas dela foram ouvidas antes de sua pequena forma ocupar a porta. Nua, a seda daquela pele o chamava, as palmas de suas mãos, coçavam para tocá-la, de maneiras que ela nunca iria aprovar.

— Você vai comer. — Não dizendo outra palavra, ele se distanciou, se recusando a falar mais do que o necessário, simplesmente indicou que ela andasse pelo corredor, na frente dele. Ela obedeceu imediatamente, não querendo uma repetição dos acontecimentos daquela manhã. Emergindo do corredor, os olhos de Aaron encontraram Xander. Preocupação e uma pergunta silenciosa estavam gravadas dentro do olhar de seu amigo e guarda pessoal. Aaron puxou uma cadeira na mesa grande, virou-se para Maddy e indicou que ela se sentasse. No mesmo instante, ela obedeceu. Nenhum deles falou, quando Xander olhava entre os dois, querendo saber o que havia ocorrido no banheiro.

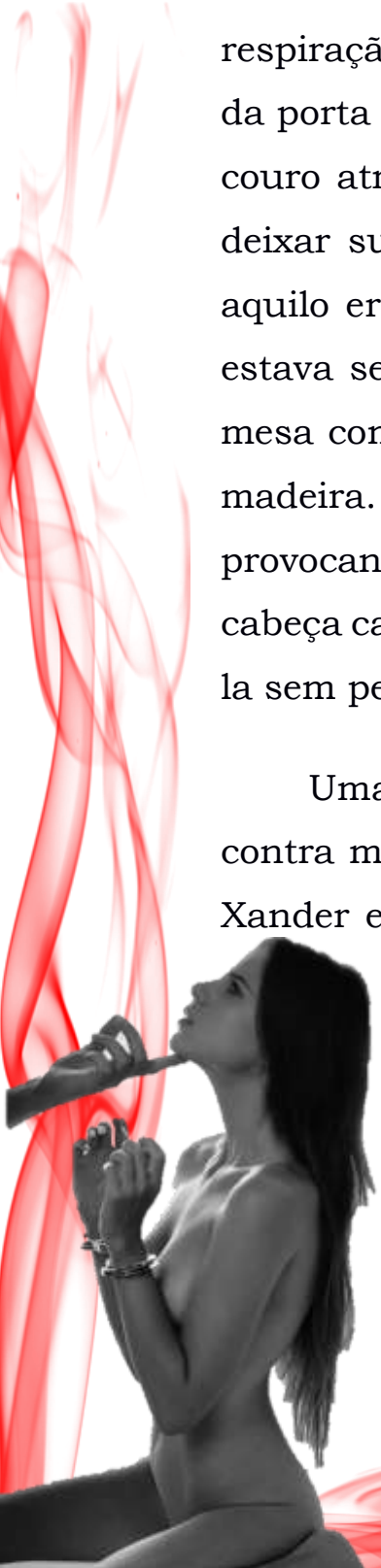


Aaron se afastou, dirigindo sua atenção para Xander, ele ordenou:

— Alimente-a e a devolva para o quarto quando ela terminar.

Tendo perdido tempo suficiente com ela, Aaron atravessou a sala para entrar no seu escritório. Ele soltou a respiração pesada quando ouviu o clique suave do travamento da porta atrás de si. Derrotado, ele caiu na grande cadeira de couro atrás de sua mesa. Trabalho iria distraí-lo, ajudaria a deixar sua mente fora de Madeleine. Mas ele descobriu que aquilo era inútil, seu foco estava na mulher que atualmente estava sentada à sua mesa de jantar. Papéis voaram de sua mesa com a força do seu punho caindo sobre a superfície da madeira. A raiva fervia dentro dele, acendendo todos os nervos, provocando dor física, de tanta intensidade. Ele deixou a cabeça caiu em suas mãos, enquanto pensava como iria treiná-la sem perder a si mesmo no processo.

Uma batida rápida soou na porta, seguida pelo metal contra metal de uma chave, destravando o bloqueio. Quando Xander entrou, Aaron suspirou alto, recostando-se no couro da cadeira. Xander fechou a porta atrás de si, enquanto seus olhos corriam pelos documentos espalhados pelo chão. Com uma sobrancelha levantada, ele olhou para Aaron, uma pergunta não formulada, pairava entre os dois homens.



— Só cuspa Xander. Eu não tenho tempo para decifrar suas expressões faciais esta manhã.

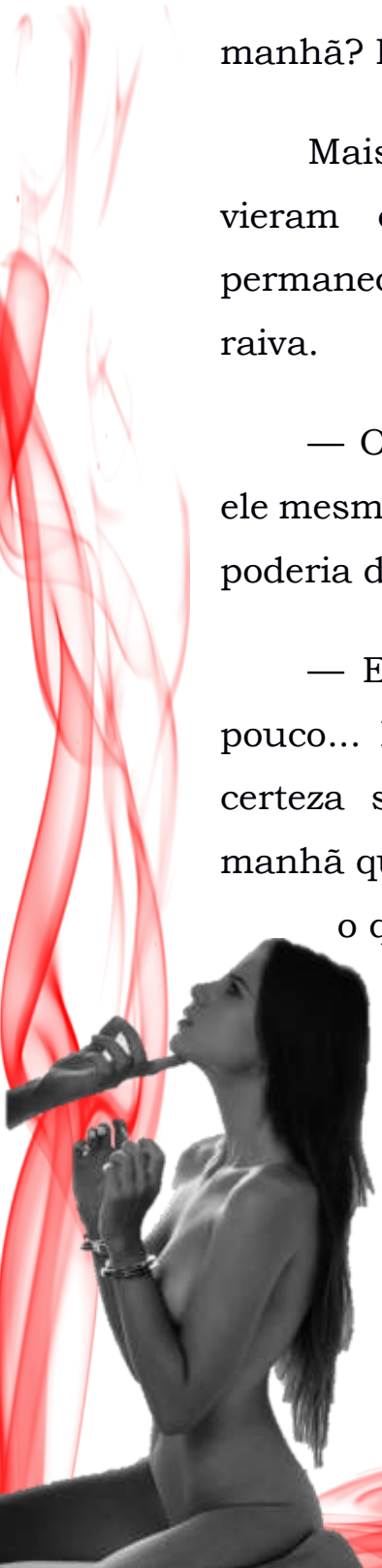
Xander aproximou-se da mesa, desabotoou o paletó risca de giz, de seu terno e se sentou em uma das cadeiras, de frente para o amigo.

— Você se importa de explicar o que foi aquilo esta manhã? Devo ficar preocupado que seu pai conseguiu?

Mais papéis se agitaram no ar quando as mãos de Aaron vieram com força sobre a mesa, novamente. Xander permaneceu impassível, nem sequer vacilou perante o show da raiva.

— Onde está Madeleine? — Querendo esquecer-se dela, ele mesmo se surpreendeu com a pergunta sobre a mulher que poderia destruí-lo, apenas por sua presença naquela casa

— Em seu quarto, como você instruiu. Ela comeu um pouco... Mais como um pássaro. No entanto, eu não tenho certeza se ela pode ser responsabilizada, considerando a manhã que teve. — A condenação em sua voz o fez tremer, fez o que aconteceu entre ele e Madeleine ainda mais real.



— Foda-se! — Aaron se levantou de repente, derrubando a cadeira quando levantou. Passando a mão pelo cabelo, ele começou a andar para trás e para frente, ao longo das estantes que cobriam suas paredes. — Ela precisa ser treinada, Xander. Eu tenho pouco tempo antes do velho pedir que ela seja

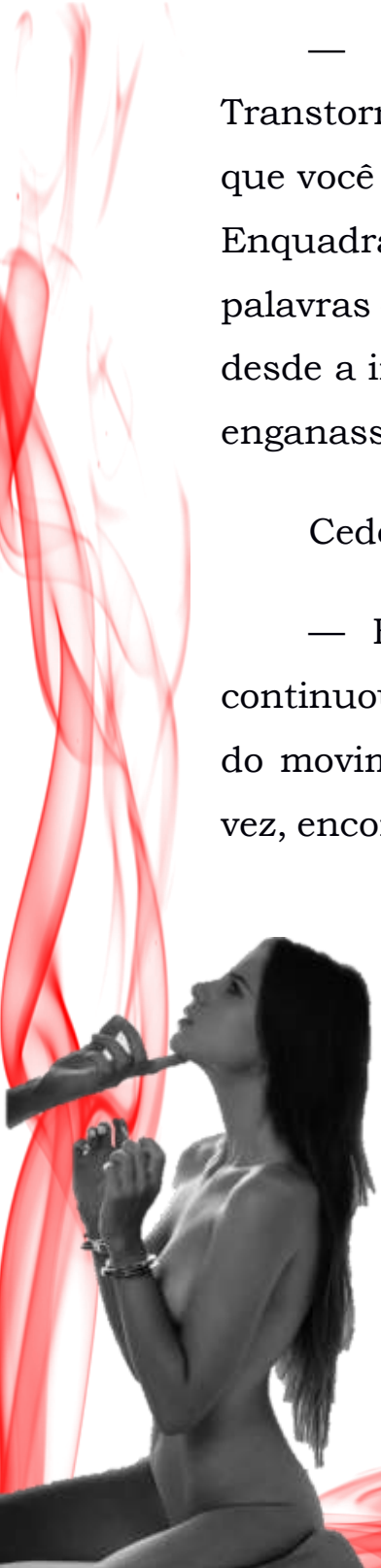
apresentada. Ela não pode ir lá sem ser absoluta em sua submissão. O que de bom seria misericordioso em fazer por ela? Se eu não conseguir, isso só vai lhe custar mais do que o que já foi tirado dela.

Com um breve aceno de cabeça Xander considerou as palavras de Aaron.

— Você é capaz de fazer isso? Você parecia... Transtornado... Quando o vi com ela no banheiro. Eu temia que você fosse levá-la longe demais, perde-se para a tarefa. — Enquadrado com uma simples pergunta, Aaron sabia que as palavras do Xander também eram um aviso. Eles se conheciam desde a infância, não havia nada que Aaron poderia fazer que enganasse seu amigo.

Cedendo, Aaron admitiu:

— Eu quase perdi a mim mesmo. — Bufando, ele continuou em movimento, liberando energia emocional através do movimento físico. — O velho realmente se superou desta vez, encontrou uma brecha na minha armadura. Essa garota...



— O quê exatamente sobre ela, Aaron? Sim, seu corpo é algo que levaria qualquer homem à loucura, mas você teve tantos e já não é mais um adolescente cujo pau incha com a visão de uma mulher nua, eu não entendo sua falta de controle. — As palavras foram duras, mas necessárias; Xander sabia que estava correndo um risco, falando em voz alta os

pensamentos que ele sabia que já estavam correndo soltos pela cabeça de Aaron.

Nenhuma resposta foi dada à pergunta de Xander. Aaron não queria enfrentar seus demônios, quando confrontado com Madeleine. Empurrando seu fascínio para o lado, ele voltou aos negócios, tramas e conspirações, já em jogo dentro da propriedade.

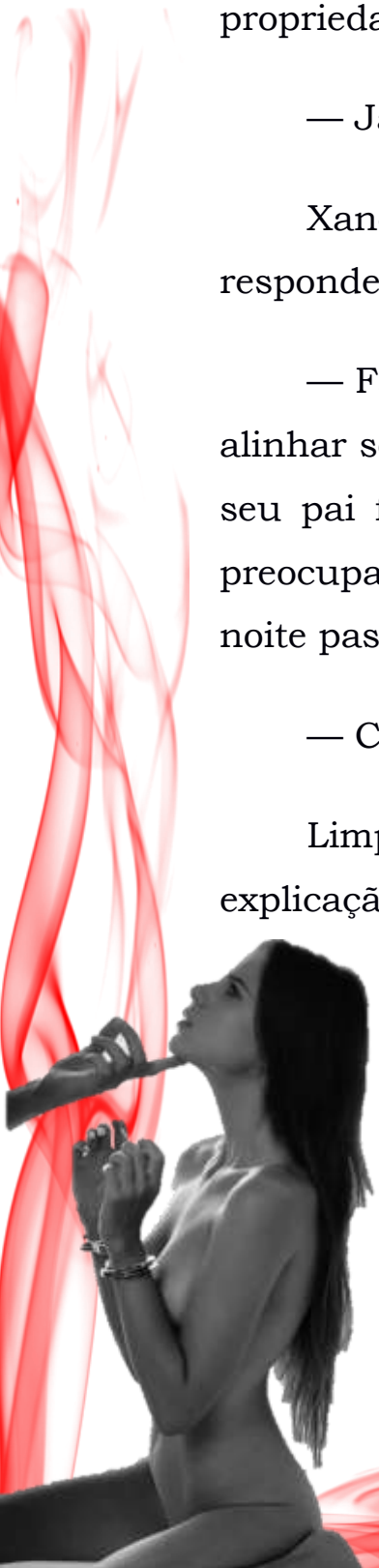
— Já falou com Jason?

Xander revirou os olhos para a deflexão de Aaron, mas respondeu:

— Falei com ele esta manhã. Ele está do nosso lado e vai alinhar seus homens para as nossas necessidades. A força de seu pai falhou dentro da rede, a maioria dos homens está preocupado com o seu mergulho na loucura. Sua atitude na noite passada ajudou a selar aliança de Jason.

— Como assim?

Limpando a garganta, Xander se preparou para a longa explicação. Acomodando-se, ainda mais, em sua cadeira, ele se inclinou sobre o braço, sua pausa, obviamente irritando Aaron.



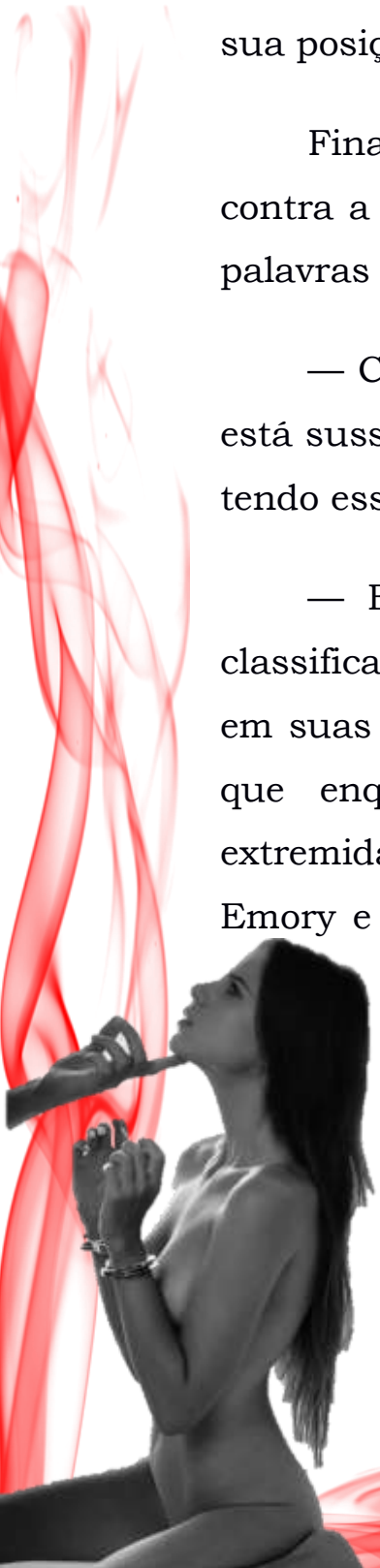
— Seu pai está muito focado em você, em corromper seus próprios homens, e perdeu de vista as necessidades da rede. Todo homem naquela sala sabe o que corre na The The Estate. Seu pai tornou-

se nada mais do que uma figura, aquele que tira proveito de cada homem a seu serviço. Sua mente, Aaron, está deslizando tanto, que ele nunca percebeu sua intenção ontem à noite, seu único desejo é ter sucesso em seus jogos contra você. Ele está perdendo seu poder sobre muitos homens. Jason entende que você é o único dentro desta família que será capaz de manter o controle sobre toda a casa. Você não se perdeu com o poder, sua posição... Não como o seu pai.

Finalmente, depois de se acalmar, Aaron se inclinou contra a estante de livros, ao mesmo tempo considerando as palavras de Xander.

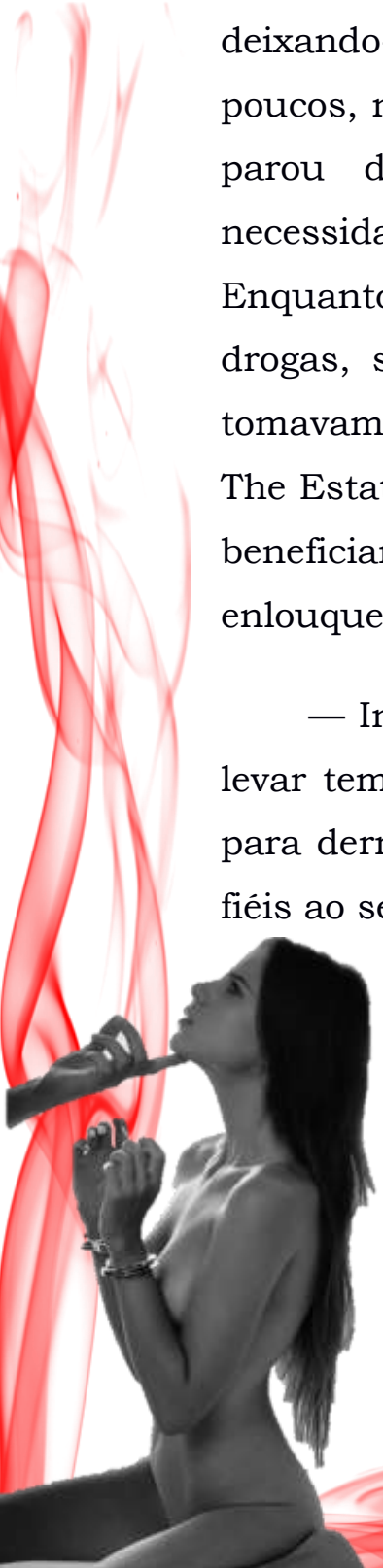
— Como sabemos que Jason fala a verdade, que ele não está sussurrando no ouvido do velho enquanto estamos aqui, tendo essa conversa?

— Eu disse a ele que quem ajudar, será dada uma classificação mais elevada, uma vez que The The Estate caia em suas mãos. Ele não é um homem burro, Aaron, ele sabe que enquanto seu pai reinar, ele vai permanecer na extremidade inferior da cadeia alimentar, por assim dizer. Emory e Vincent nunca vão promovê-lo, eles temem que ele venha tomar seus lugares, se tiverem a chance. Além disso, esta casa está cheia de assassinos, ladrões e mentirosos. Lealdade é dada somente para os que se beneficiam da casa... Seu pai não está sendo esse homem, desde que permitiu que seus guardas de chumbo tomassem suas decisões.



Aaron acenou para a verdade do que Xander estava dizendo. Vinte anos atrás, teria sido uma história diferente. Ninguém teria ousado falar contra seu pai, muito menos num ato contra ele. E se fizesse, teria uma sentença de morte imediata. No entanto, há vinte anos, seu pai ainda não tinha iniciado sua queda gradual na loucura e tinha tido o cuidado de garantir que todos os homens se beneficiassem da rede, deixando-os tão ricos, que sua lealdade estava assegurada. Aos poucos, no entanto, por tédio ou extrema arrogância, seu pai parou de respeitar a si mesmo, não pensando nas necessidades das pessoas dentro de seu círculo mais íntimo. Enquanto ele alimentava sua depravação, com prostitutas e drogas, seus dois homens de confiança, Emory e Vincent, tomavam decisões que acabariam por dar aos membros da The The Estate duas opções... Fidelidade ou Morte... Apesar de se beneficiar ou não. Considerando que seu pai havia enlouquecido, seus homens haviam se tornado pura maldade.

— Independentemente... — Continuou Xander. — ... Vai levar tempo, talvez mais um ano, até que tenhamos o apoio para derrubar os homens que se beneficiam por permanecer fiéis ao seu pai. Devemos ser cautelosos, Aaron. Perder-se por uma menina...



— Eu seguraria esse pensamento, se você quiser manter sua língua.

Ameaça, sim, mas Xander não era de levar ameaças à toa, nem mesmo de Aaron. Sabendo que

seu amigo não iria permanecer em silêncio, Aaron respondeu à pergunta não formulada:

— Eu não me perdi com ela. Nosso rato tem mais espírito nela do que eu pensava. Ela me surpreendeu esta manhã por se aproximar e colocar as mãos em mim. Eu não posso mostrar a ela bondade, Xander, um fato que você sabe muito bem. Seu comportamento, sua submissão, é a única coisa que vai garantir sua sobrevivência. Se ela falar erroneamente uma vez que a apresentarmos, agir de qualquer forma não considerada adequada para uma prostituta, sua morte não será agradável. Ela não será quebrada tão facilmente como nós pensamos.

Xander riu.

— Não, ela não será. Embora, ela estivesse muito bem comportada, uma vez que a entregou a mim. Talvez você deva continuar o treinamento. Considerando que ela tem um medo saudável de mim, sua aversão a você é muito mais forte.

Nítida e atada com ácido, as palavras de Xander rasgaram o peito de Aaron, uma dormência física que não deixou nada além de dor e carne podre.



— Não, eu vou continuar o treinamento. Você está certo sobre o ódio, ela sabe que sou o culpado pelo que aconteceu com ela. Foi meu rosto que ela viu naquela noite no show, e foi meu rosto que recebeu quando caiu em desgraça diante de um grupo de bêbados detestáveis.

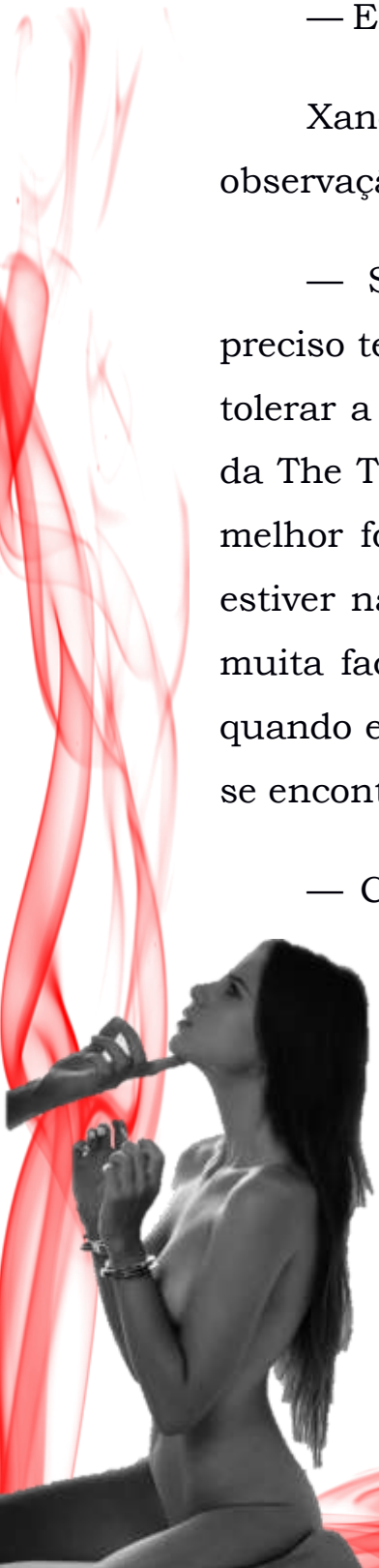
Seu coração se afundou ainda mais quando ele pensou em Madeleine, seu tormento, do tormento ainda por vir. Mesmo assim, ele sabia que não era imune ao seu desejo por ela. Temendo que ele, de fato, se perdesse a tentação que ela apresenta, ele precisava quebrar as regras em seu treinamento.

— Ela vai precisar de roupas, enquanto nós a treinamos...

Xander abriu a boca para protestar, mas engoliu sua observação quando Aaron levantou a mão para silenciá-lo.

— Se eu for permanecer livre da corrupção forçada, preciso ter cuidado na minha abordagem. Sim, ela vai ter que tolerar a nudez quando estiver dentro da visão dos membros da The The Estate, mas acredito que o nosso rato vai aceitar melhor formação se ela tiver algumas concessões, enquanto estiver na nossa presença. Ela recebe ameaça de morte com muita facilidade. Seu espírito não foi quebrado Xander, não quando ela foi jogada no desconhecido da vida, na prisão que se encontra agora.

— Como você pode ter tanta certeza? — A pergunta de Xander pairou entre eles, quando Aaron ponderou a verdade absoluta para sua declaração. Não foi nada demais, ele pensou, talvez a maneira que ela lutou fracamente, ou os pequenos vislumbres de rebelião em suas reações. Mas a verdade foi o que ele viu em seus olhos... O mesmo olhar, o mesmo apelo para a



liberação do pesadelo dessa propriedade, que ele via quando olhava no espelho, todas as manhãs.

— Eu só estou dizendo, as razões não são importantes. — Aaron caminhou, a passos largos, para sua mesa. Ao sentar-se abriu o laptop no centro da mesa, efetivamente descartando Xander.

Sabendo que ele tinha sido dispensado, Xander levantou-se para sair. Ele fez uma pausa durante a travessia do escritório. Olhando para, Aaron sobre o ombro, ele perguntou:

— O que você gostaria que eu comprasse para ela? Nunca fui comprar roupa para mulheres.

— Nada extravagante, apenas algo que ela possa usar, que não seja cinco tamanhos maiores que ela. Veja se ela vai lhe passar seus tamanhos, se não, compre o que achar que caiba.

— Sim, sim, capitão. — Depois de uma saudação simulada, Xander virou-se para sair. Fechando a porta atrás de si, ele deixou Aaron com seu trabalho.

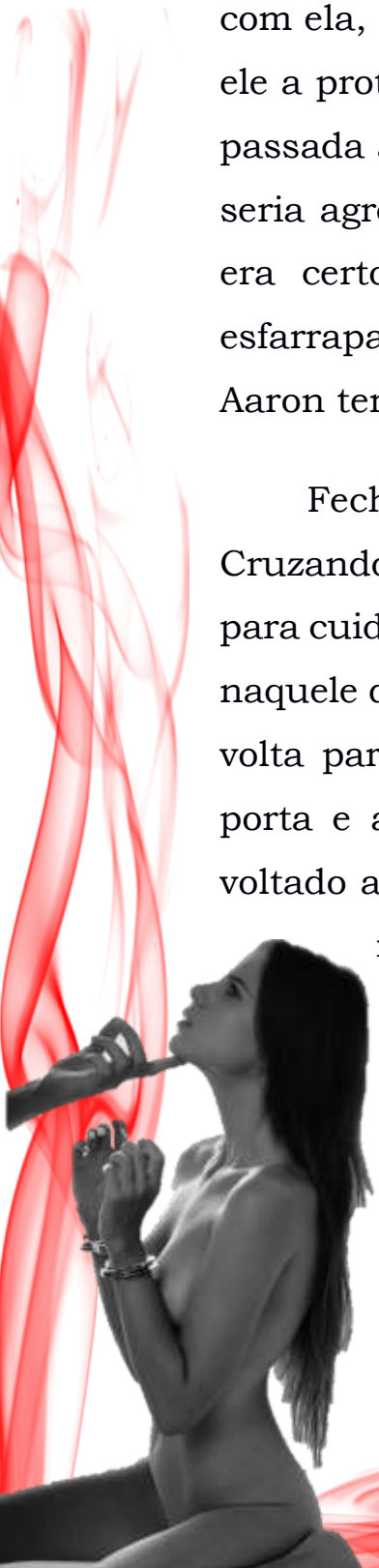


Assim que ele estava sozinho, Aaron tentou manter sua mente focada nos negócios, mas finalmente encontrou-se on-line, pesquisando sua convidada não intencional. Havia páginas e páginas de notícias sobre seu desaparecimento e várias outras com elogios sobre o que alguns chamam – Inteligencia musical. Era óbvio que Madeleine tinha

sido tímida. Mesmo em sua vida adulta, ela não aparecera em muitas fotos, e as que ele encontrou ela sempre estava atrás de um instrumento grande o suficiente para escondê-la do mundo, um instrumento que ela domina de forma que nenhuma outra pessoa ousaria competir.

Aaron rosnou com o pensamento do que ele teria que fazer com ela, o que ele teria que permitir que outros fizessem. Mas ele a protegeria do pior. Ela não seria um brinquedo para ser passada ao redor. Não. Desde que ela era dele, Madeleine não seria agredida, das piores maneiras possíveis. Seu embaraço era certo, sua privacidade seria transformada em trapos esfarrapados, mas seu corpo permaneceria inteiro. Disso, Aaron teria certeza.

Fechando o laptop, ele se levantou de sua cadeira. Cruzando o escritório grande com passos largos, ele partiu para cuidar das várias reuniões de negócios que precisava para naquele dia. Antes de sair, ele não pôde deixar de caminhar de volta para o quarto de Maddy. Silenciosamente, ele abriu a porta e abriu-a apenas o suficiente para ver que ela tinha voltado a dormir na grande cama king size. Seu corpo estava relaxado e suave em cima da seda, sua nudez expunha as curvas tão femininas que a masculinidade nele não podia deixar de reagir. Ele prendeu a respiração enquanto seus olhos se moveram sobre ela. Ela seria uma prática em auto-contenção, o desafio mais difícil que ele tinha enfrentado, mas ele, silenciosamente, prometeu-lhe



que nenhum mal se abateria sobre ela, enquanto estivesse sob seus cuidados. Ela moveu-moveu-s de repente, um grito suave, ainda assustado, escapou de seus lábios cheios. Ele estremeceu enquanto observava o sulco entre seus olhos sonolentos.

Com seu coração rasgando em seu peito, ele lamentou o fato de que ele era o seu pesadelo.



Capítulo Dez

Uma porta correu suavemente contra o tapete e Maddy lutou contra seu sono. Pulando para cima da cama, com os braços imediatamente cobrindo os seios nus, enquanto seus olhos se encontraram com o fundo, o mar azul de Xander. Sua sobrancelha se arqueou enquanto observava sua tentativa de modéstia.

— Normalmente, Grilo, eu a repreenderia por sua tentativa de cobrir-se, mas parece que seu mestre está permitindo isso, enquanto estiver em seus aposentos.

As mãos dele estavam para trás e Madeleine podia ver que ele estava carregando dois sacos de papel marrom. Movendo-se rapidamente para o lado da cama, ele observou seu movimento apressado para colocar a maior distância possível entre eles. Colocando os pacotes para baixo, ele abriu os sacos e tirou a roupa para ela vestir.



— Você estava dormindo quando eu saí, eu tive que adivinhar seu tamanho. As roupas podem ficar um pouco grande, mas nada como o que usava na noite passada.

— Por que as dá para mim?

Xander ficou surpreso ao ouvir o som de sua voz. Lentamente, ele voltou sua atenção para longe das roupas e viu um pequeno rosto que segurava desafio por trás do azul de seus olhos.

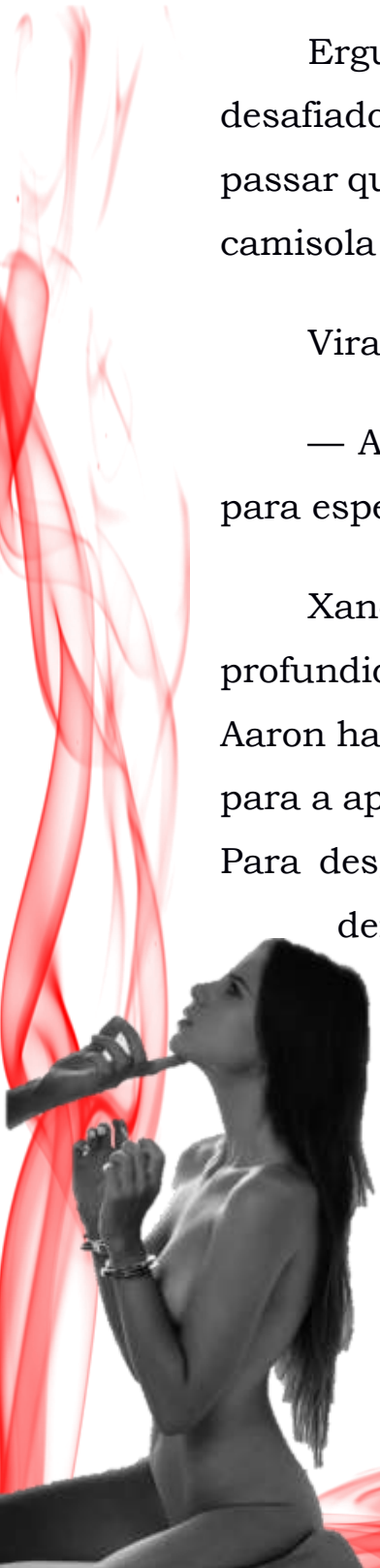
— Agora... Agora, Grilo. É melhor você segurar a língua. Eu não gostaria de vê-la jogada em uma ducha fria de novo.

Erguendo a sobrancelha para a aparentemente desafiadora mulher pequena, ele decidiu deixar a transgressão passar quando ele tirou um par de calças de pijama azul e uma camisola combinando.

Virando-se, ele colocou as roupas na cama.

— Aaron vai estar de volta em breve, você deve se vestir para esperar por ele.

Xander foi surpreendido novamente ao ver uma profundidade repentina em seu olhar, isso o fez acreditar que Aaron havia subestimado seu rato e que ela não estaria pronta para a apresentação uma vez que a semana tivesse terminado. Para desgosto de Aaron, ela deveria ser treinada para viver dentro das regras estabelecidas para o menor membro da The The Estate.



— Por que você me chama disso? Eu não sou alguém que você cuida, por que usar um termo agradável? — Embora, sua voz fosse suave, ela carregava um ar de autoridade, um desafio que não deve ser incluído no tom de um escravo.

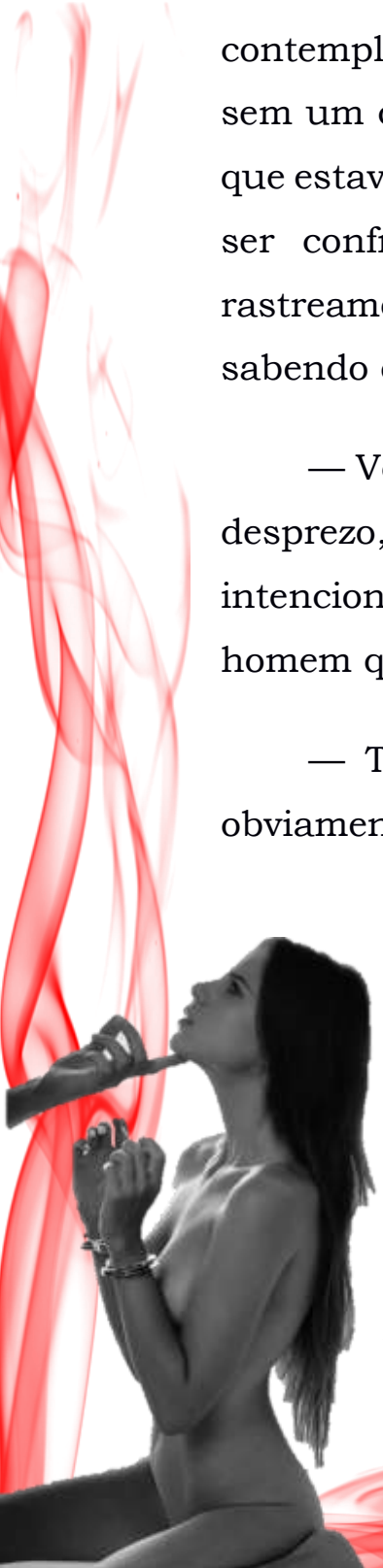
Xander deu de ombros e afastou-se da cama para se apoiar contra a parede adjacente. Ele indicou à roupa com a mão.

— O que eu disse a você sobre as ordens? — Quando ela não respondeu, Xander simplesmente ordenou: — Vista-se.

Madeleine olhou para Xander, interiormente contemplando o belo homem que operava sem preocupação, sem um coração com o qual ele poderia discernir a crueldade que estava infligindo-lhe por sua mera presença. Era enervante ser confrontada com o tipo de cara que faria qualquer rastreamento sobre uma mulher só para ela estar perto dele, sabendo que dentro havia apenas brutalidade e desrespeito.

— Você vai ver enquanto eu me visto? — Sua voz gotejava desprezo, quando ela rastejou para fora da cama, intencionalmente colocando ainda mais distância entre ela e o homem que considerava seu captor.

— Tais palavras são corajosas para uma mulher, que obviamente, está com medo em sua mente.



As mãos de Xander ficaram em punhos, enquanto ele lutava contra corrigir seu comportamento. Mas esta era a luta de Aaron, era o rato dele, para trazer sob controle.

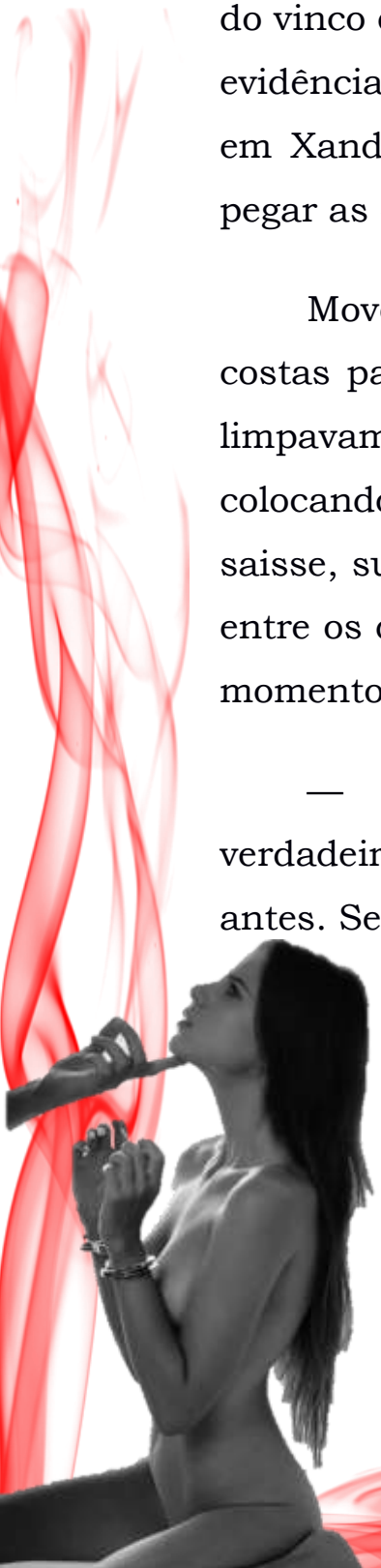
— Eu vou ignorar sua boca uma vez, mas entenda, seria melhor você manter suas explosões de temperamento sob controle, antes de enfrentar Aaron

novamente. Ele não vai ser tão gentil. — A boca de Xander torceu em um sorriso sarcástico e zombeteiro. — Mas eu acho que você já sabe disso, não é?

Madeleine estremeceu com a lembrança forçada de seu encontro com Aaron naquela manhã. O sal de uma única lágrima infiltrou em sua boca, quando ela se arrastou ao longo do vinco dos lábios. Ela estava cansada de chorar, de provar a evidência de seu estado sem esperança. Encarando os olhos em Xander, Maddy puxou a camisola sobre a cabeça antes pegar as calças e puxá-las para cobrir seu corpo.

Movendo-se para a janela, olhou para fora, virando as costas para o monstro atrás dela. Ela observou que homens limpavam as folhas caídas, agarrando grandes braçadas e colocando-as em sacos pretos, pesados. Ela queria que Xander saisse, sua presença apenas a irritava ainda mais. O silêncio entre os dois era desconfortável. Finalmente, depois de vários momentos, ele limpou a garganta e começou a falar.

— Você sabe, agora que está aqui, não há verdadeiramente nenhum retorno para a vida que você tinha antes. Se você aceitar isso, as coisas vão correr de forma mais suave para você. Eu não gostei do que eu testemunhei esta manhã. — Sua voz tinha uma ponta de remorso, no entanto, não foi suficiente para apagar a pequena chama da raiva que tinha começado a queimar dentro da alma de Maddy.



Ela virou-se para ele, de repente. Percebendo que a morte só poderia ser uma fuga dessa vida que ela tinha sido forçada a viver, a pequena chama irrompeu, variando dentro de seu sangue, através de suas células, através de cada parte de seu corpo. O que ela tem a perder? Sua vida? Isso já tinha sido tirado dela na noite do concerto.

— Eu nunca vou aceitar o que você fez para mim. Vou ficar livre, se for pela minha morte, que assim seja, mas eu nunca vou cumprir suas ordens, nem de ninguém.

Xander sorriu para o fogo repentino em seus olhos. Foi inesperado, mas glorioso ao mesmo tempo, esta pequena mulher, era bonita e talentosa, mas também abrigava o espírito de um lutador. Aaron teria um inferno de uma surpresa em suas mãos quando ela fosse finalmente solta.

— Você vai cumprir Grilo. Não há outra escolha.

Sem outra palavra, Xander dirigiu-se para a porta, indo para fora do quarto e trancando-a. Maddy nunca se virou, ela simplesmente viu seu reflexo no vidro, uma vez que desapareceu pela porta. Quando ele se foi, suas palavras soaram em sua mente. Ela sabia que ele estava errado, sabia que havia sempre uma escolha.

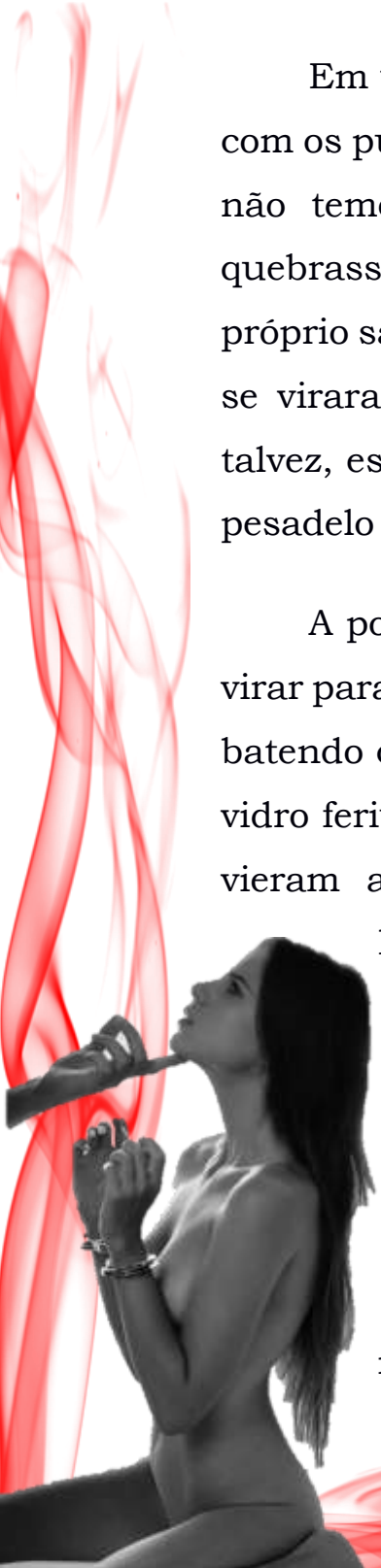


Futilidade, um peso sufocante no peito, ela segurou as lágrimas que ardiam atrás de seus olhos. Chorar não iria salvá-la, ela sabia disso. A fuga era sua única e verdadeira esperança e era a escolha que

ela faria. De repente, impulsionada em lutar por sua vida, Maddy procurou no quarto qualquer coisa com a qual pudesse quebrar o vidro. Não havia nada. Ela entrou em pânico, pensou que talvez pudesse chamar a atenção dos homens que trabalhavam a poucos metros de onde ela estava, eles poderiam chamar a polícia, ou a reconheceriam como a mulher que desapareceu poucos dias antes.

Em um momento de desespero, Maddy bateu nas janelas com os punhos, gritando por socorro o mais alto que podia. Ela não temeu os cortes que sabia que iriam ocorrer se ela quebrasse o vidro. Ela não se importava se derramasse seu próprio sangue, se ele iria ajudá-la a escapar. Os trabalhadores se viraram para olhar e ela gritou mais alto, sentindo que, talvez, este seria o momento em que ela fosse retirada de seu pesadelo sem fim.

A porta do quarto se abriu. Maddy não se preocupou em virar para ver quem entrou, ela não parava de gritar, continuou batendo contra o vidro com tanta força que o choque contra o vidro feriu os finos ossos em suas mãos. Dois braços grandes vieram ao redor dela, puxando-a pela janela, quando os homens do lado de fora começaram a falar, apontando em sua direção.



Atirada ao chão, o impacto reverberou através de seus quadris e ombros, à medida que foi jogada com força no chão, mesmo o carpete de pelúcia não foi suficiente para absorver o choque. Uma grande mão veio sobre sua boca. Tendo perdido o controle

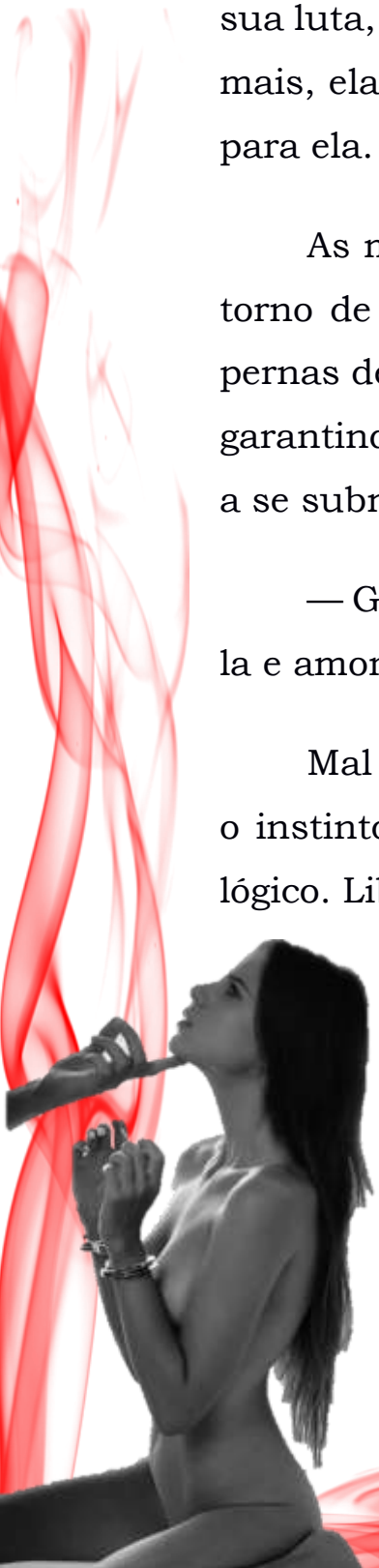
completo, ela se debatia contra o seu agressor, as lágrimas em seus olhos obscurecia a identidade da pessoa lutando em cima dela.

— Que porra você está fazendo? — A voz de Xander berrava, ecoando seus ouvidos. Um tapa, o som de pele contra pele, uma dor aguda em sua bochecha se seguiu. Continuando sua luta, Maddy não se importava se ele batesse nela mil vezes mais, ela não poderia existir nesta vida que tinham escolhido para ela. A fuga tinha que vir.

As mãos de Xander encontraram Maddy e enrolaram em torno de seus pulsos fixando-os acima de sua cabeça. Suas pernas desceram sobre a dela, o peso de seu corpo a prendeu, garantindo-a no lugar. Ela continuou gritando, recusando-se a se submeter ao monstro em cima dela.

— Grilo! Pare de merda agora, antes eu tenha que amarrá-la e amordaçá-la!

Mal preocupada com a ameaça, Maddy continuou a luta, o instinto animal de sobrevivência assumiu seu pensamento lógico. Liberando seus pulsos, Xander moveu as mãos em sua cabeça antes de dizer – me perdoe. O impacto de sua cabeça com o chão, abalou seus pensamentos, enviado dores através de seu crânio e espinha. O próximo golpe a deixou novamente nas trevas, havia apenas um túnel ao redor dela, arrancando-a do presente.



O corpo de Maddy ficou inerte sob Xander. Seus olhos revertidos quando suas pálpebras se fecharam. Ele estremeceu, quando ela finalmente perdeu a consciência, mas sua violência para com ela não poderia ser evitada. Virando a cabeça para o lado, ele viu como a prova de seu tapa deixou o rosto, vermelho e irritado. Deixando escapar um suspiro lento ele saiu de cima dela, deixou-a deitada no chão acarpetado enquanto se movia pelo quarto. Caminhando para o corredor, ele rapidamente recuperou as algemas e restrições que havia trazido para o apartamento na noite anterior.

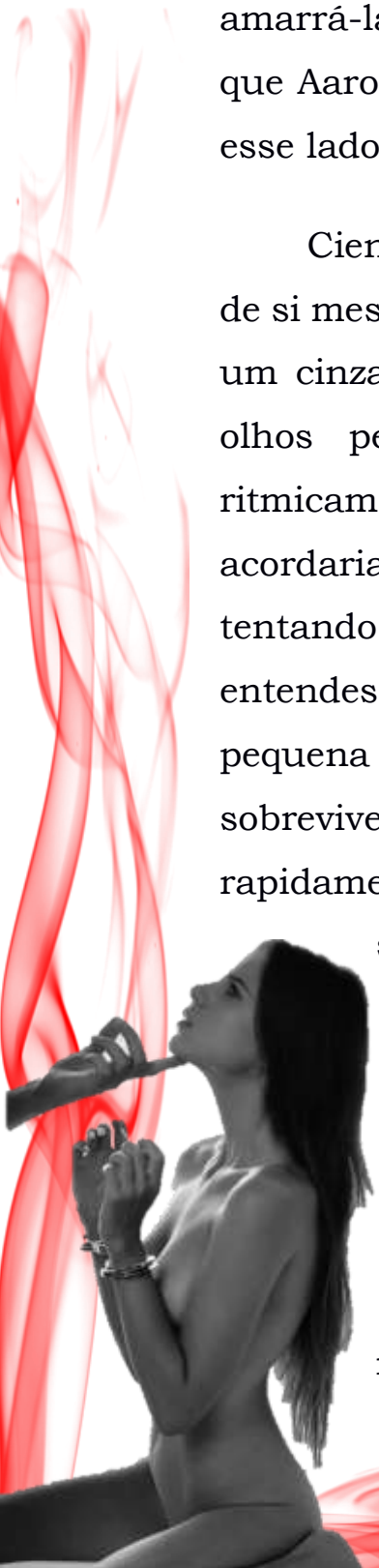
Ele sabia que Aaron ficaria furioso, se tornaria enfurecido ao saber que não só tinha ele atingido a mulher, mas a prendera como um animal. Mas Xander não tinha escolha. Aqueles homens, fora da janela de Maddy, sem dúvida, falariam, iriam espalhar a verdade, rumores de que Aaron estava permitindo que um escravo vestisse roupas e caminhasse sobre um quarto, desenfreada. Agarrando restrições, ele caminhou de volta, para encontrar Maddy ainda inconsciente, onde a tinha deixado. Rapidamente, ele levou seu pequeno corpo para a cama, prendendo as mãos em cima dela, só



para trazer as correntes abaixo da cama para que ele também pudesse ligar os pés, na base.

Uma vez que seu corpo foi esticado em todo o colchão, imobilizado pela inconsciência e correntes, Xander pegou outra camisola dos sacos, agora no chão. Rasgando uma das camisas finas em pedaços, ele fez uma piada rápida, sobre amarrá-la em torno de sua boca, para mantê-la em silêncio até que Aaron pudesse voltar a decidir como eles iriam lidar com esse lado menos delicado de sua cativa.

Ciente de que ela não poderia mais, fazer um espetáculo de si mesma, Xander fechou as cortinas, cobrindo o quarto em um cinza nebuloso, não muito escuro, mas não claro. Seus olhos percorreram Maddy, ele observou como o peito ritmicamente mudou-se para uma respiração superficial. Ela acordaria, eventualmente, provavelmente feriria a si mesma tentando libertar-se de suas amarras, mas até que ela entendesse seu lugar, não poderia haver misericórdia para esta pequena mulher que tinha o espírito oculto de um sobrevivente. Fechando a porta, Xander moveu-se rapidamente para a sala e sentou-se no sofá de couro. Um suspiro escapou-lhe quando ele desejou um momento de paz.



Dentro de uma hora, Aaron entrou pela porta da frente. A bainha de sua camisa pendurada parcialmente para fora da cintura, os botões de cima foram desfeitos e a mancha salpicada sobre o branco nítido do material, era sangue, inconfundível.

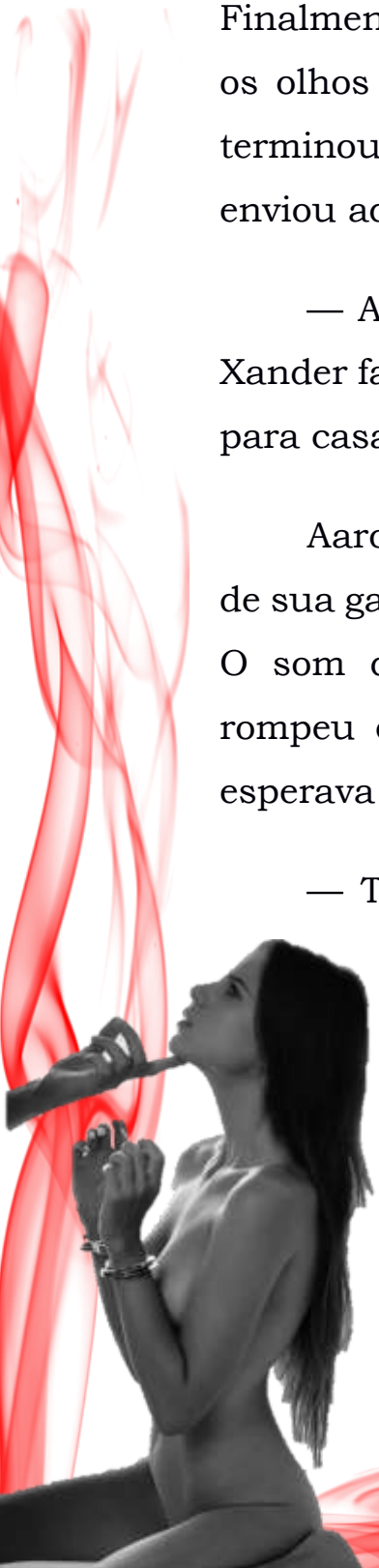
Instantaneamente, Xander ficou de pé, com uma pergunta não formulada em sua expressão.

Aaron virou-se e foi para o bar, pegou uma garrafa de líquido escuro e derramou o conteúdo em um copo de cristal. Batendo para baixo a primeira bebida, seus olhos nunca deixaram a garrafa enquanto ele rapidamente derramou outro. Finalmente, Aaron virou para olhar Xander. Morte assombrava os olhos de Aaron, a sombra fria e vazia de outra vida que terminou ausente de arrependimento por ter sido a pessoa que enviou aquela pobre alma nas entranhas do inferno.

— Acho que as reuniões de negócios não foram bem. — Xander falou sem emoção. Não era incomum para Aaron voltar para casa coberto da prova da morte violenta de alguém.

Aaron bateu de volta sua segunda bebida, os músculos de sua garganta moviam-se para empurrar o álcool para baixo. O som do vidro atingindo a superfície da barra superior rompeu o silêncio entre os dois homens, enquanto Xander esperava pacientemente por uma explicação.

— Theo Hollis infelizmente encontrou seu criador, esta tarde. Ele pensou que era sábio roubar um negócio, em relação ao ano passado. Os contabilistas finalmente descobriram como ele tinha beliscado fora quantidades pequenas aqui e ali, até que não havia dúvida de que ele tinha adquirido uma pequena fortuna por seus esforços.



Xander assentiu, sem a menor surpresa.

— Theo nunca foi um homem inteligente. — Ele fez uma pausa, relutante em informar Aaron do incidente com Madeleine. Respirou um suspiro profundo, confessou. — O rato causou uma cena enquanto você estava ausente. Você vai, sem dúvida, ficar puto uma vez que vir o que eu tive que fazer para conter ela.

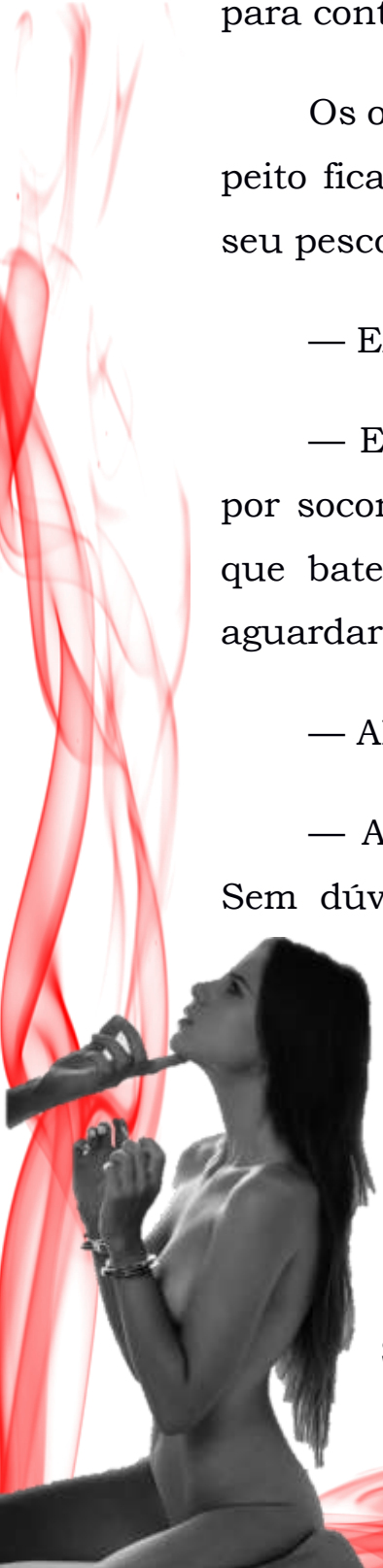
Os ombros de Aaron endireitaram-se, os músculos de seu peito ficaram rígidos debaixo de sua camisa e os tendões de seu pescoço se tornando claramente definidos.

— Explique.

— Ela encontrou sua voz novamente, desta vez gritando por socorro, enquanto batia nas janelas de seu quarto. Tive que bater nela, para contê-la e a acorrentei à cama para aguardar o seu retorno.

— Alguém a viu?

— A equipe de manutenção estava trabalhando lá fora. Sem dúvida ela foi vista. Ela estava vestida no momento, Aaron.



Acenando com a cabeça, Aaron rapidamente mudou-se para as portas que davam para os quartos traseiros.

— Eu vou trocar de roupa antes de verificá-la. Se alguma das pessoas vier inspecionar meu

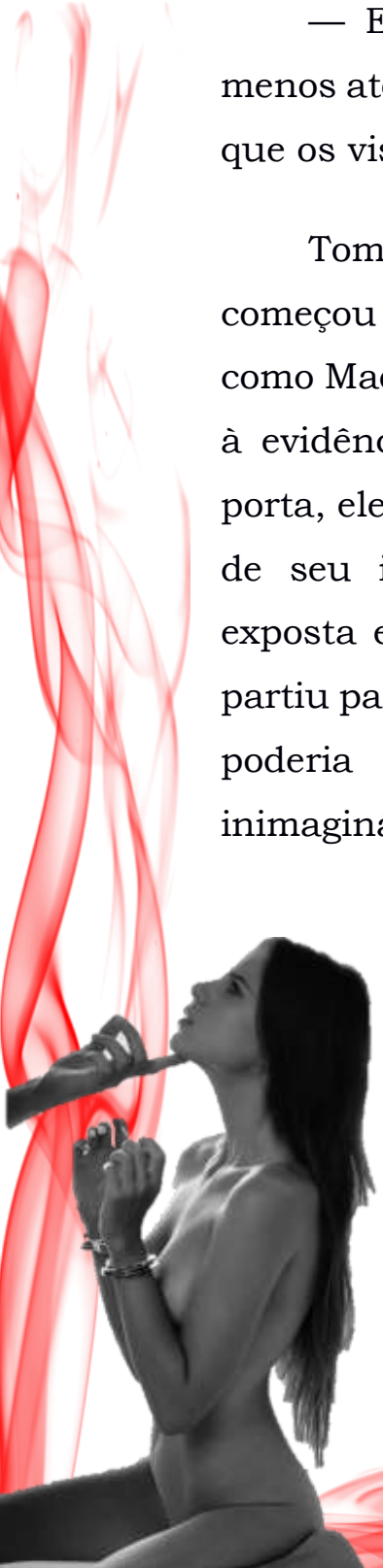
progresso com a nossa convidada, diga-lhes que não desejo ser incomodado. Rumores se espalham rapidamente neste lugar. Espero ter notícias do meu pai antes do tempo.

— O que você vai fazer com ela?

Aaron parou, seus ombros caindo na derrota.

— Eu vou garantir que ela pareça como deveria, pelo menos até o momento em que eu já não tiver que me preocupar que os visitantes estejam chegando.

Tomando grandes passos adiante no corredor, Aaron começou a retirar a camisa, mas depois parou. Ele pensou em como Madeleine saudou a morte e quis saber como ela reagiria à evidência inquestionável de tal destino. Desbloqueando a porta, ele a empurrou para o quarto dela, a raiva fervia dentro de seu intestino, ao encontrá-la acorrentada, com força, exposta em cima da cama. Balançando-se livre de pena, ele partiu para se tornar seu pesadelo, sabendo que sua crueldade poderia ser a única coisa capaz de salvá-la do horror inimaginável que sua rebelião poderia trazer.

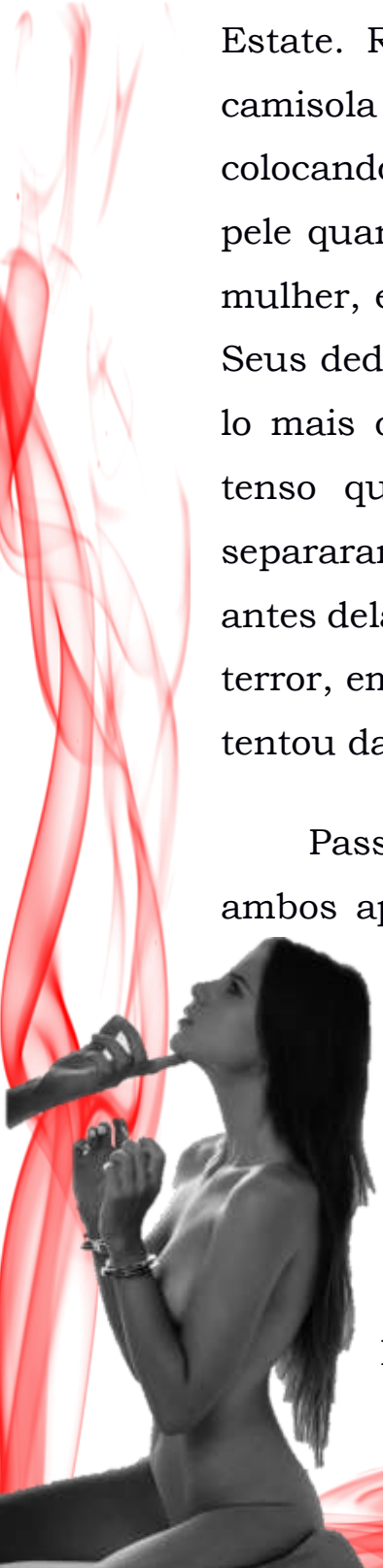


Atravessando o quarto, ele permitiu que seus olhos arrastassem através de seu corpo, enquanto ele se aproximava da cama. Pequenas dicas de pele branca apareciam por baixo do material azul de suas roupas, o contraste surpreendente era sua tentação.

Estendendo a mão, ele correu as pontas dos dedos através dessa pequena área da pele, observou

como seus músculos se contraíram em resposta ao seu toque. Luxúria era um fogo dentro de sua mente. Mas seu pequeno rato tinha feito um espetáculo de si mesma, tinha revelado sua bondade, sua fraqueza neste jogo. Ela não podia selar o seu próprio destino, lançar-se, sem saber, para os lobos que a aguardava. Aaron teria que ser seu monstro, sua própria crueldade iria protegê-la da verdadeira loucura da The The Estate. Resignando-se à tarefa, ele passou as mãos sob a camisola fina que a cobria, sobre a suavidade de sua pele, colocando o peso do peito. Um tremor passou por cima de sua pele quando ele lutou contra o desejo de se aproveitar desta mulher, enquanto ela estava amarrada, em sua misericórdia. Seus dedos roçaram sobre o pico de seu peito antes de tomá-lo mais ou menos, beliscando-o, seduzindo-o em um ponto tenso que sua língua doía para tocá-la. Seus lábios se separaram, houve um gemido desenrolando atrás da mordaça, antes dela encontrar a consciência. Esse prazer se tornaria um terror, em breve, quando Aaron tomasse dela a dignidade que tentou dar antes.

Passando a mão sobre ela, moldou o outro seio até que ambos apontaram para ele, a provocá-lo com a exibição da beleza e forma feminina. Madeleine começou a contorcer-se sob seu toque, seu pênis saltou em resposta, pedindo liberação, implorando para ser enterrado dentro do calor quente de seu corpo. Ele não podia ajudar a si mesmo, enquanto observava seus quadris rolar em resposta ao seu toque. Descendo sua mão lentamente, ela desapareceu sob



o material de suas calças, ao longo da trilha delicada de pelos, apenas evitando o lugar que ele sabia que iria provocar a sensação que iria transformar seu corpo em um traidor contra sua alma. Ela movia as pálpebras, o corpo, se movendo lentamente, convidando seu toque. Ele viu quando a realização amanheceu dentro dela, uma luz que veio aos seus olhos, com terror, seguindo logo atrás. Em poucos segundos, o movimento de seu corpo mudou de convite para defesa.

— Bom dia, linda. Já é hora de você se juntar a mim. — Ele falou no tom mais suave que pôde, tentando esconder o enrolamento de luxúria através de cada célula de seu corpo.

Ela começou a gritar, sua tentativa só o enfureceu, levando-o a enfiar a mão mais para baixo. Aplicando pressão no ponto de seu corpo, que ele sabia que iria causar prazer indesejado, ele balançou a cabeça.

— Tsk, tsk, a Sra. Clark. Continue a lutar e eu vou transformar seu próprio corpo contra você.

Ela se acalmou de repente, mas não conseguia parar o fluxo de lágrimas de seus olhos. Sem piedade... Ele lutou contra o impulso de puxar a mão, para secar as lágrimas escorrendo pelo seu rosto, em trilhas. Lentamente, ele esfregou círculos sobre ela, sentiu como seu corpo a traiu por se preparar para sua intrusão.



— Eu ouvi sobre sua briga com Xander, esta tarde. Você percebe que a punição é a única alternativa que tenho para o seu comportamento?

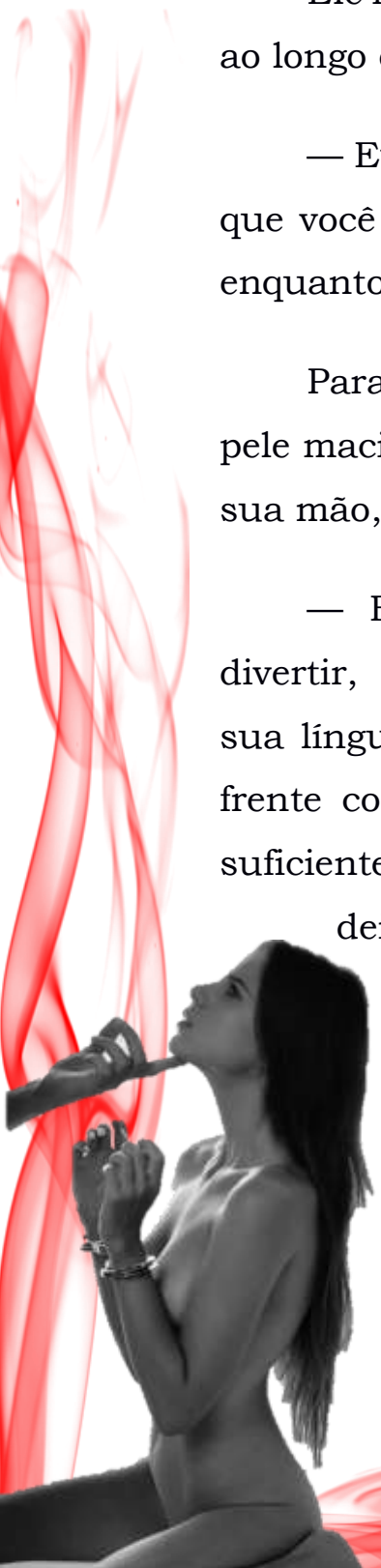
Seus olhos se arregalaram, temor amortecia o desafio de mais cedo, que havia naqueles olhos azuis brilhantes.

Ele inclinou-se para baixo, até que seus lábios arrastaram ao longo da borda de sua orelha.

— Eu posso fazer você sentir coisas que vão contra o ódio que você tem por mim. Eu posso fazer você gritar de prazer, enquanto morre por dentro.

Para provar seu ponto, ele penetrou um dedo ao longo da pele macia entre as pernas. Seus quadris empurraram contra sua mão, enquanto seus olhos se estreitaram, com nojo.

— Esse ódio de uma garotinha assustada. Vou me divertir, bem, você sabe. — Era mentira, um filme amargo em sua língua, mas sua vida estava por um fio. Empurrando a frente com o seu tormento, ele mordeu sua orelha, forte o suficiente para causar dor, mas leve o suficiente para não deixar uma marca na perfeição de sua pele. Ela tentou virar, para se libertar dos dentes envolvidos em torno da borda sensível de sua orelha.



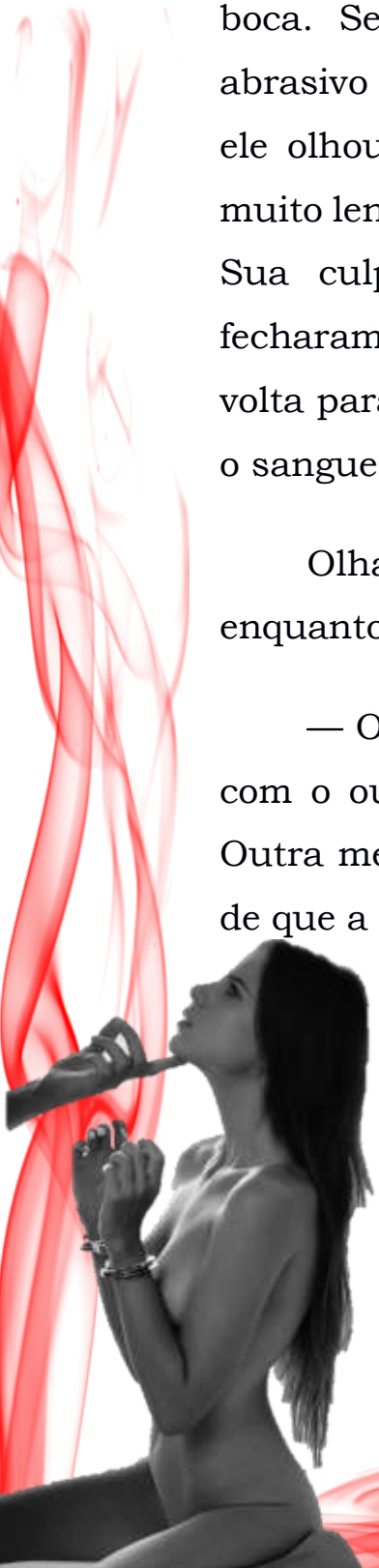
Puxando a mão da calça dela, ele agarrou para o material de sua camisa, rasgando-o em pedaços, facilmente, para revelar seu peito flexível.

— Eu lhe dou roupa, e como você me paga? Chamando a atenção para si mesmo? Para minha bondade? — Seus dedos rapidamente encontraram os mamilos novamente, apertando-os, estimulando-os em pedras apertadas. — Olha como você responde, você gosta do meu toque, não é?

Um protesto escapou por debaixo do material amarrado à boca. Seu pênis pressionou mais forte contra o material abrasivo de suas calças. Ele se afastou, até ficar em cima dela, ele olhou para a perfeição de seus seios, lambeu os lábios muito lentamente, como para garantir que ela visse seu desejo. Sua culpa guerreou contra sua luxúria. Seus olhos se fecharam e abriram novamente quando ela virou a cabeça de volta para ele, aumentando incrivelmente quando reconheceu o sangue adornando sua camisa.

Olhando para baixo, ele soltou uma risada sem graça, enquanto puxou o material para fora de seu corpo.

— O que você está olhando? As provas do que aconteceu com o outro rato que ousou se negar à minha vontade? — Outra mentira, mas que poderia incutir nela o conhecimento de que a morte era, na verdade, uma consequência viável para escárnio.



Estendendo a mão, ele segurou o rosto dela nas mãos, virando a cabeça para examinar a mancha vermelha que saiu da mão de Xander.

— Eu vejo que você foi marcada novamente.

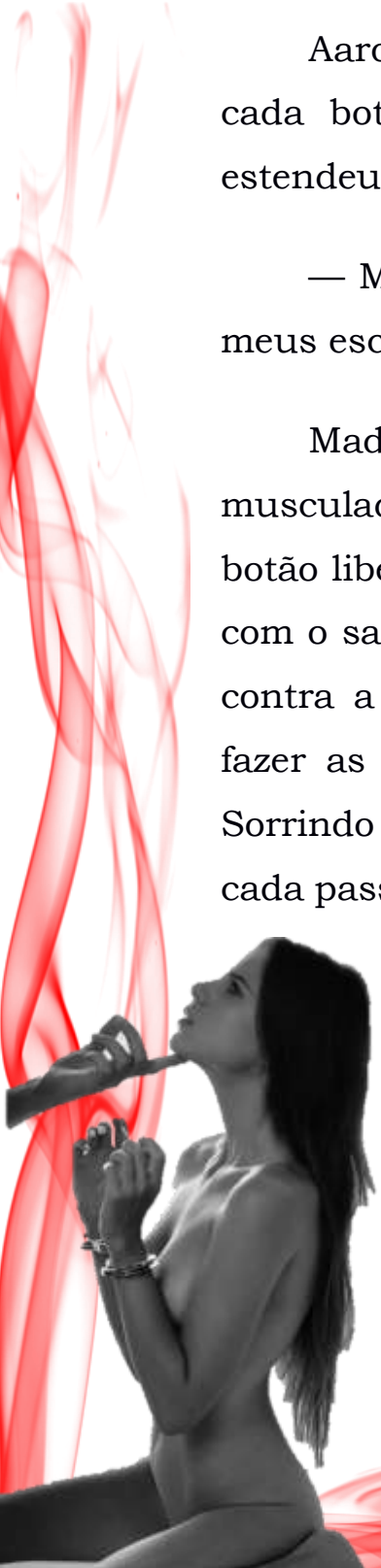
Uma pausa, ele reuniu sua determinação para continuar seus insultos ao invés de acalmá-la, como desejava que pudesse.

— Gostaria que eu derramasse seu sangue, rato? Ou posso confiar em você para se comportar, quando eu libertá-la de suas amarras?

Aaron começou a tirar a camisa, desfazendo lentamente cada botão. Quando Maddy foi virar a cabeça longe, ele estendeu a mão para corrigir seu comportamento.

— Mantenha os olhos abertos, Sra. Clark, eu gosto que meus escravos vejam quando eu tiro a roupa.

Maddy abriu os olhos como instruído, observou o peito musculado, a pele beijada pelo sol, que era revelada a cada botão liberado. Aaron notou como seu medo óbvio, misturado com o sabor incomum de sedução, como a mente dela lutava contra a atração em direção a um homem construído para fazer as mulheres quererem o pecado que ele poderia dar. Sorrindo para ela, ele teve o prazer de fazê-la testemunhar cada passo em direção à violação de seu corpo. Seus músculos se flexionaram quando ele puxou lentamente uma das mangas para fora, depois a outra. Quando suas mãos se moviam para o botão das calças cinza, Maddy puxou suas correntes, estremecendo quando o metal cortou a pele macia de seus pulsos e tornozelos. Aaron parou de repente, viu como ela lutava para escapar.

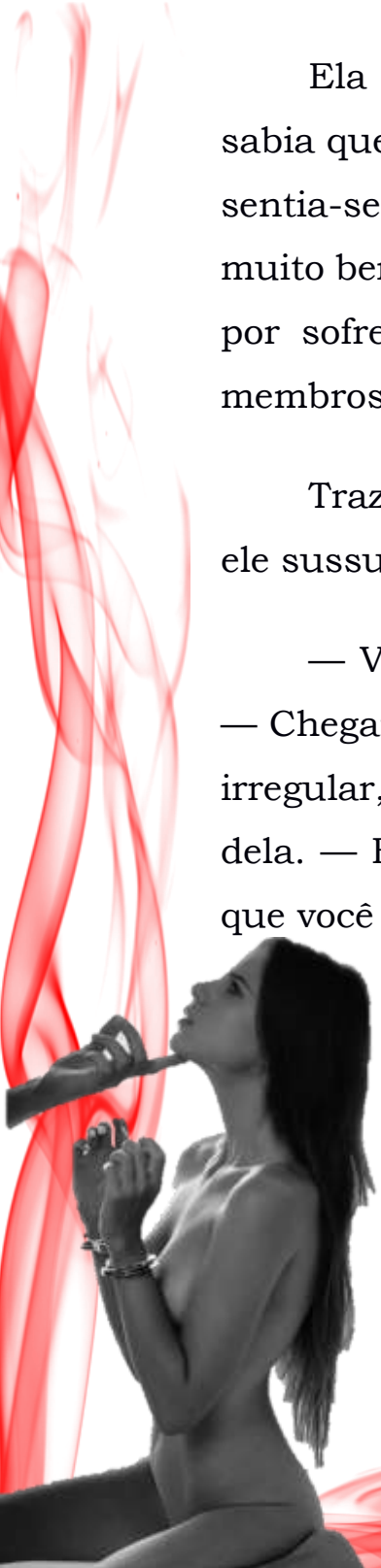


— Você luta, mesmo agora? Depois de ver o que vai acontecer com uma mulher que recusa meu toque? — Aaron se inclinou mais uma vez, colocou a mão aberta, sobre a extensão de seu estômago. Sua voz não mais do que um sussurro, ele advertiu: — Não confunda a morte com sua fuga. Vou conceder-lhe dor, vou derramar o seu sangue, mas não vou liberá-la como você espera.

Ela se acalmou. Aaron riu, um risinho perverso que ele sabia que iria provocar pavor na mulher que ele provocou. Ele sentia-se mal sobre o que estava prestes a fazer. Sabendo muito bem que se ele não a deixasse sob controle, ela acabaria por sofrer consequências ainda mais duras nas mãos dos membros da The The Estate, ele continuou com seu ataque.

Trazendo os lábios de volta para a concha de sua orelha, ele sussurrou:

— Você já conheceu o toque de um homem, Madeleine? — Chegando para trás, para olhá-la, ele notou sua respiração irregular, imaginou que ele podia ouvir as batidas do coração dela. — Eu pesquisei você e pelo que encontrei, eu não acho que você já experimentou muito na sua jovem vida.



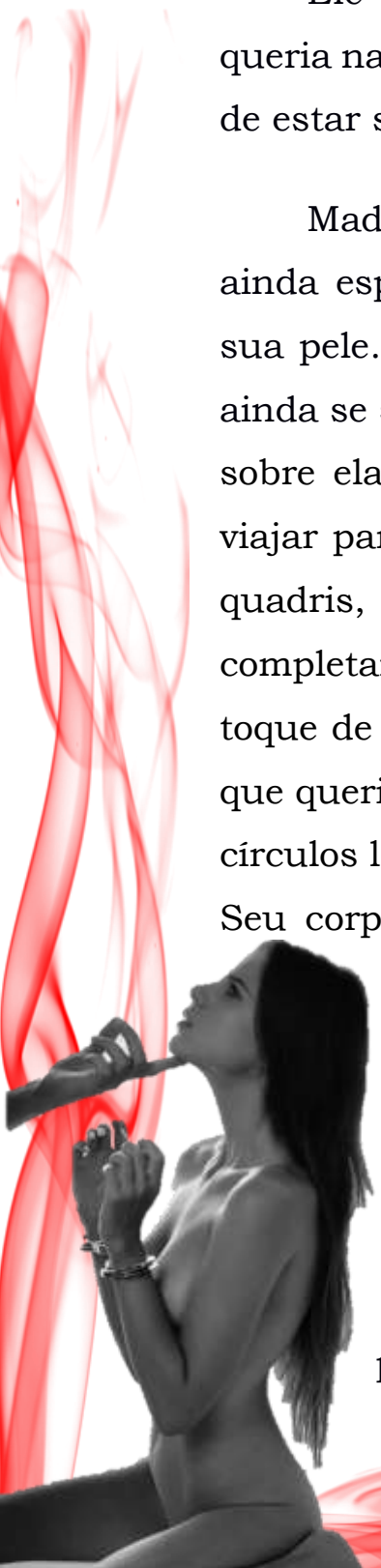
Ele olhou para a mulher bonita, amarrada e amordaçada, completamente à sua mercê. Era inevitável sentir culpa, mas ele permitiu que o fogo da luxúria o reduzisse a cinzas. Ele não perderia o controle total, mas gostaria de tocar na mulher que capturou sua atenção, tantos meses antes. Seu corpo

tremia e tremia diante dele, seus gloriosos seios saltavam com os pequenos movimentos de seu corpo.

— Tenho a intenção de apresentá-la ao lado mais escuro da vida, ensinar-lhe o que um homem pode fazer por você, para te fazer implorar por mais.

Ele via a luz de desafio diante de seus olhos, ele não queria nada mais do que substituir esse desafio pela satisfação de estar saciada.

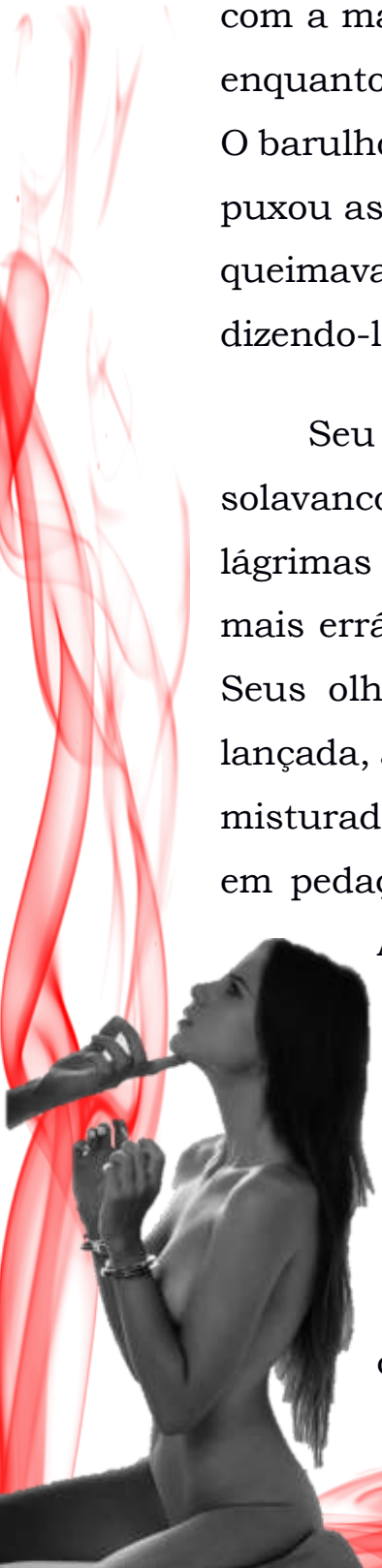
Maddy viu quando Aaron sentou-se na cama, com a mão ainda espalmada sobre seu estômago, o calor dele infiltrava sua pele. Ódio, um animal feio rugindo alto, dentro dela, ela ainda se segurava, recusando-se a ele e ao efeito que ele tinha sobre ela. Aquelas mãos, ásperas e calejadas, começaram a viajar para baixo, empurrando suas calças em torno de seus quadris, ainda mais para baixo, até que estava expondo-a, completamente a ele. Podia sentir a umidade, causada pelo toque de antes, sentiu raiva e confusão, por ter reagido e por que queria mais. O dedo encontrou seu clitóris, esfregou-o em círculos lentos, até que ela foi agredida por impulsos elétricos. Seu corpo realmente a traiu naquele momento. Começando como uma queimadura lenta, a sensação desconhecida alastrou-se por seu núcleo. Ela encontrou-se buscando o toque, seus quadris movendo-se de forma a aumentar a pressão. Lágrimas escorriam de seus olhos, quando as pontas de seus seios apertados, pesados e inchados, doíam para serem tocados. O verde profundo daqueles olhos



nos dela, enquanto ele continuava o ritmo extenuante, nunca acelerando ou retardando, simplesmente seduzindo seu corpo para sentir algo completamente alheio à sua mente.

Como um brinquedo de liquidação, seu corpo zumbia ao toque. Ela queria que ele parasse, sua mente estava banhada em repulsa pela umidade que ela podia sentir entre as pernas, com a maneira como seu corpo queria empurrar-se ao toque, enquanto sua mente gritava para colocar distância entre eles. O barulho das correntes ficou mais alto quando ela inutilmente puxou as ligações. O fundo verde, sem fim dos olhos de Aaron queimava dentro dela, havia um brilho selvagem em cada um, dizendo-lhe que ele gostava do que estava fazendo com ela.

Seu corpo continuou em fervorosa intensidade, com solavancos traidores da mente entorpecida de gratificação. As lágrimas corriam livremente quando sua respiração tornou-se mais errática e seu coração batia contra as paredes do peito. Seus olhos rolaram para trás e quando ela finalmente foi lançada, a confusão sobre o que tinha acontecido ao seu corpo, misturado com sua vergonha por ter experimentado, rasgou-a em pedaços, deixando-a concentrar-se em culpa e ódio, por Aaron e para si mesma.

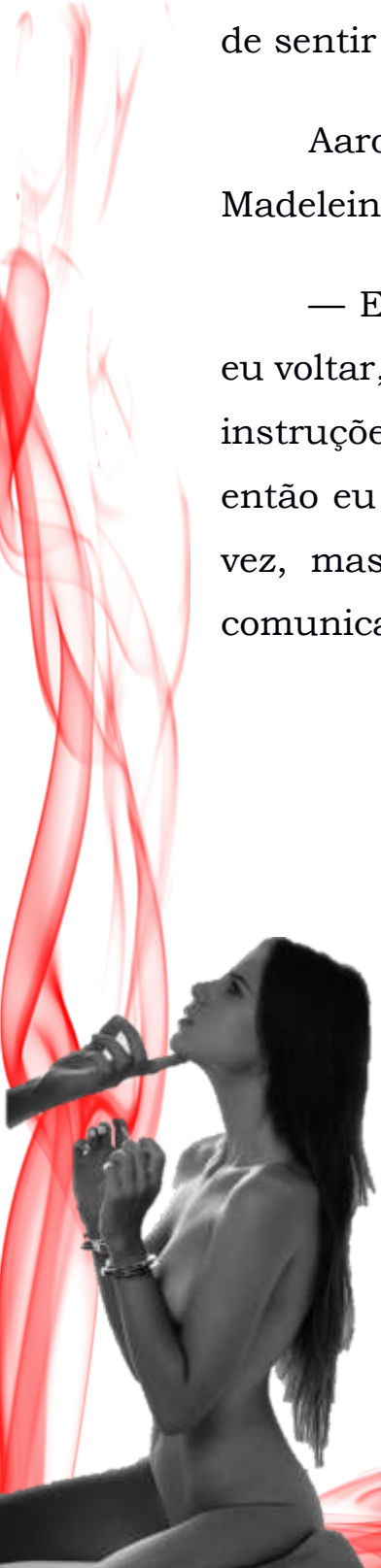


Sentindo o calor liso entre as pernas, ela começou a soluçar, a evidência física de sua excitação e orgasmo era uma humilhação para Aaron testemunhar. Embora líquida e distorcida por suas lágrimas, ela podia ver que os lábios esculpidos curvavam em diversões e triunfo.

— Como é que te fiz sentir, Madeleine? — Sua voz esfregou sobre ela, áspera e corajosa, de sua excitação. Seus dedos arrastaram para baixo, através de sua pele lisa, causando outra sacudida através de seu corpo. — Eu vou fazer você gemer ainda mais alto quando eu finalmente te beijar lá... Mas isso é para quando você for uma boa menina. E, acredite em mim, Sra. Clark, você vai querer ser uma boa menina depois de sentir o meu beijo.

Aaron levantou-se e caminhou até a porta, deixando Madeleine úmida e exposta.

— Eu vou tomar banho e me vestir. Espero que quando eu voltar, você esteja mais disposta a trabalhar com as minhas instruções e apreciar a minha bondade. Se você não fizer isso, então eu vou deixá-la embebida em sua vergonha, mais uma vez, mas desta vez, eu não vou lhe dar o prazer de um comunicado. Eu vou deixá-la na loucura que vem logo a seguir.



Capítulo Onze

Fechando a porta do quarto dela, atrás dele, Aaron recostou-se, deixando a temperatura baixa da madeira infiltrar em sua pele superaquecida. A cada soluço alto, que ouviu atrás da porta, seu coração se partia em pedaços, cada pedaço caia ao som de sua dor. No entanto, mesmo com o som de sua dor, ele não poderia esquecer os pequenos sons, os gemidos que ela fez, enquanto trabalhava-a para o orgasmo. A julgar pelo olhar em seu rosto, confusão e surpresa, ele suspeitou que pudesse ter sido seu primeiro e isso o fez se sentir como um bastardo ainda maior do que sabia que já era.

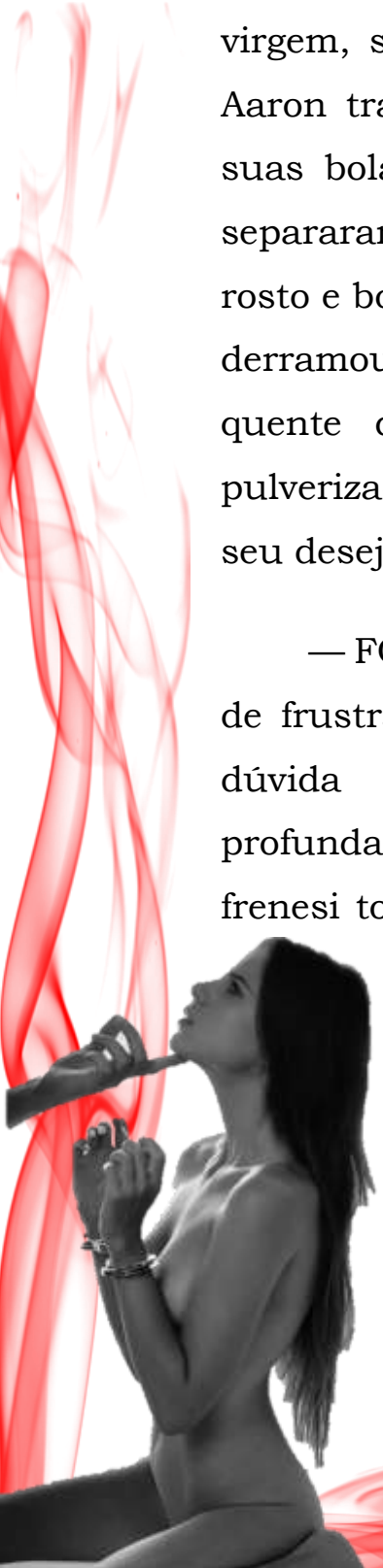
Empurrando-se da porta, ele se virou, e o peso de seus passos ecoou contra o chão de madeira, enquanto se movia mais fundo no corredor, para seu quarto. Fechando a porta atrás de si, ele atravessou o cômodo, estendendo a mão para apertar no aparelho de som. O som do instrumento de Madeleine parecia quase anestesiá-lo, enquanto ouvia a canção triste. Ela era uma escrava de seu desejo, enquanto ele era um escravo de sua dor.



Com o pênis ainda rígido contra suas calças, ele foi para o banheiro e ligou o chuveiro. Livrando-se de toda a roupa, ele entrou na água, tão quente que poderia lavá-lo da vergonha em sua pele. Sua

mão encontrou seu eixo, extremamente cheio de sangue. Ao som e toque da água, ele agarrou-se, duro, deslizando a mão para cima e para baixo no mesmo ritmo que ele usou na mulher bonita no outro quarto, apenas momentos antes. Com sua outra mão apoiada na parede de azulejos e olhos fechados ele imaginou que a dor de seu aperto era o contrário do que sentiria se deslizasse dentro do aperto de Madeleine. Uma virgem, sem dúvida, a conquista seria doce ao ser tomada. Aaron trabalhou-se mais rápido, mais forte, até que sentiu suas bolas incharem, ainda pensando nela. Seus lábios se separaram devido ao gotejamento de água, que corria pelo seu rosto e boca. Um gemido explodiu em seu peito e sua semente derramou sobre o chão de azulejo. Vergonha era um cobertor quente que o sufocava, ele abaixou a cabeça para a pulverização da água, abriu os olhos para ver a evidência de seu desejo, que escorria pelo ralo.

— FODA! — Sua voz rasgou na garganta quando ele gritou de frustração. Ele queria essa mulher, não havia nenhuma dúvida de que ele estava louco para enterrar-se profundamente em seu calor suave; a desejava tanto que um frenesi tomou conta dele, ordenhando-o de tudo o que tinha para lhe dar. A tentação era tão forte. Ele poderia facilmente cair na corrupção balançada diante dele, pelo homem cujo sangue ele compartilhava.

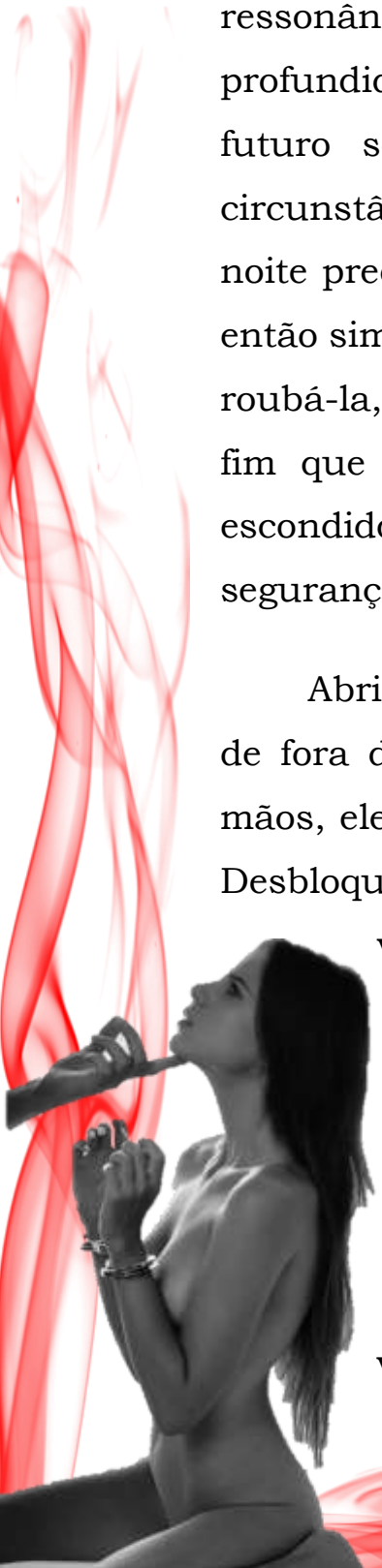


Um choque derrubou os ossos de seu braço quando ele bateu o punho contra a parede de azulejos. A pele de sua mão espreitava para fora,

onde o sangue tinha sido espremido de lado. Saindo do banho, ele jogou a toalha fora, antes de passar em seu armário para se vestir. Depois de escorregar uma camiseta preta simples sobre o peito, ele puxou calças pretas e afivelou um cinto de couro em torno de sua cintura.

A música tocava por todo o quarto, a profunda ressonância do violoncelo assombrava-o com a solidão e a profundidade da miséria. Se soubesse de alguma forma, seu futuro seria tão sombrio? Sua alma estava ciente das circunstâncias que resultariam sua atuação pública naquela noite predestinada? Se sua música fosse qualquer indicação, então sim; Madeleine sabia que o mundo exterior acabaria por roubá-la, jogá-la em um pesadelo do qual não havia nenhum fim que se possa imaginar. É por isso que ela tinha se escondido atrás de um instrumento tão grande e por trás da segurança das paredes do estúdio.

Abrindo a porta, ele pisou no corredor, parando do lado de fora da porta de Madeleine. Sua cabeça caiu para suas mãos, ele precisava dela pronta, caso a companhia chegasse. Desbloqueou a porta, entrou, parou de repente quando ela virou a cabeça para ele, com os olhos da cor de um mar revolto, queimando no dele. Ela estava lívida, raiva escorria de seu olhar, como uma navalha afiada.



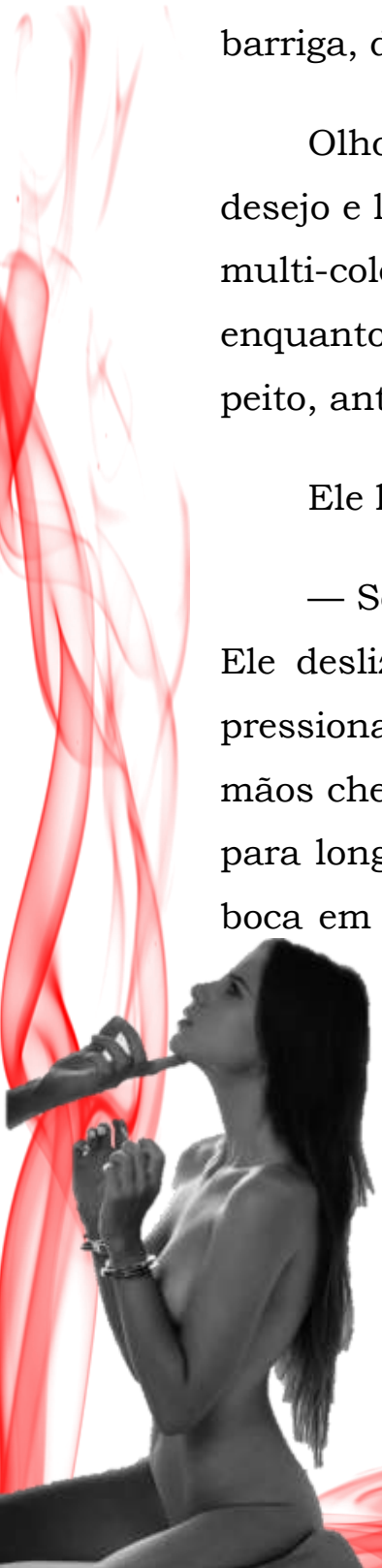
— Será que você precisa ser fodida em conformidade, Sra. Clark? — Sua mão foi até a virilha, ela arregalou os olhos, com a lembrança de

como ele poderia levá-la a qualquer hora que quisesse. Seus passos eram propositalmente quase felinos. Ele perseguiu seu ratinho, a respiração dela ficou irregular, a pele daquela linda mulher era uma tentação, era como um Buffet para um pecador, implorando por sua indulgência. Correndo apenas as pontas dos seus dedos ao longo de seu estômago, com a boca cheia de desejo, seu pau despertou e ele sentiu um frio na barriga, desejando de forma insana o toque dela.

Olhos da cor de florestas proibidas olharam para ela, desejo e luxúria queimavam por trás do redemoinho de folhas multi-coloridas. Maddy olhou para Aaron, seu peito arfava, enquanto ele movia as mãos por seu abdômen, parando no peito, antes tirar a mão.

Ele limpou a garganta.

— Se eu remover a mordaça, você promete não gritar? — Ele deslizou o dedo ao longo de seu lábio inferior, que foi pressionado para fora do pano que lhe amarrava a boca. As mãos chegaram por trás dela, soltando o material, puxando-o para longe de seu rosto e deixando a pele nos cantos de sua boca em chamas, pela colisão com o ar frio do quarto. Seus instintos disseram-lhe para gritar, usar a voz para afugentar o demônio que a segurava. Mas era inútil, enquanto estava presa por algemas de metal, estirada em todo o comprimento da cama.



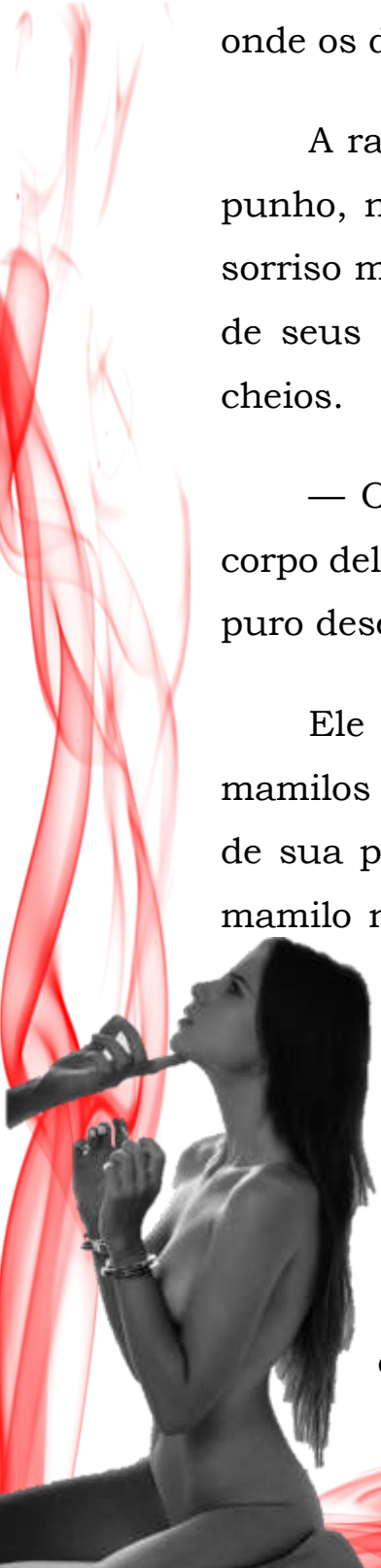
Deixando cair o pano, silenciosamente, no chão, ele estendeu a mão para escovar seu dedo nas marcas

que tinha deixado em sua boca. Seu dedo deslizou em seus lábios, mergulhou para baixo na umidade quente de sua boca. A invasão a irritou, seus dentes se trancaram contra a pele dele. Aaron assobiou por cima dela, com os olhos fechados e a cabeça caiu para trás da dor que ela devolvera a ele. Ele tirou o dedo da boca dela, trouxe-o para diante dos olhos, para inspecionar o sangue, cor de rubis escarlates, que escorria de onde os dentes romperam.

A raiva deveria ter sido devolvida a ela, um golpe de seu punho, naquele rosto, mas em vez disso, Aaron deu-lhe um sorriso malicioso, e o desejo parecia um inferno feroz por trás de seus olhos. Sua voz raspou para fora, entre seus lábios cheios.

— Oh, as coisas que você faz em mim, Madeleine. — O corpo dela se apertou com a profundidade daquela voz, som de puro desejo, escorrendo de cada palavra, satisfação e dor.

Ele estendeu a mão para esfregar o dedo em torno dos mamilos dela, manchando de sangue, puro e vermelho, o leite de sua pele. Ele baixou a cabeça de repente, tomando-lhe o mamilo na boca, sua língua lambeu contra o pico, o calor e sucção o deixaram como uma pedra. Dor intensa seguiu a sensação de seus dentes, quando ele mordeu a carne sensibilizada. Ela gritou, seu corpo resistia contra as sensações em guerra, o inchaço do seio com prazer e a dor dos dentes. Continuando a trabalhar em seus seios com a boca hábil, em decadência pecaminosa ele desceu a mão pelo



estômago plano de Maddy, indo mais longe até que seus dedos descansaram em cima da abertura de seu corpo. Ela acalmou-se, a respiração ficou presa, forçando o peito contra o rosto dele, enquanto o medo embebia cada centímetro de sua pele. Com um golpe final da língua contra seu pico tenso, ele se levantou, os lábios estavam inchados de seu tormento nos seios dela. A mão permaneceu contra ela, ele arqueou a sobrancelha, ao dizer as proximas palavras.

— Você me quer aqui, Madeleine? Dentro de você?

Sacudindo a cabeça, seus olhos pediram-lhe para parar, não tirar dela algo que nunca tinha oferecido. Ele sorriu para sua resposta.

— Eu gosto de dor, mas você tem que entender, que eu também gostaria de devolvê-la ao doador. Você pode me morder tanto quanto quiser, mas saiba que a dor dos meus dentes se seguirão.

Madeleine estremeceu com o veneno em suas palavras. Não havia dúvida de que esta criatura sem alma tornou-se mais bonita, a fim de seduzir até mesmo a mais virtuosa das mulheres. Zombaria Pura era seu tom; conquista e despeito era o significado de suas palavras.



— Eu não vou transar com você agora... — Um dedo deslizou lentamente ao longo do vinco de sua pele sedosa, a alisando. —... Mas eu vou ter você e, quando o fizer, você vai estar molhada, rastejando em

minha direção. Você vai implorar para eu levá-la. — Rapidamente, ele ergueu a mão, arrancando fora a roupa restante de seu corpo. Uma vez que a calça e camisa tinham sido removidas, ele pegou as outras roupas, que foram compradas. — Isso, as roupas, foi um presente que eu tentei dar-lhe, mas seu comportamento me mostra que você não pode ser recompensada, ainda. — Movendo-se para a porta, ele colocou a pilha de roupas em seus braços e virou-se para olhar sua forma nua, mais uma vez. — Você, sem dúvida, atraiu alguma atenção indesejada hoje, Madeleine. Como resultado, estou esperando convidados. Eu vou deixá-la, nua e amarrada para uma provável inspecção, mas eu não vou deixá-los tocar em você... Se você se comportar na presença deles. — Ele permitiu-lhe um momento, para aquelas palavras afundarem em sua consciencia antes de entregar a ameaça final. — Se você se comportar mal, Rato, eu vou deixá-los a sós com você, para brincarem com você como entenderem.

Ele fechou a porta, mas não se preocupou em trancar. Seu rato estava acorrentado à cama, trancada em uma posição que significava estar para seduzir e satisfazer o lado selvagem de um homem. A mancha de sangue em sua pele juntamente com a indignidade de sua nudez e posição, seria suficiente para fazer qualquer homem acreditar que Aaron estava fazendo como lhe foi dito. Indo rapidamente para o quarto dele, ele largou a prova de sua bondade onde não seria encontrada, antes de caminhar de volta para a sala de estar, para os olhos preocupados de seu amigo.



Deixando de lado a pergunta silenciosa de Xander, Aaron foi até o bar, pegou o uísque e encheu o copo até à borda. Ele tomou de uma vez só, encheu o copo novamente e entregou ao homem de pé, fielmente atrás dele.

— Ela está preparada. Não haverá dúvida de que eu já sucumbi à crueldade e luxúria.

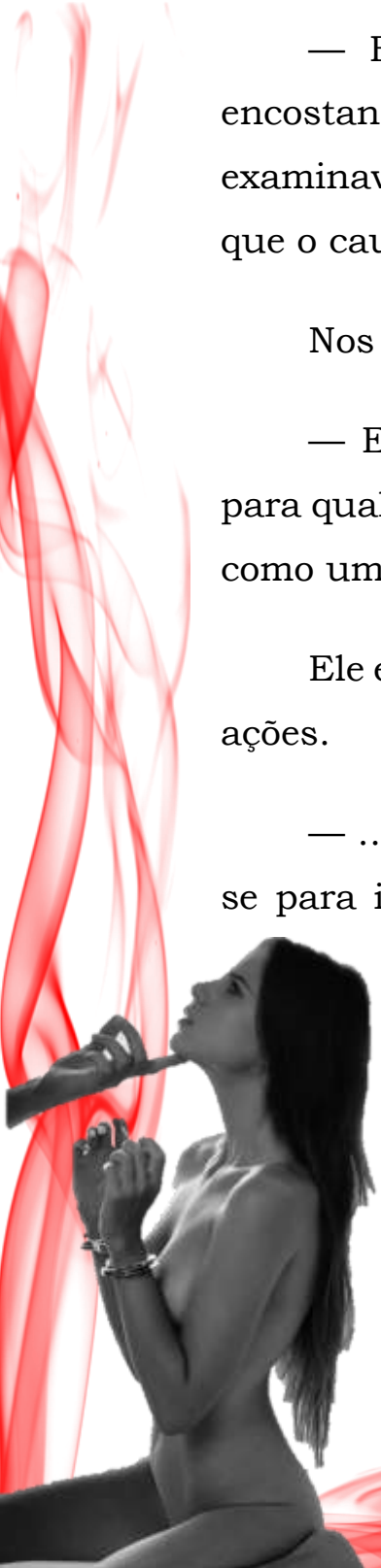
— E você? — Xander deu alguns passos para trás, encostando casualmente contra a parede, enquanto examinava Aaron. — Eu ouvi gritos. Eu ainda quero saber o que o causou?

Nos lábios de Aaron apareceu em um sorriso selvagem.

— Ela foi deixada num gotejamento molhado e exibido, para qualquer homem que chegar. O cheiro de sexo foi deixado como um bom brilho em sua pele...

Ele encarou o amigo, desafiando-o a protestar contra suas ações.

— ... isso é tudo que você precisa saber. — Aaron virou-se para ir em direção ao escritório, ouviu Xander se mover, seus passos logo atrás. Aaron parou, encontrou os olhos azuis furiosos que olhava de volta em sua direção.



— Eu me preocupo com você, Aaron. Se você escorregar como seu pai fez? Se perder-se à tentação da carne que foi oferecida por um louco? — As

palavras foram ditas com cuidado, eram questões que poderiam facilmente resultar em violência. Xander estava forte contra Aaron, um farol ancorando-o a sanidade, para permanecer fiel à sua tarefa.

Aaron suspirou, seus ombros caíram em derrota e arrependimento.

— Eu não transei com ela se é isso que você está se perguntando. Fiz o suficiente para fazer parecer que o fiz, mas ela permanece inteira, intocada por dentro.

Xander encolheu-se, compreendendo imediatamente o que Aaron deve ter feito. Seus olhos suavizaram, desejando libertar Aaron de sua culpa, ele acenou com a cabeça e falou mentiras, destinadas a acalmar o amigo.

— É compreensível Aaron. Seu rato iria perdoá-lo se soubesse que suas ações são concebidas apenas para salvar a vida dela. Você não tinha outra opção.

— E se eles não vierem... Se a equipe de manutenção de alguma forma mantiver para si a visão de um escravo vestido?

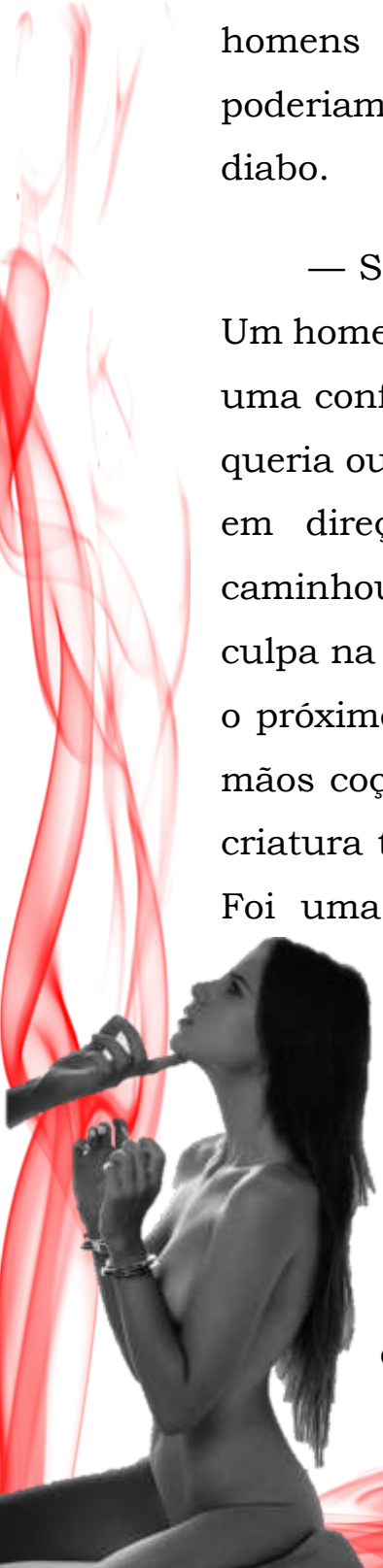


Xander considerou a questão de Aaron, sabia bem que qualquer pessoa dentro da The The Estate, dificilmente, poderia manter tal visão com um segredo.

— Eles vão vir. Pela experiência, do tempo que vivemos aqui, duvida que o rumor não esteja se

espalhando como fogo dentro da rede? Você fez o que tinha que fazer. — Um olhar significativo ocorreu entre os dois homens, presos a um mundo de brutalidade e loucura. — O arrependimento que você veste é o suficiente para me dizer que você não se perdeu na tarefa, Aaron. Ele não vai ganhar neste jogo. Estamos muito perto de acabar com ele. — Xander estava resoluto em suas palavras, a certeza de que eles iriam puxar homens suficientes para o seu lado, que, eventualmente, poderiam dominar até mesmo o mais maligno das criaturas do diabo.

— Se não vierem, vou ser nada mais do que um animal. Um homem que teve prazer do tormento de uma mulher. — Foi uma confissão, que ele sabia que seu amigo ao longo da vida queria ouvir. Voltando mais uma vez, ele tomou passos largos em direção às portas de seu escritório, abrindo-a, ele caminhou até sua mesa, sentou-se, com todo o peso de sua culpa na cadeira de couro, pegou os papéis que iria levar para o próximo homem que ousou roubar a The The Estate. Suas mãos coçaram para tirar uma vida, a satisfação de ver outra criatura traidora passar em branco por baixo de sua lâmina. Foi uma crueldade construída a partir de anos sendo o executor do espólio, a força letal escondida atrás do manto de terno e gravata. Ele se perguntou se era diferente, a quantidade de vidas que ele tinha extinguido certamente o tranformou num homem que merecia acabar na mesma lâmina. Antes, ele tinha sido capaz de suavizar a brutalidade, foi capaz de mascará-la sob a crença de que aqueles que ele



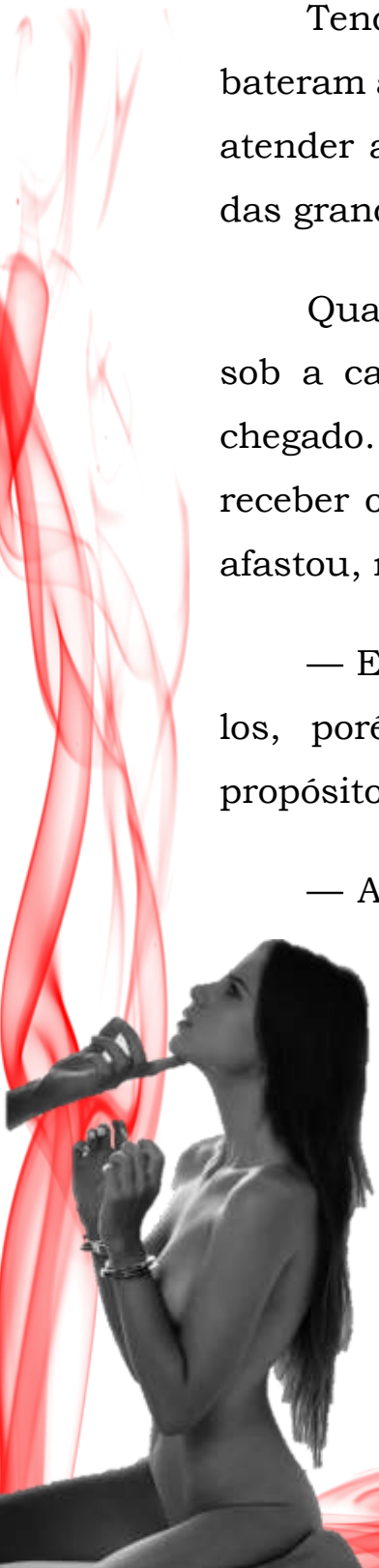
matava mereciam tal destino. Em certo sentido, ele livrou o mundo de ladrões e assassinos; ele ajudou a erradicar a sujeira que envenenou outras vidas inocentes. Mas não havia uma desculpa para suas ações contra Madeleine. Só que iria salvá-la de uma forma mais brutal de estupro, da dor que seria infligida a ela, por homens sem moral e sem consciência.

Tendo se perdido para o trabalho, ele não ouviu quando bateram à porta de seu apartamento. Foi só quando Xander foi atender a porta da sala, para ver quem estava do outro lado das grandes portas de madeira.

Quando a espinha de Xander se endireitou e os músculos sob a camisa ficaram tensos, Aaron entendeu quem tinha chegado. Ele se empurrou da mesa, levantou rapidamente e foi receber os visitantes, que escureceram sua porta. Xander se afastou, revelando Emory e Vincent em pé no corredor.

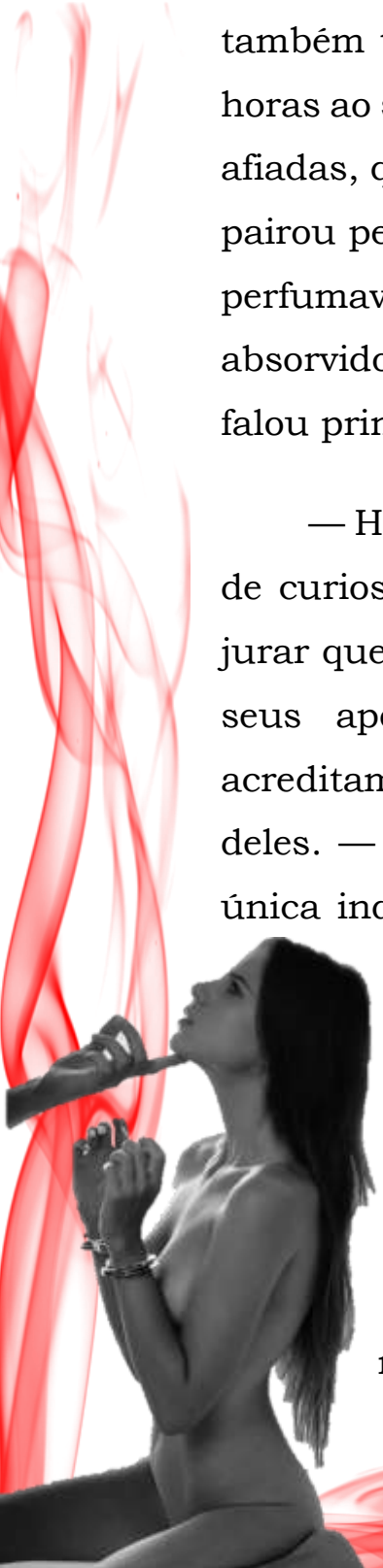
— Entre, eu gostaria de dizer que estou surpreso em vê-los, porém, eu suspeito que fossem enviados para um propósito particular.

— Aaron parou e pôs-se no centro de sua sala de estar, viu quando os homens de seu pai caminharam para o interior do apartamento. Ambos os homens eram grandes, sua altura e força física correspondiam a ele e Xander. Mas aqueles olhos tinham uma luz diferente, uma insanidade profunda que falava de violência e decadência.



Os homens estavam ambos com o cabelo castanho penteado para trás, revelando olhos castanhos tão escuros que imitava o mais escuro da noite. Eles poderiam ter sido gêmeos, se suas características faciais não tivessem sido alteradas de forma tão drástica. A pele bronzeada do rosto de Emory tinha uma sombra de barba, uma única quebra no cabelo é uma grande cicatriz que corria para o lado de seu rosto. Vincent também tinha a coloração de uma pessoa que tinha passado horas ao sol, mas seu rosto estava barbeado, as maçãs do rosto afiadas, que fazia seu rosto parecer afundado e oco. O silêncio pairou pesado entre os quatro homens, a ameaça de violência perfumava o ar, criando um peso que aparentemente tinha absorvido o oxigênio na sala, tornou difícil respirar. Emory falou primeiro, com a voz atingindo os nervos de Aaron.

— Há um rumor circulando pela casa, um que é um ponto de curiosidade do seu pai. A equipe de manutenção poderia jurar que viu seu escravo batendo contra uma das janelas de seus aposentos. Eles não tinham certeza, Aaron, mas acreditam que ela estava vestida e tentava ganhar a atenção deles. — Emory avançou, com uma ligeira curva na boca, a única indicação de sua diversão. — Você deve saber melhor que ninguém, sobre fornecer roupas para um escravo.



Aaron permaneceu forte, inabalável, sua espinha e ombro travados no lugar.

— Claro. Tenho certeza que foi apenas um reflexo que eles viram. O escravo está sendo tratado

como deve, ela teve um momento de insanidade, que já foi controlado. É de se esperar, enquanto está sendo treinada.

Emory olhou para Vincent, os dois homens usavam expressões de má intenção. Vincent falou em seguida, gostando de suas próximas palavras.

— Vamos precisar vê-la, Aaron, para que possamos apresentar um relatório ao seu pai, sobre a forma como ela foi encontrada.

Xander deu um passo adiante, com uma raiva furiosa em seu rosto. Aaron levantou a mão, lembrando a Xander de segurar seu temperamento. Caminhando em direção às portas do corredor, Aaron falou de volta para os homens, por cima do ombro.

— Então venham tomar seu olhar. Mas, no futuro, eu não gosto de ser incomodado em meus aposentos. Eu tenho dado uma semana, vou usá-lo sem interrupção após esta visita. — Suas palavras era uma navalha afiada de advertência, Aaron levou os homens para o quarto de Maddy, amaldiçoou em voz baixa sobre o que ele deveria fazer. Abrindo a porta, ele entrou no quarto, segurou a fúria azul dos olhos de Maddy, quando os outros três homens entraram atrás dele. A pele dela ficou vermelha, quando percebeu os convidados, seus braços e pernas inutilmente puxaram as correntes, que a mantinha amarrada e se exibindo.



Virando-se para os homens, Aaron apontou para a mulher nua.

— Como você pode ver, ela não usa roupas. Ela tem sido usada para a minha satisfação. Você pode relatar de volta ao meu pai, que não há necessidade de preocupação. — Entrando mais a fundo no quarto, Emory aproximou-se de Maddy, como se quisesse tocá-la, quando Aaron rapidamente se mudou, para bloqueá-la da mão de Emory.

Com palavras pingando ameaça, ele falou um lembrete.

— É a mão que você deseja perder hoje? Você ouviu meu pai, foi você que ele pediu para espalhar a palavra de sua diretiva. — Os olhos escuros de Emory encontraram Aaron, então ele se afastou de sua tentativa. Com os dentes cerrados, Aaron continuou. — Não pense que você está no meu lugar, ainda, Emory. Ele não tem sido tão completamente louco para te colocar no trono.

Emory sorriu, uma ameaça velada escondida por trás do rosto de um homem não é desconhecida, para quem lida com violência e morte.



— Então você vai tocá-la para mim. Dá-nos alguma coisa para levar ao seu pai, para que ele possa se sentir satisfeito em saber que você está bem ciente de como apreciar seu presente.

Maddy ficou tensa com as palavras de Emory, olhou para Aaron com os olhos cheios de pânico e

repulsa. Deixando escapar um suspiro lento Aaron virou-se para olhar seu rato, com os olhos implorando para que ela entendesse que, neste momento, ela devia se comportar adequadamente. Piscando uma vez, Aaron foi demonstrar seu domínio sobre a pequena criatura que estava impotente diante dele.



Capítulo Doze

A respiração de Maddy acelerou quando Aaron se aproximou dela, viu algo nos olhos dele que ela pensou ter confundido com remorso. Ele lentamente estendeu a mão para ela, esfregou as pontas dos dedos ao longo de suas pernas, enquanto segurava seu olhar. Inclinando-se, ele levou a boca para sua orelha, sussurrando para que só ela ouvisse as palavras que ele falou.

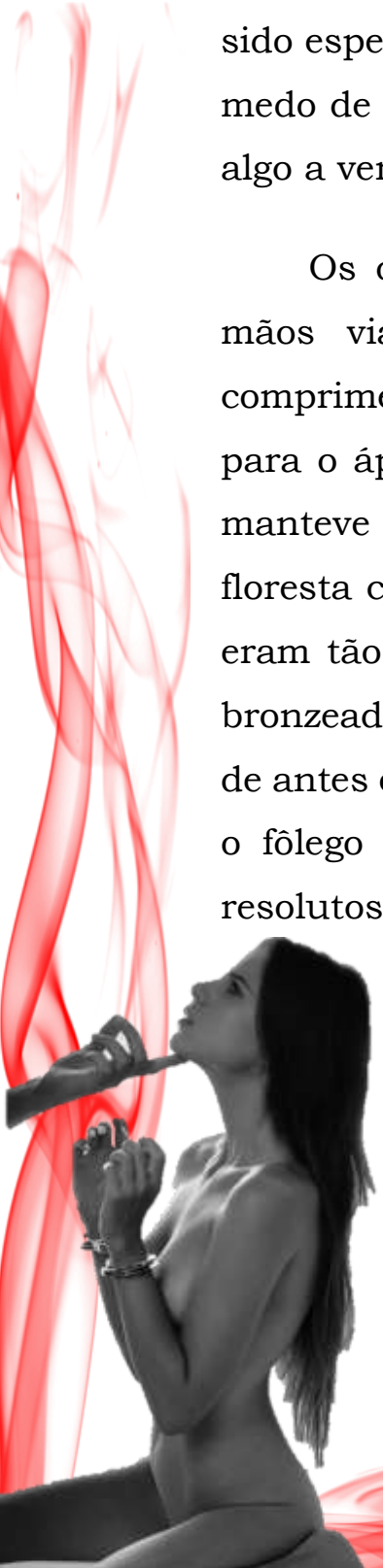
— Comporte-se para mim, Rato, e eu vou manter os lobos atrás de mim, eles não tocarão em você. Luta contra mim, e eu não vou ter escolha a não ser deixá-la à misericórdia deles.

Com os lábios, tão perto dela, ela perguntou se era sua intenção de beijá-la, como um homem faria a uma amante. Tal invasão seria um insulto, mas, novamente, cada toque de seus dedos contra a pele dela, tinha sido contra a sua vontade, o insulto final é sua exposição contínua, aos múltiplos homens no quarto. Os olhos dela se desviaram para olhar por cima do ombro dele, para os dois homens com quem ela ainda não tinha tido contato. Um homem, o único com uma cicatriz grande e irregular que ia da orelha, bochecha, até a ponta do queixo... O dele era o rosto de um monstro. Sua crueldade era exibida abertamente, no preto violento de seus olhos e o olhar



lascivo e ameaçador em seu rosto, com uma onda perversa à boca. Seus olhos foram para o segundo homem, sua expressão não era diferente do primeiro. Ela estremeceu com a visão dos homens, sabia que seria mais cruel do que tudo que tinha lhe acontecido até agora. Olhando para trás, para os olhos de Aaron, ela viu um pequeno brilho em tons profundos de verde, um apelo que ela não teria notado se o medo dela não tivesse sido espelhado de volta em seu olhar. Ele estava nervoso, com medo de alguma ameaça desconhecida, que Maddy sentia ter algo a ver com o seu público recém-chegado.

Os olhos de Aaron nunca sairam dela, enquanto suas mãos viajaram para baixo de seu corpo, ao longo do comprimento de seu torso, serpenteando seu caminho de volta para o ápice de suas coxas. Levantando-se mais reto, Aaron manteve o olhar preso ao dela, seus olhos, era cor de uma floresta coberta na sombra de uma violenta tempestade. Eles eram tão verdes, contra o preto grosso de seus cílios, a pele bronzeada, beijada pelo sol. Seu dedo encontrou o mesmo local de antes e ele começou a se mover contra ela, fazendo-a perder o fôlego e seu corpo tremer. Os olhos dele ainda estavam resolutos no dela, nunca em movimento, mesmo quando ele finalmente abriu a boca para falar, novamente.

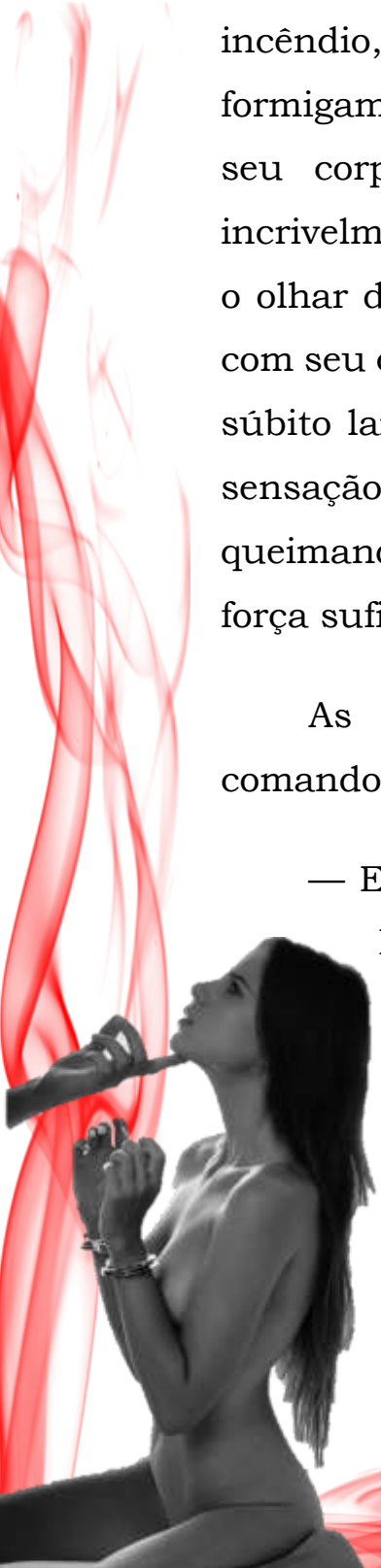


— Mostre-me o quanto você quer de mim, escravo. Agradeça ao seu mestre a concessão de prazer antes de seu próprio. — O filme amargo de desgosto cobriu sua língua, ela mordeu o embaraço e a raiva que se acumulava dentro dela. Mas ele ainda

trabalhou no feixe de nervos, a reação natural do seu corpo era uma coisa tão fora de seu controle, que parecia bem vindo, mesmo em sua repulsa. Aaron colocou a outra mão em seu peito, as pontas dos dedos à direita, ao longo do lado dele, os calafrios a fazia atingir o pico por conta própria. Ela cresceu sob seu toque, manteve os olhos treinados no dele, tentou esquecer os homens assustadores que estavam atrás dele. Um incêndio, agora familiar, começou a ferver dentro dela, um formigamento ao longo de sua pele e profundamente dentro de seu corpo, ao mesmo tempo. Sua respiração tornou-se incrivelmente mais rápida, seus olhos se atreveram a quebrar o olhar dele em resposta ao que suas mãos estavam fazendo com seu corpo. Ele a beliscou na pele sensível de seu peito, um súbito lampejo de dor e prazer veio dela, fazendo-a gritar da sensação. Abrindo os olhos, ela encontrou raiva simulada, queimando atrás dele, ele beliscou novamente, desta vez com força suficiente para induzir as lágrimas de seus olhos.

As próximas palavras de Aaron parecia tanto um comando e um apelo, ao mesmo tempo:

— Eu disse-lhe para agradecer o Vosso Mestre, escrava. Faça-o agora. — Sua voz estava cheia de raiva, enquanto seus olhos pediam-lhe para responder. Ele estava preocupado. Só ela poderia ver isso, os outros homens em sua volta não eram capazes de ver a expressão no rosto dele. Ela abriu a boca, sem entender por que se sentia obrigada a responder.

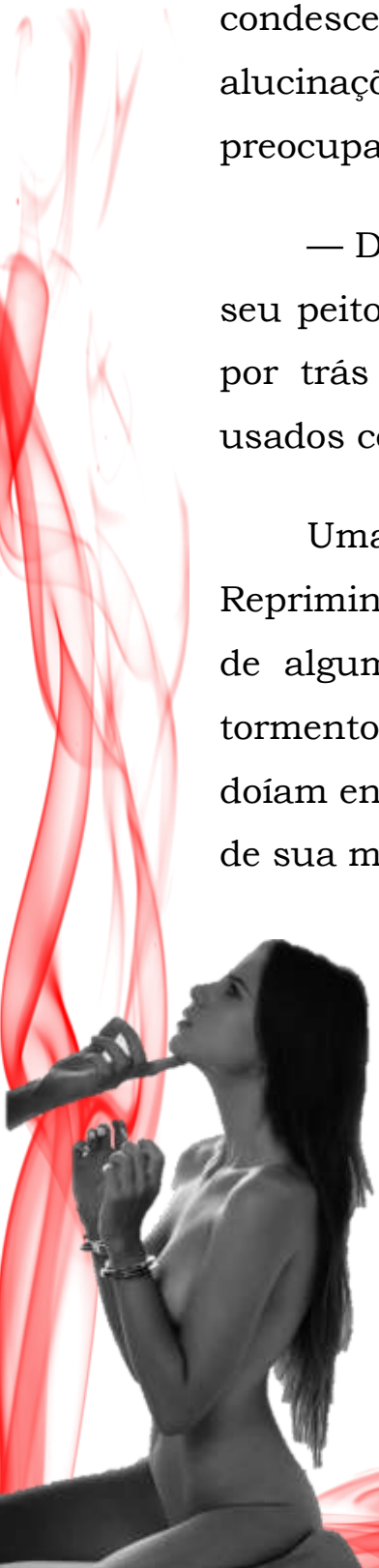


— Obrigada. — Sua voz, saiu tão baixa, que ela não tinha certeza se ele tinha ouvido.

Houve um silêncio, enquanto olhavam um para o outro, alívio aparentemente inundou o corpo dele, seus olhos brilharam por um segundo, por seu cumprimento. Ele franziu o cenho novamente e mordeu outro comando, condescendentemente, ela imaginou que estava tendo alucinações de pensar que ele poderia ter, por um segundo, se preocupado por ela.

— Diga 'obrigado, mestre'. — Outro beliscão na lateral de seu peito, a carne sensível atirou faíscas de dor. Os homens por trás Aaron riram, tinha prazer na violência e insulto, usados contra ela.

Uma lágrima finalmente caiu por sua bochecha. Reprimindo seu instinto de se rebelar, ela decidiu jogar junto, de alguma forma, compreendendo que ela enfrentaria um tormento muito maior se recusasse a obedecer. Seus lábios doíam enquanto ela falava, a voz embargada do atrito sem fim de sua mão contra sua carne sensibilizada entre as pernas.



— Obrigada... Mestre. — Soprosa e superficial, sua voz fez a respiração de Aaron se tornar irregular. Ele sentiu-se enojado com o tom erótico das palavras dela contra sua pele, a satisfação que sentia quando deveria estar enfurecido. Ele era o pior tipo de bastardo, suas calças se apertaram em resposta a sua submissão forçada. Quando seus

olhos começaram a rolar para trás de novo, ele acelerou os movimentos, adicionou mais pressão contra a pele inchada. Ele separou os lábios, deixou a cabeça cair para trás. Ele sentiu os músculos interiores dela tremerem contra as pontas de seus dedos, quando ele deslizou um dedo sobre a abertura de seu núcleo. O som de seus gemidos excitados e a expressão em seu rosto o deixou perdido, ele tinha esquecido sobre os homens que estavam atrás dele. Arrancando-se de volta à situação, ele trouxe a si mesmo sob controle, endireitou os ombros e estabeleceu uma máscara de indiferença em seu rosto.

Quando ela se acalmou e parecia ter recuperado dos terremotos violentos rasgando através de seu corpo, Aaron puxou sua mão para cima, arrastando umidade dela ao longo de seu estômago, entre os seios, parando na base de seu pescoço. Ela olhou-o nos olhos, uma emoção estranha corria no rosto dele, antes de ser substituída com uma expressão distante e sem emoção.

Aaron pigarreou, levantou a mão para tocar um dedo contra seus lábios.



— Boa menina. — Ele virou-se de repente e deu alguns passos na direção dos outros homens na sala. Indicando a porta com a mão, ele ficou bloqueando Madeleine dos demais olhos. Após alguns momentos, ela ouviu os passos dos homens que deixaram o quarto. Seus olhos seguiram Aaron

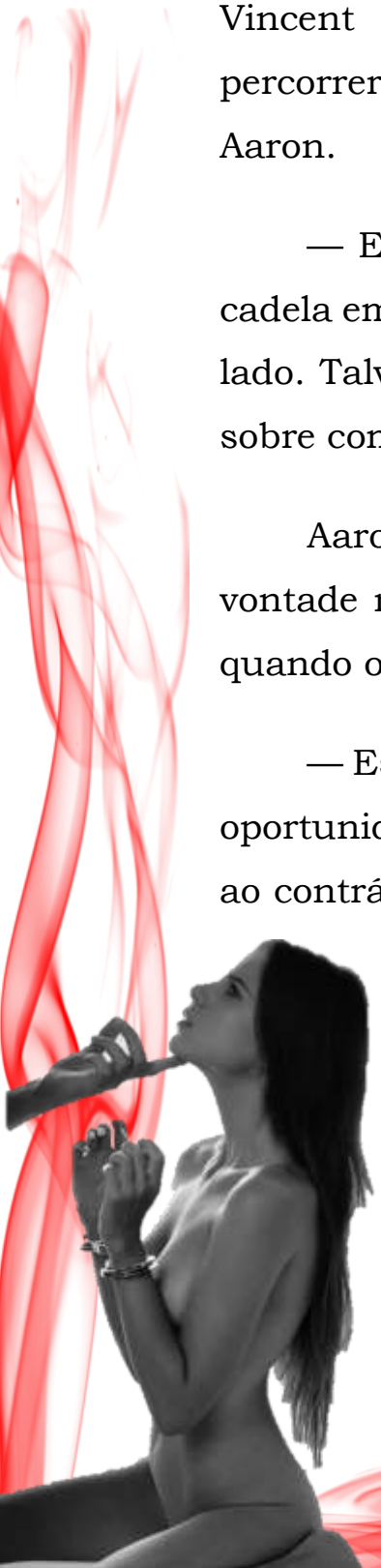
quando ele caminhou até a porta, olhando para ela mais uma vez, antes de sair para o corredor.

Fechando a porta, Aaron seguiu os homens até a sala de estar. Uma vez libertados do espaço confinado do corredor, viu como Xander se separou do grupo, imediatamente se movendo para abrir as portas da frente, um convite para Emory e Vincent para sair. Os homens de seu pai começaram a percorrer a porta quando Emory parou e virou-se para olhar Aaron.

— Eu acho interessante que você escolheu dar prazer à cadela em vez de tomar o seu preenchimento dela e lançá-la de lado. Talvez seu pai nunca lhe ensinasse o que ele quis dizer sobre como usar a prostituta.

Aaron tentou reprimir um sorriso, mas sua força de vontade não foi tão forte, um lado de sua boca se se curvou quando o sorriso se soltou.

— Estou lisonjeado que você estivesse esperando por uma oportunidade para olhar o movimento da minha bunda, mas ao contrário de alguns... — Sua sobrancelha se arqueou para indicar o homem a quem ele estava falando. — ... eu não exibo meu pau em público. Eu prefiro muito mais, privado, sem expectadores. — Uma risada sem humor escapou dele. — Agora corram de volta para o meu pai. Talvez ele possa dar-lhe mais lições sobre o que significa usar uma prostituta.

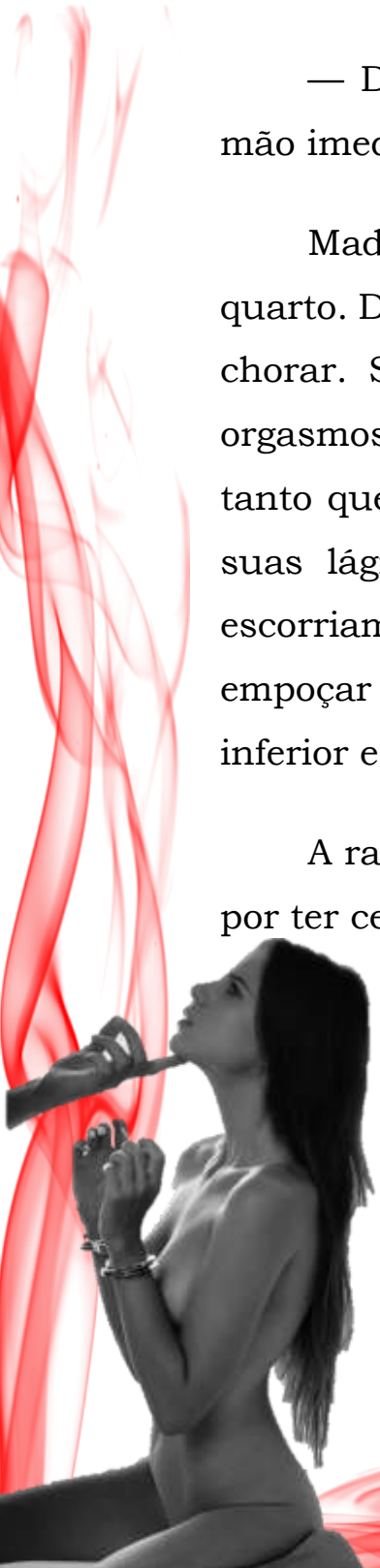


Emory fez uma careta pela implicação de Aaron. Balançando a cabeça uma vez, ele se virou e saiu pela porta, seguido de perto por Vincent. Uma vez que o pé de Vincent tinha saído pela porta, Xander a bateu com tanta força, que as paredes tremeram com o impacto. Olhos cor de um mar revolto encontraram os olhos da cor de uma floresta escura quando Xander finalmente virou-se para enfrentar Aaron.

— Dê-me as chaves das correntes. — Aaron levantou a mão imediatamente, pegando as chaves de Xander.

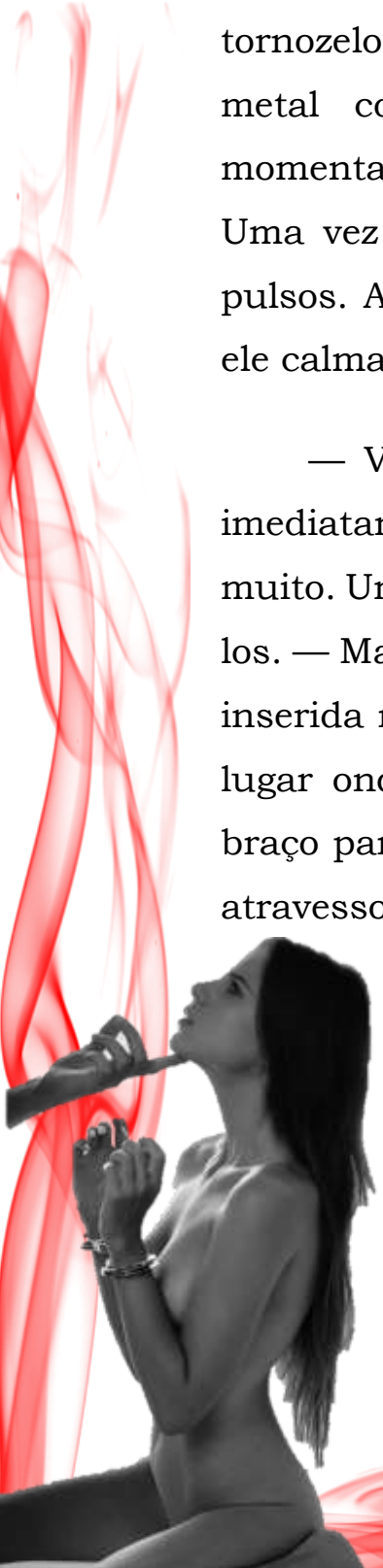
Maddy podia ouvir o som de passos se aproximando do quarto. Desde que foi deixada sozinha, ela não tinha parado de chorar. Sua vergonha, a dor cansativa das restrições e os orgasmos que ela tinha sido forçada a experimentar... Chorou tanto que parecia que seu corpo precisava de água. O sal de suas lágrimas queimavam seus olhos quando elas caíam, escorriam quentes ao longo de suas bochechas, antes de empoçar no canto de sua boca e mergulhar entre o lábio inferior e o queixo.

A raiva parecia um vulcão dentro dela, ela se amaldiçoou por ter cedido às ordens dele. No entanto, na parte traseira de sua mente, de alguma forma sabia que seu destino teria sido muito pior nas mãos dos homens em volta de Aaron. Ela achou estranho que, apesar dele ter sido o único a violentá-la, de alguma forma ela confiava mais nele do que na pura maldade que tinha estado logo atrás dele.



Ela ouviu o som da chave, a porta sendo aberta e Aaron entrando rapidamente, antes de fechá-la atrás de si. Com poucos passos, largos, ele estava ao lado da cama, movendo-se imediatamente para destravar as correntes em seus pés. Maddy silenciosamente o observou se perguntando o que ela iria suportar de horrores, uma vez que estivesse libertada. Depois de Aaron ter removido a primeira algema de seu tornozelo, Maddy assobiou com a dor dos cortes feitos pelo metal contra sua pele. O rosto de Aaron se torceu, momentaneamente, antes que ele fosse para outro tornozelo. Uma vez que suas pernas foram libertadas, ele foi para os pulsos. Antes de retirar as algemas em torno de seus pulsos ele calmamente instruiu:

— Você não vai querer puxar seus braços para baixo, imediatamente, quando eu libertar você, seus ombros irão doer muito. Uma vez que você estiver livre, eu vou ajudá-la a abaixá-los. — Maddy ouviu o som da chave de metal que estava sendo inserida na primeira fechadura. Assim que ela sentiu o ar no lugar onde o metal tinha circulado seu pulso, ela puxou o braço para baixo, na tentativa de cobrir seu corpo. A dor que atravessou seu ombro e braço a fez gritar. Um baixo suspiro soou acima dela.

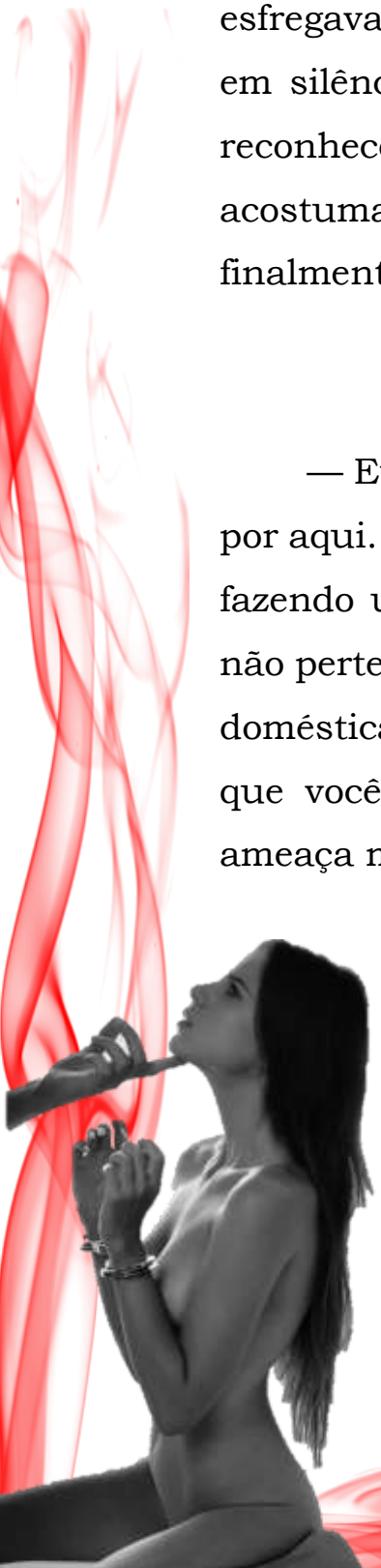


— Quando é que você vai começar a me ouvir, Sra. Clark? — Aaron sacudiu a cabeça, um sorriso divertido espreitou para fora dos cantos de sua boca. Maddy fez uma careta para ele, antes de inspecionar os danos à pele em seu pulso. Ele soltou a segunda

mão e massageou os músculos doloridos em seu ombro. Ela queria se afastar, resistir ao seu toque, mas o aperto firme era bom, ele abaixou lentamente o outro braço por cima de sua cabeça.

A cama baixou com peso de Aaron, quando ele se sentou ao lado dela. Ele observava as mãos dela, enquanto ela esfregava a pele vermelha e rasgada nos pulsos. Sentaram-se em silêncio por um tempo, ela se recusou a olhar para ele, reconhecer sua presença ao lado dela. Tendo crescido acostumada com a falta de som, ela saltou quando ele finalmente voltou a falar.

— Eu preciso que você entenda algo sobre o que acontece por aqui. — Sua voz era suave, arrependida, como se estivesse fazendo uma confissão. — Não há uma pessoa por aqui que não pertença ao espólio. Homens da manutenção, empregadas domésticas, cozinheiros... E todos eles são leais à família. O que você fez hoje à tarde, quando bateu no vidro, é uma ameaça maior do que você imagina.



Ele, suavemente, segurou o queixo dela e moveu sua cabeça para que pudesse bloquear os olhos com os dela. Preocupação gravava seu olhar quando ele falou de novo.

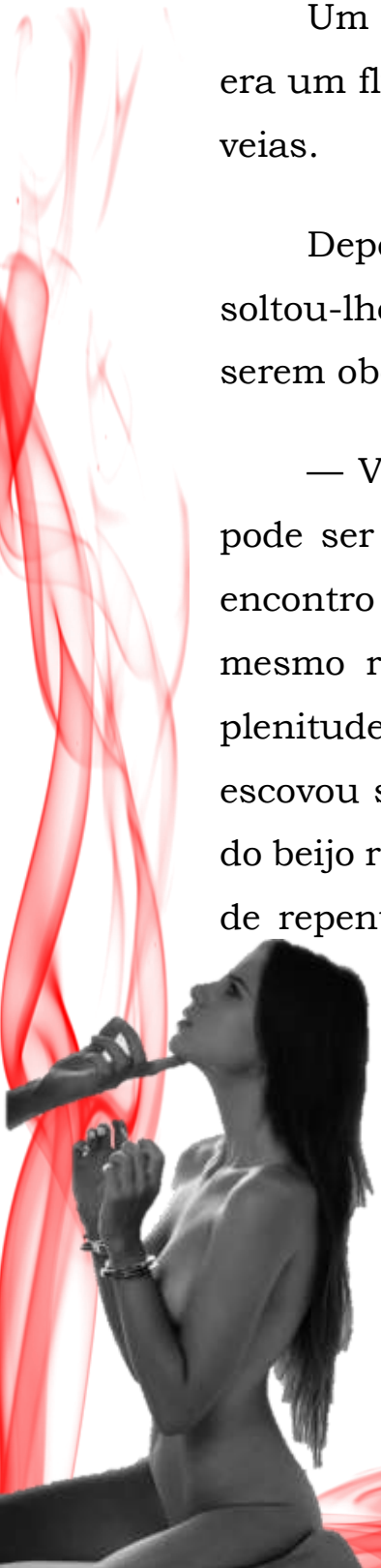
— Eu sou o seu Mestre, Madeleine, mas não sou o pior pesadelo que você terá que enfrentar nesta

casa. Aqueles homens... — Aaron estreitou os olhos com seus pensamentos. — ... Eles vão te machucar, te fazer sentir uma dor que você nunca imaginou ser possível. A morte não seria concedida rapidamente. O tormento que iriam infligir, seria interminável, horas, dias, semanas, é a quantidade de tempo que você iria sofrer em suas mãos.

Um frio roçou o corpo dela, a verdade de suas palavras era um fluxo de tecelagem de gelo através do sangue em suas veias.

Depois olhando para ela por alguns minutos mais, ele soltou-lhe o queixo e falou com ela, em palavras destinadas a serem obedecidas:

— Você vai tomar um banho e comer alguma coisa. Ele pode ser diferente desta vez, não tão violento como o nosso encontro esta manhã. — Ele não podia ajudar a si mesmo, mesmo rachados, aqueles lábios chamavam por ele com a plenitude exuberante de seu biquinho. Inclinando-se ele escovou sua boca através dela, se deliciando com a sensação do beijo roubado. Ele não ficou surpreso quando ela se afastou de repente, detestando a sensação de seus lábios contra os dela. Com um aviso em seus olhos, ele se levantou e estendeu a mão para ela. — Siga-me até o banheiro, Rato. Precisamos tê-la limpa e preciso cuidar de suas feridas.



Dolorosamente, ela desceu os braços, tentando se levantar e ficar numa posição sentada. O choque

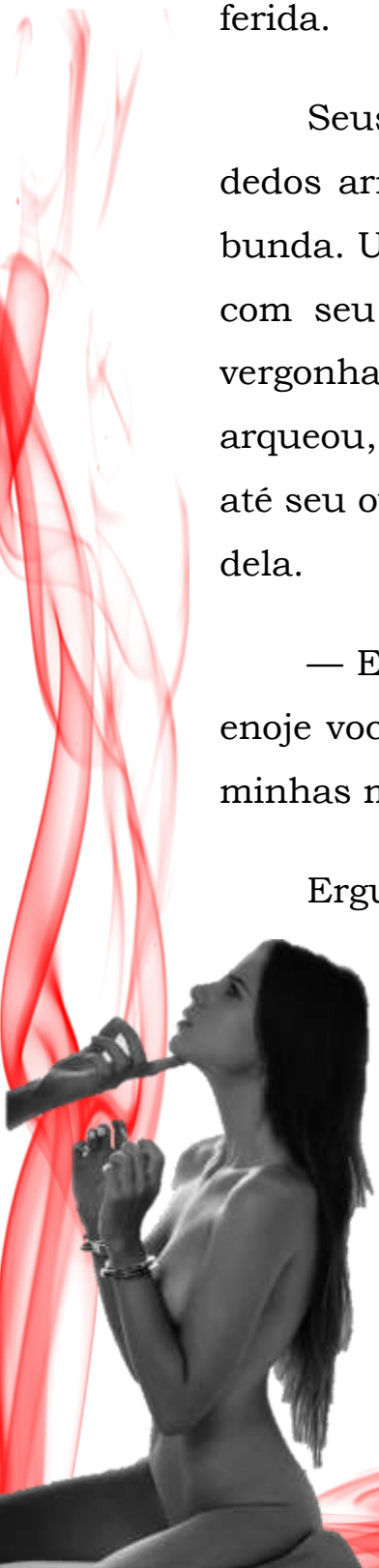
de dor viajou para baixo de seus braços, fazendo-a cair para trás contra o colchão. Aaron estendeu a mão, ela tentou se afastar de seu toque.

— Eu vou pegar você, Madeleine e levá-la ao banheiro, devido ao seu estado fraco. Não lute contra mim. Eu odiaria ter que corrigir seu comportamento, enquanto você já está tão ferida.

Seus braços deslizaram por baixo dela, as pontas de seus dedos arrastavam ao longo de suas costas e debaixo de sua bunda. Um leve arrepio de prazer a lembrou do que acontecia com seu corpo, com o toque dele e Maddy estremeceu de vergonha, por tal sentimento. A sobrancelha de Aaron arqueou, sua reação não foi uma coisa oculta. A boca dele veio até seu ouvido, o calor de sua respiração fazia cócegas na pele dela.

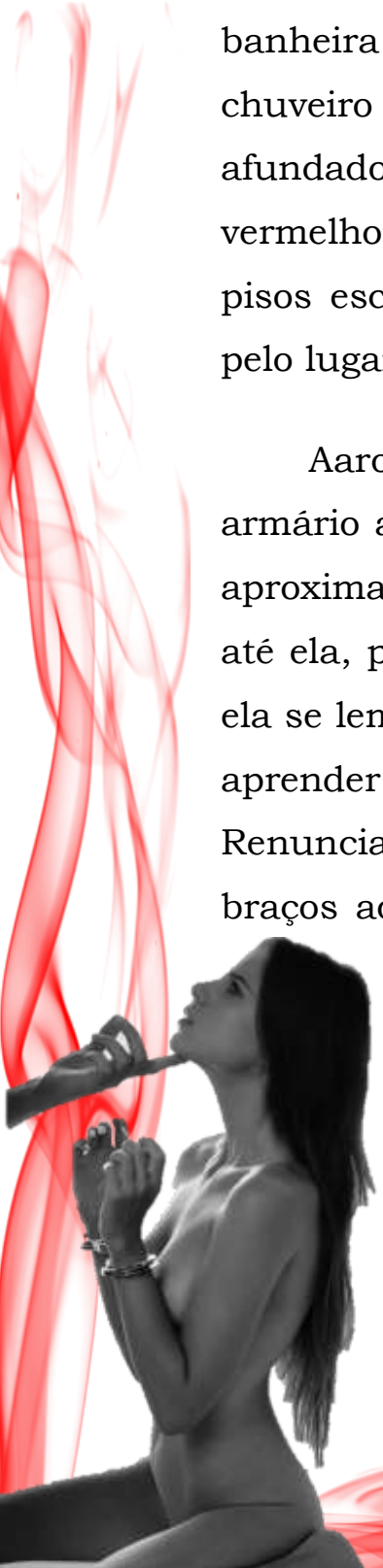
— Eu espero que chegue um dia em que meu toque não enoje você, para que, em vez disso, você possa sorrir quando minhas mãos esfregarem ao longo de seu corpo.

Erguendo-a com facilidade, ele a tirou da cama, levou seu corpo nu para fora do quarto, mas virou à direita em vez da esquerda, levando-a para um quarto diferente do banheiro que ela foi naquela manhã. Ele equilibrou seu peso, enquanto usou a mão para abrir as grandes portas duplas no fim do corredor, passando rapidamente por um quarto extremamente decorado e um banheiro, deslumbrante para os



olhos. Colocando-a em uma cadeira perto de um balcão de mármore, ele foi até a grande banheira no centro. Enquanto a atenção dele estava em encher a banheira, Maddy olhou ao redor da grande extensão, observou os tons e superfícies de pedra, um lugar com cores e mobília masculina. Até mesmo a banheira no centro era de um preto profundo; veias de ouro e prata envolviam seus caminhos através da pedra de onde a banheira tinha sido instalada. Atrás da banheira, estava um chuveiro envidraçado com degraus para baixo em um piso afundado. As paredes do banheiro eram pintadas de um vermelho deslumbrante, quebrado apenas pelas bancadas, pisos escuros e as brancas e brilhantes toalhas espalhados pelo lugar.

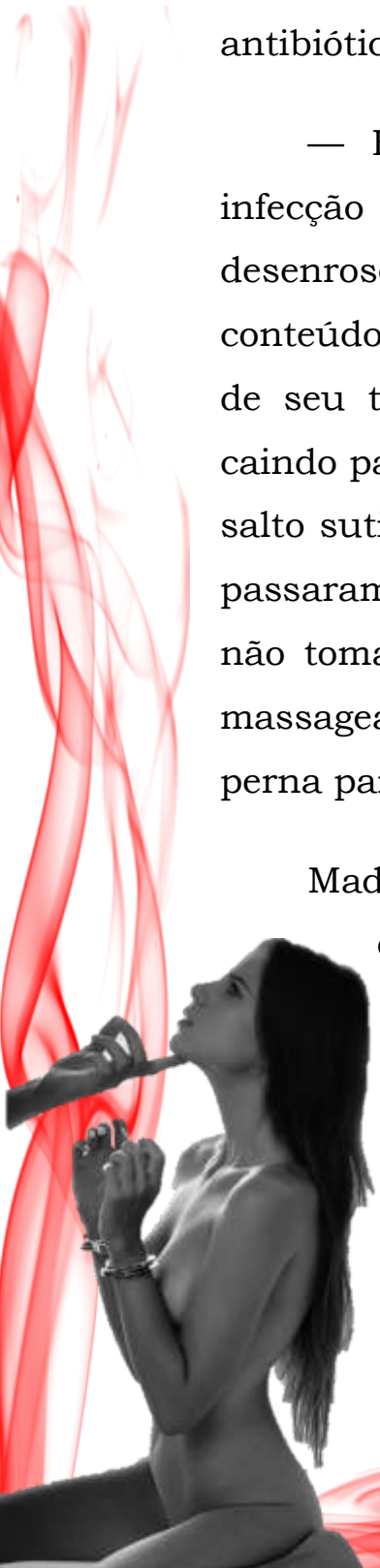
Aaron virou-se para ela, mas rapidamente foi para um armário atrás e pegou uma grande caixa branca, antes de se aproximar novamente. Colocou a caixa em cima do balcão e foi até ela, para pegá-la. O corpo de Maddy ia para recuar, mas ela se lembrou de suas palavras de antes, como ela precisava aprender a aceitá-lo, de modo que não seria jogada aos lobos. Renunciando sua coragem, ela estendeu a mão, colocou os braços ao redor dos ombros dele e se permitiu ser levada e colocada nas águas quentes da banheira.



Maddy gemeu quando a água tocou a pele exposta em seus tornozelos e pulsos. Imediatamente puxou as pernas e os braços fora da água, colocou as partes feridas na lateral da banheira, permitindo que o ar frio aliviasse a queimadura, infligida pelo

contato com a água. Aaron levantou-se e pegou a caixa branca do balcão, antes de mover a cadeira e sentar-se ao lado da banheira. Colocou a caixa no chão, Maddy viu como os olhos dele estavam aquecidos, quando ele olhou por cima de seu corpo, seu peito se movendo mais rápido com a respiração apressada. Arrancando-se da contemplação de sua pele, Aaron estendeu a mão para abrir a caixa, retirando uma pomada antibiótica para usar em sua pele ferida.

— Essa pomada vai limpar suas feridas, manter a infecção fora e cicatrizar os cortes. — Rapidamente ele desenroscou a tampa e mergulhou os dedos dentro do conteúdo incolor do recipiente. Espalhou o gel fresco ao longo de seu tornozelo direito, ela sussurrou de novo, a cabeça caindo para trás, de dor. Os olhos de Aaron passaram sobre o salto sutil de seus seios, enquanto ela se movia, seus dentes passaram sobre seu lábio inferior, enquanto ele lutava para não tomar o que poderia facilmente ser seu. Ele continuou massageando a pomada em sua pele, movendo-se de uma perna para a outra, em seguida os pulsos.



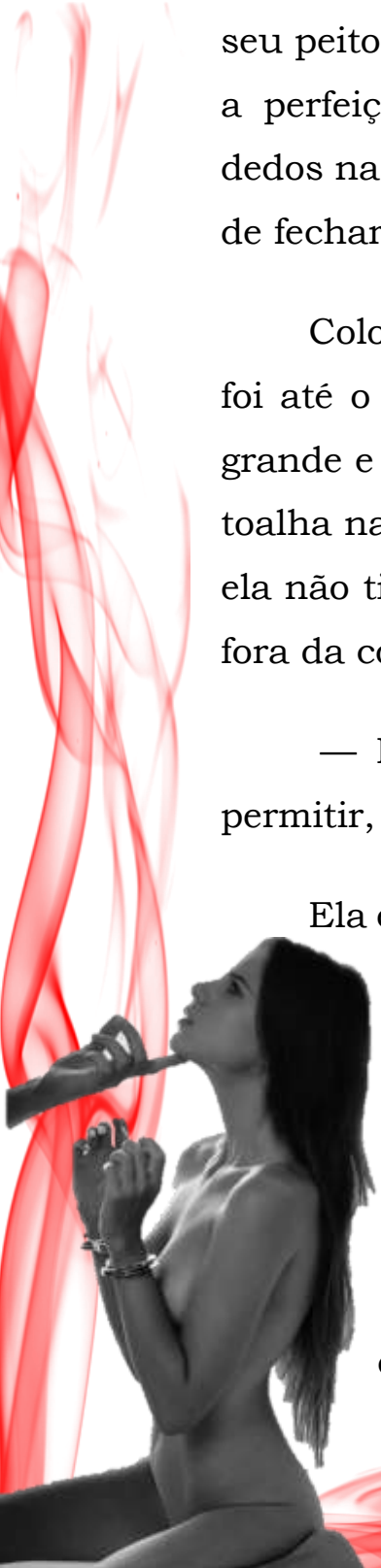
Maddy observou-o enquanto ele trabalhava para suavizar o medicamento sobre seus ferimentos. Ela notou como a luz brilhou em seu cabelo, fazendo com que a cor preta parecesse como se tivesse sugestões do azul em suas profundezas. O ângulo de sua mandíbula estava afiado, mortal, mas era tão bonito em sua forma que ela poderia imaginar a sensação de correr a mão ao longo da pele. Quando ele olhou para

cima, ela desviou o olhar rapidamente, uma corrida de blush em todo o rosto de ter sido pega olhando. Um sorriso formou-se nos lábios de Aaron, enquanto observava que o rubor se transformou em um calor que viajou ao longo do branco de seda de sua pele, sobre os seios e em toda a extensão plana de seu estômago. Suas curvas eram tão intimamente femininas que ele desejava afundar seus dentes nas partes carnudas do seu peito, seus quadris e sua bunda em forma de coração, era a perfeição. Afastando-se de seu desejo, ele mergulhou os dedos na água de seu banho, limpando o restante de gel antes de fechar a tampa do recipiente.

Colocando a caixa de suprimentos médicos para trás, ele foi até o armário para guardar a caixa. Na volta pegou uma grande e macia toalha branca e voltou para Maddy, colocou a toalha na cadeira antes de pegar uma esponja e sabonete que ela não tinha notado antes. Ele olhou para ela, a luz brilhava fora da cor esmeralda de seus olhos.

— Eu irei lavar você, Madeleine e desta vez, você vai permitir, entendeu?

Ela entendeu, sabia que não havia um lugar em seu corpo a salvo do toque deste homem. Desgraça tomou conta de sua mente, enquanto ela lembrou, com um pouco de saudade, a sensação daquelas mãos, as sensações que ele tinha forçado em cima dela, enquanto estava acorrentada. Seu coração acelerou o ritmo, sua respiração se tornou rápida e superficial, quando ele usou o sabão para construir uma espuma



espessa sobre a esponja. Ao chegar a cima dela, o braço dele roçou a ponta de seus seios, enquanto passava a espuma em seu pescoço, ao longo da dor de seus ombros e para baixo, ao longo de seus braços. Ela viu quando ele separou os lábios e parecia incrivelmente fascinado, enquanto trabalhava, com as mãos, sob a pele dela, o silêncio entre eles era ensurdecedor e pesado.

A sensação áspera da esponja atingiu por cima dos seus seios, finalmente, esfregando onde os dentes dele havia deixado sua marca, quando ele corrigiu seu comportamento, anteriormente. Chupando uma respiração irregular, Maddy percebeu como seu corpo empurrava para cima, sob o toque dele, um corpo, dormindo para o pecado, que parecia ter acordado, quando aquelas mãos a forçaram quando ela estava nua a sua misericórdia.

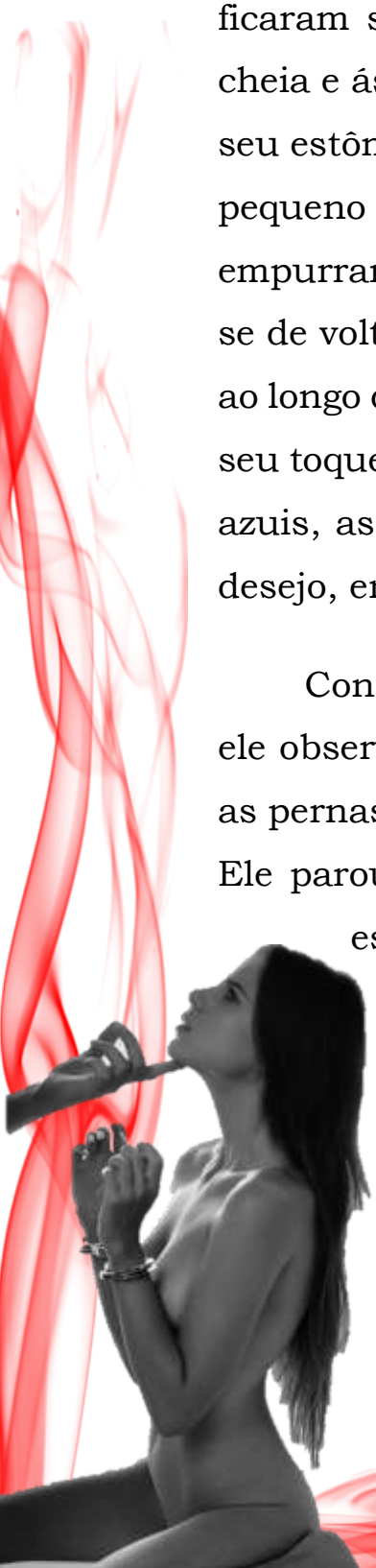


Capítulo Treze

Aaron observou como as pontas dos seios de Madeleine ficaram sob a textura áspera da esponja. Sua língua estava cheia e áspera na boca, enquanto ele movia a mão ao longo de seu estômago para a união de suas coxas, para esfregá-la. Um pequeno gemido escapou de seus lábios perfeitos, seus quadris empurraram para frente, implorando por seu toque. Puxando-se de volta, a partir da intensidade de seu desejo, ele esfregou ao longo da pele sensível, percebendo como ela tinha ficado sob seu toque. Instantaneamente confuso, ele olhou em seus olhos azuis, as cores em volta estavam misturadas pela neblina de desejo, enquanto ele a lavava.

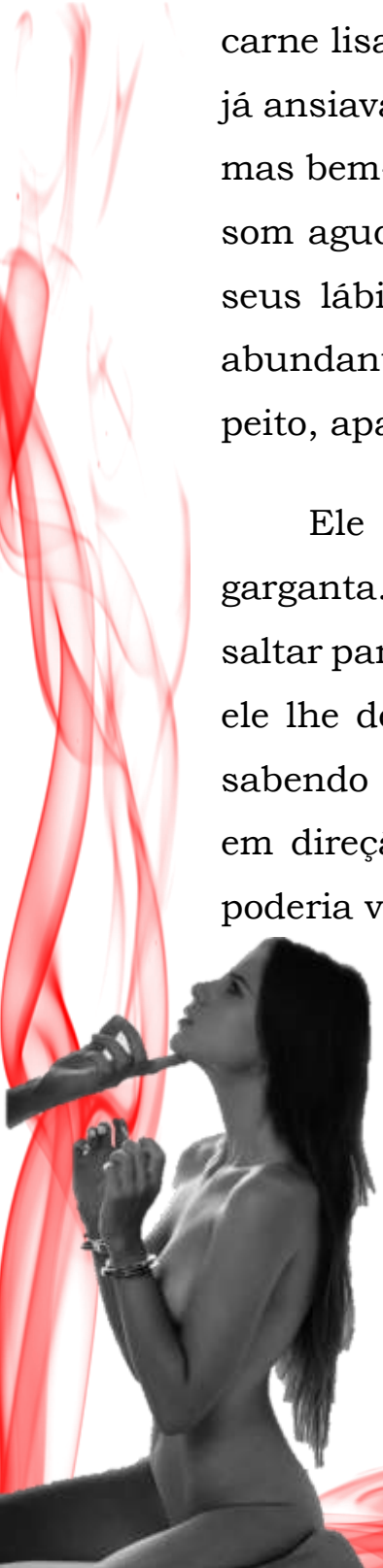
Confusão nublava todo pensamento lógico que ele tinha, ele observou como o corpo dela se contorcia diante dele, com as pernas mal se espalhando, convidando seu toque contínuo. Ele parou por um instante, mas depois começou a mover a esponja para baixo, no interior de uma coxa, enquanto ela gemia, com os olhos vibrando, abertos novamente, a força dos azuis queimava nele. Ele parou a mão, ela moveu os lábios, o sussurro dela foi apenas alto o suficiente para ele ouvir.

— Por favor...



Lentamente, a mão de Maddy acariciou a pele de seu próprio corpo, seus dedos escovando levemente um lugar que nunca tinha explorado, mas uma vez que ele mostrou verdadeiro domínio sobre o seu espírito, ela ansiava por mais. A boca de Aaron se abriu, sua respiração ficou rápida e pesada, suas calças apertavam impossivelmente sua ereção, quando ele deixou cair a esponja na água e passou os dedos entre a carne lisa e inchada de Maddy. Seria possível que sua escrava já ansiava por seu toque, as sensações já não seriam forçadas, mas bem-vindas? Quando ele pressionou o ponto inchado, um som agudo, mais alto, ainda suave para um grito escapou de seus lábios, com as costas arqueadas ela empurrou o peso abundante de seus seios para cima, o mamilo duro de seu peito, apareceu logo acima da água.

Ele mexeu o pescoço quando engoliu o nó preso na garganta. Seu coração batia forte no peito, parecendo que ia saltar para fora, enquanto a observava responder ao prazer que ele lhe deu. Lembrando o seu lugar e o dela, ele continuou, sabendo muito bem, que tinha que treiná-la, que estava indo em direção a um limite perigoso e que não tinha certeza se poderia voltar, caso se aproximasse muito.



— Por favor... O quê? — Suas palavras foram lentas, o baixo barítono adicionando força para sua voz.

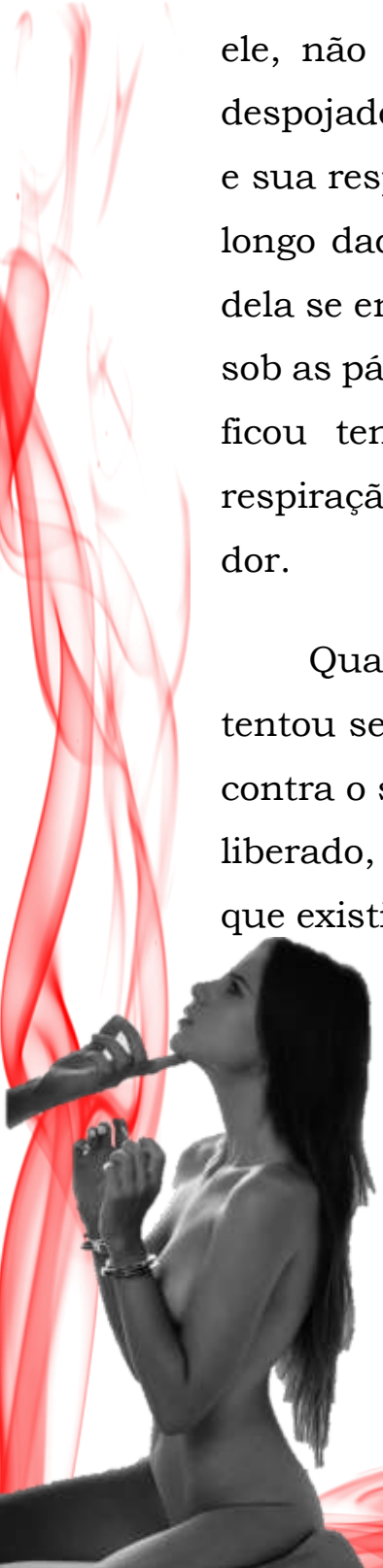
Abrindo os olhos, ela levantou a cabeça, o canto de sua boca se esticou em uma extremidade. Havia

apenas o som de sua respiração e o redemoinho da água, antes dela abrir a boca e suspirar.

— Por favor... Mestre.

Ele perdeu o controle, um arrepio percorreu seu corpo. Ele mordeu o lábio, forçando para trás o desejo de dirigir a mão mais fundo, tomar um pedaço dela que não podia pertencer a ele, não enquanto ela era sua prisioneira, um participante despojado de sua vontade. Acelerou o movimento de sua mão e sua respiração parou quando viu o tremor de gratificação ao longo daquele pequeno corpo à sua frente, viu as bochechas dela se encherem de um brilho pecaminoso, seu virar de olhos sob as pálpebras finas e pesadas. O corpo de Aaron, de repente ficou tenso, o peito parou de se mover, ele prendeu a respiração, foi entregue a um lugar de prazer hedonista, pura dor.

Quando ela relaxou, ele tirou a mão, fechou os olhos e tentou se distanciar dela e de suas emoções. O atrito da calça contra o seu comprimento endurecido doía-lhe, pedia para ser liberado, para ser enrolado dentro do calor suave que ele sabia que existia dentro desta gloriosa beleza, que sentava saciada e satisfeita diante dele.



— Eu acredito que você está limpa. Levante-se, eu vou secar você. — Aaron empurrou-se com força para fora da cadeira, com urgente necessidade de colocar distância entre eles. As sobrancelhas de Maddy franziram momentaneamente, antes que ela

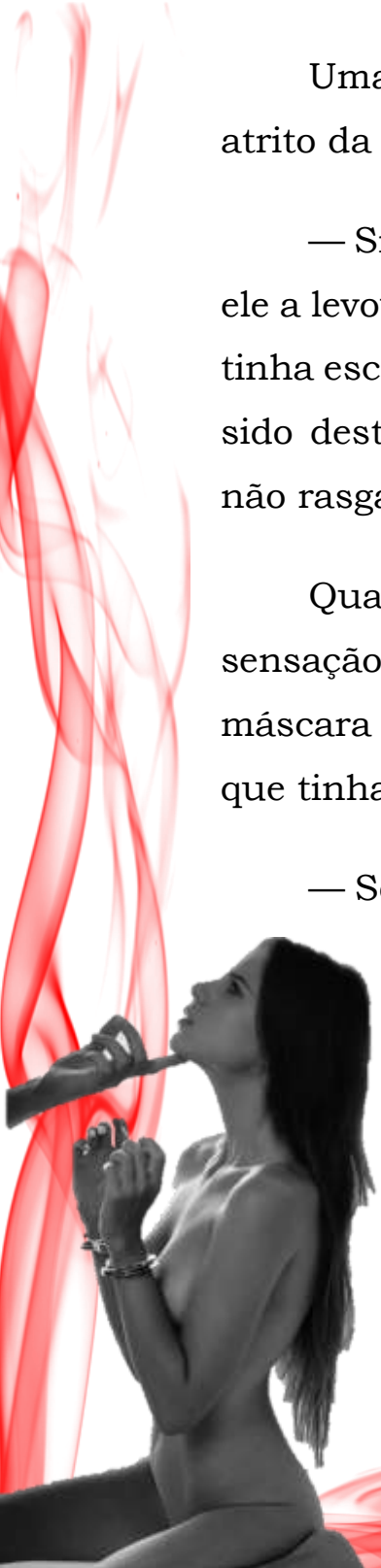
puxasse as pernas para dentro da água, ela ficou em uma posição de pé, diante dele. Ele não deixaria seus olhos encontrarem os dela, não podia deixá-la ver o desejo dominando seus pensamentos. Depois de embalar uma grande toalha em volta dela, ele estendeu a mão para ajudá-la quando ela passou por cima da borda da banheira para o chão de pedra.

Uma vez que ela estava de pé, ele deixou cair sua mão, o atrito da pele dela contra a dele era muito contato.

— Siga-me. — Dando passos largos para fora do banheiro, ele a levou para o grande armário e tirou as roupas de onde ele tinha escondido anteriormente. Separou as roupas que tinham sido destruídas no início do dia, entregou-lhe um conjunto não rasgado e fez sinal para ela se vestir.

Quando Maddy olhou nos olhos de Aaron, sentiu uma sensação estranha. Ele balançou a cabeça e colocou uma máscara de indiferença sobre aquela expressão complascente que tinha, quando estava a lavando e tocando.

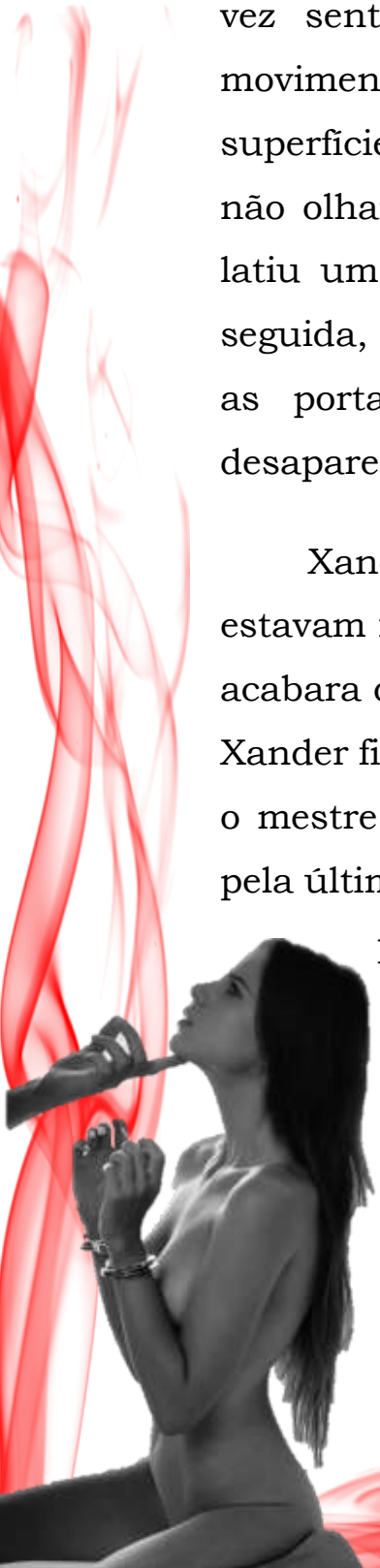
— Se eu permitir que você se vista, você deve me obedecer em todas as outras áreas. Não vacilar ao meu toque, quando eu pedir para você falar, você vai fazer exatamente isso. — Olhando para ela, ele sorriu timidamente, quando ela balançou a cabeça em compreensão de suas ordens. Satisfeito por ter chegado a este ponto, Aaron colocou a mão na parte de baixo das costas dela e a levou a sala de jantar.



Xander estava sentado no sofá, quando entraram, ele arregalou os olhos ao ver Madeleine facilmente cumprir os comandos latidos por Aaron.

Aaron indicou para Maddy se sentar, em uma cadeira que ele tirou da mesa, antes de ir para o bar e se servir de um copo de uísque. Ele levantou o copo aos lábios, bebeu tudo de uma vez sentindo a bebida queimar em sua garganta, num movimento forçado ele bateu o copo de cristal de volta sobre a superfície de madeira escura do bar. Tomando cuidado para não olhar para trás, para Maddy, ele se virou para Xander, latiu uma ordem para que Madeleine fosse alimentada, em seguida, em vários passos largos, ele atravessou a sala, abriu as portas do seu escritório e bateu de volta quando desapareceu no cômodo mal iluminado.

Xander virou-se para olhar para Maddy. Seus olhos estavam fixos nas portas de madeira, através das quais Aaron acabara de passar. Uma pitada de tristeza franzia sua testa, e Xander ficou se perguntando o que diabos tinha mudado entre o mestre e seu escravo. Olhando entre Madeleine e a porta, pela última vez, Xander deu de ombros e atravessou a cozinha para pegar o jantar da geladeira grande. Ele derramou o conteúdo que tinha sido entregue anteriormente em um prato e colocou-o no forno, para aquecer.



— Será que ele já comeu?

Choque rasgou através de seu corpo com o som suave da voz de Maddy, a pergunta era inocente, mais

revelou muito mais do que ela tinha compreendido. Atordoado e em silêncio por uma fração de segundo, uma única risada soltou de seu peito, quando seus olhos se deslocaram até a mulher, completamente oposta, da fera ele tinha acorrentado mais cedo, em uma cama.

— Ele comeu. — Ele deu uma olhada rápida nela e logo desviou o olhar. Xander manteve os olhos treinados no forno, quando aquecia a comida. — Estou um pouco surpreso, Grilo. Foi isso preocupação que ouvi em sua pergunta? — Ele riu. — Seu mestre drogou você?

Ela ficou sentada e em silêncio por tanto tempo que Xander pensou que seu discurso, há poucos momentos, tinha sido um raro acontecimento, agora perdido. Mas quando seus lábios se moveram, ela deu-lhe uma resposta ponderada e de significado tão oculto, que ele quase perdeu seu poder sobre o prato, quando o retirava do forno.

— Algo parecido com isso...

Xander usou um garfo para liberar o calor aprisionado no alimento. Pegando o prato, ele virou-se e colocou-o em cima da mesa, na frente de Maddy. Ele entregou-lhe o garfo, a boca mais uma vez se curvando em um sorriso divertido.



— Posso confiar em você com isso, ou eu deveria estar preocupado de repente em ter um utensílio de comer enfiado em minhas costas? — Ele

entregou-lhe o garfo e voltou para a cozinha para pegar um copo de água fria.

Colocou o copo em frente a ela, deu um passo para trás e ficou esperando, atrás dela enquanto ela comia. Ela deu algumas garfadas em seguida, pegou o copo e bebeu todo o conteúdo de uma só vez. Quando ela colocou o copo na mesa, Xander o pegou, foi até a cozinha e começou a enchê-lo novamente. Ele virou-se para olhá-la por cima do ombro.

— Aparentemente, você está com sede. — Ele se aproximou, colocou a bebida na frente dela e tomou seu lugar atrás dela.

Maddy pegou o garfo, começou a pegar uma porção do arroz e frango em seu prato, mas abaixou-o novamente, girou em seu assento e olhou para Xander.

— Você não tem que ficar aí, pairando sobre mim. Eu não vou fugir. Após os acontecimentos dessa tarde, eu tenho um sentimento que há homens muito piores que vocês, do outro lado daquelas portas.



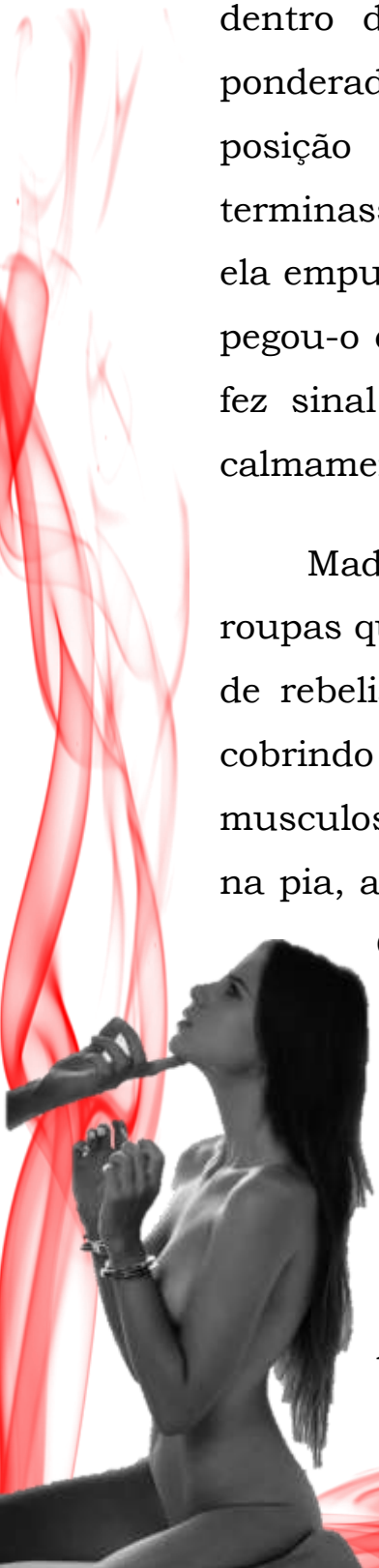
Expressão divertida de Xander logo escureceu com suas palavras dela. Cuidadosamente, ele olhou para ela por alguns instantes, antes de responder.

— Não confunda a bondade de seu mestre com espírito fraco. Ele já matou mais homens do que você provavelmente já conheceu na sua jovem vida.

Existem diferentes tipos de mal neste mundo, Grilo. Alguns são exibidos de forma mais aberta que outros.

Os olhos de Maddy se arregalaram com a declaração; sem palavras, ela virou-se para trás em sua cadeira e manteve os olhos treinados sobre a comida diante dela. Ele não gostava de assustá-la, mas ela não podia acreditar que existia fraqueza dentro do homem a quem ela agora pertencia. Silêncio ponderado pairava sobre eles, quando Xander manteve sua posição de sentinela atrás dela, esperando até que ela terminasse a comida e bebida, que estava na mesa. Quando ela empurrou o prato para o lado, deu um passo para frente, pegou-o dela e foi colocá-lo na pia. Voltando ao seu lado, ele fez sinal para ela ir para a sala de estar para sentar-se calmamente no sofá.

Maddy cumpriu sem hesitação. Encontrou conforto nas roupas que cobriam seu corpo, ela temia que qualquer indício de rebelião fosse deixá-la nua e fria, sem o luxo de tecido cobrindo sua pele. Seus olhos seguiram a expansão ampla e musculosa das costas de Xander, quando ele lavando a louça na pia, antes de se curvar e colocá-los na máquina de lavar. Quando ele completou a tarefa, ele atravessou a sala de jantar e sentou-se em uma cadeira posicionada ao lado do sofá, perto dela.



Pegando o telefone de uma mesa lateral, Xander leu através dos muitos textos que tinha recebido no curto espaço de tempo desde que Maddy tinha estado em sua presença. Lendo uma mensagem

de Jason, Xander ficou de pé imediatamente, caminhou rapidamente pela sala de estar e bateu na porta do escritório de Aaron.

A porta se abriu, Xander olhou para Maddy, fez sinal para ela esperar e em seguida, desapareceu atrás das portas.

Aaron olhou para cima de sua mesa. Xander atravessou o escritório e ficou por cima dele, olhando com uma expressão cheia de raiva em seu rosto.

— Será que ela comeu? Onde ela está agora? — A voz de Aaron estava em causa.

Entendimento inundou Xander, ele sentiu um mal-estar de repente, quando presumiu o que, exatamente, aconteceu entre Aaron e sua escrava.

— Há algo que aconteceu, alguma coisa que você se arrepende?

Balançando a cabeça, Aaron recostou-se na cadeira de couro e juntou as pontas de seus dedos, formando uma torre e apertou os dedos sobre os lábios antes de responder. Seus olhos se estreitaram, quando ele passou a mão pelo cabelo, obviamente lutando contra um demônio dentro dele.



— Não. Eu não cruzei qualquer linha, não previamente cruzada. — Ele olhou incisivamente para Xander. — Cheguei perto, embora... — A voz

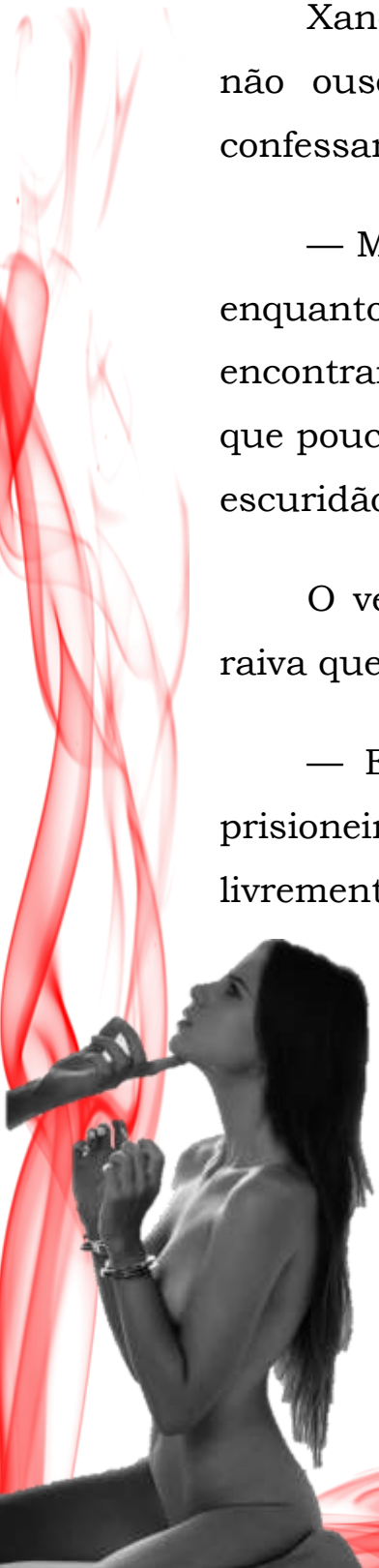
dele era uma confissão silenciosa. — ... Ela pediu por isso, queria que eu violasse seu corpo, para sentir novamente a força do orgasmo. — Os dedos dele apertaram pele entre os olhos. — Ela gostou Xander. Há algo tão absolutamente errado sobre isso. Eu quase a joguei para baixo e ensinei-lhe exatamente o que é ser uma prostituta.

Xander ficou parado, com sua postura de respeito. Ele não ousou se mover até que Aaron tivesse acabado de confessar o que o perseguia. Lentamente, ele respondeu:

— Mesmo que seja errado, porque isso está acontecendo enquanto ela está presa contra sua vontade, se ela está encontrando prazer em meu toque, por que não conceder-lhe que pouco de satisfação... Um traço minúsculo de luz em sua escuridão?

O verde-escuro dos olhos de Aaron olhou para cima, a raiva queimava atrás deles.

— Eu não vou transar com ela, enquanto ela é uma prisioneira. Essa parte dela não é minha, não, se não é dado livremente. Eu não sou como o monstro que me criou, eu nunca vou deixar isso acontecer. — Aaron levantou-se, começou a caminhar ao longo da linha de estantes nas paredes. — Eu preciso sair Xander, eu tenho que limpar minha cabeça antes de continuar o treinamento.

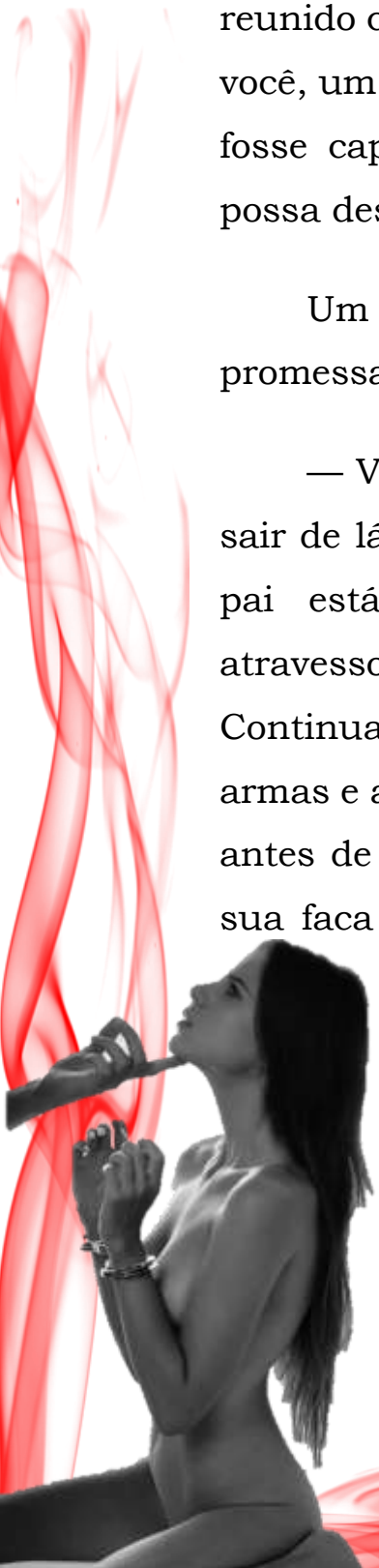


De repente, se lembrou de por que ele tinha perturbado Aaron, em primeiro lugar. Xander virou-se para ele.

— Eu tenho uma boa maneira para você explodir algumas de suas raivas reprimidas. — Sorrindo, Xander pegou seu telefone e jogou-o para Aaron, do outro lado do escritório. — Esse texto é de Jason. Parece que, enquanto ele estava se reunido com Patrick e seus homens, discutindo sua lealdade a você, um espião foi descoberto no local. Pegaram ele antes que fosse capaz de sair. Eles estão segurando-o para que você possa descobrir exatamente por que seu pai iria mandá-lo.

Um sorriso feral veio aos lábios de Aaron como a promessa de violência mostrada fora de seus olhos.

— Você não pode dizer? Vou fazer-lhe uma visita, espero sair de lá com mais conhecimento de como, exatamente meu pai está atuando. — Movendo-se pelas portas, Aaron atravessou a sala, sem ao menos olhar para Maddy no sofá. Continuando o seu ritmo rápido até seu quarto, ele puxou suas armas e as verificou para garantir que elas fossem carregadas, antes de colocá-las no cinto. Abrindo uma gaveta, ele puxou sua faca favorita, inspecionou a arma antes de colocá-la de volta na bainha na cintura, em suas costas. Ele chegou ao armário e tirou um sobretudo de couro que chegava até os pés. Puxando as mangas sob e seus braços, ele virou-se e caminhou de volta para a sala, deu um último olhar para Xander antes de deixar o apartamento.



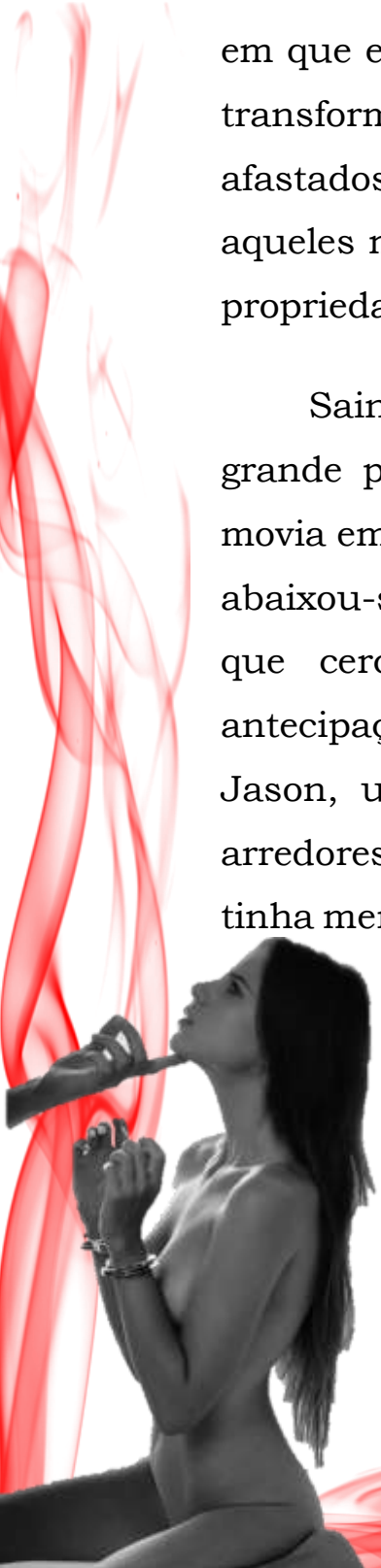
A morte, a violência e a sensação de corte de aço em toda a jugular do espião seria uma distração perfeita para a sirene, esperando por ele em sua casa.



Capítulo Quatorze

Aaron moveu-se rapidamente pelos corredores da grande mansão. Toda a propriedade não consistia apenas no edifício em que ele morava. Não, a vasta extensão de terra tinha sido transformada em um composto de moradias. Vários edifícios afastados abrigavam os membros da The The Estate, somente aqueles mais confiáveis, foram autorizados a viver na própria propriedade.

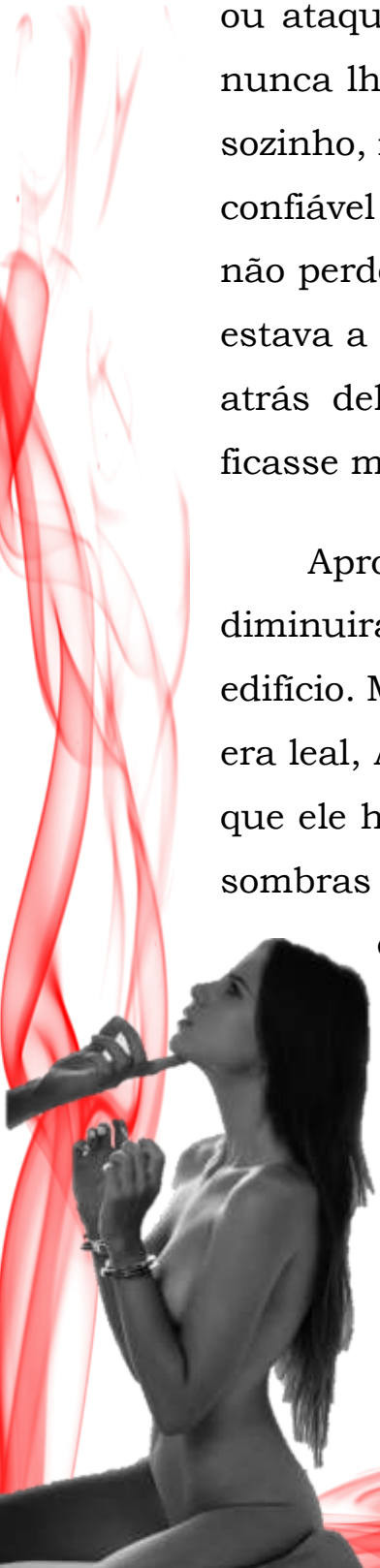
Saindo através das portas duplas que levavam a um grande pátio, Aaron manteve-se nas sombras, enquanto se movia em todo o terreno. Com grandes avanços propositais ele abaixou-se para a floresta, longe das câmeras que conhecia e que cercavam os prédios na propriedade. Sentiu uma antecipação violenta, um frio no ar, quando caminhou até Jason, uma grande casa de dois andares, que ficava nos arredores da propriedade. O inverno estava chegando e o ar tinha mergulhado a uma temperatura tão fria, que a respiração de Aaron embaçava diante dele, seus lábios separados, permitiam que o calor escapasse de seu corpo. As folhas esmagadas sob seus pés eram os únicos sons que se podia ouvir quando ele se moveu rapidamente ao longo da linha das árvores. De vez em quando, os ramos separavam-se, apenas o



suficiente para permitir que a luz da lua brilhasse, iluminando seu caminho.

Os passos pesados de seus pés caiam ritmicamente quando as botas batiam contra o solo, profundamente adormecido. Quando a luz apareceu à distância, Aaron pegou a lâmina em suas costas, armando-se contra uma emboscada ou ataque. Normalmente, Xander estava em volta de Aaron, nunca lhe permitindo entrar em um possível covil de víboras sozinho, mas com Madeleine em seu apartamento, um homem confiável teve que ficar para trás, para mantê-la segura, para não perder-se a tentação. Aaron preferia saber que Madeleine estava a salvo de danos do que garantir que ele tivesse olhos atrás dele que veriam o perigo se aproximando antes que ficasse muito perto de sentir a picada de sua lâmina.

Aproximando-se da casa bem iluminada, seus passos diminuiram, quando ele olhou sobre as terras que rodeiam o edificio. Mesmo que Xander estivesse convencido de que Jason era leal, Aaron nao achava nenhum homem confiavel além do que ele havia escolhido como seu primeiro guarda. As únicas sombras em toda a propriedade eram as das grandes árvores que rodeavam a casa, nenhum sinal de movimento ou vida, que poderia ser visto por Aaron nas imediações. Claro que nenhum homem o esperava em emboscada, Aaron andou calmamente através do pátio exterior e pelos grandes degraus sinuosos entrando na casa, através de uma porta de serviço pouco usada.



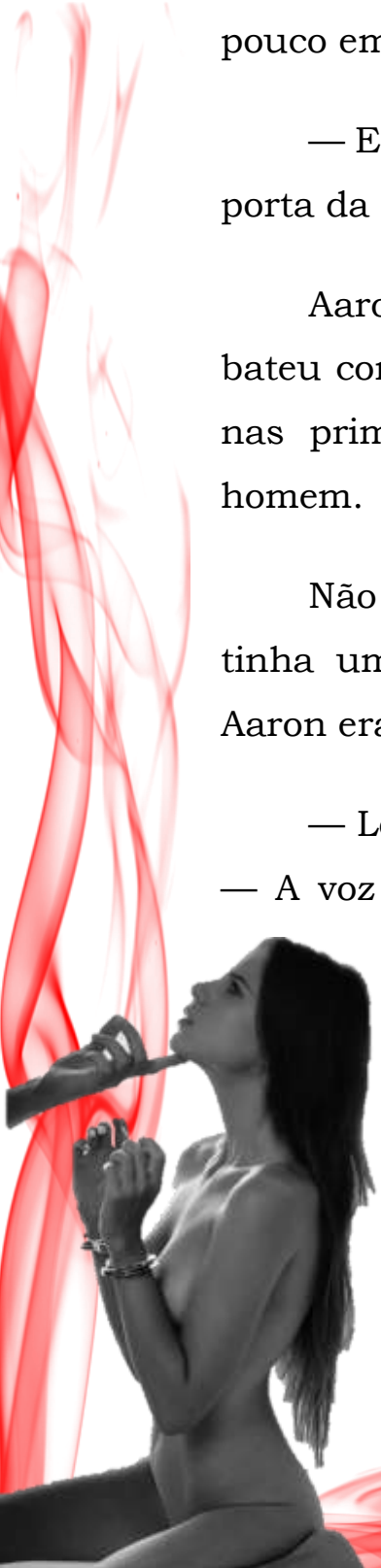
Seguindo através da cozinha, vários cozinheiros saltaram, surpresos. Seu casaco de couro descia ao redor de seus pés criando uma sombra sinistra enquanto se movia pela sala de jantar. Quando ele se aproximou da sala da frente, desacelerou novamente e ouviu quando vários homens falavam calmamente nas proximidades. A conversa não era nada util, apenas conversas sem sentido de homens que soavam um pouco embriagados.

— E como é que eu sabia que você não estaria batendo na porta da frente?

Aaron virou-se, imediatamente, pegou o outro homem e bateu contra uma parede, com o aço de sua lâmina de corte, nas primeiras camadas da pele, ao redor do pescoço do homem.

Não surpreso por ter sido ultrapassado por Aaron, Jason tinha uma expressão em branco, sabendo muito bem que Aaron era um assassino mais mortal de seu pai.

— Lembre-me de não vir atrás de você uma segunda vez. — A voz de Jason estava apertada, a garganta se movendo contra a afiada lâmina que Aaron segurava firme em sua mão. Uma gota de líquido rubi arrastou a partir da lâmina da faca de Aaron até à barba espalhada ao longo do pescoço de Jason. Lentamente, Aaron o soltou quando puxou a arma de volta, para colocá-la na bainha.



A mão de Jason foi enxugar a única gota de sangue correndo ao longo de sua pele. Olhando para a mancha vermelha em sua mão, ele olhou para Aaron e sorriu antes de dizer:

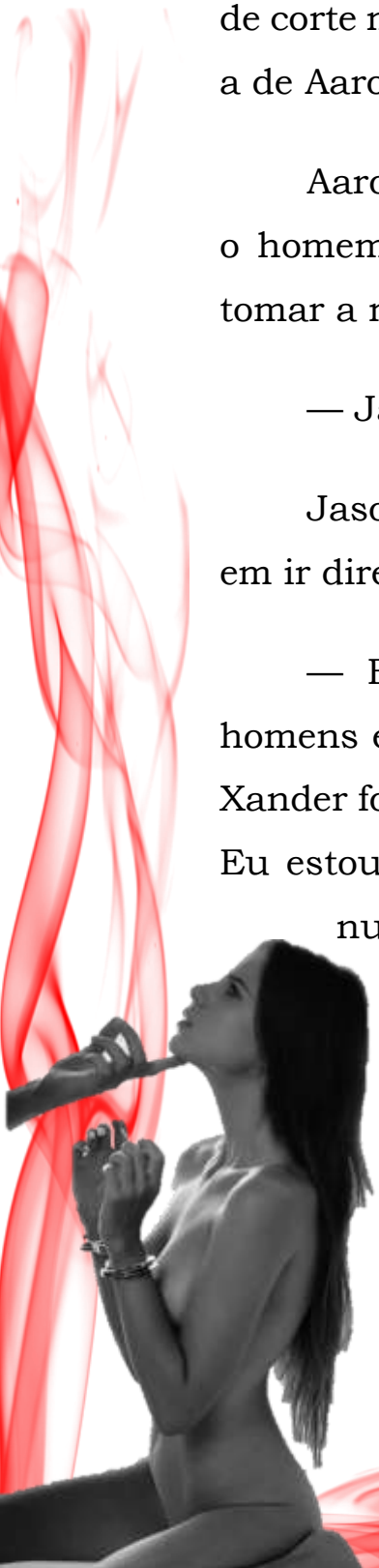
— Eu gostaria de lhe pedir para fazer minha barba com aquela coisa, se eu não estivesse preocupado com sua lâmina de corte muito perto. — Ele riu, estendendo a mão para apertar a de Aaron.

Aaron endireitou a coluna, encarando com desconfiança o homem de pé na frente dele, antes de finalmente ceder e tomar a mão de Jason em um aperto firme.

— Jason... O que você sabe sobre o espião?

Jason assentiu, notando rapidamente o desejo de Aaron em ir direto ao ponto.

— Eu estava reunido com Patrick e alguns de seus homens esta noite. Nós estávamos discutindo as mudanças e Xander foi questionado a respeito da hierarquia da The Estate. Eu estou com você cem por cento Aaron. Seu pai perdeu-se numa viagem de loucura e ganância de poder. Esta rede tornou-se muito mais corrupta nos últimos anos, sendo liderada por esses dois chacais, Emory e Vincent. Vocês já controlam o negócio legítimo, não há nenhuma razão porque você não poderia governar o lado mais escuro também. Você é um



homem inteligente e o filho da puta mais letal por aqui. Queremos ficar ao seu lado.

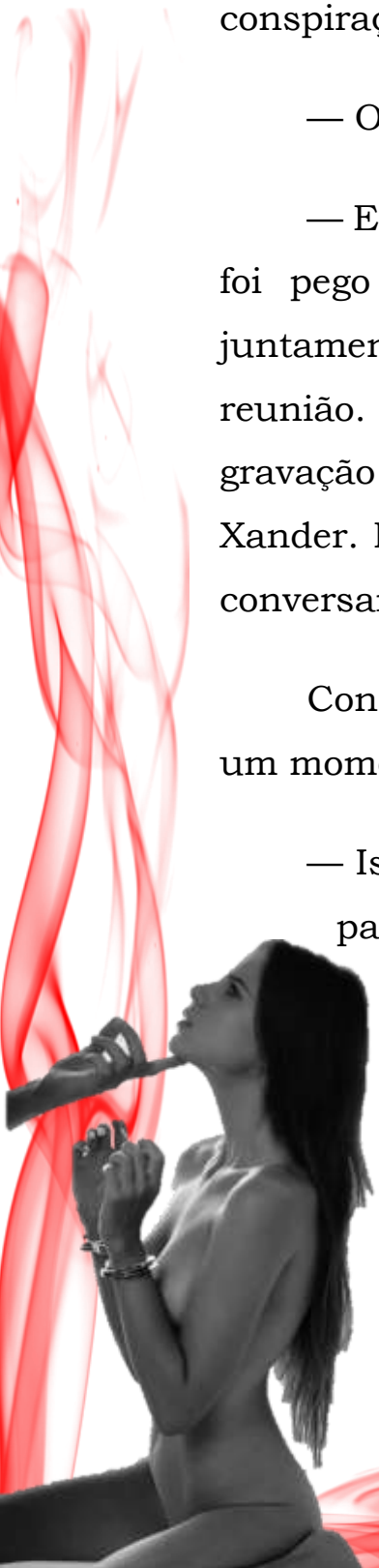
Aaron piscou, mas manteve uma expressão indiferente no rosto. Nunca gostou de conversar com os homens que não conhecia bem, ele queria manter as palavras e ações para a tarefa em mãos, dar-lhe mais tempo antes de discutir conspiração e fidelidade.

— O espião? Conte-me sobre ele.

— Ele é um alimentador inferior, um bandido comum que foi pego tentando gravar a reunião. Ele tinha marcado, juntamente com um dos homens de Patrick, para participar da reunião. Patrick foi quem o pegou, levou o dispositivo de gravação e trancou o idiota antes de entrar em contato com Xander. Foi surpreendente saber que você estaria vindo para conversar com ele.

Considerando as informações, Aaron ficou em silêncio por um momento, antes de finalmente responder.

— Isso parece fácil o suficiente. Não deve demorar muito para eu descobrir para quem ele trabalha, se não foi meu pai que o mandou entrar. Leve-me até ele.

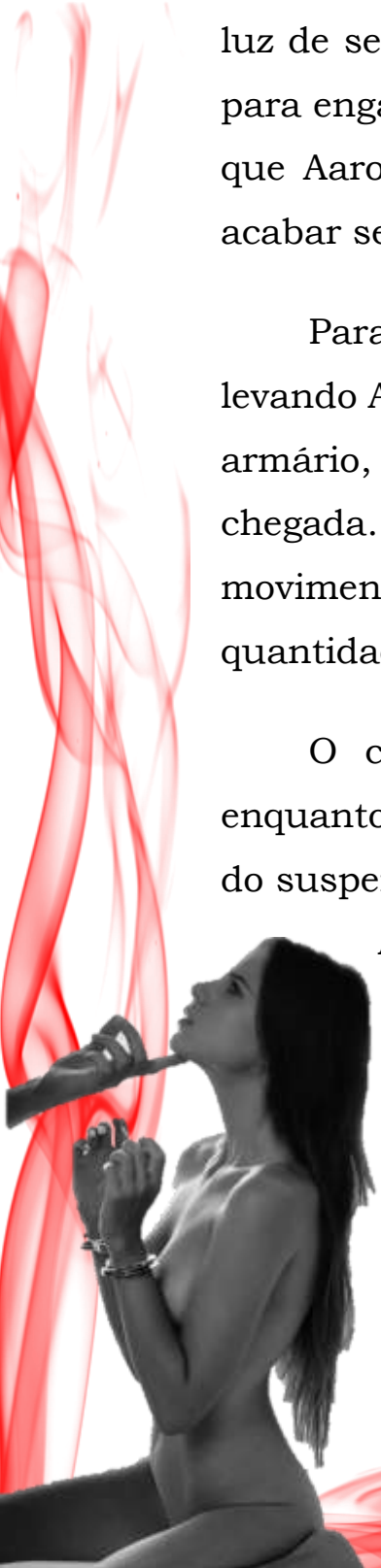


Aaron olhou para Jason que assentiu com a cabeça e virou-se para levar Aaron por um corredor à sua direita e um conjunto de escadas estreitas, que devem ter sido destinados para o movimento fácil do pessoal da equipe, para que eles pudessem

permanecer fora da vista de qualquer convidado. Aaron continuou seguindo Jason para notar que, embora o homem tivesse um pouco menos de 1,80 metros, a largura de seus ombros era quase igual à largura entre as paredes do corredor em que andavam. Um homem musculoso, Jason não era um estranho para uma luta. Suas feições faziam os efeitos ainda mais impressionantes pelo branco puro de seu cabelo e a prata luz de seus olhos. A beleza austera de Jason era o suficiente para enganar qualquer homem que não esperava a raiva pura que Aaron sabia que existia dentro do homem, que poderia acabar sendo seu maior aliado.

Parando de repente, Jason abriu uma pequena porta, levando Aaron para dentro de uma câmara do tamanho de um armário, onde o espião tinha sido mantido à espera de sua chegada. Mal havia espaço suficiente para os três homens se movimentarem, mas Aaron não precisava de grandes quantidades de espaço para o propósito de sua visita.

O casaco de Aaron estourou ao redor de seus pés enquanto ele rapidamente entrou na sala, observando os olhos do suspeito de espionagem cheio de pânico, com sua entrada. A desculpa patética para um criminoso, curvou-se sobre uma pequena mesa quadrada situada no meio do cômodo. Seu cabelo era castanho fino e careca em cima, tinha óculos de armação de arame que circulavam olhos que pertenciam mais a um roedor do que a um homem. Seu corpo magro sacudia de pavor e medo e suas roupas estavam rasgadas e



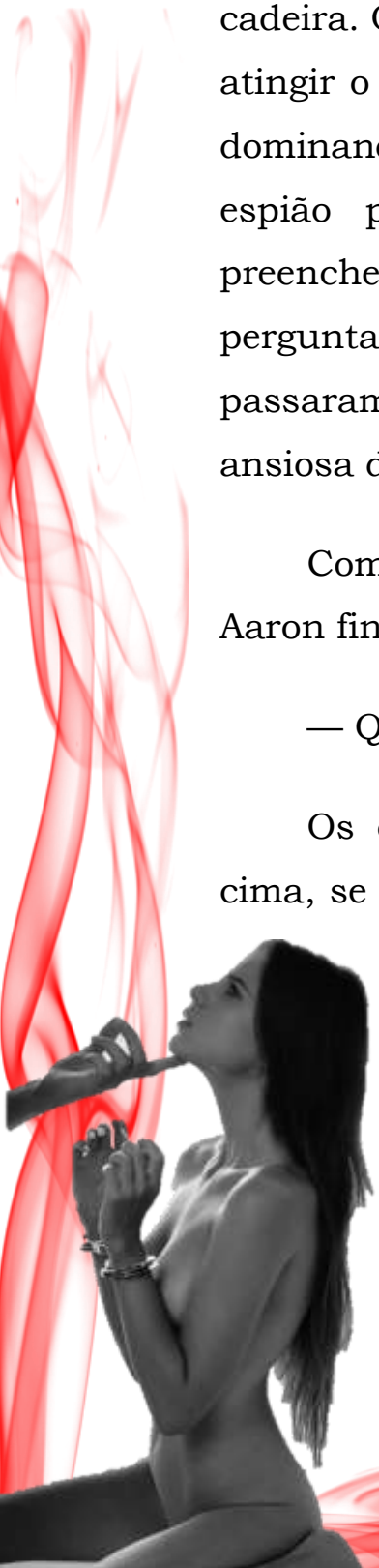
manchadas de vermelho da surra que ele já tinha levado de Patrick. O espião lembrou Aaron de Theo Hollis, o homem cujo sangue corria livre de seu corpo, mais cedo, naquele dia após Aaron descobrir seu roubo no negócio.

Puxando uma cadeira da mesa Aaron, sentou-se e descansou seus braços musculosos sobre o encosto da cadeira. O som dos pés da cadeira ecoou pela sala pequena ao atingir o piso de madeira, acentuando o fedor vil do medo já dominando o espaço pequeno. Aaron olhou em silêncio para o espião por alguns momentos e permitiu que o terror preenchesse todo o corpo do homem antes de fazer suas perguntas. Quando aqueles momentos de silêncio se passaram, o único som quebrando o silêncio foi a respiração ansiosa do homem sentado do outro lado da mesa.

Com uma voz saturada em ameaça e intenção cruel, Aaron finalmente perguntou:

— Quem é você?

Os olhos marrons lustrosos do homem olharam para cima, se ampliando, quando viram o sorriso mordaz no rosto de Aaron. Abrindo a boca, sua respiração tornou-se mais pesada com o coração batendo, em antecipação da morte que estava certa para vir.



—M... Meu nome é Collinsworth... Mark Collinsworth.

Aaron balançou a cabeça divertindo-se que a criatura patética na frente dele foi capaz de falar com clareza, enquanto plenamente consciente de que seus últimos minutos na Terra foram esticados antes dele.

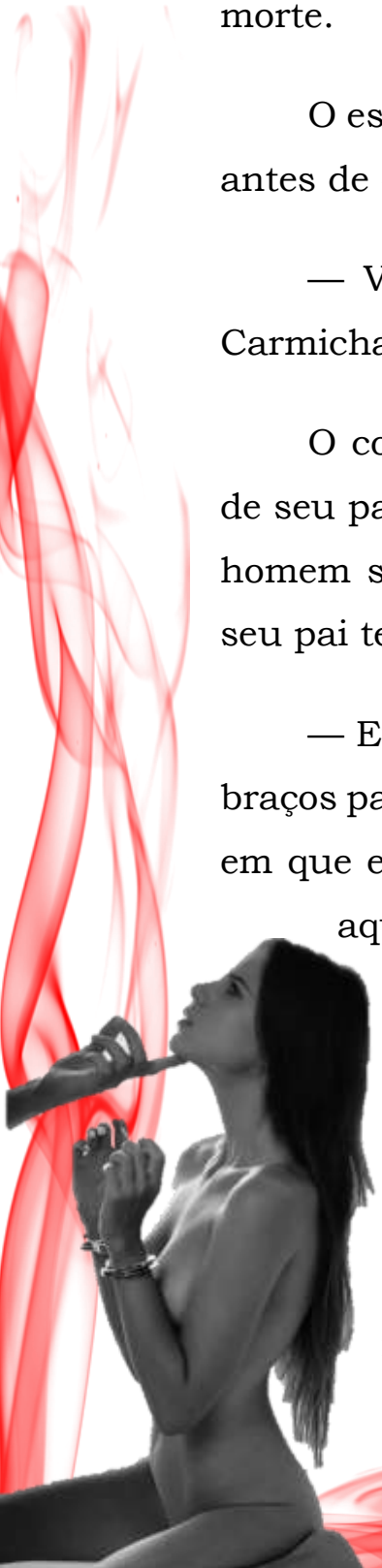
— Você sabe quem eu sou... Sr. Collinsworth? — Uma pergunta simples, mas atada com a eventualidade de dor e morte.

O espião olhou para cima, piscou os olhos algumas vezes, antes de concordar em reconhecimento.

— Você é Aaron Carmichael, você é o filho de Joseph Carmichael.

O coração de Aaron bateu mais rápido ao som do nome de seu pai. A sensação de sua lâmina contra a garganta deste homem seria muito mais doce após a imundície do nome de seu pai ter rolado tão facilmente pela língua do espião.

— Eu sou. — Inclinando-se para trás, Aaron moveu seus braços para que as mãos segurassem a parte de trás da cadeira em que estava sentado. — Você deve saber por que eu estou aqui falando com você esta noite. Você se importa se eu e meu amigo Jason perguntarmos por que, exatamente, você pensou que era uma boa idéia gravar o que foi planejado para ser um encontro privado?



O espião mexia na cadeira, seus olhos redondos iam e voltavam entre Aaron e Jason. Perdendo a

paciência Aaron falou em um esforço para acelerar a resposta do Sr. Collinsworth.

— Eu posso começar a remover partes de seu corpo, Mark, se você sentir que vai ajudá-lo a descobrir a resposta para a minha pergunta. — Sim foi uma ameaça, mas um ato pelo qual Aaron era conhecido, fazer muitas vezes, nos anos que ele atuou como assassino para a rede.

O corpo do homem magro começou a tremer violentamente ao ouvir a ameaça de Aaron. Risos, de zombaria e crueldade, borbulhavam para fora de Aaron, enquanto ele observava o homem diante de si reduzido a um ataque de horror absoluto.

— Não me irrite, isso só vai fazer meu trabalho muito mais... Confuso... No final. Estou realmente muito afeiçoado às botas que estou usando. Você só irá me irritar mais, se eu for forçado a suja-las pisando em sua urina.

— Eu... Não era minha intenção inicial gravar a reunião, mas quando ouvi que haveria um motim contra Sr. Carmichael, eu pensei que essa informação seria valiosa, poderia me ajudar a ter uma posição mais elevada dentro da rede.



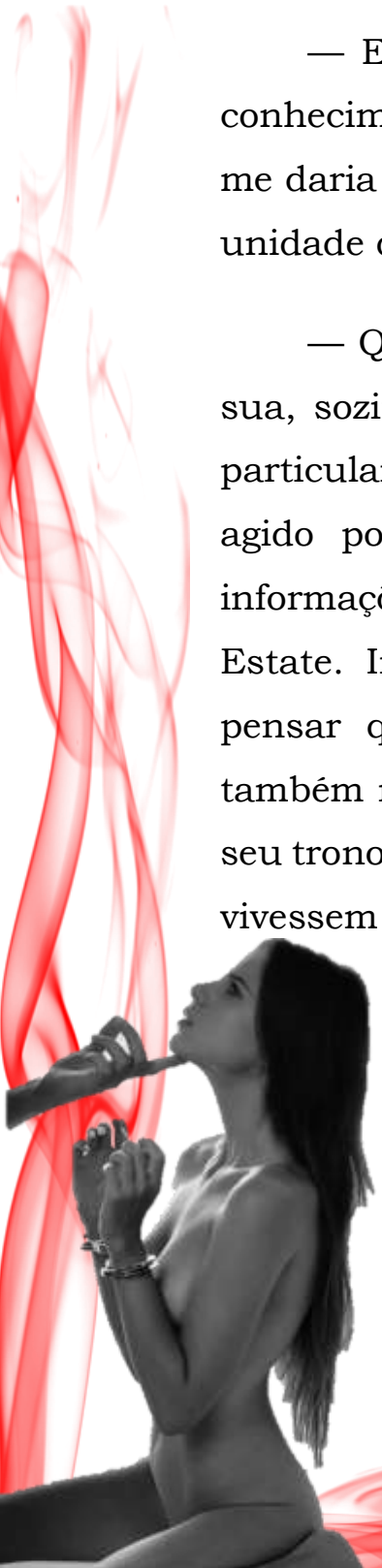
Aaron sorriu sentindo pena do homem estúpido, sentado diante daquele que era demasiado honesto, para seu próprio bem.

— Para quem você estava pensando em vender essa informação? Você deve ter tido uma idéia de alguém que iria se interessar por isso.

As lágrimas nos olhos do homem, a inclinação de seus ombros, uma clara indicação de que ele sabia o que estava por vir.

— Eu acreditava que o próprio Sr. Carmichael tomaria conhecimento de mim, se eu fosse entregar as informações, ele me daria uma posição acima do que poderia ser concedido na unidade de Patrick.

— Quer dizer que essa tentativa de espionagem foi idéia sua, sozinho, você não foi enviado por qualquer homem em particular? — Aaron suspeitava que o espião realmente tivesse agido por conta própria, pensando que ele tropeçou em informações que fariam dele um membro mais alto na The Estate. Infelizmente, o fraco filho da puta esqueceu-se de pensar que ao apresentar as informações a seu pai, ele também revelaria o rato que era. O pai de Aaron não ganhou seu trono, permitindo que homens conhecidos por falar demais vivessem por mais tempo do que levava para entregar sua mensagem. Lealdade não existia entre os criminosos, quando as línguas soltas estavam envolvidas.

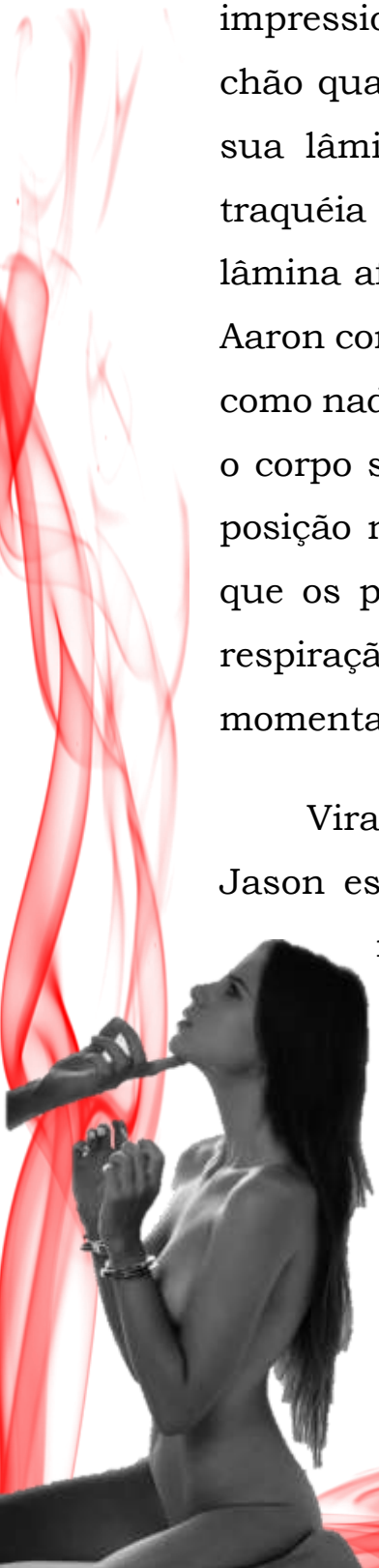


O espião balançou a cabeça.

— Não. — Baixou os olhos para a mesa suja e cheia de cicatrizes posicionada entre eles.

Depois disso nenhum questionamento era necessário, este homem não era mais que um sanguessuga desconhecido, tentando se alimentar fora da rede. Com uma rapidez semelhante à de uma cobra Aaron saltou sobre a mesa, o impressionante som de sua cadeira bateu pesado contra o chão quando ele prendeu o homem patético contra a parede, sua lâmina rasgou a pele e tendões, o som gorgolejou da traquéia e esôfago do homem que estava sendo rasgado pela lâmina afiada e de aço. O espirro arterial explodiu, banhando Aaron com a evidência de violência e morte. Soltando o homem como nada mais do que um animal massacrado, ele olhou para o corpo sem vida, viu como a cabeça rolou, torcida, em uma posição não natural, sobrava intacto do corpo nada mais do que os pedaços da coluna. O peito de Aaron saltou, com a respiração ofegante o peso de seus demônios momentaneamente levados pelo ato de um carrasco.

Virando-se, Aaron percebeu como os olhos de prata de Jason estavam arregalados, iluminado por uma mistura de respeito e medo mortal. Aaron podia imaginar o pesadelo que ele devia retratar, um homem hábil na arte de execução, que preferia o aço de uma lâmina para uso pessoal do que balas de chumbo, quando fazia sua matança. Os olhos de Aaron seguiram os músculos grossos que trabalharam ao longo do pescoço de Jason quando ele engoliu surpreso ao



testemunhar os atos cruéis de um assassino tão eficiente como Aaron.

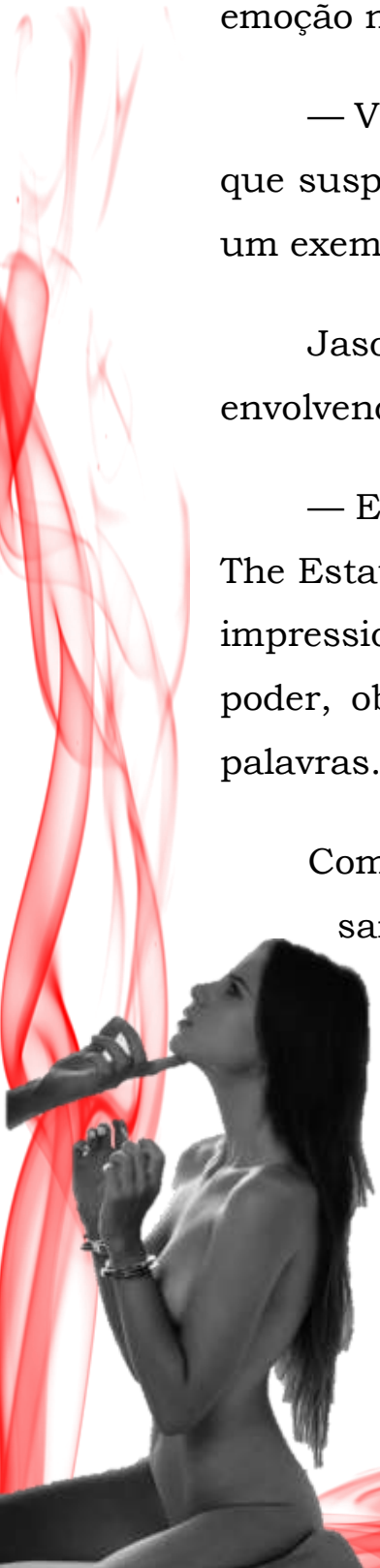
Olhando para trás, o cadáver agora sangrava no chão de Jason, Aaron riu ao perceber que o espião tinha, de fato, soltado suas entranhas após a morte. O mau cheiro começou lentamente a encher a sala, ele se virou para Jason e sem emoção na voz, comentou:

— Você pode querer enviar esse, a qualquer outro homem que suspeita não ser tão leal como alega ser. Vamos dar-lhes um exemplo do que eles vão se tornar se forem descobertos.

Jason tossiu com o cheiro fétido de excrementos e morte, envolvendo-se dentro do espaço fechado.

— Esta visão é suficiente, até mesmo para um homem da The Estate que ficar nervoso diante de Vossa presença. Estou impressionado com a rapidez da sua mão Aaron. Grande poder, obviamente, reside dentro de um homem de poucas palavras.

Com um simples aceno em resposta, Aaron limpou o sangue que podia estar em seu rosto e a lâmina na manga de sua jaqueta, antes de sair da sala e fazer o seu caminho de volta, através do labirinto de corredores pela casa. Ouvindo passos ponderados de Jason, logo atrás, Aaron se virou e fixou os olhos nele.



— Embora pareça que os cães do meu pai ainda não farejaram nossos planos, devemos agir com mais cuidado a partir de agora. Não vai demorar muito para que mais tolos acreditem que podem conquistar uma posição mais elevada por meio de relatórios. Quero Xander notificado de quaisquer futuras reuniões. Elas devem ser coordenadas para que ele possa participar. — Aaron voltou-se para continuar seu caminho, mas parou novamente. Com palavras rápidas faladas de cima do ombro, ele ordenou: — Ninguém que não tenha provado sua lealdade vai participar de futuras discussões. Estou um pouco preocupado de ter permitido tudo, até este ponto.

Aaron não deu tempo para Jason responder. Com sua tarefa completa, ele deixou a casa, com sua mente à deriva, de volta para a pequena mulher, segura em seus aposentos.



Capítulo Quinze

Maddy sentou-se contra o couro macio do sofá, observando os passos ritmados de Xander que esperava o retorno de Aaron. Sua mente vagou para as palavras de Xander, seu reconhecimento de que Aaron tinha uma alma tão má como os homens que ela tinha visto no quarto, mais cedo naquele dia. Tremia através de seus ossos, com uma fina camada de suor em sua pele.

Quando finalmente a porta da frente se abriu, Maddy viu quando Aaron entrou com o rosto coberto pela evidência de suas atividades, a mancha da morte era quase preta, em suas feições. Assustada, ela se enrolou em si mesma. Quando o verde profundo dos olhos dele encontraram os dela, um flash rápido de luz surgiu por trás do horror que nublava seu olhar, isso a surpreendeu.



Poupando-lhe não mais do que uma rápida olhada, Aaron caminhou para as portas duplas que levavam aos quartos, as abriu antes de caminhar pesadamente pelo corredor desaparecendo tão rapidamente como tinha chegado. Xander suspirou, em pé ao lado dela, revirou os ombros para trás para liberar a tensão construída a partir de sua espera e seguiu Aaron pelo

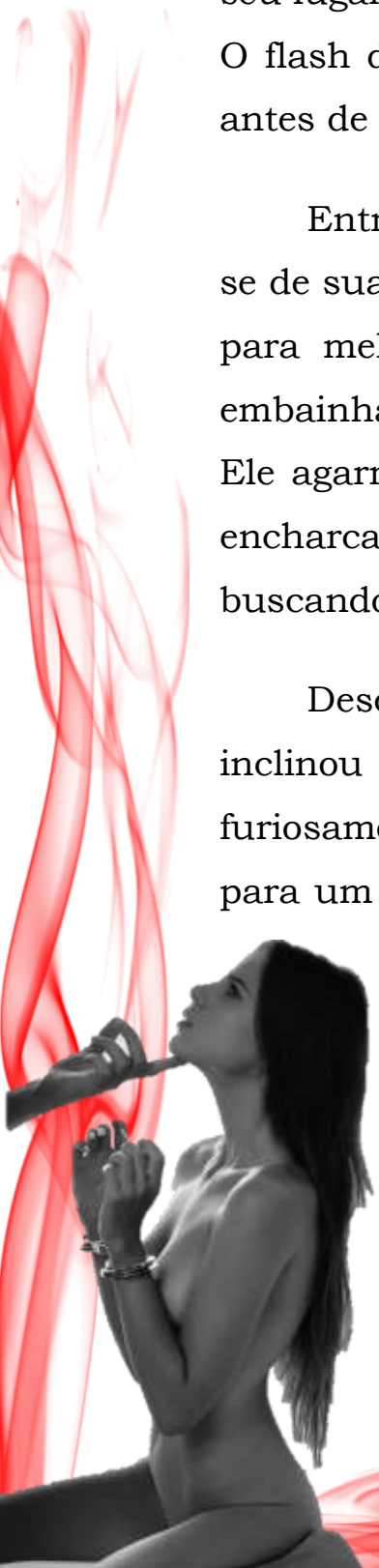
corredor. No caminho através da sala, Xander olhou para Maddy e perguntou:

— Você é inteligente o suficiente para saber que escapar desta sala não seria bom para você?

Maddy assentiu, sabendo muito bem que se deslocar de seu lugar só a levaria para uma forma muito maior de tortura. O flash de dentes brancos a golpeou, quando Xander sorriu antes de se virar para acompanhar Aaron pelo corredor.

Entrando em seu quarto, Aaron imediatamente despojou-se de sua jaqueta e armas, pegou um pano deixado perto dele para melhor limpar o aço de sua lâmina antes de voltar embainhá-la e colocar na primeira gaveta de sua escrivaninha. Ele agarrou o colarinho de sua camisa, rasgando o material encharcado de seu corpo, antes de se aventurar no banheiro, buscando o calor da água quente.

Descendo para o recinto de vapor carregado, Aaron inclinou a cabeça na água, viu quando o sangue girava furiosamente pelo ralo, passando de um vermelho gritante, para um rosa silenciado, uma vez que os restos da morte do espião eram lavados de seu corpo. Só quando sentiu a pele começar a formar bolhas, do calor do pulverizador do chuveiro, ele saiu. Agarrando uma toalha, ele envolveu-a frouxamente em torno de seus quadris antes de caminhar de volta para seu quarto.



Com uma sobrancelha arqueada e o entendimento perspicaz de um homem que conhecia Aaron melhor do que ele mesmo, Xander se escondia na porta do quarto à espera do relatório de Aaron. Ele ficou em silêncio, com as mãos dobradas casualmente nos bolsos de suas calças, quando Aaron desapareceu no armário para se vestir. Segundos depois, Aaron surgiu apenas com calças de pijama, que fluíam sobre as pernas.

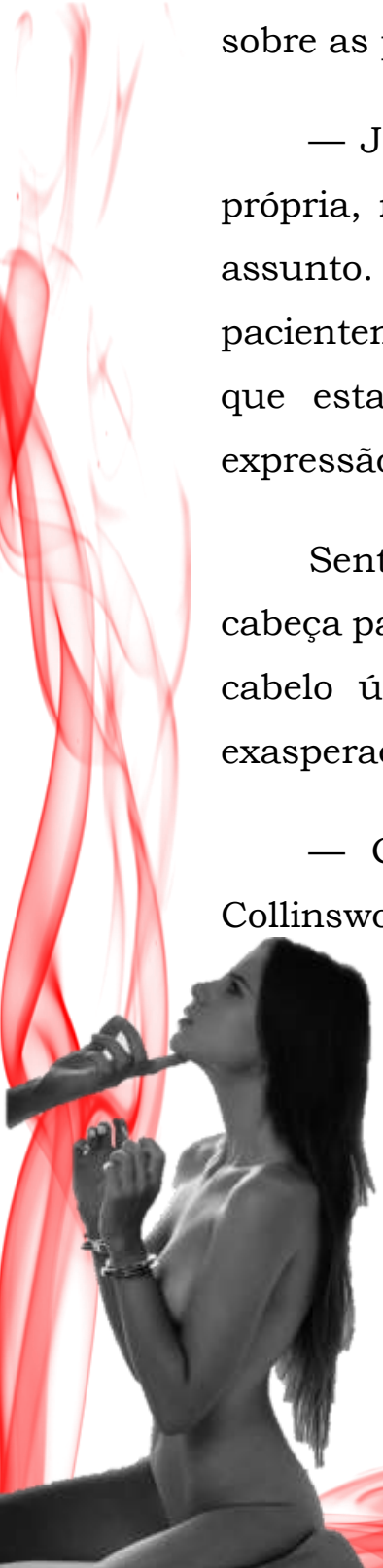
— Jason relatou para mim que o espião agiu por conta própria, mas eu estava querendo saber sua opinião sobre o assunto. — Xander se encostou à parede, dando pacientemente um tempo para Aaron descer do pico de raiva, que estava mais que aparente pela borda letal em sua expressão.

Sentado na beira da cama king size, Aaron deixou cair a cabeça para frente, viu quando as gotas de água cairam de seu cabelo úmido no chão. Deixando escapar um suspiro de exasperação, ele olhou para cima.

— Correto. O nome do homem de Jason era Mark Collinswort, um serviçal inferior. Presumo que pensou que poderia fazer seu lugar na rede por meio de relatórios entregues para o meu pai.

Xander riu.

— Tenho certeza de que seu pai teria apreciado essa informação, é uma pena que o Sr. Collinsworth



não entendeu que ele teria perdido a cabeça de qualquer maneira. Línguas soltas nunca são aceitáveis em um antro de criminosos.

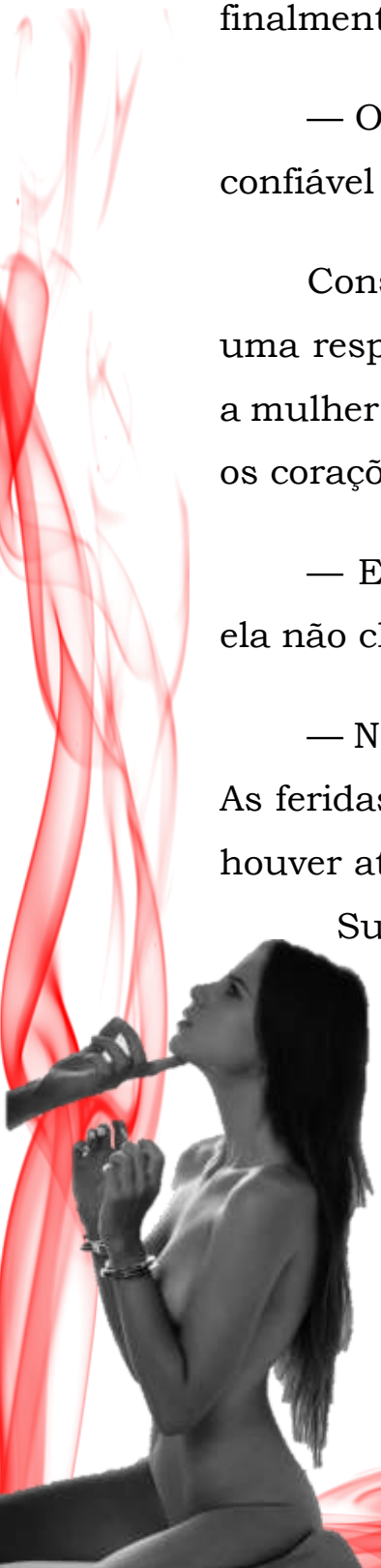
Aaron permitiu a leviandade de Xander, para violar a sua raiva, riu em resposta, a triste verdade das palavras do amigo. Os dois homens permaneceram em silêncio, até que Aaron finalmente rompeu o silêncio com uma pergunta.

— O que vamos fazer com o rato essa noite? Ela pode ser confiável para não fazer uma cena?

Considerando a situação com cuidado, Xander escolheu uma resposta adaptada para as necessidades de Aaron sobre a mulher que, sem saber, trabalhava seu caminho para atingir os corações frios de seus captores.

— Eu poderia acorrenta-la de novo, me certificando que ela não chamará a atenção. — Disse Xander.

— Não. — A resposta de Aaron foi súbita e assegurada. — As feridas ainda estão muito cruas. Elas podem piorar se não houver atendimento médico necessário para a cicatrização. — Suspirando alto, Aaron passou a mão pelo cabelo antes de anunciar seu próximo comando. — Traga-a para o meu quarto, eu vou deixá-la dormir ao meu lado, impedi-la de se tornar um perigo para si mesma.



Reprimindo seu desejo de protestar contra a decisão, Xander saiu da sala sem dizer uma palavra,

deixando Aaron com seus pensamentos, que estavam repletos de sangue, sofrimento e engano.

Maddy sentou-se na sala de estar tranquila, olhou em volta, para o luxo que enchia o espaço, as finas cortinas, estátuas que ela imaginava que deviam custar mais do que a pequena casa que ela viveu por toda sua vida. Não se atrevendo a mover, ela ficou estranhamente aliviada ao ouvir passos se aproximando no corredor. Embora sabendo que estes homens nunca a deixariam ir, que a tivesse machucado de maneiras consideradas terríveis pelo mundo ao seu redor, ela não conseguia afastar a sensação de que eles estavam protegendo-a de monstros ainda maiores, homens que se alimentam de sua dor para obter prazer ao rasgar sua mente, corpo e espírito, em pedaços.

Xander apareceu das trevas do corredor. Em pé, com os ombros retidos e as mãos cruzadas juntas na frente dele, ele olhou para Maddy antes de falar.

— Aaron disse que você vai ficar no quarto dele, com ele, esta noite.



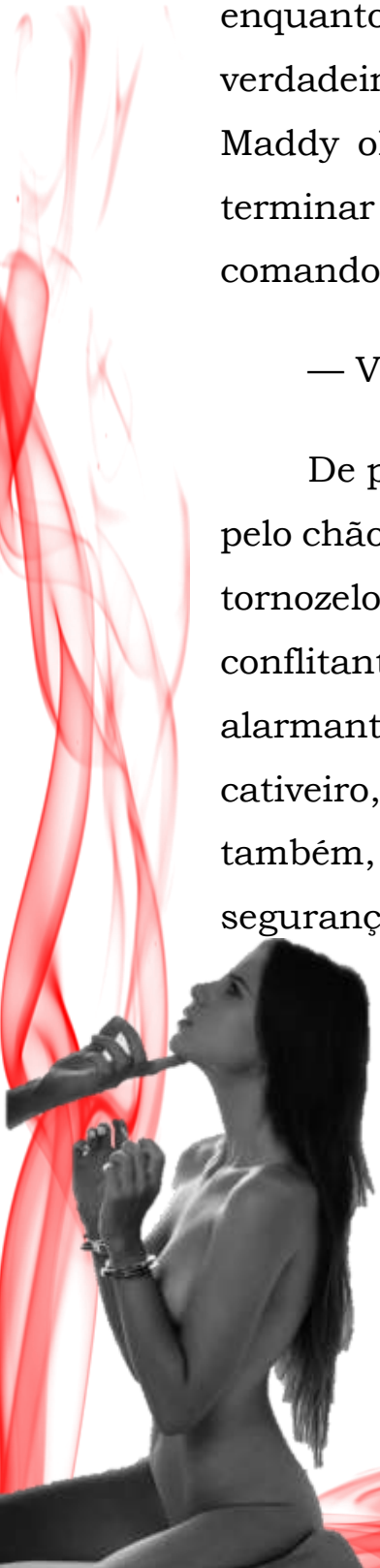
A respiração dela engatou e a ansiedade rolou através de seu pequeno corpo, em ondas, enquanto se perguntava sobre a extensão dos planos de Aaron. Não tendo outra escolha, Maddy começou a se levantar, mas Xander acenou com a mão indicando que ela permanecesse sentada. Com um olhar sério estampado no rosto, ele disse:

— Você deve saber, Grilo, não há nada mais importante para mim do que o seu Mestre. Se você tentar machucá-lo, enquanto ele dorme, ou até mesmo fazer alguma tentativa, eu vou cetificar-me de que sua morte seja lenta e tão agonizante quanto possível.

Um tremor violento rasgou através de seu corpo, enquanto ela ouvia as palavras ditas, sem desculpas, tão verdadeiras e profundas que até o som delas era terrível. Maddy olhou para baixo, em seu colo, esperou por Xander terminar o que ele tinha a dizer e dar-lhe seu próximo comando.

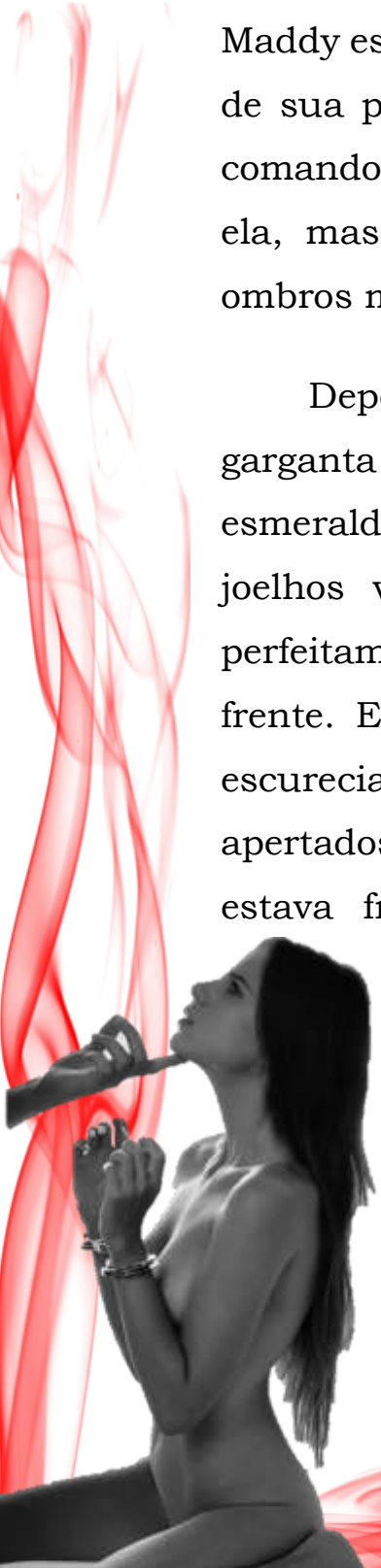
— Vamos, Grilo. Seu mestre espera por você.

De pé, com as pernas fracas, Maddy movia-se lentamente pelo chão de pedra da sala de estar, a pele machucada em seus tornozelos doloridos, queimava a cada passo. Sentimentos conflitantes inundavam seu coração, eram inesperados e alarmantes, o desejo por um homem que a mantinha em cativeiro, o medo do que o homem faria ao seu próximo, mas também, a antecipação de seu toque, uma sensação de segurança quando estava na presença dele. Ela se perguntou se estava perdendo sua mente, sucumbindo ao abuso psicológico nas mãos das pessoas que roubaram-na de sua vida. Seus olhos piscaram quando ela passou Xander, seus passos eram leves, quando ela atravessou o corredor e seu corpo parecia pesado quando ela foi em direção ao desconhecido.



Quando ela entrou no quarto, Aaron estava sentado na beira da cama, no centro do quarto. Seu corpo estava inclinado para frente, ele segurava a cabeça entre as mãos, os músculos das costas e ombros fortes, estavam ainda mais definidos, pelas luzes do quarto. Seu cabelo negro estava úmido, mas ainda parecia seda fina, a cor dos fios, eram tentadores para o toque, uma vez que contrastava com sua pele beijada pelo sol. Maddy esperou na porta, não tendo certeza se ele estava ciente de sua presença ou se ela estava livre para entrar sem seu comando. De pé em silêncio ela esperou que ele olhasse para ela, mas ele permaneceu em sua posição, as costas e os ombros movendo-se apenas com a respiração.

Depois de vários minutos, Maddy finalmente limpou a garganta para ganhar atenção. A cabeça dele disparou, a esmeralda escura de seus olhos, queimava dentro dela. Seus joelhos vacilaram um pouco, mas ela permaneceu forte, perfeitamente imóvel até que ele pediu que ela se movesse para frente. Escuridão e fantasmas, de uma fonte desconhecida escureciam sua expressão. Seus lábios cheios estavam bem apertados, em uma linha fina, a pele em suas sobrancelhas estava franzida, em agitação. Seus olhos permaneceram bloqueados com os dela por apenas alguns segundos antes deles começarem a viajar por toda a extensão de seu corpo, parando apenas quando tinha atingido as feridas em seus pulsos e tornozelos.



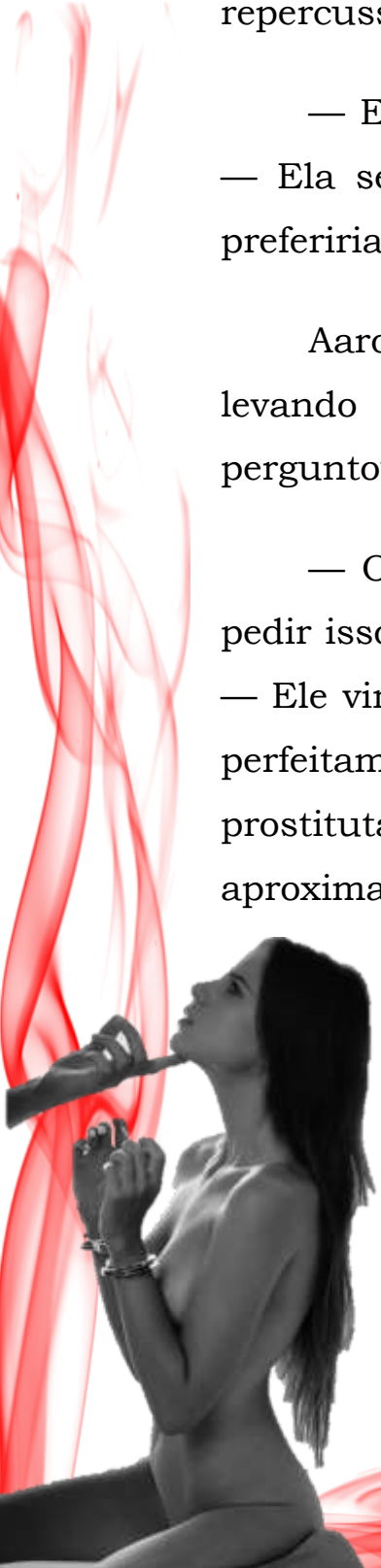
— Você precisa de mais pomada em seus cortes. — Levantando-se, Aaron foi até o banheiro e olhou para trás, por cima do ombro, quando Maddy não o seguiu imediatamente. — Venha comigo Rato, para que eu possa cuidar de seus ferimentos.

Encontrando sua voz Maddy falou, não pensando nas repercussões que suas palavras poderiam suscitar.

— Eu preferiria que você me chamasse pelo meu nome. — Ela se aproximou dele, batendo os cílios. — Maddy, eu preferiria que você me chamasse de Maddy.

Aaron parou, com as costas nuas e, se virou para ela, levando vários minutos para finalmente responder, ele perguntou:

— O que faz você pensar que você tem permissão para pedir isso? Se eu quisesse, eu poderia chamá-la de escrava... — Ele virou-se para encará-la, viu os contornos do seu peito perfeitamente sombreados e sua força inquestionável. — ... Ou prostituta. — Sua arrogância era lenta, enquanto se aproximava dela, como um caçador habilidoso em sua perseguição. — Você prefere que te chame de 'Rato'?



Chupando o lábio inferior entre os dentes, Maddy mexeu as mãos, recusando-se a olhar nos olhos de Aaron. Ela podia sentir o olhar dele tocando sua pele, fazendo uma leitura da mulher, apenas metade do seu tamanho. Ela sentiu o calor do corpo

dele, quando num movimento fluido, ele a circulou. Era a sensação de um cobertor macio e uma ameaça lasciva em volta dela, ao mesmo tempo. Quando a profunda ressonância da voz dele ocorreu novamente, ela encolheu-se, temendo que ele a atacasse se desse uma resposta incorreta.

— Por que você não gosta do nome que lhe dei?

Continuando incomodada, Maddy guiou seus olhos a seus pés, sem se atrever a olhar para o verde sem fim que ela conhecia e olhava para ela. Agarrando-a sob o queixo, Aaron puxou o rosto dela, para olhar para ele, seus olhos procuraram os dela para a resposta à sua pergunta.

— Você vai falar quando eu lhe disser para fazer. — Soltando a mão de seu rosto, ele deu um passo para trás colocando distância entre eles. — Agora me responda.

Seu coração batia contra as paredes do peito, a garganta estava apertada, tornando difícil para ela respirar. Medo a consumia, enquanto ela ficava na sombra do homem que tinha tomado pelo menos duas vidas naquele dia. Apenas um sussurro, sua voz guinchou a resposta para a pergunta.



— Porque um rato é um pequeno roedor peludo, algo detestável.

Aaron ficou pensativo e calado acima dela. Quando ele não respondeu, Maddy acrescentou calmamente:

— Eu acho que é melhor o nome que Xander me deu.

Risos brotaram para fora, fazendo com que os músculos tonificados de peito largo de Aaron se flexionassem e relaxassem diante de seus olhos. O som de sua diversão tão real, a levou a querer sorrir em resposta, ao ver um pedaço de sua máscara cair, revelando partes dele não testemunhadas por muitas pessoas. Contendo-se, os olhos de Aaron brilhavam quando ele perguntou:

— E qual, exatamente, é o nome de Xander para você?

Uma carranca enrugou a pele fina entre os seus olhos, a boca puxou pra o canto, como a de uma criança de mau humor.

— Ele me chama de... Grilo... Um inseto. É estranho que você se refira a mim como nada mais que uma praga comum, infiltrada em sua casa.

O sorriso de Aaron vacilou quando ele olhou para baixo, para a bela garota que não entendia completamente seu papel.

— Não, Madeleine, você não é uma praga comum, infiltrada em minha família...

Maddy olhou para ele, antecipando o que ele diria a seguir.

Por um segundo fugaz, ele pareceu genuinamente divertido, mas sua expressão foi

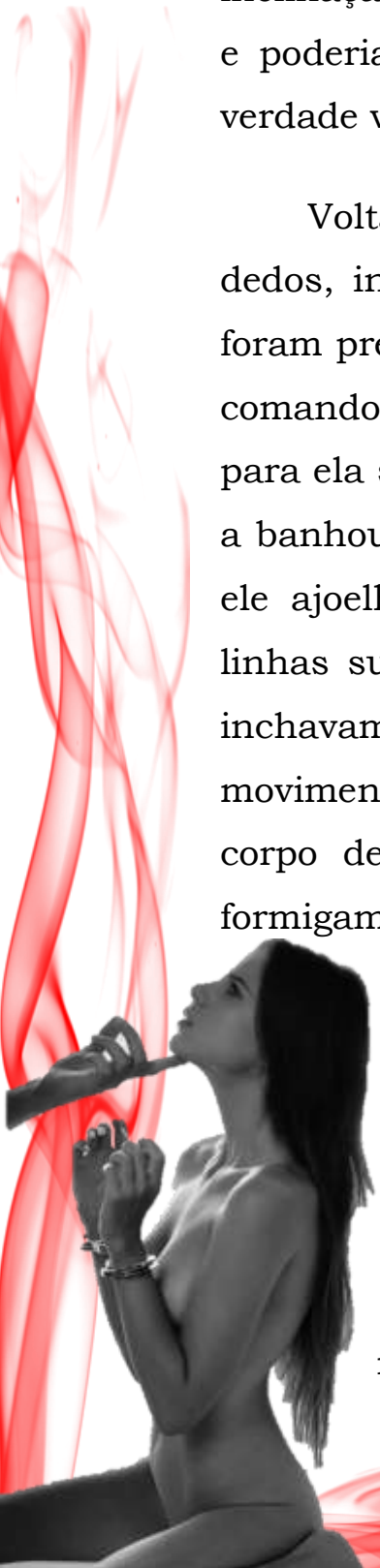


rapidamente substituída por indiferença e desprezo, quando ele declarou.

— Você é menor do que até mesmo uma praga, em seu papel como uma escrava.

Seu coração se partiu com aquelas palavras. Qualquer inclinação que tinha de que Aaron e Xander tinham a protegido e poderiam estar preocupados com ela, foi embora, com a verdade vil de sua declaração.

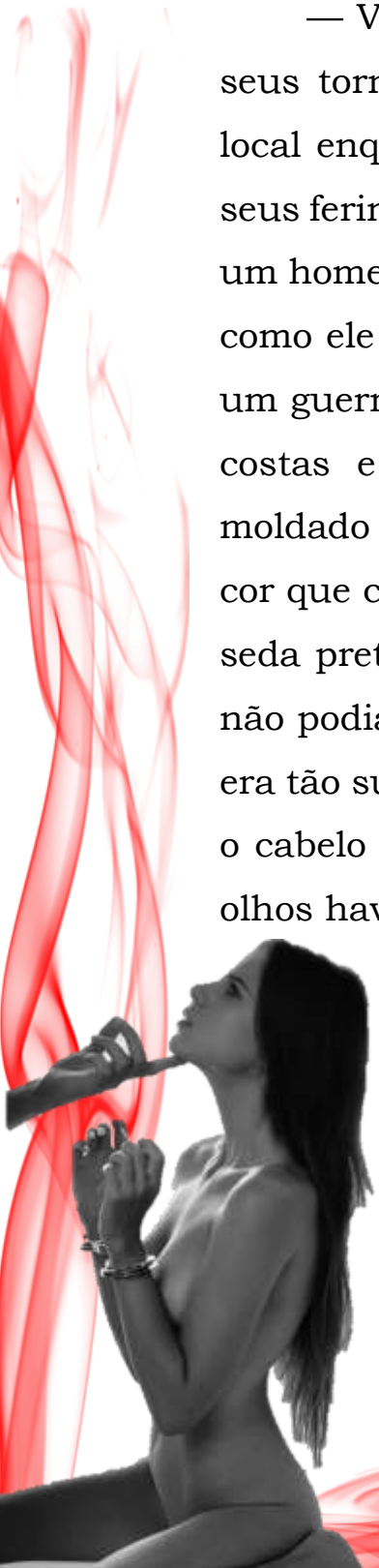
Voltando-se na direção do banheiro, Aaron estalou os dedos, indicando o seu comando para ela seguir. Seus pés foram preenchidos pelo chão frio, quando ela se submeteu ao comando. Uma vez que eles entraram no banheiro, ele fez sinal para ela se sentar na mesma cadeira que ele ocupou, quando a banhou, poucas horas antes. Recuperando a caixa branca, ele ajoelhou-se na frente dela. Seus olhos percorreram as linhas suaves das costas dele, na forma como os músculos inchavam e se esticavam sob sua pele suave, com seus movimentos. O ardor da pomada arrancou-a da leitura do corpo dele. Ela tomou uma respiração afiada, houve um formigamento pouco doloroso quando ele aplicou a pomada.



Desesperadamente, Maddy tentou não notar como as mãos fortes de Aaron estavam massageando a pele de seus tornozelos e pulsos. Ele era pelo menos duas vezes o seu tamanho, a grande área de sua mão facilmente envolvia seus braços e pernas. Tão firme, ela se lembrou do que sentiu quando aquelas mãos lhe causaram dor... Ou quando a fizeram se

perder, flutuar na onda de uma sensação que nunca tinha sentido. Arrepios correram ao longo de sua pele, traindo as emoções em conflito, atualmente arrebatadoras de seu corpo. Ela deve temer este homem, odiá-lo, detestá-lo com tudo que ela tinha e sentia, mas, ainda assim, ela não conseguia parar seus olhos e o pensamento na sensação de seu toque.

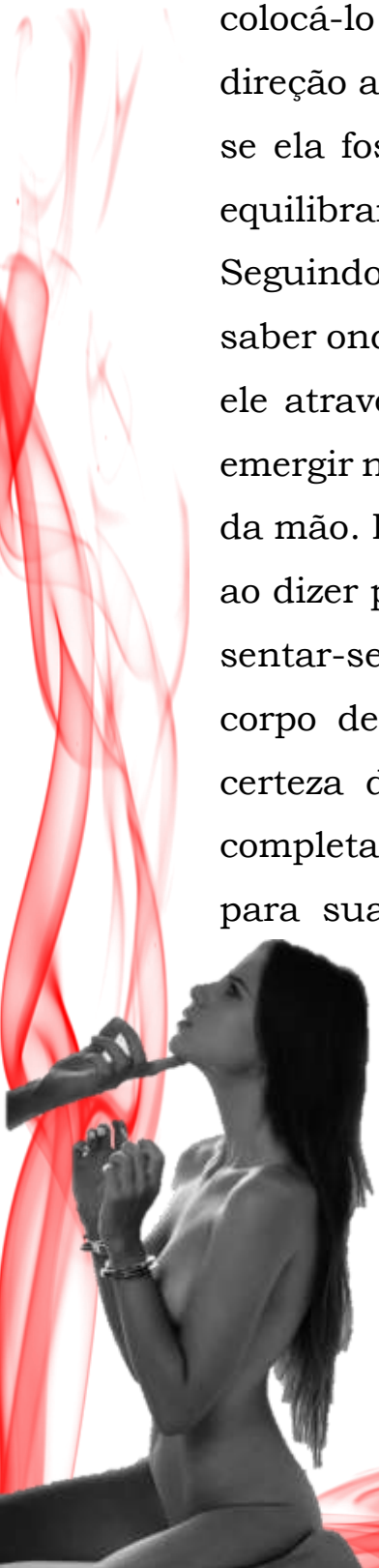
— Vou embrulhar gaze em torno da pele machucada em seus tornozelos, para garantir que a pomada permaneça no local enquanto você dorme. — Aaron continuou cuidando de seus ferimentos, enquanto Maddy o olhava, se perguntou como um homem tão letal, tão cruel, também poderia ser tão amável como ele estava sendo naquele momento. Ele tinha o corpo de um guerreiro, duro, músculos volumosos e definidos em suas costas e peito, como se um escultor mestre o houvesse moldado a partir de argila. Sua pele era marrom dourado, uma cor que contrastava fortemente contra o branco pálido dela. A seda preta que adornava sua cabeça estava quase seca e ela não podia deixar de estender a mão para ver se ele realmente era tão suave como parecia. Quando sua mão levemente roçou o cabelo negro, Aaron olhou para cima, na luz atrás de seus olhos havia uma mistura de raiva, simpatia e desejo furioso.



Corrigindo o comportamento dela, Aaron estendeu a mão, agarrou o pulso que ela tinha estendido para ele e o colocou de volta em seu colo, enquanto suas palavras a feriam mais do que os grilhões tinha feito, naquele dia.

— Você não pode me tocar sem permissão Rato. Você não tem esse direito. — O tom da sua observação era nítido, um aviso envolto a um luxo barítono, cortante e suave ao mesmo tempo.

Tendo completado sua tarefa, Aaron fechou a caixa de suprimentos, levantou-se e moveu-se rapidamente para colocá-lo no armário. Sem virar as costas, ele caminhou em direção ao seu quarto, estalando os dedos, chamando-a, como se ela fosse nada mais que um cão. De pé, Maddy teve que equilibrar-se para não cair sobre as pernas trêmulas. Seguindo-o para o quarto, ela percebeu como Aaron parecia saber onde estava, sem ter que olhar para trás. Ela viu quando ele atravessou a sala, desapareceu em seu armário, só para emergir novamente segurando algo pequeno e branco na palma da mão. Parecendo agir contra sua vontade, ele olhou para ela ao dizer palavras curtas e sem emoção, enquanto a instruiu a sentar-se na cama. Apreensão e mal-estar preencheram o corpo dela. Ela nunca dormiu com um homem, não tinha certeza de que, hoje à noite, este homem não iria levá-la completamente, usá-la como ela tinha sido destinada. Olhando para suas mãos, ela não viu quando Aaron se moveu do banheiro para o quarto carregando um copo de água.



Ele estendeu a mão para onde ela podia ver o que ele tinha. Vendo o que ele fez, ao invés de aproximar seu grande corpo ao dela, Maddy percebeu

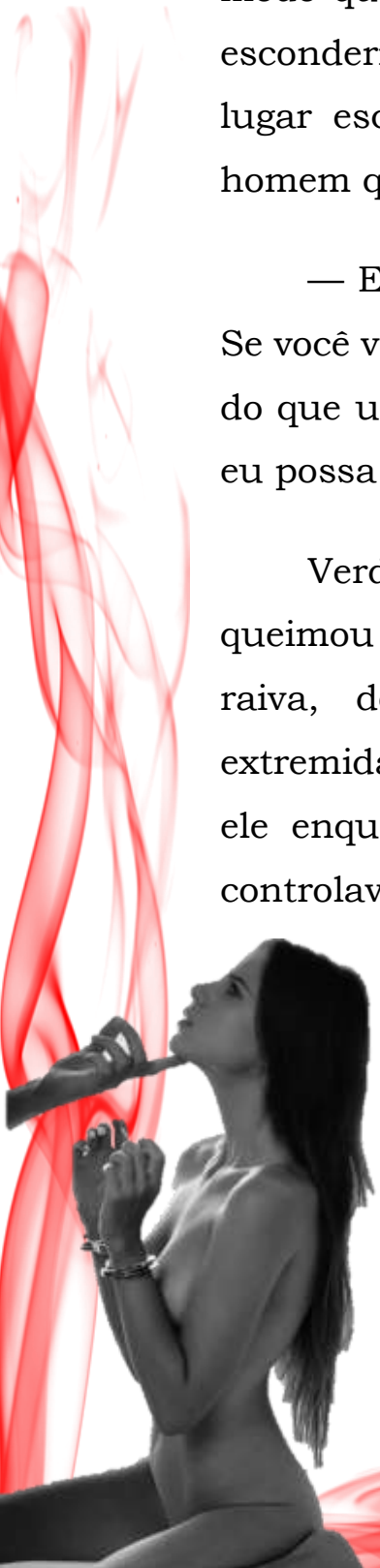
que ele estava distribuindo duas pequenas pílulas e um copo de água com a qual ela poderia engoli-las para baixo.

— Tome isso. Elas vão ajudá-la a dormir.

Olhando para as pílulas, Maddy sacudiu a cabeça em sinal de protesto. Ele estava drogando-a, deixando-a de um modo que ela não poderia lutar contra ele. Encontrando um esconderijo de força em algum lugar lá no fundo, em algum lugar escondido até mesmo para ela, Maddy olhou para o homem que olhava de volta para ela.

— Eu sei o que você está fazendo. Eu não sou estúpida. Se você vai me estuprar hoje à noite, usar-me como nada mais do que um objeto, pelo menos me deixe consciente, para que eu possa me lembrar do quão cruel você é.

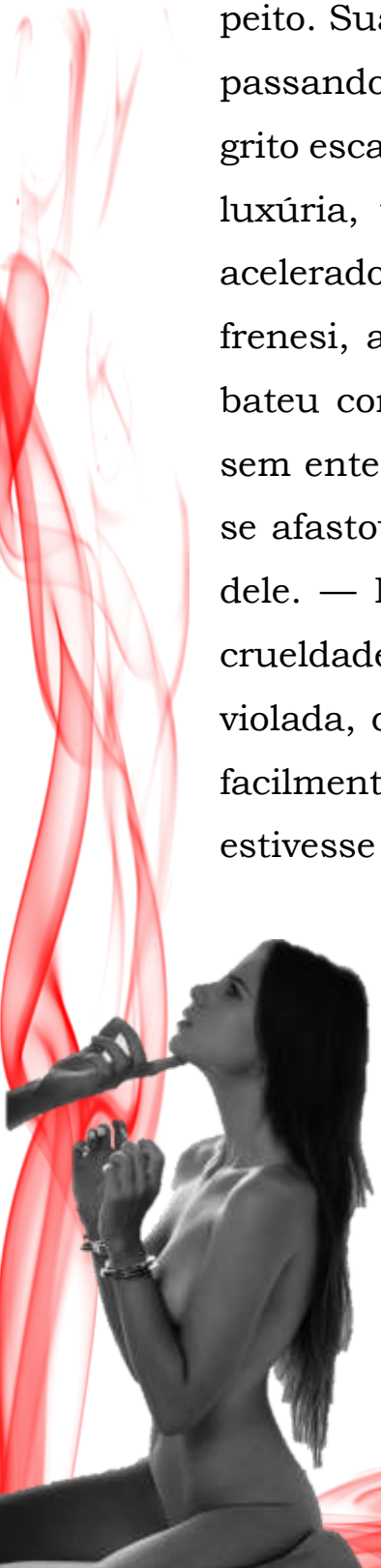
Verde, cor de jade, cor da vida brotando na primavera, queimou em seus olhos; iluminado e aquecido por um fogo de raiva, de necessidade. A boca de Aaron curvou nas extremidades, um pensamento desconhecido, divertido para ele enquanto tentava entender como uma mulher que ele controlava completamente... Era propriedade dele, podia se opor ou questionar suas titudes. Coisa que a nenhum homem era permitido fazer.



Como um raio ele moveu-se rapidamente, tão rápido e inesperado que Maddy engasgou quando o peso de seu corpo caiu sobre ela. As pílulas cairam de sua mão, para o chão, quando Aaron a empurrou

de volta na cama, segurou o corpo em cima dela, sua mão viajou até a lateral de seu torso, levantou sua camisa para expor seus seios e olhar.

— Se eu quisesse levá-la Madeleine, eu não teria que droga-la para fazê-lo. — O calor de sua boca, parecia descarga elétrica, quando ele passou os lábios em torno do bico de seu peito. Sua língua lambeu contra a ponta sensível, seus dentes passando na mesma área onde ele tinha marcado antes. Um grito escapou de seus lábios, parte medo, parte surpresa, parte luxúria, tão sutil, que fez seu coração pular em um ritmo acelerado. Enquanto ele trabalhava o corpo dela em um frenesi, a mão dele viajou entre suas coxas. Um único dedo bateu contra a abertura de seu corpo, ela gritou novamente sem entender o calor que floresceu dentro de seu núcleo. Ele se afastou de repente e viu como ela estava ofegante debaixo dele. — Mesmo que sua mente não se lembrasse de minha crueldade, seu corpo certamente lembraria. A dor de ser violada, quando eu me enterrar dentro de você não pode ser facilmente esquecida... Mesmo se fosse feito enquanto estivesse drogada.



Tão rapidamente como quando ele veio para cima dela, ele ficou de pé. Seus olhos procuravam o chão e quando ele encontrou as pílulas, se abaixou para pegá-las. Desta vez não era uma oferta, mas uma ordem, ele envolveu a mão em torno de seu rosto, apertando, até que seu queixo caiu. Empurrando as pílulas para a língua, ele pegou o

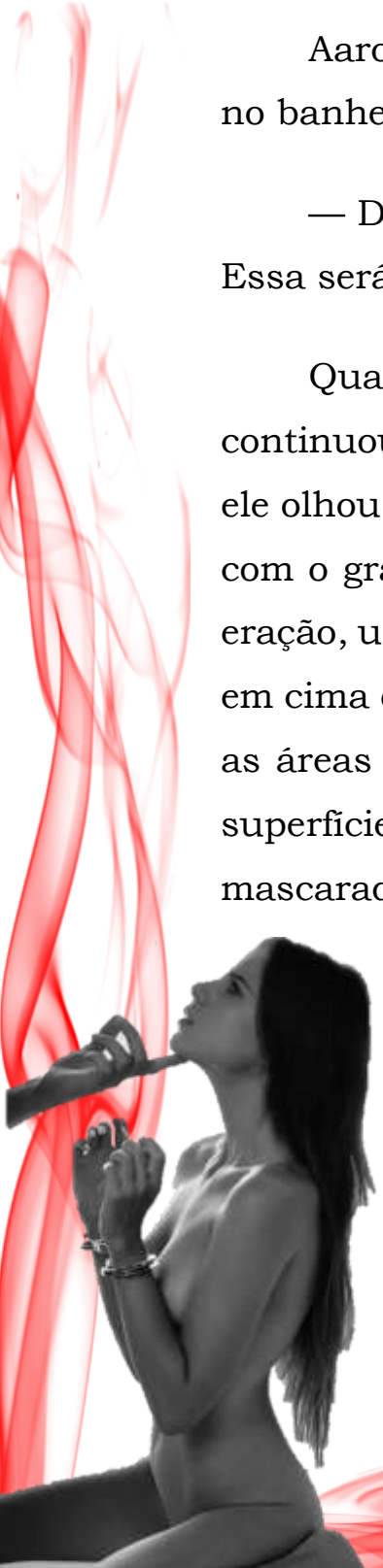
copo de água e derramou o conteúdo na garganta dela, fazendo que os comprimidos fossem ingeridos.

— Eu não tenho planos de conceder-lhe a satisfação de ter meu pau, eu simplesmente quero que você durma. Eu não quero passar a noite pulando em cima de você cada vez que eu achar que você está tentando escapar.

Aaron pegou o copo e enquanto caminhava para colocá-lo no banheiro, ele ordenou:

— Deite-se Maddy, feche os olhos e deixe o sono te levar. Essa será a única coisa que terá em seu corpo hoje à noite.

Quando Maddy obedeceu a sua instrução, Aaron continuou seu curso pelo quarto, colocando o copo no balcão ele olhou para trás, pegou a imagem refletida de volta para ele com o grande espelho sobre a pia. Ele estava com uma baita eração, uma lembrança de ter lhe tocado, ter colocado seu peso em cima dela poucos momentos antes. Ela era suave em todas as áreas em que ele estava duro, sua pele era seda contra a superfície áspera dele. Mesmo que seu corpo estivesse mascarado nas especiarias e o cheiro de almíscar de seu sabonete, ainda havia um fio de algo sobre ela, uma essência natural que o chamava, despertando cada terminação nervosa, distintamente masculina dentro dele.



Resistindo ao impulso de agarrar a si mesmo e se ordenhar para aliviar a pele esticada querendo

rasgar a partir do fluxo de sangue, ele virou-se para encostar-se ao balcão. Sua cabeça caiu para trás, enquanto ele esperava que seu corpo se acalmasse, sua respiração se tornasse regular, seu coração parasse de forçar o sangue para a parte de seu corpo que desejava desesperadamente o calor úmido que apenas o corpo dela poderia proporcionar.

Perdeu a noção do tempo, ele endireitou os ombros, empurrou-se de volta para as pernas cansadas e voltou para a cama, onde ele sabia que ela estava dormindo. Metade de uma das pílulas que ele deu a ela teria batido um homem adulto em sua bunda, dois foram para garantir que seu pequeno corpo ficasse enrolado nos braços do esquecimento, pelo menos até a luz da manhã. Seus olhos imediatamente a procuraram, quando ele entrou no quarto. As curvas suaves de seu corpo despertavam as terminações nervosas até das palmas das suas mãos, o que lhe permitia imaginar a troca de prazer... De dor, que pode ocorrer no auge da paixão... Da luxúria crua e sem remorso, nos momentos em que ele pôs as mãos sobre a pele dela. Cerrando suas mãos, ele olhou o dedo onde ela o havia mordido mais cedo, naquele dia, a sensação da cicatrização o fez sorrir, com a memória de sua luta animada. Mesmo acorrentada, ela encontrou uma maneira de atacar, seu temperamento mais vivo do que ele jamais imaginou.

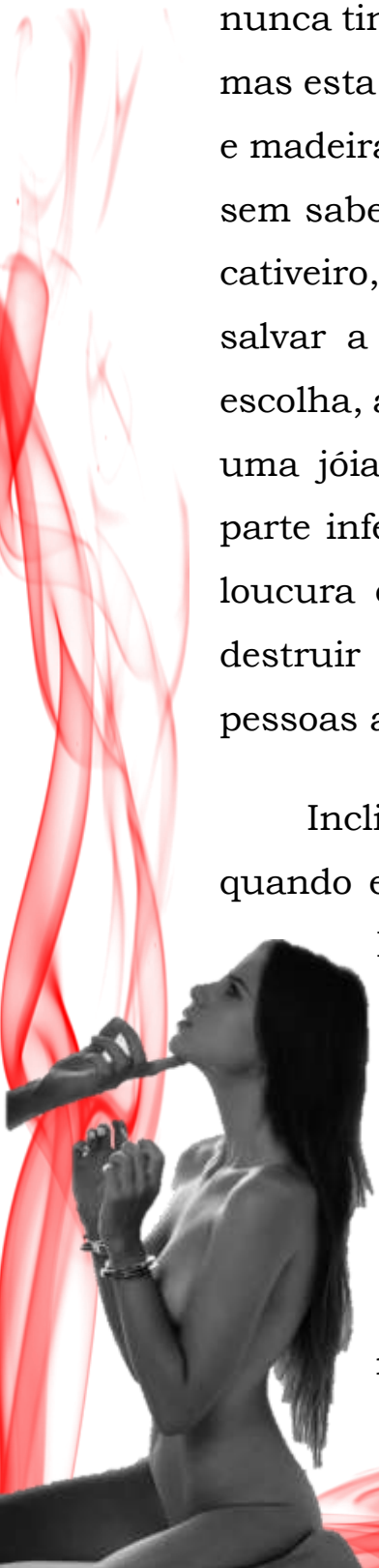


Silenciosamente ele caminhou para o lado da cama, vigiando por suas pálpebras o sono induzido que a levava para algum lugar longe do pesadelo que

se tornou sua vida. O colchão afundou sob seu peso quando ele se sentou ao lado dela. Ele a estudou... Ele a queria.

A verdadeira profundidade da crueldade de seu pai estava colocada através de sua cama, respirando suavemente, sonhando com mundos belos, longe da vida dele... Longe dele. A tortura infligida foi sutil, mas brilhante em sua execução. Ele nunca tinha desejado uma mulher por mais de algumas horas, mas esta mulher, ela cantou sua alma através do uso de metal e madeira, um instrumento através do qual ela falava com ele, sem saber que ele entendia as histórias que ela contava. Seu cativeiro, o abuso, ele deve infligir tudo em um esforço para salvar a vida dela... Ele tinha sido deixado sem nenhuma escolha, apenas transformar seu próprio anjo contra ele, tratar uma jóia preciosa como nada mais que sujeira raspada da parte inferior da bota. Sim, seu pai era um gênio. Mesmo na loucura ele afirmou que era um demônio, que não precisa destruir aqueles que os rodeiam, mas sim, ele levava as pessoas a se destruirem.

Inclinando-se, a soprou, seu pênis inchou novamente, quando ele perdeu o controle de seu corpo e de sua mente. Escovou os lábios contra a concha de sua orelha e sussurrou:



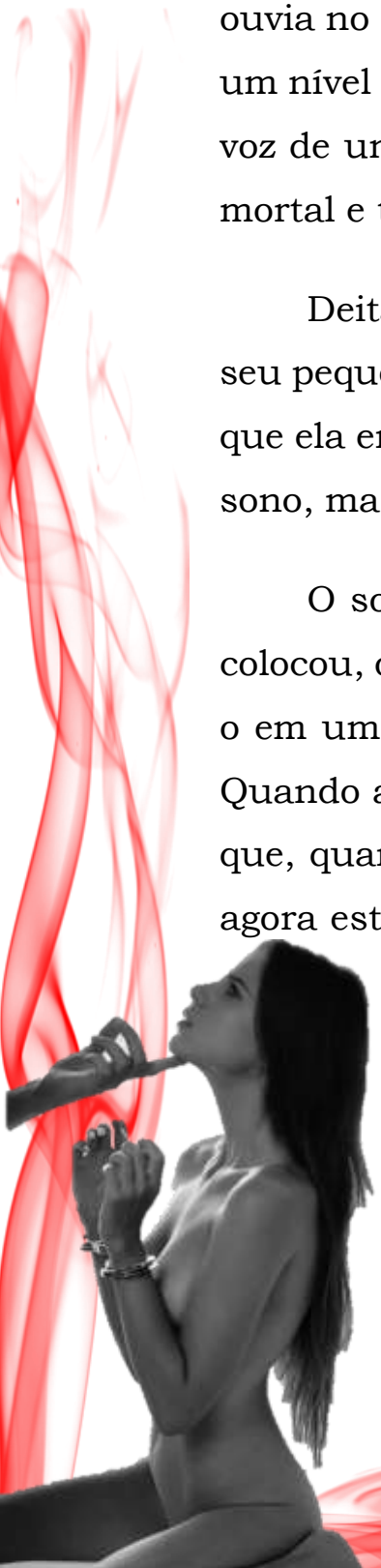
— Você dorme, meu anjo? — Quando ela não se mexeu, os cantos de seus lábios apareceram, traindo seus sentimentos pela bela mulher que estava embaixo dele. — Sonhe comigo, Maddy. Veja-me como eu quero ser. Não o pesadelo que a

atormenta, mas o homem devotado e mistificado que adora seus pés.

Escovando os lábios suavemente sobre os dela, Aaron levantou-se, caminhou até o aparelho de som o ligando, para que o som tomasse conta da alma de Madeleine. Ela estava dormindo, ela nunca saberia que era dela a música que ele ouvia no sono, a cada noite, nunca soube como ela o tocou em um nível que ainda não poderia reconhecer ou compreender. A voz de uma mulher, que poderia invadir e infectar até a mais mortal e torturada das almas... O que residia dentro dele.

Deitado ao lado dela, ele lutou contra a vontade de puxar seu pequeno corpo para ele, embalá-la como a pessoa preciosa que ela era. Com os olhos fechados, ele estava ali à procura de sono, mas não encontrou o esquecimento doce que procurava.

O sono escapou dele por tanto tempo, que o CD que ele colocou, o som cheio de memórias e sonhos, acabou; cobrindo-o em um silêncio tão profundo, seu coração gritou por mais. Quando a música parou, Maddy gritou em seu sono. Os olhos que, quando fechados, pareceram tão calmos, tão profundos, agora estavam franzidos, a delicada pele ficou rosa da tensão que enrugou a sua testa. Ele estendeu a mão para ela, tentou suavizar a dor que a consumia, mas nada podia consolá-la.



Levantando-se da cama, ele caminhou descalço pelo chão, recolocando a música desde o início. Uma vez que os tons profundos novamente ecoaram por

toda a sala, Aaron percebeu como sua prisioneira se acalmou, parecia pacífica novamente. Ele prendeu a respiração naquele momento. Aaron riu, finalmente a descoberta de um método para aliviar seu tormento, um presente que ele poderia dar a ela que ainda iria cair dentro das regras de seu pai por um escravo.

Rápido como um trem desgovernado, Aaron correu pelo corredor até o quarto de Xander. Não se preocupou em bater, ele abriu a porta com tanta força que o som da porta, uma vez que atingiu a parede fez Xander imediatamente ficar em seus pés; com uma arma em uma mão, uma lâmina na outra.

Esquivando-se rapidamente para a esquerda, Aaron riu, quando ouviu o som de aço, impactado com a parede onde a cabeça dele tinha acabado de estar. Xander piscou o sono de seus olhos, trazendo a arma para cima, mas logo a abaixou quando percebeu que era Aaron que invadiu seu quarto.

— Que porra é essa, Aaron? Você está tentando perder a porra da cabeça? — Xander colocou a arma na mesa de cabeceira e recostou-se contra a parede, enquanto esfregava os olhos com suas mãos.



— Você estaria morto antes que pudesse puxar o gatilho se eu realmente quizesse que você já não estivesse respirando. — Um sorriso letal se fez na face de Aaron, um simples lembrete de que o assassino real estava na sala.

Xander tirou as mãos dos olhos, olhou para Aaron com desprezo, mas depois sorriu e acenou com a cabeça em concordância.

— Você está certo, meu velho amigo. Você é o carrasco que gosta do cheiro de sangue derramado.

Suspirando, Aaron passou as mãos pelo cabelo.

— Eu preciso que você faça algo para mim.

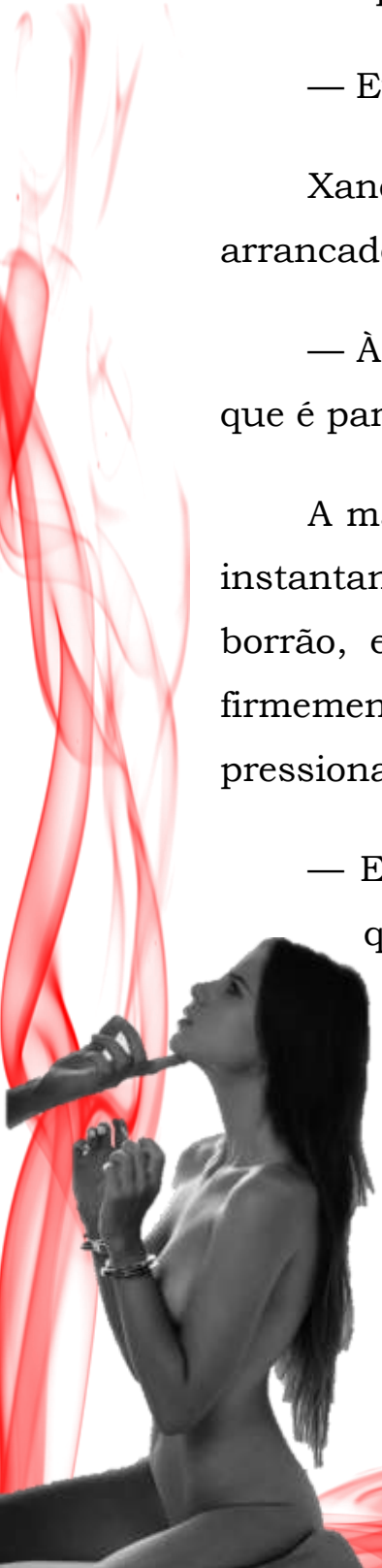
Xander empacou ainda chateado que Aaron o tinha arrancado do sono.

— À uma da manhã, porra! Vai foder sua escrava Aaron, que é para o que ela está lá...

A mão de Aaron estava em torno da garganta de Xander instantaneamente, seu movimento em todo quarto foi um leve borrão, enquanto puxou a faca da parede e a pressionou firmemente contra o estômago de Xander. Com sua boca pressionada contra o ouvido do amigo, ele advertiu:

— Eu guardaria esse pensamento, se você quiser evitar que seu intestino derrame pelo chão. — Sua voz estava num tom venenoso; veneno e sangue escorriam das palavras que ele falou.

Xander ficou imóvel, sem reagir contra a cobra que estava enrolada para atacar.



— Minhas desculpas, Aaron. Eu estava apenas brincando.

Liberando sua guarda, Aaron recuou, lançou a faca à parede, no local exato onde ela havia pousado anteriormente. Somente o ligeiro arco na testa de Xander mostrou seu estado impressionado. Aaron era letal com uma lâmina e qualquer homem que queria manter seu corpo intacto seria bom lembrar esse fato.

— O que posso fazer por você, a esta hora conveniente? — Ele rebocou um sorriso falso no rosto, finalmente deu um passo atrás de Aaron e caminhou até seu armário em busca de uma muda de roupa.

Logo atrás de Xander, Aaron perguntou:

— Você conhece os detalhes do sequestro de Maddy? Será que eles pegaram algum instrumento também?

Embora Xander suspeitasse onde este pedido estava chegando, ele não pôde deixar de se concentrar em outra esquisitice de Aaron, naquela questão.



— Maddy? — Virando-se para enfrentar Aaron, seu humor era evidente, pela onda de seu lábio. — Desde quando você a chama de 'Maddy'?

Endireitando a espinha, Aaron cruzou os braços sobre o peito grande e arqueou a sobrancelha em resposta.

— Grilo?

Os dois homens ficaram olhando um para o outro antes de estourarem em risadas coordenadas. Ganhando o controle de si mesmo, Xander respondeu:

— O quê? Eu pensei que seria apropriado considerando as pequenas criaturas esfregando as pernas juntas para fazer música.

Atordoado momentaneamente e em silêncio, outra curta gargalhada se soltou da boca de Aaron.

— Primeiro, eu acredito que são as asas que eles esfregam juntas... — Xander deu de ombros para a correção de Aaron. — ... E segundo, eu preciso de você para descobrir se eles levaram algum instrumento. Se ele está em algum lugar na propriedade, eu quero que você o recupere e o traga de volta para os meus aposentos, que o entregue a mim.

Balançando a cabeça, Xander sabia que não devia fazer perguntas.

— Vai ser feito. Apenas deixe-me vestir.



Aaron bateu nas costas de Xander antes de virar a cabeça de volta para o corredor. No momento em que reentrou em seu quarto, ele podia ouvir Xander entrar no corredor, caminhando na direção da sala de estar. Ciente de que suas ordens seriam realizadas, ele voltou para a cama, deitou-se ao lado

de Madeleine e adormeceu rapidamente, antecipando o que estava por vir.



Capítulo Dezesseis

A luz solar, berrante e orgulhosa, infiltrava-se por trás das cortinas escuras. O corpo de Maddy estava apertado, ainda lânguido do sono profundo do qual tinha acordado. Ela abriu seus olhos para descobrir uma nova manhã. Como faíscas, a poeira viajou através da luz intrusiva, piscando de repente, seus olhos entraram em contato com a luz, mas ela desapareceu tão rápido, era quase como se a luz os tivessem engolido, inteiros.

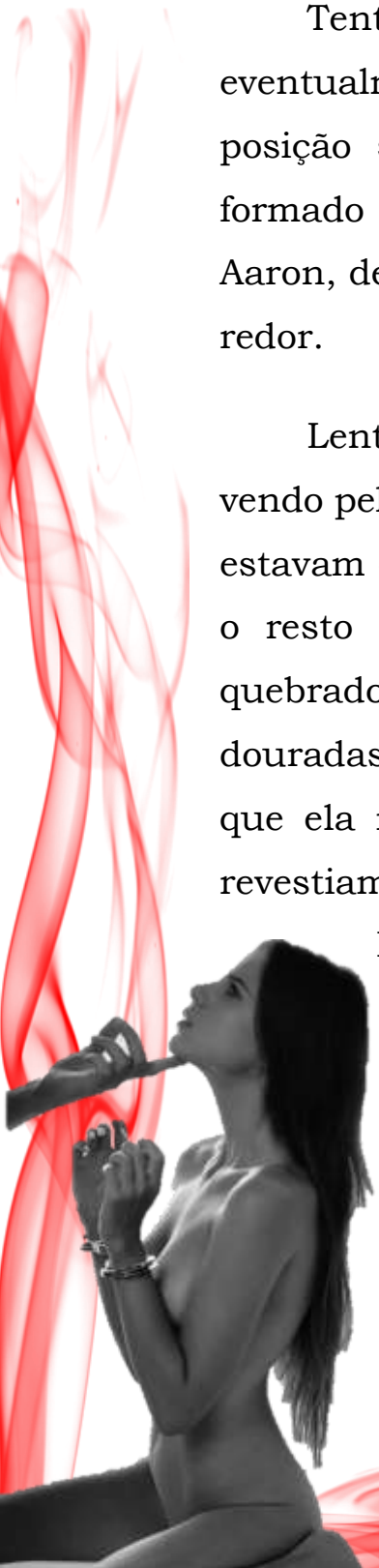
Seus olhos, ajustando do sono, olharam através do quarto, lentamente, a pondo em pânico a partir do desconhecimento dos arredores. Na tentativa de se mover, Maddy se lembrou da noite anterior... Aaron voltou coberto de sangue, foi orientada a ir para o quarto dele, a maneira que Aaron cuidou dos seus ferimentos antes de forçar as drogas em sua garganta. Encontrando a capacidade de se virar em suas costas, ela se tornou claramente consciente de alguém deitado à esquerda na cama. Erguendo os braços ainda pesados, pelos efeitos das pílulas que ela tinha tomado, Maddy esfregou os olhos, trouxe o quarto mais claramente em foco, antes de virar a cabeça para encontrar Aaron, dormindo profundamente ao seu lado.



O preto puro de seu cabelo estava bagunçado, os lábios entreabertos, ele parecia infantil, inocente e vulnerável, embora Maddy estivesse aprendendo que ele não era nenhuma dessas coisas. A pele do seu rosto estava áspera com a sombra da barba por fazer, os olhos tremiam sob as pálpebras como se ele estivesse sonhando.

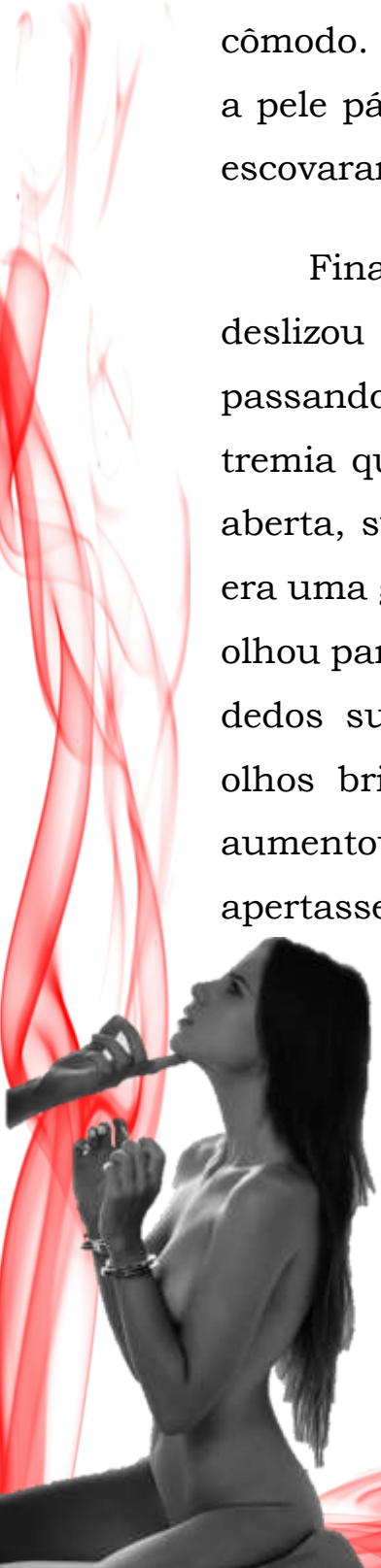
Tentando várias vezes sem sucesso, Maddy eventualmente encontrou a força para empurrar-se em uma posição sentada, no colchão macio da cama. O edredon, formado a partir de seda e da mesma cor negra do cabelo de Aaron, deslizou até a sua cintura, formando uma poça ao seu redor.

Lentamente, ela olhou ao redor da extensão do quarto, vendo pela primeira vez, pequenos detalhes que anteriormente estavam ocultos pela sombra da noite. As paredes, bem como o resto da casa eram pintadas de um vermelho escuro, quebrado por tapeçarias e pinturas feitas em molduras douradas. Pequenas estátuas e bustos de figuras históricas, que ela não reconhecia, foram colocados em estantes, que revestiam uma parede perto da porta do banheiro. Digitalizando o lado esquerdo, Maddy viu um aparelho de som elegante, prata, com luzes multi-coloridas piscando na frente do dispositivo. Ao lado do aparelho de som havia caixas de CD, empilhadas em várias alturas, no topo havia uma caixa aberta, vazia.



Curiosa sobre a música preferida pelo homem deitado ao lado dela, Maddy mexeu os dedos dos pés e as pernas dobradas para forçar o sangue de volta antes de tentar levantar e explorar ainda mais o ambiente. Viajando lentamente pelo espaço mal iluminado, Maddy continuou olhando para o homem que dormia, cada pequeno som a fazia saltar de medo que ele tivesse despertado e a encontrado movendo-se pelo cômodo. Rastejando ao passar pelas janelas, a luz atravessou a pele pálida de suas pernas, os feixes de calor e iluminação escovaram contra ela, enquanto se movia.

Finalmente alcançando o aparelho de som, Maddy deslizou sua mão contra a superfície metálica elegante, passando às pilhas de CDs colocados ao seu lado. Sua mão tremia quando ela estendeu a para fechar a tampa da caixa aberta, sua respiração ficou presa, quando ela percebeu que era uma gravação de sua música. Com lágrimas nos olhos, ela olhou para a imagem do violoncelo que adornava a frente, seus dedos suavemente tocaram a imagem em descrença. Seus olhos brilharam para o aparelho de som, sua curiosidade aumentou, para saber se sua música iria estourar se ela apertasse o botão, pequeno e azul, piscando na parte frontal da máquina.

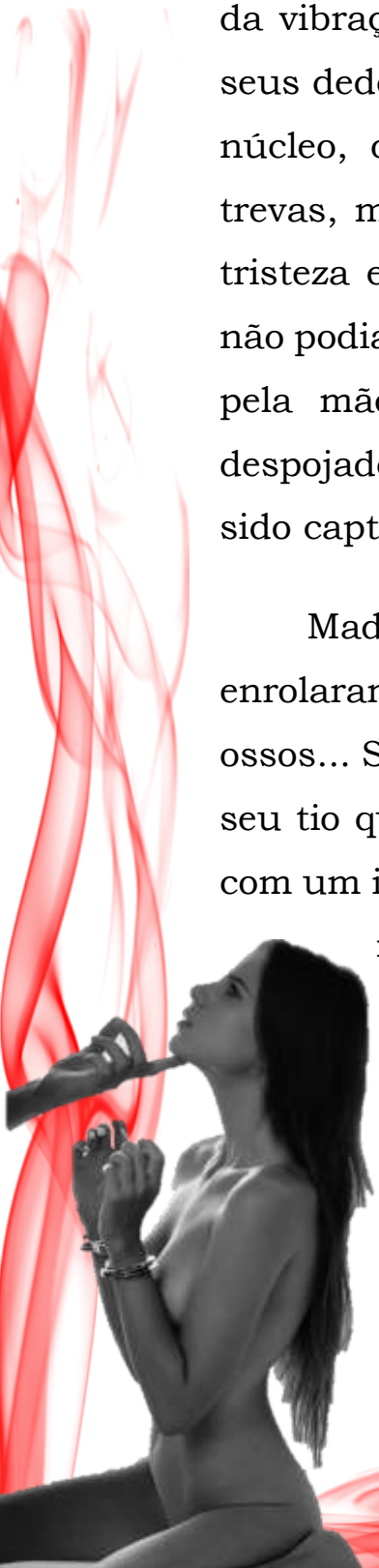


Seu dedo pairou sobre o botão, o lábio inferior estava bem apertado entre os dentes. Nervosa, ela olhou para Aaron, percebeu que ele não tinha se movido da posição que estava quando ela acordou. Ela sabia que o som poderia acordá-lo, mas o desejo

de ouvir a melodia barítono profundo, a harmonia do violino e piano, foi demais para ela resistir. Rapidamente, ela apertou o botão azul, e quase caiu de joelhos quando o som que ela perdeu, finalmente entoou por toda a sala.

Começando devagar, a música em si, teceu em torno de seus sentidos, a emoção evocada através do som, a sensação da vibração da corda, uma memória fantasma na ponta dos seus dedos. Uma melodia profunda reverberou através de seu núcleo, o ritmo cada vez maior, puxando-a para fora das trevas, mas ainda deixando-a envolta em um sentimento de tristeza e perda. A música, seu instrumento, era beleza que não podia ser vista, uma carícia palpável que não foi produzida pela mão de outra pessoa... E estava perdido para ela, despojado e deixado de lado tão facilmente, quando ela tinha sido capturada.

Maddy fechou os olhos, ouviu os sons doces que se enrolaram em volta dela, penetraram em sua pele, seus ossos... Seu coração. Sua mente voltou aos dias passados com seu tio quando criança, suas risadas, enquanto tentava lidar com um instrumento que era quase tão grande quanto ela. Ela não tocava muito, mas então, seu tio, inesperadamente, pegou um resfriado simples que, eventualmente, virou pneumonia, perdeu a vida e a deixou sozinha. A partir dali, fielmente, ela continuou a praticar a cada dia como ele sempre insistiu. Sem mais ninguém, essas sessões de treinos passaram de duas horas para três, e de três para



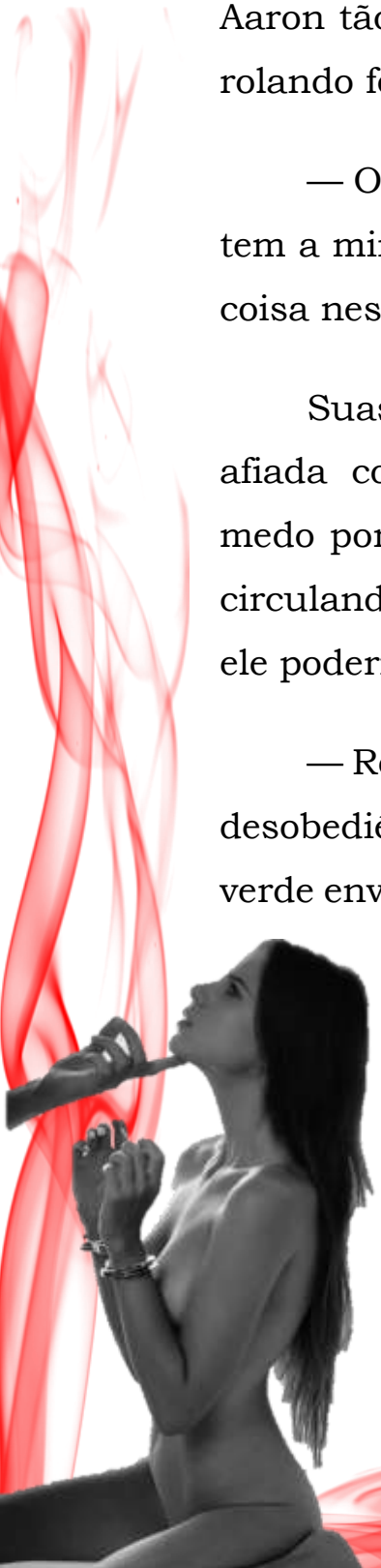
quatro; e assim por diante, até que eventualmente, Maddy quase não fazia mais nada.

A música terminou docemente quando a umidade ficou fria em seu rosto, onde as lágrimas haviam viajado. Lentamente, ela abriu os olhos e viu profundezas verdes tão cheias de raiva, que ela saltou para trás, em alarme. Com Aaron tão perto e elevado acima dela, ela podia sentir a fúria rolando fora dele, em ondas de calor e energia negativa.

— O que você acha que está fazendo, Rato? Será que você tem a minha permissão para sair da cama e tocar em alguma coisa nesse quarto?

Suas palavras foram ditas de forma controlada, a borda afiada cortou sua determinação, fazendo-a encolher-se de medo por sua raiva. Ele andou em direção a ela, lentamente circulando, mantendo seus olhos treinados sobre a pessoa que ele poderia facilmente quebrar.

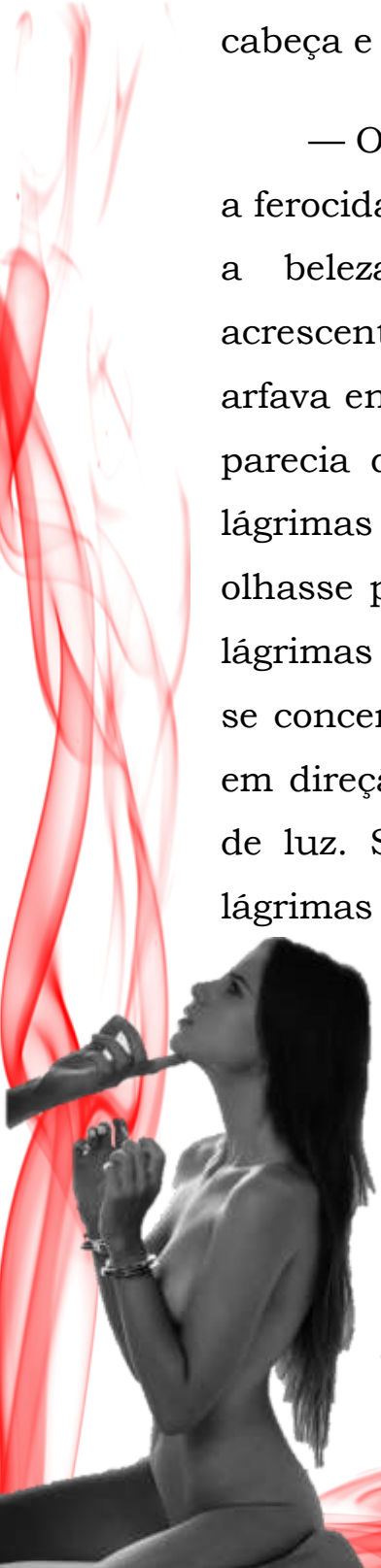
— Responda-me, Rato. Eu não tenho paciência para a sua desobediência. — As pupilas de seus olhos pareciam negras, o verde envolvente, o deixava ainda mais brilhante, em contraste com o vermelho de sua raiva.



— Eu... Eu estava curiosa. — Segurando a caixa do CD de modo que ele pudesse vê-la, ela perguntou: — Foi por isso? Foi por isso que eu fui levada? — Ela mal terminou de falar antes que estivesse no ar, sendo jogada de volta na cama, ela

caiu muito perto da cabeceira da cama, seu crânio colidiu com a madeira. A dor atravessou sua cabeça e pescoço, como um relâmpago branco-quente, com os olhos cerrados, fechados ela lançou um grito assustado. Chegando de volta a esfregar a mão ao longo da ferida na cabeça, seu pulso foi subitamente trancado dentro do aperto de Aaron, seu outro pulso foi pego rapidamente, antes que ambos fossem trazidos acima de sua cabeça e preso à cabeceira da cama.

— Olhe para mim, escrava. — A profundidade de sua voz, a ferocidade de seu tom, era sedução, vindo através do terror, a beleza da música continuou, em segundo plano, acrescentando insulto à crueldade de seus atos. Seu peito arfava enquanto ela gritava, o aperto dele sobre seus braços, parecia que ia quebrar seus ossos. Ela abriu os olhos, as lágrimas obscureciam o homem em cima dela, era como se olhasse para ele através da água, afogando-a na miséria. As lágrimas caiam salpicadas em suas bochechas, permitindo-lhe se concentrar nos olhos da cor das folhas, transformando-se em direção ao sol, florestas escondidas, tocados por pedaços de luz. Seus lábios se separaram, forçando o sal de suas lágrimas a se infiltrarem em sua boca, banhando-a no sabor de sua própria dor, tingida de desejo. Olhando fixamente para as profundezas de uma alma torturada por demônios e decadência, ela engasgou quando seus lábios suaves como cetim tomaram os dela, a língua dele invadiu a boca dela, enchendo-a com o sabor de paixão e dor, calor e crueldade. Mas o corpo dela não seria tomado facilmente, uma

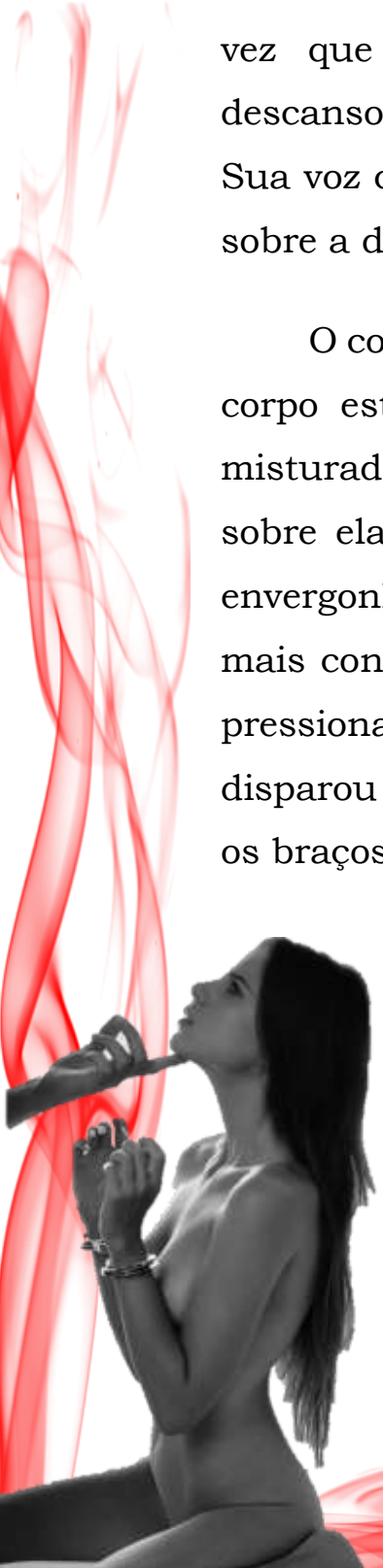


mordida afiada e metálica, se misturou com o sal das suas lágrimas, quando os dentes dela feriram a língua dele, o sangue escorria.

Aaron puxou para trás, com um brilho selvagem em seus olhos.

— Então você gosta de morder, não é? Essa é a segunda vez que você morde minha pele. — Inclinando-se, ele descansou a testa contra a dela, sua respiração era ofegante. Sua voz cortava como uma navalha. — O que eu disse a você sobre a dor?

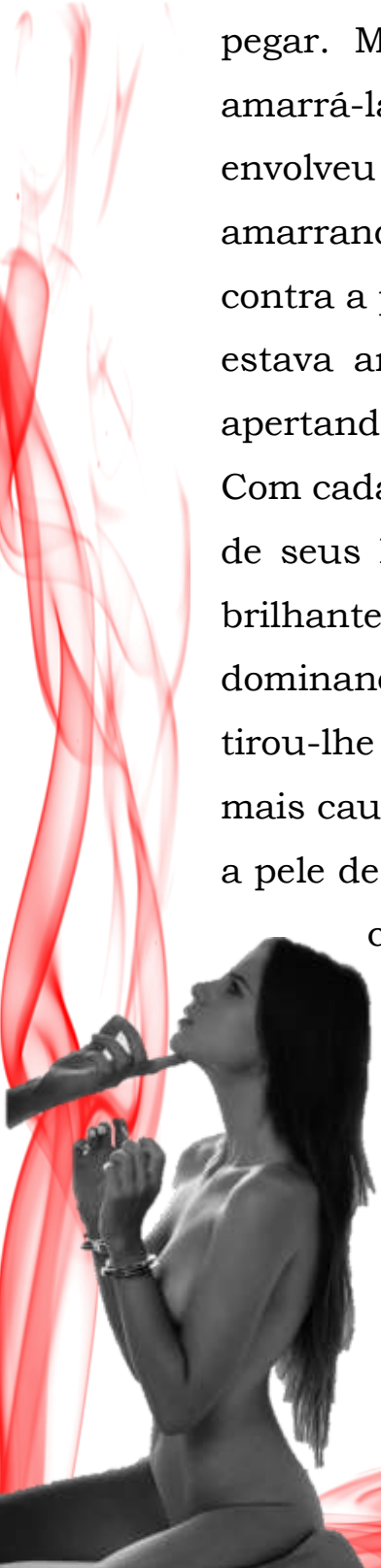
O corpo dela estremeceu com a pergunta, sua mente e seu corpo estavam em combate, havia o desejo por seu toque misturado com o terror absoluto, que ele estava infligindo sobre ela. O calor e a umidade produzida entre as coxas a envergonhava, ela ficou enojada sabendo que deveria lutar mais contra ele, em vez de desfrutar a sensação de seu peso pressionado para baixo, em cima de seu corpo. Seu coração disparou no peito e de repente ficou aflita quando ele lançou os braços para empurrar-se para cima da cama.



— Fique. — Um comando e aviso em uma palavra solitária.

Aaron moveu-se rapidamente até seu armário, emergindo com uma longa tira de pano marrom chocolate, parecia um lenço de seda, usado por homens de estima, de riqueza. Seus passos eram

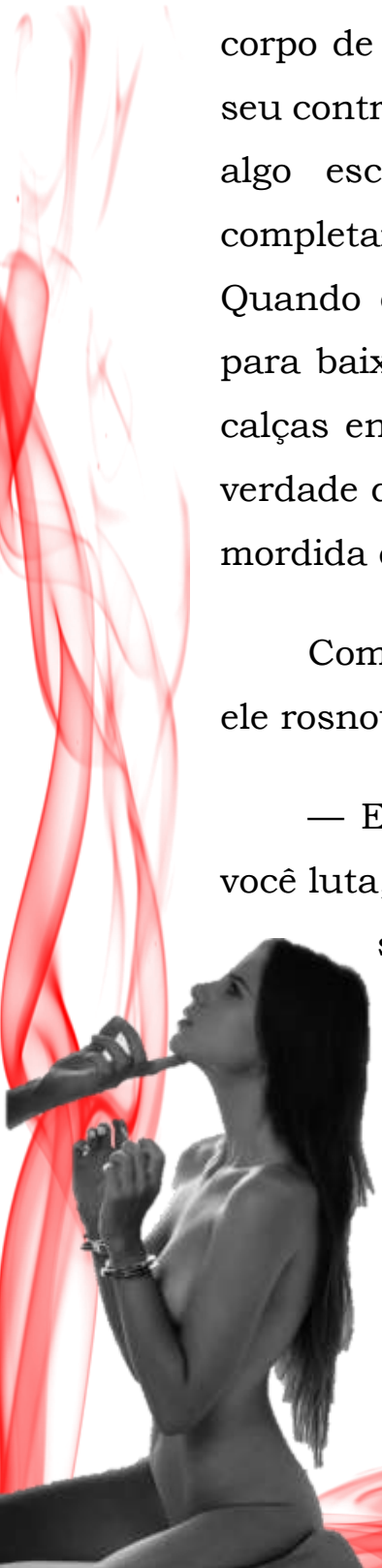
poderosos até que se aproximou da cama. Maddy se amontoou dentro de si mesma, com medo e animada; confusa com as emoções conflitantes rasgando através de seu corpo. Rastejando de volta para a cama, ele era um predador perseguindo sua presa, um pesadelo ultrapassando sua mente. Seus movimentos foram rapidos quando ele amarrou um pulso e depois outro com o lenço que tinha acabado de pegar. Maddy se encolheu para trás, tentou impedi-lo de amarrá-la, mas eventualmente perdeu, ele rapidamente envolveu o tecido em torno das barras da cabeceira da cama, amarrando tão apertado, que os braços dela protestaram contra a posição que foram forçados a tomar. Uma vez que ela estava amarrada, as mãos dele deslizaram pelo seu corpo, apertando e beliscando, nas áreas suaves em que passava. Com cada vacilo de seu corpo, cada pequeno grito que escapou de seus lábios ainda inchados de seu beijo, ele sorria mais brilhante, olhando cada pedacinho como captor selvagem dominando sua conquista. Alcançando os tornozelos dela, ele tirou-lhe as calças. Ela pensou ter vislumbrado movimentos mais cautelosos quando ele usou outro tecido para embrulhar a pele de seus tornozelos, que tinham sido machucados pelas correntes, mas o movimento se foi tão rápido como tinha aparecido, quando suas pernas foram forçadas a se separar. Agora amarrada e espalhada na frente dele, o peito de Maddy subia e descia, ela estava com a respiração ofegante, em saber como estava impotente com um homem que a confundia e aterrorizava.



Os dedos de Aaron cravaram a pele dela, enquanto viajavam por seu corpo. Ela foi surpreendida com o choque, ainda imersa em sedução. Não sabendo o que ele ia fazer, mas reconhecendo sua promessa anterior, de dor, ela arregalou os olhos. Ele viu um belo brilho de suor surgir na pele dela. Os lábios, manchados de vermelho do sangue que ela tinha tirado dele, foram ficando um pouco separados. Cada músculo do corpo de Aaron, ombros e costas estavam tensos e definidos, seu controle escorregava de suas garras. Uma fera perturbada, algo escuro estava emergindo de Aaron e ele tinha-a completamente exposta a ele, trancada, sozinha e à sua mercê. Quando olhou para o rosto dela, ele pressionou os quadris para baixo, no ápice de suas coxas, só havia a seda de suas calças entre eles, ele a deixou sentir toda a extensão dele, a verdade quente e difícil de sua masculinidade, a reação que a mordida dela tinha causado.

Com o calor da boca, pressionada contra a orelha dela, ele rosnou.

— Eu prometi-lhe dor para a dor, Madeleine, e quando você luta, você só deixa meu pau ainda mais duro. Mantenha-se contorcendo embaixo de mim, que isso só vai me ajudar ao longo do tempo em que eu foder seu corpo e quando eu foder sua mente.

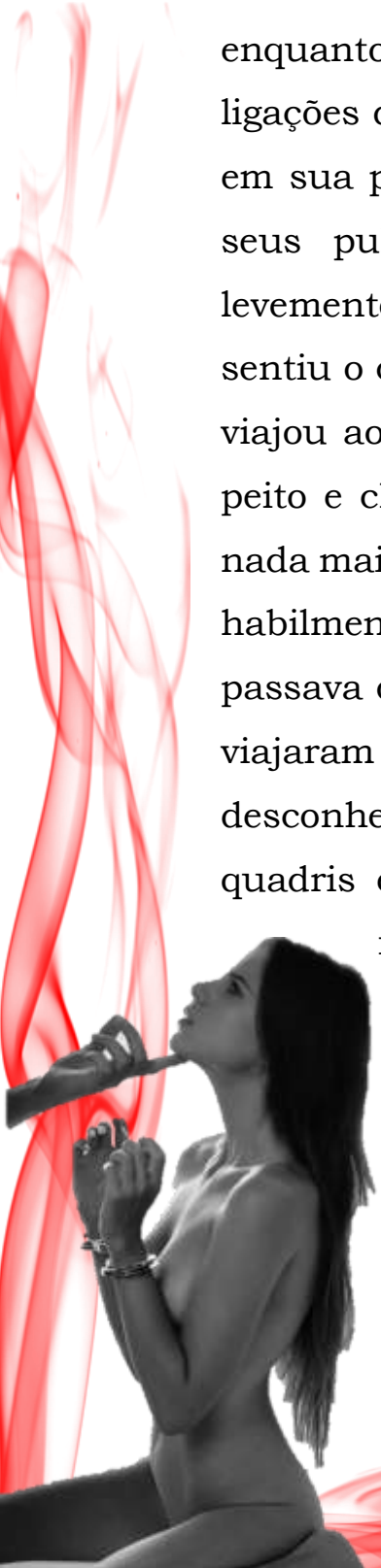


Ele levantou a camisa dela, seus polegares escovavam os picos de seus seios, enquanto ele puxava a frente da camisa por cima da cabeça dela.

Ele a deixou em uma posição, onde ela podia ver todo comprimento de seu corpo.

— Agora você vai ver como eu vou entregar essa dor de volta à sua fonte.

Os lábios dele desceram sobre os dela, especiarias e almíscar de seu cheiro completamente diferente a ultrapassou, enquanto ela estava congelada no lugar, puxando contra as ligações que eram apertadas, ainda pecaminosamente macias em sua pele. A língua dele a invadiu, lhe roubou o fôlego de seus pulmões pouco antes dele se afastar de repente, levemente beliscando o lábio dela, enquanto se afastava. Ela sentiu o calor úmido e a sucção tentadora quando a boca dele viajou ao longo de sua garganta até encontrar o pico de seu peito e chupá-lo, agora com a pele esticada o ato se tornou nada mais que dor e prazer, desabrochando juntas. Sua língua habilmente trabalhou no mamilo, de vez em quando, ele passava os dentes e mordia a pele sensível. Choques elétricos viajaram de seu peito para baixo, ao longo de algum circuito desconhecido conectado diretamente ao seu núcleo. Seus quadris empurraram em antecipação, enquanto sua mente ficou em branco, o pânico era grande demais para ela processar. Quando ele agarrou o peso de seu outro peito um grito escapou de seus lábios, devido à força de seu aperto. Ela fechou os olhos, mas ao abri-los, não foi capaz de desviar o olhar da agressão perversamente erótica ao seu corpo.



Parando de repente, os olhos de Aaron encontraram os dela, brevemente, antes dele se mover pra baixo em seu corpo. A barba em seu queixo raspava contra o estômago dela, até que, finalmente, o calor ardente da boca cobriu seu núcleo, ele serpenteava a língua rapidamente, para provocar a carne inchada. Ela foi forçada a assistir como ele a beijou em uma área tão íntima, com as bochechas avermelhadas de constrangimento e vergonha. Seus seios incharam e ficaram incrivelmente pesados, a sensação era tão estranha e tão satisfatória que ela sentiu como se seu corpo reagisse ao seu toque dele, preparando-se para a invasão.

Assim como ele a levou a um ponto em que tudo o que podia ouvir era o zumbido de seu sangue correndo por suas veias, ele parou, virando-se de repente e mordendo a carne macia na parte interna de sua coxa. Um grito mais alto rompeu da boca de Maddy, mas tudo o que podia fazer era ver com os olhos arregalados, o cheiro forte de sexo e luxúria, em reação ao seu corpo, repentinamente enchendo o ar. Não dando a ela uma chance de se recuperar, ele a levou de volta à boca, rodou a ponta de sua língua sobre sua protuberancia inchada, enrolando-a novamente e empurrando-a para trás, perigosamente perto da borda.

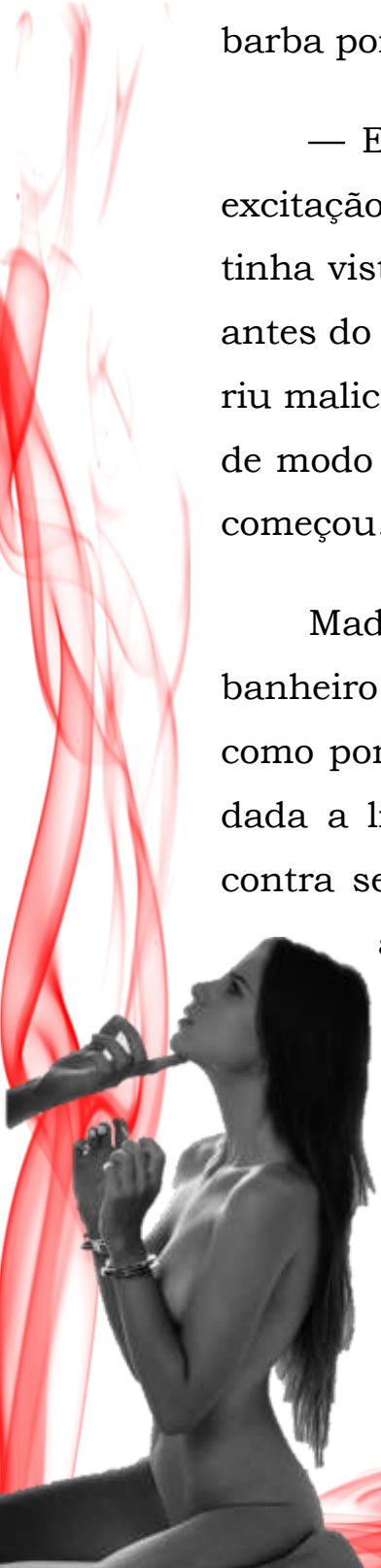


O prazer era muito intenso, doloroso de suportar, ele iria levá-la a um quase orgasmo, apenas para deixá-la, com pequenos pedaços de dor, que serviram para excitar seu corpo ainda mais, cada nervo vivo, cada toque seria um contribuinte direto

para seu estado frenético. Colocando a boca sobre ela mais uma vez, ele mergulhou a língua entre a pele inchada, rompendo a entrada apenas um pouco, mas levando-a rapidamente, de volta, ao pico de uma explosão. Mais um toque, ele teria precisado de um toque a mais para empurrá-la sobre a borda, em êxtase, mas ao invés disso, Aaron, de repente se afastou, os sucos dela brilhavam em seu rosto com barba por fazer.

— Eu avisei Rato. — Seu peito arfava com sua própria excitação, mas havia um frio em seus olhos que ela nunca tinha visto antes. — Vou deixá-la dentro da loucura que vem antes do orgasmo, uma punição por sua desobediência. — Ele riu maliciosamente. — Eu também vou deixar você amarrada, de modo que sua mão não possa terminar o que minha boca começou.

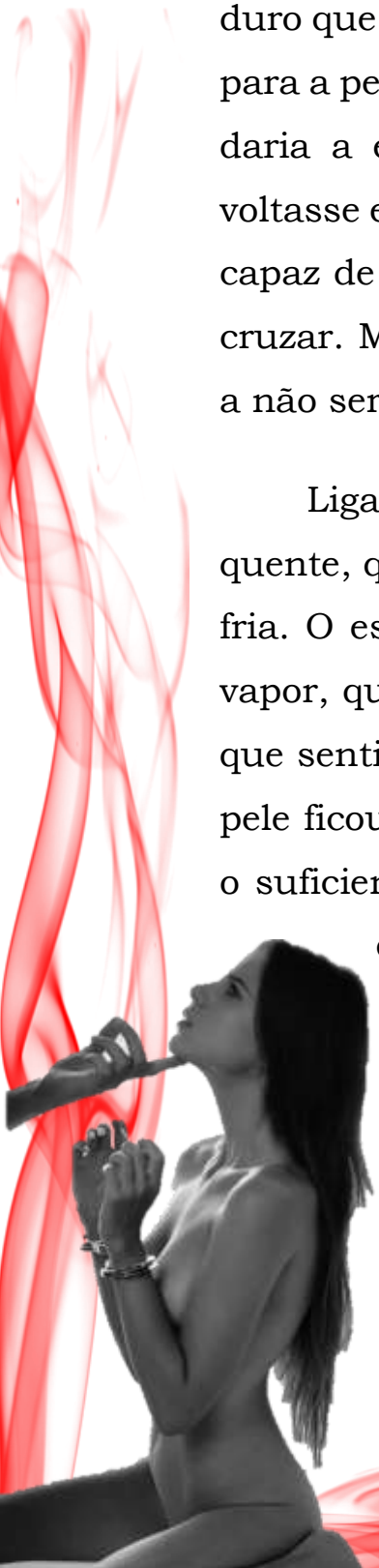
Maddy viu quando Aaron marchou rapidamente para o banheiro ao lado, deixando-a bem amarrada, tanto por dentro como por fora, seu coração estava quebrado por não ter sido dada a liberação que ela tanto precisava. Sua mente lutou contra seu corpo, detestando as ações de seu captor, ainda atormentada pela negação de sua libertação. O toque dele era eletrizante e assustador ao mesmo tempo, sua alma, tão escura que o pouco de luz que ela tinha pensado que tinha visto na noite anterior tinha sido quase extinta. Lágrimas se libertaram de seus olhos, quando ela ficou sentada, na evidência de sua excitação e deixada se afogando na miséria de



uma torrente de hormônios e raiva, prazer e tortura a tinham deixado emocionalmente abalada e ainda doía mais o fato dela não ter tido sua liberação, certamente aquele homem sabia infringir dor, não só física.

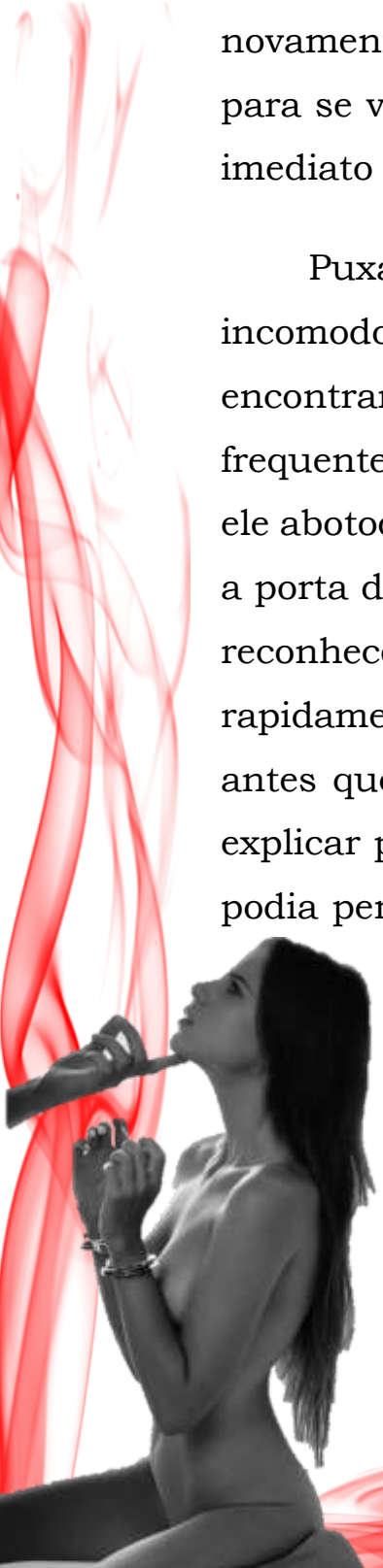
A dor de Aaron era tão angustiante como a que ele tinha acabado de infligir em Maddy. Seu pênis estava tão cheio e duro que mesmo a sensação da seda de suas calças era demais para a pele muito sensível. Ele precisava de alívio, algo que não daria a ela, mas algo que ele tinha que ter para que não voltasse e terminasse o que tinha começado. Ele mal tinha sido capaz de puxar-se a partir da fronteira que ele prometeu não cruzar. Mesmo que ela implorasse, ele nunca poderia levá-la, a não ser que fosse uma escolha entre isso e sua vida.

Ligando o chuveiro, ele simplesmente entrou na agua quente, quase fervendo, sem se preocupar em diluir com água fria. O espaço de azulejos rapidamente foi preenchido com o vapor, quando ele entrou em cena, permitindo que o fluxo do que sentia como fogo fizesse algum bem contra sua pele. Sua pele ficou instantaneamente vermelha com o contato, mas foi o suficiente para reduzir seu comprimento o suficiente, para que ele pudesse agarrar ao longo de seu pau e liberar-se do desejo mortal que a mulher tinha deixado em seu corpo. Ele precisava de dor, uma briga ou uma boa transa, dura, mas ele não iria encontrar essas coisas com a mulher amarrada em seu quarto. Gastando apenas uns momentos permitindo-se o alívio, ele rapidamente desligou a água e saiu,



preguiçosamente, segurando uma toalha para cobrir seu pênis enquanto entrava de volta em seu quarto e logo ficou difícil vê-la esticada e espalhada sobre o topo de sua cama. Foda-se! Ele amaldiçoou sob sua respiração ao vê-la. Ela era uma droga, as partes moles e flexíveis do corpo dela o chamava, enquanto ele se movia pelo quarto. Os olhos dela se arregalaram quando ele se aproximou, mas com medo de perder seu controle novamente, ele virou-se de repente para entrar em seu armário para se vestir. Ele precisava sair deste lugar, e até mesmo de imediato não seria rápido o suficiente.

Puxando rapidamente uma calça preta, ele não se incomodou com a cueca, sabendo que iria se preparar para encontrar uma das mulheres imorais que ele usou frequentemente, em busca de alívio violento. Apressadamente ele abotoou uma camisa preta sobre o peito largo e partiu para a porta de seu quarto. Era impossível não olhar para ela, não reconhecer que a tentação o deixou mal-humorado, rapidamente, ele passou pela cama. Ela olhou para o chão, antes que ele se afastasse. Aaron, queria conversar com ela, explicar por que tinha sido punida de tal forma. Mais ele não podia perder de vista sua missão, ele só tinha mais três dias para treiná-la em seu papel, mais três dias para mantê-la protegida, de todos os outros enquanto a quebrava completamente.



Seus olhos, a cor do céu que repica através das nuvens de uma tempestade olhatam para ele. Seu rosto estava manchado de vermelho, pelas lágrimas e

sua boca estava inchada e vermelha, pelos beijos dele, pelo jeito que ele beliscou aqueles lábios deliciosamente completos, apenas momentos antes.

— Você não tem permissão de pensar, suas escolhas são minhas, suas ações são minhas, tudo o que você pensar ou que fizer, só vai acontecer porque eu permiti. Você chegou a um ponto que não tem retorno, Madeleine, um lugar em sua vida onde você não pode se dar ao luxo da liberdade. Deixe de lado o que você era antes, o que você achava que sabia sobre a vida. Era tudo uma grande ilusão. Eu vou deixá-la amarrada, enquanto vou encontrar que o eu não me permitiria com você, vou me aliviar em alguém que merece a dor da minha mordida, o prazer do meu pau, vou me livrar do veneno que você deixou dentro de mim. Quando eu voltar, estará pronta para ouvir e obedecer cada mandamento que eu dou. — Ele se inclinou para baixo, deliberadamente escovando os lábios em sua bochecha, enquanto mudava para seu outro ouvido. — Sua vida depende da sua submissão. Não lute contra mim agora só para ser entregue a homens muito mais cruéis do que eu posso ser.



Virando-se, ele caminhou para fora da porta e pelo corredor, até à sala. Xander estava na cozinha, com a pele sob os olhos escura e inchada, devido à interrupção de Aaron na noite anterior. Aaron simplesmente lhe lançou um olhar e alcançou a maçaneta das portas dianteiras. Percorrendo sua consciência, ele ficou incomodado, o que o levou a

fazer uma pausa, para considerar seu rato. Ele não se incomodou de voltar na direção de Xander quando ordenou:

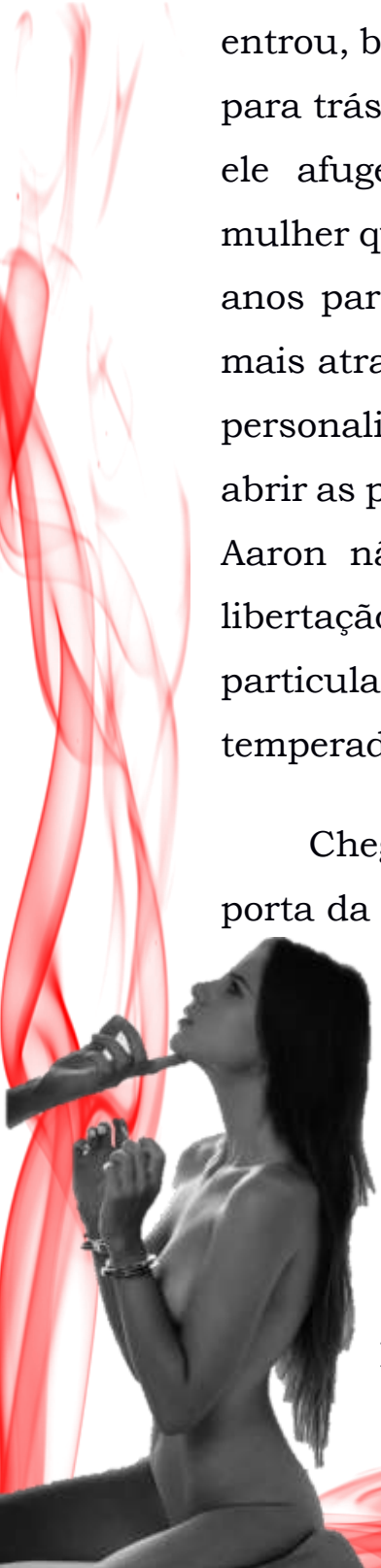
— Em uma hora, vá ao meu quarto e desamarre-a. Ela vai precisar usar o banheiro e precisa ser alimentada. Não dê roupas a ela. Sua formação começa quando eu voltar.



Capítulo Dezessete

Os passos de Aaron eram ponderados conforme ele rapidamente deixava o edifício. Alcançando seu carro, ele entrou, batendo os punhos contra o volante e jogando a cabeça para trás, contra o assento. Arrancando Maddy de sua mente, ele afugentou os motivos complexos, dirigindo-se a uma mulher que tinha estado à sua disposição ao longo dos últimos anos para uma transa rápida. Emily era uma socialite e era mais atraída pela carteira do homem do que pelo seu rosto ou personalidade, mas isso não importava para Aaron. Levá-la a abrir as pernas era tão fácil quanto dizer o que ela queria ouvir. Aaron não se importava em mentir para encontrar a sua libertação... A vantagem adicional é que esta cadela em particular não se importava com sua inclinação para o prazer, temperada com dor.

Chegando à enorme mansão, Aaron estacionou o carro na porta da frente. Isso ia ser uma visita curta e a capacidade de sair rapidamente era uma necessidade. Emily tipicamente tinha muitos visitantes durante todo o dia, mas arrumaria algum tempo para verificar as necessidades de Aaron. Era uma troca benéfica, ele conseguia sua liberação e ela ficava livre para continuar furtando as contas bancárias dos outros homens que conhecia por ser convidada para os



eventos mais "formais" realizados pelo negócio legítimo da The Estate. Isso não quer dizer que ela não afundaria suas garras em Aaron se pudesse, ela tentou em várias ocasiões convencê-lo a um relacionamento ou casamento. Aaron tinha rejeitado a cada vez. Ele não tinha tempo ou desejo de uma mulher em sua vida, e a última coisa que ele precisava era a fraqueza adicional de ter alguém com que ele se importasse, que poderia ser usada para coagir sua vontade quando isso chegasse a assuntos criminais.

A porta abriu-se quando ele se aproximou e o porteiro imediatamente alertou Emily da presença de Aaron. Em seu estilo típico, ela veio serpenteando para baixo da escada, longa e sinuosa que era à esquerda da grande sala de entrada. Aaron viu como ela intencionalmente balançava seus quadris, empurrando o peito para fazer seus seios pequenos parecem maiores aos seus olhos. Seu corpo estava coberto com nada mais que um robe de seda azul, casualmente deixado aberto para revelar a vertente de seus seios, coberta com renda. Como de costume, seu cabelo branco-loiro estava perfeitamente arrumado, para parecer como se ela não passasse horas o arrumando.



— Aaaaaaaron... — A voz dela chiava contra seus nervos, enquanto ela falava, com o que ele jurou, ser um falso sotaque, só usado pelas pessoas de riqueza e luxo. — É uma agradável surpresa vê-lo. Acho que você está aqui para seu habitual *"tapa e cócegas"*. — Os lábios dela, manchados de rubi se

curvaram em um sorriso lascivo, revelando dentes perfeitamente retos e brancos, quando ela riu sedutoramente de sua própria piada.

Preparando-se contra a qualidade tilintar de voz que ela tinha, sem dúvida, praticada e aperfeiçoada ao longo dos anos, Aaron estampou um sorriso falso e se dirigiu a ela.

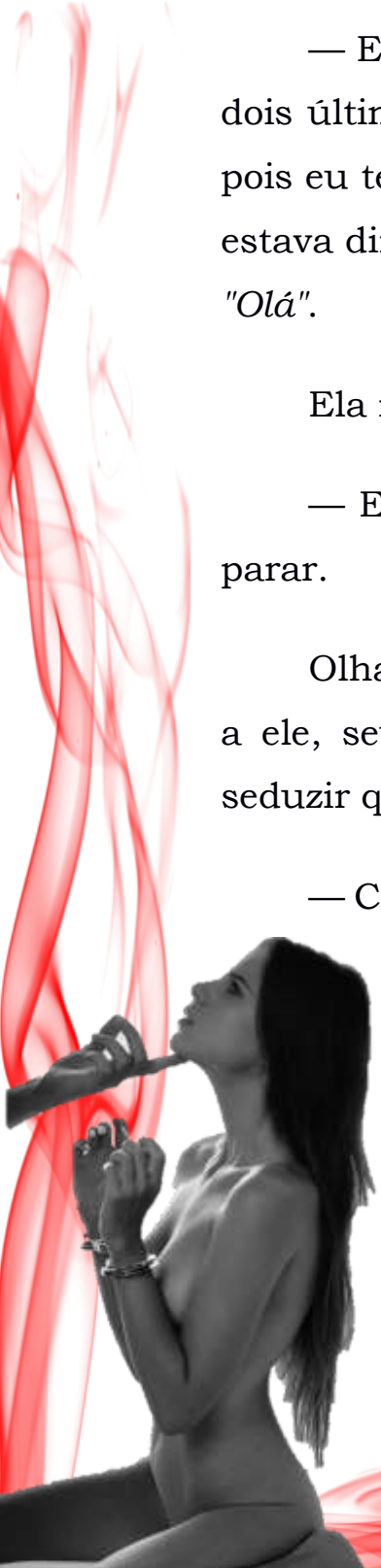
— Emily... — estendendo a mão, ele a ajudou a descer os dois últimos degraus. — Esta será apenas uma visita rápida, pois eu tenho negócios que tenho que atender, no entanto, eu estava dirigindo por perto e não pude resistir parar para dizer *"Olá"*.

Ela riu de novo, um som irritante e artificial.

— Eu estou muito certa que é por isso que você decidiu parar.

Olhando-o de cima a baixo, Emily caminhou em direção a ele, seu corpo era mantido de tal forma, como que para seduzir qualquer homem em sua presença.

— Como se trata de uma rápida visita, onde você me quer? Contra uma parede? No sofá? Ou você tem algo um pouco mais vulgar em mente? —Ela perguntou.



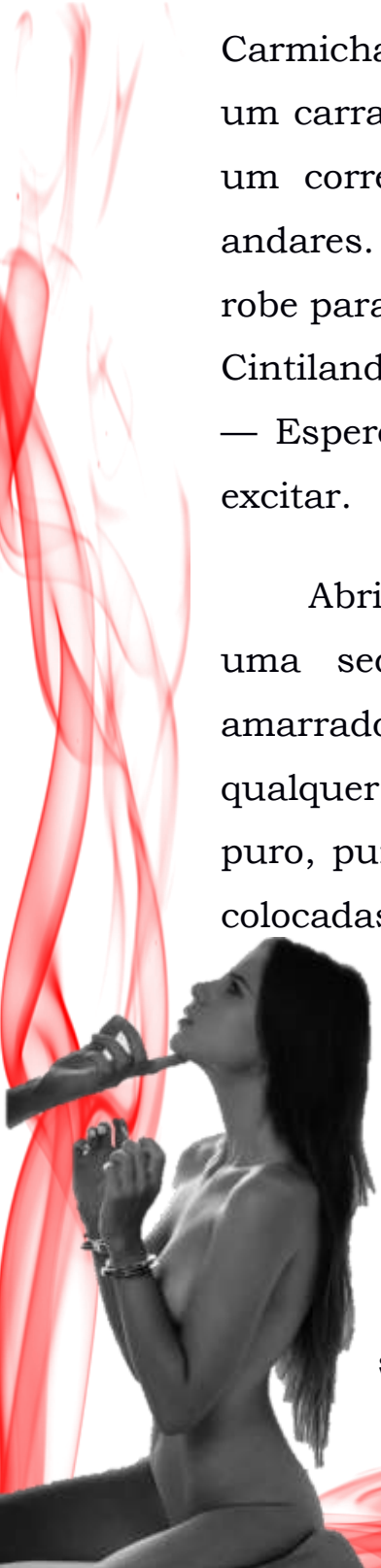
Caminhando para bem perto dela, ele teve que olhar para baixo, só para encarar o marrom dourado dos olhos dela.

— Será que importa onde eu vou tomá-la? Pensei simplesmente que fazer você gritar seria suficiente. — Disse ele.

Ela curvou o canto da boca, enquanto tinha os olhos encobertos em uma implicação pecaminosa.

— Bem, então eu tenho uma surpresa para você, Sr. Carmichael. — Disse ela. — Um quarto que eu projetei, com um carrasco em mente. — Levando-o do hall de entrada, por um corredor à esquerda, Emily subiu outra escada, dois andares. Virando à direita, ela tirou uma chave do bolso do robe para destravar a primeira porta da qual se aproximaram. Cintilando-lhe um sorriso por cima do ombro, ela murmurou. — Espero que você goste, eu pensei muito em como iria te excitar.

Abrindo a porta, ela revelou uma sala preparada para uma sedutora tortura, com ferramentas e dispositivos amarrados às paredes que poderiam ser usados para conduzir qualquer pessoa que almejasse a dor aguda do tormento para puro, puro êxtase. A luz ressaltou o aço polido das algemas colocadas aleatoriamente ao redor da sala, no entanto, a mesma luz foi absorvida pelas cores mais escuras da madeira e as paredes pintadas de um perigoso vermelho escuro e preto. Aaron não se surpreendeu com a inclusão de chicotes, bastões e açoitadores, mas quando seus olhos viram a coleção de facas dispostas em uma pequena mesa à sua direita, sua sobrancelha se arqueou em diversão. Virando-se para



olhar Emily, enquanto observava a reação dele, ele estendeu a mão e pegou a maior faca, desembainhando-a e segurando-a para inspecionar a lâmina.

— Você deseja a morte, Emily? Ou você está realmente confiante de que eu não iria perder o controle no meu uso do seu corpo?

A perfeição de seu rosto foi momentaneamente perturbada por sua expressão rejeitada, uma resposta reveladora à sua implicação de que ela não era nada mais do que uma ferramenta para a sua satisfação.

— Eu pensei que o cheiro de sangue poderia transformá-lo em... Levá-lo a me desejar mais do que apenas para jogar. — Uma desprezada careta enrugou o rosto de Aaron, quando ela deslizou um dedo ao longo da costura do zíper de suas calças.

Aaron moveu-se para o toque, convidando-a para puxá-lo, para se concentrar no verdadeiro propósito de sua visita. Correndo o dedo ao longo da borda da lâmina, ele declarou:



— Extrair sangue de uma mulher não é algo que eu tenho muito interesse em fazer... — Seus olhos se deslocaram da lâmina para a ela. — ... Fazê-lo seria o sinal de um amador.

Ronronando, ela puxou a cintura dele e soltou o cinto, libertando-o da roupa.

— Interessante... Só que eu pensei, que era o sangue, em si, que o havia transformado. Muitos homens têm relatado, novamente, sobre o puro êxtase na expressão do assassino da The Estate, quando ele faz sua matança. — O calor dos dedos dela, enviou um calafrio através de seu corpo, quando ela finalmente libertou-o o suficiente para segurar seu pau. Acariciando-o lentamente, ela, sedutoramente, passou a língua ao longo de seus lábios.

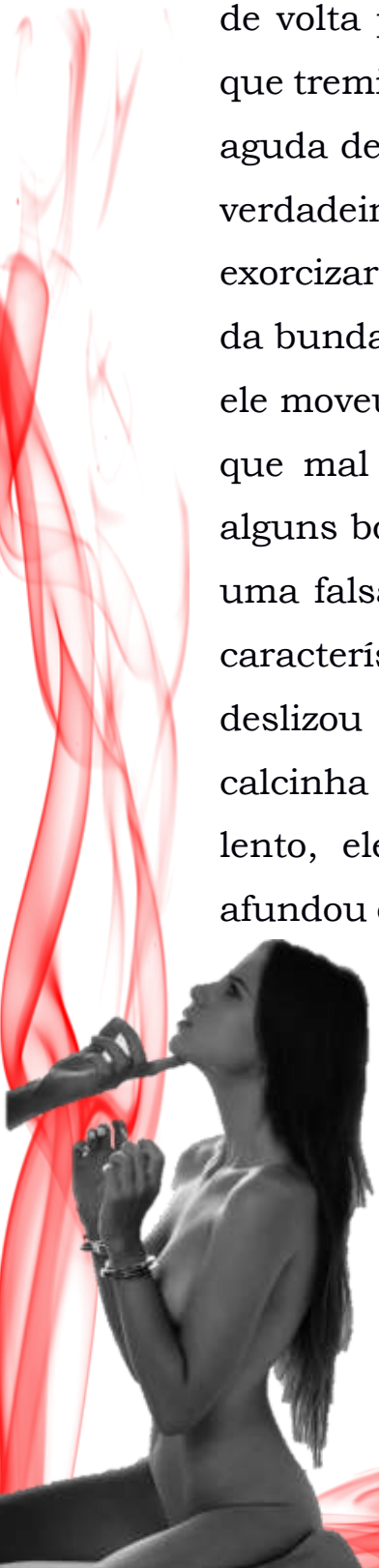
Aaron não respondeu, não alimentou a perversão da necessidade dela de conectar a sensação de morte com a de sexo. Ele deixou a cabeça cair para trás, permitiu que ela o acariciasse, levando-o a uma plenitude lenta que ele poderia usar para afastar, temporariamente, os demônios criados nele, por Maddy. Enquanto a mão de Emily deslizava para frente e para trás, ele imaginou que fosse o toque de seu Rato, o medo dela, finalmente, substituído por um desejo que só ele poderia lhe dar. Quando seu pênis despertou, ao ponto em que sua pele estava pronta para rasgar-se, ele agarrou a mão de Emily e a usou para rapidamente virá-la em circulo e dobrá-la sobre a mesa atrás dela.



Ela engasgou no começo, mas o choque foi rapidamente substituído por uma risada, tão cruel, que Aaron ficou imediatamente enojado com o quão diferente esta mulher era de Maddy. Tentando sacudir o pensamento de sua prisioneira, ele puxou os braços de Emily estacando-os sobre a mesa,

encadeou-a e apertou, para que ela não pudesse se mover da posição curvada.

— É tortura que você procura? — Sua voz era perigosamente baixa quando ele rosnou no ouvido dela. Um sorriso apareceu no rosto dela, fazendo-a parecer completamente arrebatada com sua sedução. Empurrando-a de volta para a posição de pé, ele olhou o corpo diante dele, que tremia... Não de medo... Não, essa mulher antecipava a dor aguda de seu toque, queria jogar num pesadelo só conhecido, verdadeiramente, pela mulher que ele estava tentando exorcizar de sua alma. A mão dele foi brincar ao longo do dobra da bunda dela, as luzes, tinham um efeito envolvente, quando ele moveu de lado o robe revelando a calcinha de renda preta, que mal cobria o centro daquele corpo. Havia na calcinha, alguns bordados em forma de rosas, na parte superior, dando uma falsa aparência de inocência, que era tudo, menos uma característica desta mulher, em particular. O dedo dele deslizou por baixo do fino fio de tecido, que compunha sua calcinha e deslizou para baixo, de modo pecaminosamente lento, ele podia vê-la tremer, em expectativa. Quando ele afundou o dedo, sentiu o quão molhada ela já tinha se tornado, seu núcleo estava ganancioso por ele, para enchê-la e bombeá-la, cheio de sua agressão e desejo.

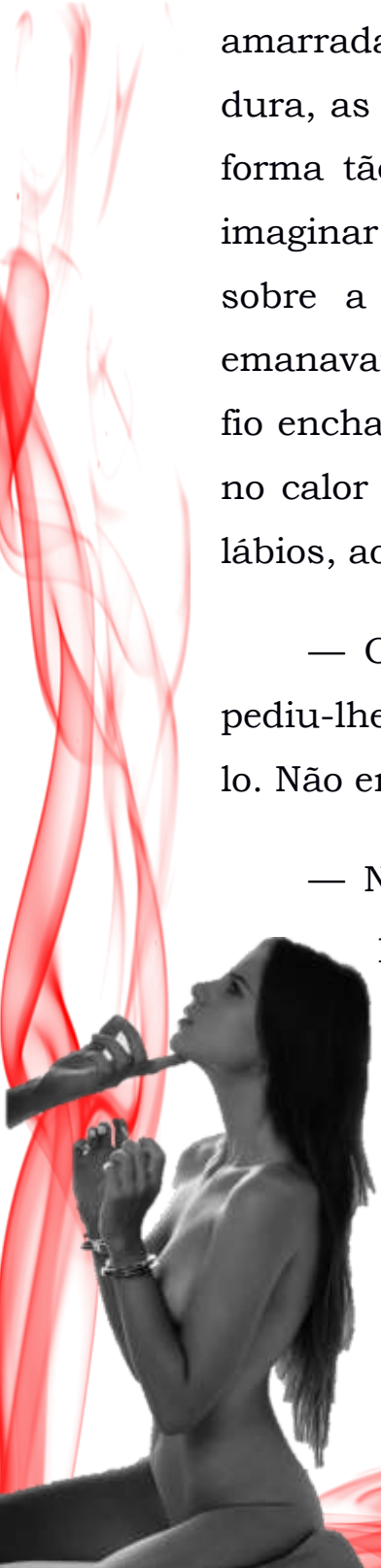


Ele continuou a carícia que havia encontrado aquele pequeno feixe de nervos, pressionado suavemente contra ele, circulando ao redor e a deixando louca. O cheiro almiscarado de paixão

enchia o ar, ela ondulava os quadris contra a mão dele, implorando por mais. Afastando-se, ele levantou o robe totalmente pra cima de seu corpo, revelando um traseiro que a maioria dos homens exaltaria, mas não era um tão em forma de coração e suave, como o de Madeleine. A frustração bateu através dele, seu pau foi ficando mole conforme ele considerava quão pobre era substituir essa mulher por aquela, atualmente, amarrada a sua cama. Onde Maddy era suave, esta mulher era dura, as curvas femininas eram ausentes, ela não tinha uma forma tão esbelta, como Maddy. Fechando os olhos, tentou imaginar que esta, era sua Ratinha, desnudando-se para ele sobre a mesa, que eram seus lamentos e gemidos que emanavam da cabeça bem apertada contra a mesa. Puxando o fio encharcado da calcinha para fora, Aaron inseriu um dedo no calor úmido de seu núcleo. Ele separou, parcialmente os lábios, ao som dos gemidos dela.

— Oh, por favor, Aaron, eu preciso de mais. — Emily pediu-lhe para continuar, mas a voz dela só serviu para irritá-lo. Não era a voz de seu anjo.

— Não fale ou eu vou parar e deixá-la aqui, para seu porteiro lidar com você. — Uma ameaça, sim... Mas não exatamente a verdade. Aaron tinha a intenção de usá-la para o que ela valia a pena, mas se ela o irritasse no processo, ele iria deixá-la saciada e exposta para o criado encontrá-la. Aaron bombeou a mão dentro dela, diversas vezes, não ficou impressionado com a frouxidão de seu corpo. Ele



precisava de algo apertado naquele momento, algo mais parecido com Maddy. Puxando seu dedo para cima, viu a parte enrugada e apertada do traseiro dela, usou a lubrificação já pingando de seu dedo, para empurrar um pouco, apreciando a maneira como ela pulou, surpresa.

— Eu acredito que eu vou tomá-la aqui, onde posso te sentir ao longo de cada centímetro em mim. — Sua voz era áspera, enquanto ele falava de sua decisão. Empurrando mais longe, ela gritou com a força feita por seu dedo, através dos músculos ainda não relaxados.

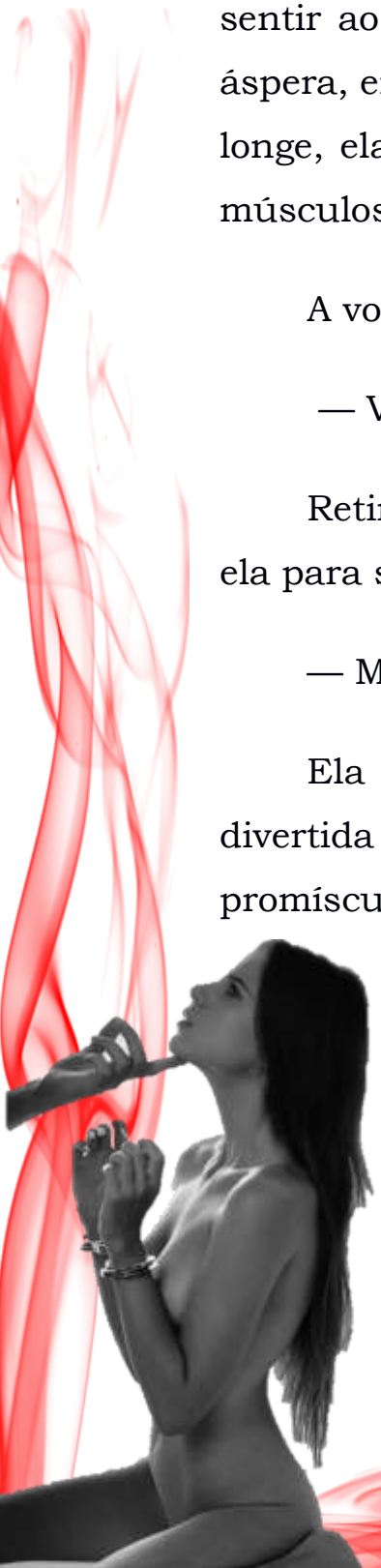
A voz dela era quase um sussurro quando ela respondeu:

— Você seria o meu primeiro.

Retirando a mão, Aaron respondeu, inclinando-se sobre ela para sussurrar em seu ouvido.

— Mas não o último, eu tenho certeza.

Ela riu em resposta, seu hedonismo era uma coisa divertida em vez de estar envergonhada por sua reputação promíscua.



— Nós poderíamos mudar isso.

Um sorriso enrugou seus lábios, a audácia dela em pensar que ele mudaria era um pensamento tão cômico. Soltando as calças para baixo em torno de seus tornozelos, ele zombou:

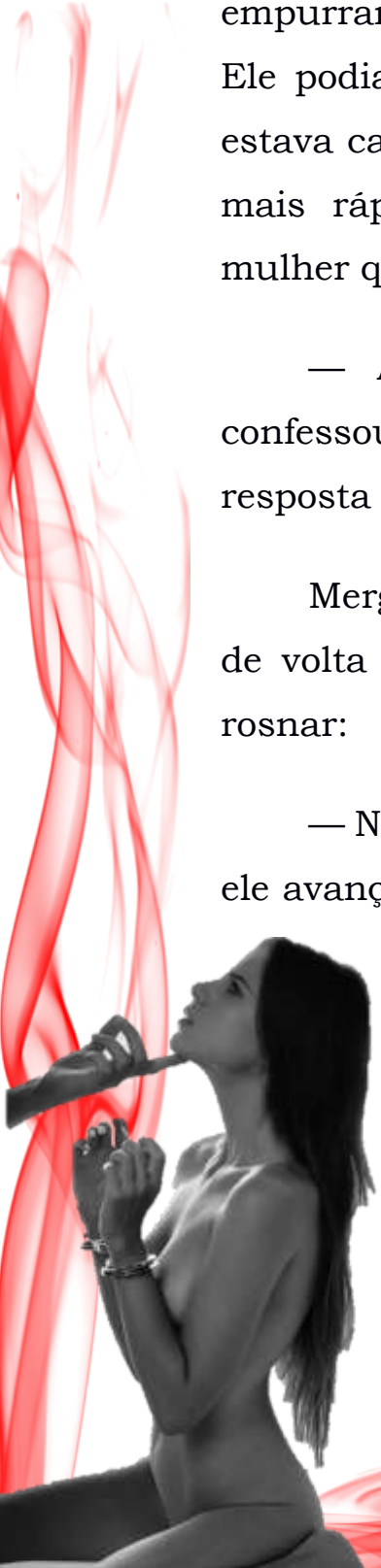
— Eu teria que querer você por mais de algumas horas para garantir isso. Infelizmente, não há nenhum interesse em mim em ter seu corpo por muito mais tempo do que isso.

Ele rapidamente puxou uma camisinha antes de esfregar o pênis na evidência de sua excitação. Puxando para cima, ele pressionou seu pau contra a abertura apertada do traseiro, empurrando lentamente para relaxar as paredes musculares. Ele podia a ver enrugar o rosto, com o desconforto que ele estava causando e isso o fez empurrar contra ela, mais forte, mais rápido, aproveitando a agonia infligida contra uma mulher que ele desprezava.

— Aaron, você está me machucando. — Sua voz confessou, para ele desacelerar, a bunda dela apertava em resposta a seu pânico.

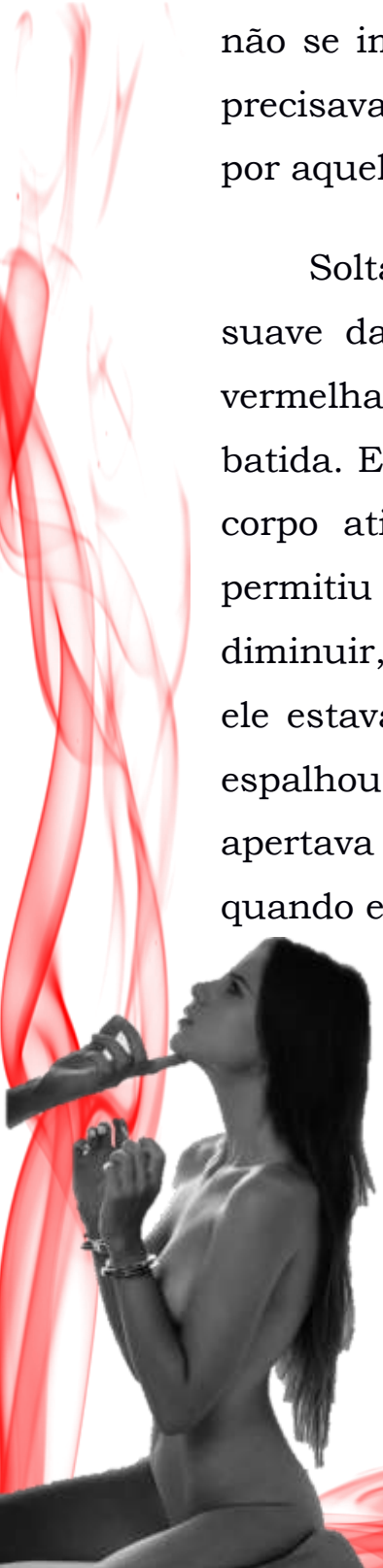
Mergulhando de volta para mais lubrificação, ele puxou de volta para cima, se posicionando na abertura, antes de rosnar:

— Não é isso que você queria? — Com sua última palavra, ele avançou, enterrando-se dentro dela, ele agarrou a cintura dela, esticando e puxando os músculos de seu traseiro. Ela gritou, mas ronronou assim que começou a relaxar. Quando se acalmou, ele moveu-se para trás e para frente, seduzindo aquele corpo, para permitir-lhe a entrada. A cabeça dele caiu para trás, enquanto ele lentamente empurrava para dentro, sua mente não estava na loira promíscua



amarrada à mesa, mas sim, na mulher inocente que ele tinha deixado em sua casa. Ele explorava as profundezas do corpo desta cadela e depois, finalmente, enterrou-se totalmente dentro dela, ele agarrou seus quadris, ficando irritado quando sentiu osso, em vez da carne macia de sua escrava. Ele rangeu os dentes e agarrou o corpo dela tão forte, que sabia que iria deixar hematomas. Não mais se segurando, ele forçou dentro, não se importando se seus gritos eram de prazer ou dor, só precisava de uma libertação, forte, que iria mantê-lo saciado por aqueles momentos em que Maddy infectava sua alma.

Soltando seus quadris, ele bateu com força no contorno suave da bunda dela, deixando uma marca de mão, bem vermelha, ele se perguntou se ela envergaria, com força da batida. Emily continuou a gritar e mal se ouvia o som de seu corpo atingindo a mesa à qual ela estava amarrada. Ele permitiu que seu corpo fosse ao frenesi, não se atreveu a diminuir, para pensar nas necessidades da mulher cujo corpo ele estava usando. Quando encontrou sua libertação, ele se espalhou sob ela pesadamente, o músculo da bunda dela, apertava com a força, devido ao orgasmo, o corpo dele tremia quando ele saiu dela.



Ele saiu de dentro dela, pegou uma toalha em outra mesa próxima e se limpou, antes de guardar a si mesmo de volta em suas calças. Quando ele olhou para Emily, notou lágrimas escorrendo pelo rosto satisfeito. Aparentemente, ela tinha encontrado sua

libertação, embora ele nunca tivesse a intenção de dar-lhe uma.

Caminhando ao redor da mesa, puxou a alavanca que soltava suas correntes e moveu-se rapidamente para removê-la das restrições. Endireitando suas roupas, ele puxou a carteira para pegar alguns dólares. Atirou-os rapidamente sobre a mesa, antes de caminhar pela sala, para sair.

— Tem sido divertido, Emily. Devemos fazer isso de novo, algum dia. — Seu tom foi prático, nenhuma emoção em direção ao corpo que acabou de usar.

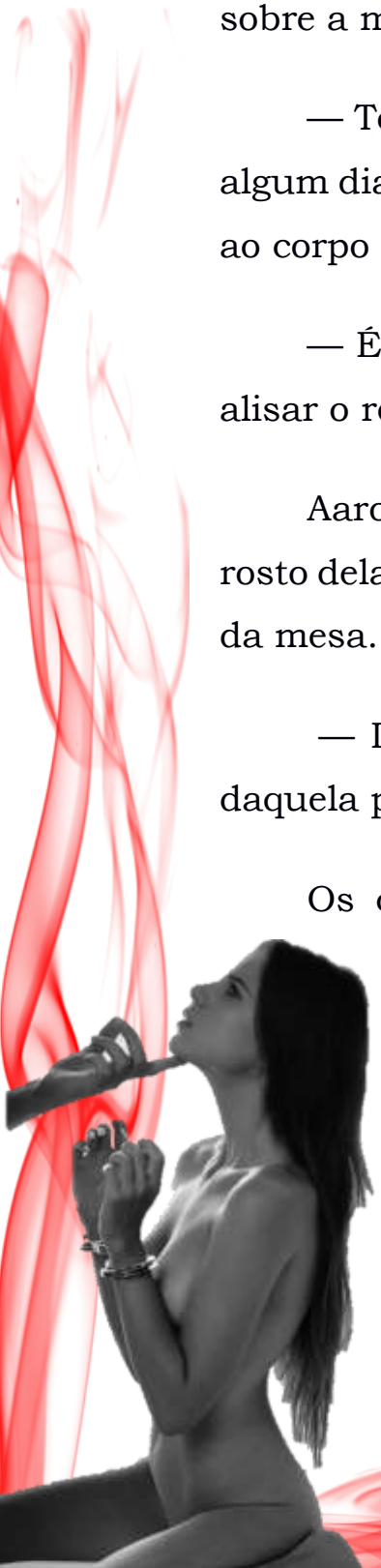
— É isso? — Ela gritou, enquanto se levantava, antes de alisar o roupão.

Aaron virou-se e imediatamente percebeu como o lado do rosto dela estava vermelho e enrugado, pela textura de madeira da mesa.

— Isso é tudo o que você está me dando! É por causa daquela prostituta, não é?

Os cabelos na parte de trás do pescoço de Aaron, se arrepiaram, enquanto ele apertava a coluna, cada músculo de seu corpo ficou dorido e tenso, pela referência a Madeleine como uma prostituta comum. A voz dele se aprofundou e estava perigosamente calma quando ele perguntou:

— E o que você sabe da minha escrava?



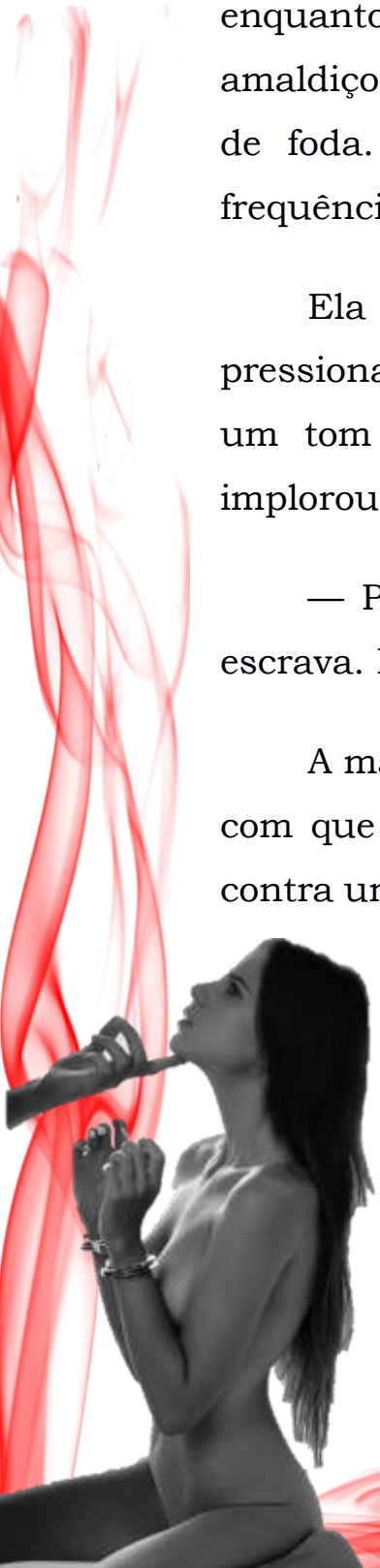
Ela jogou a mão pelo ar, enquanto, petulante, limpava sua raiva.

— Quem não sabe Aaron? Eu não sei por que você parece tão chateado com isso. Então, você se afundou ao nível de usar as cadelas mantidas à sua disposição? E daí? — Vangloriando-se em direção a ele, ela esfregou as mãos ao longo dos seios, enquanto tentava seduzi-lo. — No entanto, eu vou ser amaldiçoada a vir como segunda opção, abaixo de uma classe de foda. A cadela deve estar muito larga agora, dada à frequência com que são usadas pelos membros da The Estate.

Ela se aproximou dele, invadindo seu espaço e pressionando o comprimento de seu corpo ao dele. Falando em um tom que só deveria ser usado por uma criança, ela implorou:

— Por favor, baby, me mostre o que você faz com sua escrava. Ensina-me a ser sua puta.

A mão dele agarrou com firmeza, os cabelos dela, fazendo com que lágrimas se rompessem de seus olhos. Apoiando-a contra uma parede equipada com outro conjunto de correntes, ele virou-a e levantou os braços para prender os pulsos dela acima da cabeça. A raiva saiu do corpo dele e custou muito para ele não chegar a uma das lâminas disponíveis e cortar o coração apático daquela puta. Como qualquer mulher poderia fazer piada do abuso sexual de outra, estava além dele. No



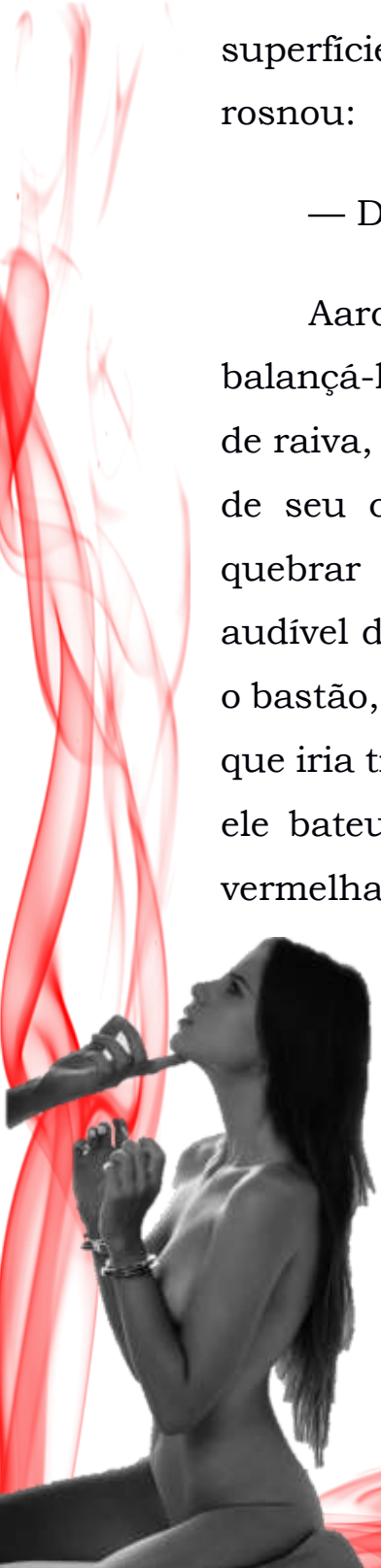
entanto, a reação dele foi ainda mais enfurecida, porque era da sua prisioneira que ela estava falando.

— Você quer saber qual é a sensação de ser uma prostituta?!

Inclinando-se sobre ela, ele apertou a mão contra a parte de trás de sua cabeça, empurrando seu crânio contra a superfície implacável da parede. Pouco compreensível, ele rosnou:

— Deixe-me mostrar-lhe, porra.

Aaron escolheu um bastão da parede e não hesitou em balançá-lo, com força suficiente para deixar hematomas roxos, de raiva, através da pele dela. Mais e mais, ele bateu-o através de seu corpo fazendo-a uivar de dor, antes de finalmente quebrar em lágrimas e pedir-lhe para parar. Um suspiro audível de alívio escapou da boca dela, quando o ouviu soltar o bastão, não percebendo que ele precisava de um instrumento que iria tirar sangue de sua pele. Agarrando um chicote menor ele bateu na parte de trás de suas coxas; pequenas listras vermelhas apareceram antes de vazarem ao longo de suas pernas. O rosto dela tinha uma expressão de puro terror quando ele continuou o ataque, tão completamente enfurecido que se perdeu para a violência. Depois de cair também o chicote, ele instintivamente pegou uma das facas e foi até ela, segurando a lâmina, parada, em sua bochecha. A borda não era afiada o bastante para uma execução



limpa, mas era o suficiente para manchar o rosto da cadela à sua mercê.

Ele segurou a lâmina, na pele dela, para então pressionar fortemente em sua bochecha, uma linha se formou, onde o aço cortou a carne, enquanto ele zombava dela por sua crueldade.

— Você pediu para ser tratada como uma prostituta comum, nada mais do que um objeto para ser usado e maltratado. Espero que tenha gostado cadela, porque eu tenho a certeza que nunca vou esquecer o que significa desempenhar esse papel.

Ela gritou quando ele puxou a lâmina ao longo de sua bochecha, deixando um corte irregular que formaria uma cicatriz, uma vez que tivesse curado. A beleza de Emily era a única coisa que ela amava e ele a tirou dela, sem piedade; muito parecido como The The Estate tinha tirado a liberdade de Maddy. Deixando Emily acorrentada, Aaron deixou cair a faca no chão, ao lado das outras ferramentas que tinha puxado da parede. Fechando a porta atrás de si, ele ouviu quando Emily gritou:



— Seu bastardo filho da puta! Eu vou ter que te matar por isso.

Um sorriso selvagem atravessou seu rosto, ele fechou a porta atrás de si, não se preocupado com as ameaças feitas por uma puta insensível. Passando pelos corredores e correndo apressadamente as

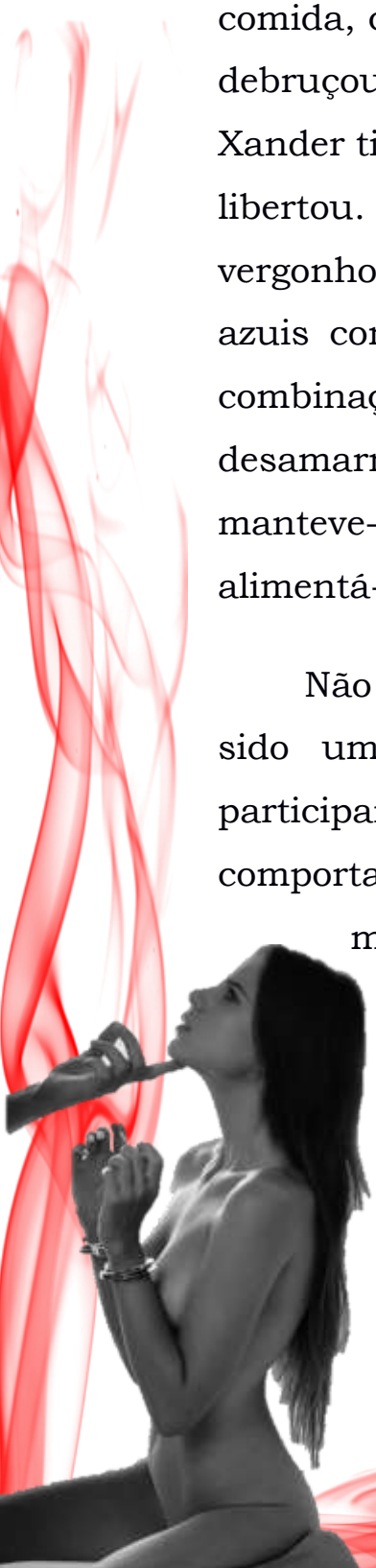
escadas, Aaron saiu fora da casa de Emily e caminhou até seu carro. Rindo enquanto ia embora, ele se perguntou o que o porteiro iria pensar quando encontrasse sua senhora, deixada sangrando e algemada a uma parede.



Capítulo Dezoito

Maddy sentou-se à mesa de jantar, cutucando sua comida, com Xander atrás dela, em sua posição habitual. Ela debruçou-se sobre a mesa, envergonhada por sua nudez, mas Xander tinha se recusado a entregar as roupas dela, quando a libertou. O corpo dela estava coberto pelo cheiro da excitação vergonhosa, quando Xander entrou no quarto. Os olhos dele, azuis como o mar do Caribe, foram preenchidos com uma combinação de simpatia e raiva. Ele não falou, enquanto a desamarrava, ou quando a levou para o banheiro. O silêncio manteve-se quando ele a levou para a sala de jantar, para alimentá-la.

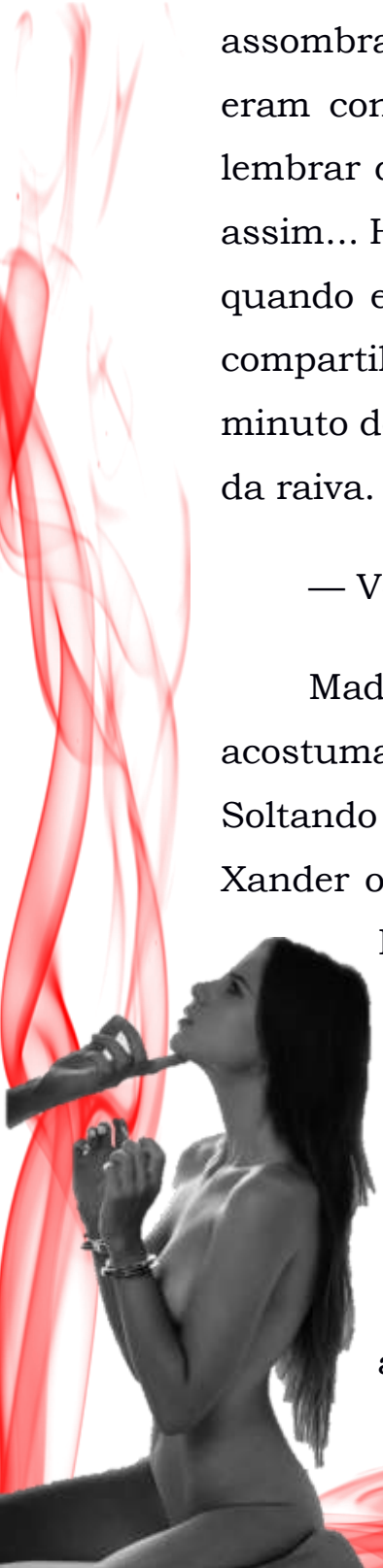
Não importava, no entanto. Mesmo que Xander tivesse sido um excelente conversador, Maddy teria sido uma participante fraca. Ela estava com raiva de Aaron, por seu comportamento naquela manhã, mas também com raiva de si mesma por ter esperado algo diferente. Um enigma escondido em um pacote bonito, Aaron a atraía quando ele era atencioso e gentil, mas sua capacidade de lançar-se em raiva, aterrorizá-la sem nenhuma culpa por suas ações, esse era o momento em que Maddy temia enfrentar o verdadeiro espírito danificado, escondido dentro dele.



Independentemente do tormento que ele tinha infligido ao seu corpo, naquela manhã, independentemente de sua vergonha e sua tristeza, as únicas palavras que ela podia se concentrar eram em suas últimas. Ela sabia que ele estava fora, amando o corpo de outra mulher. O ciúme rastejava ao longo de sua espinha, ela endurecia cada vez que a imagem de Aaron, enrolado junto à uma mulher, no auge da paixão, assombrava sua mente. As emoções que corriam através dela eram confusas. Ela queria odiá-lo, queria difamá-lo e só se lembrar de que ele era a razão da sua escravidão, mas ainda assim... Havia algo sobre ele. Não era facilmente percebido, era quando ela o viu naqueles poucos momentos tranquilos que compartilharam; sua cautela ao tratar de suas feridas, o minuto de relutância em seus olhos, quando ele estava à beira da raiva.

— Você está comendo?

Maddy saltou quando Xander falou, depois de ter se acostumado ao seu silêncio, nas poucas horas anteriores. Soltando o garfo no prato, ela empurrou-o de lado, esperou que Xander o retirasse da mesa e lhe desse o próximo comando.



Depois que Xander removeu o prato e o colocou na pia, ele puxou uma cadeira ao lado de onde ela estava sentada, surpreendendo-a. Sentando-se, ele apoiou os cotovelos na mesa e olhou para ela, havia uma pergunta em sua expressão.

— Você se importaria de me dizer o que aconteceu esta manhã? — A suavidade na voz dele a

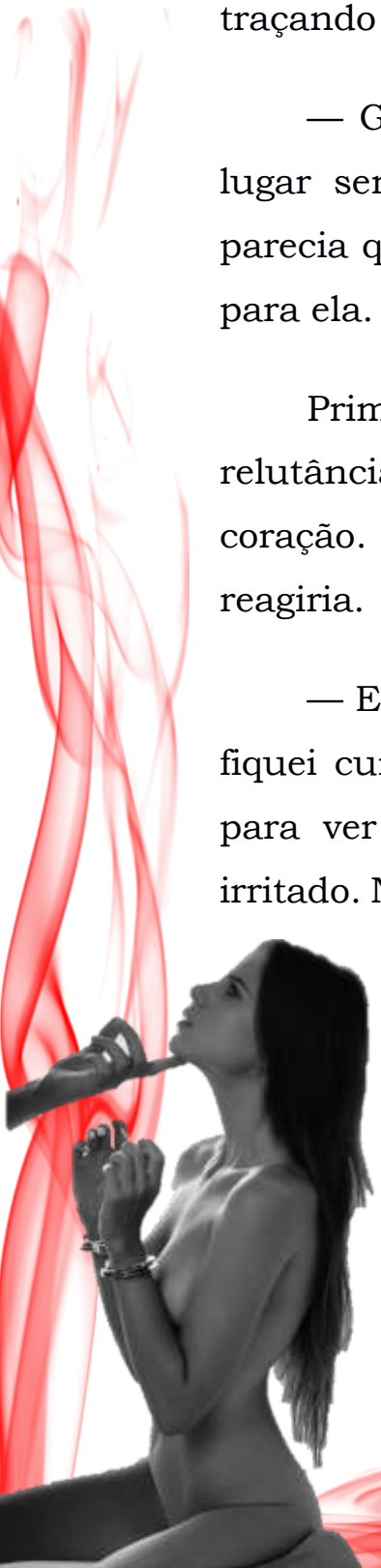
surpreendeu. Normalmente vigilante na sua falta de emoção, preocupação escoava para fora da sua pergunta, sua máscara dura, foi removida por um breve momento.

Ela sentou-se em silêncio, com os olhos na textura da madeira fina da mesa. Não sabendo se devia revelar os acontecimentos da manhã, ela tentou evitar o olhar de Xander, traçando as veias da madeira.

— Grilo, você precisa me dizer. Aaron nunca deixa este lugar sem me dizer onde está indo. Esta manhã, ele não parecia que estava em um bom lugar. — Ele estendeu a mão para ela. — Fale comigo, Maddy.

Primeiro ela ficou chocada com o uso de seu nome, a relutância finalmente se dissolveu, como um véu sobre o coração. Eventualmente, ela falou, sem saber como Xander reagiria.

— Eu acordei antes dele. Eu queria deixá-lo dormir, mas fiquei curiosa. — Ela olhou para ele, através de seus cílios, para ver se ela poderia determinar se ele já tinha ficado irritado. Não encontrando nada, somente uma expressão vazia, ela continuou. — Eu olhei os CDs que ele tem, encontrei um que era meu e o coloquei para tocar. — À espera de uma reação irada, ela ficou em silêncio novamente.



— O que Aaron fez quando você colocou a música? — A voz de Xander era tão estranha, como

um conselheiro falando com uma criança, ele suavemente a guiou através dos detalhes de sua confissão.

Uma única lágrima correu de seus olhos, quando ela pensou nos acontecimentos que se seguiram.

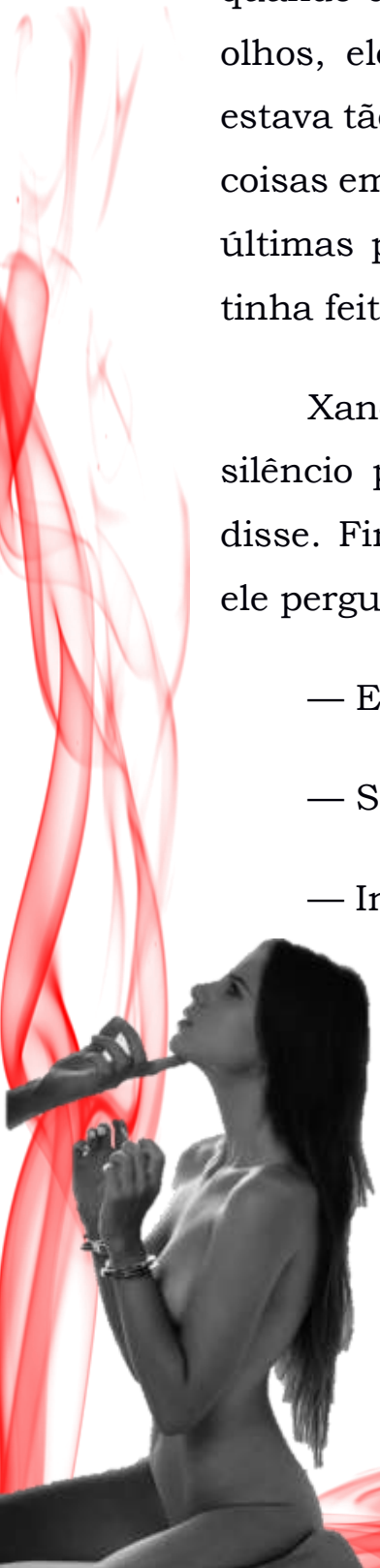
— Eu fiquei perdida na música... Eu faço muito isso quando estou tocando. — Ela suspirou. — Quando eu abri os olhos, ele estava, em pé, na minha frente... Tremendo, ele estava tão louco. Ele... Ele me jogou na cama, me amarrou, fez coisas em mim... — O volume de sua voz foi sumindo naquelas últimas palavras, ela não era capaz de admitir o que Aaron tinha feito com seu corpo.

Xander assentiu com a cabeça, mas permaneceu em silêncio por alguns minutos, como se absorvesse o que ela disse. Finalmente chegando a alguma conclusão por dentro, ele perguntou:

— Ele violou você?

— Será que isso importa?

— Importa.



— Se você quer dizer, se ele fez sexo comigo, não... Eu não era digna de seu... Seu... Dele. — Ela tentou repetir as palavras vulgares usadas por Aaron quando ele saiu, mas sua língua não conseguia forma o som. — Ele disse que estava saindo para ir dormir com outra mulher.

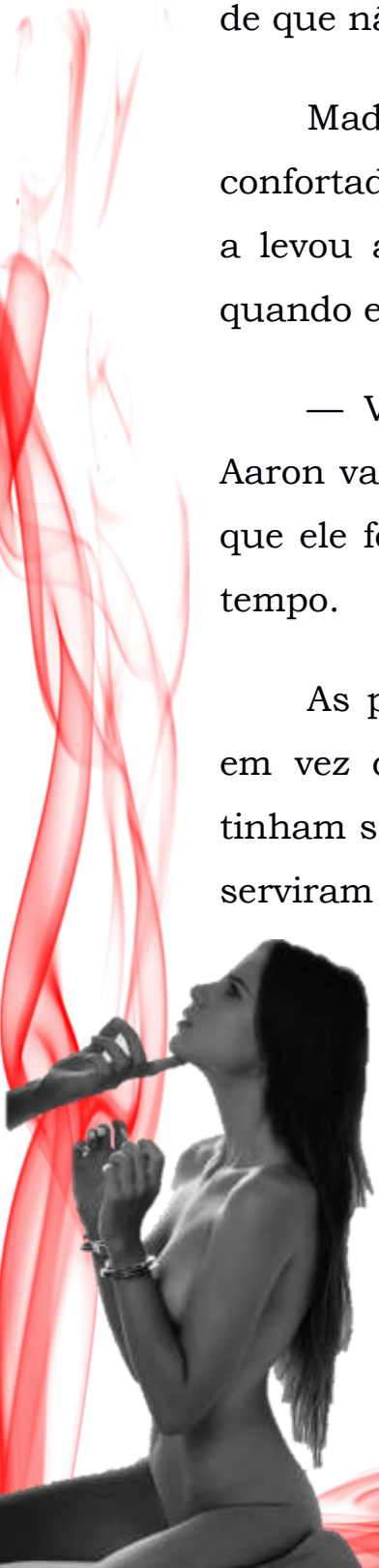
Xander gemeu quando passou as mãos sobre o rosto. Ele sabia que mulher, exatamente, Aaron teria ido ver e se arrependeu de não tê-lo parado. Emily era como veneno até mesmo para o mais inescrupuloso dos homens. Levantando-se, ele estendeu a mão para pegar a de Maddy.

— Obrigado por ser honesta comigo, Grilo. Tenho certeza de que não era uma história fácil para você contar.

Maddy pegou a mão de Xander, estranhamente confortada por suas palavras. Ela seguiu atrás dele quando ele a levou ao corredor até o banheiro, que ele a havia levado quando ela chegou.

— Você deve tomar um banho. Tenho certeza de que Aaron vai estar de volta em breve. A mulher que eu suspeito que ele foi ver só pode ser tolerada por um curto período de tempo.

As palavras dele pretendia iluminar o humor dela, mas em vez disso, elas pesavam e a perturbavam. Antes, elas tinham sido apenas uma ameaça, mas as palavras de Xander serviram para confirmar o que Aaron tinha ido fazer. Ainda mais perturbador era o fato que ela se importava.



Assim que Xander a arrastou para o banheiro, Maddy pensou ter ouvido a porta da frente abrir e bater com força. Xander deve ter ouvido também, porque ele imediatamente olhou para cima, a partir da água e ergueu um dedo, indicando que ela ficasse

parada. Depois de ter sido deixada sozinha no banheiro, Maddy tentou ouvir o que os dois homens estavam dizendo, mas só reconheceu o som de botas pesadas andando rapidamente pelo corredor. Xander abriu a porta e entrou novamente. Desligando a água, ele se virou para ela.

— O banho está pronto. Certifique-se de se lavar bem. Espero que você não vá tentar nenhuma loucura, especialmente agora. Aaron não está de bom humor.

Maddy acenou com a cabeça e entrou na água morna, deleitando-se com a forma como ela a ajudava a acalmar seu corpo cansado. Uma vez que ela estava estabelecida, Xander saiu do banheiro e virou à direita, até o quarto de Aaron. Batendo na porta, Xander não esperou por Aaron responder, antes de entrar e encontrar o amigo sentado na cama, segurando o lenço marrom que tinha usado antes, para amarrar Madeleine à cabeceira da cama.

— O que aconteceu?

Aaron não olhou para cima para confirmar a pergunta de Xander. Com os ombros pesados, a cabeça rugindo com emoções e pensamentos conflitantes, Aaron apenas ficou olhando o tecido que usou em Maddy.



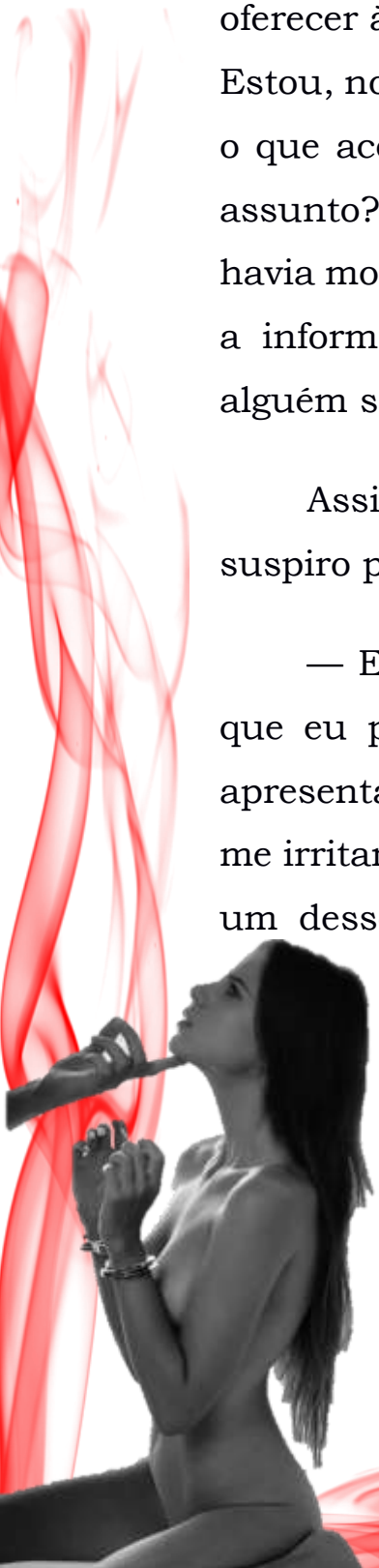
— Podemos estar prestes a ouvir sobre Emily em breve, eu a deixei em uma... Comprometedora... Posição. — Envolvendo o material macio em suas mãos, Aaron puxou-o tão apertado, que sua pele rosa

ficou vermelha, delineada pelo branco. No momento em que Xander falou novamente, a mão de Aaron começou a sentir picadas de alfinetes e agulhas, com a falta de sangue que fluía através dela.

— Eu não estou preocupado com Emily. Ela é um rosto bonito e uma foda rápida, ela não tem nada de valor para oferecer à The Estate, e, portanto, ela não tem nenhum poder. Estou, no entanto, preocupado com você. O ratinho me contou o que aconteceu esta manhã. Você se importa em discutir o assunto? — A pergunta de Xander não foi feita facilmente, havia momentos em que Aaron falava livremente e outros onde a informação era tão pessoal, que Aaron ficava furioso se alguém se atrevesse a perguntar.

Assim que Aaron soltou o lenço em torno de sua mão, um suspiro pesado também escapou de seus lábios.

— Eu a tratei como uma escrava, Xander. Não há nada que eu possa fazer para evitar isso. Se ela falhar, quando apresentada, eles vão jogá-la para Emory ou Vincent, só para me irritar. Ela vai morrer horrivelmente nas mãos de qualquer um desses chacais. — Pausando por um momento, Aaron reuniu seus pensamentos. — Se eu tiver que fazê-la me odiar, a fim de salvá-la, eu vou, mesmo que isso me destrua no processo. Eu só preciso mantê-la viva até que a aliança contra o meu pai finalmente ataque. Se pudermos derrubar o filho da puta, eu vou libertá-la.



— Isso vai se voltar contra você, Aaron. Você não pode libertá-la. Ela vai te enviar às autoridades. — A preocupação de Xander era aparente, na natureza apressada de suas palavras.

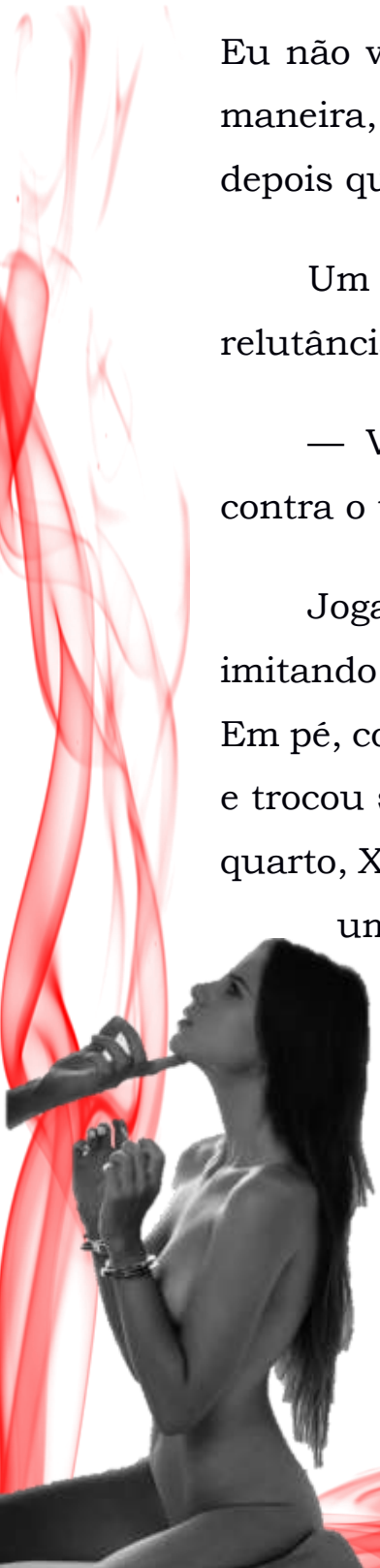
Aaron olhou para seu amigo de toda a vida.

— As autoridades estão compradas e alidas à The Estate. Eu não vou para a cadeia, Xander. Não importa de qualquer maneira, eu não tenho certeza se vou viver por muito tempo, depois que eu finalmente deixá-la ir...

Um silêncio pesado caiu entre os dois homens. Com relutância em seu tom, Xander finalmente respondeu:

— Vamos deixá-la treinada, Aaron. Estamos correndo contra o tempo.

Jogando o lenço para baixo, Aaron viu quando ele caiu, imitando chocolate líquido, derramando uma poça no chão. Em pé, com as pernas cansadas, ele caminhou até seu armário e trocou sua camisa por uma camiseta. Quando voltou para o quarto, Xander já havia deixado o lugar. Ele olhou ao redor por um momento, em parte, protelando a interação inevitável que estava prestes a ter com Maddy, mas também, em parte, na tentativa de descobrir uma maneira de apresentá-la uma recompensa por seu bom comportamento. Quando seus olhos avistaram a capa do CD, aberta, colocado no chão, perto de seu aparelho de som, uma ideia lhe ocorreu. Movendo-se



rapidamente para o canto do quarto, ele pegou capa do CD e, em seguida, estendeu a mão para ligar o som.

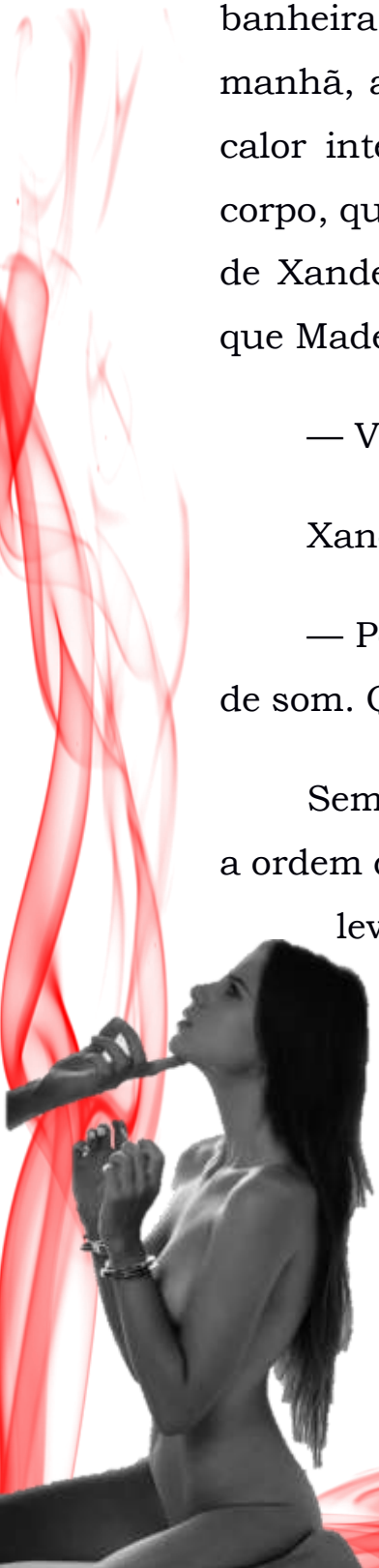
Uma vez que a melancolia da música tecia pelo ar, ele caminhou até o corredor em busca de Xander. Encontrou-o no banheiro de hóspedes, os olhos de Aaron não poderiam deixar de admirar Madeleine, enquanto ela estava deitada na banheira. Sua mente viajou imediatamente para aquela manhã, a vergonha que sentia por suas ações conflitantes, o calor intenso que cresceu como um inferno em todo o seu corpo, quando estava na presença dela. Quando se aproximou de Xander, ele se inclinou, sussurrando sua pergunta, para que Madeleine não o ouvisse.

— Você foi capaz de recuperar o instrumento?

Xander assentiu em resposta.

— Por favor, coloque-o no meu quarto, perto do aparelho de som. Quero que Maddy o veja, quando ela entrar no quarto.

Sem uma palavra, Xander saiu do banheiro para cumprir a ordem de Aaron. O único som audível deixado no lugar era o leve redemoinho da água, quando Maddy se movia na banheira. Olhando para a pequena mulher, enquanto ela se banhava, Aaron permaneceu estóico e controlado, mesmo que, por dentro, estivesse ansioso para ter Maddy em seu quarto, para que ele pudesse descobrir se sua ideia colocaria até mesmo a simples sugestão de um sorriso em seu rosto.



Nenhuma palavra foi dita, enquanto Aaron pairava sobre ela, mas, eventualmente, Maddy ergueu as mãos da água e o agradável som de risada veio de um rosto que Aaron jurou que era o mais bonito que ele já tinha visto. Levantando as mãos da água, ela a levou diante dos olhos e houve outra explosão suave de riso, se soltou de seus lábios.

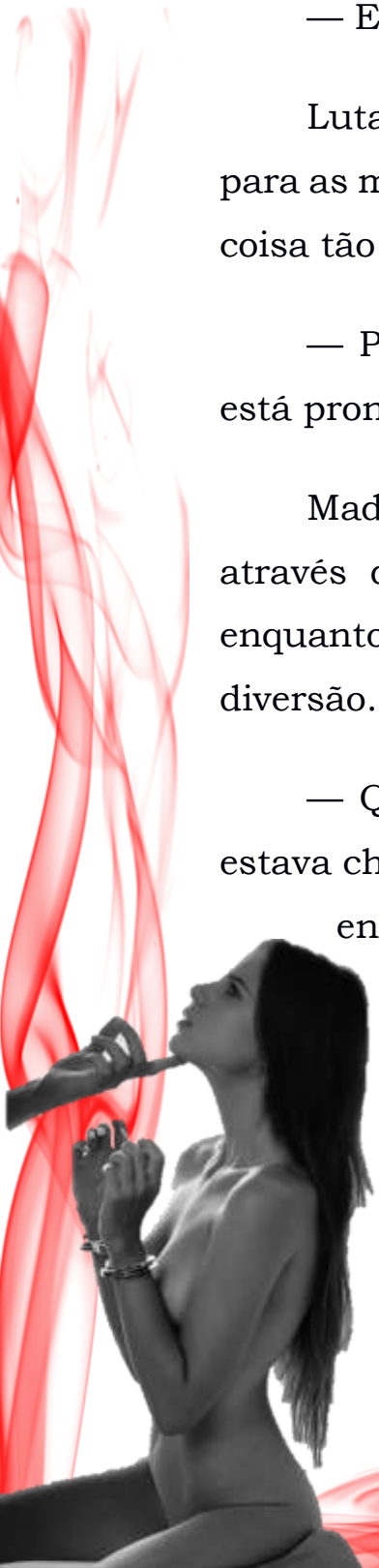
— Eu já estou enrugada.

Lutando contra a peculiaridade de sua boca, Aaron olhou para as mãos dela, enquanto a assistia ficar divertida com uma coisa tão simples.

— Parece que você está. Talvez isso signifique que você está pronta para sair do banho.

Maddy acenou com a cabeça, um sorriso tímido apareceu, através da plenitude de sua boca. Sua voz era hesitante, enquanto ela falava, Maddy divulgou a razão para sua diversão.

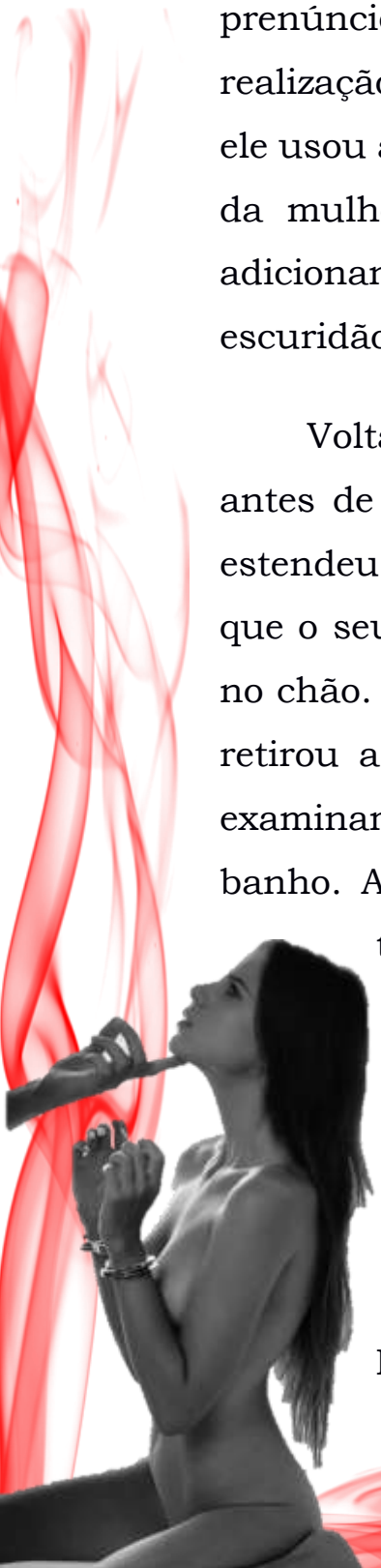
— Quando eu era jovem, meu tio sempre fingia que ele estava chateado quando eu enrugava... — Outra risada suave, enquanto o olhar em seus olhos apareceu de repente longe. — ... Ele me provocava, dizendo que isso significava que eu tinha ficado velha, enquanto estava na banheira, que a água tinha de alguma forma me envelhecido. — Mágoa, de repente se soltou nas linhas de seu rosto. — Eu sempre tive



muito medo da minha vida passar sem que eu tenha sido autorizada a vivê-la.

Como uma adaga ao coração, suas palavras haviam penetrado a alma de Aaron, lhe doía de tal maneira que ele teve que se segurar, para não tomar a pequena mulher em seus braços e confortá-la. A ironia de suas palavras o feriu, o prenúncio de eventos que se tornaram em uma triste realização revelada a ambos, naquele momento. Afastando-se, ele usou a desculpa de precisar de uma toalha para se separar da mulher que estava se forçando em sua própria alma, adicionando uma pequena centelha de luz, onde só existia escuridão.

Voltando, Aaron indicou para Maddy ficar em pé, pouco antes de enrolar a grande toalha branca em torno dela. Ele estendeu a mão, para pegar a mão dela e equilibra-la, assim que o seu delicado e pequeno pé veio para o lado, para pisar no chão. Uma vez que ela estava suficientemente seca, Aaron retirou a toalha e soltou um rosnado enquanto seus olhos examinaram o rubor quente de sua pele, devido ao calor do banho. Aaron não queria treiná-la, não podia suportar que tinha que submetê-la a mais crueldade, quando tudo que queria fazer era dar prazer a seu pequeno corpo, correr suas mãos e boca ao longo do tom rosado de sua pele.



— Você já beijou um homem antes, Rato? — A qualidade áspera de sua voz surpreendeu até a ele. Normalmente, sempre estava no controle, algo sobre

esta mulher despertou-lhe pura luxúria e necessidade, de uma forma que nunca tinha conhecido antes. O azul dos olhos dela encontrou uma tempestade tumultuosa nos dele.

— Não. — Foi a resposta tímida de Maddy, que fez o constrangimento sobre sua inexperiência evidente em sua expressão. Olhando para baixo, de repente, ela acrescentou: — Bem, com exceção de quando você me beijou.

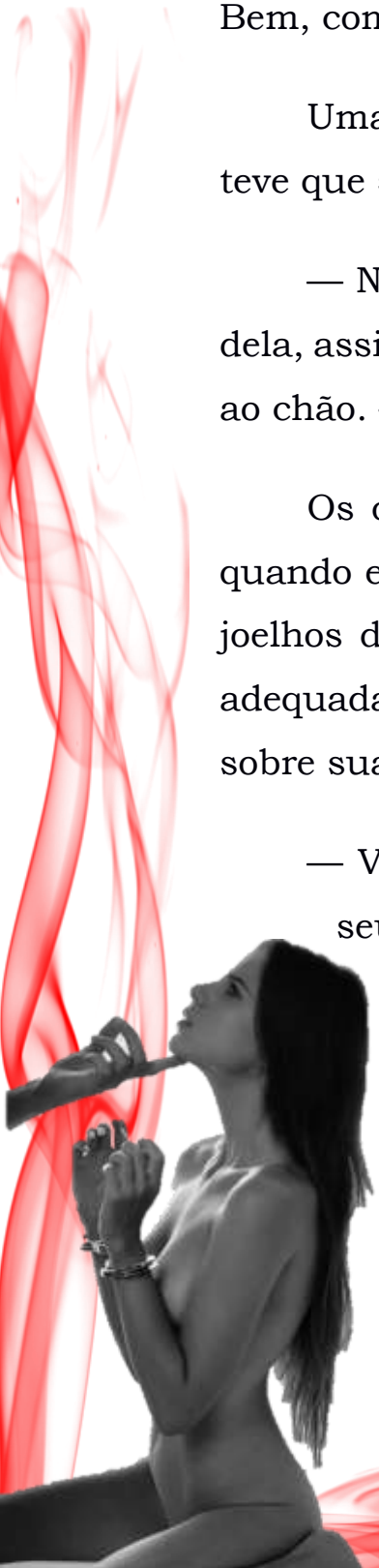
Uma risada tranquila foi seguida de um sorriso que Aaron teve que se esconder rapidamente.

— Não dessa forma. — As mão dele foram até os ombros dela, assim ele a empurrou suavemente para baixo, em direção ao chão. — Ajoelhe-se diante de mim, Madeleine.

Os olhos de Maddy se tornaram incrivelmente grandes, quando ela hesitou no início, mas finalmente cedeu a ficar de joelhos diante dele. Quando ela finalmente tomou a posição adequada na frente dele, Aaron pegou a mão dela e deslizou sobre sua virilha, ela seguia seus movimentos com olhos.

— Você já beijou um homem aqui? — Endurecendo sob seu domínio, Aaron tentou pensar em qualquer coisa que não fosse o calor e a plenitude de seus lábios enrolados em torno da largura dele. Ele viu quando ela olhou para o chão antes de voltar os olhos para a virilha dele e, eventualmente, seu rosto.

— N... Não. Eu não saberia como... — A voz dela tornou-se quieta, ele tremeu quando ela forçou as



palavras. — Eu nunca vi um homem nú, antes. — Foi uma confissão, cheia de constrangimento e apreensão.

Ele jogou cabeça ligeiramente para trás, afastou pra longe o enorme desejo de esclarecê-la sobre a anatomia masculina. Lembrando-se onde o pau dele tinha estado naquele dia, ele foi capaz de evitar puxa-lo para fora e ensinar-lhe o que significava a beijar um homem. Havia muitas maneiras que ele seria forçado a desonrar a mulher ajoelhada diante dele, mas fazê-la lamber os restos da bunda de uma socialite, não era uma delas.

— De pé, escrava. Eu tenho algo que quero te mostrar.

Maddy cumpriu imediatamente, seguindo atrás dele, quando ele a levou para o corredor em direção a seu quarto. Quando fragmentos de música escaparam de sua porta, ele sentiu Maddy parar em suas costas. Um rápido olhar por cima do ombro e ele descobriu que ela vacilou em seus pés, com os olhos arregalados pelo reconhecimento da música. Segurando a mão dela, ele a puxou para frente, enquanto abria a porta para entrar no quarto.



Ele viu o grande, estojo preto do violoncelo posicionado exatamente onde ele havia solicitado. A súbita exalação de ar atrás dele disse-lhe que Maddy, também, o tinha visto. Aaron girou rapidamente, pegando Maddy, quando ela desmaiou.

Levando-a para a cama, ele ficou preocupado com a reação dela, levemente, deu alguns tapinhas no rosto para trazê-la de volta ao presente. As pálpebras dela se abriram como borboletas que cobrem o azul profundo de seus olhos.

— O que... O que aconteceu? — Confusão franzia sua testa, ela empurrou-se em seus braços, com o olhar passando sobre o ombro dele, para o instrumento.

— Você desmaiou. — Ele riu baixinho. — Essa não foi a reação, que eu estava esperando. — A voz de Aaron tinha um ligeiro toque de humor, enquanto observava as emoções conflitantes tomarem o rosto de Maddy.

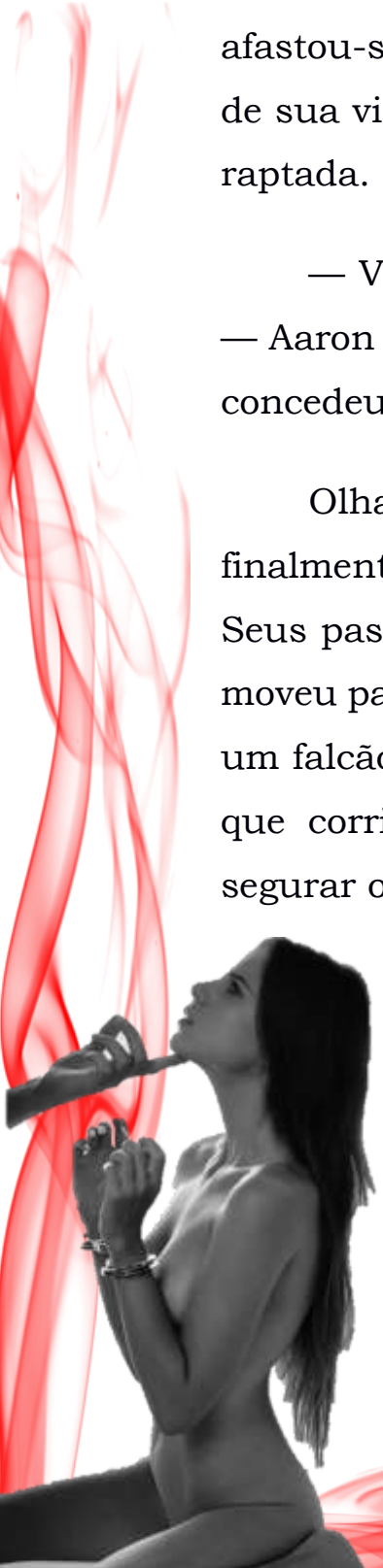


Capítulo Dezenove

Maddy continuou olhando para o estojo, sua boca movia-se como se ela quisesse falar, mas nenhum som saia. Aaron afastou-se para que ela pudesse ver melhor o grande pedaço de sua vida que tinha sido despojado dela, quando tinha sido raptada.

— Você pode olhar para ele, Rato. Isto é, se você quiser. — Aaron não poderia remediar a leveza em seu tom, assim ele concedeu-lhe permissão para inspecionar o instrumento.

Olhando entre o rosto de Aaron e o instrumento, Maddy finalmente... Lentamente... Arrastou-se para fora da cama. Seus passos pareceram hesitantes e inseguros quando ela se moveu para mais perto do instrumento. Aaron observava como um falcão, cada músculo flexionado, cada pequena expressão que corria no rosto dela, bateu contra ele quando tentou segurar o sorriso.



Alcançando o estojo, os movimentos de Maddy tornaram-se mais apressados, enquanto ela abria os inúmeros grampos ao longo das laterais. Houve uma ligeira rangida quando ela abriu a caixa e seu corpo tremia, quando viu o violoncelo posicionado, ileso, dentro do estojo. Seus dedos deslizaram

delicadamente ao longo da madeira de cor vermelha, antes de traçar o esboço da abertura esculpida no corpo do instrumento. Movendo-se mais, ela puxou levemente as cordas e desaprovou a descoberta de que elas tinham se afrouxado com o calor de onde o violoncelo tinha sido armazenado.

Ela saltou quando Aaron falou de repente.

— Gostaria de tocar para mim?

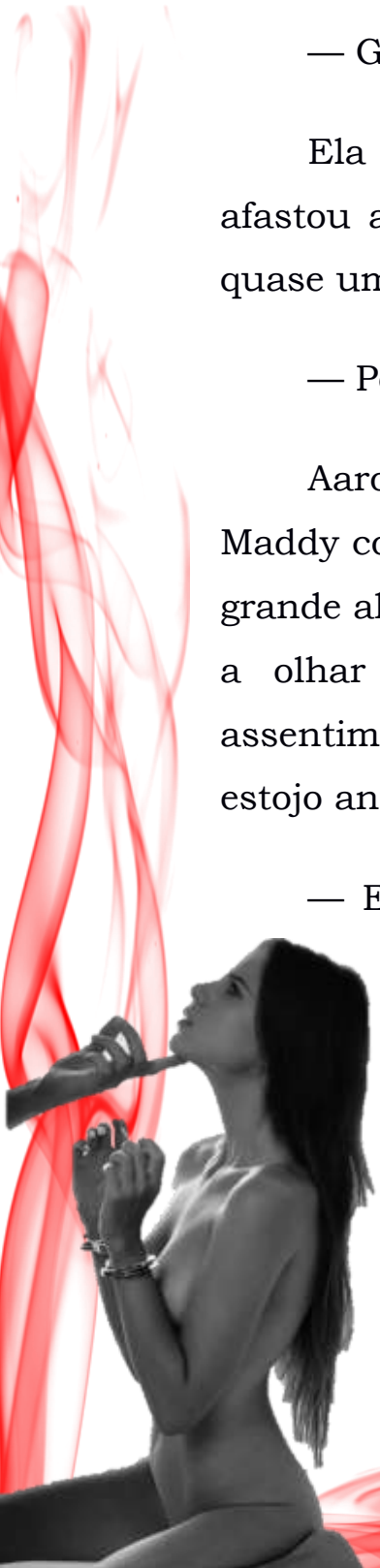
Ela ficou pensativa por um momento, o silêncio dela afastou a trepidação que corria por suas veias. Sua voz era quase um sussurro quando ela perguntou:

— Posso?

Aaron suspirou profundamente quando os olhos de Maddy correram para encontrar os dele, sua pergunta foi um grande alívio, quando ele percebeu que ela estava aprendendo a olhar para ele para pedir permissão. Acenando seu assentimento, ela começou a remover o instrumento de seu estojo antes de Aaron gritar, a detendo.

— Espere. Coloque o instrumento de volta, nós vamos levá-lo para outra sala, de modo que você possa tocar.

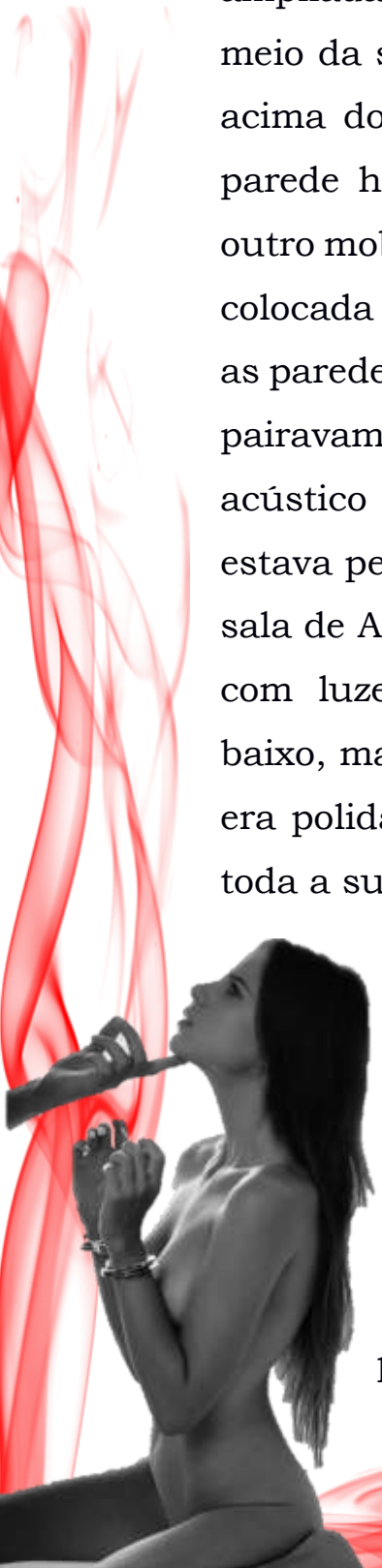
A contragosto, ela reembalou o violoncelo, rapidamente fechando o invólucro antes de levantar o estojo. Com Madeleine seguindo atrás dele, Aaron levou-a a outra porta no corredor. Retirando a chave,



ele abriu a porta antes de caminhar para dentro, na frente dela. Antes que ela pudesse entrar, ele se virou para ela e disse:

— Ninguém, além de Xander e eu já entramos nesta sala.

Uma vez que o grande corpo de Aaron tinha desobstruído a porta, Maddy engasgou quando sua visão da sala foi ampliada. Um piano de cauda, preto, estava posicionado no meio da sala, seu topo estava aberto com a partitura situada acima do teclado, pronto para ser tocado. Ao longo de uma parede havia um grande sofá de couro preto, mas nenhum outro mobiliário havia no espaço, exceto por uma única cadeira colocada ao lado do piano. Os olhos de Maddy viajaram sobre as paredes, assim que ela notou os quadrados acolchoados que pairavam sobre toda a superfície, muito úteis no isolamento acústico e ainda melhorava a acústica da sala. Acima dela estava pendurado um grande lustre. Muito parecido com o da sala de Aaron, que era um círculo de ferro pesado, pontilhado com luzes formadas para parecerem velas. Olhando para baixo, mais uma vez ela percebeu a beleza do piso, a madeira era polida, de tal forma que Maddy podia ver seu reflexo em toda a superfície.



Aaron assistia, enquanto Maddy percorria pela sala, observando atentamente, com um entendimento lento que a sala tinha sido projetada para uso de um músico. Colocando o grande estojo do violoncelo no chão, ela começou a mover-se para o piano, mas parou e se virou para olhar Aaron, pedindo sua permissão antes de prosseguir. Uma

indiscrição momentânea, ele decidiu deixar passar, não se sentindo digno de repreensão.

— Você pode se aproximar, Madeleine.

Um silêncio ensurdecedor caiu sobre a sala, exceto pela passada macia de seus pés batendo no chão, que ecoava por toda a sala. Aaron prendeu a respiração, observando sua forma nua se aproximando do piano antes de passar levemente os dedos pelas teclas. Virando-se para ele, ela perguntou:

— Você... — Ela suspirou e cobriu a boca com uma das mãos, enquanto seu corpo começou a tremer de medo. — Eu sinto muito. Posso falar sem a sua permissão?

Interessante...

Estreitando os olhos, Aaron notou que depois de ter sido lhe dado o instrumento, o comportamento de Maddy tinha ido de momentaneamente desavergonhado à submissão absoluta. Como um dilúvio, o alívio inundou seu sistema. Se ele pudesse mantê-la em um estado bem maleável, ambos estariam sendo poupados do tormento de sua punição e reinstrução.



— Você pode pedir para falar se há algo que você precisa dizer, mas nunca dentro das outras áreas do complexo. Quando estivermos no meu quarto, eu vou conceder-lhe permissão para indicar seu desejo de falar, mas fora do meu quarto, é imperativo que você permaneça em silêncio. Não fazer isso pode levar a uma reprimenda pública, uma

predileção da qual você não quer suportar. Além disso, você deve me chamar de *'Mestre'*, responder *'sim, senhor'*... *'Não, senhor'*... Essa é a maneira pela qual você vai falar comigo. — Amavelmente, ele falou as palavras, embora o seu significado contivesse uma promessa de mal, que Maddy nunca tinha imaginado que poderia existir.

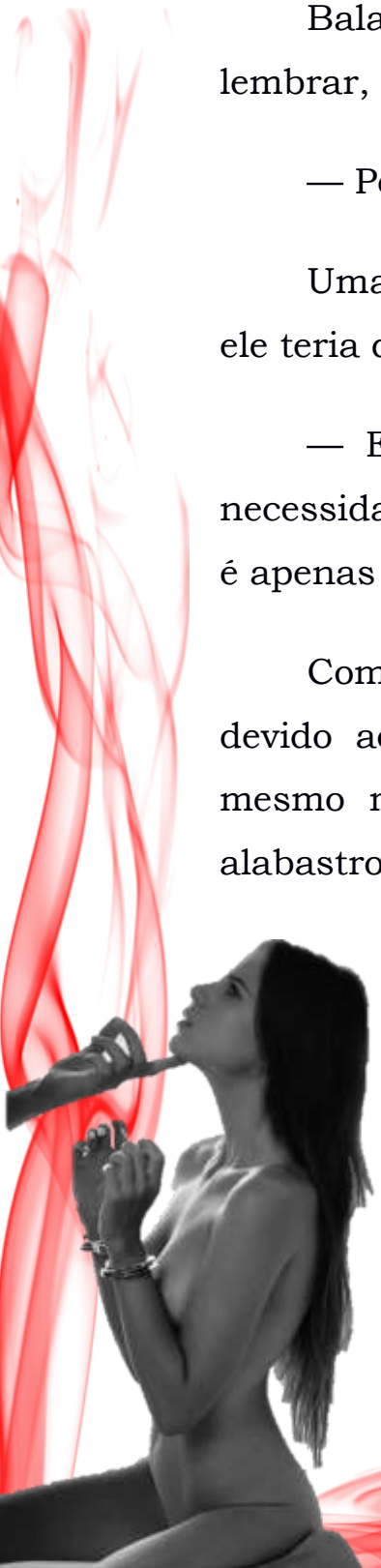
Balançando a cabeça em compreensão, Maddy parecia se lembrar, de repente, de alguma coisa.

— Posso falar Mestre?

Uma pequena risada escapou dele; divertido ao ver que ele teria que ser mais específico em suas instruções.

— Estamos no meio de uma conversa, Rato, não há necessidade de ficar perguntando se você pode falar. A questão é apenas quando houver silêncio entre nós.

Com um sorriso tímido, seu rosto foi ficando vermelho, devido ao seu embaraço. Aaron gemeu quando viu que o mesmo rubor rapidamente cobria o resto de sua pele de alabastro.



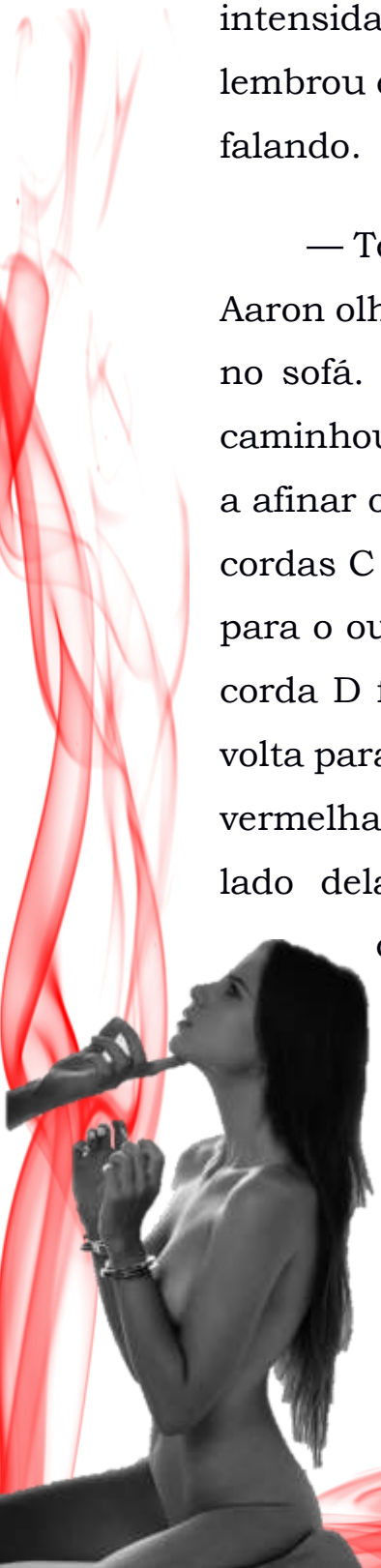
— Você toca?

Suas palavras trouxeram a atenção de seu corpo à boca, seus olhos seguiam as linhas perfeitas de seus lábios. Mais uma vez encontrando o azul de seus olhos, ele se lembrou de sua pergunta.

— Eu toco. Minha mãe ensinou, tanto a mim quanto a Xander, quando éramos jovens. — Observando como confusão e descrença enrugou a testa dela, Aaron perguntou: — É impossível acreditar que um homem que mata também possa tocar um piano?

— Eu não acho. — Olhando para baixo, Maddy evitou a intensidade do olhar de Aaron, quando sua pergunta a lembrou do verdadeiro caráter do homem com quem ela estava falando.

— Toque para mim, escrava. — Ao falar o comando curto, Aaron olhou por cima do ombro, enquanto tomava um assento no sofá. Maddy retirou o instrumento e seu arco do estojo, caminhou, até se sentar na cadeira perto do piano e começou a afinar o instrumento. Torcendo os pinos, Maddy estendia as cordas C e G, esticadas e, em sintonia, antes de passar a mão para o outro lado, para ajustar o D e A. Quase tão logo que a corda D foi apertada em sintonia, ela quebrou, rompendo de volta para bater contra o rosto de Maddy, deixando uma marca vermelha. Aaron ficou imediatamente de pé e se moveu para o lado dela, para inspecionar a marca deixada pela corda quebrada.



— Você está bem?

— Sim... Sim, mestre. — Ele colocou a mão no rosto dela para examinar o pequeno vergão deixado pela corda. — Isso já aconteceu antes, perigos de ser uma músicista, eu acho. — Ela o olhou através de

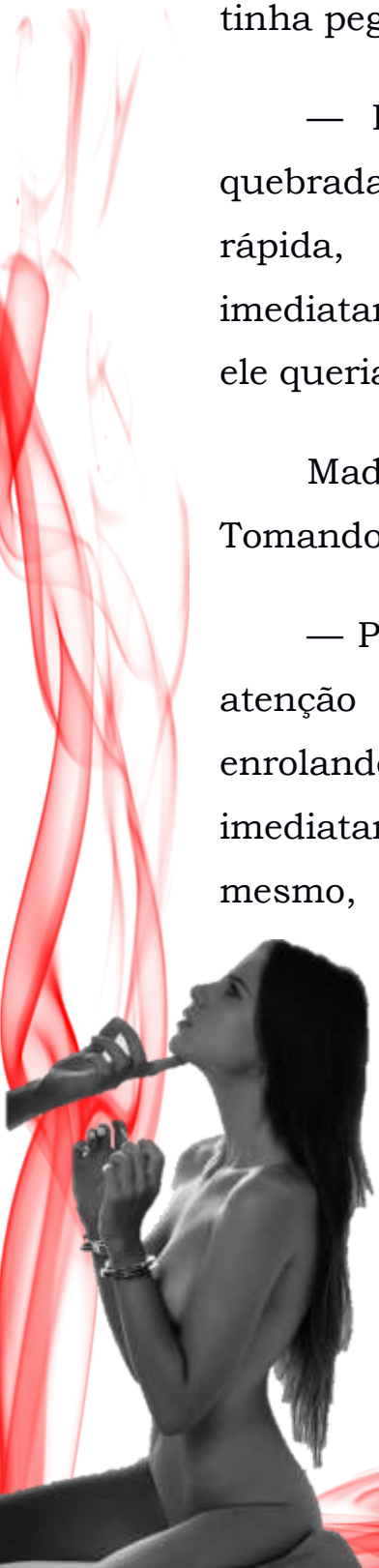
seus cílios. — Eu tenho outra corda no meu estojo, se eu puder ir recuperá-la.

Depois verificar que a marca não era nada mais do que uma picada superficial, que iria curar em menos de um dia, Aaron voltou para o sofá, esperou que Madeleine puxasse a corda quebrada do instrumento e substituísse com a que ela tinha pegado de seu estojo.

— Rato, quando tiver terminado, traga-me a corda quebrada. — Houve uma mudança na expressão facial dele, rápida, que lhe trouxe confusão, mas ela obedeceu imediatamente à ordem, sem se atrever a perguntar por que ele queria a corda.

Madeleine atravessou a sala para entregar-lhe a corda. Tomando-a de sua mão, Aaron olhou para cima antes de dizer:

— Permaneça em pé na minha frente. — Desviando sua atenção de volta para a corda, ele formou um círculo, enrolando-a nela mesma. — Dê-me sua mão. — Maddy imediatamente estendeu a mão direita, fazendo-o rir de si mesmo, pensando que, se ele tivesse pensado em obter o violoncelo na noite em que ela chegou, eles poderiam ter evitado um monte de drama. Deslizando a corda em torno de seu pulso, ele apertou-a, até que se encaixou confortavelmente contra a pele dela. Olhando para cima, o verde-esmeralda os olhos dele colidiu com seu olhar perplexo. — Você sabe por que estou permitindo que você toque?



— Não.

Ele riu e arqueou uma sobrancelha para o esquecimento dela.

— Não o quê?

Outro sorriso tímido.

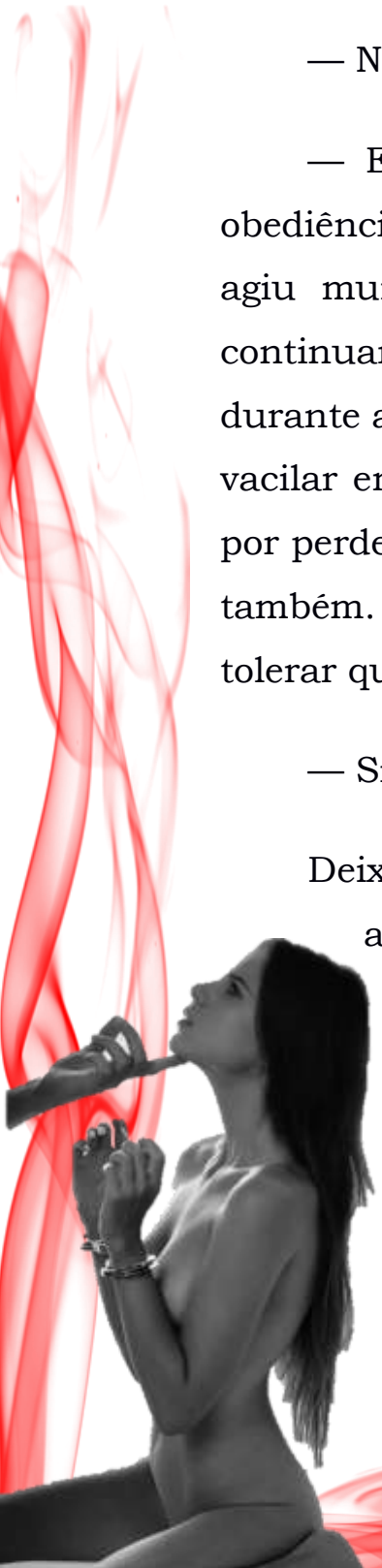
— Não, Mestre.

— Eu a deixei tocar porque é um presente para sua obediência, bem como a roupa que lhe dei, anteriormente. Você agiu muito bem desde que eu voltei para casa. Se você continuar assim, vai lhe ser permitido uma hora por dia, durante a qual você pode tocar nesta sala. No entanto, se você vacilar em desobediência, você vai ser punida, e não apenas por perder sua hora por dia para tocar, mas por outros meios também. Eu posso ser um mestre amável, mas eu não vou tolerar qualquer rebelião ou falta de respeito. Você entendeu?

— Sim, Mestre.

Deixando escapar um suspiro aliviado, Aaron acenou com a cabeça uma vez.

— Bom. Essa corda vai lembrá-la de que você pode ter. Quando você se comportar mal, ela será removida e substituída por outro tipo de amarra.

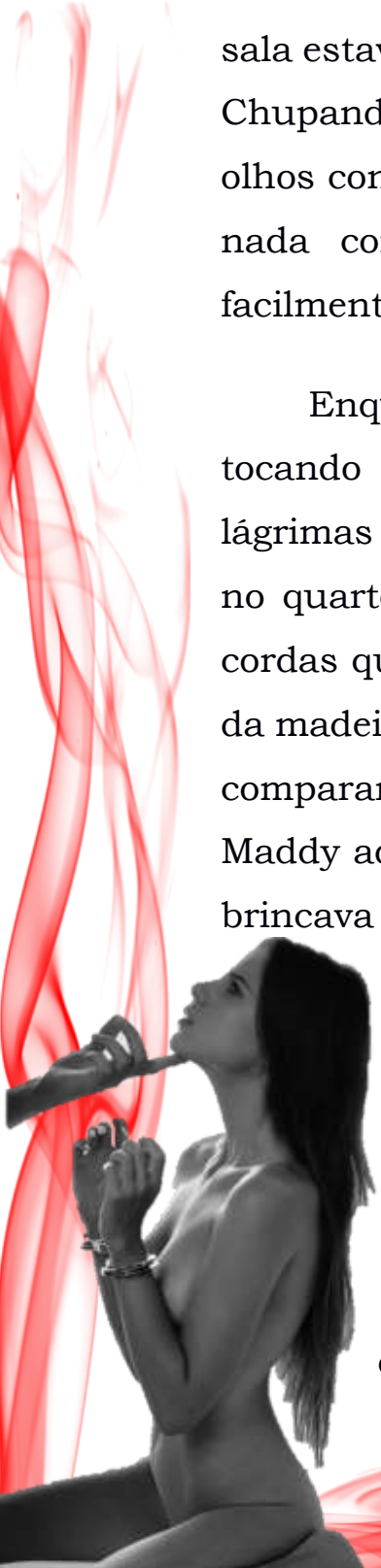


Maddy não respondeu às palavras, apenas ficou olhando para ele, com os olhos a marejar, com a ameaça de perder algo que mantinha tão perto de seu coração.

— Vá tocar.

Quando ela voltou para a cadeira, Aaron aproveitou a bela visão diante dele, até que ela se sentou. Dentro de instantes, a sala estava repleta com o som de barítono de seu instrumento. Chupando uma respiração dura, Aaron teve que fechar os olhos contra a beleza do tom e qualidade da música. Não era nada como os CDs e aquele som não se reproduziria facilmente, até mesmo por sistemas de som de alta qualidade.

Enquanto Aaron se sentou. Com reverencia à música tocando pela sala, os olhos de Maddy finalmente lançaram lágrimas que ela queria lançar desde descobriu o instrumento no quarto dele. Ela estava fascinada, desde a sensação das cordas que corriam ao longo de seus dedos, à vibração suave da madeira quando ela produzia o som tão belo, nada podia se comparar com aquela beleza. Com uma única nota no início, Maddy adicionou sentimento, ao som profundo, enquanto ela brincava lentamente ao longo das cordas, construindo um ritmo que ela também mudou ao longo da escala de notas mais agudas. Esta peça tinha sido a que ela tocou na noite que tinha sido raptada, a música, era sensual em sua complexidade... Difícil, mas suave, um pulso de condução que foi construído a partir de momentos de expectativa e necessidade. Ela tinha escrito a peça como uma mulher inexperiente, nunca



sabendo o que o toque de um homem ou seu desejo poderia consumi-la, quando acariciada pela mão do homem sentado à sua frente. No entanto, de alguma forma, ela tinha adivinhado corretamente ao compor a peça, tinha encontrado uma maneira de expressar a paixão que poderia ocorrer entre dois amantes no mais íntimo dos encontros.

Trazendo o ritmo de volta a um passo mais lento, ela se aproximava do fim da canção, enquanto espreitava Aaron, através de seus cílios. Era como uma floresta proibida, no meio de uma tempestade muito forte, os verdes multi-coloridos brilhavam, enquanto os olhos dela ardiam nos dele, com o rosto ultrapassado por uma expressão que ela nunca tinha visto antes. Ela perdeu seu lugar na música quase que instantaneamente, hipnotizada pela intensidade daquele olhar. Sem saber por que, de repente, seu coração acelerou com a batida contra a parte de trás de seu instrumento, sua respiração ficou ofegante e irregular. Quando Aaron de repente se levantou e caminhou para ela com um ar de superioridade, perigosamente suave, o arco escorregou de seus dedos, fazendo barulho contra o chão de madeira. Ele parou bem perto de onde ela estava sentada, tomou o violoncelo de suas mãos e colocou-o de lado.



O peito de Maddy arfava, na expectativa, sem saber por que ele olhava para ela, daquela forma, não sabendo se ela o havia perturbado de alguma forma. Ela manteve os olhos treinados para o chão, sem se atrever a olhar para os olhos de um predador

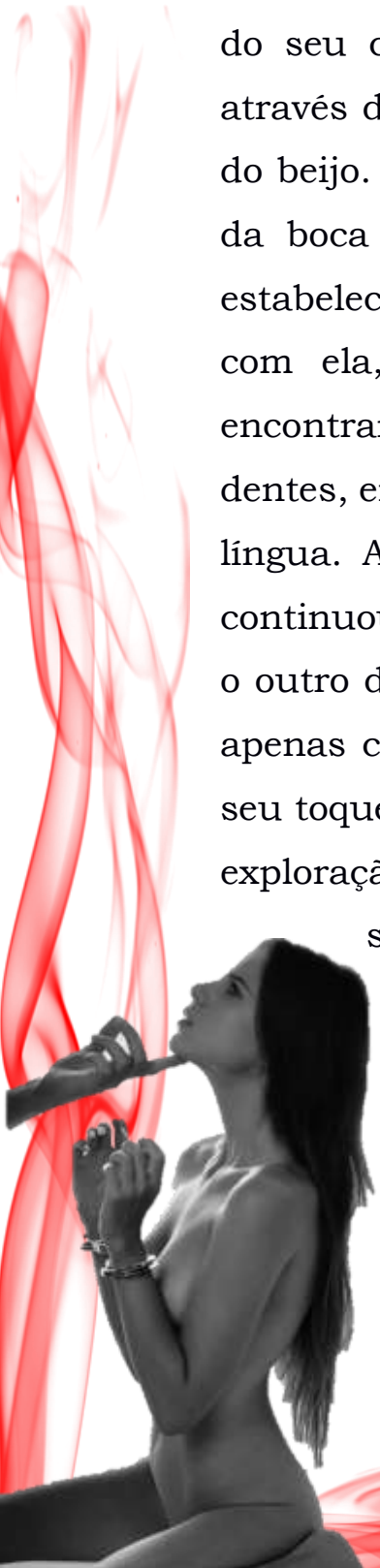
como ele. Quando ele se ajoelhou, o corpo dela tremeu com o calor emanado por ele. Ele estava tão perto, mas não se moveu, apenas olhava para ela, queimando trilhas ao longo de sua pele, enquanto a encarava. As mãos subiram para agarrar os joelhos dela. Separando as pernas dela, ele deslizou as mãos ao longo da pele suave de suas coxas, o corpo dela tremia ainda mais violentamente, com os polegares dele rastreando ao longo de suas partes mais íntimas, enquanto movia as mãos para cima, ainda mais, ao longo do seu tronco, ao longo da borda de seus seios. Movendo-se entre suas pernas separadas, ele agarrou a cabeça dela entre as mãos, a mantendo no lugar, enquanto olhava fixamente em seus olhos.

— Eu vou te beijar, Rato, e seria melhor se você me deixasse fazer isso e não mordesse dessa vez. — Houve um brilho de um sorriso nele, antes que o calor de sua boca estivesse nos lábios dela. Na primeira tentativa, ele parecia inseguro, mas Maddy lhe permitiu mover-se sobre ela, tendo o poder sobre o corpo dela. A língua, invadiu sua boca, de repente, ele a movimentava de forma sinuosa, puxava e mordia delicadamente seus lábios, assim que ele trabalhava em frenesi, com apenas um beijo. O silêncio na sala estava cambaleando, quando ela foi engolida, totalmente consumida pelo movimento da boca dele contra a dela.



O coração de Maddy pulsava rapidamente contra as paredes do peito, ela suspirou na boca dele, enquanto ele afastava a mão de seu rosto para

encontrar seu seio, colocando força, seu indicador e polegar prenderam rapidamente o mamilo. Ele, lentamente deslizou a outra mão de seu rosto, mas menteve a boca firmemente unida contra a dela. Sentiu quando ele deslizou a mão para o lado de seu corpo, escovado ao longo do lado de seu outro peito, ele a descansou no ápice de suas coxas. Seu dedo traçou ao longo do vinco de sua pele sensibilizada, cercando a protuberância do seu cume, enviando um calafrio gloriosamente violento através de seu corpo, foi tão forte que ela teve que se afastar do beijo. A cabeça dela caiu para trás, quando o calor úmido da boca dele viajou ao longo do arco de seu pescoço, se estabelecendo na junção de seu ombro. A língua dele brincava com ela, enquanto ele se movia mais baixo, finalmente encontrando a ponta de seu outro peito, levou-o entre os dentes, enquanto lambia sobre ele com a superfície lisa de sua língua. As mãos dele continuavam seu tormento, um dedo continuou num ritmo extenuante sobre seu clitóris enquanto o outro dedo deslizou para baixo da carne lisa até descansar apenas contra a abertura de seu corpo. Ela se empurrou ao seu toque, desesperadamente querendo que ele continuasse a exploração, a empurrar dentro dela, introduzindo-lhe a sensação que ela sentiria ao ser invadida por um homem. Mas, assim que ela o empurrou para dentro, quase o levando a romper a superfície, ele afastou-se, apenas para recolocar o dedo sobre aquele mesmo local, mais uma vez.



— Por favor, Mestre, por favor. — Rouca com a necessidade, sua voz mal saia da garganta, quando ela lhe pediu para empurrar dentro dela.

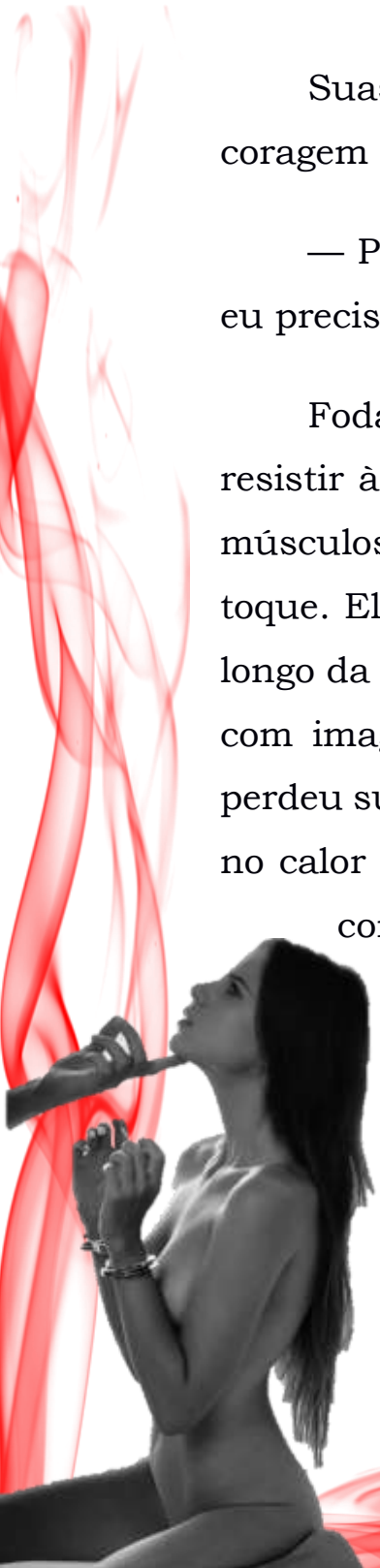
Aaron soltou seu peito apenas o suficiente para rir perversamente, antes de perguntar:

— Tão impaciente. O que você precisa de mim, Maddy?

Suas bochechas se inflamaram de rosa, ela construiu coragem de lhe dizer que precisava.

— Por favor, empurre dentro de mim. Eu... Eu acho que eu preciso... Eu quero saber como é.

Foda-se! Ele era um filho da puta, mas Aaron não podia resistir à melodia sedutora de sua voz, a maneira como seus músculos se apertavam em seus dedos, tão ávida por seu toque. Ela se retorceu contra ele, seus quadris se moviam ao longo da cadeira, em rotações eróticas que encheu sua cabeça com imagens dela movendo-se em seu colo. Finalmente ele perdeu sua capacidade de resistir a ela, ele empurrou um dedo no calor apertado de seu corpo, a pele era ondulada e macia contra seu dedo, quando ele empurrou, sabendo que ia encontrar um local, que tinha certeza, que iria fazê-la gritar. Afinal, esta era a primeira vez que um homem tinha estado dentro dela, a primeira vez que iria experimentar o sentimento de ser levada por uma mão, que não fosse sua própria... Um pensamento lhe ocorreu naquele momento, uma

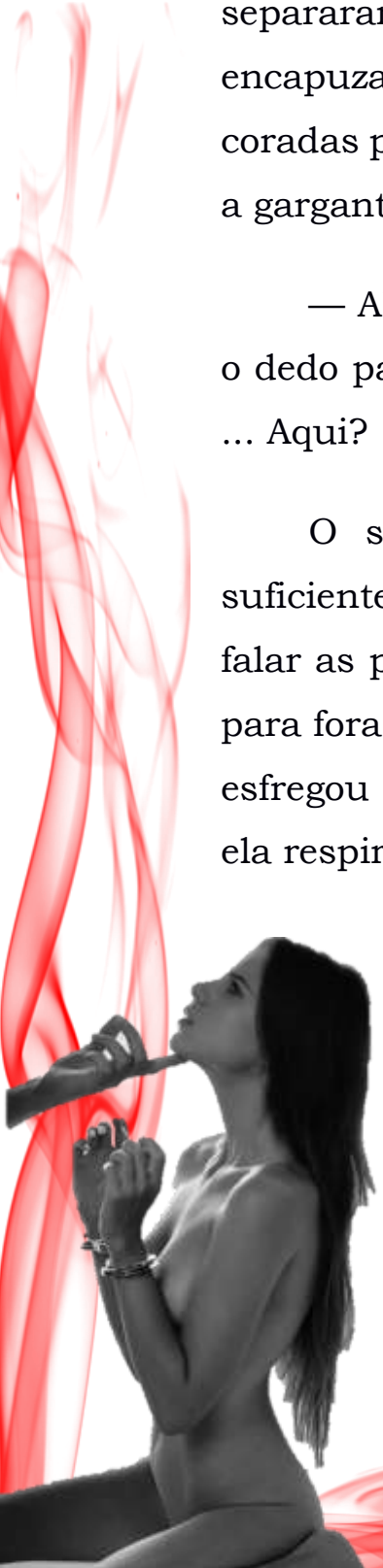


brincadeira perversa que ele queria jogar com a mulher que se aproximava do orgasmo, acima dele. Ele parou de repente, parou de provocar os seios dela com a mão e a língua e saiu dela, para descansar a ponta do seu dedo contra sua abertura.

Olhando para cima, ele se maravilhou com expressão luxuriosa sobre o rosto dela, os lábios, de forma completa, se separaram com sua respiração ofegante. Seus olhos estavam encapuzados e mais brilhantes, suas bochechas estavam coradas pelo jeito que ele estava fazendo-a se sentir. Limpando a garganta, ele perguntou:

— Alguma vez você já se tocou, Maddy... — Empurrando o dedo para frente, ele mal violou o interior de seu núcleo. — ... Aqui?

O sangue adicional que surgiu no rosto dela foi o suficiente como uma resposta, mas queria fazê-la dizer isso, falar as palavras que ele sabia que não seria fácil de rolarem para fora de sua língua. Travando sua respiração, o peito dela esfregou contra queixo dele, para frente e para trás enquanto ela respirava e ele esperava, que ela respondesse.

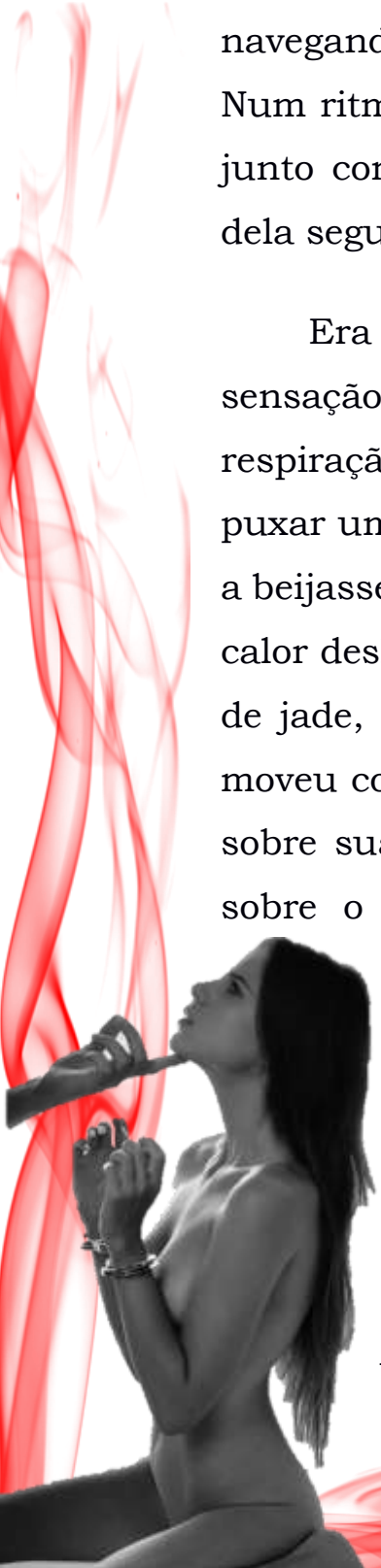


— Não... Mestre. — Sua tranquila confissão o deixou saber que ela era mais inocente do que ele pensava.

— Dê-me sua mão. Coloque a outra na minha cabeça quando eu te beijar de novo. Gosto de sentir a força da mão de uma mulher no meu cabelo,

enquanto eu dou prazer a ela. — Subindo mais, para agarrar a mão trêmula de Maddy, Aaron rosnou quando a puxou para baixo, enquanto a outra mão dela se enroscou na espessura de seu cabelo. Forçando a mão dela para baixo, ele tocou, junto com ela sua parte mais íntima e extremamente excitada, empurrando os dedos dela, dentro do próprio corpo. Empurrando dentro ela, ele manteve a pressão sobre ela, navegando-a perto do local usado para romper uma mulher. Num ritmo de provocação, ele a moveu para tocar esse ponto junto com ela, seu coração disparado quando sentiu a mão dela segurar forte, em seu cabelo, puxando a pele na base.

Era o êxtase envolto ao pecado, Maddy perdeu-se com a sensação desconhecida infligida dentro de seu corpo, sua respiração ficou tão errática que ela precisava se lembrar de puxar um sopro. Ele instruiu-a a tocar seu cabelo quando ele a beijasse, mas o rosto dele não se moveu do lado do seu peito, calor deslizava ao longo de sua pele, os olhos dele ficaram cor de jade, em chamas, ao ver a expressão dela quando ele se moveu com ela, dentro dela. Quando a boca de Aaron desceu sobre suas mãos, quando sua língua serpenteou em círculo sobre o feixe de nervos hipersensíveis, ela gritou com a liberação. Havia um vulcão em erupção dentro dela, Maddy sentiu como seu corpo convulsionou, quando seu orgasmo a atingiu como uma avalanche. Seus ouvidos zumbiam com a súbita onda de sangue através de seu corpo, sua pele brilhava com o fino brilho de suor produzido pelo calor inacreditável que Aaron estava forçando através dela. Ela pensou que



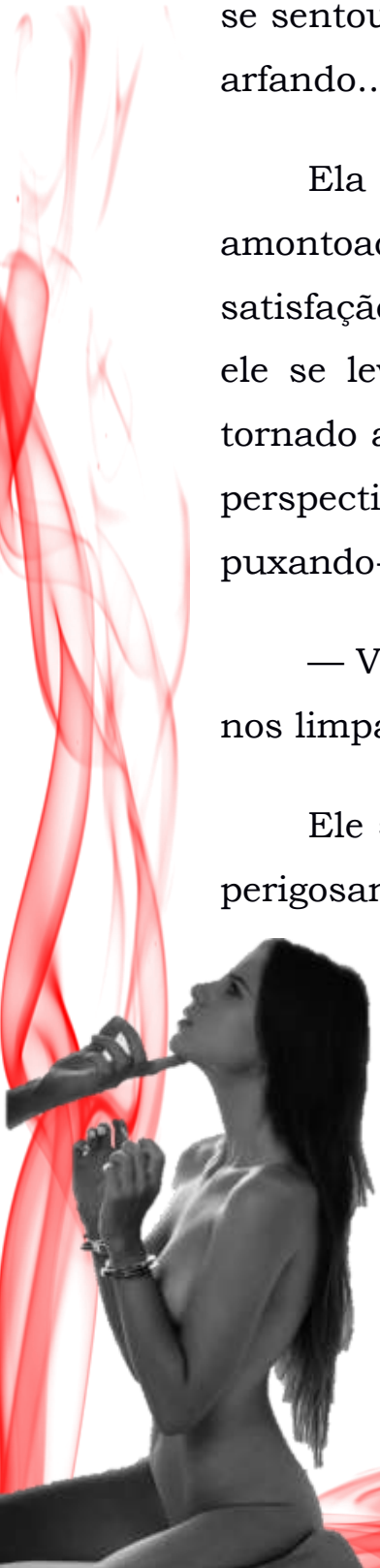
iria se rasgar, a partir da intensidade do orgasmo, aos poucos, começou a se acalmar, pequenos tremores ainda viajaram ao longo de sua pele; ela desceu de um pico tão alto e não tinha certeza de como viveu tanto tempo sem experimentar isso.

A boca de Aaron continuou a sucção até que o último de seus tremores se acalmou. Quando ele puxou as mãos livres e se sentou longe dela, seu corpo ficou mole na cadeira, o peito arfando... Dolorido, na pele apertada de seus seios inchados.

Ela olhou para ele, sua mente não passava de um amontoado de desordem quando ele sorriu para ela, vitória e satisfação estavam escritos através de sua expressão. Quando ele se levantou, ela podia ver onde suas calças haviam se tornado apertadas contra ele parecia doloroso a partir de sua perspectiva. Ele estendeu a mão, tomando-lhe a dela e puxando-a da cadeira.

— Vamos tomar um banho, Rato, que ambos precisamos nos limpar.

Ele sabia que deveria parar, sabia que estava patinando perigosamente perto da linha que não se atrevia a atravessar... Mas a tentação foi demais. Puxando-a atrás dele, pelo corredor, eles entraram no quarto dele ao som do CD, que se aproximava do fim. Maddy caminhou vertiginosamente atrás dele, seu ocasional passo perdido cativou um homem não acostumado com uma mulher inexperiente. Levando-a para o banheiro adjacente ele lutou para se lembrar de que esta



mulher estava sendo treinada. Finalmente encurralando seu desejo, ele soltou a mão dela para instruí-la.

— Ajoelhe-se junto à entrada para o chuveiro. Mantenha as mãos no seu colo e os olhos treinados para o chão, até eu a instruir de forma diferente. Toda vez que estivermos em público, esta será a posição que você vai ficar ao meu lado. Não importa se eu estou sentado ou em pé, quando não estivermos em movimento, você deve permanecer no chão, ao lado de meus pés.

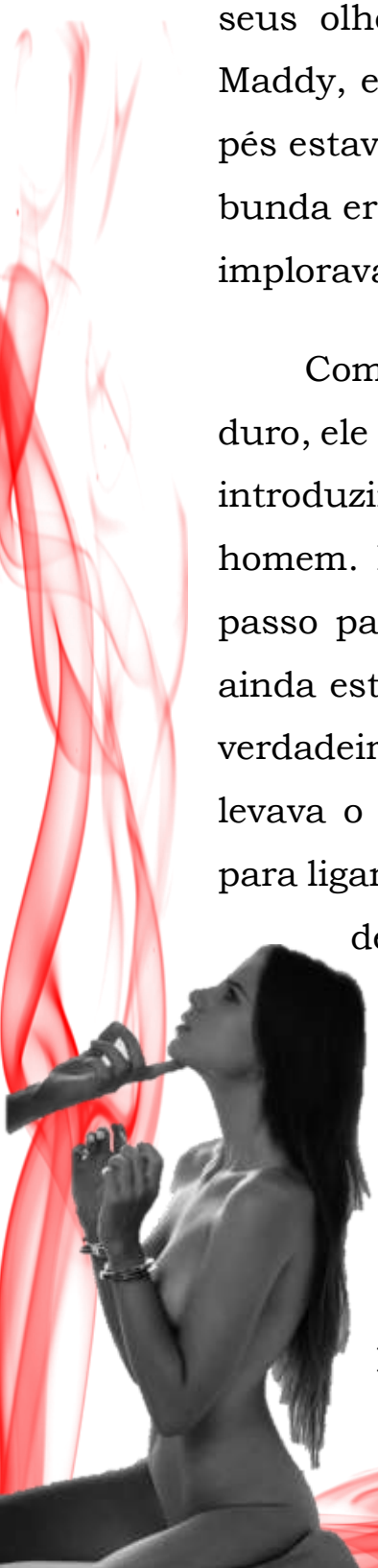
Maddy cumpriu imediatamente, um pouco aliviada por estar fora de suas pernas trêmulas, mas também desconfortável com os joelhos contra a superfície dura do chão de pedra. Apesar de seu desconforto, ela ficou nesta posição, Aaron moveu-se para onde ela não podia vê-lo, mas ela ouviu o som de um zíper sendo puxado para baixo e o material de suas calças caindo no chão.



Capítulo Vinte

Aaron deu um passo para fora das calças e permitiu que seus olhos passassem sobre a curva perfeita do corpo de Maddy, enquanto ela se ajoelhava no chão do chuveiro. Seus pés estavam dobrados embaixo dela, a forma completa da sua bunda era pura sedução, a inclinação carnuda do seu quadril implorava por sua mordida.

Com a mão correndo ao longo da largura de seu pênis duro, ele a olhou, imaginou-se enterrado em suas profundezas, introduzindo-a para o que se sente ao ser tomada por um homem. Deixando para trás seus pensamentos, ele deu um passo para trás daquela borda perigosa, lembrando que ela ainda estava sendo mantida em cativeiro, ainda não era uma verdadeira participante voluntária. Mas sua necessidade levava o melhor sobre ele, o levou para dentro do chuveiro, para ligar a água, enquanto ela permanecia de joelhos à espera de seu próximo comando. Lavou o último resquício da socialite fora de seu corpo e esperou, permitiu a Maddy uns momentos pensando sobre o que ele faria em seguida.

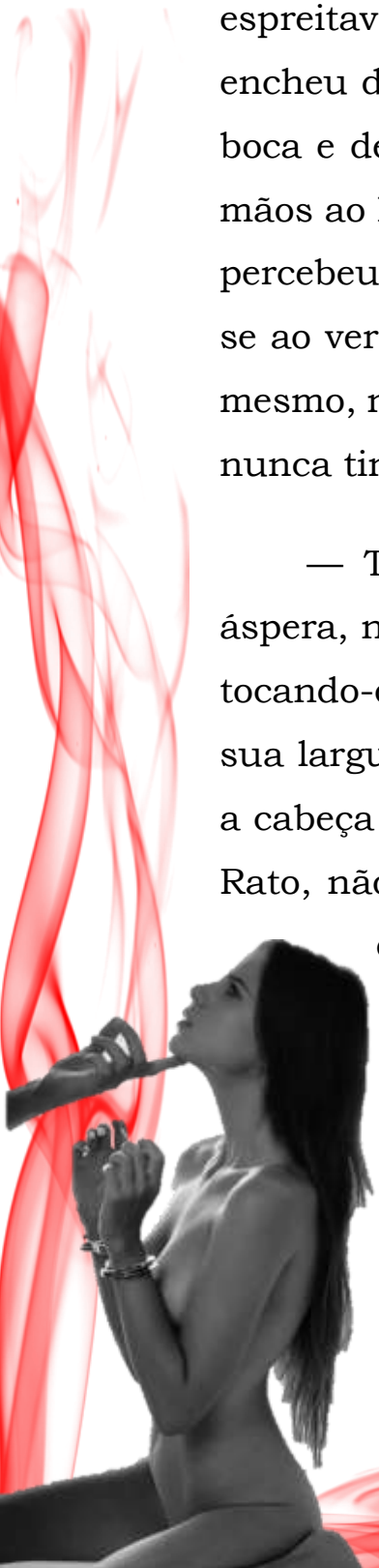


Uma vez que a temperatura da água causou vapor dentro do espaço submerso, ele a chamou. Ele podia ver como a silhueta dela mudou-se, para a

posição de pé, a curva de ampulheta flexível do seu corpo era exuberante e requintadamente feminina, seu pau inchou ainda mais; antecipando o sangue do Sul, em preparação para sua conquista.

Quando ela entrou no spray de água, o marrom mogno de seu cabelo grudou sobre a pele dela, as pontas de seus seios espreitavam para fora da cortina de cabelo. A língua de Aaron encheu de boca, por seu desejo de puxar um desses bicos na boca e deixar uma marca reveladora da sucção. Correndo as mãos ao longo da água em forma de cascata sobre o corpo, ele percebeu como os olhos dela olhavam para baixo, ampliando-se ao ver um homem nú, pela primeira vez. Aaron riu para si mesmo, não tendo a certeza do que fazer com uma mulher que nunca tinha visto um homem no seu mais duro esplendor.

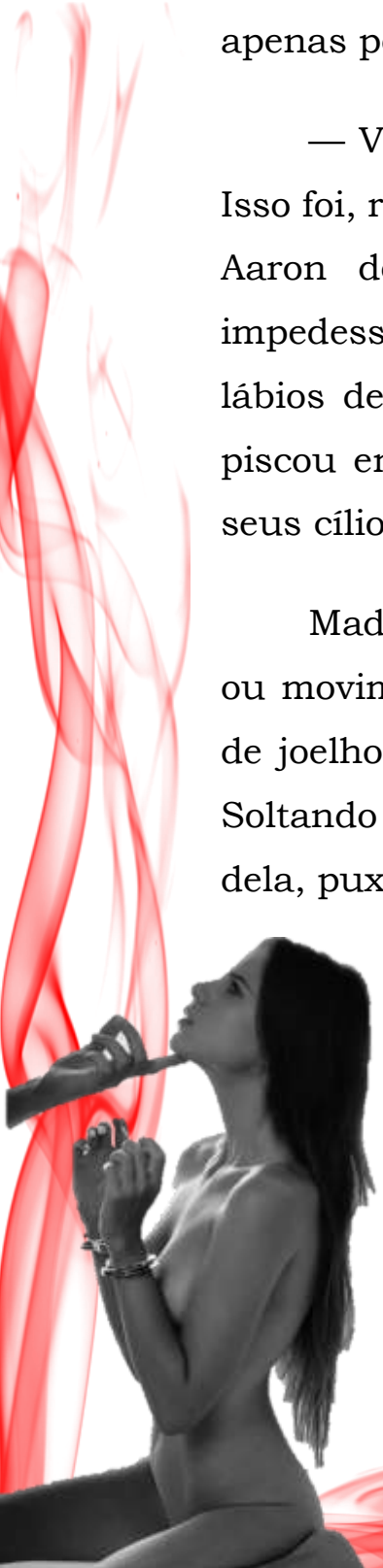
— Toque-me, escrava. — Sua voz era como cascalho, áspera, necessitada. Quando a mão dela disparou para frente tocando-o timidamente, em seguida, agarrando plenamente sua largura, ele quase se lançou sobre ela. Aaron deixou cair a cabeça para trás e ordenou. —Alisa para frente e para trás, Rato, não há nenhuma necessidade de ser tímida. — A mão dela moveu-se cautelosamente sobre seu pênis, eram apenas umas cócegas, em comparação com suas garras. Ele estendeu a mão para agarrar a mão dela, para forçá-la a apertar em torno de sua largura e lhe mostrou o ritmo que ele preferia. Os olhos dela permaneceram treinados em suas mãos, na intimidade de seu toque.



Quando Maddy foi ensinada como tocar um homem, ela parecia maravilhada com a sensação da pele de seda sobre o músculo inchado. Finalmente, puxando os olhos do que eles estavam fazendo, ela olhou para o rosto dele, a surpresa nos olhos dela ao descobrir que ele estava olhando para ela, a deixou surpresa e com a temperatura elevada, sua respiração ficou presa, a mão já não se movia por conta própria, mas apenas porque ele continuou a empurrá-la junto.

— Você quer saber o que significa beijar um homem? — Isso foi, rapidamente, se tornando muito mais perigoso do que Aaron deveria ter permitido, mas não havia nada que impedesse seu desejo de saber qual era a sensação de ter os lábios deliciosos, acondicionados, em torno de seu pau. Ela piscou em resposta à pergunta, gotas de água escorriam de seus cílios. — Ajoelhe-se, escrava.

Maddy seguiu as instruções, sem perguntas, sem protesto ou movimento. Uma vez que ela estava firmemente plantada de joelhos diante dele, a culpa dele feriu seus pensamentos. Soltando a mão de seu pênis, ele colocou um dedo sob o queixo dela, puxando o rosto para olhar para ele.



— Você quer fazer isso?

Os olhos dela procuraram os dele, uma estranha luz brilhava por trás deles.

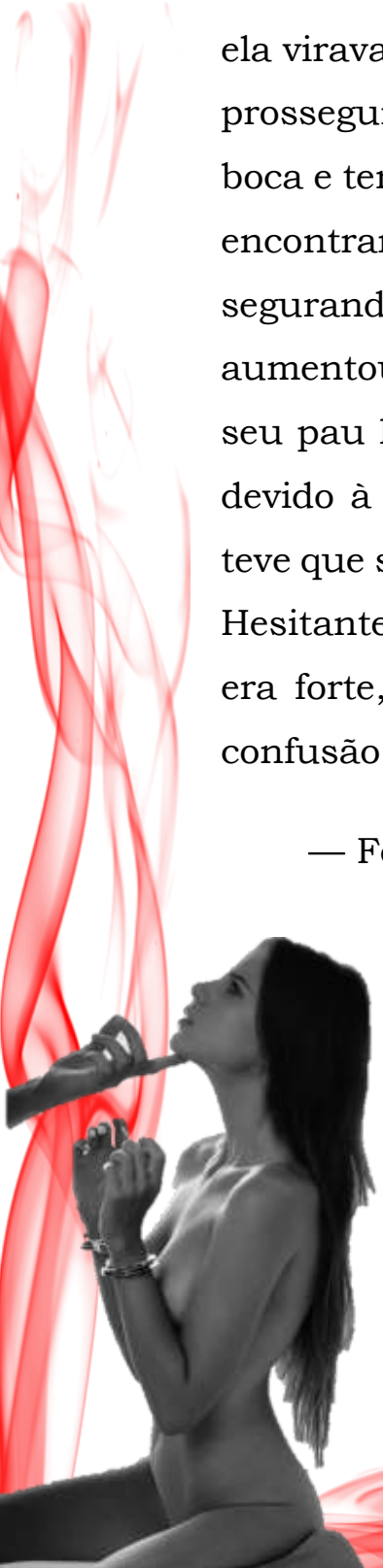
— Eu não sei como... Mas posso tentar.

Essas palavras, ditas de lábios tão puros romperam qualquer determinação que Aaron tinha.

— Então me beije, Madeleine.

Seus lábios se separaram quando ela se inclinou para frente, não sabendo exatamente o que deveria fazer. A ponta de sua língua sacudiu para fora, molhando os lábios, enquanto ela virava a cabeça, tentando encontrar um ângulo com o qual prosseguir. Tendo encontrado um, ela abriu um pouco mais a boca e tentou tomar o pau dele. Assim que seus lábios e língua encontraram a pele esticada de seu eixo, ele resistiu, se segurando para deixá-la confortável, mas sua tortura só aumentou, quando ela parecia se amamentar com a ponta de seu pau latejante e pesado. Seus dentes roçaram a pele dele, devido à falta de experiência, mas ele saudou a dor aguda e teve que se esforçar mais ainda para não explodir na boca dela. Hesitante, ela moveu-se para frente, a sucção de sua boca, não era forte, mas o suficiente para fazer do trabalho dele uma confusão trêmula.

— Foda-se!



Mais uma vez ele jogou a cabeça para trás, mas imediatamente trouxe-a para frente para que pudesse ver como ela trabalhava em seu pênis. O calor quente de sua boca parecia um inferno sobre a pele sensível. Ele não poderia durar mais tempo, esta mulher não sabia nada do que estava fazendo, mas de alguma forma superou até mesmo a mulher

mais experiente. Foi o melhor boquete que ele já tinha recebido? Nem de perto, mas era a mulher que lhe dava esse prazer, a mulher que o havia enrolado com tanta força em uma bola que seu ponto de ruptura foi tão curto como quando ele era um adolescente, pós-puberdade...

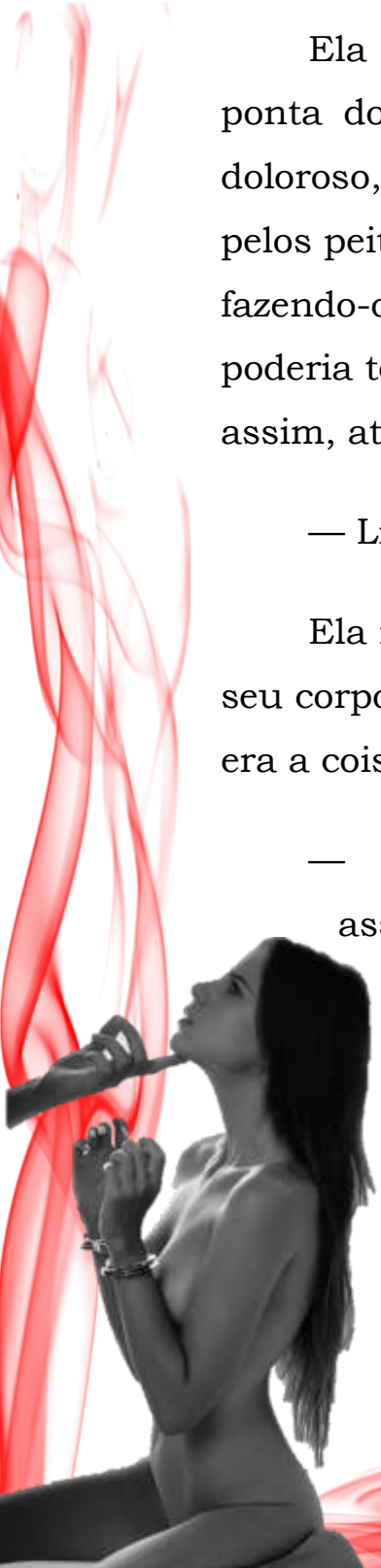
— Deixe-me ir, Rato. Solteme, agora.

Ela o tirou da boca, a tempo de ver ele se derramar, da ponta do pênis até à plenitude dos seus seios. Era quase doloroso, observar o gotejamento da sua semente escorrer pelos peitos de Maddy. Ela parecia chocada por um momento, fazendo-o sorrir, mais uma vez, a sua inexperiência. Ele poderia ter gozado na boca dela, mas ele não queria fazer algo assim, até que ela soubesse o que iria ocorrer.

— Limpe-se, Maddy. Lava-me fora de sua pele.

Ela moveu as mãos sobre os seios, enquanto lavava-o de seu corpo. Foi uma atividade bastante inocente, mas para ele, era a coisa mais sensual que já tinha visto.

— Levante. — Maddy levantou-se, com os olhos assustados, como se estivesse procurando algum sinal de aprovação. — Você é uma boa menina, Madeleine. Não há necessidade de você se questionar o que acabou de fazer para mim. — Sem querer levar a situação ainda mais longe, Aaron beijou suavemente sua boca inchada, antes desligar a água.



Aaron levou sua escrava até às portas do chuveiro, deixando-a na entrada, enquanto buscava uma toalha. Ele prendeu a respiração em seus pulmões, quando se virou e encontrou Maddy ajoelhada na posição que ele a instruiu a tomar antes. Quando ele se aproximou dela, se abaixou, para envolver a toalha em volta dela, agarrando ao longo do corpo dela, para puxá-la até seus pés. Ela olhou para ele, com algo diferente nos olhos, o azul era tão sereno que imitava um lago de montanha há muito esquecido... Um azul nítido, reflexivo como um espelho.

Uma vez seco, Aaron entrou em seu quarto, Madeleine logo atrás.

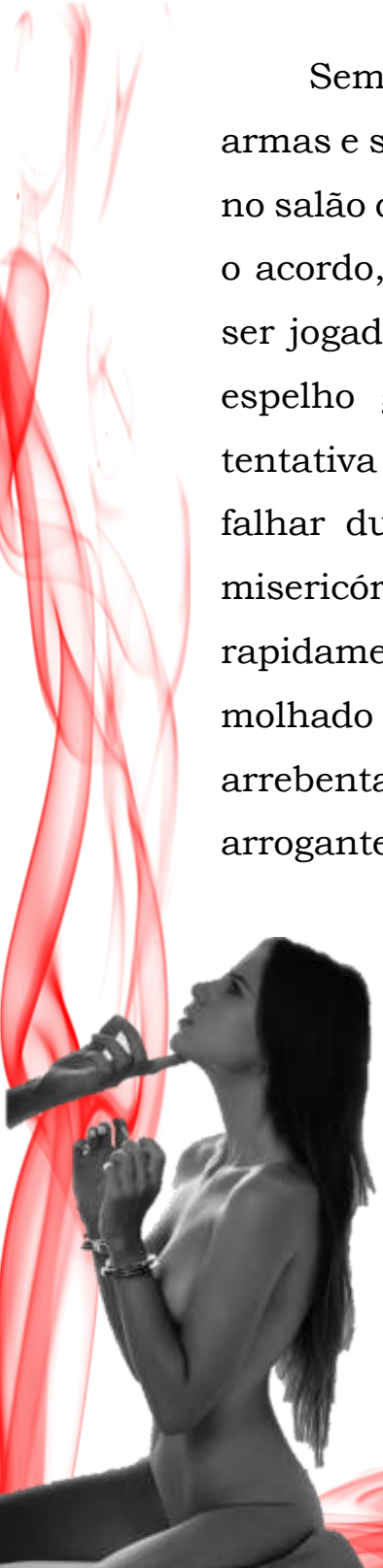
— Vá se ajoelhar ao lado da cama, Rato. — Como Maddy cumpriu sem hesitação, Aaron foi até seu armário, para se vestir. Pegou uma calça cinza, um cinto de couro liso e uma t-shirt preta, ele terminou de se vestir rapidamente e saiu, para descobrir Xander de pé em sua porta. Pavor arrastou-se instantaneamente na espinha de Aaron quando notou o olhar no rosto de Xander.



— Eu tenho notícias, Aaron. Você não vai gostar. — A voz de Xander lhe disse que sua reação ia ser muito mais escura do que simplesmente não gostar do que ele tinha que ouvir. Quando Aaron não respondeu, Xander rapidamente tomou isso como uma dica para continuar. — Sua escrava deve ser apresentada para a The Estate, dentro de uma hora. Seu pai renegou a semana de treinamento que lhe concedeu.

O silêncio era uma navalha de lâmina afiada, cortando os nervos de cada pessoa que estava no quarto de Aaron. Xander entendeu quando Aaron ficou em silêncio, ele era letal, mas Maddy não conseguia entender por que ela de repente estava apavorada, ela apenas sabia instintivamente que a escuridão dentro de Aaron tinha aparecido; que o assassino tinha assumido.

Sem falar, Aaron foi até seu armário para pegar suas armas e selecionar cinco lâminas. Ele estaria armado, andando no salão de baile hoje à noite, o fato que seu pai havia quebrado o acordo, era uma clara indicação de que os jogos eram para ser jogados. Enquanto armava-se, Aaron observou Maddy no espelho grande. Secretamente, ela levantou a cabeça, na tentativa de olhar em sua direção. Temendo que ela fosse falhar durante sua apresentação, não havia espaço para a misericórdia dele em relação à desobediência dela. Girando rapidamente em sua direção, ele a agarrou pelo cabelo molhado e empurrou o rosto dela para o chão, o lábio arrebentando a partir do impacto com o solo. Sua voz era arrogante e cruel quando ele rosnou:



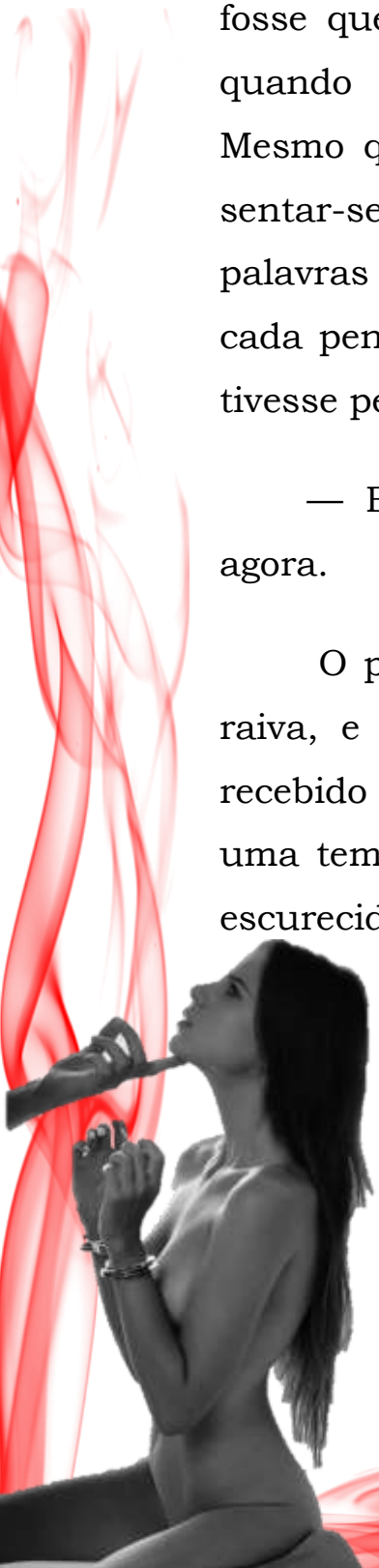
— Você deve permanecer olhando para o chão, não roubar olhares em qualquer outra direção quando estiver lá fora. — O som de sua voz era alto, um grito, como gelo. O som da própria voz, o medo dela e a dor chocante de seu aperto estavam rasgando-o, mas não havia espaço para o erro, ou era

treiná-la ou vê-la morrer. — Pare de chorar, ou eu vou garantir que a dor torne-se muito pior!

Preparando-se para a mudança imediata no comportamento de Aaron, Maddy mordeu a língua, na tentativa de conter os soluços que sacudiam seu núcleo. Acalmando o fôlego, ela se acalmou, esperou com agonia o que fosse que Aaron ia fazer com ela. Ela foi liberada somente quando Aaron estava satisfeito com seu comportamento. Mesmo quando ele soltou seu cabelo, ela não se atreveu a sentar-se, tendo rapidamente aprendido a verdade das suas palavras naquela manhã, cada ação que quisesse executar, cada pensamento em sua mente só poderia acontecer se ele tivesse permitido.

— Bom, Rato, muito inteligente. Você pode sentar-se agora.

O peito de Aaron ainda saltava devido ao seu surto de raiva, e quando ele olhou de Maddy para Xander, ele foi recebido com um olhar preocupado. Como o mar revolto por uma tempestade violenta, o azul dos olhos de Xander tinha escurecido para um negro perigoso, como pedaços de luz que saltam através como ondas. Escovando fora a preocupação óbvia de sua guarda, Aaron ordenou:



— Segue-me, escrava.

Quando chegaram à sala de estar, Aaron ordenou que Madeleine se ajoelhasse ao lado do sofá,

enquanto ele continuou seu caminho para seu escritório. Com Xander logo atrás, Aaron esperou para ele entrasse totalmente antes de fechar as portas.

— Por que ela está sendo exigida agora? O que aconteceu com o acordo de cinco dias?

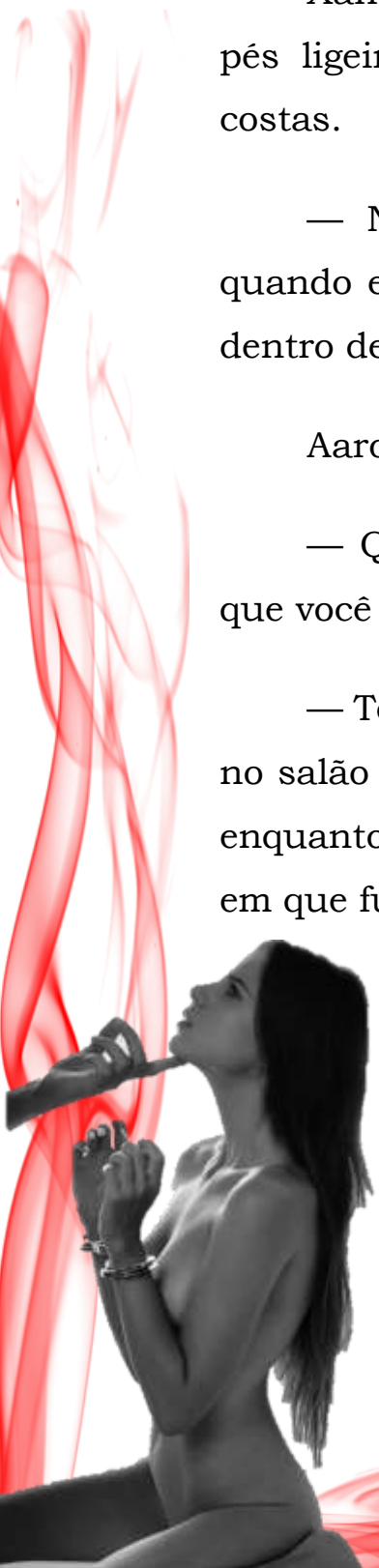
Xander virou-se para Aaron e tomou uma posição com os pés ligeiramente separados e as mãos cruzadas atrás das costas.

— Não houve nenhuma explicação dada por Vincent quando ele entregou a diretiva, só que ela seria apresentada dentro de uma hora, em vez de ser no final da semana.

Aaron passou a mão pelo cabelo ainda úmido.

— Quando ele chegou? Quanto tempo se passou desde que você falou com ele?

— Temos 20 minutos a partir de agora, para apresenta-la no salão de baile, se isso responde sua pergunta. Ele chegou enquanto vocês dois estavam na sala de música. No momento em que fui atender a porta e falar com ele, vocês já tinham ido para o chuveiro. Eu não podia ter certeza, mas eu acreditei que seria imprudente interromper. — A implicação em seu tom de voz era clara; Xander estava preocupado com o quão longe Aaron tinha tomado seu desejo por Maddy.



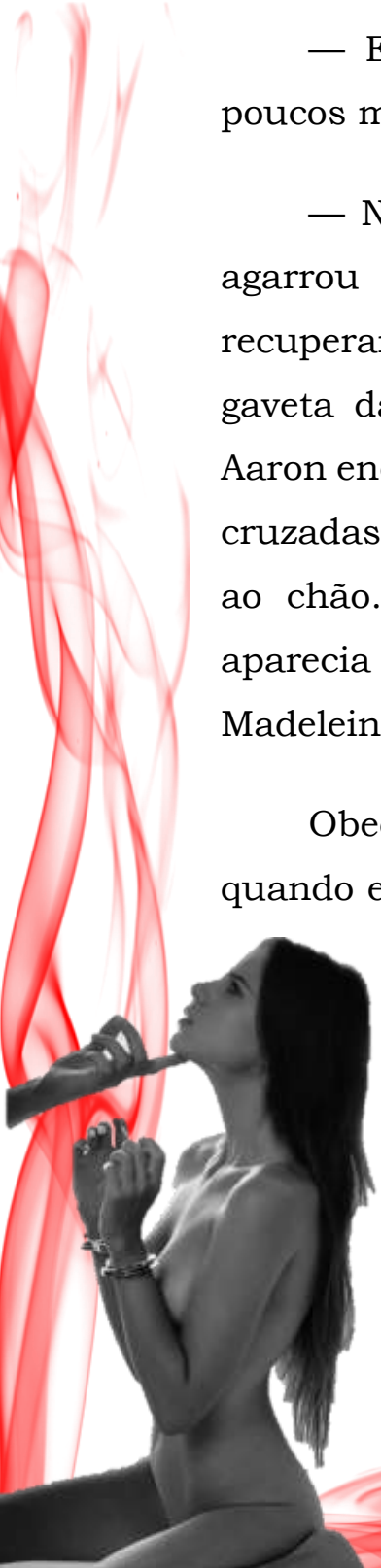
— O que aconteceu entre Madeleine e eu não é nada quando comparado com o que vai ser feito para ela se ela falhar em sua apresentação. Sua preocupação está mal colocada no momento.

Xander assentiu, entendendo que esta conversa particular, teria de esperar até depois da apresentação.

— Existe alguma coisa que podemos fazer dentro dos poucos minutos que nos restam?

— Não. — Caminhando de volta para a porta, sua mão agarrou a maçaneta quando ele se virou de volta: — Vá recuperar a venda, eu estarei no banheiro. Está na terceira gaveta da mesa do lado esquerdo. — Saindo do escritório, Aaron encontrou Madeleine ajoelhada ao lado do sofá, as mãos cruzadas no colo e a cabeça apontando para baixo, em direção ao chão. Seu cabelo tinha secado um pouco, mas ainda aparecia molhado e emaranhado da umidade da água. — Madeleine, venha comigo. Precisamos prepará-la.

Obediente, seguiu atrás dele, o corpo de Maddy tremeu quando ele a levou para o banheiro no corredor. Quando eles entraram no quarto, Aaron imediatamente puxou uma escova e um secador de cabelo dos armários abaixo da pia. Colocando-os no balcão, ele ligou o secador em uma tomada, antes de olhar para ela. Sua respiração ficou presa quando percebeu que gravado no rosto dela estava pânico e não raiva.



— Seque o cabelo e o penteie. A tua escova de dente está na gaveta.

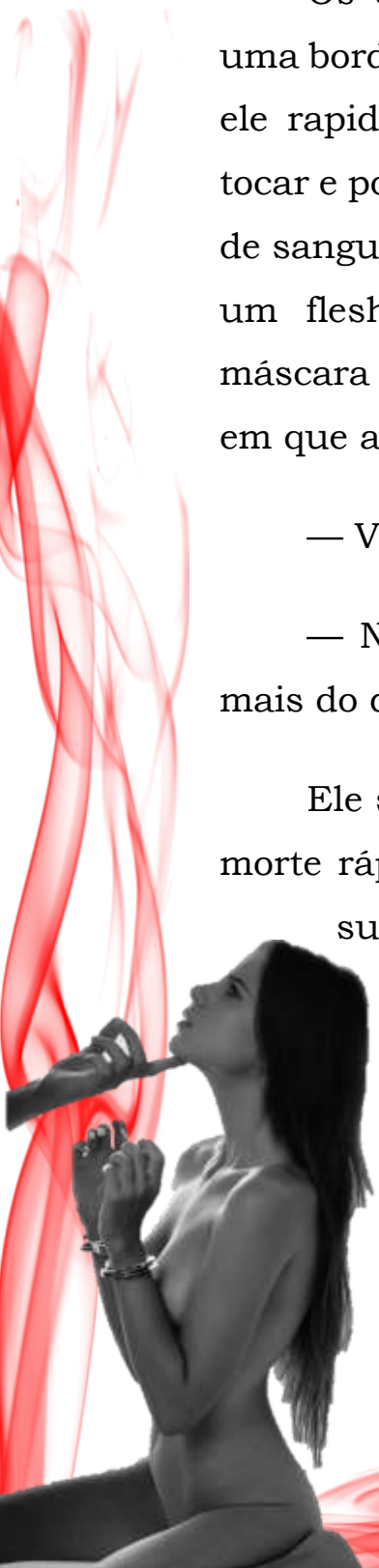
— Posso falar Mestre? — Ela não sabia por que cheiro de medo saia de Aaron, misturado com raiva fria, mas ela não queria vacilar e descobrir os porquês em primeira mão.

Os olhos verde escuros enlameadas olharam para ela, uma borda vermelha letal. Dor cintilou a expressão ele, quando ele rapidamente se aproximou dela e estendeu a mão para tocar e polegar sobre o lábio inferior dela. Maddy viu a mancha de sangue no polegar dele, quando retirou a mão. Assim como um flesh, sua preocupação se foi, substituída por uma máscara em branco, muito parecida com o que usava na noite em que a desembrulhou. Sem olhar para ela, ele respondeu:

— Você pode.

— Não importa que eu esteja bonita. Eu não sou nada mais do que uma escrava.

Ele sentiu uma fatia de aço através de seu coração, uma morte rápida se tivesse sido feita por uma lâmina e não por suas palavras. Esta mulher, que estava muito melhor do que qualquer pessoa dentro da The Estate, era muito mais do que ela jamais poderia saber, esta mulher foi reduzida a lixo, a um objeto não digno de cuidado ou preocupação e ele foi forçado a permitir. Sua voz estava controlada e perigosamente baixa, quando ele respondeu:

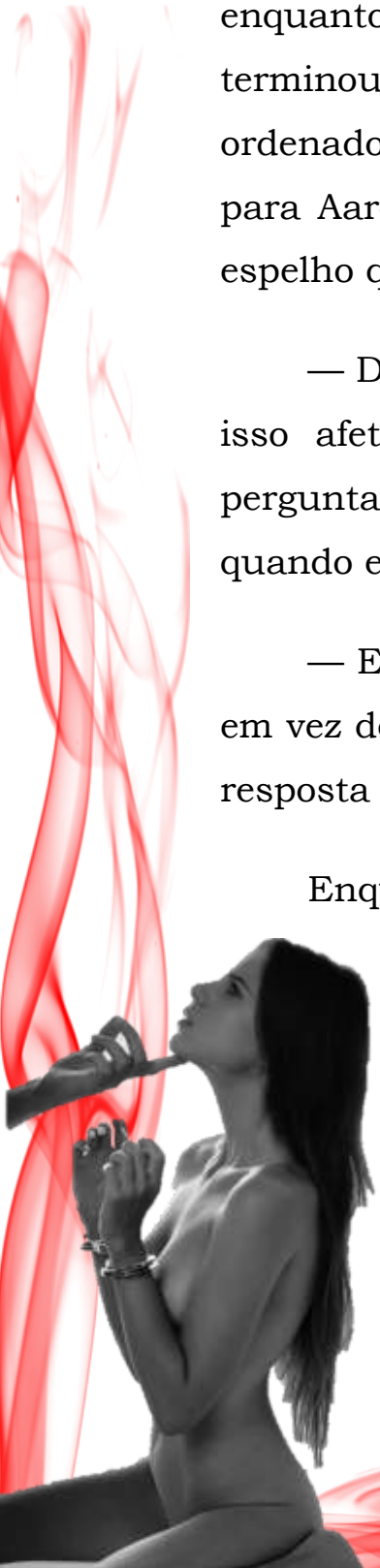


— Qualquer pessoa dentro da The Estate sabe, que se eu fosse transar com uma mulher... Uma escrava, ela seria mantida em bom estado, para garantir que a visão dela serviria para o meu propósito. Esse é o seu propósito, Madeleine. Agora faça o que eu pedi e cumpra o seu papel.

Aaron tomou uma posição de sentinela, no lado extremo, enquanto Maddy secava e penteava o cabelo. Quando ela terminou com o cabelo, ela pegou a escova de dente, conforme ordenado, logo Xander entrou no banheiroo para entregar algo para Aaron. Uma vez que os dentes estavam limpos, viu no espelho quando Aaron se aproximou dela.

— Diga-me por que você ama a música, Madeleine: como isso afeta você. — Aaron já sabia a resposta para esta pergunta, tinha descoberto quando a viu no palco e novamente quando ela tocou em sua sala de música.

— Eu posso me esconder dentro dela, cercada de beleza, em vez de ser uma testemunha da crueldade do mundo. — A resposta foi rápida, não teve que ser pensada de ser dita.



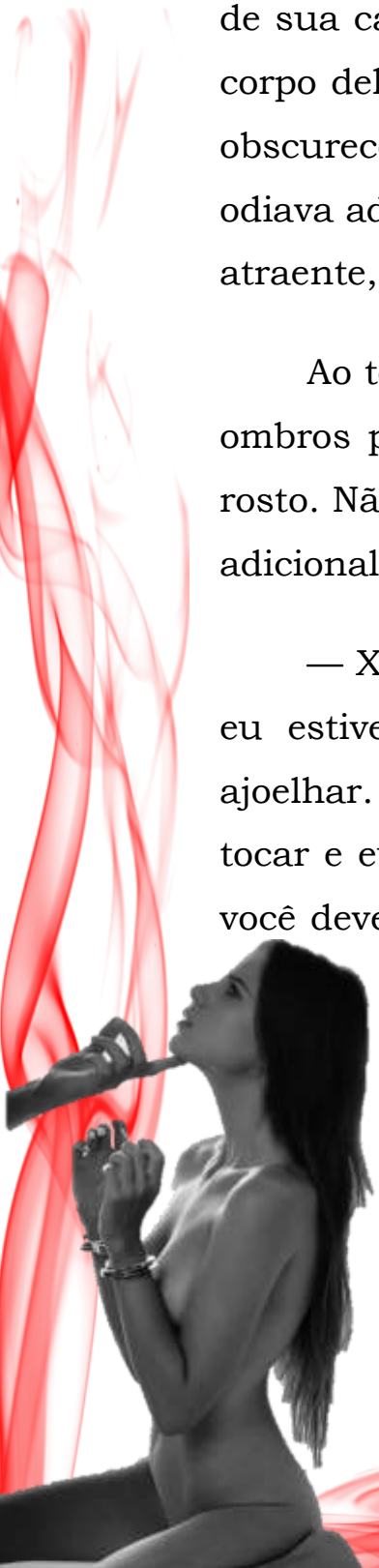
Enquanto ele desenrolava a venda, ela observou que as luzes do ambiente ricocheteavam nas pequenas esferas de metal que foram puxados sobre os cordões de couro, que faziam parte da decoração, era tudo que ela podia fazer para tentar se destrair, reparar na elegante decoração e fez isso por tempo suficiente, para a venda ser amarrada sobre seus olhos.

— Eu estou indo vendar-lhe, Rato, permitem esse esconderijo. Não vai ser o mesmo que a música, você ainda será capaz de ouvir o pesadelo que se passa ao seu redor, mas você pode pelo menos fingir que está protegida e fora de vista.

Aaron se aproximou por trás dela e estendeu a mão para puxar a máscara em seu rosto, dando um nó na parte de trás de sua cabeça. Através do espelho, ele olhou para a visão do corpo dela, o cabelo sedoso, em cascata, jogados para frente, obscurecendo parcialmente a elevação de seus seios. Ele odiava admitir, mas a adição da máscara a deixou ainda mais atraente, um mistério velado em couro e metal.

Ao terminar sua inspeção, ele ajeitou a coluna, puxou os ombros para trás e colocou uma máscara de indiferença no rosto. Não havia mais nada que pudesse ser feito, nem tempo adicional para prepará-la.

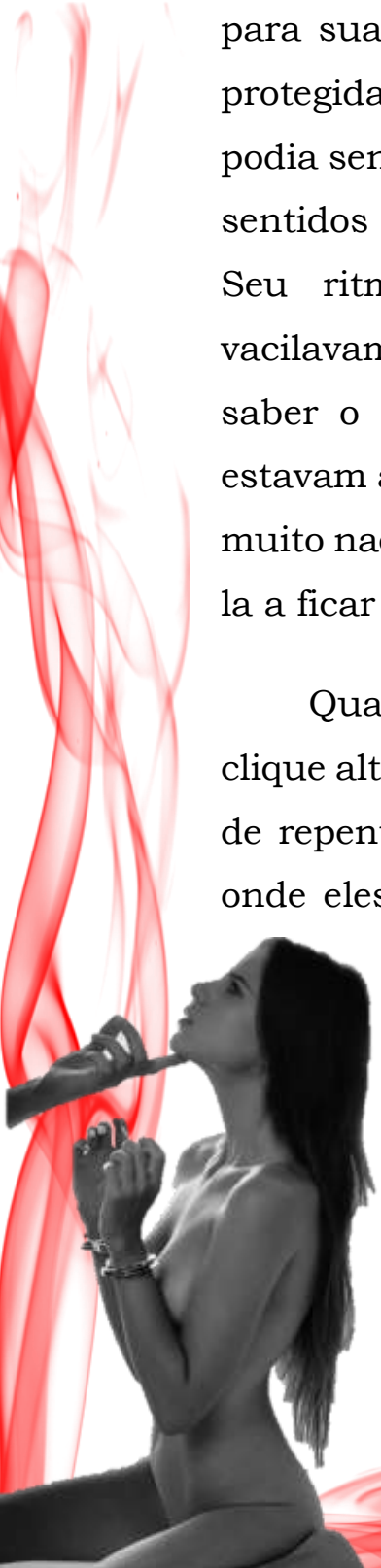
— Xander vai levar você, atrás de mim, escrava. Quando eu estiver parado, ele vai colocá-la onde você precisa se ajoelhar. As pessoas podem se aproximar de você, podem te tocar e eu vou permitir. Se eu a entregar para outra pessoa, você deve ir com quem eu digo. Não hesite por um momento na sua obediência, Madeleine. Por que se o fizer, haverá uma boa chance de você não voltar para os meus aposentos.



Capítulo Vinte e Um

Os sons ponderados das suas botas ecoavam pelos corredores do prédio, quando Aaron e Xander levaram Maddy para sua apresentação. Maddy não podia ver nada. Embora protegida pela máscara que Aaron havia lhe dado, ela ainda podia sentir a energia que rolava fora dos homens, seus outros sentidos estavam despertos, em resposta a sua falta de visão. Seu ritmo foi apressado, mas constante, suas pernas vacilavam de vez em quando, pelo seu medo. O fato de não saber o que esperar estava aterrorizado-a, suas entranhas estavam atadas, em pavor. Ela estava grata por não ter comido muito naquela manhã, com medo que seus nervos fossem levá-la a ficar doente, a falhar em sua apresentação.

Quando seus passos desaceleram, Maddy ouviu um clique alto e o ranger distinto de portas sendo abertas. Parando de repente, os sons de risos rolaram para fora, na frente de onde eles estavam; indisciplinadas, animadas e barulhentas vozes masculinas. Maddy não tinha certeza se ela deveria se ajoelhar porque eles pararam de se mover. Assim, quando ela começou a curvar-se, começara a andar novamente, dando um passo em frente, para o que ela acreditava ser o salão de baile, onde ela tinha sido dada de presente a Aaron. O comportamento desordeiro dos homens acalmou



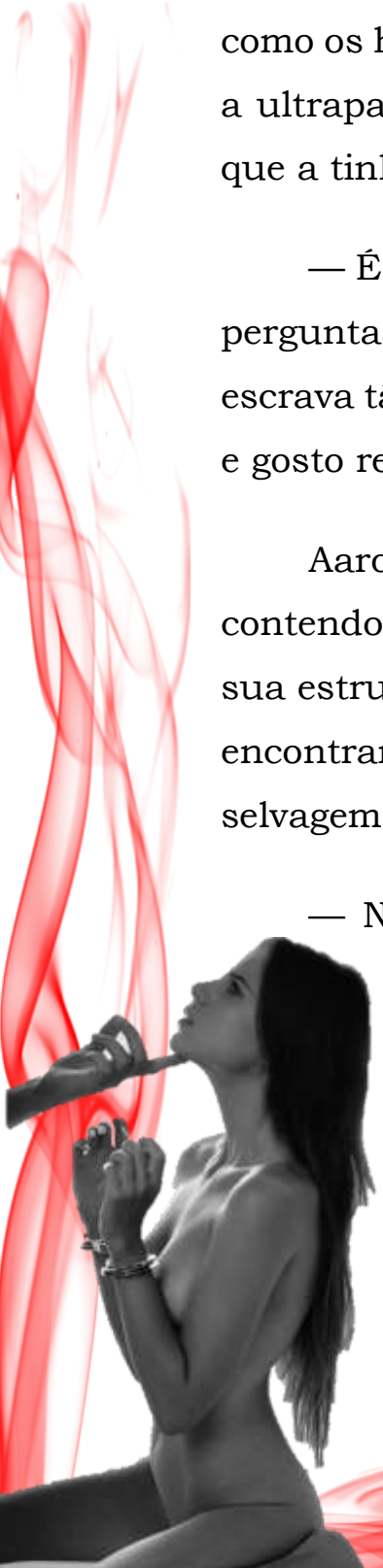
quase que instantaneamente, quando eles entraram no lugar. Após, mais alguns passos para frente, ela sentiu Xander empurrar contra ela, indicando onde ela deveria ajoelhar-se. Ao fazê-lo, sua pele ficou impressionada com a frieza do chão de pedra, os joelhos estavam doloridos, pela quantidade de tempo que ela tinha ficado naquela posição, durante o dia. Seu corpo tremeu e balançou, sua mente corria com imagens de como os homens que estavam ao seu redor se pareciam. Terror a ultrapassou, quando ela finalmente ouviu a voz do homem que a tinha raptado.

— É tão bom ver você, Aaron. Tenho certeza que você tem perguntas a respeito de porque eu pedi a apresentação da sua escrava tão cedo. — Seu sotaque era familiar, um ar de riqueza e gosto refinado escorria de cada sílaba que ele falou.

Aaron banhou-se em apatia e tédio, efetivamente contendo a raiva fervendo dentro de sua mente e corpo. Com sua estrutura corporal mantida reta e forte, seus olhos verdes encontraram o aço cinza de seu pai, corrupção, uma coisa selvagem, corria solta no olhar do homem que o criou.

— Não é um caso de preocupação, pai. Se você quiser admirar meu escravo, mais cedo ou mais tarde, eu não vou ter maus sentimentos em relação a sua solicitação.

Uma risada escura, mal, saia da cada som que o homem produziu.

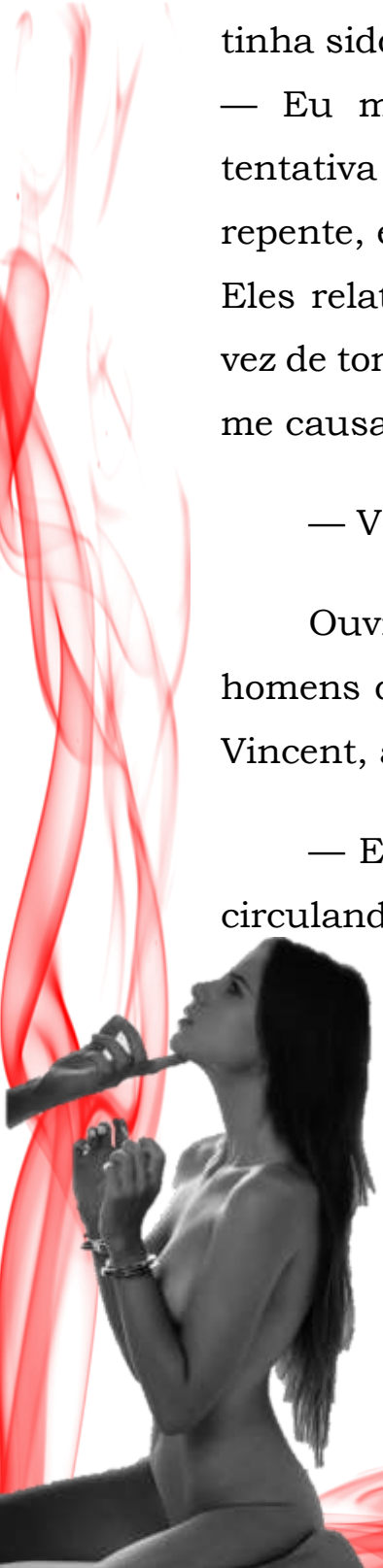


— Eu tenho certeza, Aaron. Vou esclarecê-lo do porque da minha solicitação. Houve alguns rumores estranhos, correndo soltos, através da The Estate. Os homens têm sussurrado que você permite que seu escravo se vista, que a trata como mais do que um objeto para seu uso. — Levantando-se do grande trono, parecido com uma cadeira, colocado na frente da sala, seu pai caminhou com uma arrogância felina, um porte que tinha sido praticado e cultivado ao longo de seus muitos anos. — Eu mandei meus homens para você, Aaron, em uma tentativa de esmagar o ridículo desses boatos. — Parando de repente, enquanto passava por Emory e Vincent, ele sorriu. — Eles relataram para mim que você deu prazer à escrava, em vez de tomar seu próprio. — Houve um silêncio pesado. — Isso me causa grande estranheza, para dizer o mínimo.

— Você questiona meus métodos? — Perguntou Aaron.

Ouviu-se um pigarro, um murmúrio abafado entre os homens que estavam no salão e seu pai olhou entre Emory e Vincent, antes de voltar sua atenção para Aaron.

— Eu questiono. Explique por que esses relatórios estão circulando; revela-me o método para a sua loucura.



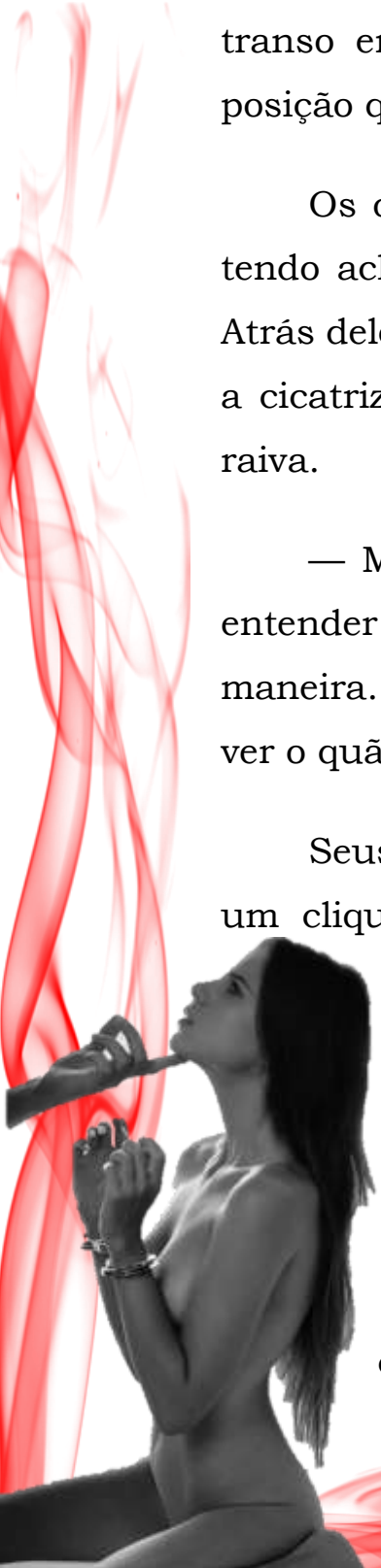
— Os sussurros sobre roupas, é um rumor fabricado. Seus homens podem atestar que quando chegaram ao meu quarto, a prostituta não estava apenas nua, mas também amarrada nos grilhões da cama, com o corpo encharcado, pela maneira que eu tinha a usado. Quando forcei prazer de seu corpo,

que estava na presença de outros três homens, foi um meio de constrangê-la, envergonhá-la, fazê-la sentir prazer pelo tormento de seu Mestre. — Aaron fez uma pausa, sua mente cambaleava por ter que falar sobre Maddy de tal forma, sua raiva era um inferno ardente, por ela estar presente e ouvir tais palavras. — Isso tudo é claro, enquanto eu apreciava o entusiasmo de Emory em ver minha bunda e pau, eu não transo em público, é a minha escolha e meu direito, pela posição que seguro dentro da The Estate.

Os ombros de seu pai sacudiram com o riso silencioso, tendo achado divertido a insinuação de Aaron sobre Emory. Atrás dele, o rosto de Emory assumiu uma carranca vingativa, a cicatriz ao longo de sua bochecha, ficou vermelha de sua raiva.

— Muito bem, Aaron; colocado nesses termos eu posso entender por que você a demonstrou os meus homens de tal maneira. No entanto, eu gostaria de inspecionar a prostituta, ver o quão bem você treinou sua escrava.

Seus passos ecoaram pelo silêncio abafado da sala, houve um clique contra o piso de madeira, uma vez que ele se aproximava de Madeleine. Ela permaneceu imóvel, com a cabeça voltada para baixo, as mãos que queriam se contorcer de nervoso, ela forçou-as a permanecer imóveis. A rápida batida de seu coração conflitava com a batida lenta dos passos do pai de Aaron. O som do sangue correndo através de sua cabeça, parecia a única coisa que silenciava o som

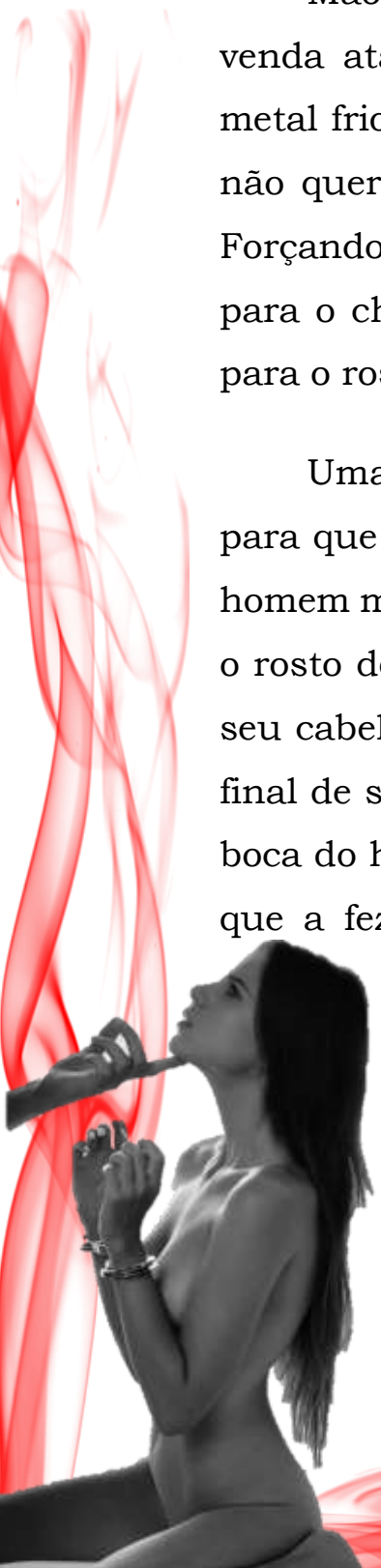


aterrorizante de sua abordagem. Quando sentiu Aaron mover de lado, o pânico percorreu suas veias, sua pele devia estar com brilho de sua transpiração, enquanto o intenso calor do medo ameaçou queimá-la por dentro.

— Remova a venda.

Mãos rapidamente estavam na cabeça dela, soltando a venda atada, após o comando do pai. Quando ela sentiu o metal frio puxado de seu rosto, ela não queria abrir os olhos, não queria testemunhar o monstro que estava à sua frente. Forçando-os a ficar abertos, ela manteve os olhos treinados para o chão, não se sucumbindo a propria vontade de olhar para o rosto da depravação e desprezo, que estava diante dela.

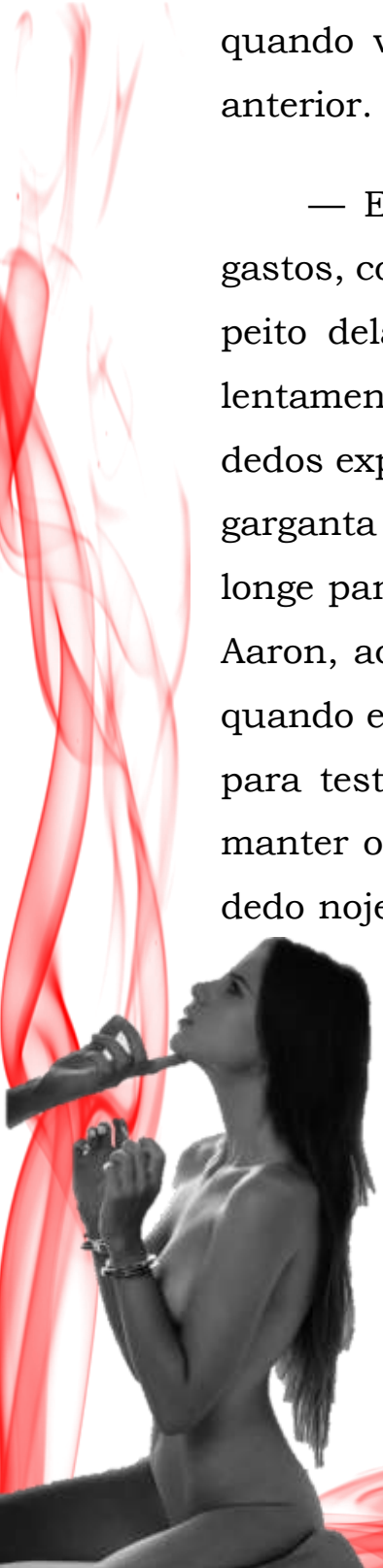
Uma mão se abaixou até ela, um dedo puxou seu queixo para que ela pudesse olhar nos olhos cinzentos e frios de um homem muito mais velho que ela. O ângulo em que ele segurou o rosto dela causou dor em seu pescoço e coluna vertebral, e seu cabelo que estava em cascata pelas costas, tocou a parte final de suas costas. Com um sorriso sardônico, os cantos da boca do homem se transformaram em uma expressão lasciva, que a fez querer vomitar, pelo seu desgosto daquela visão. Virando o rosto dela para trás, para examinar seus traços, seu sorriso ficou mais brilhante, quando ele viu a marca vermelha no rosto dela e a pele inchada e quebrada em seu lábio.



— Então, você foi um Mestre violento para sua escrava. Ela está marcada em todo seu rosto bonito.

— Ele deu uma risada profunda, saturada na imundície de sua diversão. — Por que não estou surpreso que meu Carrasco arranque sangue quando derrama sua semente? — As mãos do homem, foram para baixo do corpo de Maddy, fazendo com sua pele se contraisse a partir do toque. Chegando ao peito dela, ele beliscou o mamilo, de forma tão forte, que ela teve que morder a língua para não gritar de dor. Ele sorriu de novo, quando viu a marca da mordida deixada por Aaron no dia anterior.

— E que peitos cheios esta tem. Não estão usados ou gastos, como os das outras prostitutas da casa. — Ele soltou o peito dela, mas continuou sua inspeção manual, descendo lentamente para sul, ao longo de seu torso, parou quando seus dedos exploraram a carne entre as coxas dela. A bile subiu na garganta de Maddy, devido aquele toque, o efeito não era de longe parecido com o que sentia quando tinha sido a mão de Aaron, acariciando sua pele. Cada músculo dela ficou tenso, quando ele deslizou um dedo dentro dela e circulou em torno, para testar a força dos músculos de seu núcleo. Forçado a manter os olhos treinados para baixo, ela viu quando aquele dedo nojento empurrou mais para dentro, sua carne delicada queimava, devido à sua falta de excitação.

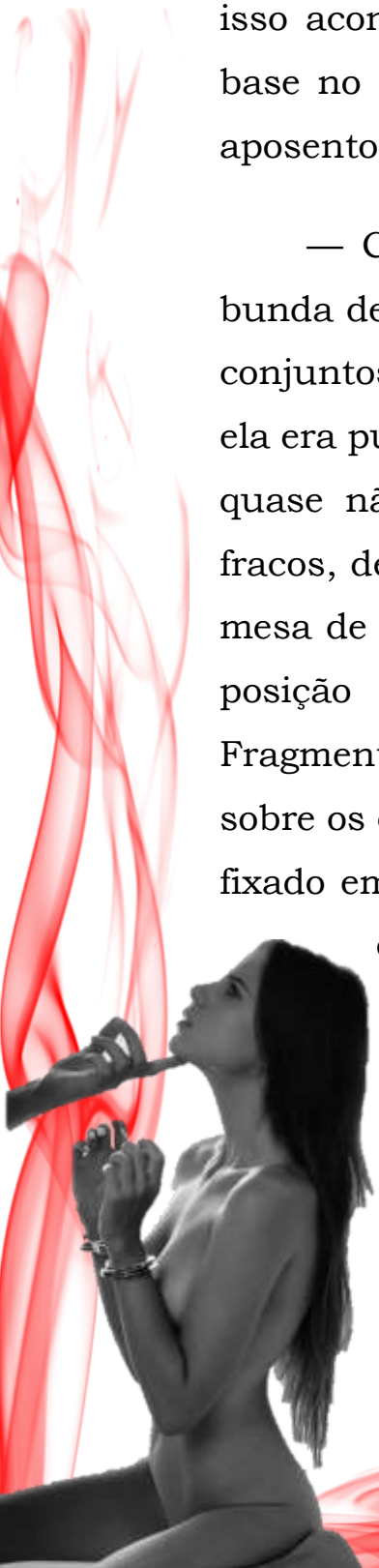


— Meu Deus... Meu... Aaron, eu acredito que me superei no meu presente para você. — Ele tirou a mão de entre as pernas dela, antes de usar a outra mão para levantar seu rosto, para que ela pudesse ver como ele lambeu o proprio dedo, limpando-o. —

Eu acredito que a quero para mim mesmo. Ao contrário de você, eu não tenho problemas em fodê-la em público.

O corpo de Maddy apertou, seu olhar voltou para o chão uma vez que o pai de Aaron a soltou. Lágrimas ameaçaram seus olhos, mas ela não iria deixás-las cair, não iria decepcionar Aaron. Ela se perguntou se ele iria permitir que isso acontecesse, então percebeu que era uma certeza, com base no que ele havia dito a ela, antes deles deixarem seus aposentos.

— Cordas nela, eu a quero algemada na mesa, com a bunda dela nua para mim, para eu ter o que quero. — Vários conjuntos de mãos agarraram os braços de Maddy, enquanto ela era puxada para cima, em uma posição de pé, seus joelhos quase não suportaram o peso de seu corpo, eles estavam fracos, devido ao medo que estava sentindo. Eles a levaram à mesa de madeira, Maddy foi empurrada para frente, em uma posição ajoelhada sobre a superfície áspera da madeira. Fragmentos feriam sua pele quando ela foi forçada para baixo, sobre os cotovelos, com as mãos algemadas em anéis de metal fixado em uma tabela. As partes íntimas de seu corpo foram completamente expostas à visão de todos na sala, quando sentiu a picada do aço, enrolado e depois fechados em torno de seus tornozelos. A posição era dolorosa, seus músculos não estavam acostumados a ficaram de tal maneira. Vergonha a envolveu quando os homens atrás dela vaiavam e gritavam ao vê-la. O clique rítmico dos sapatos do pai de Aaron se



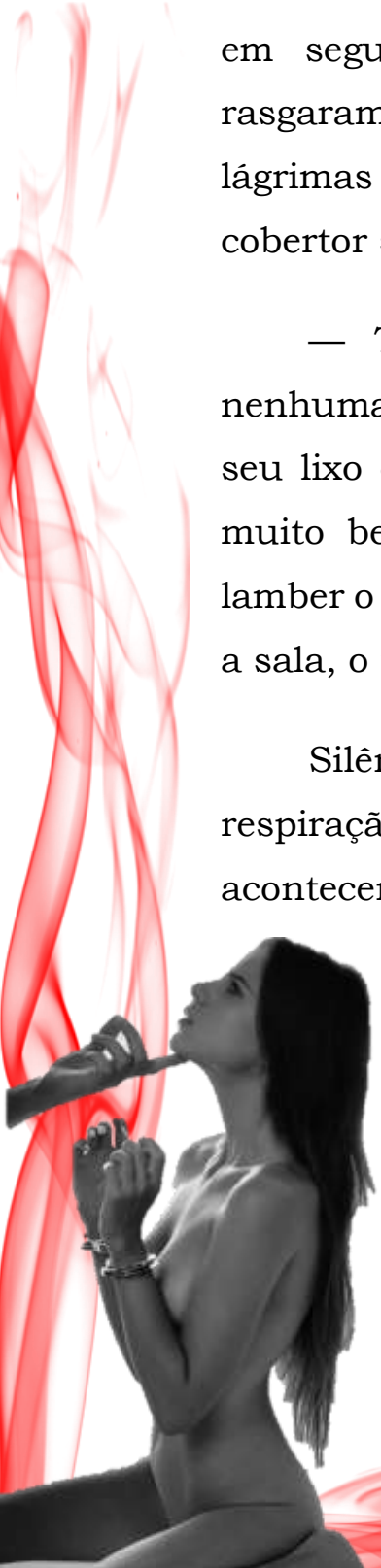
aproximou por trás dela, seu corpo estremecendo quando ela sentiu o dedo do homem atropelar o vinco de sua carne, parando apenas contra a entrada de sua bunda.

— Talvez eu vá levá-la aqui, seria uma picada ainda mais doce para a pele do meu pau.

Ela ouviu o som distinto de um cinto sendo desfivelado, em seguida um zíper sendo aberto. Tremores violentos rasgaram através de seu sistema e ela não conseguia parar as lágrimas que escapavam de seus olhos, sua agonia parecia um cobertor sufocante que a cobria.

— Tenha o seu preenchimento, pai. Isso não terá nenhuma consequência para mim. Só sei que se você enfiar seu lixo dentro dela, não vou tocá-la novamente. Você pode muito bem jogá-la para seus cães, para que eles possam lamber o gosto de seu pau. — A voz de Aaron explodiu por toda a sala, o tom era sem emoção e sem preocupação.

Silêncio abafado seguiu as palavras de Aaron, a respiração de cada homem segurava para ver o que iria acontecer nesta troca, entre pai e filho. Em poucos segundos, ela ouviu uma risada profunda, uma vez que retumbou fora do peito do homem posicionado atrás dela. A risada crescia em volume e intensidade, até que finalmente se juntou ao riso do grupo. Uma vez que a alegria tinha acalmado, ela ouviu o zíper das calças do homem ser fechado e seu cinto, preso e

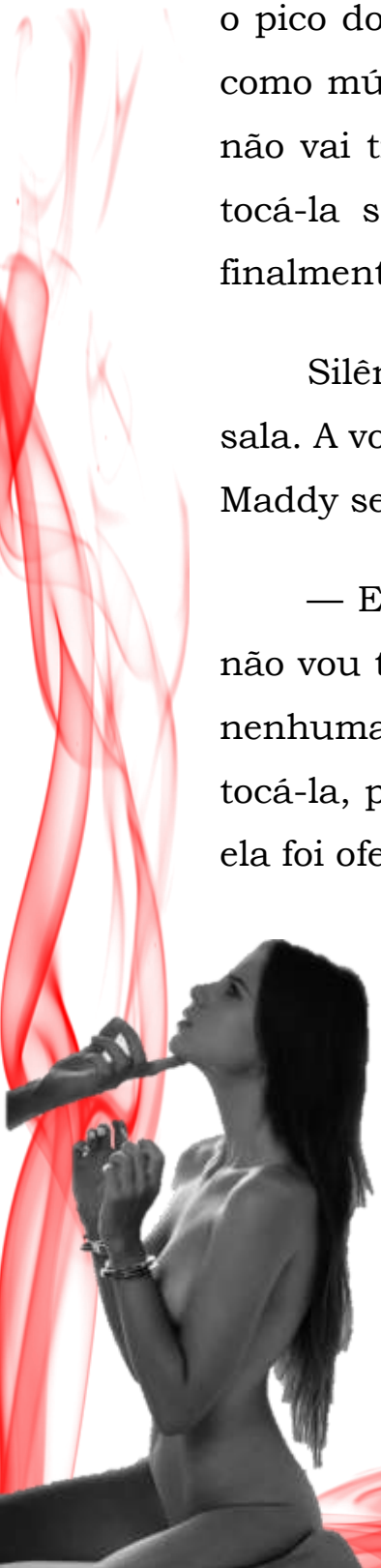


colocado no lugar, antes dos sons de seus pés se afastando.

— Agora, nós não podemos deixar isso acontecer. Fico feliz pelo fato de você estar aproveitando e apreciando meu presente. Embora um pouco triste e decepcionado, gostaria muito de ouvir os sons da luxúria rugirem da boca do seu escravo, ela deve gritar lindamente quando alguém a leva para o pico do orgasmo. Emory e Vincent me informaram que era como música para seus ouvidos. No entanto, desde que você não vai transar na frente de uma platéia, e se eu não posso tocá-la sem sua rejeição resultante, o que vou fazer para finalmente ter a demonstração de que eu procuro?

Silêncio. Havia um silêncio mortal, pesado, em toda a sala. A voz de Aaron era tão terrivelmente calma, que a pele de Maddy se arrepiou pela violência implícita.

— Eu não vejo nenhuma solução para o seu dilema. Eu não vou tocá-la aqui, você não quer que eu a jogue de lado, e nenhuma pessoa dentro da The Estate tem a permissão de tocá-la, por um decreto que você sancionou, na noite em que ela foi oferecida a mim.



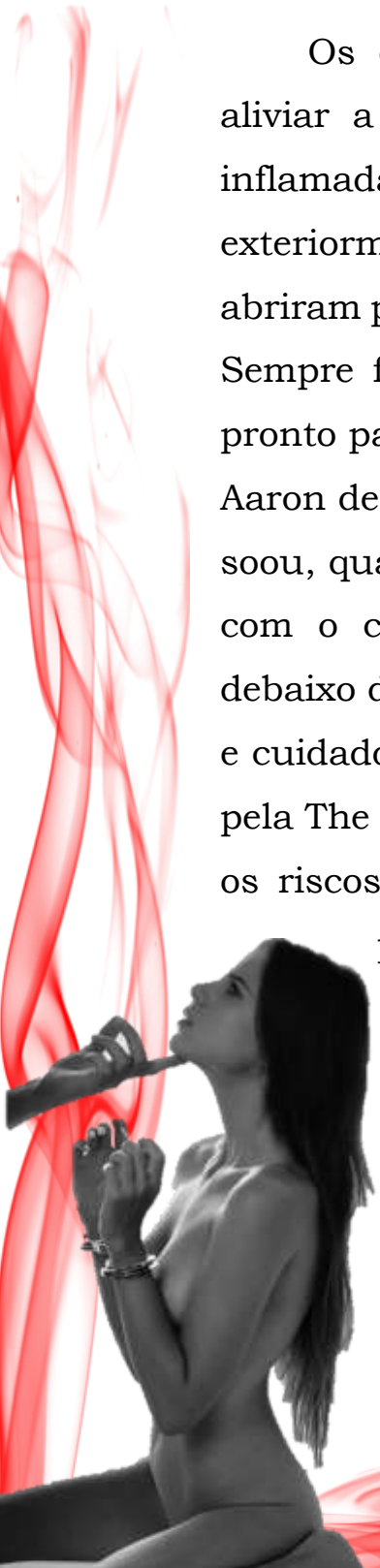
Um riso escuro, se deliciando com o jogo entre pai e filho, saiu dos lábois do homem.

— Mas é aí que você está errado, Aaron. Eu nunca afirmei que nenhuma pessoa teria permissão para tocá-la, eu simplesmente ordenei que a nenhum homem, dentro da The Estate, seria permitido esse

privilégio. — O momento foi sucedido por uma pausa grave, Maddy era incapaz de olhar para cima, para ver as expressões dos homens sobre a forma de crueldade que seria usado contra ela. — Traga-me um escravo.

Murmúrios irromperam novamente entre os membros da The Estate.

Os ombros de Aaron se agitaram, quando ele tentou aliviar a tensão de sua coluna vertebral. Sua pele estava inflamada pela fúria que o enchia, ele permaneceu exteriormente calmo e distante quando as grandes portas se abriram para Vincent ir recuperar um escravo, como instruído. Sempre fiel Aaron sabia que Xander estava logo atrás dele, pronto para lutar contra cada homem no salão, se fosse o que Aaron determinasse que devesse ser feito. Um grito estridente soou, quando Vincent apareceu, arrastado uma escrava loira, com o corpo coberto de equimoses e hematomas, a pele debaixo de seus olhos estava pendurada, por falta de nutrição e cuidados. Até Maddy, os escravos que tinham sido tomados pela The Estate, eram pessoas que corriam e conheciam todos os riscos. Aceitavam drogas sem a capacidade de efetuar o pagamento, ficavam envolvidos em outros atos criminosos, com membros das unidades, mas logo falhavam em suas tarefas. Eles eram avisados, viam os outros escravos serem mantidos acorrentados durante todo o grande edifício, mas tinham assumido o risco, independentemente, da falta de certeza de não acabarem como aqueles escravos que



via, cobrindo o interior do edifício. A maioria era mantida drogada, para mantê-los quietos, o volume de seus gritos era um incômodo para os homens que não estavam usando-os naquele momento. Aaron tinha pouca compaixão pela situação, sabia que estavam ali por suas próprias ações e acabavam sendo os menores membros dentro do composto.

Quando Vincent arrastou o escravo, para ficar diante da multidão, Aaron manteve os olhos, treinados, sobre seu pai. O jogo tinha sido bem jogado, um pequeno pedaço de semântica e Aaron tinha sido superado por um homem que se deliciava em tentar os homens ao mal e que se destacava levando as pessoas a sua própria autodestruição. Com o rosto de um homem afável de privilégio, maneirismos de alguém que tinha levado uma vida de luxo e riqueza, seu pai era o enganador final, tinha um veneno tão potente, que mesmo o mais inteligente dos homens sucumbiram e foram eventualmente destruídos pelos jogos do homem.

O mal, em aço daqueles olhos cinzentos que o olhava fixamente, brilharam dentro da insanidade de seu olhar. Seus lábios se curvaram nas extremidades, antes que ele ordenasse:



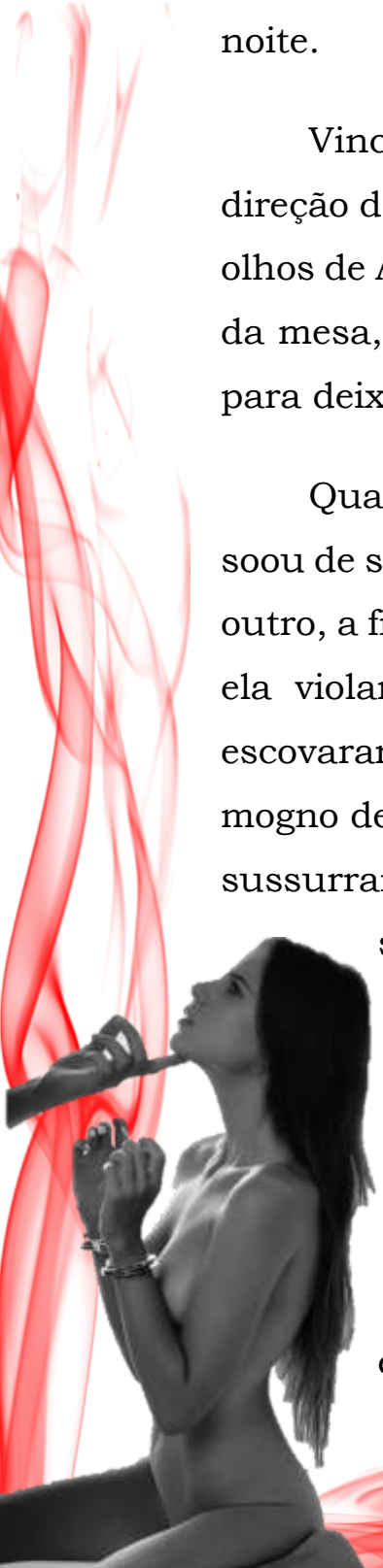
— Tem o trabalho loira, sobre o escravo de Aaron, não pare até que seu rosto e as mãos estejam encharcadas pelas provas do orgasmo da outra prostituta.

Um tremor percorreu o corpo de Aaron, raiva pura acendeu dentro de si, pelo fato de que Madeleine

pudesse ser tocada dessa forma, por alguém que não fosse ele. Ele arriscou, fingindo que a ameaça do pai, em estuprar Maddy, não o afetasse. Ele tinha sido capaz de salvar Maddy da vergonha que quase tinha sido lhe infligida, mas não havia nada que pudesse dizer ou fazer, para parar esta agressão. A ordem de seu pai caiu dentro das regras estabelecidas para sua escrava, não violou o decreto que tinha sido dado na outra noite.

Vincent soltou o cabelo da mulher loira e a empurrou na direção da Maddy, enquanto ela permanecia ligada à mesa. Os olhos de Aaron seguiam a escrava, enquanto ela se aproximava da mesa, desejou que ele pudesse olhar nos olhos de Maddy, para deixá-la saber que ele estava atormentado e ao lado dela.

Quando a loira chegou a Maddy, uma risadinha imunda soou de seu corpo, quase como se o pensamento de atormentar outro, a fizesse se sentir mais poderosa do que a prostituta que ela violaria. Os dedos da mulher, manchados de amarelo escovaram a cabeça de Maddy, puxado através das ondas de mogno de seda de seu cabelo. A loira se inclinou como se para sussurrar, mas falou alto o suficiente para que as pessoas na sala fossem capazes de ouvir.

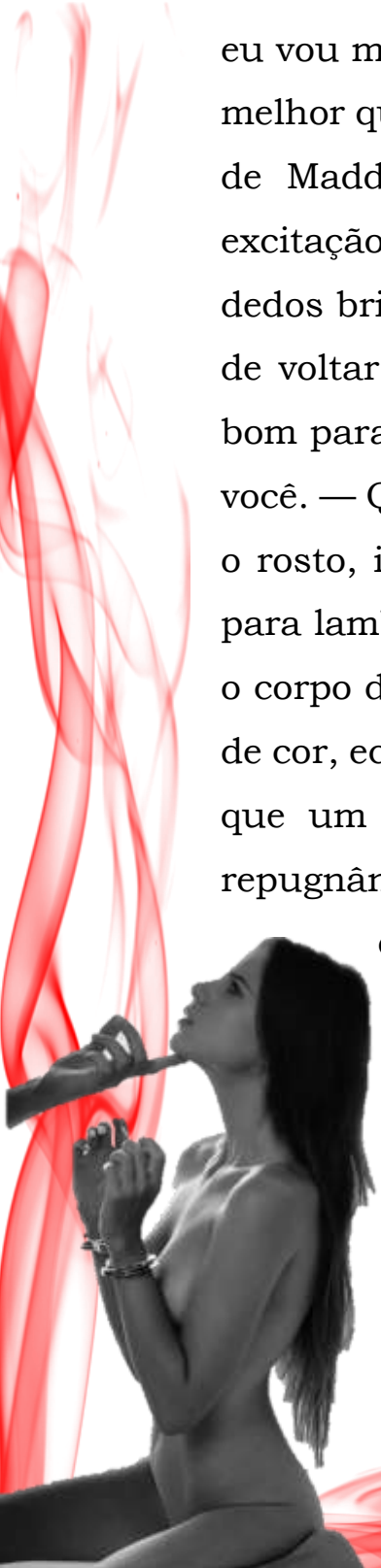


— Não lute menina bonita, eu vou ter certeza que você aprecie o momento. — Chegando ao redor, ela bateu a mão contra a bunda de Maddy, com tanta força que apenas o som do tapa fez Aaron apertar os dentes. Forçando-se a permanecer imóvel, ele viu quando a loira continuou a atormentar

Madeleine, imagens dele dando um passo à frente e quebrar o pescoço da cadela, por cada ação que ela cometeu contra seu escravo, inundava sua cabeça.

A loira sorriu maliciosamente, apreciando o tormento promulgado contra Maddy.

— Vamos lá, garota, você precisa se molhar para Mamãe, eu vou mostrar-lhe que ter uma mulher como amante é muito melhor que um homem. — Ela passou os dedos entre as coxas de Maddy, pressionados dentro e fora, tentando provocar excitação. Sua outra mão encontrou o peito de Madeleine, os dedos brincavam com o mamilo em um ponto apertado, antes de voltar a acariciar o peso do peito. — Isso não está sendo bom para você, baby? Vamos lá, Mamãe vai cuidar disso para você. — Quando a loira moveu para trás de Maddy, ela colocou o rosto, instantaneamente, perto da junção das pernas dela, para lamber o cerne sensível, ela continuou a trabalhar sobre o corpo de Maddy com as mãos. Aaron viu quando uma onda de cor, eclodiu ao longo da pele de Maddy, ele sabia muito bem que um orgasmo estava sendo construido, apesar de sua repugnância e vergonha. Ele viu quando a mandíbula solta, quando os quadris de sua escrava, começou a se contorcer, sob o toque da língua da mulher loira. Cada homem na sala gemeu com a visão das duas mulheres, alguns tiraram o pau para fora e se masturbavam enquanto observavam a cena. Aaron fez questão de observar os homens que tomaram prazer diante da cena, desenrolada, diante deles,



prometeu a si mesmo que os paus que eles acariciavam, seriam removidos de seus corpos, quando ele os matasse. No salão, havia alguns dos homens que fazia parte da aliança de Aaron e ele notou como eles viravam a cabeça, envergonhados de ser testemunha do estupro de uma mulher jovem, inocente.

Gemidos suaves começaram a soar da mesa, a loira estava sendo bem sucedida em sua missão de forçar prazer à Maddy. Quando a violência contra sua musicista atingiu o pico, quando pressionada ao ponto de eventual libertação, a loira levantou o polegar e o apertou na bunda de Maddy e, ela gritou, durante o indesejado e vergonhoso orgasmo, o corpo dela tremia e se ouvia seus soluços. Curvando-a para baixo, a loira finalmente se afastou, gargalhando em sua realização. Ela se levantou, virou-se para que o público pudesse ver a evidência do orgasmo de Maddy, uma vez que escorria por seu rosto.

Caminhando de volta para Vincent, a loira se inclinou para um beijo, seu orgulho, permitia que ela acreditasse que era algo mais que uma ferramenta. Vincent a agarrou pelo cabelo de novo e puxou um pedaço de pano do bolso para enxugar o rosto, antes de arrastá-la de volta para fora das portas e jogá-la de volta em qual for o buraco que a tirou.



Olhando impressionado, Aaron voltou a atenção para seu pai, viu um brilho nos olhos do homem que só ordenou o estupro de Maddy.

— Terminamos aqui?

Os olhos penetrantes de seu pai procuraram no rosto dele qualquer sinal de emoção. Não encontrando a reação que queria, ele estalou os dedos, ordenando que Maddy fosse liberada.

— Estamos terminados Aaron, pegue sua prostituta e a leve de volta a seus aposentos. Vou te procurar em breve, se eu precisar de mais uma demonstração.



Capítulo Vinte e Dois

Quando Aaron, Maddy e Xander voltaram para seus aposentos, Aaron ordenou que Maddy se sentasse no sofá, enquanto indicou para Xander acompanhá-lo ao seu escritório. Maddy sentou-se conforme as instruções, não foi capaz de segurar as lágrimas dos eventos da apresentação. Aaron fez o possível para ignorar os soluços, bateu a porta com raiva, mas não a fechou completamente. Movendo-se para sua mesa, ele se sentou na grande cadeira de couro, Xander se sentou no lado oposto.

— Eu tenho que libertá-la, Xander, ela não pode ser obrigada a suportar outra apresentação. Ele só vai piorar, vai chegar a novas maneiras de me atormentar por abusar de seu corpo. — A voz de Aaron estava distante, controlada, de modo que ele não voltasse ao salão para matar todos os homens que ocuparam o lugar.



—Você não pode deixá-la ir, Aaron. — A verdade foi dita em voz baixa, mas o peso dessas palavras pairou em meio ao silêncio momentâneo entre os dois homens. — Se ela escapa, será sua vida que correrá risco. A aliança ainda não está forte o suficiente para dominar aqueles que ainda mantêm

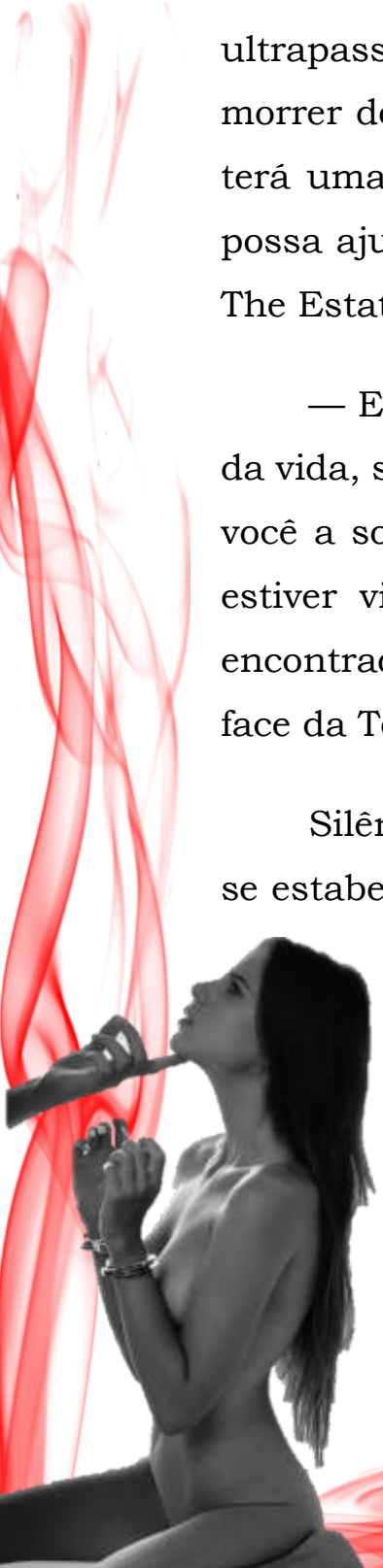
fidelidade a seu pai. Mais alguns meses e nós estaremos prontos para atacar. Temos que aguentar até então.

Batendo o punho contra a madeira da mesa, Aaron se mexeu em sua cadeira, a raiva fervia dentro de suas veias.

— Ela não vai viver mais alguns meses. Em algum momento ele vai empurrar minha paciência demais, vai ultrapassar os limites que me fazem perder o controle. Eu vou morrer de qualquer maneira. Se eu libertá-la, pelo menos ela terá uma chance. Ela vai ser capaz de chegar a alguém que possa ajudá-la, ela vai ser capaz de escapar da doença que a The Estate se tornou.

— E ela vai ter que viver na clandestinidade para o resto da vida, será uma prisioneira da The Estate, mesmo assim. Se você a soltar, ele não vai parar até que encontrá-la. Se você estiver vivo ou morto, ele vai torturá-la, uma vez que for encontrada, apenas para ofender você. Não há um lugar na face da Terra que não esteja infectado por sua influência.

Silêncio novamente, um manto de desespero e futilidade se estabelecia ao longo dos dois homens, enquanto discutiam sobre o destino da jovem, atualmente, chorando na sala, do outro lado das paredes do escritório. Aaron finalmente falou de novo, sua voz era áspera e rachada, através do desânimo que sentia.



— Se eu fosse seu único agressor, se fosse somente eu, não me importaria se ela aprendesse a

me odiar, enquanto eu lutasse para mantê-la viva, seria diferente. Eu poderia protegê-la do pior; garantir que ela permanecesse inteira. Mas essa não é a opção que me foi dada, pelo menos não agora que ele tem encontrado maneiras de contornar o acordo que tinha feito. Ele vai estuprá-la em algum momento, Xander, e vai passá-la para aqueles urubús que vivem em torno dele, antes de acabar com a vida dela, como ele faz com todas as outras mulheres que usa.

— Nós vamos encontrar uma maneira de contornar isso. Nós vamos...

— NÃO HÁ CAMINHO, XANDER! — Aaron se levantou de sua mesa, batendo de lado e derrubando tudo que havia na extensão da madeira à sua frente. Fugindo ele deu um soco na parede, fazendo um grande buraco no gesso, antes de ir até a janela e olhar para fora. Pensativo por alguns instantes, Xander não se atreveu a perturbar a besta que lentamente envolveu as garras ao redor da alma de Aaron, não se atreveu a perturbar um homem que poderia matar em segundos.

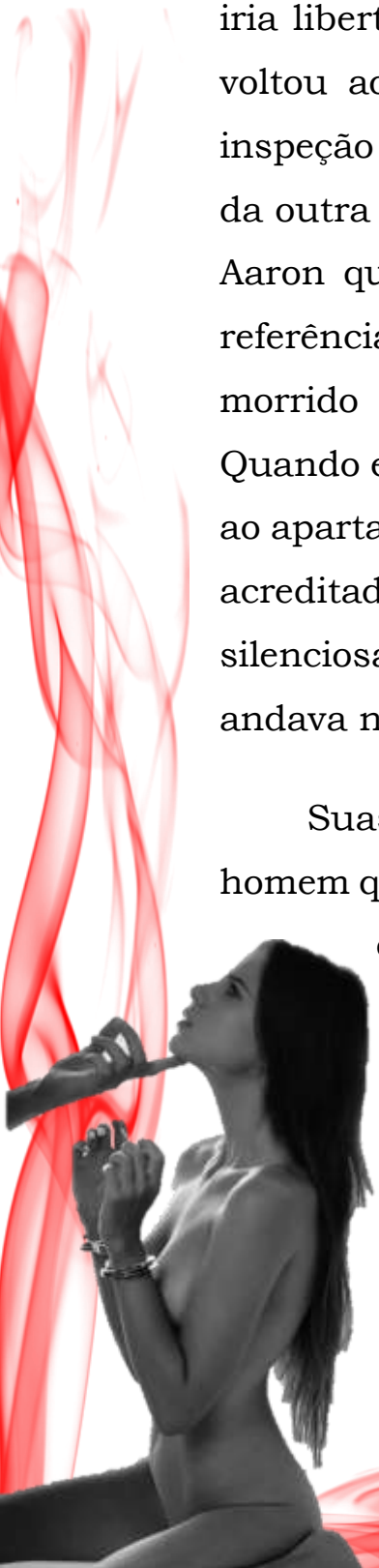
Finalmente rompendo o silêncio, Aaron falou novamente:

— Recupere as roupas dela, eu vou levá-la para o perímetro da propriedade, tomar os caminhos pela floresta, longe das câmeras. Eu não vou deixar a vida de Madeleine escapar, a fim de salvar a minha. Ela é luz, enquanto eu sou escuridão, ela é beleza crua e abençoadamente pura, enquanto eu não sou



nada mais que um veneno para a humanidade. Ela merece a sua vida muito mais que eu mereço minha.

Maddy se acalmou, sentada no sofá, enquanto Xander e Aaron conversavam. Quando ela parou o fluxo de lágrimas, embora com o corpo ainda tremendo, ela pôde ouvir a conversa entre os dois homens, sua pele formigou ao perceber que Aaron iria libertá-la. Envolvida em vergonha e desgraça, sua mente voltou ao momento recente, os eventos da apresentação, a inspeção feita pelo pai de Aaron, a sensação das mãos e boca da outra escrava em seu corpo. Mas foi a voz e as palavras de Aaron que a tinha perturbado mais. A falta de emoção e a referência a ela como nada mais que lixo, ela preferia ter morrido do que suportar o escárnio dos homens na sala. Quando eles caminharam de volta pelos corredores em direção ao apartamento de Aaron, ela sentia raiva de si mesma, por ter acreditado que ele se importava com ela, ela amaldiçoou silenciosamente, o olhando por entre as lágrimas, enquanto ele andava na frente dela e Xander.

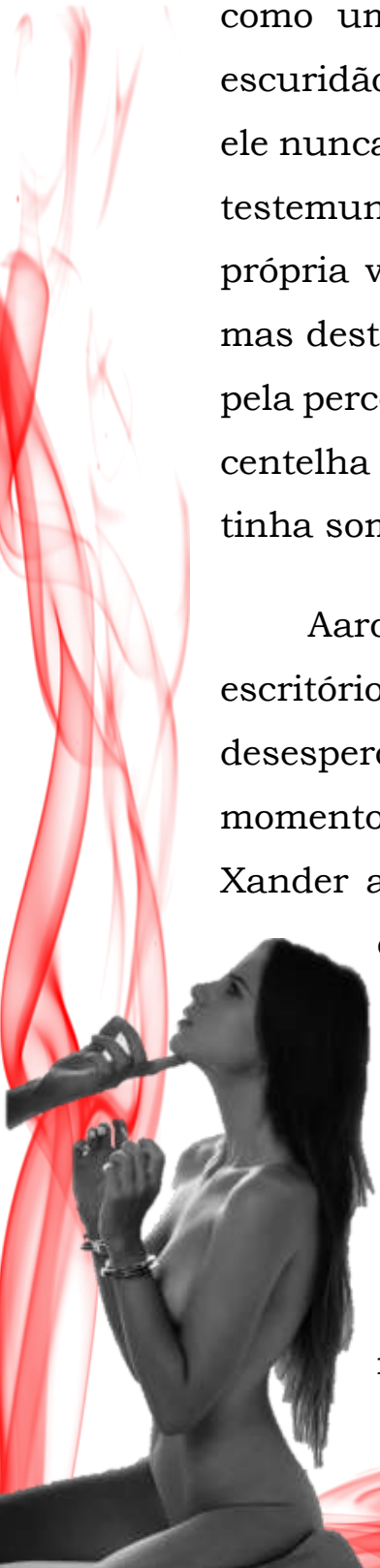


Suas palavras a Xander estavam em contraste com o homem que tinha estado na apresentação; sua confusão agora, era um abismo profundo e escuro, rasgando sua mente. Durante a apresentação, ela estava tão certa que ele não se importava em nada com ela, que foi levada a acreditar que nem mesmo uma centelha de humanidade poderia existir dentro dele. Depois que ele se afastou, permitiu-lhe ser acorrentada a uma mesa, deu permissão ao pai para usá-la como bem

entendesse, Maddy acreditou que ela tinha sido enganada, que ele usou de benevolência para treiná-la, que sua bondade não significava nada mais que uma garantia de que ela estava pronta para a apresentação.

Ela ouviu atentamente, enquanto Xander argumentava contra a decisão do Aaron, ouviu quando Aaron a descreveu como uma coisa de beleza e luz, em comparação com a escuridão de sua alma. Ela arregalou os olhos ao perceber que ele nunca quis treiná-la, que ele prefere perder a vida a ter que testemunhar e suportar mais abusos, que ele iria dar a sua própria vida para libertá-la. As lagrimas vieram, novamente, mas desta vez não por causa da dor, tormento ou abuso, mas pela percepção de que não tinha sido enganada, que a pequena centelha de luz que viu dentro dele não havia sido extinta, ela tinha somente sido disfarçada.

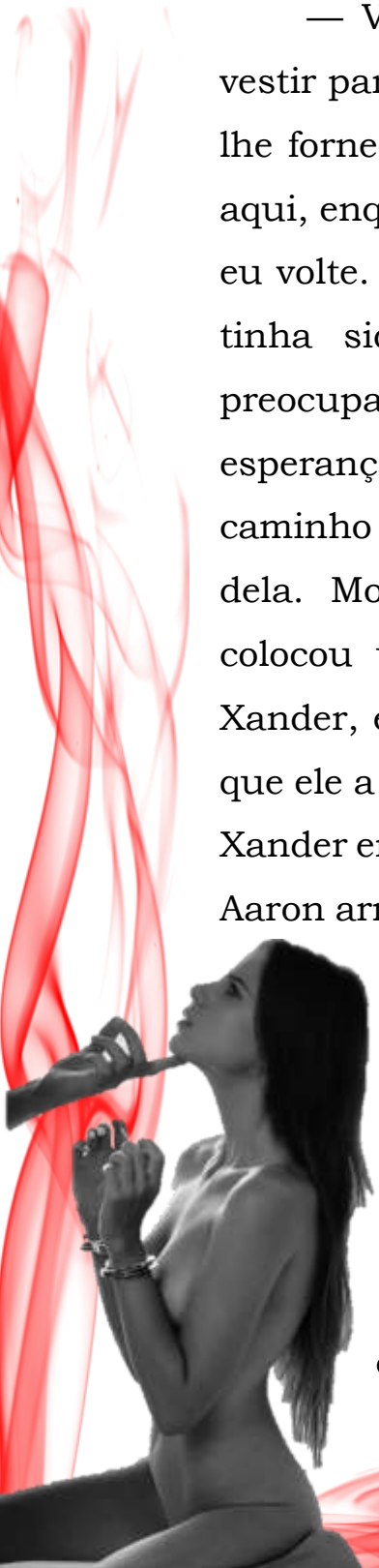
Aaron andava em passos largos através das portas do escritório, o verde-escuro de seus olhos, brilhava, com raiva e desespero, a inclinação de seus ombros, revelava que, neste momento, a decisão que ele tomou foi a aceitação da derrota. Xander andava atrás dele, mas em vez de parar na sala de estar, como Aaron, ele continuou, até que desapareceu nas sombras do longo corredor.



Enquanto esperava Xander retornar, Aaron olhou para Madeleine, banhou os olhos com a visão dela, em um esforço de guardar a imagem, da única coisa boa, que ele tinha conhecido na vida, na memória. A imagem não precisaria durar muito

tempo, logo que descobrissem que ela tinha fugido, seu pai iria pedir sua morte. Apesar de Aaron ser um assassino habilidoso, o Carrasco, como foi apelidado de dentro da The Estate, ele não poderia sobreviver por muito tempo, lutando contra o exército de homens de seu pai, sem dúvida, o homem garantiria sua morte.

— Vamos dar um passeio, Madeleine. Vou ter que me vestir para o tempo frio, infelizmente, eu não vou ser capaz de lhe fornecer roupas para protegê-la. Eu quero que você fique aqui, enquanto eu me troco, não se mova de seu lugar até que eu volte. — Ele não esperou pela resposta dela, sabia que ela tinha sido quebrada o suficiente para que ele não se preocupasse com uma tentativa a desobediência, tinha a esperança de que, quando a libertasse, ela iria encontrar seu caminho de volta à inocência que a The Estate tinha tirado dela. Movendo-se rapidamente para o seu quarto, Aaron colocou um casaco grande, tirou as roupas de Maddy de Xander, empurrando-as em seu casaco, para escondê-las até que ele a levasse para o perímetro da propriedade. Os olhos de Xander eram sombrios e ele permaneceu em silêncio, enquanto Aaron armou-se com mais lâminas e saiu em direção a Maddy, para que pudesse libertá-la.

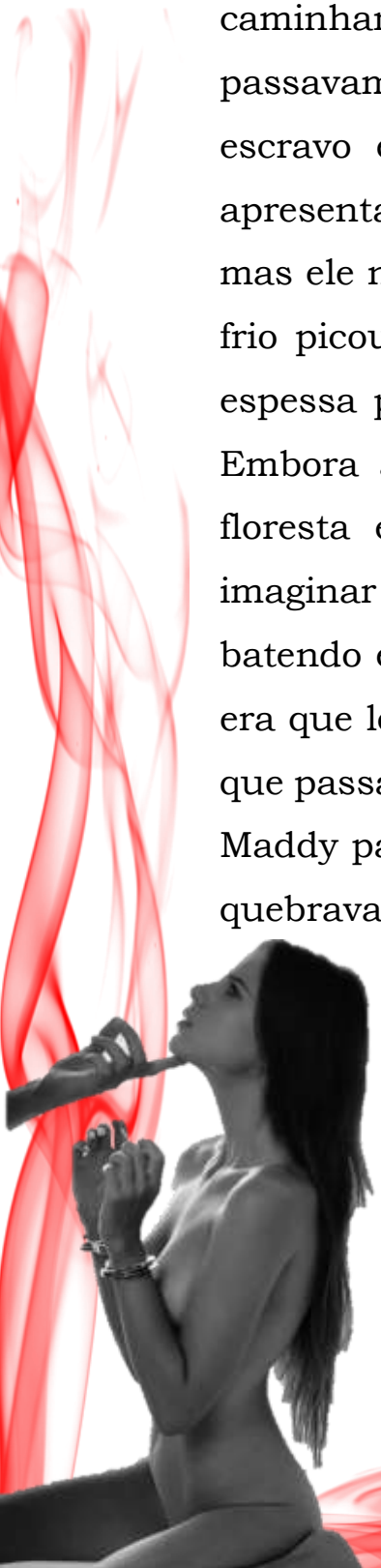


Aproximando-se das portas da frente, Aaron se virou para Maddy.

— Levante escravo e siga atrás de mim. Em nenhum momento você deve andar ao meu lado, como se você fosse minha igual. Até chegarmos ao

nosso destino, todos os olhos estarão sobre nós, quando passamos. Certifique-se de manter seu papel.

Maddy acenou em compreensão e tomou seu lugar atrás dele. Deixando escapar um suspiro pesado, Aaron abriu a grande porta da frente, saiu e fechou a porta atrás de si, uma vez que Maddy o tinha seguido fora de seus aposentos. Eles caminharam em silêncio pelos corredores, os homens passavam, usando expressões de choque ao ver Aaron e seu escravo em público, tão rapidamente após os eventos da apresentação. Ele odiava desfilar por aí com ela sem roupa, mas ele não tinha escolha. Saindo do prédio, a mordida de ar frio picou suas bochechas. Era início da noite e uma névoa espessa pairava no ar. Obscurecendo as linhas das árvores. Embora aliviado ao saber que, uma vez que entrassem na floresta estariam escondidos dos olhares, ele não poderia imaginar o desconforto que Maddy sentiria com o ar frio batendo em sua pele. O único consolo que poderia encontrar era que logo ela estaria livre, para voltar à sua vida. Uma vez que passaram pelas paredes exteriores do edifício, Aaron levou Maddy para a floresta, ele encolhia-se toda vez que um galho quebrava sob seu pé, imaginando o que o chão, coberto de galhos e pedras, deveria estar fazendo para os pés descalços de Maddy. Ele queria diminuir o ritmo ou pegá-la nos braços e levá-la o mais longe que pudesse, mas tinha que manter a aparência de que ela era apenas um escravo, nada digno de seu cuidado.



Uma vez velado profundamente dentro da espessura da névoa, Aaron parou. Virando-se para Maddy, tirou as roupas de dentro de seu casaco. A pele dela tinha adquirido uma tonalidade azul, devido ao ar frio contra seu corpo, seus lábios e bochechas já estavam rachados do vento. Segurando as roupas para ela, ele disse:

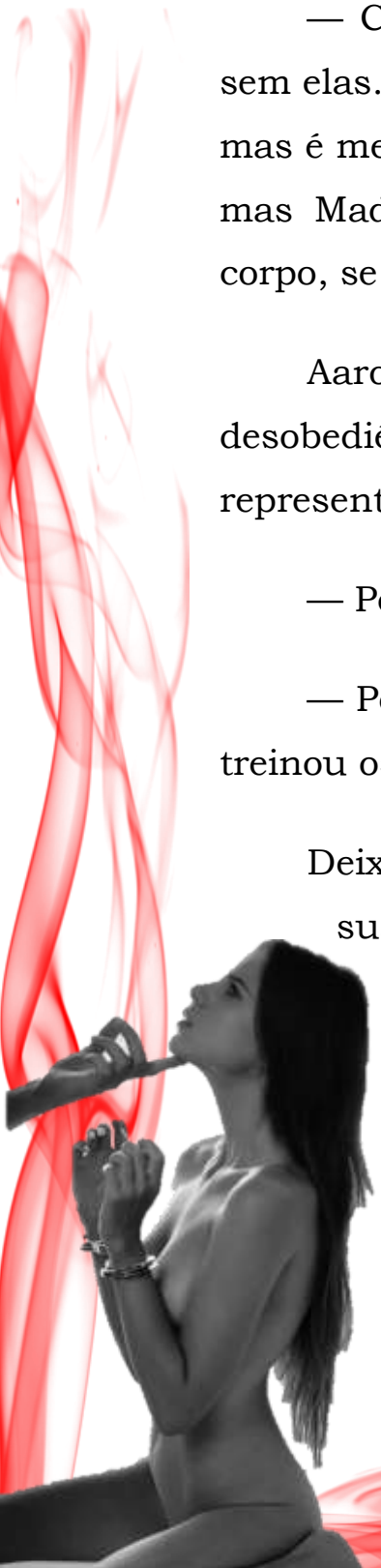
— Coloque essas roupas, você vai congelar até a morte sem elas. Eles não são muito bons para proteger contra o frio, mas é melhor que nada. — Ele tentou entregar-lhe as roupas, mas Maddy apenas manteve seus braços em volta de seu corpo, se recusou a estender a mão para aceitá-los.

Aaron temperado com o aborrecimento por sua desobediência, lembrou-se que ela não era o escravo que representava.

— Por favor, Maddy. Pegue as roupas.

— Posso falar Mestre? — Sua voz era tímida, quando ela treinou os olhos para o chão.

Deixando escapar um suspiro, Aaron observou o calor de sua respiração no vapor diante dele.



— Eu não sou o seu Mestre, Madeleine. Você não é um escravo, você não é nada tão baixo como eu te fiz acredita que era.

— Você vai morrer? — Ele olhou nos olhos dela no mesmo instante, olhos da cor de um céu de verão

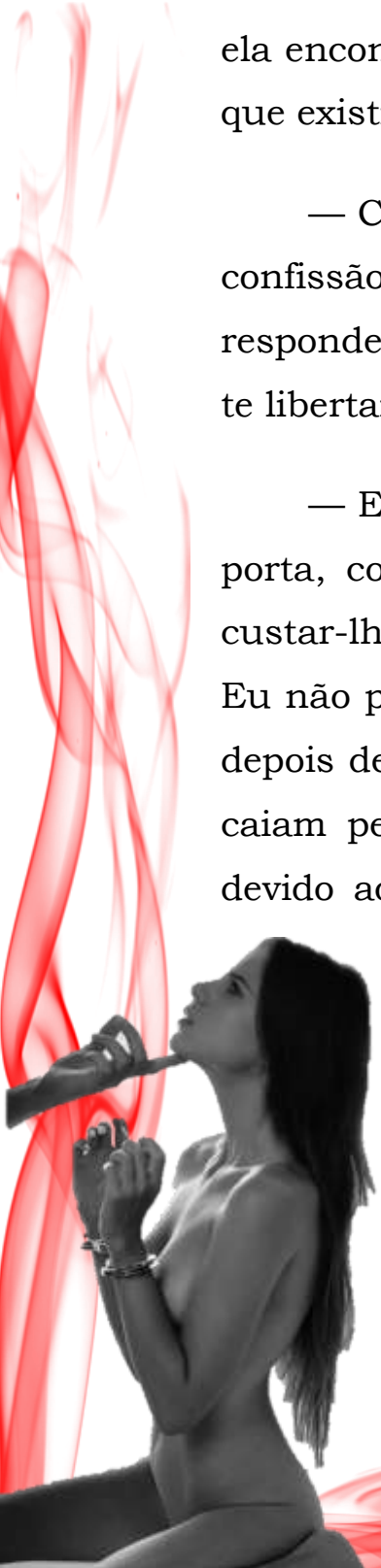
queimava dentro dele, enquanto ele ficava chocado com a pergunta.

— Maddy...

— Não! — A voz dela era firme, ela saiu do personagem ao descobrir a verdade sobre o plano de Aaron. — Diga-me agora. Se eu sair daqui, você vai morrer? — Sua voz tremeu quando ela encontrou uma força oculta dentro dela que nunca soube que existia.

— Como você sabe Maddy? — O tom suave dele era uma confissão suficiente, embora continuasse a recusa em responder a pergunta ela. — Como você sabia que eu pretendo te libertar.

— Eu ouvi sua conversa com Xander. Você não fechou a porta, completamente, eu ouvi tudo. Xander disse que iria custar-lhe sua vida, se eu fosse libertada... Você concordou. Eu não posso deixar isso acontecer, Aaron, não depois... Não depois de tudo o que você tentou fazer por mim. — Lágrimas caiam pelo seu rosto, seu calor indo embora rapidamente, devido ao vento frio, que parecia gelo no momento em que tocava suas bochechas.



Aaron ficou atônito, sem saber o que dizer à mulher que parecia estar chorando por ele, quando ele, não tinha feito nada além de torturá-la. Sua voz estava cheia de descrença, quando disse:

— Eu atormentei você, Maddy e, tenho te tratado como nada mais que um objeto, permiti que outros a tratassem dessa forma.

Segurando-lhe o queixo, ela continuou a bloquear os olhos nos dele, não se afastando da alma escura do homem que estava em sua presença.

— Você gostou, do tormento que infligiu a mim?

A pergunta dela o atingiu. Agora foi a vez de Aaron lhe responder com sinceridade, mas ele não sabia a resposta real. Se ele gostou? Sim, quando o corpo dela se retorcia debaixo dele, quando ela o mordeu e lutou contra ele, quando estava de joelhos diante dele, fazendo-o sentir coisas que nenhuma mulher já fez.

— Sim.

O corpo dela tremeu com a resposta, mais se segurou no evidente caráter honesto daquele homem, que continuou a falar.

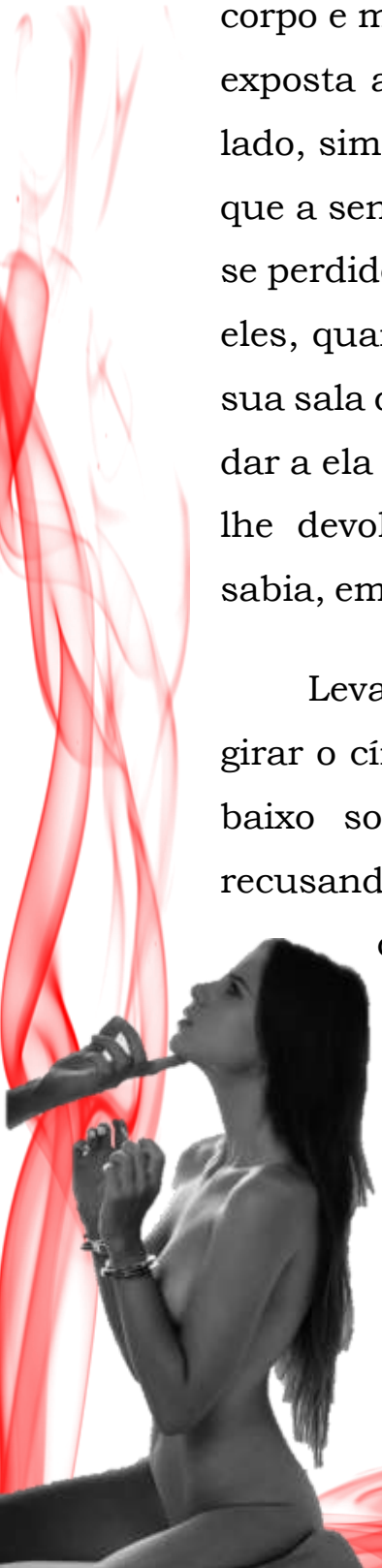
— Eu não sou um bom homem, Maddy. Eu nunca vou ser uma pessoa digna de você, da beleza e da luz que você fornece a este mundo. Eu mato, eu roubo, eu minto e trapaceio. Tenho prazer quando tomo banho no sangue da morte de outro homem, quando vejo a vida escorrer de seus olhos, quando eles morrem. Eu gostei de você também, Maddy, não quando tive que machucá-la, mas quando tirei coisas de seu corpo



que não eram minhas para tomar, quando te dei prazer e tomei o meu de volta. Eu não fiz nada, Rato, nada mais do que eu queria fazer.

Ela pensou sobre aqueles encontros, a princípio desgostosa com a sensação das mãos dele sobre seu corpo, o nojo de ter sido reduzida a cinzas, pelo que ele fazia ao seu corpo e mente. Isso na primeira vez, quando ela não tinha sido exposta ao seu lado gentil, mas depois que ele mostrou esse lado, sim, ela queria o fogo que se acendia dentro dela, queria que a sensação daquela pele, boca e língua. Seu coração tinha se perdido por ele, durante aqueles momentos de silêncio entre eles, quando ele cuidou de suas feridas, quando a levou para sua sala de música. Ele tinha lhe dado alguma coisa, ele tentou dar a ela a única modéstia que podia. E o mais importante, ele lhe devolveu sua música, seus instrumento, mostrou que sabia, em algum nível, o quanto aquilo era importante para ela.

Levando as mãos na frente dela, uma mão se moveu para girar o círculo da corda em torno de seu pulso. Olhando para baixo sobre o cordão de prata, ela balançou a cabeça, recusando-se a acreditar que não havia um pequeno vislumbre de bondade dentro dele.



— Será que você gostou quando permitiu que outras pessoas me tocassem, me estuprasse, enquanto eu estava amarrada a uma mesa, de me apresentar a um grupo de homens horríveis, que foram ativados por minha dor?

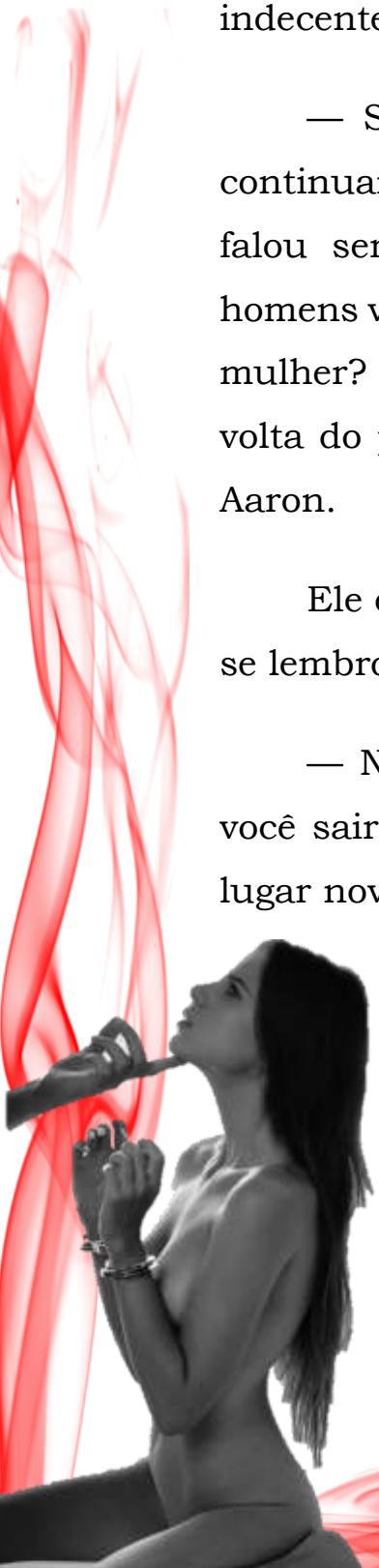
— Não. — A resposta foi simples, porém fiel à sua essência, ela atingiu Aaron, ao perceber que ele se tornou possessivo sobre essa mulher, não podia suportar o pensamento de qualquer homem ou mulher, colocar outra mão sobre ela.

Balançando a cabeça, Maddy sabia que ele não era tão indecente como acreditava ser.

— Se eu ficar, se eu suportar os atos da The Estate, continuar a ser sua escrava, será que a aliança que Xander falou será capaz de destruir o seu pai? Destruir aqueles homens vis, que assistiram, quando eu fui estuprada por outra mulher? — Ela não olhou para cima, a partir do cordão em volta do pulso, com muito medo de ver o verde dos olhos de Aaron.

Ele estender a mão para tocá-la, mas afastou-se, quando se lembrou de que ela não era dele.

— Não é para você se preocupar, Maddy. Uma vez que você sair daqui, você nunca terá que se preocupar com este lugar novamente, você poderá viver sua vida como deve, tocar seu instrumento, casar e ter filhos, se for isso que você quer. Os assuntos da The Estate estão abaixo de você, você é muito mais do que qualquer membro deste buraco do inferno esquecido por Deus.



— Mas eu não quero vê-lo morto. — Ela finalmente olhou para cima, viu o choque nos olhos

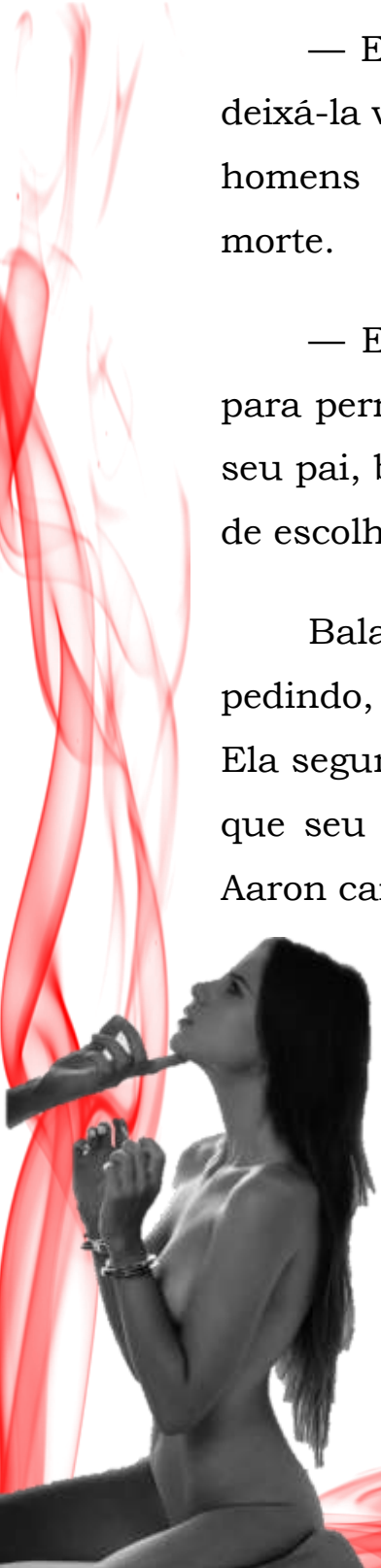
dele, e encheu a voz, em tom determinação. — Não tenho escolha? Ou você é como seu pai, que se acha no direito de tomar decisões por mim, direito de me dizer o que vai acontecer com minha vida?

Aaron sacudiu a cabeça, sem compreender o que ela estava tentando dizer.

— Eu não tomei nenhuma escolha sua. Estou tentando deixá-la viver sua vida, como era antes, não sob o comando de homens tão corruptos que cobrem o mundo de violência e morte.

— Então eu escolho ficar, continuar como sua escrava, para permitir-lhe o tempo que você precisa para garantir que seu pai, bastardo, morra. Se você está devolvendo meu direito de escolha, então eu escolho ficar.

Balançando a cabeça em recusa ao que ela estava pedindo, ele observou como Maddy caiu de joelhos no chão. Ela segurou a cabeça nas mãos e chorou com tanta violência, que seu pequeno corpo tremia com a força de sua tristeza. Aaron caiu de joelhos ao lado dela e pegou seu pequeno corpo em seus braços. A pele dela parecia gelo, devido à temperatura fria. Ele permitiu que ela chorasse, completamente ultrapassado pela mulher que ousou se preocupar com ele, quando ele tinha sido seu pesadelo. Algo cintilou dentro dele, uma quebra de luz através dos recessos negros de sua alma, um



pequeno brilho de esperança onde antes, tinha havido nenhum.

— Eles vão torturá-la. Se eu deixar você ficar, eles eventualmente, vão chegar até você, Maddy. Eu não posso protegê-la quando estamos no salão de baile, não haverá muito tempo antes de me empurrarem muito longe...

— Então, por que me deixar ir? — Lágrimas marcavam o rosto que olhava para ele, as piscinas azuis de seus olhos brilhavam com lágrimas ainda não derramadas. — Se você me libertar, eu não tenho para onde correr. Ouvi Xander, quando disse que o alcance de seu pai era em todo o mundo. Você morreria e ele viria atrás de mim só para me escravizar novamente. Eu estaria de volta na mesma posição que estou agora, só que eu não teria quem me ajudasse a passar por isso. Eu pertenceria a um desses monstros...

— Eu sou um daqueles monstros!

Levantando seu tronco, ela escovou oa lábios suavemente contra os dele, a diferença de suas temperaturas corporal, causou uma sensação surpreendente.



— Você pode ser um daqueles monstros, mas há algo mais dentro de você, uma bondade que não tem que me mostrar. Eu apenas não acredito que você seja exatamente como aqueles homens.

Aaron olhou com espanto para a mulher em seus braços, Espantado por ela suportar a tortura, a

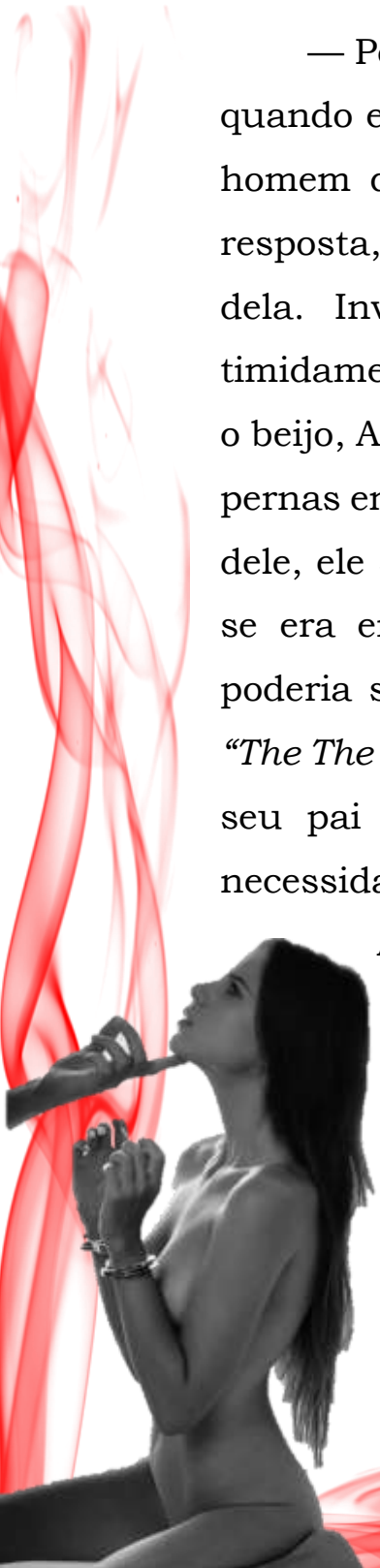
possibilidade de estupro, andar nua por um prédio cheio de ladrões e assassinos cruéis, só para ver a justiça ser feita, ao homem que a sequestrou. Havia tanta força naquela mulher tão pequena, tanta coragem, em uma pessoa que uma vez preferiu esconder.

— Maddy...

— Por favor, Mestre. — Seus belos olhos azuis brilhavam, quando ela olhou para ele. — Deixe-me ajudá-lo a derrubar o homem que nos atormenta tanto. — Sem esperar por uma resposta, ela levantou-se novamente, tomando a boca dele na dela. Invadiu a boca dele, com a língua, provocando-o timidamente, até que ele se perdeu de seu beijo. Aprofundando o beijo, Aaron puxou-a para seu colo até que ela estava com as pernas em volta de sua cintura. Com o calor florescendo dentro dele, ele se permitiu absorver o momento, não se importando se era errado permitir-lhe ficar, não se importando se ele poderia suportar vê-la sofrer outros tormentos nas mãos do *"The The Estate"*. Ele não só arriscava-se para se vingar do que seu pai tinha lhe feito, mas para vingar ele, também. A necessidade dela de vingança era algo que ele podia entender.

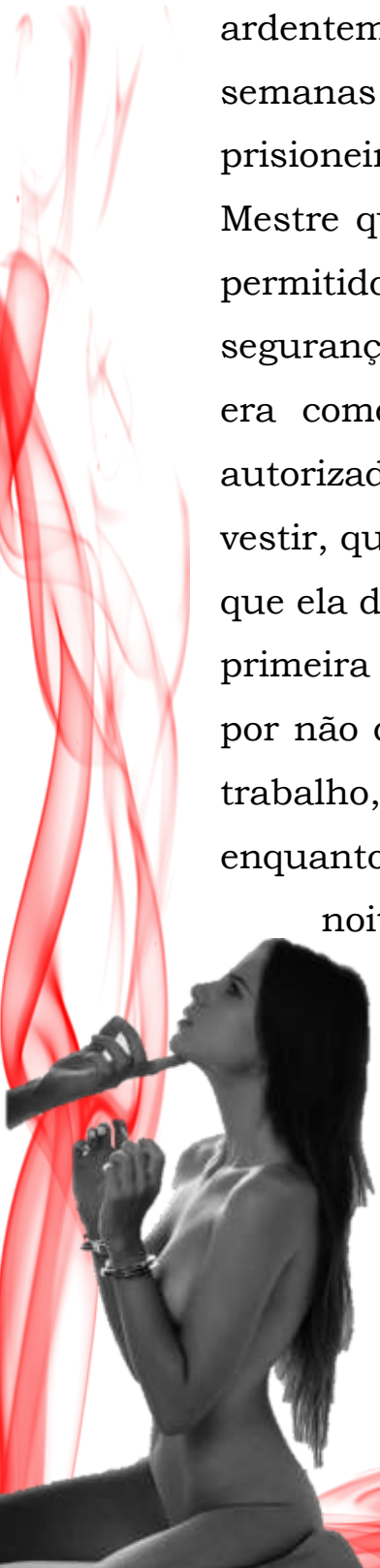
A contragosto, ele se afastou de seu beijo, enquanto percorria as costas dela com as mãos.

— Sim, Rato. Sim, você pode ficar.



Capítulo Vinte e Três

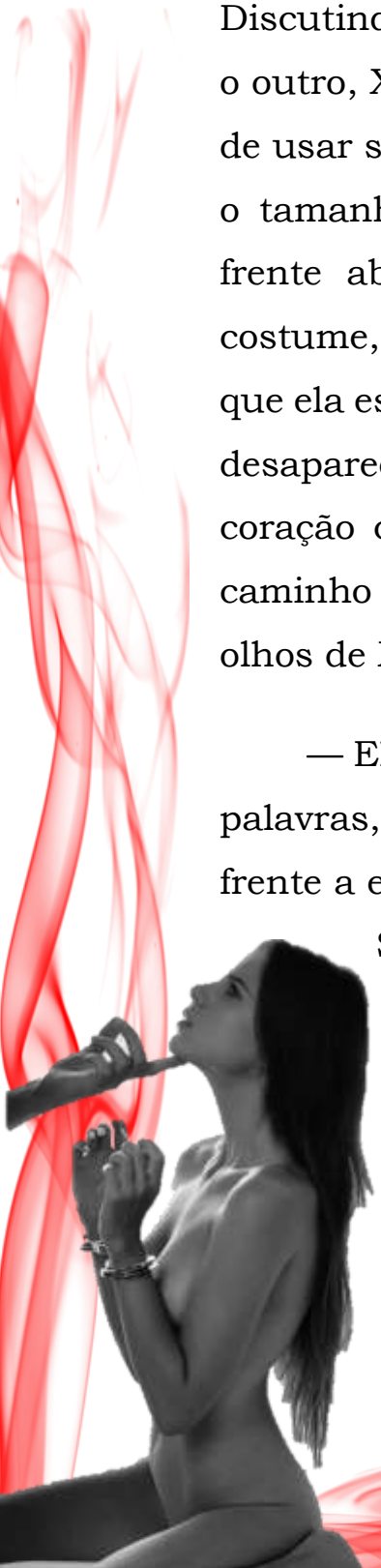
Duas semanas se passaram desde aquela noite na floresta, duas semanas em que Aaron e Xander trabalharam ardentemente para construir a aliança contra seu o pai; duas semanas desde que Aaron se permitiu tocar em sua prisioneira. Maddy permaneceu escrava, diligente ao seu Mestre quando eles viajavam pelos corredores, mas a ela foi permitido mais liberdade, quando estava escondida e em segurança, dentro das paredes do apartamento de Aaron. Não era como se estivese sendo tratada como igual, mas foi autorizada a percorrer o apartamento, foi lhe dado roupas para vestir, quando estava longe dos olhos do público. Aaron pediu que ela dormisse no quarto de hóspedes, onde ela passou sua primeira noite, ela ficou com o coração quebrado pela rejeição, por não querê-la em sua cama. Mantendo-se ocupado com o trabalho, ele tinha evitado Maddy, tanto quanto possível, enquanto Xander ficava na empresa na maioria dos dias e noites. Xander tinha sido surpreendido quando Maddy voltou com Aaron, naquela noite, não podia acreditar que ela estava disposta a viver dentro de um pesadelo, a fim de garantir a morte do homem que a arrastou para ele. Sua presença foi saudada pelo melhor amigo de Aaron, mas era também um fardo, porque Xander tinha que ficar com ela e não



podia acompanhar Aaron às reuniões entre os membros da aliança, ou para as execuções em nome da The Estate. Muitas vezes Aaron voltava para casa, com a camisa manchada de sangue, com a escuridão entranhada nele, embora tentasse manter um rígido controle sobre sua mente.

Certo dia, Maddy sentou-se com Xander na mesa. Discutindo nada de importância, eles riam facilmente um com o outro, Xander ainda propenso a chamá-la de 'Grilo' ao invés de usar seu nome verdadeiro. Enquanto ele fazia piadas sobre o tamanho do violoncelo em comparação a ela, a porta da frente abriu-se e Aaron entrou sorrateiramente. Como de costume, ele silenciosamente a olhou, como para se assegurar que ela estava bem, antes de ir embora sem dizer uma palavra, desaparecendo no corredor que levava para o quarto. Seu coração caia quando ele a evitava, seus olhos rastrearam o caminho dele, antes de voltar para o azul surpreendente dos olhos de Xander.

— Ele me odeia. — A dor da rejeição era evidente em suas palavras, facilmente perceptível para o homem sentado em frente a ela. — Ele mal fala comigo desde que eu escolhi ficar. Sinto que ele não me quer aqui.



Xander suspirou profundamente e deslizou as mãos em toda a madeira da mesa para tocar a dela.

— Ele não quer você aqui... Mas não pelas razões que você pensa. Ele está preocupado com você, Grilo, ele não sabe qual será o próximo plano de seu

pai. — Pausando momentaneamente, a preocupação estava gravada no semblante de Xander. — Você é a sua fraqueza, e eu acho que ele não sabe como lidar com esse fato.

Puxando suas mãos das de Xander, Maddy inclinou-se para trás em sua cadeira, olhou para baixo para girar a corda violoncelo que ainda estava enrolada em seu pulso. O silêncio pairava sobre eles, enquanto ficaram sentados, por um tempo mais longo.

Levantando-se, Xander olhou para ela e piscou, enquanto empurrava a cadeira para debaixo da mesa.

— Eu vou falar com ele. Ele teve uma reunião hoje, com alguns dos membros da aliança, eu preciso saber se existem tarefas que devem ser concluídas, como resultado.

Balançando a cabeça em compreensão, Maddy também se levantou e caminhou ao lado de Xander, quando eles se aproximaram do corredor.

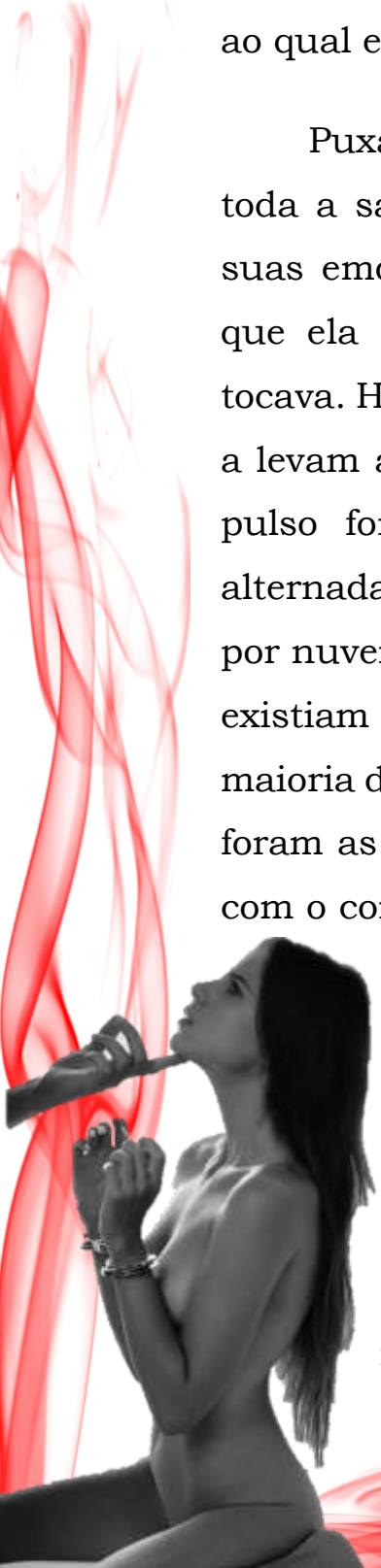
— Eu acho que vou para a sala de música por um tempo, para ver se posso aliviar a dor em meu coração, tocando. — Quando chegaram à sala, Maddy virou-se para entrar, fechando a porta atrás dela, enquanto Xander continuou pelo hall.



Pegando seu arco, ela passou alguns minutos na aplicação de um brilho saudável de resina antes de pegar o violoncelo e ter certeza que ele estava em sintonia. Deslizando os dedos ao longo das cordas,

ela permitiu que os sons harmônicos a levassem de volta no tempo, quando a vida era nada mais do que a música, quando o mundo era apenas um lugar assustador que existia do lado de fora do pequeno lugar que ela chamava de casa. Imaginando o que aconteceu com aquela casa, ela começou a tocar uma canção que seu tio tinha lhe ensinado, quando era uma criança, uma canção de ninar, com alma de algum outro país, ao qual ela não conseguia se lembrar do nome.

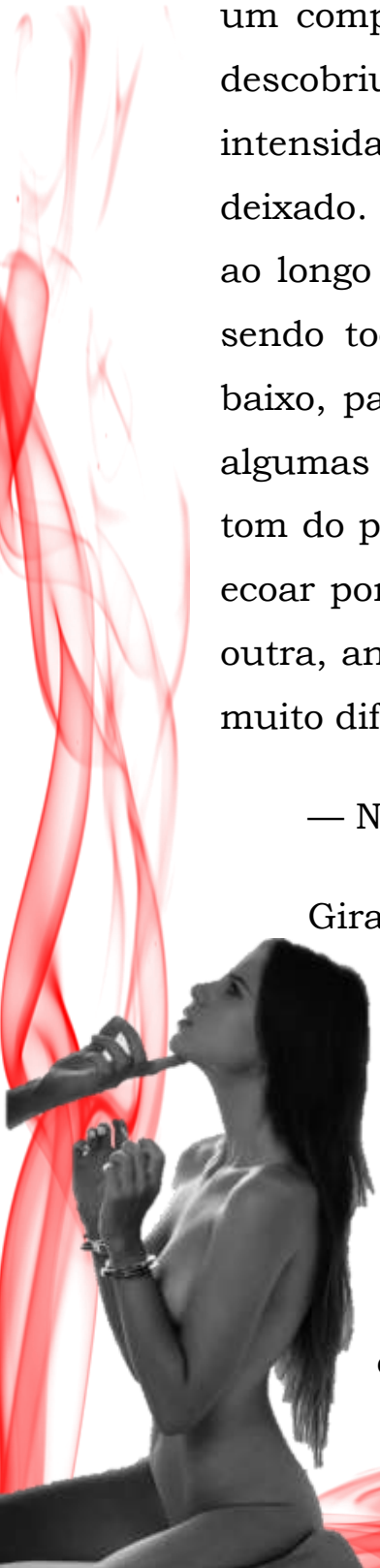
Puxando seu arco, o baixo profundo das notas vibrava por toda a sala. Tristeza era derramada dos sons dessas notas, suas emoções foram transformadas em um som tão bonito, que ela não podia deixar de derramar lágrimas, enquanto tocava. Houve uma série de notas mais agudas que lentamente a levam até um tom baixo, com alma, o vibrato apertava seu pulso fora de prática. Devagar e sempre, com as notas alternadas, ela olhou pela janela, e viu um toque de sol coberto por nuvens negras de tempestade que chegaria. Ela sabia que existiam músicas mais felizes, pequenas músicas que fariam a maioria das pessoas ter um sorriso de prazer, mas aquelas não foram as músicas que ela havia escolhido para o dia de hoje, com o coração necessitando de uma expressão audível de sua melancolia, uma liberação da tensão acumulada em seus músculos, ossos e espírito. Depois de passar por três ou quatro músicas, seus ombros caíram de tristeza, a cabeça não encontrava a fuga de costume, dentro de sua música. Colocando o violoncelo para baixo, ao seu lado, Maddy ficou em silêncio por um momento, olhou para o sofá onde Aaron tinha se



sentado, apenas algumas semanas antes, lembrou-se de assistir seu passo sedutor até ela, do outro lado da sala, a maneira como o corpo e boca dele, pareciam, ao tocar sua pele.

Finalmente em pé levantando-se de sua cadeira, ela mudou-se para sentar-se no banco do piano, olhando para a partitura, surpresa surgiu em seu rosto quando ela viu que era um compositor que ela não reconhecia. Lendo a música ela descobriu que era uma peça triste, mas poderosa em sua intensidade; apropriada para o ambiente em que Aaron a tinha deixado. Ela estendeu a mão para a partitura, passou a mão ao longo das notas da clave FA na peça, imaginou a música sendo tocada por piano e violoncelo, juntos. Olhando para baixo, para as teclas, ela correu os dedos sobre a superfície algumas vezes, finalmente ousando pressionar uma tecla. O tom do piano era requintado, a acústica da sala, ajudava-o a ecoar por todo o espaço. Ela interpretou outra nota e depois outra, antes de executar seus dedos ao longo das teclas, não muito diferente de uma criança que não sabia como brincar.

— Não é o instrumento errado, Madeleine?



Girando rapidamente, ela quase caiu do banco, os olhos de Maddy encontraram o verde esmeralda dos olhos de Aaron. A luz em seus olhos brilhava, os cantos de sua boca se contraiam, enquanto tentava segurar um sorriso. Maddy olhou para ele, muda por sua beleza, o ar ao redor deles falava de perigo e paixão, tudo ao mesmo tempo. Ele era fascinante, uma espécie de enigma, aquele em que o mistério dentro

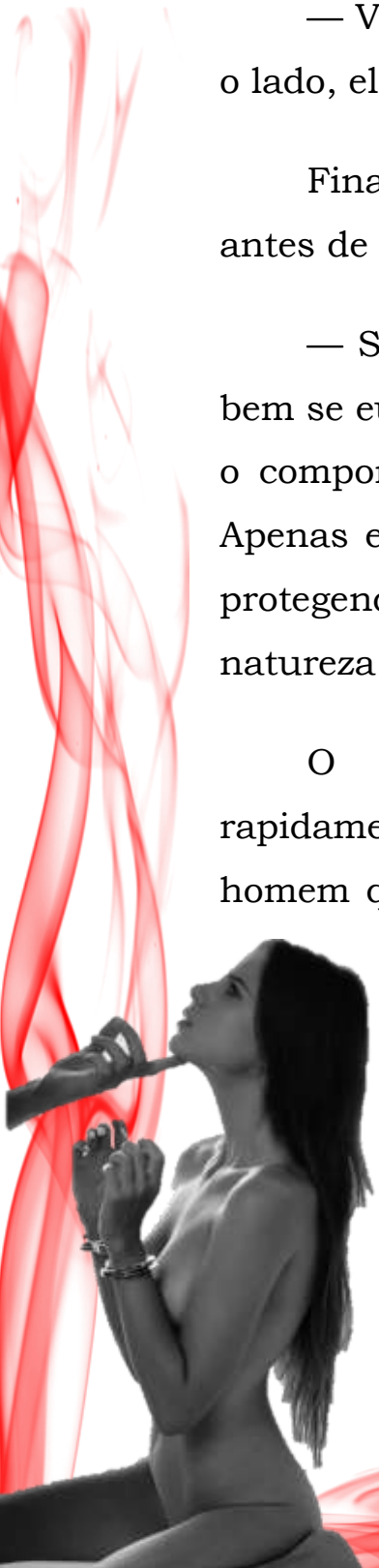
de si, era revelado quando menos se esperava, quando jurava que só existia realmente escuridão no corpo do homem que gostava de matar. Aaron riu baixinho, seus ombros tremendo levemente com o som. Maddy apenas ficou olhando, sem entender como ele poderia passar de um homem que mal poderia olhá-la para um, que ria do efeito que tinha sobre ela.

— Você vai me responder? — Com cabeça inclinada para o lado, ele continuou a valorizar aquele momento.

Finalmente encontrando-se, Maddy sacudiu a cabeça antes de dizer:

— Sinto muito, Mestre, eu... Eu pensei que estaria tudo bem se eu... Eu não devia ter tocado. — Por que ela mantinha o comportamento como sua escrava, ela não tinha certeza. Apenas era mais fácil para ela se comunicar com ele assim, protegendo-a de ter que tomar decisões que iam contra sua natureza tímida.

O choque por sua resposta cintilou seu rosto rapidamente, antes de ser substituído pela expressão de um homem que não queria nada mais do que dominar. Sua voz baixou pecaminosamente profunda, a luz que uma vez brilhou nos olhos dele se transformou em um calor lento.



— Você sabe o que isso significa, não é escrava?

O corpo dela estremeceu com a palavra, uma umidade começou a se contruir entre suas coxas, ela

não podia acreditar o quão facilmente ela respondeu a ele, o quanto ela o queria.

— Não.

— Não, o quê?

— Não, Mestre. — O canto do lábio dela, espiou para cima, essa troca a colocou de volta em território familiar, um lugar onde ela sabia como se associar com ele, como se comunicar com ele. Embora ela não soubesse por quê, mas, agindo como sua propriedade, entregando-se totalmente a ele, a fazia se sentir segura, o peso do mundo saia de seus ombros, permitia-lhe tomar as decisões que estava com muito medo de fazer.

— Você tocou em algo meu... Então, agora, eu começo a tocar em algo seu. — Movendo-se até a porta, para que ele pudesse fechá-la e garantir sua privacidade, ele lentamente a perseguiu. Mantendo os olhos treinados nos dela, ele deixou o aumento de pressão se construir entre eles para que ele pudesse vê-la tremer, quando se aproximasse. Mesmo quando ela estava vestida, ele podia imaginar as curvas de seu corpo, seus seios flexíveis e pesados, a forma como seu cabelo mogno contrastava fortemente contra o branco puro de sua pele.



Ele se aproximou dela, com as mãos apertadas em punho, enquanto segurava-se para não tocá-la ali mesmo. Parando acima dela, ela teve que esticar o pescoço para olhá-lo, ele sorriu, gostando do jeito

que seus lábios estavam entreabertos de antecipação, a maneira como sua pele ruborizava com seu escrutínio de seu rosto e corpo. Pisando rapidamente para o lado, ele a surpreendeu quando se moveu para se sentar em sua cadeira.

— Vem cá, escrava. Fique na minha frente.

Maddy se levantou com as pernas tremendo, usou a mão para segurar o lado do piano, para que ela pudesse se firmar. Seu coração disparou, fazendo-a ficar tonta, seu peito arfava quando o fluxo de sua respiração aumentou. Hesitante, ela deu um passo em direção a ele, movendo-se muito lentamente, até parar a uma curta distância de onde estava sentado. Seus olhos procuraram os dele, seu corpo despertando, ganhando vida, com ansiedade e querer.

Os olhos de Aaron passaram lentamente sobre seu corpo. Ela puxou o lábio inferior entre os dentes, forçou-se a permanecer imóvel, enquanto ele a olhava. Ela gostou deste sentimento, sabendo que era dele, para brincar, sabendo que, quando ele tomasse e preenchesse seu corpo, daria-lhe um prazer extremamente gratificante em troca.



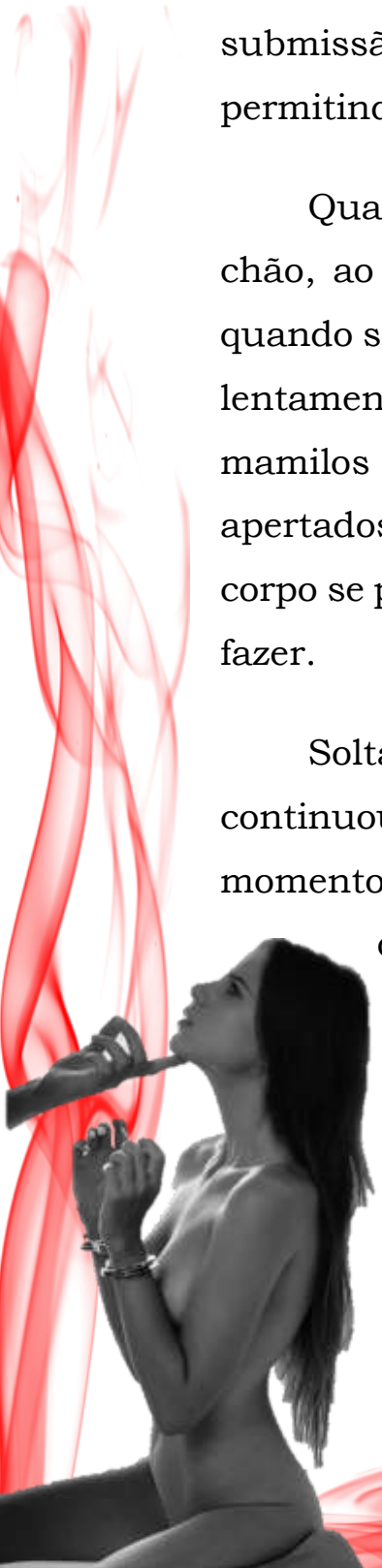
— Eu quero você de joelhos. — Quebrada com a rouquidão causada por sua necessidade, a voz dele esfregou ao longo de seus sentidos, a fez tremer em antecipação ao seu toque.

Maddy imediatamente abaixou-se para o chão, a picada da superfície dura contra seus joelhos era

um sentimento doce, misturado com a ansiedade do que estava por vir. Aaron se inclinou para segurar a barra inferior de sua camisa nas mãos; havia um leve sorriso no rosto dele quando ele puxou-a para cima, para removê-la de seu corpo. Maddy obedientemente levantou os braços, lhe permitindo quaisquer liberdades que ele quisesse tomar com seu corpo. Ela era tão nova para isso, tão completamente fora de sua liga que preferia submissão, luxuriada na confiança que concedia a ele, permitindo-lhe possuí-la completamente.

Quando ele puxou o material de seu corpo, colocou-o no chão, ao lado deles. Os lábios dele se separaram um pouco quando seus olhos devoraram os seios dela. Estendendo a mão lentamente, ele sentiu o peso deles em suas mãos, apertou os mamilos entre os dedos transformando-os em botões apertados. A cabeça de Maddy foi desfeita com o sentimento, o corpo se preparando para o que quer que fosse que ele quizesse fazer.

Soltando-a, Aaron colocou as mãos de volta ao seu lado e continuou a admirar a mulher deslumbrante que, neste momento, tinha escolhido se entregar a ele. Uma estranha diferença era escolha de ela entregar-se a ele, ao invés dele tomar o que queria e era o suficiente para as chamas do inferno correrem sobre ele, ainda mais forte do que nunca.



— Desafivele minhas calças, Rato e me acaricie com sua mão.

Maddy, hesitante, estendeu a mão para a fivela de seu cinto, o calor dele contra suas mãos era uma sensação inebriante. Soltando o couro do fecho de metal, ela levou as mãos para mais perto do corpo dele, podia sentir o aperto das calças, devido à excitação. Satisfação floresceu dentro dela, ao perceber que o afetava, assim como ele a afetava, um sorriso ameaçou seus lábios, enquanto ela rapidamente desabotoava as calças. Puxando para baixo o zíper, ela descobriu que ele não usava nada por baixo, podendo puxá-lo livremente, fácil e rápido. Agarrando a mão em torno da largura dele, ela acariciou ao longo daquela pele, que parecia cetim, o músculo totalmente cheio, para tal plenitude, parecia incrivelmente duro em sua mão. Sua respiração, agora, estava curta, ela pulou de repente, quando ele colocou o dedo em seu queixo para olhá-lo. Ele sorriu sedutoramente, com o rosto esculpido em uma expressão enganosamente suave e, no entanto, seus olhos mostravam a luxuria que ardia dentro dele.

— Beije-me, Madeleine. — Foi um suave sussurro, seu comando a agradou, porque ela sabia que iria terminar em paixão requintada.



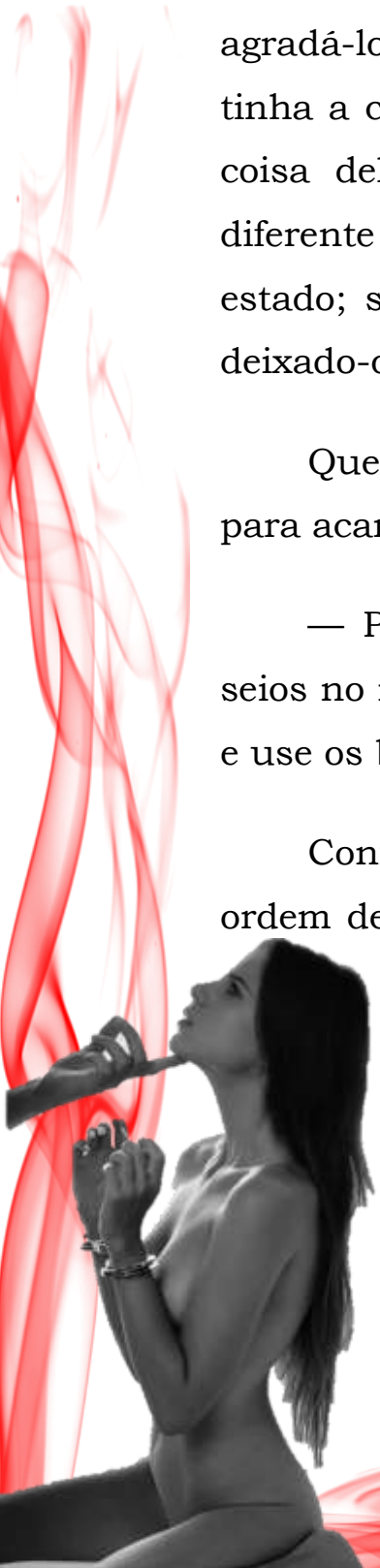
Aaron, falou seu comando na intenção de levar Maddy para cima, para trazer a plenitude e o calor daqueles lábios aos dele, mas quando ela envolveu os lábios ao redor da cabeça de seu pênis e começou a sugar a ponta, permitindo que a língua acariciasse ao longo do seu eixo, ele derreteu em seu assento. A percepção de que ela precisava de instruções mais

específicas, que era muito nova para isso e que nem sempre entendia o que ele queria, não escapava de sua compreensão, mas ele estava tão desfeito, tão completamente dominado pela sensação da boca dela em volta seu eixo que ele deixou o mal-entendido ir, se favorecendo do calor úmido daquela boca, exatamente onde ela estava. Ele gemeu, inclinando-se para trás na cadeira, e lhe permitiu explorá-lo com sua língua, agradá-lo, de uma maneira tão altruísta e cativante. Ela não tinha a cabeça em seu colo, em um esforço de obter alguma coisa dele, fazia isso pelo puro desejo de agradá-lo. Tão diferente de todas as outras mulheres com quem ele tinha estado; seu anjo, uma mulher que tinha inconscientemente deixado-o cativo em troca.

Querendo estender este encontro, Aaron estendeu a mão para acariciar a seda suave de seu cabelo quando ordenou:

— Pare Madeleine. Incline-se para frente, pressione os seios no meu colo, segure as laterais da cadeira com as mãos e use os braços para pressionar seus seios bem juntos.

Confusão atravessou seu rosto, mas ela obedeceu a ordem de Aaron, não questionando o que ele pretendia fazer com ela. Quando ele moveu-se para que pudesse inserir seu pau entre seus seios, Maddy olhou para ele, com uma expressão, tímida cruzando seu rosto, enquanto esperou que ele a instruísse sobre o que fazer.

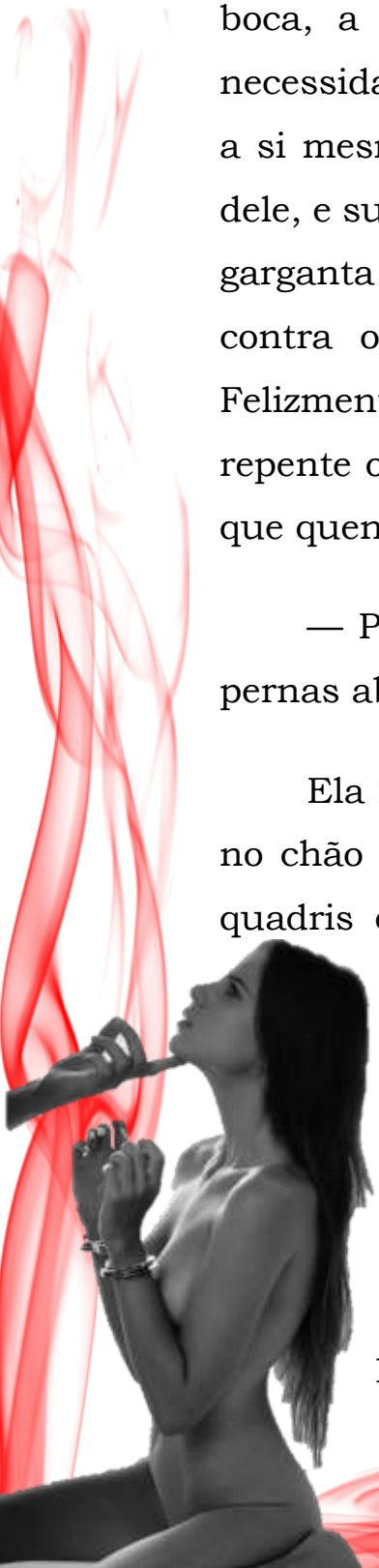


— Empurre-se para cima e para baixo, escrava; agrade o seu Mestre. — O barítono profundo da voz dele, incrustrada em sua pele, penetrou em seus poros, aquecendo seu sangue a um ponto de ebulição.

Maddy fez o que ele disse, ficou chocada como a sensação do seu comprimento duro, molhado com a umidade de sua boca, a fazia sentir, a deixou em um ponto de dolorosa necessidade, teve que lutar para não chegar para baixo e tocar a si mesma, para encontrar alívio. Ela ajoelhou-se na frente dele, e suspirou para os gemidos satisfeitos que escapavam da garganta dele. Ela viu os lábios dele se entreabrir e lutou contra o desejo de subir e tomar aquela boca na dela. Felizmente não teve que lutar por muito tempo, Aaron de repente olhou em seus olhos, trancando-a em um olhar mais que quente e passou-lhe o próximo comando:

— Pare... Tire minha calça e suba no meu colo, com as pernas abertas, Madeleine.

Ela fez como instruído, tirou as calças dele, deixando-as no chão e depois montou nele. Ele agarrou a carne de seus quadris e a puxou para frente, pressionando-a contra sua carne sensibilizada, contra o ponto que a faria se contorcer e gemer. Quando ela estava no lugar, ele balançou os quadris lentamente, com as mãos passando nos lados do corpo dela, provocando os seios quando passou por eles, finalmente, colocou os dedos na espessura de seu cabelo e o agarrou. Ele puxou a cabeça dela para frente, forçando seu corpo



ainda mais, contra seu pênis, para que pequenas rajadas de eletricidade percorressem os nervos precionados contra ele. Aaron moveu a boca sobre a dela, lentamente, sua língua lambendo ao longo do lábio inferior de Maddy, em busca de entrada. Quando ela abriu a boca, sua língua invadiu a dela e um rosnado ressoou em seu peito. Afastando-se, de repente, ele apertou a boca na orelha dela, quando sussurrou:

— Eu posso provar a mim mesmo em você.

O corpo dela tremia, enquanto deslizava a mão para fora do cabelo dela e descia por suas costas, para encontrar o ponto de entrada de seu corpo. Enquanto o clítoris sensibilizado dela, era pressionado firmemente contra ele, ele correu os dedos ao longo do vinco de sua pele molhada, impulsionndo para esfregar ao longo do comprimento dele, enquanto brincava com a abertura de seu núcleo.

— Eu quero me enterrar dentro de você, Madeleine... Quero, finalmente, fazê-la minha.

Maddy tremeu violentamente, quando ouviu as palavras que fizeram seu coração cantar, quando ele disse aquilo que ela mais desejava ouvir durante as duas semanas que ele se recusou a tocá-la. Ele a queria, queria ser dono dela, para nunca deixá-la ir.



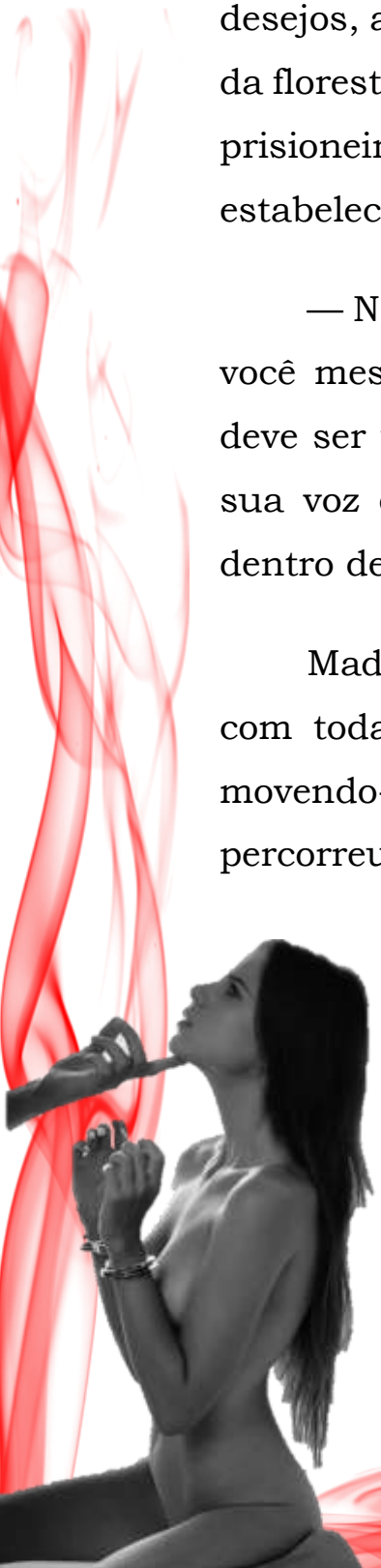
— Então me leve. — Ela iria entregar-se a ele, daria tudo o que ele quisesse, confiava que, neste momento, ele iria cuidar dela, e lentamente iria aliviá-

la de sua inexperiência. Ela o queria tanto, que podia sentir seus músculos apertando ao longo do dedo dele, querendo... Precisando de mais do que a mão poderia dar.

Descansando a cabeça contra a dela, Aaron lutou contra a necessidade de levantar o corpo de Maddy, para que pudesse lançar-se dentro dela. Sua consciência guerreava com seus desejos, a razão pela qual ele a evitou, desde que eles voltaram da floresta naquela noite. Ela não era dele para tomar, era uma prisioneira. Tomá-la seria cruzar a linha que ele tinha estabelecido, firmemente, quando ela chegou.

— Não, linda. Não é meu para tomar. Isso é um pedaço de você mesma, que deveria ser seu, para dar livremente, não deve ser tomado por um homem como eu. — A ronquidão de sua voz quebrou suas palavras, traiu o fogo que queimava dentro dele, enquanto lutava para se controlar.

Maddy se esforçou para pensar, enquanto ele continuou com todas às carícias que certamente a levaria a loucura, movendo-se em círculos, em torno dos dedos dele, tremores a percorreu, enquanto lutava para responder.



— Eu quero me entregar a você, Mestre, eu já me entreguei a você. — Olhando através dos cílios, ela encontrou os olhos dele, viu as emoções conflitantes que rodavam dentro das profundezas do verde. — Você vai aceitar o que eu te dou?

— Você é uma prisioneira...

— Não mais. Eu escolhi ficar, estou aqui de livre e espontânea vontade.

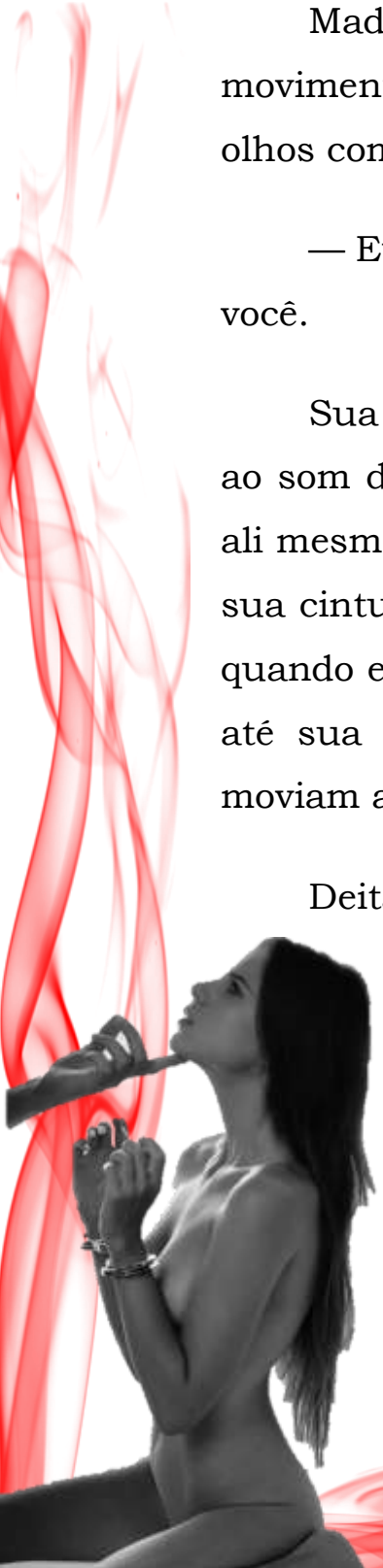
Ele soltou um suspiro pesado, ela tremia sob suas mãos, seus braços fortes a levantava, ainda esfregando-a contra ele.

— Você ficou por vingança.

Maddy empurrou de volta contra suas mãos, parou o movimento de seus corpos e segurou o seu rosto e bloqueou os olhos com os dele.

— Eu fiquei por vingança, sim, mas eu também fiquei por você.

Sua respiração presa, a determinação de Aaron quebrou ao som dessas palavras. Lutando contra o desejo de tomá-la ali mesmo, ele a levantou e colocou as pernas dela envolta de sua cintura. Ele ficou maravilhado com a luz que vinha dela, quando ele rapidamente levou-a para fora da sala de música, até sua cama. Sua boca mal deixou a dela, enquanto se moviam até o quartos.

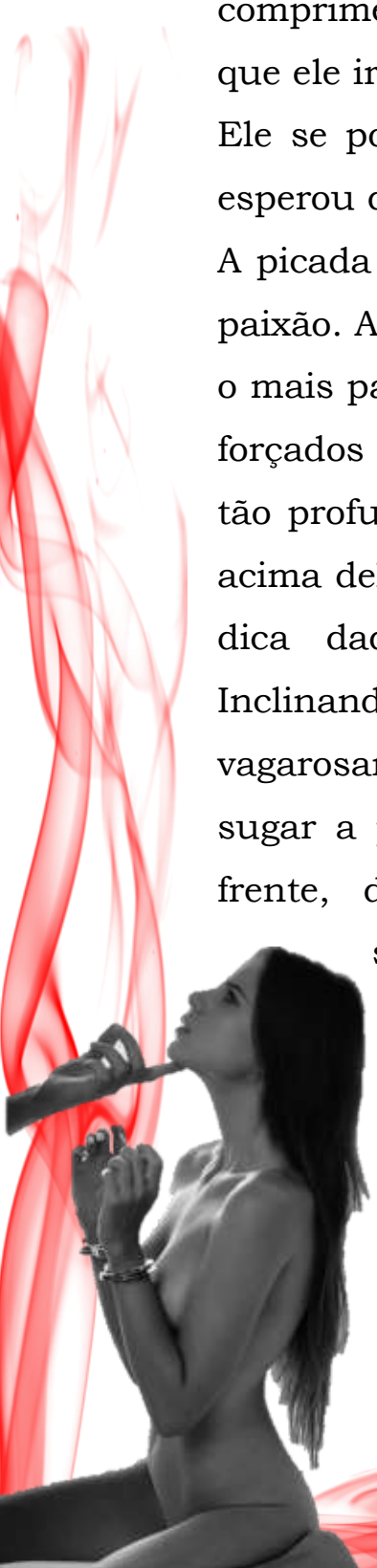


Deitando-a na cama, Aaron explorou seu corpo com a boca e mãos, brincou com sua pele, apertos suaves e beliscões enquanto trabalhava em tal frenesi que ela tremeu em antecipação. Espalhando as pernas à sua frente, ele olhou em seus olhos, olhou com admiração para a mulher que era tão tímida, mas de alguma forma tornou-se mais corajosa do que ele. Chegou até à mesa do lado, abriu uma gaveta, tirou

um preservativo e puxou-a. Olhando para baixo, em seus olhos, ele disse:

— Isso pode doer, Maddy, diga-me se for demais, eu quero que você grite meu nome na sua diversão e não na sua dor.

Maddy acenou com a cabeça, nervosa de como todo comprimento dele iria enchê-la, mas ela confiava nele, sabia que ele iria tão lento quanto ela precisava, a fim de agradá-la. Ele se posicionou em cima dela, empurrou um pouco, mas esperou que ela ajustasse as pernas em torno de sua cintura. A picada foi divina, um tempero adicionado à doçura da sua paixão. Agarrando seus quadris, ela o puxou para ela, forçou-o mais para dentro. Seu corpo ardia onde os músculos foram forçados a se separar, mas ela ainda queria mais, queria ele tão profundo quanto ele pudesse ir. Ele se preparou, imóvel acima dela, olhando por cima de seu corpo, observando cada dica dada pelas expressões que cruzaram seu rosto. Inclinando-se, ele levou o prazer ao auge de seu peito, lambeu vagarosamente o cume de seu seio, puxando-o na boca para sugar a ponta. Lentamente, ele moveu-se para trás e para frente, dentro dela, trabalhando os músculos soltos o suficiente para evitar machucá-la, até que se enterrasse completamente nela. Perdendo seu controle, ele se inclinou para baixo e mordiscou o lóbulo da orelha antes de sussurrar:



— Você está pronta?

Balançando a cabeça, num sinal de positivo, Maddy foi silenciada pelo movimento dele, dentro de seu corpo. Um empurrão final para frente e Aaron estava totalmente dentro dela. Pausando de novo, ele esperou que seus músculos relaxassem, se ajustassem à largura dele, mas depois começou a se mover, e um calor que ela nunca tinha experimentado floresceu dentro dela. Perdendo-se à intensidade do momento, o coração de Maddy bateu forte, num ritmo frenético, sua respiração ficou presa, enquanto era levada ao limite, ela temia que aquilo fosse separá-la ao meio. Quase demais, a sensação agarrou seu corpo e seus músculos tensos, quando cada terminação nervosa ganhou vida e passou por toda sua pele.

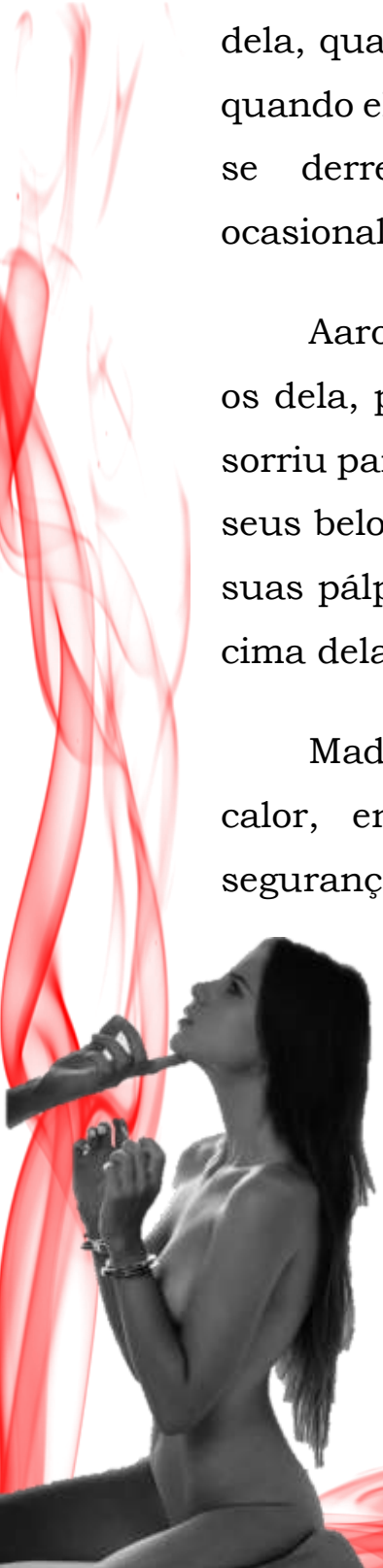
A sensação do ar contra sua pele aquecida era quase demais, enquanto Aaron trabalhava o corpo dela, levou-a a um ponto de completo abandono, amando-a como nenhuma outra pessoa tinha antes. Gemidos escaparam de seus lábios, sons de pura paixão irromperam, como se o inferno que ele construiu dentro dela tivesse assumido. Empurrado mais e mais, ela mal era capaz de pensar, lutou para manter os olhos abertos para que pudesse assistir o flexionar de seus músculos brilhando, enquanto ele se movia em cima dela. Quando Aaron pegou a parte de trás de suas coxas para colocar as pernas dobradas mais alto, ele colocou-se incrivelmente mais profundo dentro dela. Ela agarrou os lençóis, enquanto era forçada a um pico que parecia tão alto que seria doloroso finalmente chegar. Quando a boca dele tomou a dela, quando os dentes mordiscaram o lábio inferior, ela se desfez.



Uma tempestade febril rugiu através de seu corpo, a intensidade da sua libertação a fez gritar o nome dele. Seus músculos tremiam em torno dele, agarravam ao longo da plenitude e largura dele, enquanto ele continuava a bombear dentro dela. Seu corpo tremia incontrolavelmente como se ela estivesse sendo rasgada de dentro para fora. Quando ele finalmente se deixou ir, quando finalmente se matou dentro dela, quando sua boca faminta foi pressionada contra a dela, quando ele se juntou a ela em uma liberação primorosa, Maddy se derreteu debaixo dele, com o corpo balançando ocasionalmente, com os tremores de seu orgasmo.

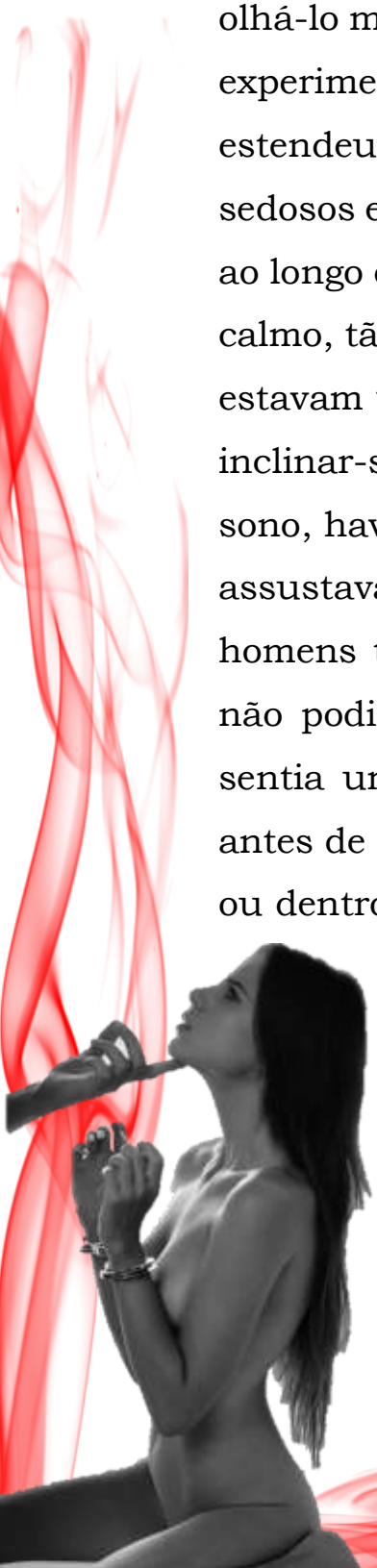
Aaron ficou imóvel acima dela, com os olhos procurando os dela, por qualquer sinal de que ela estivesse com dor. Ela sorriu para ele, com uma expressão tão saciada e satisfeita que seus belos olhos azuis eram pouco visíveis sob a inclinação de suas pálpebras. Saindo dela, ele tirou o peso de seu corpo de cima dela, mas a puxou para os seus braços e peito.

Maddy encontrou o sono enquanto estava envolta em seu calor, encontrou a paz, enquanto estava dobrada com segurança contra o corpo daquele lindo homem, seu dono.



Capítulo Vinte e Quatro

Só dormindo por algumas horas, Maddy acordou para encontrar Aaron desmaiado ao lado dela. Ela moveu-se para olhá-lo melhor e notou uma dor em seu corpo que nunca tinha experimentado antes. Depois de virar, ela cautelosamente estendeu a mão para escovar os fios de cabelo, errantes, sedosos e pretos do rosto dele, antes de levar a mão para baixo, ao longo da pele com barba, de sua mandíbula. Ele parecia tão calmo, tão descansado enquanto dormia. Seus lábios perfeitos estavam um pouco separados e Maddy resistiu ao impulso de inclinar-se e passar a língua ao longo do vinco. Mesmo em seu sono, havia uma qualidade única nele, um ar majestoso que a assustava e tentava ao mesmo tempo. Enquanto a maioria dos homens temia o homem que estava deitado ao seu lado, ela não podia deixar de se sentir confortada por sua presença, sentia uma sensação de segurança que nunca teve. Mesmo antes de seu sequestro, quando estava escondida em sua casa ou dentro das paredes do estúdio, ela ainda se sentia perdida e terrivelmente sozinha no mundo. Mas agora... Agora, no meio de um pesadelo, ela encontrou consolo em uma alma danificada, aquele que lhe mostrou uma parte dele que nenhuma outra pessoa já viu. Havia luz nele, tão brilhante que poderia iluminar todo o céu noturno se apenas não estivesse encoberta pela sombra de sua escuridão.



Maddy assustou-se quando os olhos de Aaron abriram, quando os braços dele, de repente a puxatam mais apertado contra ele, quando um canto de sua boca curvou-se em diversão, para completo choque dela. A boca dele se transformou em um sorriso perverso, quando ele disse:

— Olá, Rato.

A voz, ainda áspera do sono, retumbou em seu peito, seu corpo vibrava só em estar pressionada contra ele. Antes que ela pudesse responder, ele a rolou de modo que ele ficou em cima dela e trouxe a boca à dela. Calor floresceu em seu peito, seu coração batia contra as costelas. Ficaram lá, deitados enquanto se beijavam, sem a necessidade de apressar o momento, simplesmente felizes por estarem nos braços um do outro. Eventualmente, Aaron se afastou, rolando-os para o lado, de modo que eles ficassem frente a frente.

— Eu gostaria de levá-la a algum lugar, levar você para beber... Para jantar... Mostrar-lhe o mundo, mas, dadas as circunstâncias atuais, eu vou ter que me contentar em fazer Xander trazer-nos algo, para comer aqui. — A mão roçou a seda suave de seu cabelo. — É tão frustrante, não ser capaz de tratá-la como você merece.



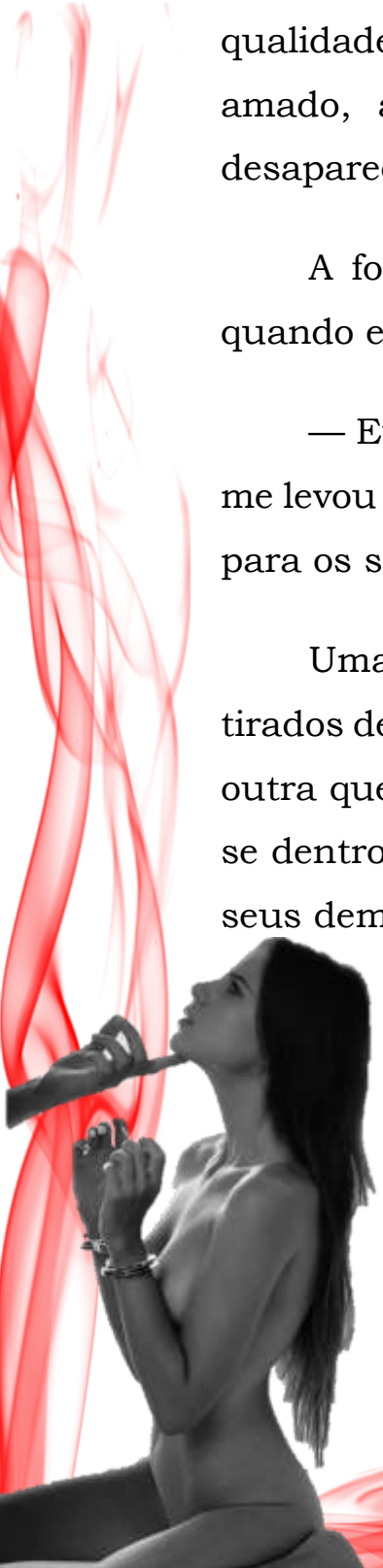
Aaron sussurrou sua confissão, enquanto o sol se punha além das espessas cortinas do quarto. O estranho brilho da luz vermelha criou um refúgio seguro para os dois amantes, um refúgio do ambiente aterrorizante dentro da propriedade. Nunca

completamente à vontade, Aaron olhou para a mulher em seus braços e descobriu que era a luz que brilhava em seus olhos, quando ela estava perto dele que o excitava mais que tudo. A maioria das mulheres sempre o quis por sua aparência, sua condição, seu dinheiro e reputação... Mas não Maddy, nunca Maddy. Ela viu algo nele que o fez se sentir como se, talvez, houvesse algo que fosse mais valioso do que todas as outras qualidades combinadas. Ela o fazia sentir como se ele fosse amado, algo que não havia sentido desde que sua mãe desapareceu, quando ele era criança.

A forma perfeita de sua boca se movia sedutoramente, quando ela respondeu:

— Eu não tenho idéia de porque você está frustrado, você me levou para o lugar onde eu mais queria estar, você me levou para os seus braços.

Uma batida no peito e o ar, momentaneamente, foram tirados de Aaron, suas palavras eram... Poesia, como nenhuma outra que ele já tinha ouvido, esta mulher estava enterrando-se dentro de sua alma, sua pureza era suficiente para afastar seus demônios. Ele sorriu, tomou-lhe os lábios mais uma vez. Voltando, ele riu.



— Talvez haja algo que eu possa te dar, algo que vai mostrar o quanto você significa para mim.

Considerando a sugestão, Maddy colocou o lábio inferior entre os dentes, pensando no que ela

gostaria. Com seus olhos arregalados, ela percebeu exatamente o que Aaron poderia lhe dar.

— Toca para mim.

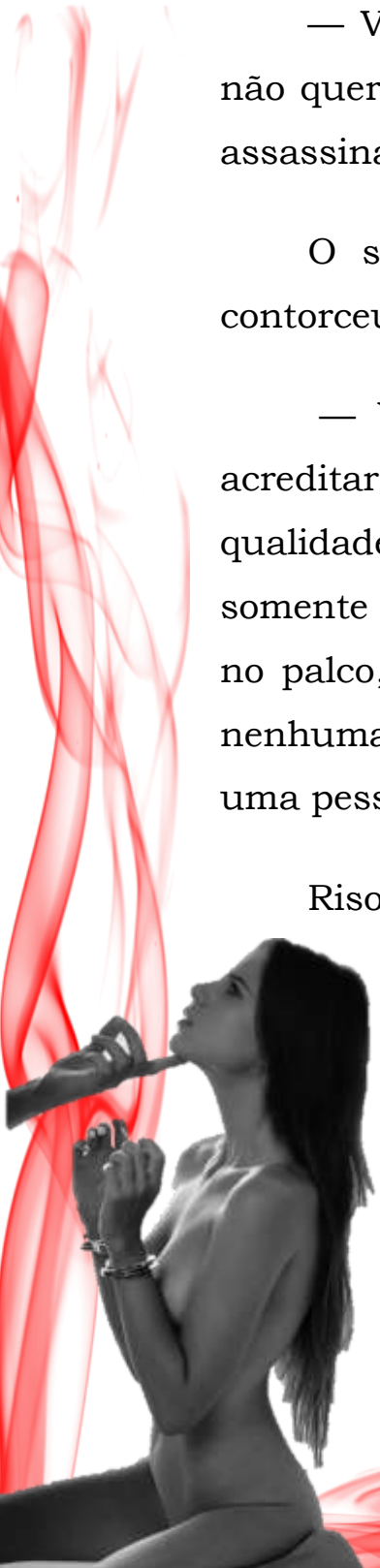
O corpo dele ficou tenso, a testa franzida em confusão antes de a compreensão aparecer em seus olhos.

— Você quer que eu toque piano para você? Eu... Você não quer isso, eu nunca toquei para ninguém antes. Eu vou assassinar a música somente por ter uma plateia.

O sorriso dela se tornou tão grande, que seu rosto contorceu.

— Você? Com medo de uma platéia? Acho difícil de acreditar. — Ela falou com a voz sussurrada, tinha uma qualidade de provocação nela e uma suavidade, destinada somente para o homem ao seu lado. — Eu fui capaz de entrar no palco, na frente de centenas de pessoas e tocar. Não há nenhuma maneira que você possa estar com medo de apenas uma pessoa.

Riso silencioso irrompeu entre eles, magia encontrada em um momento de paz. Maddy continuou a incitá-lo a jogar, mas eles foram interrompidos por uma batida na porta.



Levantando-se sobre o braço, Aaron pegou um cobertor para cobrir seus corpos nus.

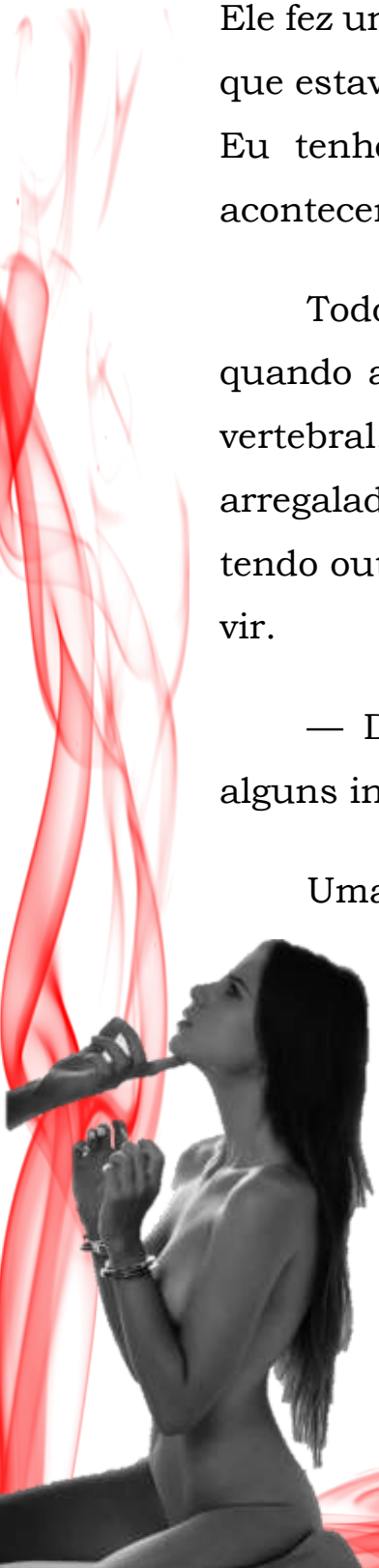
— Entre. — A suavidade de sua voz tinha sido, mais uma vez, substituída por seu tom de negócios, como de costume. Xander abriu a porta e parou por um breve segundo, ao vê-los juntos na cama, enrolados, antes de entregar sua notícia.

— Emory esteve aqui. Você recebeu a ordem de apresentar Maddy no salão, dentro da próxima meia hora. — Ele fez uma pausa, sua expressão escurecia como se fosse pelo que estava pensando. — Ele tinha um sorriso no rosto, Aaron. Eu tenho a sensação de que algo muito ruim está para acontecer.

Todos os músculos do corpo de Aaron ficaram tensos, quando a suspeita e medo correram ao longo de sua coluna vertebral. Ele olhou para a expressão de sua rata, com os olhos arregalados, podia ver o terror que corria naqueles olhos. Não tendo outra escolha, Aaron preparou-se para o que estava por vir.

— Deixe-nos, Xander. Estaremos na sala de estar em alguns instantes.

Uma vez que Xander tinha fechado a porta, Aaron imediatamente passou a mão ao longo do rosto de Madeleine, os olhos, levemente manchados de cores das florestas, estavam vivos, por seu pânico.



— Eu não acho que posso fazer isso... — Ele balançou a cabeça, quando Maddy tentou falar. —

Não, Madeleine, eu vou matar qualquer homem que te tocar...

Ela colocou um dedo contra a boca dele e forçou um pequeno sorriso no rosto, apesar de seu medo avassalador.

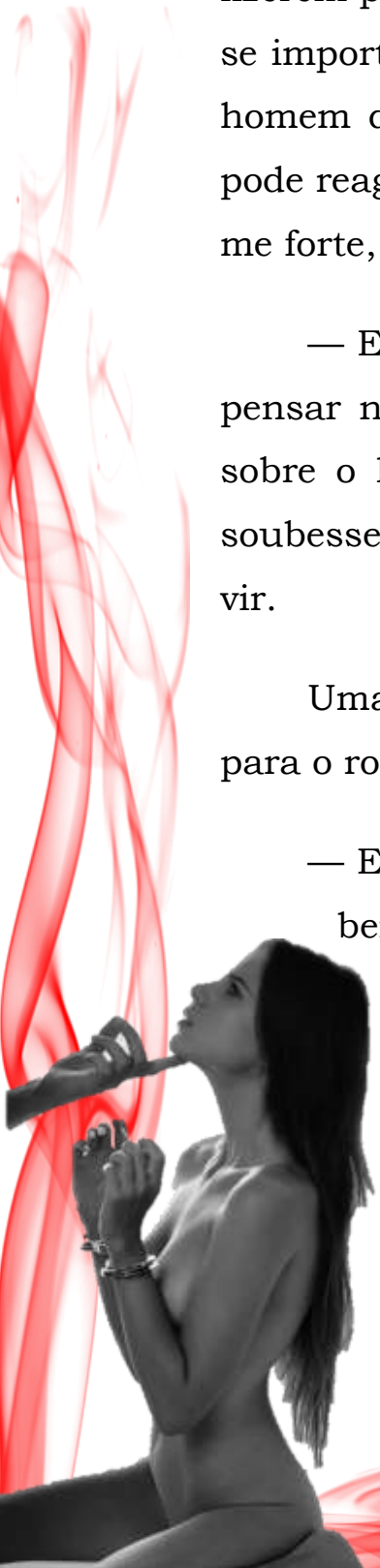
— Eu sei que nós estamos progredindo, mas você tem que ser forte... Por mim. Independentemente disso, o que eles fizerem para mim, você terá que permanecer lá, fingir que não se importa, porque no final, teremos nossa vingança contra o homem que trouxe tanta tristeza às nossas vidas. Você não pode reagir, você tem que ser forte para que eu possa manter-me forte, através de você.

— E se eles quiserem que você morra? — Ele não queria pensar no que poderia ser seus últimos momentos, falando sobre o horror que os esperava, mas ele precisava que ela soubesse, ele precisava saber que ela entendia o que poderia vir.

Uma única lágrima correu de seus olhos quando ela olhou para o rosto daquele homem tão perigoso.

— Então você tem que se oferecer para fazê-lo, basta me beijar quando eu me for, para que eu possa dar-lhe meu último suspiro. Nós nos tornaremos um e quando você conseguir destruí-los, eu serei parte de você quando o fizer.

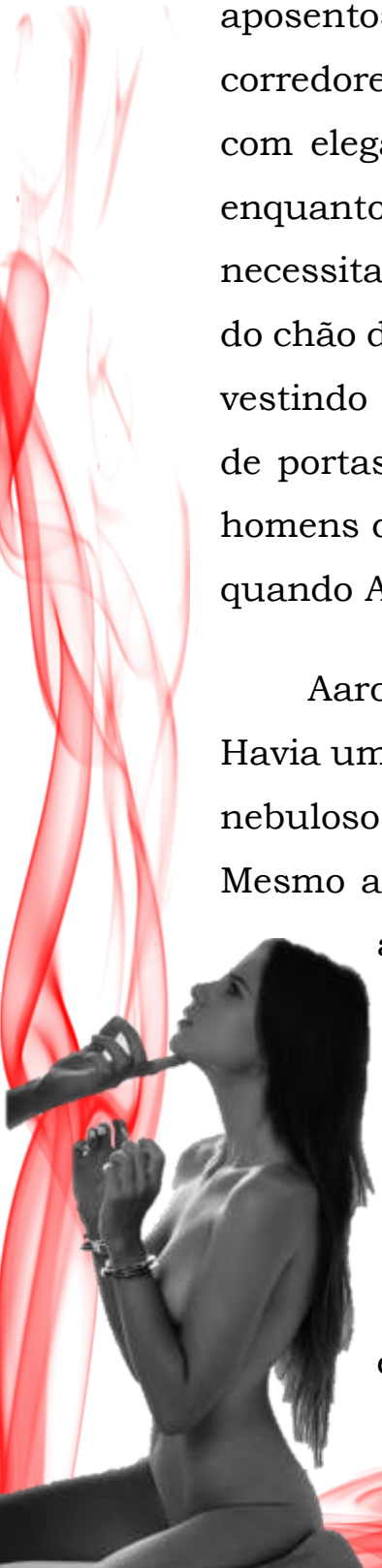
Enxugando as lágrimas, o coração de Aaron derreteu em suas palavras. Tanta coragem para uma mulher que enfrentaria o desconhecido, ele se



espantou ao ver que seu coração havia mudado, ela se transformou de um rato em um leão, em questão de semanas e sua força parecia o suficiente para curar a ambos. Mais um beijo... Ele colocou mais um beijo em sua boca bonita antes de se empurrar para cima da cama e se vestir.

Após a reunião com Xander na sala de estar de seus aposentos, os três saíram juntos, andando solenemente pelos corredores sinuosos em direção ao salão de baile. Avançando com elegância pelos corredores, Aaron assumiu a liderança, enquanto Xander levava Maddy atrás dele. Já não necessitando da venda, os olhos de Maddy seguiram as linhas do chão de pedra, enquanto se moviam, mais uma vez, com ela vestindo a máscara de escrava de Aaron. Ao som de abertura de portas, o comportamento barulhento e indisciplinado dos homens do outro lado acalmou, um silêncio caiu sobre a sala, quando Aaron parou e Maddy se ajoelhou ao seu lado.

Aaron olhou para o pai, que estava sentado em seu trono. Havia um olhar presunçoso em seu rosto, seus olhos pareciam nebulosos como se ele houvesse, recentemente, se drogado. Mesmo assim, o cinza ardósia daqueles olhos, que imitava o aço polido da lâmina de Aaron, ainda eram astutos na sua análise sobre o filho problemático. Não havia nenhum som, o silêncio tenso na sala estava em atrito com os nervos de Aaron, enquanto ele esperava para ouvir o que seu pai planejava fazer.



— Você parece bem, Aaron, assim como sua escrava. — O homem falou, com um sotaque de

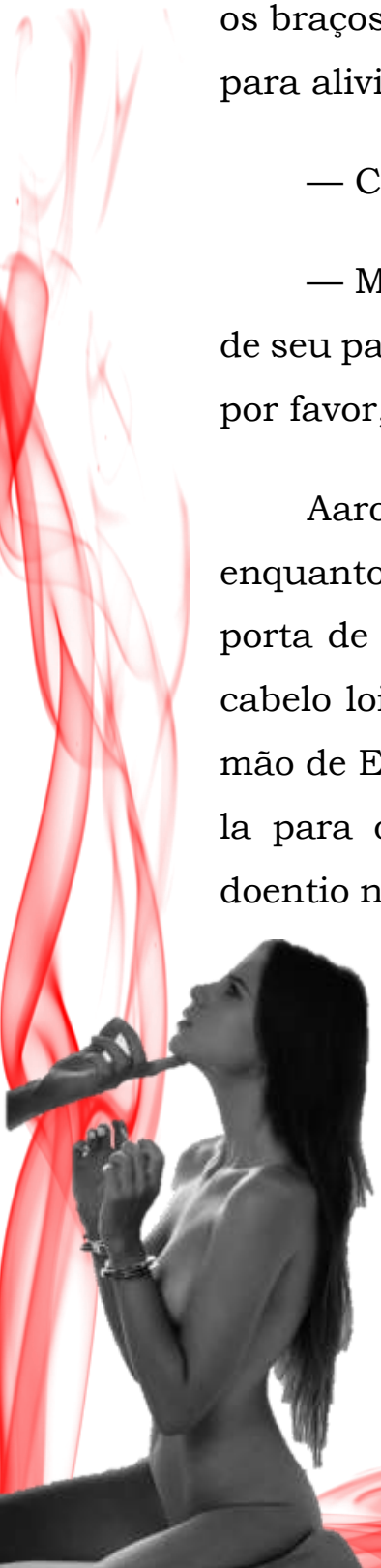
afluencia e de riqueza, uma voz profunda, que comandava a sala. — Algo muito inquietante foi trazido à minha atenção. Aparentemente meu algoz vem tendo um pouco de diversão fora do negócio.

Com a coluna como uma barra de ferro, os músculos nas costas de Aaron protestaram, sobre tal postura, tão ele colocou os braços atrás das costas, cruzou as mãos uma sobre a outra para aliviar os músculos tensos.

— Chega de charadas, diga-me por que estou aqui.

— Muito bem... — Um sorriso sardônico, quebrou o rosto de seu pai, quando ele olhou para Emory e sinalizou. — Emory, por favor, traga nossa testemunha.

Aaron lançou um olhar irreverente em direção à porta, enquanto Emory movia-se para abri-la. Uma vez que a grande porta de madeira foi aberta, os olhos de Aaron pousaram no cabelo loiro e no corpo magro ao lado de Emily. Segurando a mão de Emory, ele abaixou-se para beijá-la, antes de conduzi-la para o salão. Emily olhou para Aaron, com um sorriso doentio no rosto, enquanto era levada para ficar ao lado de seu pai. Aaron zombou da cicatriz irregular, feia, que corria pelo seu rosto, ainda não havia cicatrizado, no lugar onde a lâmina tinha cortado mais profundo.



— Você se lembra de Emily Hart, não é? Eu acredito que é difícil esquecer um rosto assim. — Pelo

som zombeteiro, seu pai, obviamente, tinha algo puramente malu em mente. — Você vê, o problema é que a Sra. Hart não se parecia com isso antes de ter relações com você, várias semanas atrás. — Levantando-se, seu pai estendeu a mão para que Emily pudesse segurá-la antes de conduzi-la a descer as escadas, para ficar na frente de Aaron e Maddy. Não hesitando em sua obediência, Maddy manteve os olhos treinados para o chão, mesmo quando as pontas dos sapatos de salto alto, caros, revelando tão bem cuidadas unhas rosa polida, entraram em sua linha de visão.

Não recebendo uma resposta do Aaron, seu pai continuou.

— Srta. Hart disse-me que você foi até sua casa para uma visita e que vocês dois fizeram sexo. Aparentemente, isto, em seu rosto, foi o que você fez com ela, quando a levou e, eu estava pensando... Se você é capaz desse tipo de brutalidade contra uma mulher de bem como a Sra. Hart, o que voce seria capaz de fazer a uma escrava humilde?

Quando Emily começou a soluçar, os lábios de Aaron se curvaram em um sorriso sarcástico. Seus olhos treinados estavam na mulher desprezível à sua frente, quando ele falou:



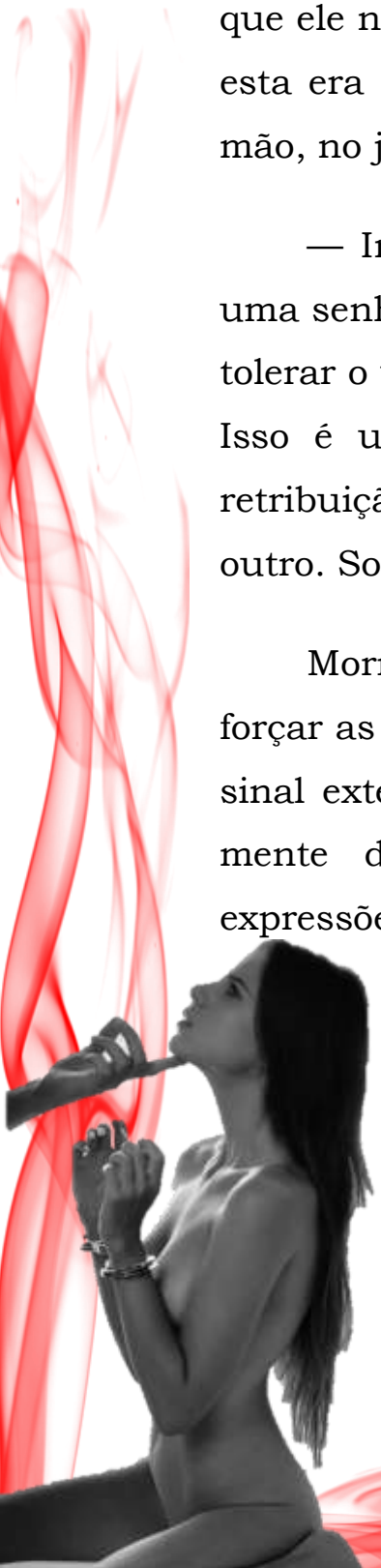
— Prostituta. — Antes de voltar seu olhar entediado para seu pai. Ele foi capaz de colocar uma máscara de indiferença em seu rosto, enquanto internamente, ele estava lutando contra o desejo feroz

para puxar uma lâmina e terminar de cortar a cadela. — Minha escrava não tem essas marcas. Eu não precisei puni-la com tanta brutalidade como fiz com a Sra. Hart. Não é minha culpa que uma cadela sabe manter a boca fechada, enquanto a outra não sabe quando calar a boca.

O chacoalhar divertido dos ombros do pai indicou a Aaron que ele não se importava em nada com a mulher ao seu lado, esta era apenas mais uma oportunidade para ele jogar, sua mão, no jogo.

— Infelizmente, Aaron, sua punição foi infligida contra uma senhora que sempre atende a The Estate e eu não posso tolerar o uso de tal força brutal contra um conhecido da rede. Isso é um mau exemplo. Se eu deixar isso passar, sem retribuição, logo todo mundo vai estar na garganta um do outro. Somos um time, Aaron, não lutamos entre nós.

Morrendo com as palavras de seu pai, Aaron teve que forçar as mãos abertas, em um esforço para não dar nenhum sinal externo de sua raiva. Seu pai era um mestre de ler a mente de um homem, observando cuidadosamente as expressões faciais e outros gestos pequenos que poderiam trair pensamentos mais íntimos de um homem.

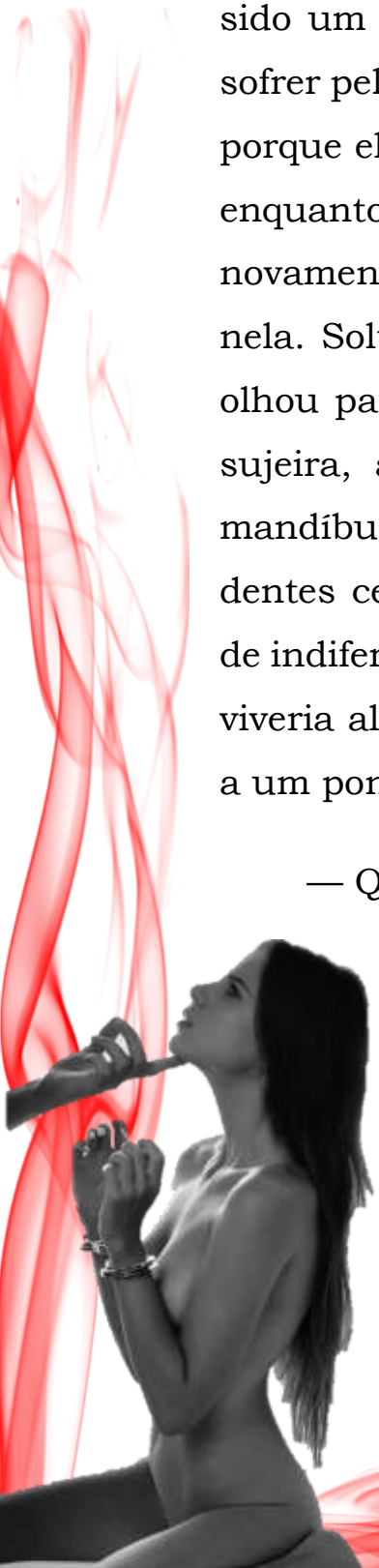


— Ela não faz parte da rede, é apenas um pedaço de bunda que está disponível para a comunidade. Ela não é de nenhum benefício, portanto, ela não tem o direito de buscar vingança.

Riso, cruel e zombador, irromperam de seu pai quando ele segurou apertado o rosto de Madeleine. Aaron se encolheu ligeiramente, obrigando-se a não quebrar o pescoço do velho, logo em seguida. Puxando a cabeça dela para cima, seu pai forçou Maddy a olhar para o rosto de Emily.

— Você vê o que seu mestre fez a esta mulher? Ele tem sido um menino muito ruim, e eu temo que você vá ter que sofrer pelo que ele fez. Ela me disse que Aaron fez isso com ela, porque ela chamou você de lixo. — Seu pai empurrou Maddy, enquanto Emily se abaixou para pegar o rosto dela, novamente, puxando-o para cima, para que pudesse cuspir nela. Soltando-a, antes de limpar a mão em sua saia, Emily olhou para Maddy, como se ela não fosse nada mais do que sujeira, a seus pés. Os olhos de Aaron se estreitaram, a mandíbula ligeiramente assinalando a partir da força dos seus dentes cerrados, ele respirou fundo, substituindo a máscara de indiferença no rosto. Prometendo a si mesmo que Emily não viveria além dessa noite, ele foi capaz de acalmar-se de volta, a um ponto de parecer entediado.

— Qual é o castigo?



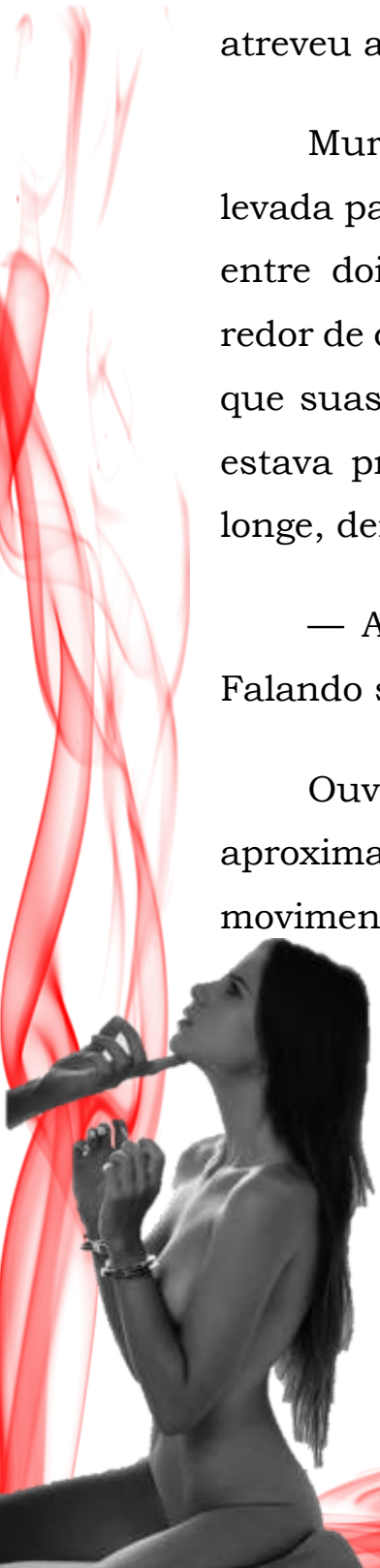
— Uma marca em sua escrava, para cada uma no corpo da Sra. Hart. Eu examinei as cicatrizes. Parece que um chicote foi usado para criar essas linhas em toda a sua pele. O mesmo será usado em sua escrava.

O coração de Maddy batia tão rápido, ela estava preocupada que o fluxo de sangue fosse levá-la a desmaiar. Seus joelhos tremiam, quando ela foi puxada sob seus pés, os guardas do pai um passo à frente, para levá-la do lado de Aaron. Ela queria olhar para ele, enquanto passava, queria ver o verde esmeralda em seus olhos, saber que ele estava de pé ao lado dela, mas ela não se atreveu a olhar para cima, não se atreveu a parecer desobediente na frente da sala lotada.

Murmúrios irromperam em todo o espaço, quando ela foi levada para o lado da sala e colocada de frente para um muro, entre dois postes de madeira. Algemas foram colocadas ao redor de cada pulso, com as correntes bem apertadas, de modo que suas mãos estavam esticadas em cima dela. Quando ela estava presa no local, ouviu os dois homens andando para longe, deixando-a sozinha entre os dois postes.

— A seu pedido, a Sra. Hart vai dar as chibatadas. — Falando sem emoção, a voz de seu pai encheu a sala.

Ouvia-se o clique rítmico de saltos, enquanto Emily se aproximava de Maddy, os olhos de Aaron seguiam cada movimento, ele fez nota de cada flexão dos dedos dela ao redor do chicote, e toda vibração de seu cabelo, quando era soprado por seus movimentos. Ele iria matar a mulher na próxima chance que tivesse. Ele iria fazer isso devagar e soberbamente excruciante, rasgando-a em pedaços parte por parte, membro por membro, antes de finalmente acabar com sua vida patética.



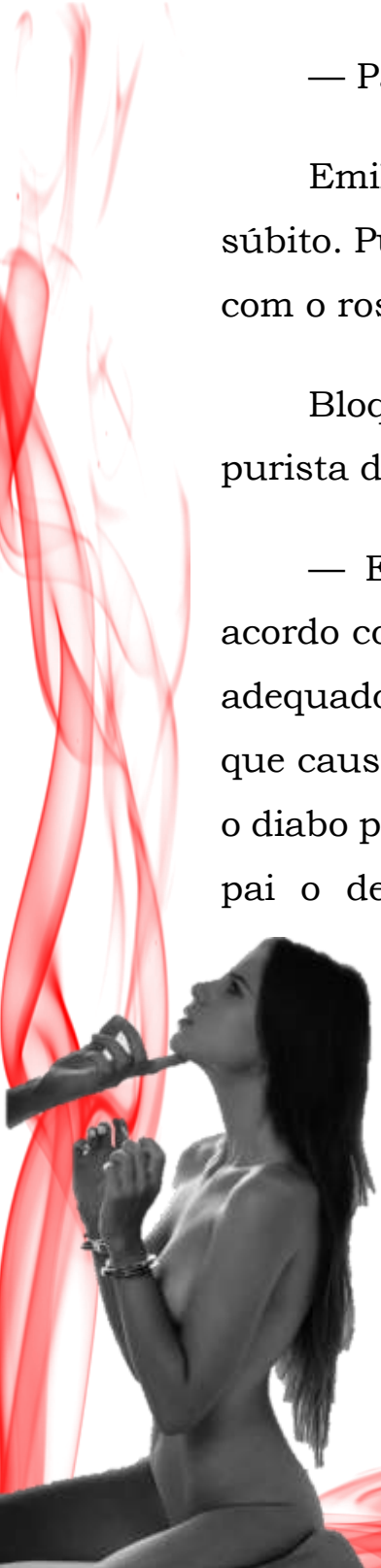
Emily se aproximou de Maddy e permitiu que o comprimento do chicote deslizasse da mão dela e arrastasse o chão. Encontrando sua posição, ela afastou o braço e usou seu pulso, para apertar o comprimento do cabo atrás dela, enquanto se preparava para atacar. Assim que o braço se flexionou com a intenção de levar o chicote para frente, o pai de Aaron chamou.

— Pare!

Emily se desequilibrou em seus pés, com o comando súbito. Puxando-se de volta ao equilíbrio, ela se virou para ele, com o rosto trasnformado em uma carranca repugnante.

Bloqueando os olhos com Aaron, seu pai sorriu, a forma purista de malevolência pingou de suas próximas palavras.

— Eu mudei de idéia, e vou ter que declinar de meu acordo com o pedido da Sra. Hart. Eu acredito que seria mais adequado se você usasse o chicote, Aaron. Afinal, foi a sua mão que causou essas marcas nas costas da Sra. Hart. — Sempre, o diabo poderia levar um homem à sua própria destruição, seu pai o designou para o tormento mais cruel do mundo... Forçando-o a torturar a mulher que se enterrou dentro de sua própria alma.



Os olhos de Aaron foram para o chão, procurando por um lapso momentâneo de força, enquanto seu pai entregou o insulto final. Não só Maddy teria que suportar a dor do corte de um

chicote, ela teria que suportar que fosse feito pelas mãos de Aaron. Olhando para trás, para os olhos de seu pai, ele sorriu, imaginado como o rosto do velho ficaria quando seu pescoço fosse rasgado por sua lâmina. Ele se recusou a recuar, para não revelar até mesmo a menor fraqueza. A mulher amarrada aos postes de madeira tinha a força interior de um exército, ele seria condenado se a deixasse no chão.

— Tudo bem.

Movendo-se na direção dos postes, o rosto de Emily tinha sido transformado em ódio aberto. Alcançando-a, ele não lhe deu nenhuma chance de ficar com o chicote, tirou-o da mão dela, fazendo-a perder o equilíbrio e cair. A sala explodiu em risadas quando ela olhou para ele, com chamas vermelhas em suas bochechas. Empurrando-se para trás, ela escovou a saia e foi para trás dele.

— Desfrute do momento, chicoteando sua puta. — Cuspindo no rosto de Maddy, ela rapidamente voltou para junto do público, seu despeito, era um inferno, atrás dos marrons de seus olhos.



Ele queria ir até Maddy, explicar-lhe que ele preferia morrer a levantar a mão para balançar o chicote, mas fazê-lo seria falhar com ela, seria ser mais fraco do que aquela mulher, muito menor que ele. Puxando o braço para trás, ele girou para fora, morrendo por dentro quando ouviu o tapa contra sua pele, seguido de perto por seu grito de gelar o sangue.

Seu corpo tremia, os joelhos, cederam instantaneamente, ele quase parou quando viu seu corpo curvar em agonia pelo golpe. Sangue escorria em trilhas pelas costas, Aaron lutou contra a vontade de estender a mão para ela. Levantando o braço, preparando-se contra o tormento que dividia com Maddy, ele puxou o chicote de volta, trazendo-a para frente, para o ataque; morrendo por dentro, cada vez que o couro batia sua pele e ela gritava.

Quando ele chegou a um total de dez chicotadas, o corpo dele tremia, juntamente com o dela, seu braço protestava contra o movimento que ele continuava a fazer. Ele estava lutando com tudo o que tinha para não quebrar, suas emoções estavam quebradas, contra a máscara falsa que ele usava. Chegando de volta para uma décima primeira chibatada, ele foi parado pelo comando de seu pai.

— Basta!

Uma mistura de alívio e culpa pesava em seus ombros, ele deixou cair o chicote ensanguentado no chão e endireitou sua espinha, antes de se virar para enfrentar seu pai.



O homem tinha um sorriso malicioso, sabia o que tinha acabado de fazer com o filho. Com satisfação em sua voz, ele falou:

— A retribuição foi paga, agora você pode ter a sua escrava de volta em seus aposentos.

O som do grito estridente de Emily encontrou os nervos de Aaron. Girando para que ele pudesse olhar em sua direção, ele viu quando ela puxou uma lâmina do cinto de outro homem antes de correr em direção a Maddy. Pisando em seu caminho, ele puxou sua arma da cintura, colocando-a entre os olhos da mulher.

— Eu não daria mais um passo, se eu fosse você.

Ela parou, cambaleou para trás, antes de virar para o pai de Aaron, com um apelo em seus olhos.

— Ela não tem a marca no rosto, que é a pior cicatriz de todas!

Novamente, via-se diversão, no tremor dos ombros do líder, que enfrentou Aaron, quando perguntou:

— O que, exatamente, a Sra. Hart disse a você, antes de tê-la atacado?

Aaron sorriu, com o entendendimento rastejando ao longo de sua mente, quando ele descobriu a verdadeira profundidade do jogo de seu pai.



— Ela disse que queria ser tratada como uma escrava, que queria saber como era a sensação de ser uma prostituta. — Mantendo a voz firme, Aaron olhou para o confuso rosto de Emily, enquanto repetia as palavras dela.

— E você se sentiu menosprezado por tais palavras.

— Sim. Eu me senti.

Estalando os dedos, seu pai indicou para Emory e Vincent segurar Emily, enquanto ele terminava o que tinha a dizer.

— Parece que será necessária alguma retribuição suplementar ao meu filho, por você ter desonrado sua posse, quando ele a tomou. Dadas as palavras que você usou, que o perturbou, não vejo nada mais adequado do que deferir o pedido que você fez.

Somente quando Emily estava firme no aperto dos guardas de seu pai, que Aaron abaixou a arma. O rosto de Emily estava contorcido de terror, seu corpo caia com o peso das palavras de seu pai.

— Não! Por favor, você não pode fazer isso comigo, eu sou mais do que uma prostituta comum.

Riso irrompeu por toda a sala, o pai esperou que o barulho repentino cessasse, antes de continuar.



— Você esquece Sra. Hart, A The Estate não beneficia aqueles que não beneficiam a The Estate. Você tem vivido sem trabalho duro, como um de meus membros por anos, abrindo as pernas para qualquer homem que estivesse disposto a abrir a carteira. No entanto, meus homens mudaram seus gostos, a partir do que você pode oferecer,

encontraram outras senhoras que gostariam de tomar o seu lugar.

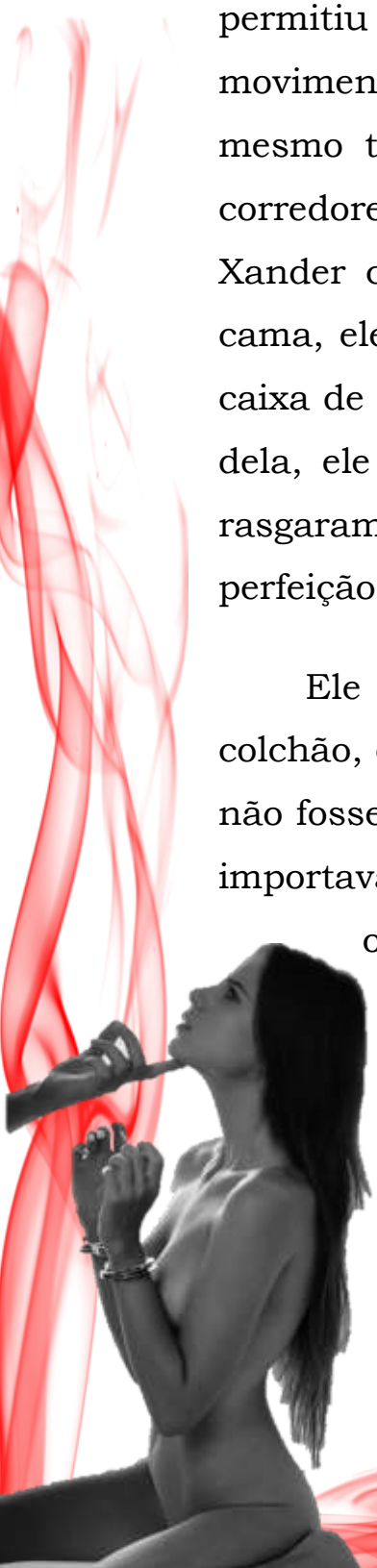
— Não. — A única palavra mal compreensível saiu seus soluços. Aaron olhou através da sala e indicou para Xander ajudá-lo a liberar Maddy, enquanto Emily era arrastada e amarrada à mesa de madeira na frente da sala. Uma vez liberada, Xander cautelosamente levou Maddy em seus braços, tentando não tocar nas feridas em suas costas. Ele olhou o corpo daquela mulher que era luz, e arrastaram os pés em toda a pedra, enquanto tiraram-na da sala. Uma vez no corredor, Aaron fez uma pausa para ouvir os gritos de Emily, enquanto ela era trasnformada na puta que tinha pedido para se tornar. Ele afastou-se rindo, sabendo muito bem que aqueles gritos continuariam até que todos os homens naquela sala tivessem-a preenchido.



Capítulo Vinte e Cinco

— Coloque-a de bruços na minha cama, tome cuidado para não encostar qualquer coisa em seus ferimentos. — Aaron permitiu que Xander levasse Madeleine para a cama, evitando movimentá-la muito, embora tudo que ele queria, era ele mesmo tê-la nos braços, mas não poderia caminhar pelos corredores da propriedade carregando-a. Observando, quando Xander cuidadosamente colocou seu corpo inconsciente na cama, ele se virou e correu para o banheiro, para pegar sua caixa de suprimentos médicos. Correndo de volta para o lado dela, ele se encolheu quando viu os cortes irregulares que rasgaram suas costas, rios de sangue vermelho poluiam a perfeição branca de sua pele.

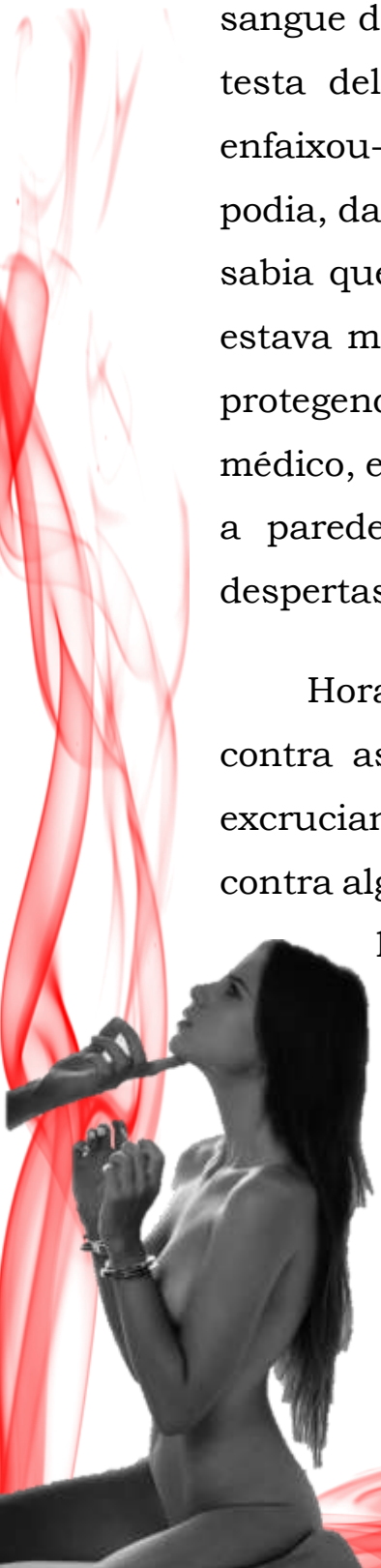
Ele se ajoelhou no chão, não se atreveu a sentar-se no colchão, com medo de encostar no corpo dela. Mesmo que ela não fosse sentí-lo, enquanto estava inconsciente, ele ainda se importava muito, para arriscar causar-lhe mais dor. Puxando o creme antibiótico de dentro da caixa, ele colocou o frasco na cama, perto dela, desenrolou várias tiras de gaze e foi até o banheiro, para pegar um pano úmido. Quando ele voltou para ela, percebeu que sua cabeça virou-se ligeiramente, com os olhos espremidos apertados ela começou a ganhar consciência. Ajoelhado ao lado dela, ele passou a mão



contra sua bochecha, silenciando seus gemidos, rezando para que ela voltasse a dormir em vez de despertar em pura agonia. Ela se aquietou quando ele sussurrou para ela, para se acomodasse em seus sonhos e se acalmasse o suficiente, para que ele pudesse atender suas feridas.

Lentamente, ele usou o pano úmido para remover o sangue de sua pele, encolhendo-se cada vez que notava que a testa dela se enrugava. Após a aplicação da pomada, ele enfaixou-a com bandagens e gaze, da melhor maneira que podia, dando tempo, para a pomada fazer efeito nos cortes. Ele sabia que as feridas precisavam de ar, mas no momento ele estava mais preocupado com a interrupção do sangramento, protegendo-a contra a infecção. Depois de guardar seu kit médico, ele se sentou no chão, com as costas e a cabeça contra a parede e pernas esticadas, esperando que o seu anjo despertasse.

Horas se passaram, com o céu negro, da noite implacável, contra as janelas do quarto, Maddy acordou com uma dor excruciante. Quando ela tentou se mover, sua perna parou contra algo sólido, pouco antes de uma mão segurá-la e mantê-la quieta. Ela saltou com o toque, não entendendo porque a mão tinha agarrado-a. Aaron se levantou do chão e passou a mão em seu rosto, para afastar sua exaustão. De pé ao lado dela, ele colocou as mãos em suas costas e a segurou enquanto sussurrava:



— Não se mova Maddy, você precisa ficar o mais quieta possível, pelo menos por esta noite. As feridas estão demasiadamente frescas, para você estar se movendo. Fechei os cortes o melhor que pude, se você permanecer parada, há uma chance que as cicatrizes não fiquem muito profundas.

— Aaron, oh Deus, Aaron, queima tanto! — Lágrimas escorreram de seus olhos, enquanto ela falava. — O que aconteceu depois que saímos? Tudo que lembro é da mulher horrível gritando, mas não me lembro de nada que aconteceu depois disso. — Sua dor era visível, no tom de sua voz, as lágrimas fluiam livremente de seus olhos. Aaron passou a mão por seu cabelo, enquanto ela ajustava-se com o que deveria parecer como fogo, em toda a pele de suas costas.

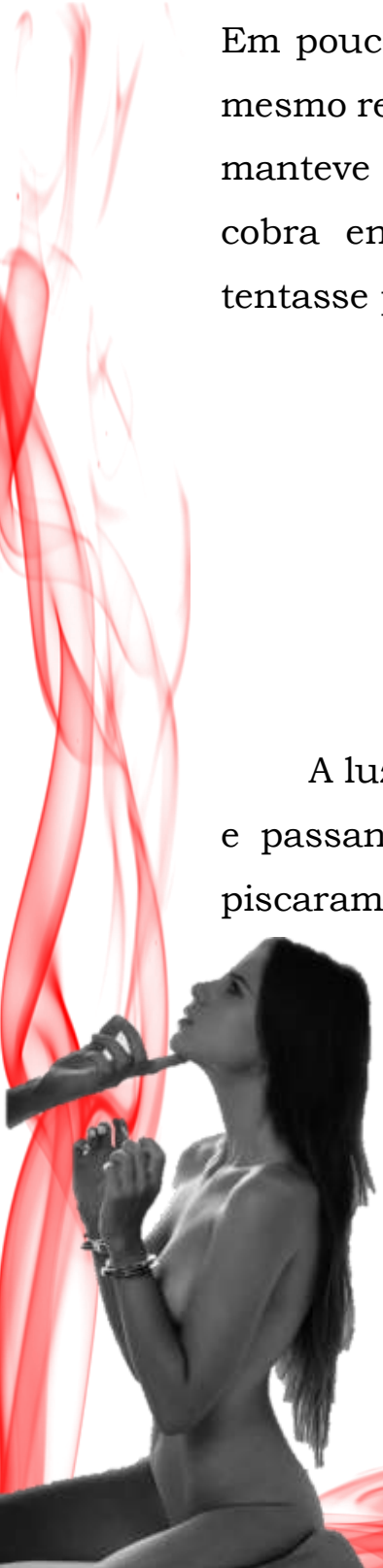
— Você desmaiou quando a troxemos de volta. Eu não a acordei, preferi que dormisse durante o tempo que levei para cuidar de suas feridas. — A voz dele tremia de emoção, sua preocupação com ela se tornava sua maior fraqueza. — Você está com fome ou com sede... Posso pegar um pouco de água? Talvez você possa querer alguma coisa para ajudá-la a manter o sono.



Balançando a cabeça, Maddy aceitaria qualquer coisa que ele oferecesse, se isso fosse trazê-la do delírio e para longe da dor que estava ultrapassando seu corpo. Aaron andou rapidamente pela sala, passando tanto pelo seu armário quanto pelo banheiro, e voltou para ela com um comprimido em uma mão e um copo de água na outra. Maddy

moveu-se tanto quanto poderia para pegar o copo de suas mãos. Aaron segurou para baixo, trazendo-o para os lábios dela, para que ela pudesse beber. Retornando o copo para o banheiro, ele ligou o aparelho de som, deixando os sons das canções de Maddy encherem a sala, até que ela caísse no sono. Ele sentou-se no chão, ao lado dela, acariciou a parte de trás de sua perna, tentando acalmá-la e levá-la de volta ao sono. Em poucos minutos, ele ouviu uma respiração profunda, até mesmo relaxada contra o lado da cama. Fechando os olhos, ele manteve uma posição de sentinela ao seu lado, como uma cobra enrolada, pronta para atacar qualquer pessoa que tentasse perturbá-la.

A luz da manhã, com os tons vermelho e rosa esvoaçando e passando pelas bordas das cortinas, os olhos de Maddy piscaram abertos, enquanto observava o redemoinho de poeira com os raios de luz. Ela tentou se mover, mas foi atingida, de repente, por muita dor, ela se lembrou imediatamente os eventos do dia anterior. Instantaneamente consciente de seu movimento, Aaron abriu os olhos, bem como, colocou a mão na perna dela para que ela soubesse que ele estava ali,



ao seu lado. Levantando, seus músculos protestaram contra o movimento.

— Maddy, você está bem?

Balançando em torno da cama, ela deixou escapar um pequeno grito, quando tentou levantar e colocou a mão em volta de seu estômago.

— Não... Eu preciso...

— O que, o que você precisa? Eu vou buscar para você, assim você pode ficar parada.

Um suspiro profundo escapou dela, seu cabelo caia para fora, a partir do ar exalado.

— Preciso fazer xixi.

Aaron não queria, mas ele riu de sua declaração. Suas bochechas ficaram vermelhas, de constrangimento por sua afirmação. Inclinando-se para ela, ele sussurrou:

— Fique aqui, eu vou pegar um copo e segurá-lo entre as pernas.



— Não!

Ele riu de novo.

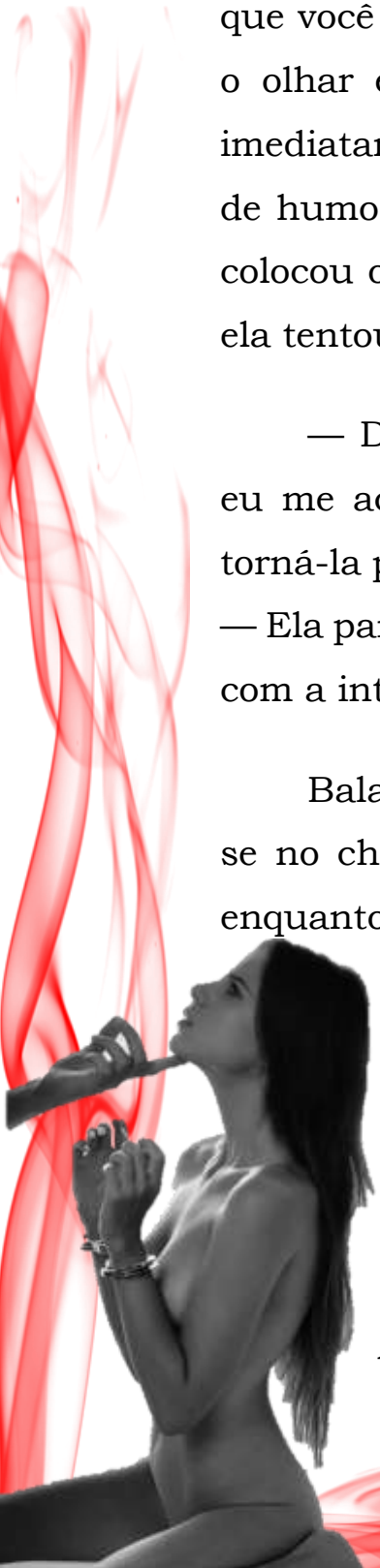
— Tudo bem. Deixe-me ajudá-la, tente manter as costas o mais retas possível. — Levantando-a da cama, ele a viu estremecer com o movimento de seu

corpo. Quando ele a deixou sobre seus pés, ele colocou as mãos sob seus braços, para ampará-la, mantendo-a na posição vertical a cada passo que dava. A ajudando a se sentar no sanitário, ele ficou em cima dela, esperando que ela terminasse.

— Eu vou ter que ficar com você, Maddy. Eu não quero que você se mova, sem necessidade. — Ele sorriu quando viu o olhar em seu rosto abatido, sobre o que ele disse, mas imediatamente se sentiu culpado por encontrar qualquer tipo de humor na situação. Quando ele terminou de limpá-la, ele colocou os braços sob ela para levá-la. Balançando a cabeça, ela tentou afastá-lo.

— Deixe-me sentada por um momento, por favor, deixa eu me acostumar com a dor, antes de ter que me mover e torná-la pior. Eu não acho que eu possa lidar com mais agora. — Ela parecia sem fôlego, seu coração batia de forma irregular, com a intensidade de sua dor.

Balançando a cabeça em compreensão, Aaron ajoelhou-se no chão, em frente a ela, seus olhos seguraram os dela, enquanto ele dava o tempo que ela precisava. Sentado calmamente, ele estudou seu rosto, procurando com os olhos, qualquer indício de desconforto, agarrando-lhe a mão para confortá-la quando ela se encolheu de dor. Examinando-lhe o pulso, ele viu que um dos grilhoes que tinha sido enrolado em seus pulsos, na noite anterior a tinha cortado. Aaron tentou instantaneamente desamarrar a corda, do



violoncelo, mas Maddy puxou a mão da dele, cobrindo a corda com a outra mão.

— O que você está fazendo?

— A corda cortou sua pele, eu tenho que removê-la.

Sacudindo a cabeça em recusa, Maddy puxou o braço para o seu corpo, segurando o pulso ferido.

— Eu não me importo se tivesse cortado minha mão completamente, eu não quero que seja removida. — Ela parou de falar, parecia que ela estava pensando sobre um lugar distante. — Eu sempre achei minha liberdade na música Aaron, e depois de ser prisioneira... Ter isso tirado de mim... — Olhando profundamente em seus olhos, ela continuou. — Você me devolveu a liberdade, quando me deu o meu instrumento; de alguma forma você sabia. Não me tome a liberdade, não importa o quanto isso me machuca. — Sua expressão, era um apelo e, ela pedia para manter algo tão simples como um bracelete formado de uma corda quebrada de violoncelo.



Vendo que ela estava ficando chateada, que o pânico estava se estabelecendo nas linhas de seu rosto e nos músculos de seu corpo, Aaron recuou, acenou com a cabeça em compreensão de seu pedido.

— Ok, eu vou tratar e enfaixar a ferida e vou deixá-la, se é isso que você quer.

Finalmente, acalmando-se, Maddy foi capaz de manter os olhos abertos por mais tempo, um azul profundo do mar encontrou seu olhar quando ela perguntou:

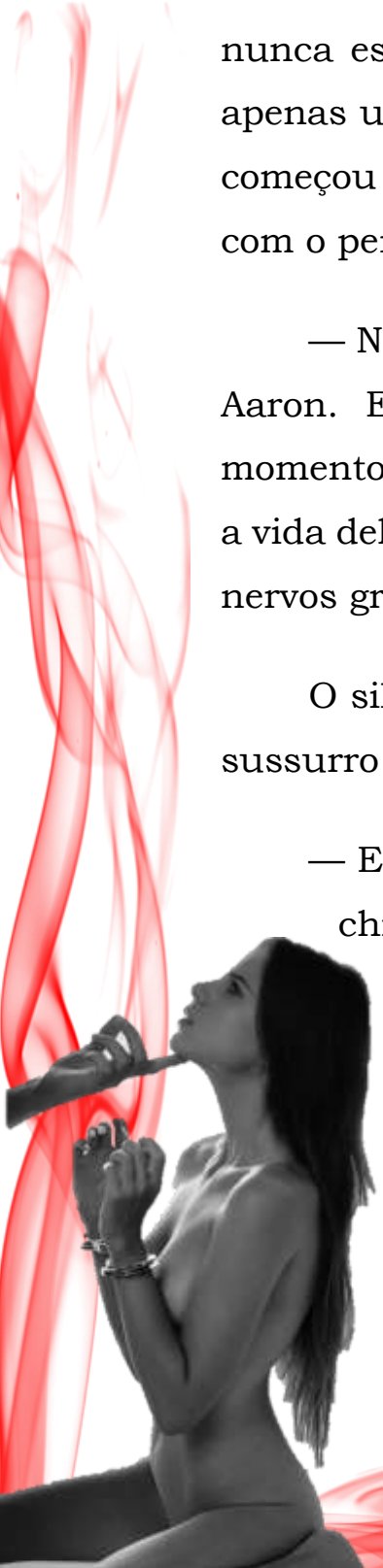
— Será que isso funcionou? Eles foram enganados?

— Sim. Sim, minha menina corajosa, eles foram. Emily acabou se tornando a última vítima em seu jogo. Meu pai nunca esteve preocupado com o que eu fiz a ela, ele estava apenas usando-a para chegar até você. — A parte escura dele começou a surgir com essas palavras, sua raiva reapareceu com o pensamento sobre o que seu pai tinha feito.

— Não deixe que o seu controle sobre a raiva se vá agora, Aaron. Eu posso sentí-la em sua voz. Segure-o até um momento onde você possa usá-lo para finalmente acabar com a vida dele. — Ainda forte. Mesmo com as costas rasgadas e os nervos gritando em agonia, Maddy ainda manteve-se forte.

O silêncio caiu entre eles, a voz de Aaron era apenas um sussurro suave quando ele finalmente se atreveu a rompê-la.

— Eu sinto muito, Maddy. Sinto muito por ter usado um chicote em você. Se eu pudesse ter trocado de lugar com você, eu teria. Eu teria dado minha vida para não ter que fazer o que te fiz. — A dor cintilou em seu rosto quando ele se lembrou do que tinha feito, uma dor tão profunda que só contribuiu para aumentar a escuridão dentro dele. Durante anos, seu pai tinha sido cruel, injusto e tinha formado Aaron para ser um



assassino, tinha retirado dele a capacidade de amar ou ser amado.

Colocando a mão em sua bochecha, Maddy prendeu seus olhos nos dela, repousando seu olhar azul sereno sobre ele, dando-lhe de volta algumas partes de si mesmo que seu pai tinha mandando embora.

— Você fez o que eu pedi para você fazer. Você manteve-se fiel ao que esperamos realizar. Não importa o que aconteça, se eu viver ou se eu morrer, você só pode me ajudar a encontrar a justiça, erradicando o homem que me tirou da minha vida.

Aaron levantou para que ele e Maddy ficassem cara a cara.

— Deixe-me ajudá-la a voltar para a cama. Você não pode ficar aqui para sempre, você precisa deitar e descansar.

Com um sorriso tímido, sua expressão lhe lembrou da primeira vez que essa mulher tinha sido oferecida a ele, a mulher que atreveu a revelar-se durante os momentos de silêncio entre eles.



— Eu não quero passar mais tempo na cama... — Suas bochechas ficaram aquecidas pelo pensamento intimo. — ... Não nesta condição, de qualquer maneira.

Suas palavras o lembraram dos eventos antes da apresentação, as palavras que ela disse a ele na

sala de música, o momento em que ela tinha se dado a ele na cama e a conversa sussurrada que ocorreu quando acordaram. O sexo tinha sido a primeira vez para Maddy, uma parte de si mesma que ela tinha dado a ele... Mas suas palavras... Aquela tinha sido a primeira vez para ele, uma parte de si mesmo que ele nem sabia que existia. A memória desses momentos trouxe de volta um pedido que Maddy tinha feito, que ele tinha negado a ela, na época, mas que não recusaria agora.

— Deixe-me levá-la para a cama para que eu possa cuidar dos seus ferimentos, e depois disso, vou levá-la para outro lugar.

Acenando seu consentimento, Maddy tentou encobrir sua dor, enquanto ele a ajudava a ficar numa posição de pé, mas Aaron sabia, cada vacilo de seu corpo, cada careta que franzia a perfeição de seu rosto, ele sabia que ela queria gritar, não conseguia entender por que ela não estava gritando, era definitivamente uma guerreira envolta em uma bela concha de uma musicista, uma força interior, era algo que ninguém poderia ter suspeitado.



Depois de coloca-la na cama, Aaron pegou os medicamentos. Puxando a gaze de suas costas, ele morreu um pouco mais por dentro, cada vez que ele revelava um dos cortes profundos feitos pelo chicote, amaldiçoou-se por ter sido o único a infligir-los. As mãos dela agarraram-se aos cobertores, sobre sua cabeça, seus músculos gritavam com cada tira de gaze que ele removia.

Quando ele terminou a limpeza e passou mais pomada nas feridas, ele ajudou-a a fica de pé novamente e a pegou no colo, tentando não tocar suas costas. Lágrimas escorriam pelo seu rosto e Aaron jurou vingança por cada lágrima que escapava de seus olhos, dor pela dor, era uma promessa que Aaron fez para si mesmo, para seu pai.

Andando com Maddy pelo corredor, ele finalmente levou-a para a sala de música e deitou-a no grande sofá de couro. Pegando, rapidamente, travesseiros no outro quarto, ele os levou para ela, colocando-os em volta dela, para que a posição que ela estava forçada a ficar estivesse tão confortável quanto possivel. Passando a mão ao longo de sua bochecha, ele limpou as lágrimas que ainda fluiam livremente de seus olhos. Quando ela finalmente se acalmou, suas pálpebras caíram como se estivesse tentando ficar acordada. Eventualmente elas se fecharam, Aaron olhou para o seu rosto, enquanto ela perdia para o esgotamento em detrimento a sua agonia, agradavelmente seu corpo sabia quando bloquear sua mente de uma dor tão insuportável, que ninguém deveria ter que experimentar.

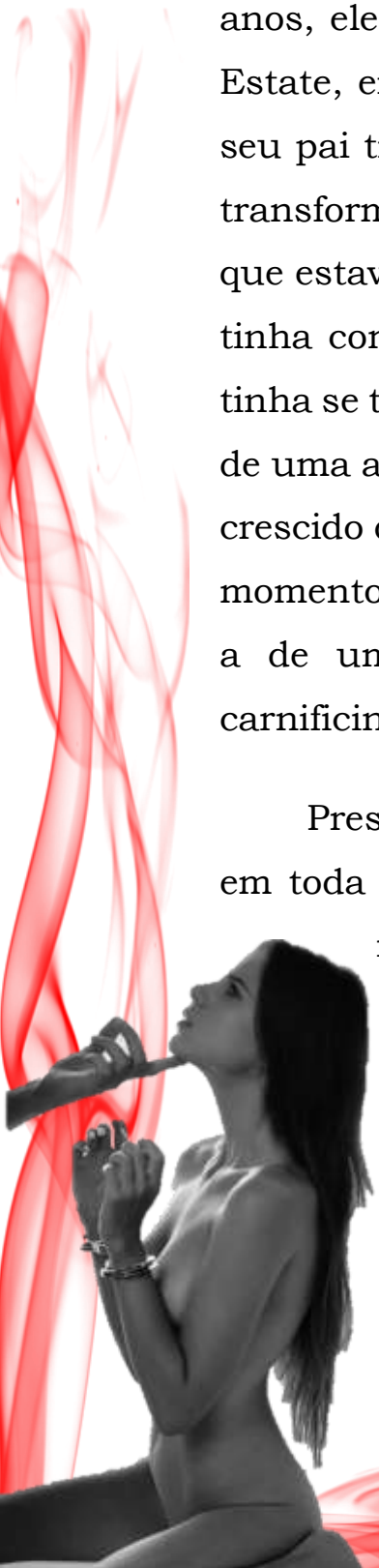


Somente quando sua respiração se aprofundou e nivelou, ele deixou de estar a seu lado. Lentamente, ele se mudou para o piano, olhou para a música aberta acima do teclado. Sua mãe havia escrito esta peça para ele, quando ele nasceu, tinha ficado tão orgulhosa de seu feito que ela tinha mandado ser transcrito e impresso com um nome

falso. Antes que ela desaparecesse, ela fez questão de ensinar-lhe esta canção, para garantir que, mesmo que eles se separassem, Aaron teria um pedaço dela, guardado para si proprio.

Correndo os dedos levemente pelas teclas, ele pensou em quanto tempo fazia desde que ele havia tocado. Ao longo dos anos, ele tinha focado somente nos negócios escusos da The Estate, em sua posição como o carrasco, ele reconheceu que seu pai tinha sido capaz de o corromper, tinha sido capaz de transformar um espírito que uma vez tinha sido puro, em um, que estava infectado com o veneno da morte e decadência. Ele tinha começado a matar com a idade de quatorze anos. Mal tinha se tornado um homem, quando o ensinaram o uso básico de uma arma, de uma faca, mas tinha sido o veneno que tinha crescido dentro dele, o que acabaria por enchê-lo durante cada momento do dia, que o havia levado a preferir o uso da lâmina a de uma arma, para aproveitar o banho de sangue e carnificina da matança.

Pressionando levemente a tecla para baixo, o som ressou em toda a sala. Com a mão direita, ele lentamente tocou as notas como as recordava, suavemente, a princípio, a canção lhe lembrava de outra alma pura, em sua vida. Reconhecimento assumiu seus instintos, seus dedos se soltaram, as notas eram tocadas por força do hábito e da memória, ao invés de ler a música na frente dele. Finalmente trazendo a mão esquerda para as teclas, acrescentou graves aos agudos, a

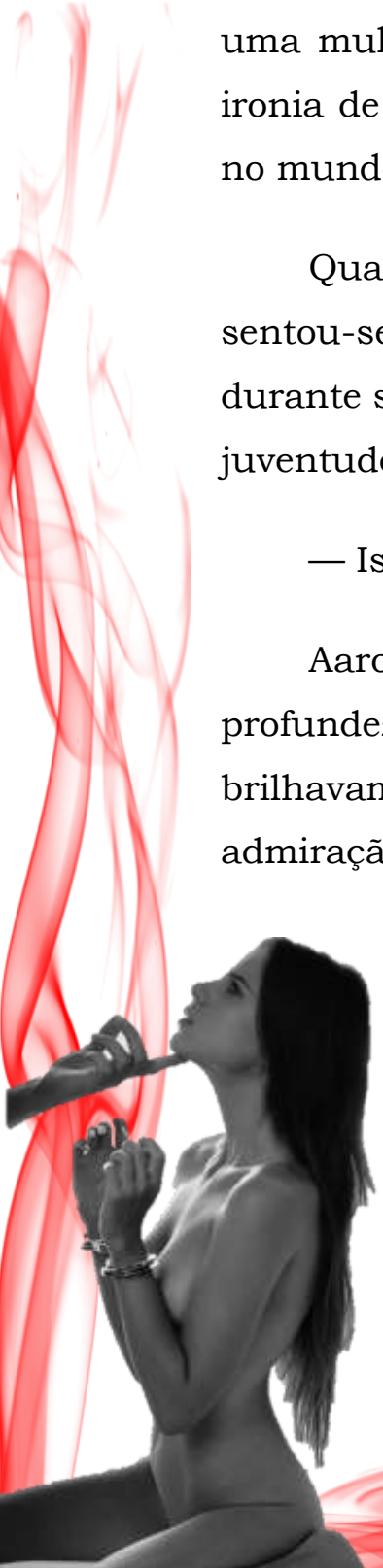


harmonia com a melodia, até que ele estava tocando uma música tão linda, que imitava a música dos anjos. Ele ficou perdido no som, uma vez que isso o consumiu, suas mãos se moviam ao longo das teclas como se tivessem vontade própria. Na música, ele ouviu a voz de sua mãe, o riso dela, quando estava ensinando ele e Xander a tocar um instrumento que ela dominava tão bem quanto Maddy dominava o dela. Nascido de uma mulher que era beleza, pureza e luz, ele não perdeu a ironia de que se houvesse uma alma gêmea nascida para ele no mundo, a mulher dormindo perto dele seria essa.

Quando a música terminou, ele tocou as notas finais, e sentou-se em silêncio, refletindo sobre a perda que ele sofreu durante sua vida, a escuridão que havia sufocado a luz de sua juventude, que extinguiu a centelha de vida dentro dele.

— Isso foi lindo.

Aaron virou-se no banco para bloquear os olhos com as profundezas de um mar azul místico. Os olhos de Maddy brilhavam com lágrimas, com uma expressão de espanto e admiração.



— Quem é o compositor? Eu não reconheci o nome quando li a música ontem.

Cruzando o quarto para se ajoelhar ao lado dela, ele segurou suas mãos na dele.

— Minha mãe escreveu, e colocou sob um nome falso para que meu pai não descobrisse que ela

continuou seu amor pela música, quando ele começou a cair ainda mais na corrupção. Ele a amava, amava o dom da música, quando eles se conheceram; mas como tudo o mais, ele tentou destruir isso, tentou pegar uma coisa de pura beleza e transformá-la em um pesadelo.

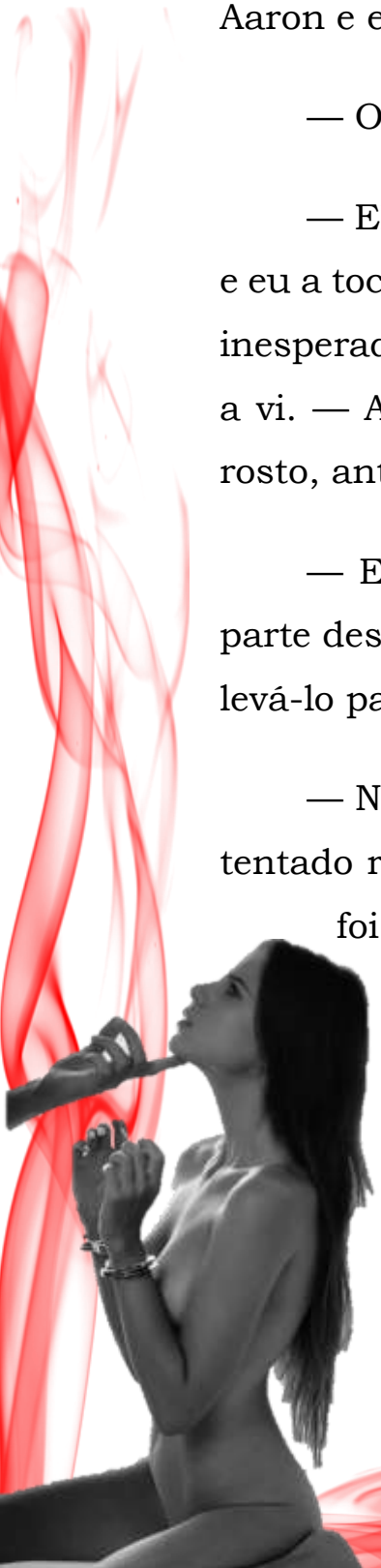
Maddy percebeu a dor e a perda, gravado na expressão de Aaron e estendeu a mão para suavizar as linhas de seu rosto.

— O que aconteceu com sua mãe?

— Ela desapareceu um dia. Ela estava ensinando Xander e eu a tocar uma nova canção quando meu pai chegou em casa inesperadamente e ordenou que ela o seguisse. Eu nunca mais a vi. — A sombra da agonia de uma criança passou por seu rosto, antes que a escuridão pudesse voltar a assumir.

— E Xander, ele é seu irmão? Como é que ele tem sido parte deste lugar por tanto tempo? — Maddy tentou distraí-lo, levá-lo para longe da memória da perda de sua mãe.

— Não. Seu pai era um membro da The Estate. Ele havia tentado roubar o negócio, tornar-se um homem rico. Quando foi pego, Xander e sua família foram arrastados como punição. Ele viu como seu pai e sua irmã mais nova foram executados... Como vários homens estupraram sua mãe, antes que ela também fosse executada. Antes de morrerem eles foram informados de que Xander seria mantido e transformado em um membro da The Estate.



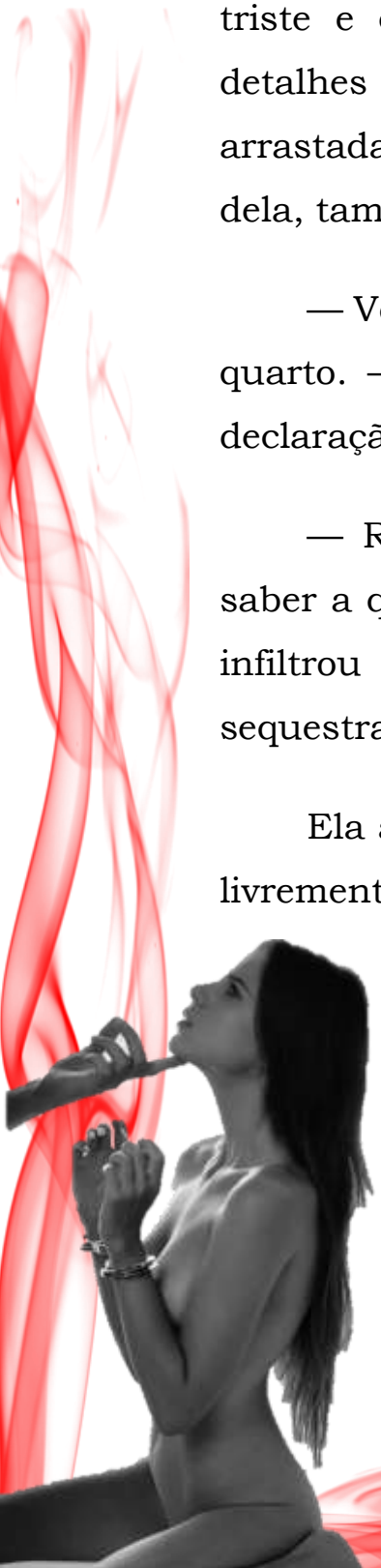
Morreram sabendo que seu filho ficaria preso neste lugar. Mesmo na morte, a eles não foi concedido o descanso final.

Mais lágrimas foram derramadas pelo anjo na frente dele, Maddy chorou por Aaron, sua mãe, Xander e sua família. Aaron tentou enxugá-las, mas elas caíam tão rápido, tão furiosamente que ele não podia pegá-las. Seu rosto parecia tão triste e completamente perdido, enquanto ela absorvia os detalhes da vida dele, do lugar para o qual tinha sido arrastada, do pesadelo que ele viveu e que tinha se tornado o dela, também.

— Você nunca me deu uma resposta essa manhã, em seu quarto. — Disse ela em um sussurro, a hesitação em sua declaração era obvia pelo tom de suas palavras.

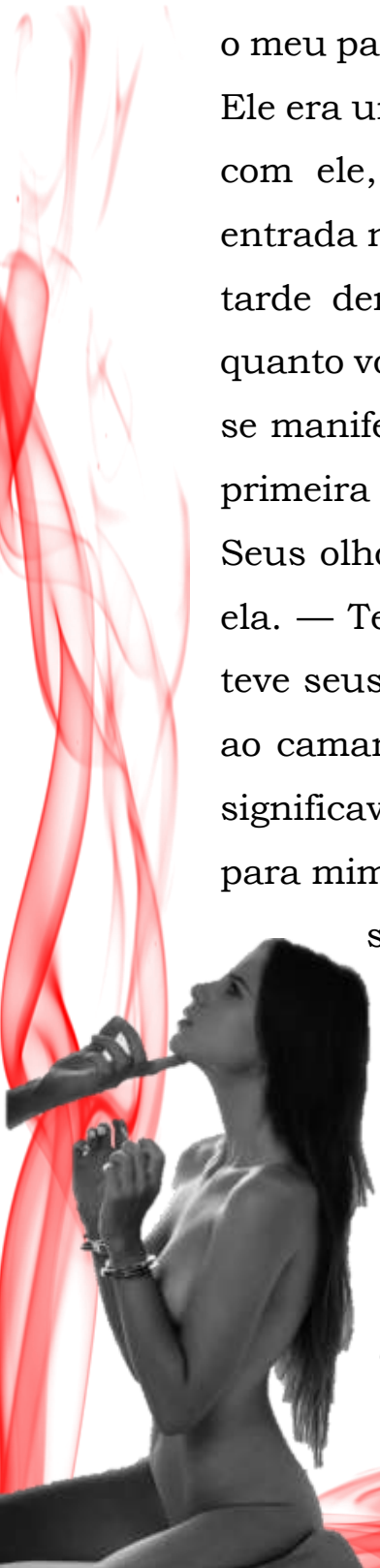
— Respondi o quê? — Aaron pensou, a princípio sem saber a que ela estava se referindo, mas a compreensão logo infiltrou em seus pensamentos. — Sobre por que voce foi sequestrada?

Ela assentiu com a cabeça, as lágrimas ainda fluiam tão livremente que ele se perguntou se seus soluços estavam sufocando sua capacidade de falar.



Um suspiro de resignação flutuou em seus lábios, sua testa caiu para a dela, quando ele fechou os olhos. Sua voz também era um sussurro quando confessou a ela e para si mesmo, a razão de seu cativeiro.

— Sim. Sua música é a razão de você estar aqui, a razão pela qual você foi trazida para cá. — Ele fez uma pausa, não querendo admitir a correlação entre sua música e seu sequestro. Não querendo admitir a conexão que sentia com ela, antes dela sequer saber que ele existia. — Minha mãe, sua música, sempre foi tão... Tão triste. Eu entendi a música, eu de alguma forma sabia que era sua maneira de lamentar o que o meu pai tinha se tornado, o que ele ainda estava se tornando. Ele era um homem diferente quando ela o conheceu e se casou com ele, um homem de negócios, naquele momento. Sua entrada na loucura foi sutil, quase imperceptível, até que fosse tarde demais. Ela se escondeu atrás de sua música, tanto quanto você fez, usou-a para bloquear a feiúra do pesadelo que se manifestava em volta dela. Quando eu ouvi você tocar pela primeira vez, me conectei a isso, eu entendi, eu entendi... — Seus olhos se abriram quando ele olhou profundamente para ela. — Tenho certeza que meu pai me seguiu, provavelmente teve seus homens agarrando-a depois de ver que eu tinha ido ao camarim para falar com você. Você vê, ele sabia que você significava algo para mim, que sua música significava algo para mim. Ele odiava a conexão entre minha mãe e eu quando se tratava de música, ele fez o que pôde para destruí-la, para fazer-me escuro como ele. Eu nunca quis que isso acontecesse, Madeleine. Mas você foi um momento de luz na minha vida, e meu pai não podia permitir existir.



Por fim, um lampejo forte de ira encheram seus olhos, um traço de prata através do azul.

— Seu pai deve morrer Aaron. Aconteça o que acontecer de agora em diante, mantenha esse objetivo em mente. Saiba que você terá sucesso em livrar este mundo da corrupção do seu mal. — Ela pegou a mão dele. — Juntos, vamos destruí-lo. Se eu tiver de suportar décadas de dor, de tortura, eu vou. Vou lhe dar a força que você precisar, enquanto você vai me dar a minha.

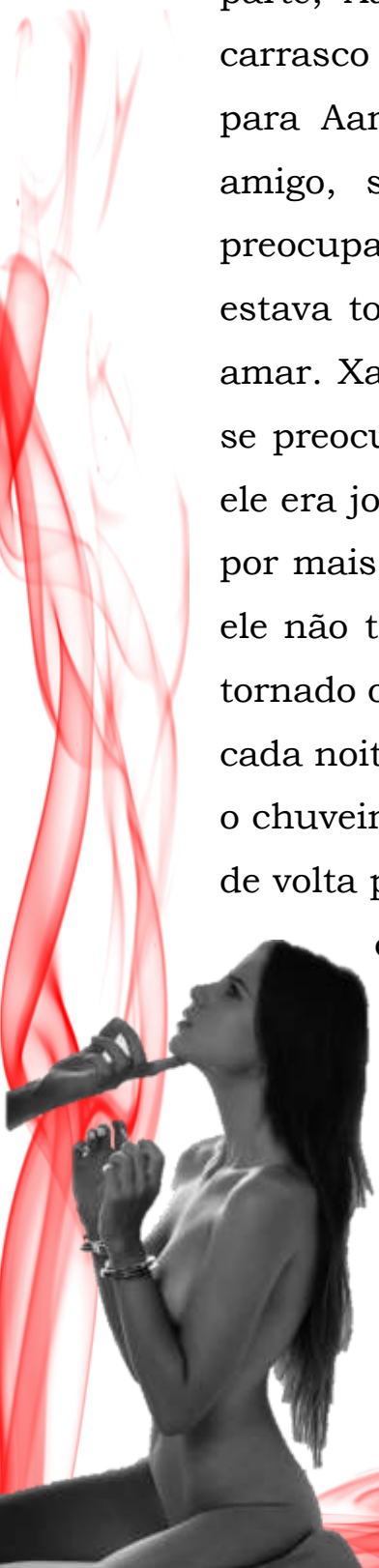
Balançando a cabeça, Aaron sorriu, espantado mais uma vez com a mulher que possuía tão bela alma, que poderia chorar por assassinos e ladrões, mas que também poderia lutar, à sua maneira, contra o próprio diabo.

— Sim, Madeleine, ele vai pagar pelo que ele fez, e nós vamos trazer justiça ao mundo... Juntos.



Capítulo Vinte e Seis

Quatro meses se passaram, monótonos na sua maior parte, Aaron e Maddy mantiveram sua rotina, ele como o carrasco e ela como sua força. Xander, sempre o amigo leal para Aaron, protegeu-a na ausência dele, tornando-se seu amigo, seu confidente nos momentos em que ela ficou preocupada que a escuridão em Aaron estivesse ganhando, estava tomando conta do homem que ela tinha aprendido a amar. Xander jurou que não tinha nenhuma necessidade de se preocupar, que Aaron tinha sido um assassino desde que ele era jovem, tinha se banhado no sangue de outros homens por mais tempo do que ela poderia imaginar. Naquela época, ele não tinha sido ultrapassado por corrupção, não havia se tornado o monstro, que seu pai queria que ele fosse. Cada dia, cada noite, que Aaron voltava para casa, Maddy o seguia para o chuveiro, ajudava-o a lavar o sangue de seu corpo e o trazia de volta para a luz. Eles tornam-se dependentes um do outro, ele como seu mestre e ela como seu escravo, exceto, no caso deles, Maddy dava livremente a Aaron o que as outras mulheres da The Estate não tiveram a opção de dar. Maddy confiava em Aaron, gostava de sua submissão a ele e sabia que ele sempre garantiria que ela se sentisse adorada.

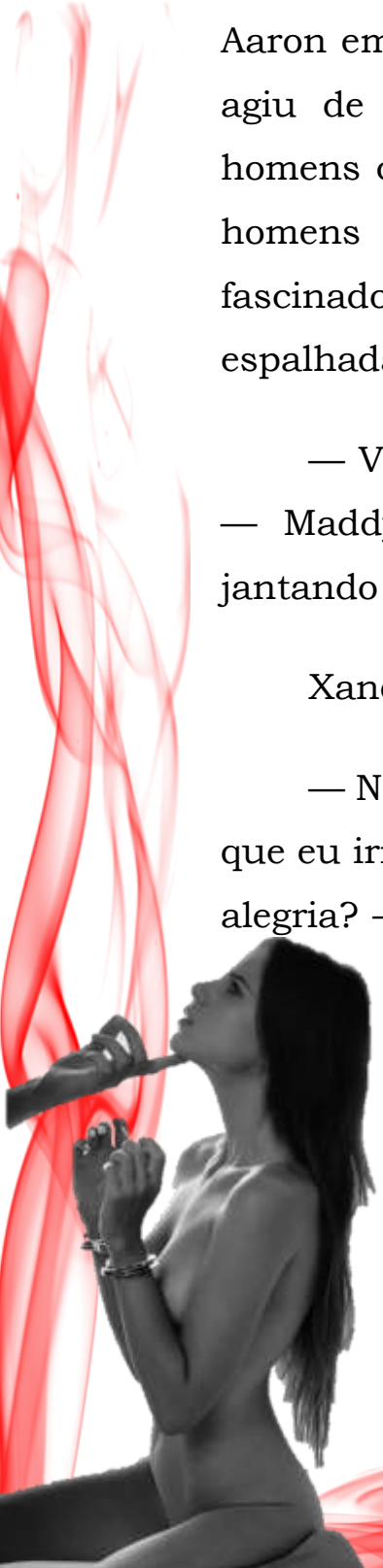


A aliança continuou a crescer, ao longo dos meses que passavam, cada unidade dentro da rede da The Estate alinhando-se com Aaron, prometendo ficar atrás dele quando chegasse o dia de derrubar o monstro que o pai dele tinha se tornado. No inverno ele tinha afrouxado o controle sobre a The Estate e eles estavam em uma posição para atacar e derrubar o mal, tão profundamente enraizados na The Estate. O pai de Aaron embriagou-se com seu poder, tinha tomado decisões e agiu de forma que transformou alguns de seus próprios homens contra ele. Ele ainda possuía um grande número de homens leais a ele, os mais desprezíveis e que estavam fascinados por sua insanidade e havia pessoas como essas espalhadas por toda a rede.

— Você nunca vai me dizer por que me chama de Grilo? — Maddy franziu a testa, enquanto se sentava à mesa, jantando com Xander e Aaron.

Xander recostou-se, um sorriso bobo no rosto.

— Não. Realmente gosto de irritá-la por não lhe dizer. Por que eu iria voluntariamente desistir de algo que me traz tanta alegria? — Sorrindo brilhantemente para a mulher que havia se tornado como uma irmã para ele, Xander empurrou o prato e acariciou a barriga, para indicar que tinha comido demais.



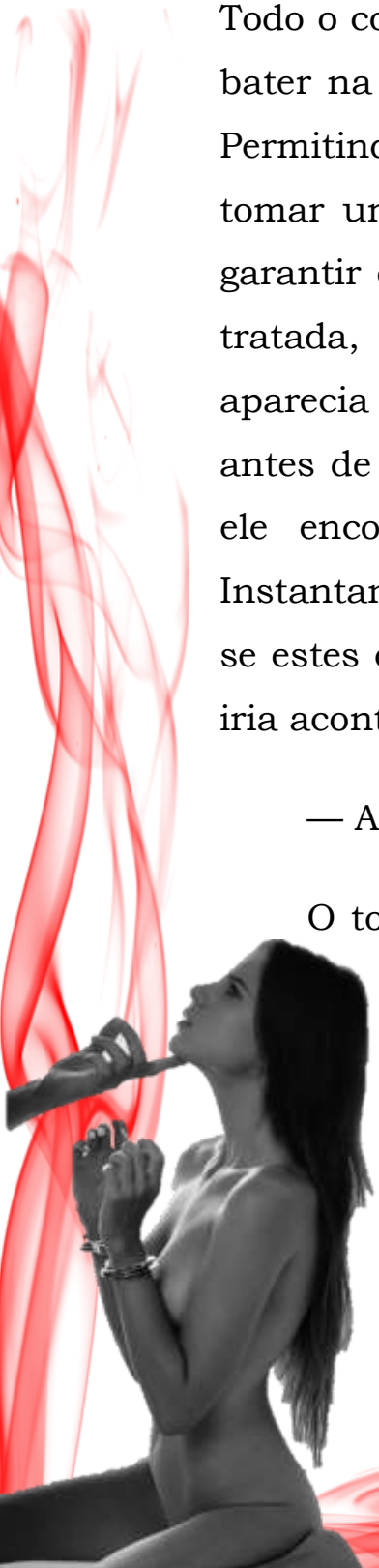
Aaron riu, apreciando a conversa, enquanto olhava entre Maddy e Xander. Ele poderia entrar em cena, poderia sussurrar para ela na escuridão da

noite a verdade por trás do nome de Xander para ela, mas ele também gostava de ver seu olhar carrancudo, sempre que Xander se recusava a dar-lhe a razão por trás disso.

Os três aproveitavam seu tempo juntos, riam e falavam de outros tempos, bem como dos tempos que se aproximavam, quando foram interrompidos pela batida de alguém na porta. Todo o corpo de Aaron ficou tenso, sabendo que ninguém iria bater na porta de tal maneira, com exceção de uma pessoa. Permitindo que Maddy tivesse tempo de despir suas roupas e tomar uma posição ajoelhada aos pés de sua cadeira, para garantir que quem quer que a visse, acreditasse que ela era tratada, no apartamento de Aaron, da mesma forma que aparecia com ele nos corredores da mansão, ele fez uma pausa antes de caminhar rapidamente até a porta. Abrindo a porta ele encontrou Emory e Vincent de pé, do outro lado. Instantaneamente, sua raiva floresceu dentro dele, sabia que, se estes dois homens estavam em sua porta, algum pesadelo iria acontecer.

— Aaron, tão bom te ver.

O tom de abuso de Emory esfregou contra os nervos de Aaron, enquanto sua mão se moveu em direção a uma das muitas lâminas que ele havia escondido sob seu corpo. Interrompendo-se, deu um passo para trás, para permitir a entrada dos homens.



Indo direto ao ponto, Emory olhou Aaron quando entregou sua mensagem.

— O carrasco foi solicitado ao salão de baile, nos próximos dez minutos.

Alívio diminuiu o peso de seus ombros, porém, Aaron permaneceu impassível, absoluto, se recusado a permitir que qualquer emoção pudesse ser vista sob a máscara da indiferença que ele usava. Ele pia lidar com qualquer coisa que seu pai ordenasse que ele fizesse, contanto que não envolvesse Maddy, não havia nada que o pudesse atingir, nada que pudesse trazê-lo de joelhos.

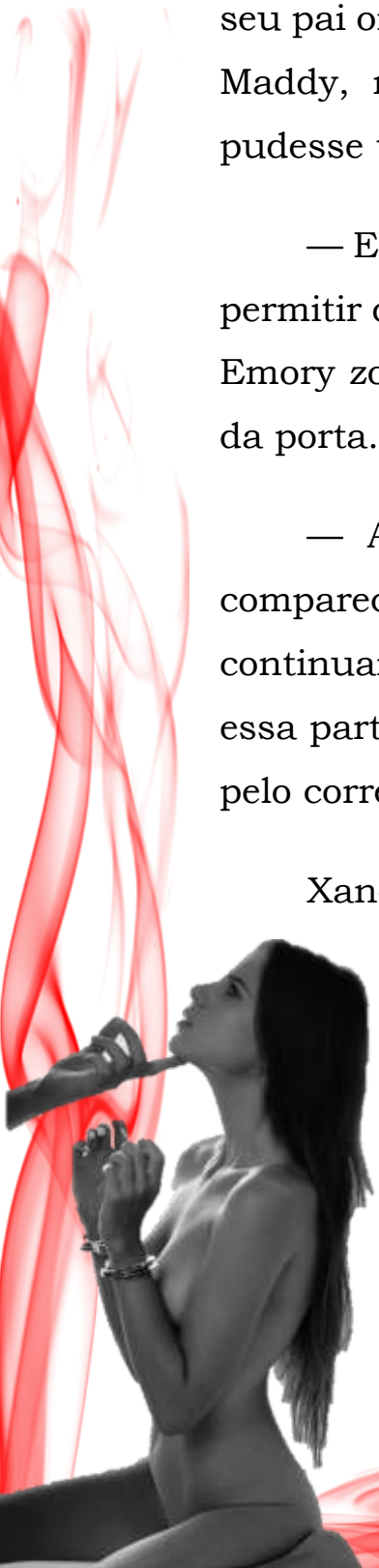
— Eu estarei lá. — Movendo-se para a porta, abriu-a para permitir que os homens pudessem sair. Andando pelas portas, Emory zombou de Aaron e se virou, antes de sair totalmente da porta.

— Além disso, a escrava do carrasco foi intimada a comparecer, também. — Ele deu uma risada suja, antes de continuar. — Desculpe, eu quase me esqueci de mencionar essa parte. — Eles continuaram seu caminho, desaparecendo pelo corredor, enquanto Aaron fechava a porta.

Xander se levantou e imediatamente se deslocou para o lado de Aaron.

— Por que eles iriam pedir para Maddy comparecer, se você está sendo chamado como o carrasco? Você não acha que...

Segurando a mão para deter Xander em seu pensamento, Aaron atravessou a sala, tirou Maddy do



chão e a colocou em seu colo, quando ele se sentou em sua cadeira. Enterrando a cabeça em seu cabelo, ele permitiu que ela o acalmasse, enquanto acariciava seu cabelo e rosto.

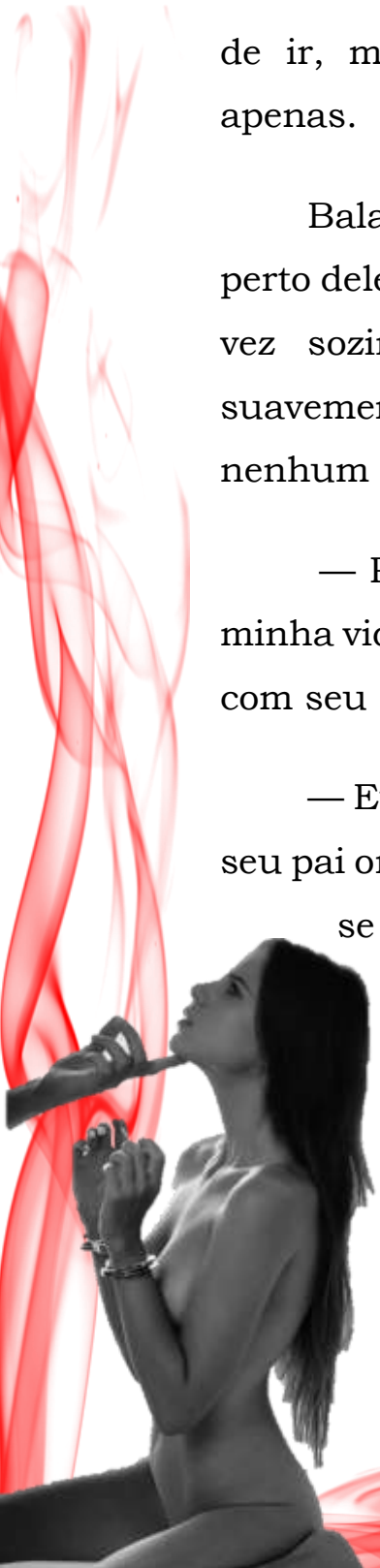
Vendo que os dois amantes precisavam de um momento a sós, Xander se moveu em direção ao corredor.

— Eu vou dar a vocês dois um momento. Quando for hora de ir, me ligue. Lembre-se, Aaron, que tem dez minutos apenas.

Balançando a cabeça, Aaron puxou Maddy para mais perto dele, seu silêncio efetivamente descartando Xander. Uma vez sozinho, Maddy inclinou-se para escovar os lábios suavemente sobre os de Aaron, uma tentativa de conforto que nenhum deles podia realmente encontrar.

— Poderia ser isso? Será que ele vai pedir que você tire minha vida? — Maddy sussurrou as palavras, muito assustada com seu significado, para dar a elas qualquer força.

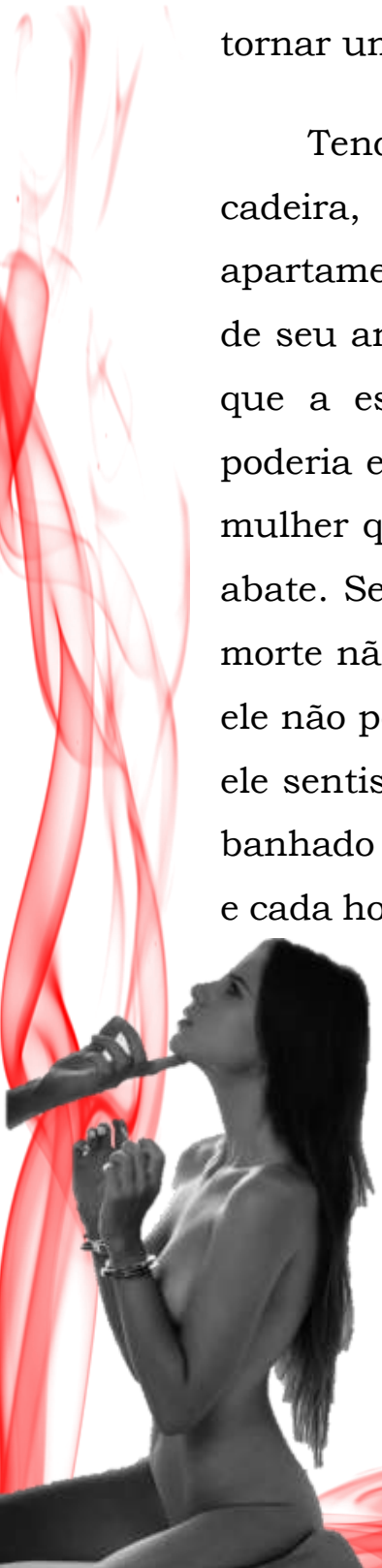
— Eu não sei. — Foi uma confissão. Aaron podia imaginar seu pai ordenando a morte de seu escravo. Não ficaria surpreso se devido ao seu tédio o tivesse chamado pela necessidade de tal entretenimento.



— Lembre-se de ser forte, Aaron. Se for isso que você tiver que fazer, eu nunca vou responsabilizá-lo. Você está tão perto, tão próximo do dia em que poderá finalmente apagar o mal de seu pai de sua vida e deste mundo. Se a minha morte tiver que

ocorrer para que isso aconteça, eu peço que você permita isso. Tome sua vingança, sabendo que eu o verei como um fantasma, meu espírito estará ao seu lado, sempre. — Colocando mais um beijo em seus lábios, Maddy derramou uma única lágrima, enquanto Aaron aprofundou o beijo, segurou-a junto a ele como se fossem a mesma pessoa, como se seus corpos entrelaçados pudessem de alguma forma se tornar um.

Tendo que correr contra o tempo, Aaron empurrou-se da cadeira, chamou Xander e abriu a porta para sair do apartamento, quando Maddy tinha tomado seu lugar, ao lado de seu amigo. Eles marcharam pelo corredor, Aaron permitiu que a escuridão infinita o consumisse. Nenhuma emoção poderia estar presente em sua mente, enquanto ele levasse a mulher que era a luz dentro de si para uma possibilidade de abate. Se ele fosse ordenado a matar Madeleine, ele iria, sua morte não seria em vão, ele iria destruir seu pai. No entanto, ele não poderia fazer isso, sem a máscara preta que usava, se ele sentisse sua morte e o calor de seu sangue, quando fosse banhado nele, ele ficaria louco, morreria tentando matar todos e cada homem naquela sala. Eles se aproximaram das grandes portas de madeira do salão de baile e, como de costume, dois homens estavam posicionados para abri-las, dando-lhe entrada fácil para o coração da sala de reunião da The Estate.



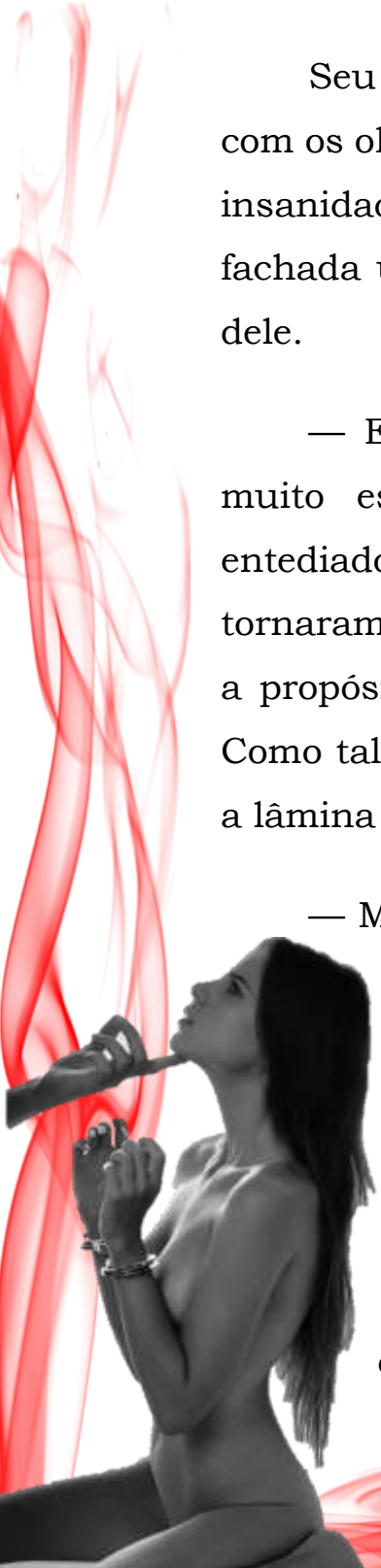
Havia um silêncio estranho sobre a sala, o caos habitual não estava presente entre os homens de seu

pai. Quando entraram, Aaron viu a forcas improvisadas, que tinham sido construídas, seis cordas penduradas para baixo de uma viga de madeira, que se alinhavam no topo. Tomando sua posição no centro da sala, ele enfrentou seu pai, enquanto Maddy tomava sua posição, ajoelhada aos seus pés. O silêncio da sala era sinistro, a pele de Aaron rastreava o ambiente ímpar do salão de baile.

Seu pai estava sentado em seu trono, como de costume, com os olhos ardendo em Aaron. Sua voz traindo em nada sua insanidade, o tom refinado era de um empresário, uma fachada usada para mascarar o demônio que morava dentro dele.

— Eu pedi o carrasco hoje à noite para um propósito muito específico. Os meus homens e eu temos ficado entediados com os escravos mantidos na propriedade, tornaram-se enojados com a pele que fica cima dos seus ossos, a propósito, eles estão frouxos e largos por excesso de uso. Como tal, cada escravo será executado esta noite e você, será a lâmina que terminará com a vida de cada um.

— Minha escrava será executada também? Ela ainda faz bem seu serviço e, eu não tive a oportunidade de me cansar dela... Ela não está em más condições, por excesso de uso, como seus escravos. — Aaron falou sem emoção, sem nenhum sinal minúsculo do grande terror em seu coração, ao pensar que Madeleine poderia ser executada, junto com as outras mulheres.



— Não. — O Sr. Carmichael respondeu: — Eu suponho que você eventualmente vai matá-la, por si mesmo, você tem o costume de ser tão violento quantos os demais homens da rede. Ela não vai morrer esta noite, porque eu tenho outra função para sua escrava. Bem, por causa disso e do fato de que eu ainda estou autorizado a saboreá-la, quando eu quiser. — Ele riu brevemente, antes de acrescentar: — Não tendo outros ao meu serviço, eu posso ter uma noite de necessidades, que só ela será capaz de preencher.

Um rosnado começou a entrar em erupção no peito de Aaron, mas ele foi capaz de engoli-lo de volta, antes que pudesse escapar.

— Claro pai. Qual é o seu propósito para a minha escrava, neste momento, se não for para ser executada com o resto.

— Eu percebi que uma vez que você realizar sua tarefa, não nos sobrará mais escravos, então quem iria limpar a bagunça que você deixar para trás? — Um riso zombador berrou do peito de seu pai, sua depravação era uma diversão para ele sozinho.

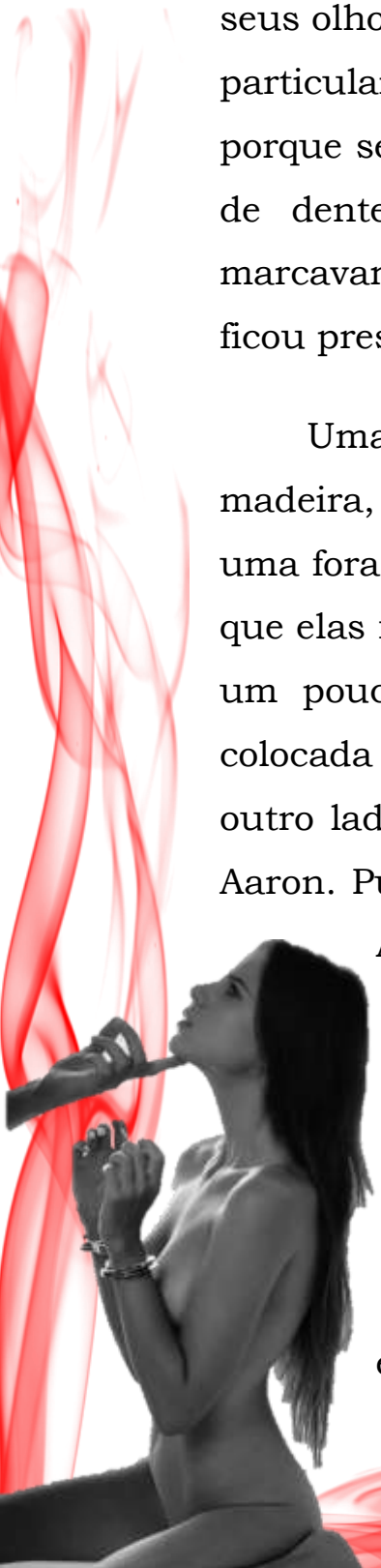


Relaxando apenas um pouco, Aaron olhou para as costas de Maddy, enquanto ela se ajoelhava a seus pés. Ele notou a forma como sua pele se arrepiou e o ligeiro tremor de seu corpo. Ela iria ser obrigada a limpar o sangue de sua matança, mais uma vez. Olhando para trás, até seu pai, Aaron disse:

— Tudo bem vamos acabar logo com isso. Não há necessidade de adiar minha tarefa.

— Sempre profissional, Aaron. Eu não esperaria nada menos do meu filho. — Balançando a mão, ele sinalizou para Emory trazer os escravos. A porta abriu-se e Aaron observou como cada mulher foi levada para a forca. Vendas cobriam seus olhos, as mãos estavam amarradas atrás das costas. Ele, particularmente, notou quando Emily foi levada para fora, porque seu corpo trazia as marcas de vários homens; marcas de dentes, olhos roxos e inchados, contusões e cortes marcavam sua pele, que tinha perdido o beijo do sol, enquanto ficou presa como uma escrava.

Uma a uma, as mulheres foram levadas até os degraus de madeira, colocadas debaixo de uma corda, e os braços de cada uma foram amarrados pela corda acima de sua cabeça, antes que elas fossem suspensas no ar, para que seus pés ficassem um pouco acima do chão. Quando cada uma tinha sido colocada e fixada na posição, Emory e Vincent foram para o outro lado da sala para tomar seus lugares, perto do pai de Aaron. Puxando sua lâmina da bainha, presa à suas costas, Aaron começou a atravessar a sala para dar um fim rápido às mulheres que tinham superado a sua utilidade.



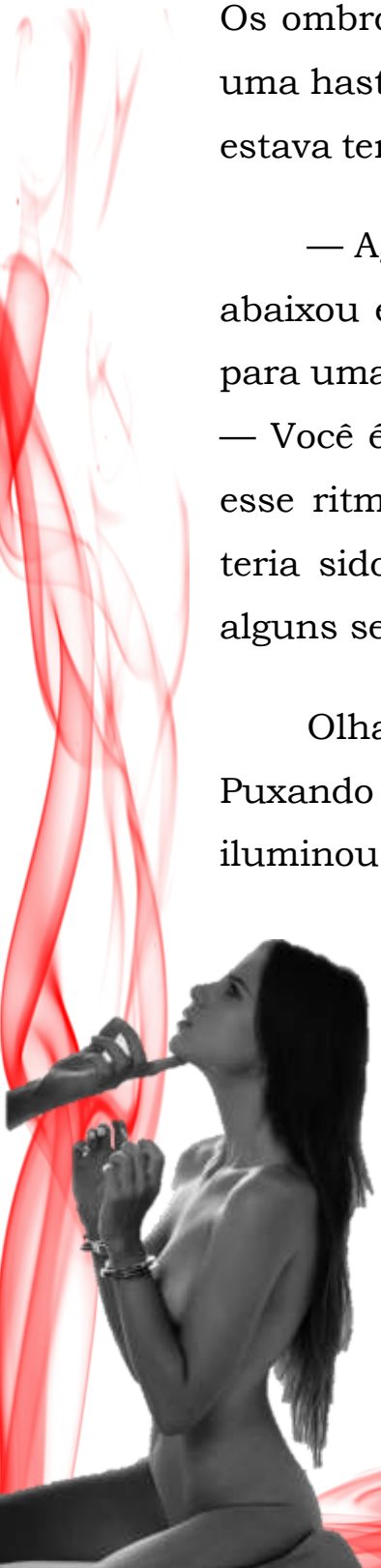
Subindo os degraus, ele se virou para a primeira escrava. Sua mão se moveu rapidamente quando ele cortou o aço através de sua garganta, esperou que o sangue dela escorresse para fora de sua

roupa, e para baixo dos pés do escravo, a centímetros do palco. O carrasco enxugou o rosto com a manga de sua camisa, e deu um passo para o próximo escravo, mas foi interrompido pela voz alta de seu pai.

— Pare! — Caminhando lentamente do palco, o pai de Aaron atravessou o espaço até que estivesse ao lado de Maddy. Os ombros de Aaron se endureceram, sua espinha se tornou uma haste de aço, com sua fúria. Cada músculo em seu corpo estava tenso com a expectativa do que seu pai havia planejado.

— Agora que tipo de entretenimento é esse? — Seu pai se abaixou e pegou o cabelo de Maddy em suas mãos, puxou-a para uma posição onde ela podia ver a carnificina do carrasco. — Você é muito rápido para matar, meu filho. Movendo-se a esse ritmo, toda nossa preparação para os eventos de hoje, teria sido nada mais do que um show, que duraria apenas alguns segundos.

Olhando para Maddy, ele sorriu, com um sorriso lascivo. Puxando contra seu cabelo com mais força, seu sorriso iluminou quando um grito escapou de seus lábios.



— Você não quer ver o que o homem que você chama de seu mestre é capaz de fazer? Como muito cruel, ele pode ser quando tira a vida de alguém? Você está vendo puta? Não desvie o olhar, porque se o fizer em apenas um piscar, enquanto ele executa os escravos, eu vou fazer com que seja enforcada quando ele terminar.

Maddy olhou os olhos cinzentos do homem que ela mais detestava neste mundo. Seu coração já estava quebrando, pelas mulheres cujas vidas estavam sendo terminadas para o entretenimento, elas estavam escravizadas, como ela estava. Se não fosse o conhecimento de que o homem segurando sua cabeça iria morrer em breve, ela teria lutado contra ele, dando boas-vindas à sentença de morte que ele ameaçou. Voltando os olhos para o palco, ela trancou-os com Aaron, dando-lhe força com nada mais do que sua presença.

— Eu quero que elas sejam estripadas, Aaron. — Seu pai lançou o cabelo de Maddy, para virar sua cabeça na direção da forca, ao dar suas instruções. — Deixe suas entranhas cair a seus pés, enquanto a luz morre em seus olhos.

Maddy estremeceu, tentando não imaginar a agonia que iria acompanhar tal morte. A cabeça dela foi levantada para ela ver como Aaron era entregue à escuridão, forçado a um ato tão cruel, que nenhum homem poderia imaginar ter que fazê-lo. Este foi o insulto final aos ferimentos infligidos em cima dela. No entanto, ela iria assistir, e permanecer firme em seu papel, como escrava de Aaron.



Aaron virou-se de costas para ela e foi até a próxima mulher na forca. Ela só podia ver o movimento de seu braço, mas a mulher que ele matou gritou de terror e sofrimento. Maddy conseguiu ver o sangue e os órgãos vermelhos do corpo da mulher, que caíram sobre os pés de Aaron. Maddy teve que conter as lágrimas, enquanto era

forçada a assistir Aaron se movimentando para o próximo escravo. Em sua posição, como executor da The Estate, Aaron era obrigado a cometer esses atos horríveis, vis. Ela sabia que a escuridão o rodeava, penetrava nele e puxava sua alma, enquanto ele cumpria as ordens de seu pai. Maddy se perguntou se Aaron gostava dessas mortes agora, assim como ele gostava antes dela ter sido sequestrada. Ela sabia o que ele era, sabia das coisas que ele tinha feito – as coisas que ele continuou a fazer – e ela sabia que esses atos um dia iriam destruir até mesmo a pequena esperança que ela tinha visto nascer dentro dele, durante o tempo que eles passaram juntos.

Como Aaron ia de uma mulher para outra, ele se inclinava sob elas, fingindo que um ângulo mais próximo era necessário para levar a cabo sua execução, na realidade, ele estava sussurrando um pedido de desculpas, enquanto elas morriam. O palco estava escorregadio com o sangue, suas entranhas se espalhavam, enquanto ele atravessava o chão de madeira. Finalmente chegando a Emily, ele puxou a máscara de seu rosto e virou sua cabeça, para que ela pudesse ver o que tinha acontecido com as outras mulheres. Seus olhos se arregalaram de medo e sua boca de repente se abriu, enquanto ela vomitava em seus sapatos. Aaron sorriu se inclinou para ela, como fez com as outras, mas, desta vez, não foi um pedido de desculpas que ele deu.

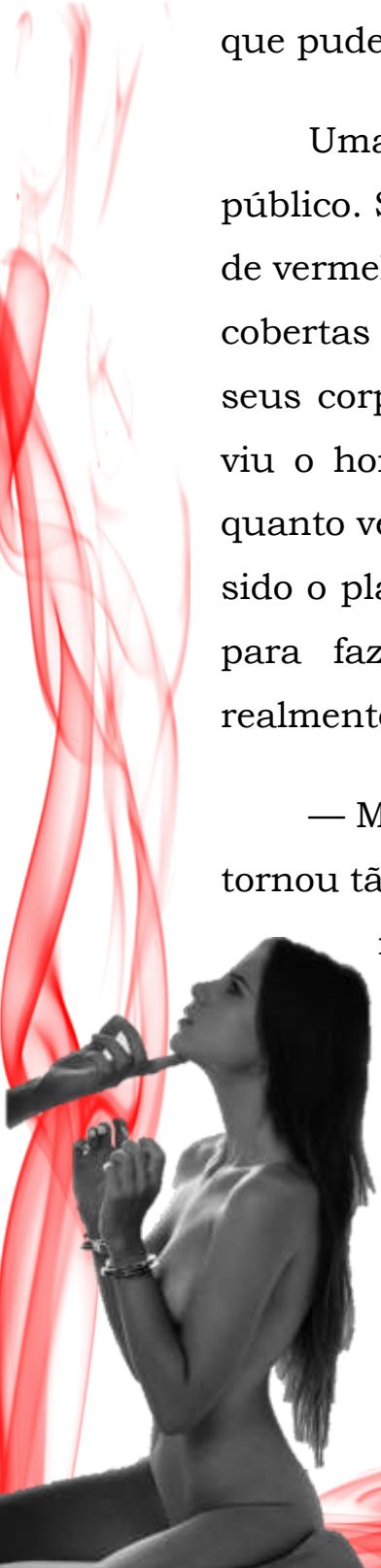


— Como é a sensação de ser uma puta, Emily? Eu espero que você tenha achado a resposta e espero que tenha gostado. — A faca perfurou seu abdômen,

logo abaixo de suas costelas, ele puxou para baixo lentamente, rasgando-lhe a carne com a lâmina; Ele não lhe concedeu a rapidez que tinha dado às outras mulheres. Uma vez que sua barriga estava aberta, ele puxou os órgãos soltos, balançando-os livres da cavidade abdominal de seu corpo, até que a jogou aos seus pés. Ele manteve os olhos treinados nos dela, enquanto ela gritava, travou seu olhar com os olhos dela, para que pudesse ver a vida sair de seu corpo.

Uma vez que a tarefa foi concluída, ele viro-se para o público. Sua camisa, uma vez branca, estava agora manchada de vermelho, do sangue dos escravos; as botas completamente cobertas por pedaços de órgãos que tinham sido removidos de seus corpos. Quando seus olhos encontraram Madeleine, ele viu o horror escrito em suas feições, por ter testemunhado quanto verdadeiramente escuro ele poderia ser. Se isso tivesse sido o plano de seu pai? Tinha todo esse show, sido um ardil para fazer Madeleine temê-lo, mostrando-lhe o que ele realmente tinha dentro?

— Muito bom Aaron. Tenho prazer de ver que você não se tornou tão acostumado com a morte, que lhe falta estilo no seu método. — Voltando para o trono, seu pai fez um gesto para Aaron voltar à sua posição, no centro da sala. Seus passos deixavam poças vermelhas escuras, uma trilha de carnificina do palco para o seu lugar ao lado de Maddy. Ela permaneceu na posição que seu pai a tinha colocado, com os olhos grudados na cena das conchas vazias, que haviam



sido feitas para pendurar os escravos. Ela ficou congelada em seu horror, um lugar onde o pesadelo tinha tomado sua capacidade de mover-se, gritar... Fugir.

— Cara para o chão, escrava. — A voz de Aaron foi concisa, quando ele ordenou que ela desviasse o olhar. Permitindo que o público acreditasse que ele não se importava nada com a mulher a seus pés, ele imediatamente concedia a Madeleine a capacidade de olhar para baixo, amontoar sobre si mesma e chegar a um acordo com o banho de sangue que ela tinha acabado de presenciar. Voltando os olhos para seu pai, ele esperou pelo próximo comando.

Os olhos de seu pai estavam grudados em Aaron, enquanto falava.

— Xander, leve Madeleine para a forca, por favor. Vamos remover as entranhas e jogá-las para alimentar os cães. Uma vez feito isto, eu quero o sangue limpo desta sala.

Xander levantou Maddy, com tanto equilíbrio quanto pôde, enquanto ele a levou para a forca. Aaron não permitiu que seus olhos seguissem seu caminho, ao invés disso ele manteve seu olhar colado à personificação do mal que estava sentado em seu trono.



Quando Xander e Maddy chegaram perto o suficiente da forca e ela pode ver os restos das mulheres espalhadas pelo chão de perto, ela ficou enjoada. Seu corpo violentamente expulsou o jantar

que ela havia comido mais cedo naquela noite, os suspiros audíveis de seu corpo se contorcendo encheram a sala silenciosa.

Com um tom de desgosto e tédio, o pai de Aaron ordenou:

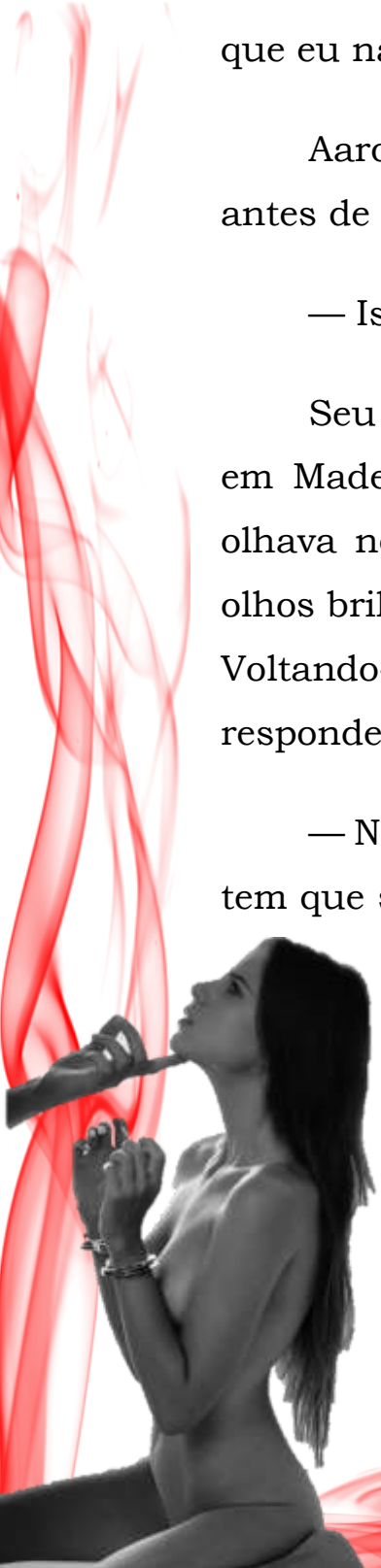
— E certifique-se que todo o vômito seja limpo também. Se ela fica doente de novo, vou pedir sua execução, de modo que eu não tenha que ver isso novamente.

Aaron esperou por Maddy e Xander chegarem à forca, antes de falar novamente.

— Isso é tudo que você necessita do carrasco?

Seu pai não respondeu de imediato, seus olhos estavam em Madeleine, enquanto ela limpava o palco. Enquanto ele olhava nos olhos da escrava de Aaron, algo dentro de seus olhos brilhou, antes de um sorriso ser enrugado em seu rosto. Voltando-se para Aaron, o sorriso foi perdido quando ele respondeu:

— Não... Na verdade, eu tenho um trabalho para você, que tem que ser feito hoje à noite também. Emory irá lhe fornecer as informações sobre seu alvo e sua localização esta noite, quando for a hora de você ir.

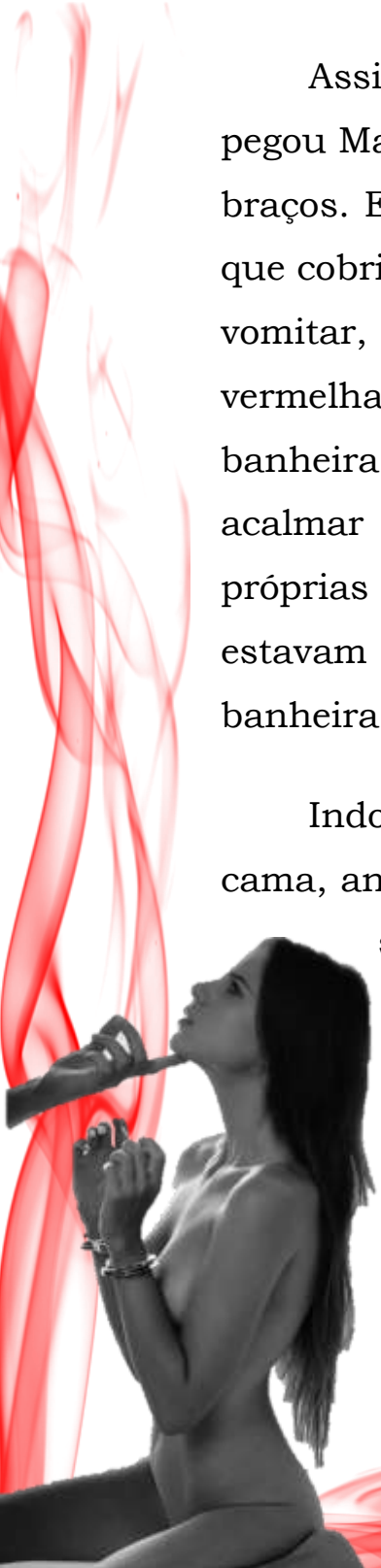


Um alerta rolou pela espinha de Aaron, quando ele assentiu com a cabeça, mas ele desconsiderou isso, quando se virou para ir para a forca. Tomando um lugar ao lado de Xander, ele viu como Maddy

lutava para limpar o que restou das mulheres. Seu corpo convulsionava, com o vômito que não podia derramar. Diligentemente, ela se mudou de um para o outro, limpando o sangue e pegando os órgãos, até que finalmente o palco estava limpo. Depois de terminar com os pisos do salão, foram dispensados para que pudessem voltar para o apartamento de Aaron.

Assim que eles estavam dentro do apartamento, Aaron pegou Maddy e correu para o banheiro, carregando-a em seus braços. Ele tentou fugir do cenário anterior e lavou o sangue que cobria o corpo de Maddy. Violentamente, ela continuava a vomitar, enquanto ele a limpava. Uma vez que as manchas vermelhas tinham sido apagadas de sua pele, ele encheu a banheira com água morna, esperando que o calor ajudasse a acalmar o corpo cansado e fraco de Maddy. Puxando suas próprias roupas de seu corpo, ele lavou as manchas que estavam em si mesmo, antes de voltar para puxá-la da banheira.

Indo para seu quarto, ele deitou Maddy no colchão de sua cama, antes de subir ao lado dela e puxá-la com força contra seu peito. Ficaram em silêncio por mais de uma hora, o choque do que tinham acabado de ver e fazer os assustou o suficiente para que suas palavras fossem silenciadas. De vez em quando, Maddy era reduzida a lágrimas, soluços violentos tomavam o controle de seu corpo. Os gritos que escapavam de sua garganta



funcionavam como uma faca, que se torcia no coração do homem que a segurava.

Quando ela se acalmou, finalmente sucumbiu à exaustão deixada para trás por testemunhar tal horror, Aaron finalmente falou.

— Eu vou matá-lo, Madeleine, eu juro para você, ele vai morrer.

Maddy não respondeu, apenas fechou os olhos e perdeu-se, ao dormir envolta nos braços de um homem que poderia cometer atos atrozes de um carrasco.

Uma batida fraca na porta acordou Aaron. Abrindo os olhos, ele viu como Xander entrou no quarto, com um pedaço de papel nas mãos.



— Emory deixou as informações do seu trabalho esta noite. É cerca de uma hora daqui. Eu vou ficar com Madeleine, enquanto você estiver fora.

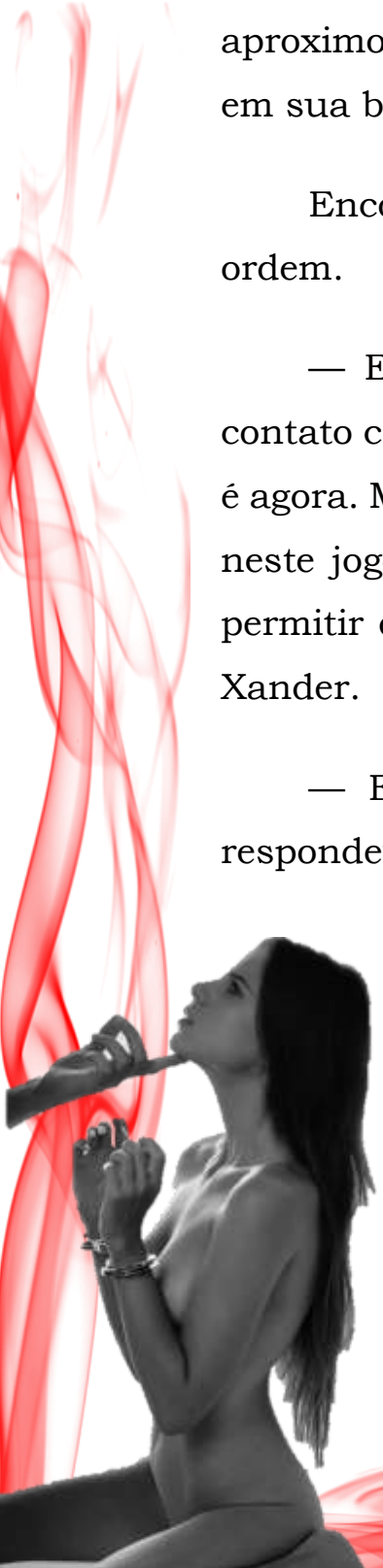
A contragosto, Aaron tirou os braços de Maddy, lentamente se arrastou para fora da cama e se cobriu, com outro cobertor, uma vez que estava de pé. Uma

vez que Xander saiu da sala, Aaron foi para o armário, para se vestir rapidamente com calças pretas, camisa preta, e seu casaco de couro, preto. Armando-se, ele continuou a olhar para Maddy, enquanto ela dormia em sua cama. Como um anjo em repouso, sua pele branca brilhava na luz baixa do quarto. Suas feições não estavam tranquilas, mas não tinha o olhar de horror, que tinha desde o salão de baile. Aaron aproximou-se do lado da cama e inclinou-se para dar um beijo em sua bochecha, antes de se virar e sair do quarto.

Encontrando Xander na sala de estar, Aaron soltou sua ordem.

— Enquanto eu estiver fora, quero que você entre em contato com o líder de cada grupo na aliança. A hora de atacar é agora. Meu pai já foi longe demais. A única mão que lhe resta neste jogo é levar Maddy de mim e eu vou morrer, antes de permitir que isso aconteça. Eu quero vê-lo morto, esta noite, Xander.

— Eu vou começar a fazer as chamadas. — Xander respondeu.



Alcançando a porta, Aaron voltou-se para seu guarda.

— Se acontecer alguma coisa, você deve entrar em contato comigo, imediatamente. — Com isso Aaron saiu pelo corredor, para tirar mais uma vida humana.

Depois que Aaron havia saído, Xander passou mais de uma hora coordenando o ataque, a cada unidade era dado um tempo e lugar para se encontrarem. Xander foi para a sala de estar, na espera do retorno de Aaron, seus nervos estavam em chamas, pela antecipação da batalha da noite. Quando ouviu as botas fora da porta, mudou-se para abri-la esperando que Aaron estivesse do outro lado. Uma vez que ele havia se mudado de lado, na grande porta, seus olhos se encontraram com os de Joseph Carmichael.

Sr. Carmichael não se incomodou com uma saudação, enquanto ele entrava no apartamento, seguido de perto por Emory e Vincent. Ele girou lentamente, enquanto olhava por cima da sala, com os olhos parando de vez em quando em uma estátua ou outra decoração similar. Quando ele finalmente voltou para Xander, tinha um sorriso esticado sobre seu rosto.

— Onde está o escravo?

Instantaneamente enrijecido, Xander ficou imóvel, enquanto tentava pensar de que maneira ele poderia se recusar a responder. Não encontrando nada, ele respondeu:



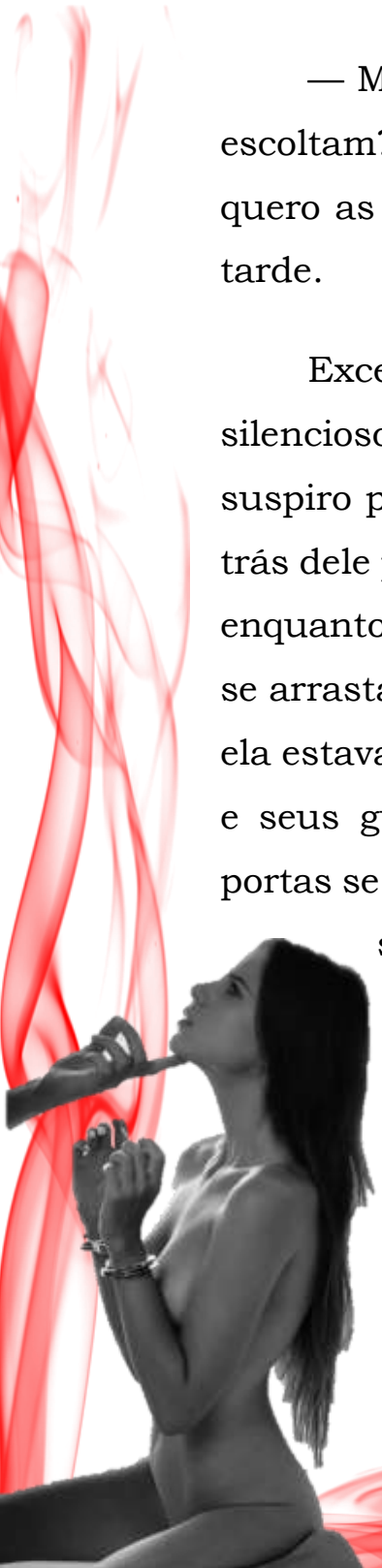
— Ela está dormindo.

— Bem, então, vai acordá-la e traga-a para mim. Eu tenho um uso para ela, hoje à noite. — As palavras do Sr. Carmichael foram ligeiramente arrastadas, mas ainda pingava sua intenção maliciosa para Maddy.

Xander fez uma pausa. Querendo nada mais do que matar os três homens onde eles estavam, ele percebeu que seus esforços seriam desperdiçados, ele seria morto antes que pudesse matar todos. Reconhecendo que Aaron era o único homem que poderia salvá-la, Xander a contragosto caminhou até o corredor, mas parou de repente quando o Sr. Carmichael disse:

— Melhor ainda, Emory e Vincent, por que os dois não o escoltam? Eu não tenho tempo para desperdiçar esta noite. Eu quero as minhas necessidades atendidas, mais cedo ou mais tarde.

Exceto pelo som de seus passos, o corredor estava silencioso. Alcançando o quarto de Aaron, Xander soltou um suspiro profundo e abriu a porta. Emory e Vincent saíram de trás dele para arrancar Maddy de seu sono. Xander se afastou, enquanto passavam de volta para o corredor, os pés de Maddy se arrastavam atrás dela, quando ela acordou e descobriu que ela estava sendo removida do quarto de Aaron. Sr. Carmichael e seus guardas saíram, sem outra palavra e assim que as portas se fecharam, Xander estava ao telefone, deixando Aaron saber que Maddy tinha sido tomada.



— Aaron... Seu pai... Ele esta com Maddy. — A voz de Xander balançou com a raiva que fervilhava dentro dele.

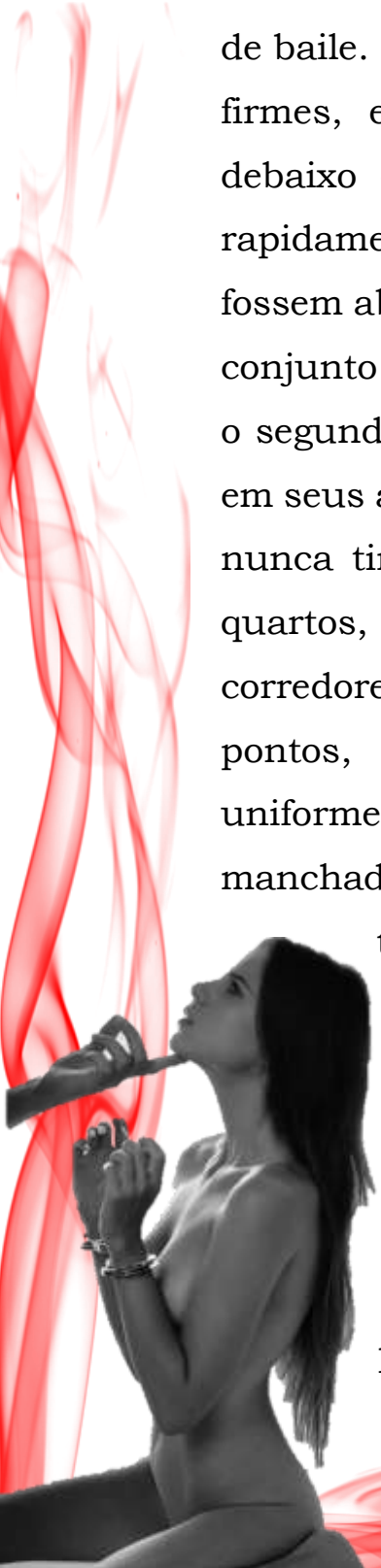
Quase destruindo seu carro quando ouviu as palavras de Xander, o pé de Aaron bateu no pedal do

acelerador. Sua mente ficou em branco pela raiva, enquanto dirigia – com exceção de um pensamento solitário: hoje à noite, seu pai morreria.



Capítulo Vinte e Sete

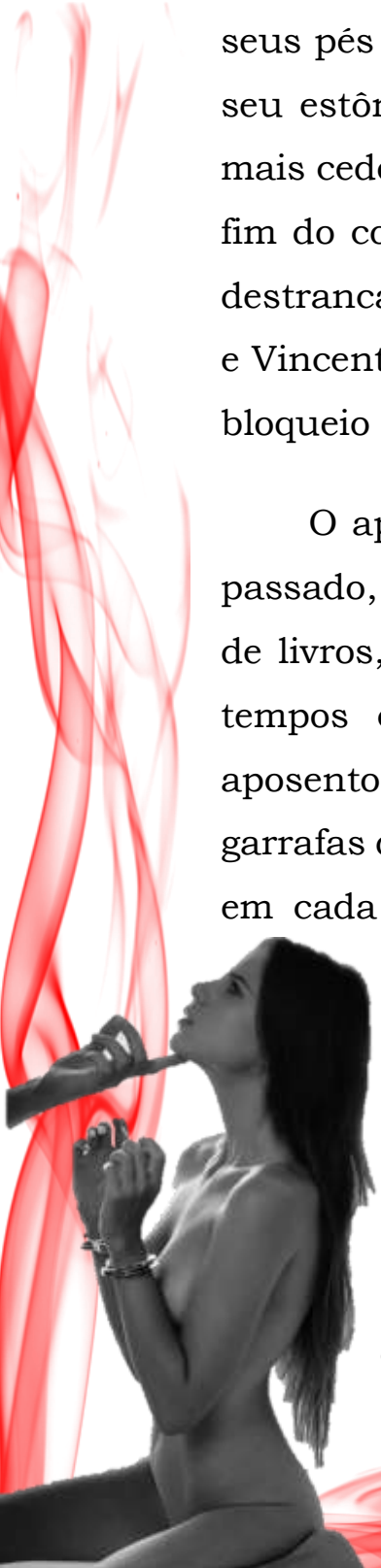
Madeleine recuperou a consciência, e percebeu que estava sendo arrastada pelos corredores em direção ao salão de baile. Os apertos dos homens que a seguravam eram muito firmes, ela sabia que contusões se formariam facilmente debaixo de sua pele pálida. Joseph Carmichael caminhou rapidamente na frente deles, ordenou que as portas do salão fossem abertas, mas passou através da grande sala para outro conjunto de portas, do outro lado. Quando ela foi arrastada até o segundo conjunto de portas, os olhos de Maddy se fixaram em seus arredores. Ela nunca tinha estado desse lado da casa, nunca tinha visto os diferentes corredores que levavam aos quartos, onde os leais a Joseph ficavam. As paredes dos corredores eram como os que ela já conhecia, mas havia vários pontos, com correntes e barras de ferro, espaçadas uniformemente. As paredes sob as correntes estavam manchadas de um vermelho mais escuro, quase preto; havia também, impressões de mãos, manchadas ao longo da pintura e manchas de pegadas ao longo do caminho. A visão era sinistra e aterrorizante, era evidente que um número incontável de coisas más e sangrentas havia ocorrido nestes corredores.



Realização caiu sobre Maddy, que estava sendo levada a seu estupro e morte provável. O pai de Aaron

tinha jogado sua última cartada, optando por tomar a escrava, não se importando que Aaron a colocasse de lado como resultado. Não havia mais a necessidade de manter a fachada, que manteve ao longo dos últimos meses e, ela se permitiu derramar as lágrimas que nublavam seus olhos. Fracamente ela puxou contra os homens que a detinham, mas ela era muito pequena para um combate físico. A pele na ponta de seus pés queimava, por ser arrastada contra o chão de pedra, seu estômago ainda tinha espasmos, por ter vomitado tanto mais cedo naquele dia. Quando eles chegaram a um quarto no fim do corredor, o Sr. Carmichael tirou uma chave do bolso, destrancando rapidamente e abrindo a porta para que Emory e Vincent pudessem arrastá-la para o quarto. O clique alto do bloqueio a fez saltar e perceber que seu destino estava selado.

O apartamento do Sr. Carmichael era ainda maior e, no passado, deveria ter sido mais luxuoso que o de Aaron. Repleto de livros, estátuas finas e outras decorações que falavam de tempos clássicos e gosto refinado, no entanto, em seus aposentos havia ferramentas utilizadas para a tortura, garrafas de bebida por toda parte e uma parafernália de drogas em cada balcão e mesa. Com os olhos arregalados, Maddy vislumbrou o estilo de vida que levou um homem poderoso a ataques de insanidade. Seu lugar mostrava sua queda no abismo da depravação. Havia manchas de sangue em diferentes áreas do cômodo, em alguns lugares ele estava seco como pó; parecia que o lugar não tinha sido limpo durante dias ou semanas. Os três homens que a tinham tomado



não pareciam importar-se com as condições imundas da casa, eles não pareciam perceber que o ambiente tinha assumido a aparência do próprio Inferno. Quase todos os pecados possíveis que um homem pode cometer, todas as tentações que podem levar um homem para o mal, tinham acontecido em seu próprio espaço.

Terror inundou seu sistema quando ela foi arrastada através de um conjunto de portas e por um longo corredor que levava aos quartos de trás. Olhando em cada quarto que eles passavam, os batimentos cardíacos de Maddy aceleravam mais, sua respiração tornou-se mais errática quando viu corpos em decomposição – ao longo do caminho – mortos, espalhados nas camas, no chão, e até mesmo acorrentado à parede. Sangue estava espalhado em piscinas secas, o cheiro pútrido de carne em decomposição agrediu seu nariz, fazendo com que a bile subisse em sua garganta, a dor no estômago tornou-se insuportável quando ela tentou segurar sua necessidade de vomitar. Ainda mais terrível era a forma como estes homens não pareciam notar a miséria e repugnância do apartamento: eles caminharam pelos quartos, sem nenhum deles olhar em direção à manifestação exterior de um homem enlouquecido.

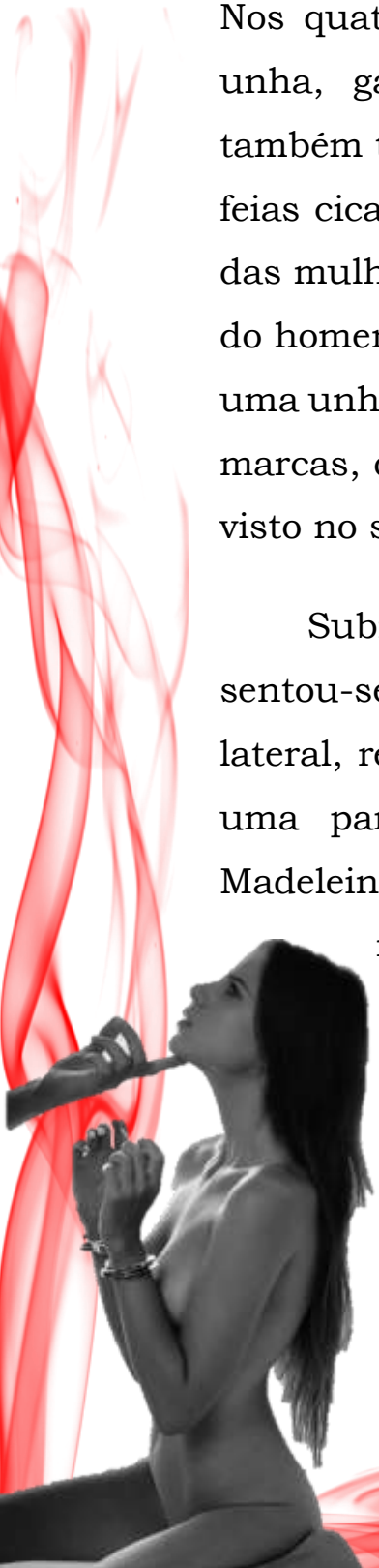


A porta rangeu alto quando eles entraram no quarto no final do longo corredor, em uma sala iluminada por dezenas de velas vermelhas como sangue, que foram colocadas em arandelas nas paredes. Cada furo na parede tinha algemas

acorrentadas. Chicotes manchados de vermelho, bastões, cordas e objetos em forma fálica enchiam as mesas e pisos. Misturado entre eles havia agulhas, espelhos, comprimidos e pó branco, que refletiam nos traços escassos de luz.

A grande cama no centro do quarto foi levantada em uma plataforma alta, os homens a obrigaram a subir na plataforma. Nos quatro cantos da cama havia marcas que pareciam de unha, garras, riscadas para baixo de seu comprimento, também tinha marcas de ligadura, em toda sua amplitude; as feias cicatrizes brancas na madeira exposta eram a evidência das mulheres em agonia que tinham sido colocadas nas mãos do homem que agora tinha a intenção de levá-la. O pedaço de uma unha polida, rosa, estava enterrado dentro de uma dessas marcas, da mesma cor que os dedos da mulher que ela tinha visto no salão, muitos meses antes.

Subindo os degraus da plataforma, o Sr. Carmichael sentou-se na beirada do colchão, perto de uma pequena mesa lateral, redonda, que tinha uma grande pilha de pó branco e uma parafernália a mais. Emory e Vincent arrastaram Madeleine pelas escadas, seus dedos cavavam em sua pele e o músculo debaixo dela. A dor atravessou os finos ossos de seus pés quando eles bateram contra as bordas afiadas das escadas. Chegando ao topo, ela foi jogada para baixo, no colchão, Emory e Vincent tomaram posições, sentando um em cada lado dela. Suas mãos ásperas tomaram a liberdade com o seu corpo, com apertos perversos em seus seios, dedos

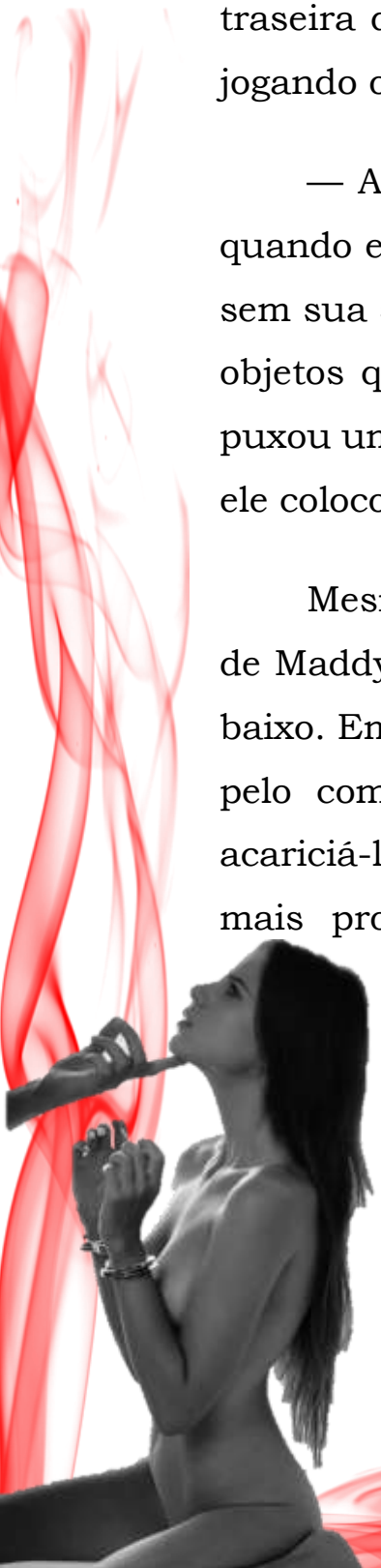


invadiram a carne entre suas coxas, duramente, mas não forçando plenamente para dentro. Vincent ficou muito preso em sua excitação e inclinou-se para morder a ponta de seu seio. Maddy gritou de dor, chamando a atenção do homem para quem ela estava sendo contida.

A mão do Sr. Carmichael se estendeu de repente, a parte traseira de sua mão deu um tapa contra o rosto de Vincent, jogando o guarda costas na cama.

— Ainda não, Vincent! Você e Emory terão seus turnos, quando eu me encher da cadela! E eu prefiro transar com ela sem sua saliva no seu corpo — Voltando sua atenção para os objetos que desarrumavam a mesa lateral, o Sr. Carmichael puxou um do pó, pegando-o com uma colher, no fundo da qual ele colocou sobre a chama de uma vela, para aquecer.

Mesmo que tivessem sido avisados, a tentação do corpo de Maddy era demais para os dois homens segurando-a para baixo. Emory lambeu os lábios, enquanto seus olhos viajavam pelo comprimento de seu corpo, sua mão descendo para acariciá-la entre suas coxas, seus dedos empurraram ainda mais profundamente dentro dela e ela o viu endurecer, visivelmente, debaixo de suas calças. Cada homem agarrou uma de suas pernas, afastando-as para que pudessem ter acesso a ela, com mais facilidade.



— Eu não posso esperar até te levar de volta à minha sala de jogos, puta. Meu pau nunca esteve tão duro como está neste momento. — O dedo de Vincent

violou a abertura de sua bunda, a falta de lubrificação, causou queimaduras na pele, pela intrusão. — Oh, eu acho que vou tomar você aqui, é tão fodidamente apertado.

Puxando o pó, agora líquido, em uma seringa, o Sr. Carmichael levantou-se. Falando através do riso, ele disse:

— Não vai acontecer, até eu terminar com ela, estou pensando em destruir esta cadela. Esse doce pedaço de bunda, vai ser como o próprio Céu, em comparação com as putas que eu usei ao longo dos anos. — Ele colocou a seringa de lado, levantou-se com a colher na mão, o fundo da colher ainda estava vermelho, do calor. Ele ficou na frente dela, quando foi para cama, as pernas dela estavam separadas, de modo que ela estava completamente nua para ele, sem que nenhuma pequena parte dela não estivesse exposta. Os olhos dele percorriam sua pele, seu olhar se fixou na carne, no ápice de suas coxas. — Oh sim, eu vou gostar muito disso.

Ele se inclinou sobre ela, apoiando-se em um braço, enquanto segurava a colher. Pressionando a boca contra sua orelha, ele sussurrou.



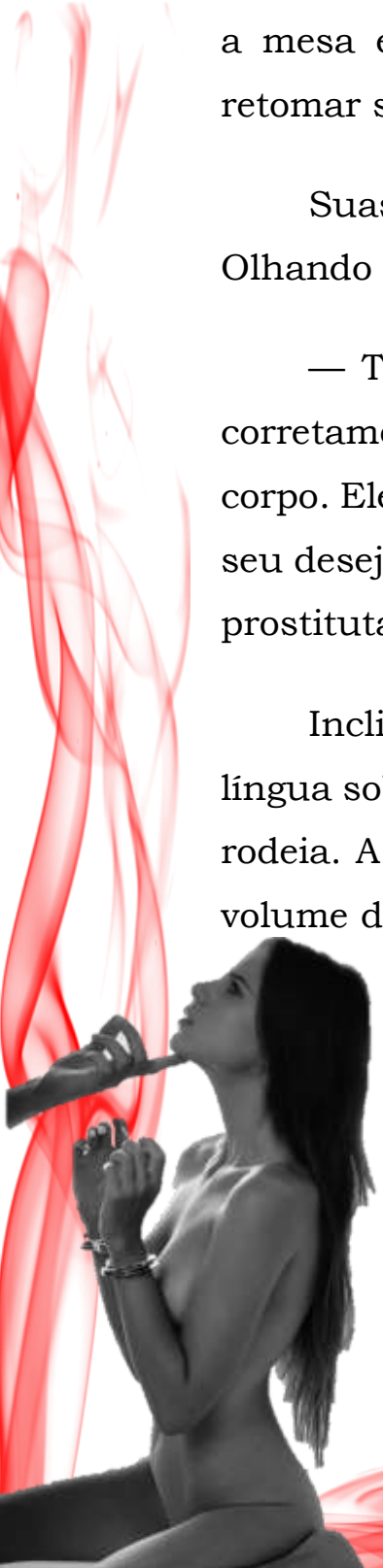
— Eu quero ouvir você gritar para mim. — Com sua última palavra, ele pressionou as costas da colher em sua parte interna da coxa. Maddy lançou um grito horripilante, ela pôde sentir o cheiro de sua carne, que queimava debaixo da colher, suas pernas tremiam violentamente da agonia através de sua pele, por meio de seus nervos, afundando-se

profundamente dentro de seus ossos. Sr. Carmichael ficou de pé, com os olhos fechados, como se estivesse ouvindo o som de algo tão doce que o colocou em um estado de êxtase. Seus olhos se abriram quando ela parou de gritar de dor, os olhos cor de aço, implacáveis, estavam cheios de malícia, enquanto olhava nos olhos dela. — Como uma música para os meus ouvidos. — Ele zombou. Deu outra risada quando voltou para a mesa e deixou a colher, que agora estava fria, antes de retomar sua posição na frente dela.

Suas mãos se moveram para sua virilha e ele apertou-se. Olhando por cima de seu corpo, ele balançou a cabeça.

— Tsk, tsk. Parece que meu filho não sabia como usar corretamente uma prostituta. Não há uma única marca em seu corpo. Ele é um fracasso, uma decepção. Prefere mergulhar em seu desejo de matar, em vez de desfrutar do esplendor de uma prostituta, espalhada diante dele.

Inclinando-se, ele tomou seu peito na boca, rodou sua língua sobre a ponta, e afundou os dentes na pele macia que o rodeia. A garganta de Maddy parecia ter sido arrancada, pelo volume de seus gritos, lágrimas molhavam sua pele enquanto corriam em riachos por seu rosto. Sr. Carmichael chupava seu peito, tirando sangue de onde ele tinha rompido a pele. Um som de estalo ressoou quando ele a soltou e se levantou.



— Tão doce.

Ele estendeu a mão e forçou os dedos sobre o clitóris e dentro do vinco de suas dobras de pele suave. Empurrando os dedos dentro dela, ele o girou, ao longo dos músculos de sua abertura.

— Lembra quando eu fiz isso com você no salão de baile? Eu queria transar com você desde que tive o prazer de degustar você, naquele dia. Você nunca deveria ter sido dada a Aaron. Quando eu acabar com você, vou raptar outra mulher e ter certeza de não cometer o mesmo erro. — Ele levou o dedo à boca, o lambeu, de forma lenta e sugestiva, enquanto uma risada retumbava em seu peito.

Chegando ao composto vinte minutos depois, Aaron foi imediatamente para seus aposentos, Xander estava logo atrás, quando Aaron entrou e foi para seu quarto. Armando-se com o maior número de facas e armas, que ele poderia pegar, Aaron gritou ordens, enquanto Xander ficou diligentemente nas proximidades.

Depois de pegar um par de facas longas do armário, que poderiam ser usadas como espadas curtas em uma luta, Aaron surgiu e perguntou:



— Os homens estão a caminho?

Xander assentiu, indicando que eles estavam.

— Eles vão estar aqui em uma hora. Depois de terem formado seu grupo podemos passar para atacar.

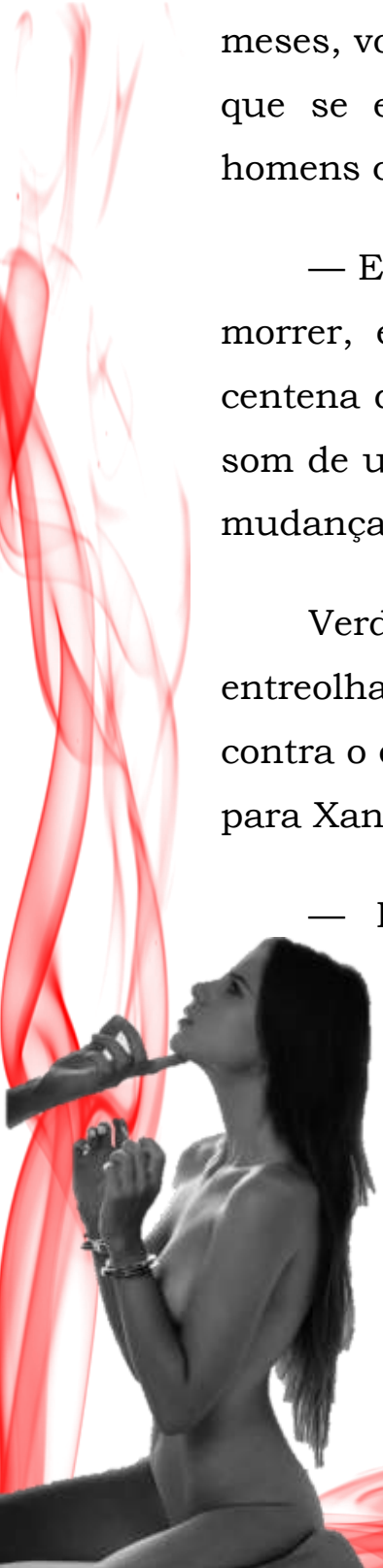
— Eu não vou esperar por eles, Xander. Vou atrás de Madeleine agora! Ela pode não ter uma hora. Se aquele bastardo matá-la, eu juro pra você, nem ele nem eu permaneceremos vivos por muito mais tempo. — Raiva queimava atrás do verde dos olhos de Aaron, numa fúria tão intensa que seus músculos balançavam, em seu corpo. A escuridão que Maddy tinha suportado ao longo dos últimos meses, voltou com uma força tão fantástica, que Aaron sentia que se ele morresse, ele detonaria e levaria centenas de homens com ele.

— Então eu vou com você. Eu já lhe disse antes, se você morrer, eu morro, eu não vou deixar você ir contra uma centena de homens sozinho. — O tom de Xander era firme, o som de um homem que não se deixaria influenciar para uma mudança em sua decisão.

Verde encontrou azul, enquanto os dois homens se entreolharam, ambos sabendo que era inútil discutir um contra o outro. Aaron se virou e pegou outra lâmina comprida para Xander usar. Jogando ao seu amigo, ele disse:

— Então vamos ficar quietos enquanto vamos. Se conseguirmos manter o elemento surpresa, poderemos ter uma chance. Use sua arma só quando for absolutamente necessário.

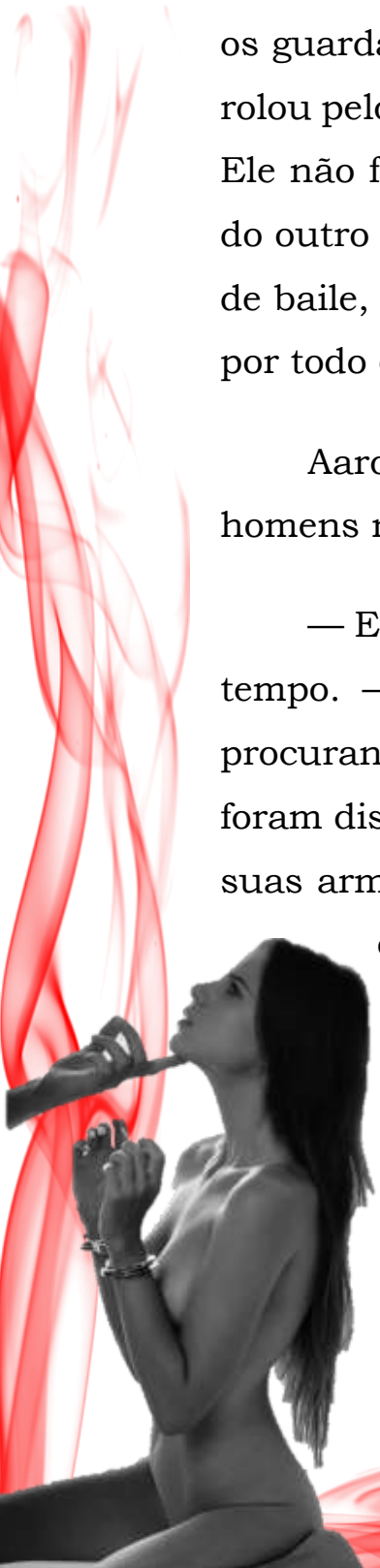
Uma vez que eles entravam nas salas, o único som entre eles era o bater de suas botas contra o chão de pedra, as batidas rítmicas soaram forte e garantiu



que os homens se movessem em direção à ala da casa que foi ocupada pelos homens do Sr. Carmichael. Aproximando-se das portas para o salão de baile, os dois guardas que normalmente abririam para que Aaron e Xander pudessem passar, estavam bloqueando as portas. Aaron foi contra o homem à direita, enquanto Xander virou em direção ao homem, à esquerda. Suas lâminas decapitaram rapidamente os guardas, Aaron viu quando a cabeça caiu de seus corpos e rolou pelo chão. Agarrando as maçanetas, Aaron abriu a porta. Ele não ficou surpreso ao descobrir vinte homens, esperando do outro lado. Assim que suas botas se moveram para o salão de baile, o som de vinte armas sendo engatilhadas reverberou por todo o grande espaço.

Aaron olhou para Xander, em seguida, de volta para os homens na frente dele.

— Eu acho que nós não ficaremos quietos por muito mais tempo. — Ambos os homens se abaixaram para os lados, procurando abrigo atrás de móveis enquanto vinte canhões foram disparados sobre eles. Aaron e Xander, ambos puxaram suas armas em troca, muito capazes de encontrar seus alvos entre o caos do que os que estavam lutando. Um por um, eles levaram os homens, mas foram recebidos com uma onda de reforços que veio chegando através das portas do outro lado do salão. Entre os dois, eles mataram mais de quarenta homens. Ficando sem munição, Aaron aproveitou o caos no local e correu para a multidão, cortando e afastado



braços, pernas e cabeças que estavam em seu caminho. O sangue corria como rios, através do salão. O cheiro fétido dos excrementos expelidos, que derramava das entranhas dos homens que morreram, tornou-se um cheiro sufocante que permeou a pele de Aaron, enquanto ele continuava a lutar.

Xander montava guarda nas portas, atirando em qualquer homem que se aproximava de Aaron. Pelo menos mais cinqüenta homens haviam sido mortos antes que outra onda de homens viesse correndo por aquelas portas. Aaron olhou para cima da carnificina espalhada pelo chão do salão e temeu que fosse vencido. Usando os corpos dos mortos como um escudo para se proteger das balas, ele continuou invadindo cada homem que se aproximava dele. Alguns morreriam imediatamente após o contato com a sua espada, outros estava em piscinas do próprio sangue, os sons de sua morte eram chocalhos misturado com os gritos por toda a sala.

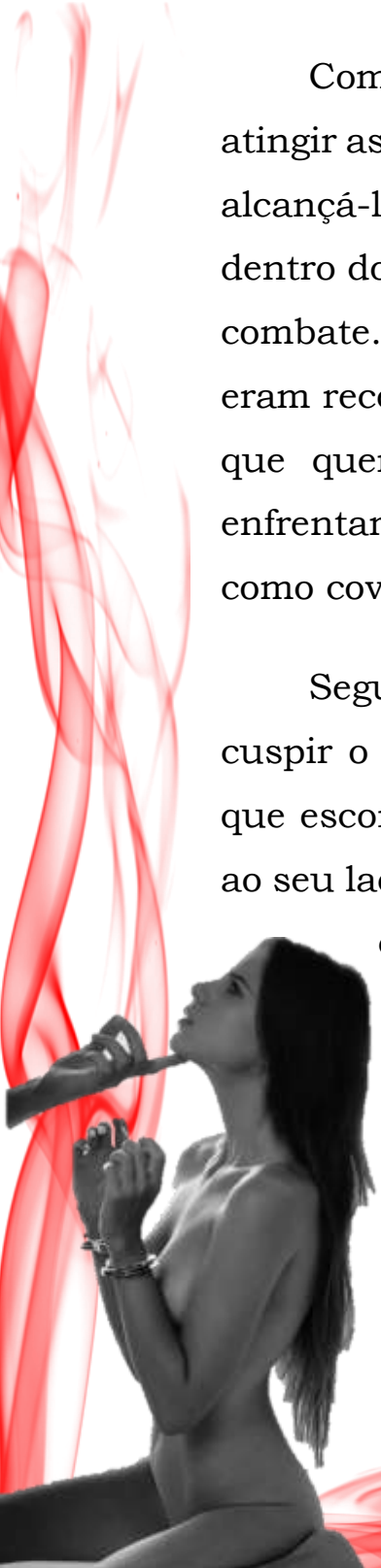
Outra onda de homens chegou, mas desta vez, foram os membros da aliança, que inundam através das portas onde Aaron e Xander tinham entrado. Mais armas foram disparadas, mais balas voavam pelo ar, enquanto Aaron movia-se rapidamente executando cada homem que ousou cruzar seu caminho. Seu corpo estava coberto de vermelho, de morte, trilhas de suor corriam por ele, transformando o vermelho em uma perversão confusa de rosa. Seus ombros queimavam enquanto ele balançava entre as facas longas, na frente dele, seus dentes cerravam enquanto ele



rasgava a carne dos corpos que estavam na sua frente. Ele era um monstro naquele momento, a escuridão finalmente foi autorizada a assumir para que ele pudesse chegar ao seu destino. Não havia nenhuma emoção nele, para as almas que estavam sendo entregues ao inferno, não se preocupava com sua própria vida, exceto que tivesse a oportunidade de matar o homem que tinha jogado com toda sua vida.

Com a ajuda dos membros da aliança, Aaron foi capaz de atingir as portas da casa do pai, no edifício. À espera de Xander alcançá-lo, ele deixou a porta aberta, enquanto corria para dentro do lugar, os corredores apertados tornava mais difícil o combate. Os homens que ele encontrou gritavam, quando eram recebidos por sua lâmina. Alguns não tinham certeza de que queriam se aproximar, mas sabendo que eles iriam enfrentar a morte, eventualmente, perceberam que agiriam como covardes, caso recuassem.

Seguindo em frente com toda potência, Aaron teve que cuspir o sangue de sua boca, quando os córregos escarlates que escorriam pelo seu rosto, atingiu sua boca. Com Xander ao seu lado, eles abateram todos os animais que cruzaram seu caminho. Se esses homens ainda estivessem respirando no momento em que Aaron e Xander passassem, os homens da aliança que estavam na retaguarda certamente os derrubariam. Os gritos eram ensurdecedores enquanto eles passavam pelos corredores, sua visão estava obscurecida pela fumaça de tiros. Como um trem desgovernado, não havia



nada que pudesse detê-los em sua busca por Madeleine e Aaron sabia exatamente qual era o quarto no qual ela havia sido levada.

Havia um único objetivo e pensamento em sua mente, ele iria encontrar Madeleine e ele iria matar qualquer homem que ficasse entre eles.



Capítulo Vinte e Oito

Após insultar Maddy com a verdade da sua impotência, o Sr. Carmichael voltou para a mesa e pegou a seringa. Segurando-a para que ele pudesse ver seu conteúdo pela iluminação da luz de velas ele testou a seringa com os dedos e encontrando o frio ao toque, pegou uma pulseira de borracha e a envolveu firmemente em torno do braço.

— Eu não posso esperar para ter você, escrava, mas, primeiro, deixe-me certificar que o sexo seja muito melhor para mim. Não há nada como a sensação de unhas de uma prostituta em cima de mim, quando estou sob a influência de uma droga tão maravilhosa. — Ele bateu na própria veia antes de inserir a agulha, atirando a droga em sua corrente sanguínea. Puxando o torniquete de seu braço, ele deixou a cabeça cair para trás e seu corpo tremeu visivelmente a partir da corrida da substância através de sua corrente sanguinea. Um suspiro saiu de sua boca, sua língua passou rapidamente para fora, para lamber ao longo de seu lábio inferior.



Enquanto o Sr. Carmichael estava ocupado ajustando a droga em seu sistema, Emory e Vincent aproveitaram a oportunidade para continuar a molestar corpo de Maddy, deixando hematomas e arranhões em toda sua pele, enquanto a

maltratavam. Maddy mordeu a língua, tentando não gritar e alimentar o frenesi sexual dos dois homens.

Sr. Carmichael, finalmente voltou da corrida inicial da droga e ficou entre as pernas dela, deixando-a ver enquanto ele desfazia lentamente o cinto, puxava o botão de suas calças e deslizava o zíper para baixo.

— Está na hora, minha querida, você vai aprender o que significa ser uma prostituta. — Alcançando a mão em suas calças, ele parecia estar acariciando-se, quando sua expressão se transformou em uma frustração. Apesar de apavorada, com o corpo tremendo violentamente enquanto esperava seu destino, confusão floresceu nos pensamentos de Maddy... Ele não estava puxando-se para fora da calça.

Um som como o de fogos de artifício podia vagamente ser ouvido a partir da direção dos corredores para o apartamento. A cabeça do Sr. Carmichael voltou-se subitamente, enquanto Vicente e Emory liberaram imediatamente seus apertos sobre Maddy e endireitaram-se para ouvir atentamente o ruído. Emory falou primeiro.

— Parecem tiros.



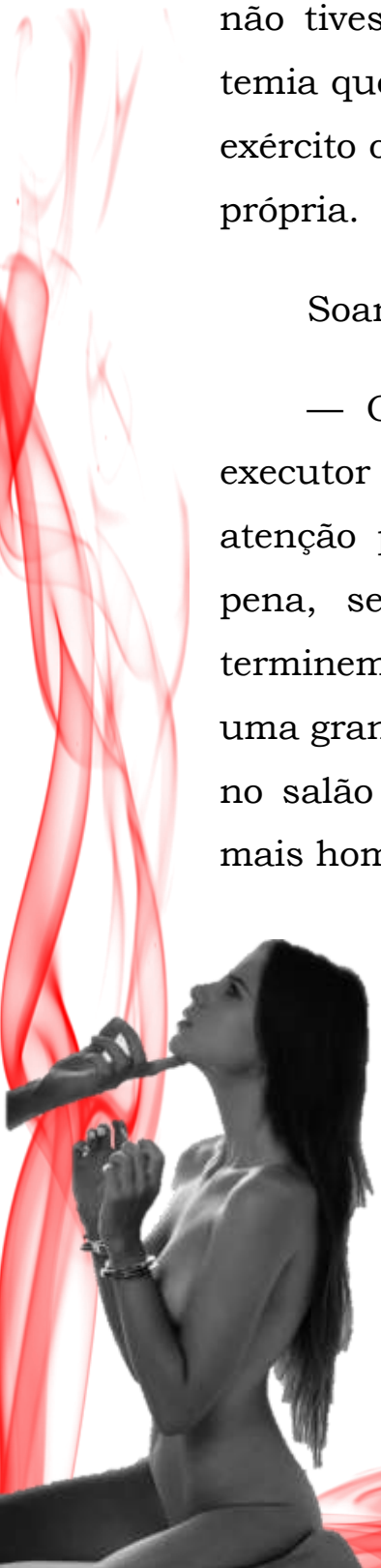
Um sorriso perverso, preguiçosamente se espalhou sobre o rosto de Sr. Carmichael, seus olhos estavam vidrados da droga, mas ainda em chamas, com compreensão; balançando os ombros por sua risada baixa e malévola ele falou.

— Parece que Aaron voltou para casa. — Suas palavras foram arrastadas, os efeitos da droga serpenteavam o caminho através de seu sistema.

O coração de Maddy floresceu com esperança, mas foi ofuscado pelo medo. Embora estivesse ansiosa para Aaron alcançá-la, ela ainda temia por sua segurança, temia que ele não tivesse esperado a assistência dos homens da aliança, temia que sua escuridão o levasse para a batalha, contra um exército o qual não podia esperar que ele superasse por conta própria.

Soando distante e saudoso, Sr. Carmichael, comentou:

— O que eu não daria para ver a carnificina que o executor deve ter criado fora da minha porta. — Voltando sua atenção para Emory e Vincent, ele acrescentou. — É uma pena, será uma grande perda para a rede. Entretanto, terminem com ele e faça isso rápido. Tenho certeza que vai ter uma grande quantidade de corpos para queimar, se ele entrou no salão de baile, não vamos dar-lhe tempo para adicionar mais homens à pilha.

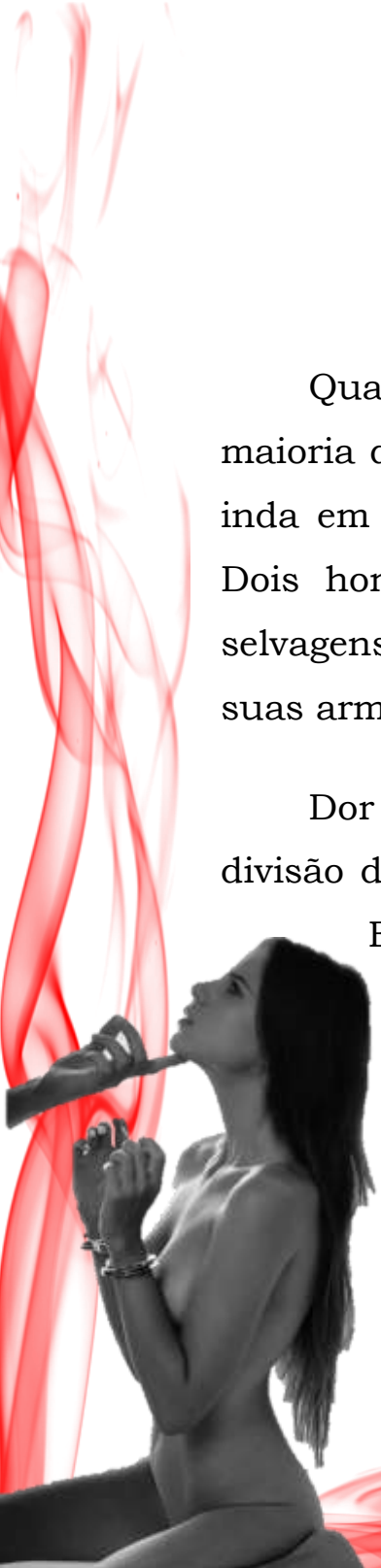


Os dois guardas obedientemente se levantaram da cama, mas olharam para Madeleine, não tendo certeza se ela iria se manter quieta e comportada, agora que ela tinha sido liberada de suas mãos. A expressão do Sr. Carmichael tornou-se irritada com a sua hesitação.

— Não se preocupem, sou perfeitamente capaz de lidar com uma mulher, especialmente uma do tamanho dela. — Os dois guardas saíram da sala, deixando Madeleine sozinha com um homem que estava ansioso para realizar atos indizivelmente atrozes contra ela, usá-la e atirá-la de lado, como se ela não tivesse qualquer valor para o mundo.

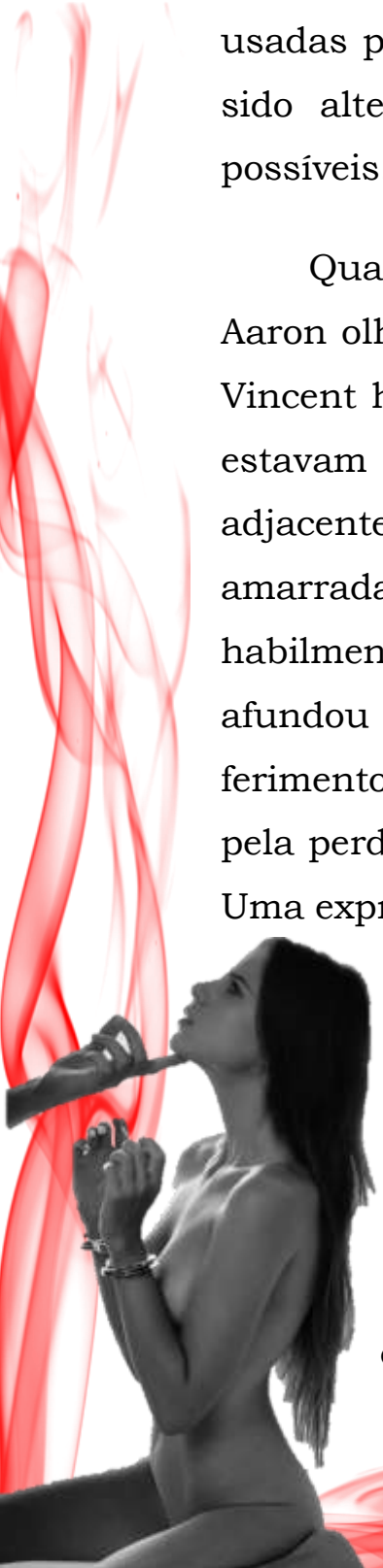
Quando Aaron e Xander finalmente acabaram com a maioria dos homens de seu pai, a porta à qual Aaron estava inda em direção, veio à tona, quando eles se aproximaram. Dois homens, Emory e Vincent, a atravessaram; sorrisos selvagens manchavam seus rostos, quando eles levantaram suas armas e abriram fogo.

Dor explodiu no braço de Aaron – um sentimento de divisão da carne – a partir de uma bala de chumbo quente. Esquivando-se por um corredor à sua direita, Aaron e Xander saíram do caminho das balas de Emory e Vincent, permitindo que os homens da aliança, que ainda tinham munição pudessem seguir em frente. Eles observaram que os homens caíam em pilhas, na junção para o salão, não eram capazes de corresponder à pontaria dos principais guardas de



seu pai. Esperando os dois guardas, eles ouviram quando as balas voaram na direção deles, um apito estridente como se o próprio ar fosse rasgado. Com as costas contra a parede, Aaron chamou a atenção de Jason, enquanto seus homens iam pelo corredor, ele acenou com a mão para pedir que Jason e seus homens recuassem. A aliança começou a fazer recuo, ainda tendo que disparar suas armas, para lidar com as armas usadas por Emory e Vincent; armas que sem dúvida haviam sido alteradas para manter o maior número de rodadas possíveis.

Quando os homens de Jason recuaram até onde podiam, Aaron olhou ao redor, observando que a atenção de Emory e Vincent havia sido desviada pelos poucos homens que ainda estavam disparando perto de um muro, num corredor adjacente. Agarrando uma pequena lâmina que estava amarrada no tornozelo, Aaron apontou sua arma, jogando-a habilmente em direção ao rosto de Vincent, a lâmina acertou e afundou em seu olho esquerdo. Vincent uivava de dor, pelo ferimento, caiu de joelhos e, finalmente, perdeu a consciência, pela perda de sangue e prováveis ferimentos em seu cérebro. Uma expressão de confusão, misturado com desprezo sombrio passou no rosto de Emory, enquanto ele olhava ao redor, procurando Aaron. Ninguém mais poderia ter sido tão preciso com uma lâmina e não havia dúvida que Emory sabia que a mão de Aaron estava por trás daquele lance. Lentamente, ele se adiantou, as botas chutando contra os mortos que estavam em seu caminho.



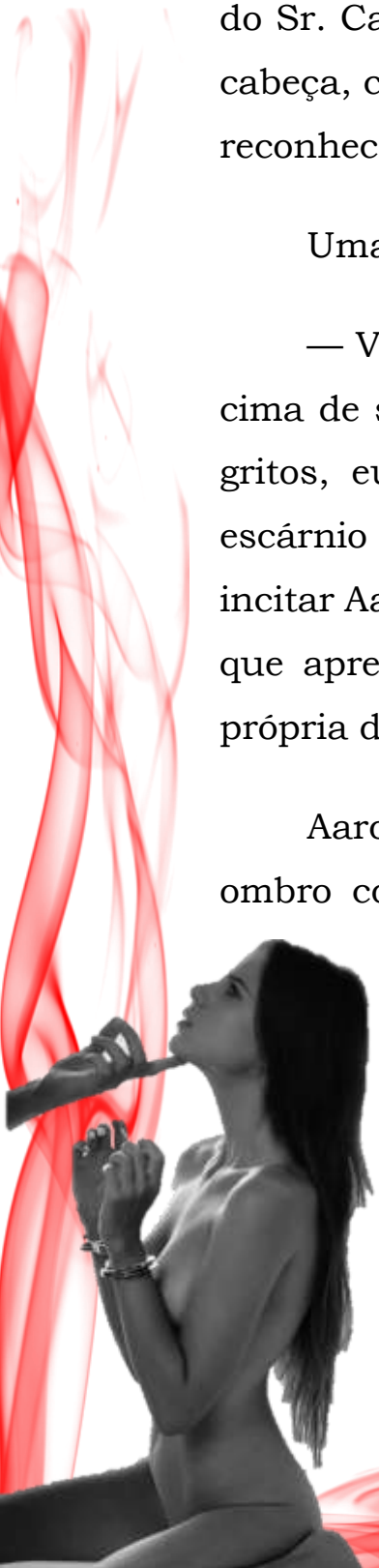
— Aaron? Eu sei que você está aqui, em algum lugar, apenas o carrasco poderia ter feito um lance assim. Por que você não sai e luta como um homem, em vez de se esconder como uma mulher com medo?

O salão ficou tão quieto durante o impasse entre os dois homens, que um grito agudo pôde ser ouvido, vindo do quarto do Sr. Carmichael. Raiva, como um filme vermelho sobre sua cabeça, cobriu a escuridão que já consumia Aaron quando ele reconheceu o grito, era de Maddy.

Uma risada soou repugnante, antes de Emory falar:

— Você ouviu isso, Aaron? Seu pai está se divertindo em cima de sua puta, enquanto conversamos. Pelos sons desses gritos, eu acredito que ela está gostando. — O sorriso de escárnio em seu lábio, se abriu ainda mais, quando ele tentou incitar Aaron para que saísse de seu esconderijo. — Eu vou ter que apressar isso, para que eu possa voltar e ter a minha própria diversão, antes que ele a foda até à morte.

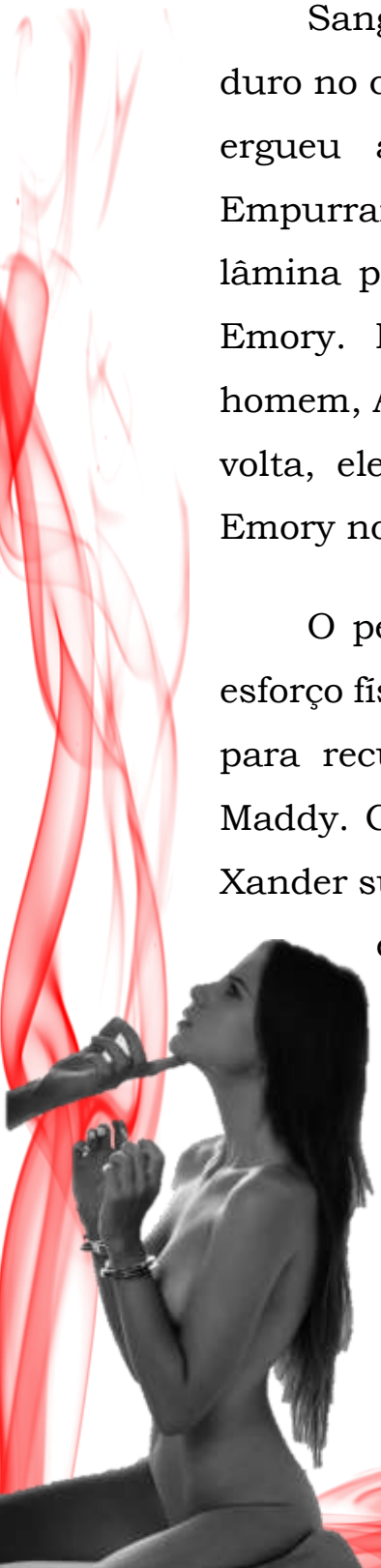
Aaron ficou com as costas contra a parede, ombro a ombro com Xander. Através das sombras, Aaron podia ver Jason barricado por trás da parede de outro corredor. Quando Jason olhou para ele, ele usou as mãos para indicar silenciosamente onde Jason devia disparar sua arma. Assim que o tiro foi disparado, Emory concentrou sua atenção em direção ao corredor distante, dando a Aaron a chance de vir até ele, sem ser notado. Rastejando para frente, ele



manteve a longa lâmina ao seu lado, o que permitiu que Xander criasse outra distração que manteve Emory ocupado. Assim que Emory olhou para baixo, a cicatriz correndo ao longo de seu rosto latejava vermelho de raiva, Aaron balançou fora com sua espada, ainda agachado, acertando Emory nos joelhos.

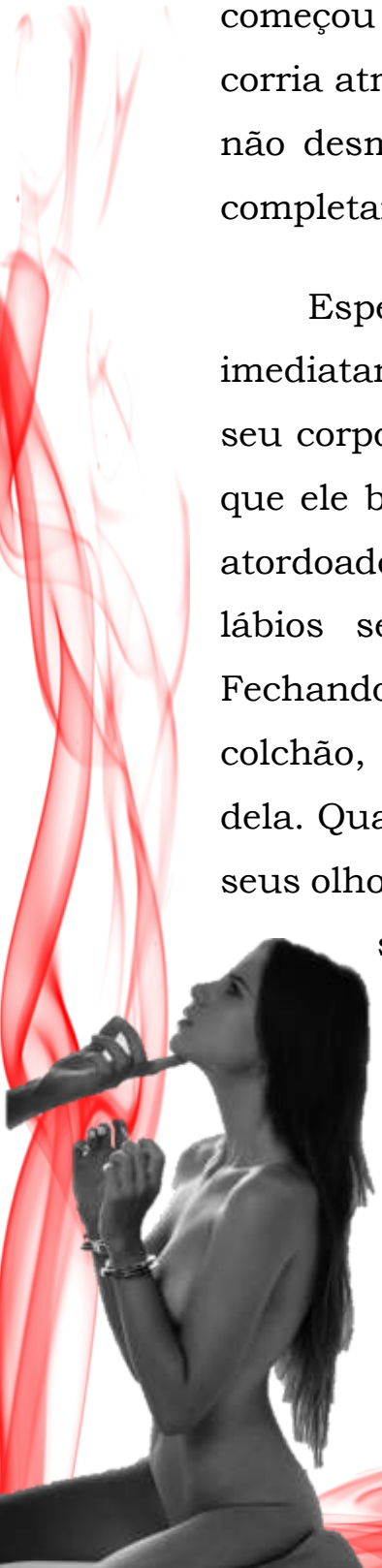
Sangue derramava nas pernas do guarda, quando ele caiu duro no chão. Tentando ser um guerreiro, ele reprimiu a dor e ergueu a arma de fogo, mas Aaron foi mais rápido. Empurrando a si mesmo em uma posição de pé, Aaron levou a lâmina para baixo, forçando-a através do topo do crânio de Emory. Enterrando o aço profundamente no cérebro do homem, Aaron teve que torcer o punho para obter a lâmina de volta, ele puxou para cima com tanta força que derrubou Emory no chão, uma vez que tirou a lâmina de dentro dele.

O peito de Aaron parecia que ia explodir, por causa do esforço físico que tinha acabado de fazer, mas não havia tempo para recuperar o fôlego, não quando seu pai ainda tinha Maddy. Girando nos calcanhares, ele se voltou para a porta. Xander surgiu ao lado dele, assim que ele abriu a porta para ir encontrar sua escrava, a mulher que tinha se entranhado dentro dele.



Sr. Carmichael parecia sinistro, nas sombras da luz de velas, sinistro e cruel. Seus olhos refinados, de repente ficaram como os de um demônio. Suas maçãs do rosto pareciam estar mais altas, o corte que tinha no nariz e nos lábios, estava ainda mais assustador, pela iluminação fraca. A visão de Maddy começou a escurecer, uma descarga de adrenalina e medo corria através de seu corpo molestado. Ela teve que lutar para não desmaiar, não cair no abismo da escuridão e deixar-se completamente à mercê de um hedonista sádico.

Esperando que aquele monstro fosse atacá-la imediatamente, Maddy viu que ele parecia oscilar em seus pés, seu corpo movia-se lentamente para trás e para frente, antes que ele balançasse a cabeça. Seus olhos pareciam confusos, atordoados, sua respiração tornou-se mais errática, seus lábios se separaram, aparentemente buscando mais ar. Fechando lentamente as pernas, Maddy se arrastou pelo colchão, com os olhos colados no homem parado na frente dela. Quando parecia que ele finalmente tinha se recomposto, seus olhos se estreitaram quando ele percebeu que ela mudou-se de sua posição, totalmente aberta sobre a cama.

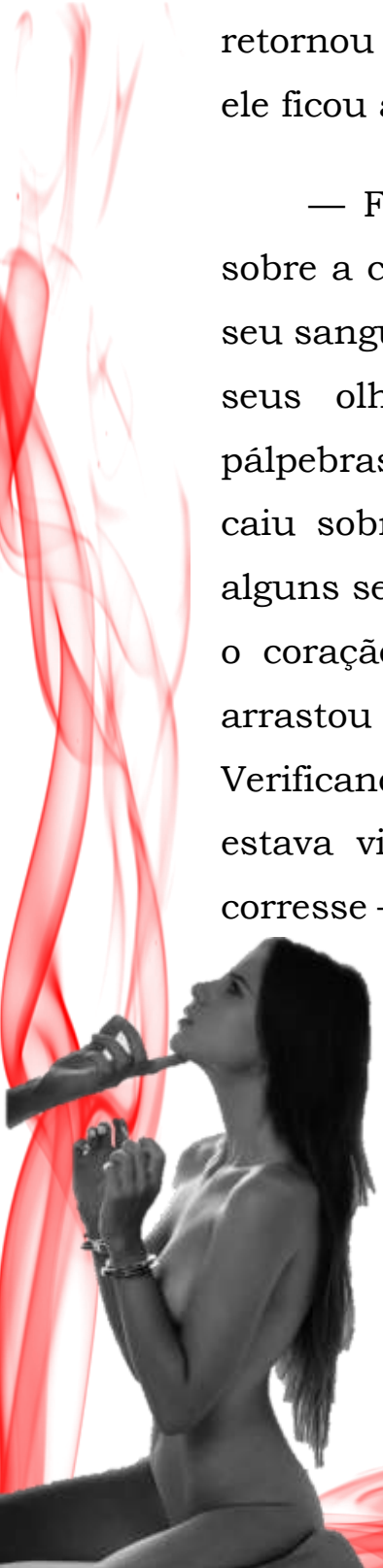


— E onde diabos você pensa que está indo?

Indo em sua direção, ele pegou seus tornozelos em suas mãos e puxou-a para baixo, enquanto abria as pernas dela. Ela gritou e, não parou de gritar, enquanto desesperadamente agarrava os cobertores

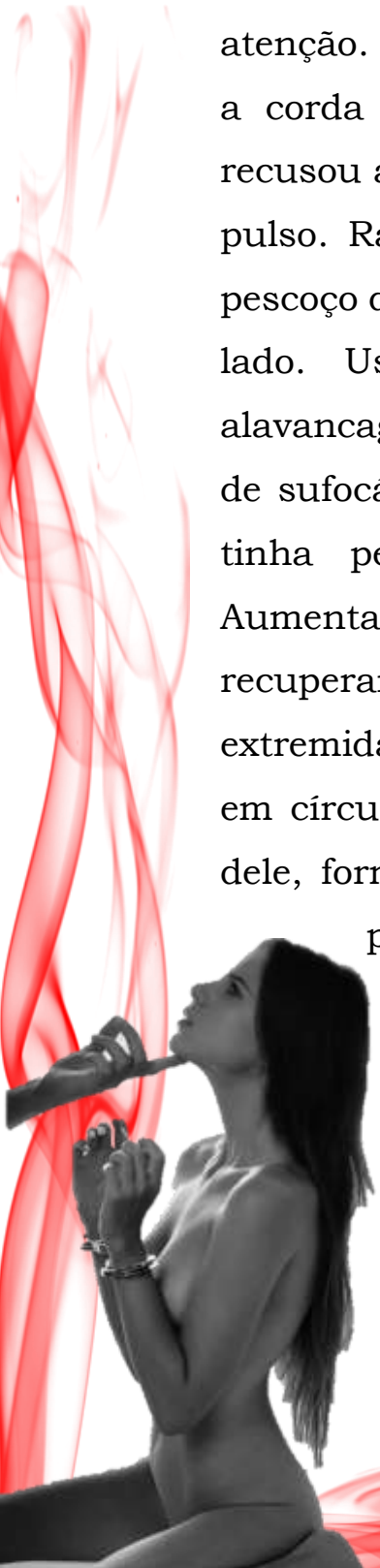
e lençóis, mas ela não tinha forças para evitar ser puxada para a posição que ele queria. Lutando, para tê-la de volta em uma posição onde ela estivesse aberta para ele, novamente chegou em suas calças, desta vez permitindo que o material caísse até seus tornozelos, sua boxers ainda cobria sua mão e seu pênis. Estreitando os olhos, ele pareceu novamente frustrado, enquanto se acariciava sob o material. A ligeira oscilação retornou ao seu corpo, seus olhos ficaram mais atordoados e ele ficou ainda mais impaciente.

— Foda-se. — Puxando as mãos livres, ele se inclinou sobre a cama. O movimento repentino deve ter feito com que seu sangue se agitasse em suas veias, porque Maddy viu como seus olhos, lentamente, giraram em sua cabeça, suas pálpebras se abriam e fechavam, de repente, todo o seu peso caiu sobre ela. Empurrando aquele peso, Maddy lutou por alguns segundos, para rolá-lo de cima dela, para o chão. Com o coração batendo contra as paredes do seu peito, ela se arrastou para fora da cama, sem saber o que devia fazer. Verificando o pulso dele, ela descobriu que o homem ainda estava vivo. Considerando suas opções, ela temia que, se corresse – se Aaron tivesse sido derrotado – ela seria arrastada de volta para esta sala, para que Joseph pudesse terminar o que começou. Não havia outra escolha senão a tão obviamente colocada na sua frente. Ela teria que matá-lo.



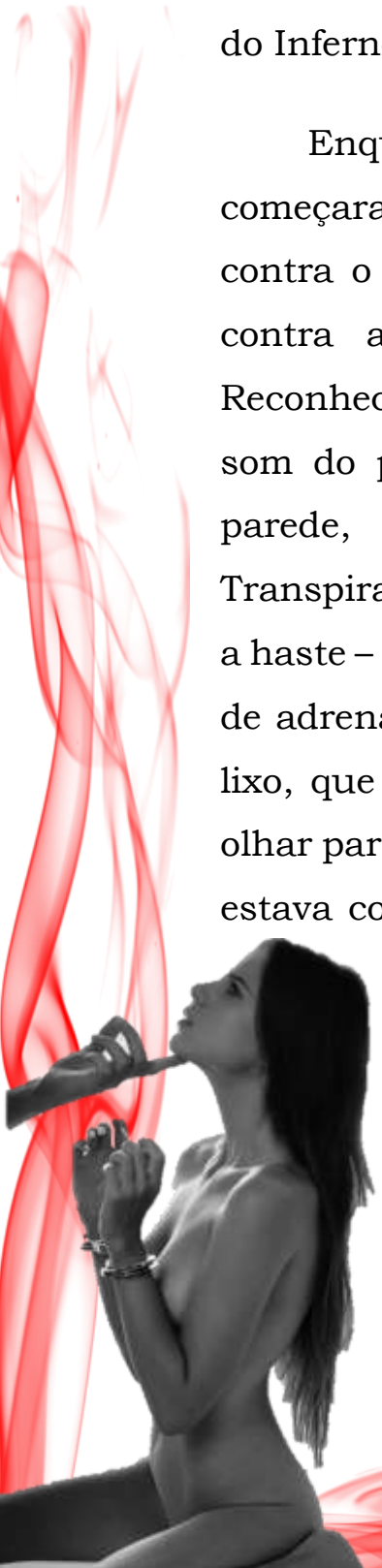
Olhando ao redor da sala, Maddy viu uma haste de bronze pesada, em cima de uma mesa distante.

Apressadamente, ela a pegou, levantando-a com ambos os braços, ela trouxe o peso do objeto para baixo, na cabeça dele. Sangue se libertou da pele, a carne se soltou do crânio, mas ela não era forte o suficiente para causar muito dano a seu crânio. O osso era muito grosso para Maddy furar ou quebrar. Quando ela jogou a arma de lado em busca de outra, a luz de uma vela cintilou ao redor de seu pulso, chamando sua atenção. Seus olhos se arregalaram quando ela percebeu que a corda de violoncelo, a pulseira improvisada que ela se recusou a permitir que Aaron removesse, ainda estava em seu pulso. Rapidamente ela desenrolou a corda e a enrolou no pescoço do Sr. Carmichael, antes de puxar as pontas, do outro lado. Usando seu joelho nas costas dele para uma alavancagem, ela puxou as extremidades da corda na tentativa de sufocá-lo, mas mesmo com a alavancagem extra, ela não tinha peso suficiente para puxar e ter muito efeito. Aumentando sua frustração, Maddy estendeu a mão para recuperar a haste que tinha deixado de lado e amarrou as extremidades da corda de cada lado da haste. Passando a vara em círculos, Maddy viu quando a corda, enrolada em torno dele, formou uma única linha, em espiral, que aparecia na parte de trás do seu pescoço. Quando o fio se enrolou nele próprio o suficiente e chegou à pele dele, ela continuou a girar a haste, voltas e voltas, até que, finalmente, pôde ver o corte em sua pele. Finalmente, ela podia ouvir seu sufoco, na luta por ar, o corpo, na sua frente, convulsionou, com espasmos violentos, pela perda de oxigênio. Assim,



quando as mãos dele se encolheram e se moveram em direção à garganta, o corpo desistiu. Maddy continuou a segurar a haste e seu joelho, no mesmo lugar, recusando-se a permitir que a tensão se dissipasse, no caso de ele ainda estar vivo. Ela não sabia quanto tempo demorava para que uma pessoa morresse, apenas queria garantir que aquele tipo de merda, fosse apagado da Terra e rapidamente enviado para os poços do Inferno.

Enquanto ela segurava a tensão, quando seus braços começaram a tremer pelo esforço de segurar a vara, apertado contra o pescoço do homem, ela ouviu um grande estrondo contra as portas, na parte da frente do apartamento. Reconhecendo o som de estilhaços de madeira e, finalmente, o som do peso da porta que estavam sendo jogada contra a parede, ela sabia que alguém estava vindo para ela. Transpiração eclodiu em toda sua pele, mas ela segurou firme, a haste – os nós de seus dedos ficaram brancos, sua mão, cheia de adrenalina – e continuou a apertar o joelho nas costas do lixo, que estava desfalecido e diante de si. Ela se recusou a olhar para a porta, quando o som de botas se aproximava dela, estava com muito medo de olhar para cima e ver que Aaron havia sido derrotado, que os outros homens tinham vindo, para levá-la ao cativeiro, mais uma vez.



As botas pararam de repente, quando chegaram à porta, ela ouviu um suspiro audível da boca de um dos homens que estavam testemunhando-a, enquanto segurava firmemente a

arma que tinha formado, a partir de uma haste de bronze e a corda de seu instrumento.

— Maddy... — Seu medo e choque, aliviaram, pelo som da voz que ela reconheceria pelo o resto de sua vida.

Deixando cair a arma, ela virou-se, levantou-se instantaneamente e correu para os braços de Aaron. Ele segurou-a por alguns momentos, com o peito arfando contra sua bochecha. Ela não se importava por ele estar coberto de sangue, não se importava que podia sentir o calor, a raiva e fúria ainda saindo do corpo dele. Ela escondeu-se dentro daqueles braços, encantada com o som do seu coração.

Com a voz repleta de preocupação, Aaron perguntou:

— Você está bem?

Maddy acenou com a cabeça, colada no peito dele, quando ela o puxou para ainda mais perto de seu corpo e conseguiu falar.

— Eu estou agora. Eu acho que o matei. Eu acho que aquele bastardo vil está finalmente morto.



Xander passou em torno de Aaron e Maddy, enquanto eles se abraçavam na porta e imediatamente foi inspecionar o corpo do pai de Aaron. Desenrolando a corda do pescoço do homem, Xander sentiu seu pulso. Não encontrando nada, ele rolou o corpo e percebeu que seus olhos tinham

saltado para fora, na luta desesperada para respirar. Assobiando baixo, ele balançou a cabeça com espanto.

— Meu, Grilo, o que foi que você fez?

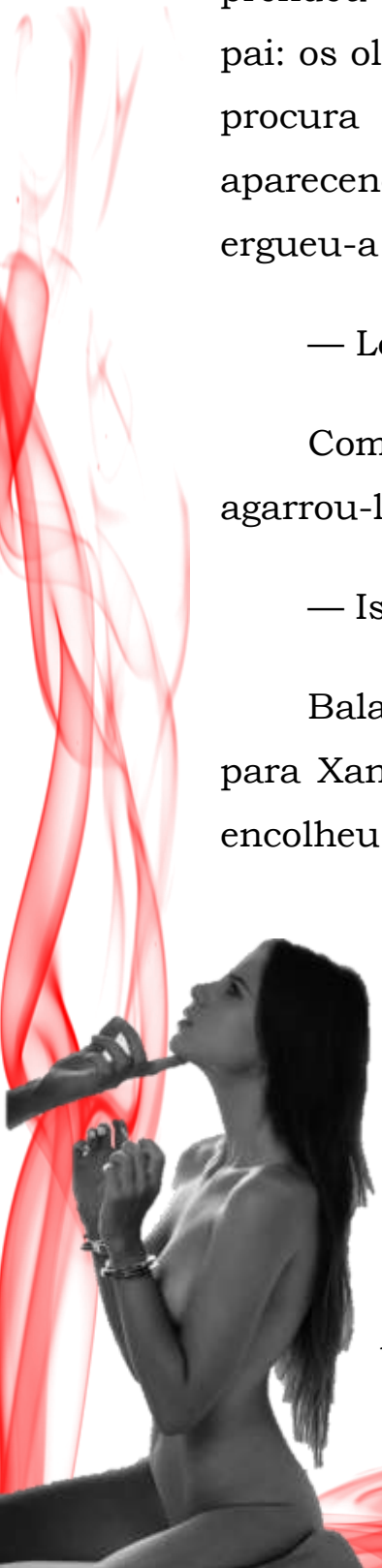
Aaron abriu os olhos e olhou por cima da cabeça de Maddy, enquanto a mantinha embalada ao seu corpo. Ele prendeu a respiração antes de engasgar com a visão de seu pai: os olhos arregalados ofuscados pela morte, boca aberta à procura de ar. Xander pegou a arma, com um sorriso aparecendo em seu rosto. Quando ele puxou a corda da vara, ergueu-a para que Aaron pudesse ver.

— Lembre-me de não irritar o seu rato, Aaron.

Com os olhos arregalados, Aaron se afastou de Maddy e agarrou-lhe o braço, para inspecionar seu pulso.

— Isso foi...?

Balançando a cabeça, Maddy olhou por cima do ombro, para Xander, enquanto ele segurava a corda para cima. Ela encolheu os ombros e olhou em direção ao homem que amava.



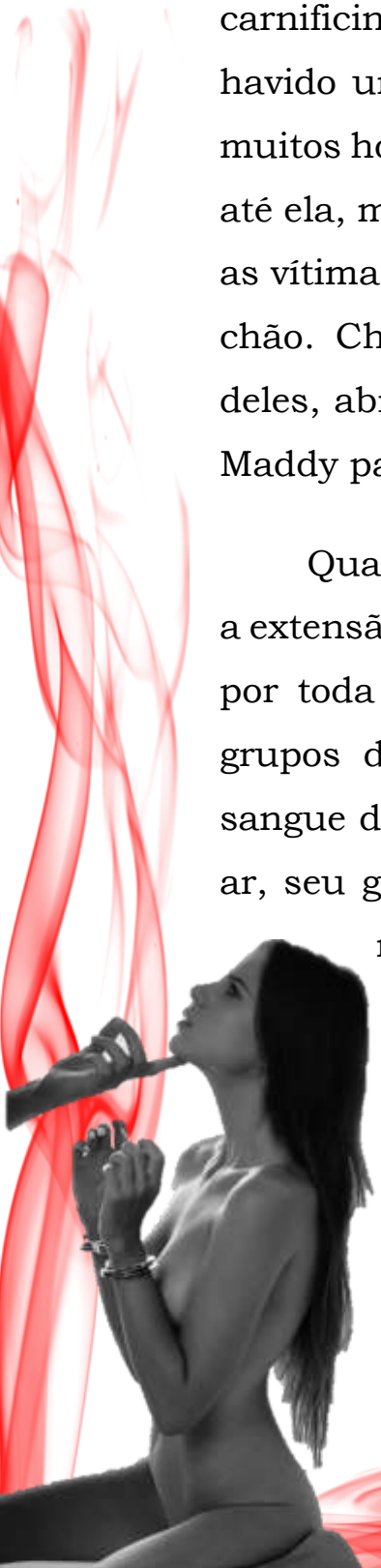
— Não só você me deu liberdade quando devolveu meu instrumento, você me deu uma arma para usar contra ele, Aaron, você me deu a justiça.

Olhando para sua gentil musicista, que se tornou uma assassina, Aaron pegou seu pequeno corpo nos braços e fez uma careta de dor, onde a bala tinha rasgado sua pele, mas ainda a embalou contra

seu peito, quando se virou para sair do apartamento de seu pai. Enquanto eles se viravam, Maddy pegou um breve vislumbre de Xander chutando o corpo no chão, antes de rir e os acompanhar.

Enquanto viajavam através dos corredores que levava ao salão de baile, Maddy fechou os olhos para não ver a carnificina que enchia seu caminho. Ela sabia que tinha havido um banho de sangue, sabia que Aaron havia matado muitos homens, enquanto lutava pelos corredores, para chegar até ela, mas ela não queria ver a evidência de sua brutalidade, as vítimas da sua escuridão, cortadas em pedaços ao longo do chão. Chegando ao salão de baile, Xander pisou em torno deles, abrindo a porta para que Aaron não precisasse colocar Maddy para baixo.

Quando as portas se abriram, e Aaron a atravessou para a extensão da grande sala, o *boom* ensurdecedor de gritos rolou por toda a sala. A cabeça de Maddy subiu para ver vários grupos de homens, alguns feridos, outros cobertos com o sangue de suas vítimas, porém, com os braços levantados no ar, seu grito de guerra, agora era um grito de vitória ao seu novo líder.



Um homem adiantou-se na multidão, seu cabelo era branco pálido e seus olhos uma prata assustadora. Estendendo a mão, ele apertou a mão de Xander, enquanto a outra batia de leve em seu ombro.

— Está feito? O velho finalmente encontrou seu criador? Por favor, me diga que a última coisa que ele sentiu foi a lâmina de Aaron, enquanto ele perfurava seu coração podre.

Xander balançou a cabeça e puxou sua mão livre, para indicar na direção de Maddy e Aaron.

— Sinto muito, Jason, mas Aaron não teve essa chance. Sua escrava cuidou dele, antes de sequer, entrarmos no quarto.

Um silêncio caiu sobre os celebrantes, como uma onda, cada um voltando seu olhar para a mulher, pequena nos braços de Aaron. Aaron avançou e tomou uma posição no centro da sala, antes de falar para a multidão.

— Joseph Carmichael está morto, a liderança da The Estate agora está em minhas mãos. Amanhã vamos nos reunir para discutir as mudanças que precisam ser feitas na rede, mas esta noite, quero que todos os homens descansem e comemorem, enquanto levo minha escrava de volta para minha ala, para minha própria alegria. Saibam disto: A corrupção está extinta, um novo líder está entre vós.



Com os punhos bombeando no ar, os homens gritaram em apoio a Aaron, enquanto ele se movia em direção à saída. Nada podia ser ouvido, exceto seu nome sendo cantado, mesmo quando caminhavam pelos corredores, em direção a seus aposentos. Maddy levantou as mãos, colocando os

braços ao redor do pescoço de Aaron, enquanto sussurrava em seu ouvido:

— Juntos, Aaron. Nós o derrotamos juntos. Somos livres e, amanhã vamos finalmente acordar do nosso pesadelo e poderemos abrir nossos olhos para um novo dia, uma nova época.



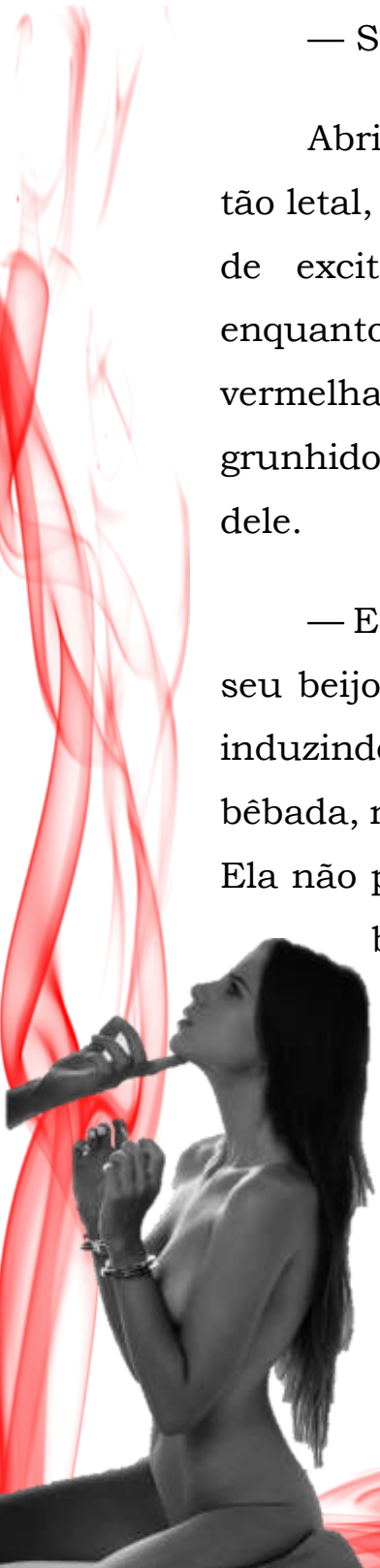
Epílogo

— Posso falar Mestre?

— Sim.

Abrindo as pernas, ela se espalhou diante de um homem tão letal, que ela deveria estar aterrorizada diante dele, em vez de excitada. Maddy sorriu sedutoramente para Aaron, enquanto ele engatinhava de volta para a cama. Sua pele ficou vermelha com intensidade enquanto ele olhava seu corpo, um grunhido emanava de seu peito, enquanto ela se abria diante dele.

— Estou sendo uma menina boa o suficiente para merecer seu beijo? — Sua voz ecoou, enquanto ela brincava com ele, induzindo-o a fazer as coisas em seu corpo, que a deixava bêbada, nas ondas de êxtase que só ele podia criar dentro dela. Ela não podia deixar de sorrir, enquanto observava o lado da boca dele curvar-se, enquanto ele tentava estreitar os olhos e parecer duro. Ele agarrou seus tornozelos e puxou-a para baixo, um ponto em sua parte inferior roçava os joelhos dele, dobrados. Estendendo a mão, ele pegou o lenço de extremidades marrom, que estava amarrado aos postes de sua cama. Envolvendo os pulsos dela dentro do lenço, ele amarrou-a no

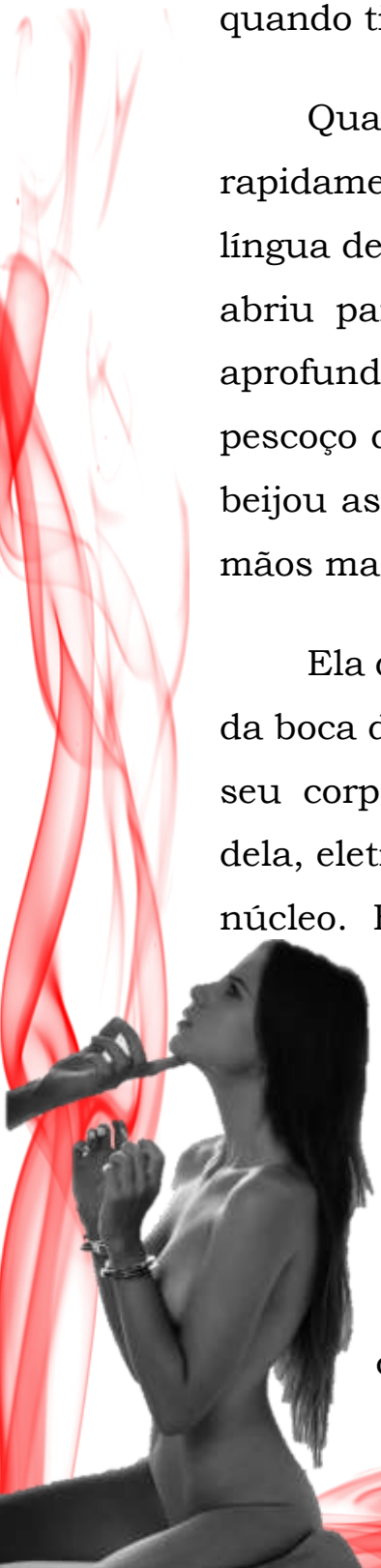


lugar, impedindo sua fuga. Segurando a parte superior de seu corpo sobre ela, ele levou sua testa até a dela, com os olhos, da cor das florestas proibidas, brilhando de alegria.

— Eu não sei, Rato, você foi uma boa menina? Diga-me como você agradou seu Mestre. — Sua voz tinha humor, o coração de Maddy deliciava-se com a forma como eles jogavam, quando tinham momentos a sós.

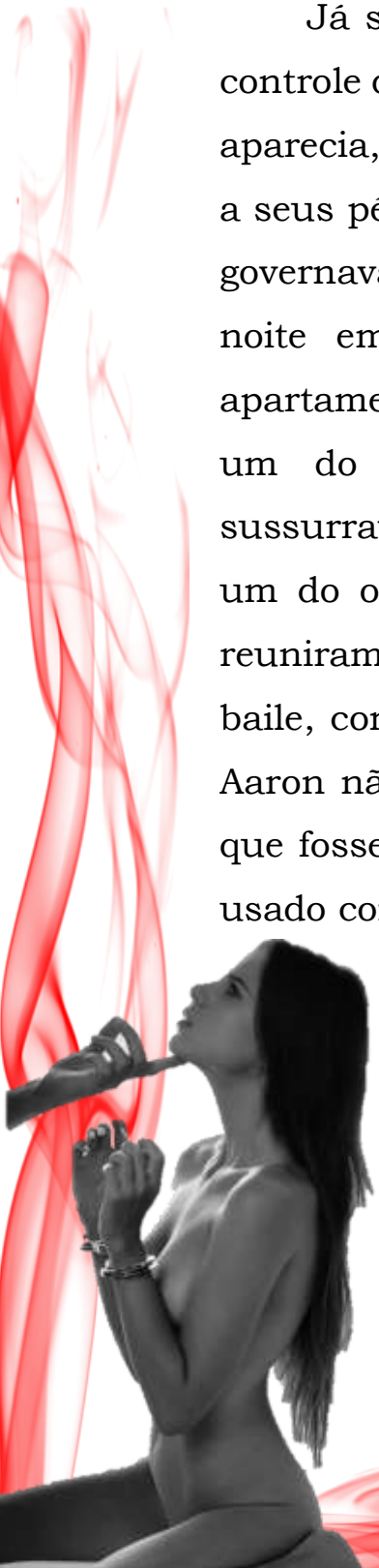
Quando Maddy abriu a boca para falar, Aaron rapidamente se abaixou, tomando seus lábios nos dele. A língua dele lambeu-lhe os lábios, tentando entrar e quando os abriu para ele, outro rosnado vibrou em seu peito. Aaron aprofundou o beijo antes de sua boca se mover ao longo do pescoço dela, seguindo para o peito e abdômen e, finalmente, beijou as partes mais intimas de sua mulher, enquanto suas mãos mantinham as pernas dela totalmente separadas.

Ela deixou a cabeça cair para trás, pela sensação. O calor da boca dele, o movimento da língua contra ela, fazia com que seu corpo tremesse e estremecesse. Calor floresceu dentro dela, eletricidade correu ao longo de sua pele e através de seu núcleo. Ele estava certo naquele dia, quando deu prazer forçado ao seu corpo, pela primeira vez, seu beijo, era algo que ela desejava tão intensamente, que estaria disposta a rastejar aos seus pés, se isso fosse o que ela tinha que fazer para que ela pudesse tê-lo. Este homem era seu guerreiro... Seu cavaleiro das trevas, sim, das trevas, pois não era realmente um cavalheiro, em tudo. Ela conhece sua realidade, ele



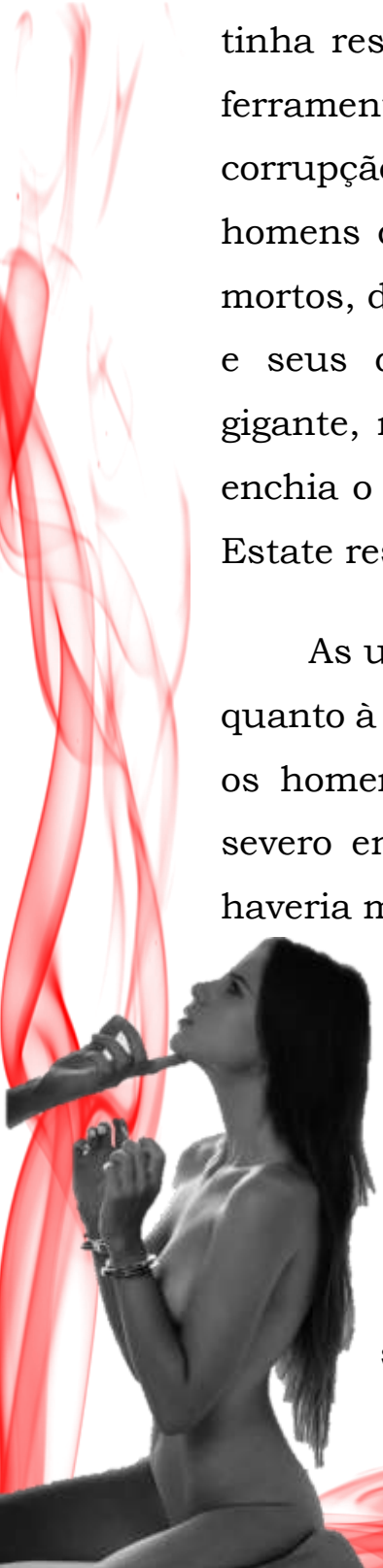
sempre foi claro e verdadeiro com ela, ele não era um homem bom, cometeu inúmeros atos de violência em sua vida e ainda, foi considerado o homem mais letal da propriedade. Quando ele foi para ela, no entanto ele era homem completo, um homem que mataria para libertá-la, que iria entregar sua vida se tivesse que salvá-la.

Já se passaram seis meses desde que Aaron assumiu o controle da The Estate. Durante todo esse tempo, Maddy ainda aparecia, publicamente, como sua escrava, ainda se ajoelhava a seus pés quando ele se dirigia aos assassinos e ladrões que governava. Entretanto, esses momentos eram raríssimos. Na noite em que seu pai foi morto, eles voltaram para o apartamento de Aaron, ajudaram a lavar o sangue do corpo um do outro, e embaraçaram-se na cama, enquanto sussurravam seus pensamentos e sentimentos mais íntimos um do outro. Na manhã seguinte, Aaron, Maddy e Xander reuniram-se diante da assembleia que foi realizada no salão de baile, com os líderes da aliança. Chegaram à decisão de que Aaron não podia mostrar fraqueza – ele não poderia ter algo que fosse tão significativo para ele, de forma que poderia ser usado como uma arma contra ele – eles decidiram que Maddy continuaria a desempenhar seu papel, como sua escrava, diante dos outros membros da The Estate. Na esperança de que, se um outro homem tivesse a idéia de desafiar o governo de Aaron, seu primeiro alvo não seria Maddy, uma vez que não iriam acreditar que ela era algo de muito valor para ele.



Até agora tem funcionado, no entanto, Aaron não gosta de seu corpo nu, sendo exibido para os homens que o servem, mas entende que isso deve ser feito, para a segurança da mulher que é seu chão. Ele a cobriu com materiais caros e jóias, ela tinha roupas feitas para seduzir, mas também permitia sua modéstia, em público. Sob seu governo, muitas das atividades da casa foram alteradas. A ala onde seu pai tinha residido foi despojada de todas as correntes, todas as ferramentas destinadas à crueldade, todas as provas da corrupção que Joseph Carmichael tinha espalhado entre os homens que tinham sido leais a ele. Os corpos dos homens mortos, dos escravos mortos, e, finalmente, do Sr. Carmichael e seus dois guardas foram queimados em uma fogueira gigante, na noite após o abate. O cheiro de carne queimada enchia o ar, enquanto os gritos carnais dos membros da The Estate ressoava em torno de Aaron.

As unidades também foram instruídas com novas regras, quanto à gravidade de seus crimes. Aaron não conseguia parar os homens de continuar suas práticas, mas deu um aviso severo em relação ao método em que eram realizadas. Não haveria mais sequestros de mulheres inocentes, nem escravos torturados e maltratados, em qualquer uma das unidades da rede. Embora ele quisesse banir qualquer intenção de um homem ter um escravo, naquele momento ele não pôde, seria radical demais e poderia haver retaliações a seu governo e não era isso que ele queria, tampouco precisava. Ele tinha seus próprios planos e o momento de colocá-los em

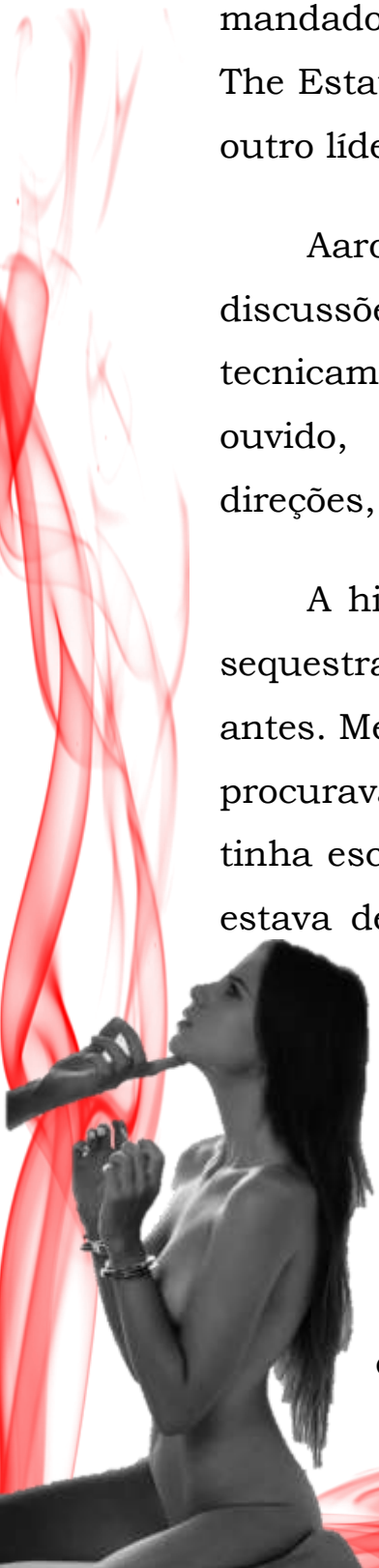


prática. A unidade, que negociava com prostitutas e comércio sexual foi erradicada e os membros dessa unidade, foram dispensados para servir em outras áreas, controladas pela The Estate.

Trazer a rede a um fim rápido, era impossível. Estes homens não eram do tipo de desistir facilmente, quando eram mandados. Se Aaron tentasse desmanchar imediatamente a The Estate, ele teria sido emboscado, morto e substituído por outro líder.

Aaron liderava os homens durante o dia e tinha discussões silenciosas com Maddy à noite. Embora fosse tecnicamente o líder, ela era a voz que sussurrava em seu ouvido, a consciência que influenciava suas decisões e direções, o anjo em seu ombro que o instruía em suas tarefas.

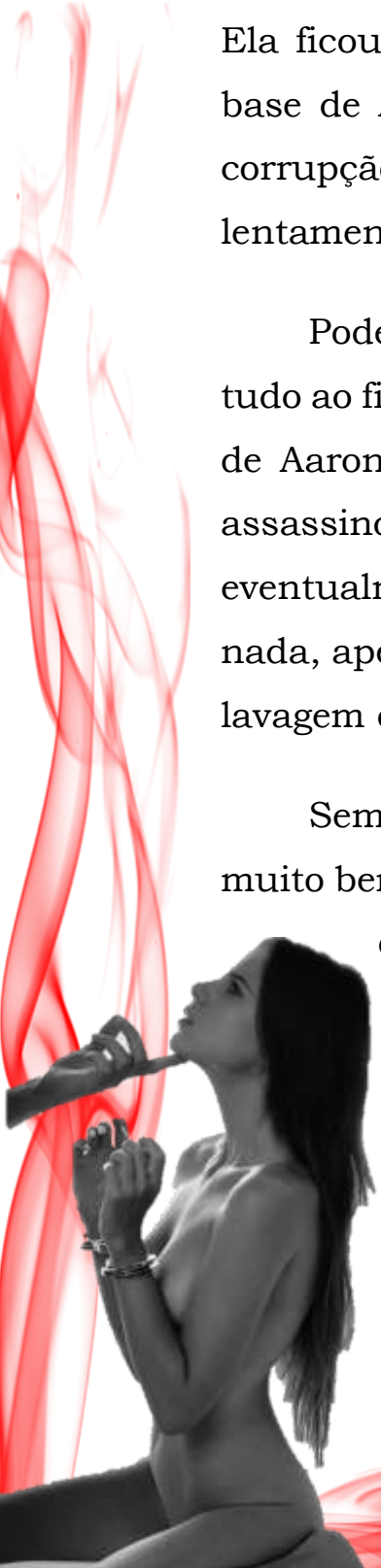
A história de Maddy não terminou com a morte de seu sequestrador, ela não voltaria para a vida que tinha conhecido antes. Mesmo sabendo que fosse possível, que o mundo ainda procurava por ela, talvez ainda lamentassem sua perda, ela tinha escolhido ficar. Ela precisava dar apoio ao homem que estava derrubando a rede, lentamente, destruindo as áreas mais corruptas primeiro, antes de passar para as outras unidades. Ela tinha escolhido buscar sua vingança, fazer justiça, destruir a rede de dentro para fora e, para todos os efeitos, Aaron governava a The Estate. Ele era o líder estimado, cujas decisões eram seguidas, sem dúvida era o carrasco daqueles que não agiam de acordo com suas regras, mas era



Maddy que estava sentada silenciosamente em segundo plano, que sussurrava as diretrizes sugeridas, e que era capaz de ajudar e orientar Aaron, enquanto ele lentamente demolia a casa e a organização construída pelo próprio diabo. Em certo sentido, era Maddy que tinha tomado o comando da organização que a tinha raptado, e ela fazia isso por tomar posse do coração do homem que foi o mais brutal de todos eles. Ela ficou não só por sua vingança, mas também para ser a base de Aaron, para garantir que ele permanecesse livre da corrupção e da loucura que tinha destruído seu pai, lentamente.

Poderia levar anos, talvez décadas para finalmente trazer tudo ao fim, mas Maddy compreendia a necessidade da cautela de Aaron, sabia que nunca houve verdadeira lealdade entre assassinos e ladrões. Eventualmente, eles teriam sucesso, eventualmente, eles se certificariam de que não haveria mais nada, apenas o negócio legítimo, que antes usavam através da lavagem de dinheiro.

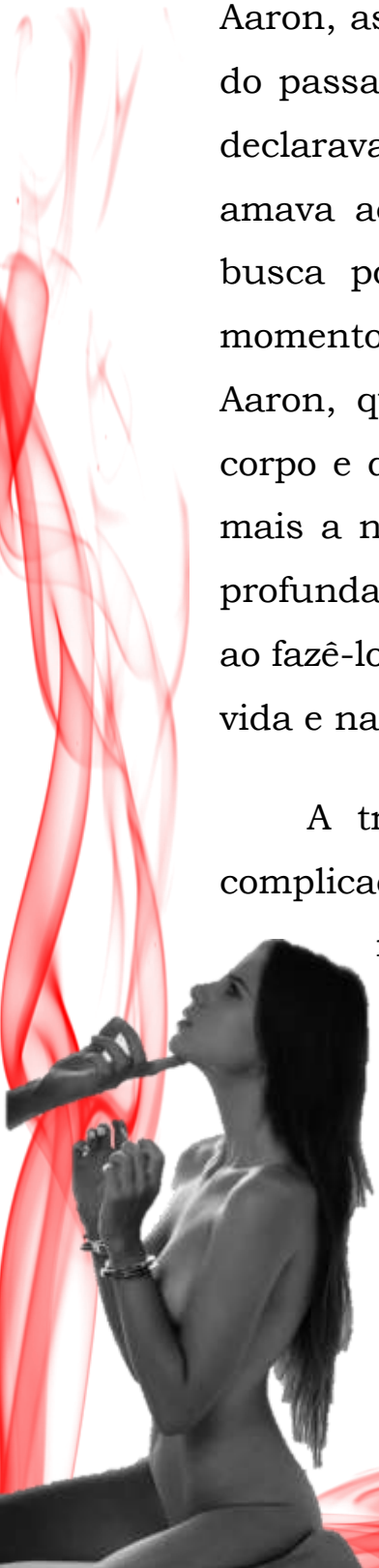
Sempre fiel, Xander seguia as ordens de Aaron, sabia muito bem que Aaron tinha a intenção de trazer um pedacinho daquela rede para baixo a cada dia, até que, finalmente, não haveria mais nada. Maddy estava preocupada que Xander se opusesse a tal objetivo, quando Aaron se sentou e explicou-lhe o que tinha planejado fazer, ele sorriu. A destruição da The Estate era a sua justiça, bem... Para o que tinha sido feito a ele e à sua família. Incansavelmente, eles



trabalharam juntos. Xander, mais uma vez, era o espião de Aaron, e era impressionante em suas tarefas, agora que não estava mais vinculado ao apartamento, para proteger Maddy.

Independentemente dos esforços que eles fizeram, os sucessos que alcançaram como uma unidade de três, eram os momentos privados que Maddy mais amava. A intimidade com Aaron, as noites em que eles se abraçavam e falavam, não só do passado, mas do seu futuro também, faziam planos e se declaravam um ao outro. Aqueles eram os momentos que ela amava acima de tudo. Sua necessidade de vingança e sua busca por justiça não era nada em comparação com os momentos em que estava bem apertada contra o peito de Aaron, quando ela estava enrolada dentro do calor de seu corpo e dentro da segurança de seus braços. Ela não sentia mais a necessidade de se esconder, não temia o mundo tão profundamente quanto antes. Ela tinha abatido o demônio, e ao fazê-lo, ela acabou com a tirania do pior tipo de mal em sua vida e na de Aaron.

A trajetória que Maddy havia tomado era um curso complicado, que não se acreditava ser possível. Tão inacreditável quanto possa parecer, do pior pesadelo de Maddy, nasceu a forma mais pura de amor. Aaron ainda lutava contra sua rapidez de matar, o prazer da sensação de aço contra a carne de seus inimigos, mas ele já não era consumido pela raiva e fúria que quase o destruiu, e foi por causa do amor que ela tinha por ele.



Madeleine se salvou quando ela foi sequestrada. Foi tomada quando era uma mulher com medo, aquela que era vista como nada mais do que fraca e facilmente controlada, ela tinha provado que tinha o coração de um leão, que tinha o espírito de um guerreiro, que sua força não existia apenas em sua capacidade de lutar, mas na sua capacidade de suportar, em sua capacidade de sobreviver.

Mais importante ainda, através de sua força e sua bravura, Maddy não só se salvou, mas também salvou Aaron: Ao abrir os olhos e descobrir, que escondido, profundamente, dentro dos recessos da alma do carrasco, havia bondade, havia compaixão, amor e honra, mas acima de tudo... No fundo daquela escuridão infinita...

Havia luz.

Fim...



Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!
Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.
Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL! Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!
Ajude a preservar o seu grupo de romance!
A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!
Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.
Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!
Seja esperta (o).